Enlacados

Sex and Rock



Anne Krauze



Anne Krauze

Ficha técnica
1ª Edição - Brasil - 2016

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Todos os direitos desta edição são reservados à ANA CLAUDIA SPITZNER

acskrause@gmail.com

Facebook – Perfil oficial: Anne Krauze - Autora

Página oficial: Anne Krauze Autora

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autor: Anne Krauze

Título Original: Enlaçados – Sex and Rock - Brian e Lilly

Capa: Ana Claudia Spitzner.

Revisão: Marta Fagundes

Revisão e copidesque: Carla Santos

Coordenação, diagramação e conversão para e-book: Ana Claudia Spitzner

1ª EDIÇÃO – ANA CLAUDIA SPITZNER – SÃO PAULO – 2016

Copyright © 2016 Anne Krauze

AVCTORIS – Registro de marca e propriedade intelectual

AVCTORIS11bd7026cca55555be01e2fa4d06885d025a397910cc03b187a0371073b205ae

O presente pedido de registro está em conformidade com: Bene Convention (INTL), Metre Convention (INTL), Lei 9.610 (BR), WIPO Copyright Treaty (INTL), US Copyright LAW (US), UCC Geneva (INTL) e demais legislações pertinentes ao Direito Autoral de países membros da Convenção de Berna (INTL) e da convenção do Metro (INTL).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora Anne Krauze foram assegurados.

Conteúdo rastreado. Plágio é crime! Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1990. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena de 3 (três) meses a 1 (um) ano ou multa.

Agradecimentos

... ... ♥♫♥♪♥ ... ...



A vida nos propõe desafios e cabe a nós aceitá-los ou não. *Enlaçados - Sex and Rock* foi um deles. Começou despretensioso, chegou de mansinho e conquistou o meu coração.

Então, o primeiro valeu! Vai para a vida e as surpresas maravilhosas que ela nos reserva.

O segundo?

Simples...

Vai para todos os encontros preciosos que a literatura vem me proporcionando. Seja com os olhos de Alice ou não, eu vejo como é bacana esse mundo e agradeço, de verdade, a cada pessoa que tem cruzado o meu caminho.

Muito obrigada.

Anne Krauze

Sinopse

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



A banda Ultimate Bet está no topo da Indústria Musical, mas... este não é outro livro sobre bastidores...

É mais...

Ah, é muito mais...

Conta a história de Brian e Lilly.

Ele, um músico sensível e cobiçado.

Ela, uma artista plástica determinada e gente boa.

No auge de suas carreiras, e depois de vários desencontros e de um não-casamento desastroso, ambos acabam se metendo em uma baita confusão...

Culpa da vida, dos amigos, da bebida, não importa...

O fato é que terão que se adaptar à inusitada situação em que se meteram.

Um jogo perigoso... em que os sentimentos do casal entrarão em xeque-mate ao serem obrigados a interpretar uma farsa nada às avessas.

Juntos terão que enfrentar o descontentamento de muitos, lutar contra os rótulos, superar egos, traições, preconceitos e, acima de tudo, aprender as sutilezas do amor.

Qual será o placar?

Quem ganhará ou perderá?

A qual preço?

Um livro divertido, sensível, *hot-hot* e com uma história emocionante, que gruda no coração feito chiclete e que poderia ser a sua...

*** Conteúdo adulto, impróprio para menores de 18 anos.

Nota da autora

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



Homenagem

O personagem principal do livro, *Brian Theodore Lincoln Pierce,* foi assim batizado em homenagem ao músico inglês, Brian Harold May, guitarrista, compositor e integrante da banda britânica de rock *Queen*.

Índice

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



PREFÁCIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

Epílogo



PREFÁCIO

Brian Pierce

— Brian, aquele repórter da Rolling Stone quer te foder, com certeza!

— Cale a boca, Gabe! O Samuel é mais macho do que eu. Dá logo essa merda de *iPad*.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Rolling Stone[1]

Caros leitores,

Ontem eu fui ao show da Ultimate Bet[2] em Las Vegas. O que foi aquilo? Todas as células do meu corpo estão vibrando até agora. Aposto que as células das outras trinta mil pessoas, que lotaram o estádio, também devam estar na mesma situação.

Só digo uma coisa: a qualidade musical que aqueles quatro caras e a gata quente nos deram, foi fenomenal. O que é impressionante para uma banda com apenas seis anos de estrada. Tá bom! Eu me rendo... o quinteto merece cada maldito prêmio que já tenha recebido.

Estou aturdido até agora e não só pelos gritos histéricos das fãs. Os caras são o que elas chamaram de *Furacão Sexy*. Pelo menos, foi isso que gritaram histericamente quando os músicos entraram no palco.

Entretanto, um alerta... na minha humilde opinião eles são mais, muito mais e vão além da aparência.

Adan Beck (Vocal), Brian Pierce (Guitarra principal), Ethan *BIG* Hard (Batera), Gabriel Green (Baixo) e Penne Love (Guitarra de apoio). Os cinco possuem a minha reverência. Fazem um Pop Rock[3] alternativo com um novo pensamento musical da melhor qualidade. O quarto álbum, *Easy*[4], conseguiu ser ainda melhor do que os outros três.

Mas, como a Rolling Stone é uma revista sobre música e não sobre beleza e estilo... Vou me concentrar no tema da coluna de hoje: guitarra solo.

Brian Pierce é um gênio, simples assim. Ele domina todos os estilos musicais: indo de uma balada acústica do Blues ao Jazz, passando pelos híbridos e Punk. É um músico tão completo que pode soar como uma banda inteira. Um gênio do rock moderno. Brian sempre toca a coisa certa, no momento certo, conseguindo reproduzir em seus solos, não só os riffs[5] e acordes demolidores de guitarra, mas também os de piano e cordas.

Agora entendo porque ganhou o Oscar de compositor pela trilha sonora do filme *Os Amantes*. O solo de *Broken Heart*[6], que tocou ontem no show, tem uma urgência emocional tão sensacional, que se eu não fosse totalmente hétero, me apaixonaria.

Aquilo foi arrebatador!

Os acordes e notas voluptuosos, frequentemente tocados na Fender, foram tão essenciais para a Ultimate Bet, quanto um barítono seria em uma ópera.

Sem dúvida, preciso vê-lo em ação no estúdio para entender como ele imprime todo esse talento nas melodias que compõe e produz. Pierce evolui, através de tantas nuances musicais diferentes: alta, baixa, suave, mais alta e nervosa de novo. O cara é realmente um gênio e transcende todos os estereótipos.

O músico explorou cada limite da guitarra, de forma pioneira. Seus improvisos foram um deleite furioso e genuíno. Ontem, Brian foi maestro quando zanzou pelo palco interagindo com os outros integrantes, mas também, um mito ao correr os dedos mágicos por sua guitarra. O que vi foi a comunhão completa com o instrumento... música da alma. Ele parecia tocar sem esforço, absolutamente perfeito. Por nem um minuto, deixou transparecer que estava dando duro naquilo e mostrou que tem senso de humor quando toca, além de saber fazer umas coisas com o corpo, que faziam as mulheres gritarem "enlouquecidas".

Impressionante, foi como assistir um daqueles fenômenos paranormais... A música simplesmente fluía através dele.

Um artista completo e generoso!

Sim, porque tocar em torno de um vocalista de personalidade explosiva como a de Adan Beck exige desprendimento e Pierce é definitivamente o par dele... Os dois passaram o show todo provocando, respondendo e pressionando um ao outro. As notas da guitarra do moreno alucinado no palco foram a sua voz e tinham um timbre melódico, brilhante, urgente e ousado, mas doce ao mesmo tempo.

Fiz questão de cumprimentá-lo no camarim depois do show e vi Brian brincar com um riff de Chuck Berry[7]. Nunca tinha ouvido soar daquele jeito... Amo Chuck Berry, mas era melhor. Não digo tecnicamente... Contudo, havia um conteúdo emocional que falou diretamente comigo.

Quando perguntei a ele como fazia aquilo, vejam o que me respondeu:

— O *que diabos estava fazendo? Eu sei lá, cara* — disse humilde e brincalhão. — Só tentei acompanhar a batida de Ethan. Ficou bom?

— *Se ficou bom? Caralho! Seus solos são incríveis!* — Meu lado tiete explodiu! (Risos)

— *Não sou um solista. Só espelho o talento dos caras da banda e finjo que sou igual.*

Gênio.

Depois de devorar o show de ontem... (Suspiros). Fui para casa gozar e rever a minha sexualidade. Brincadeirinha.

Samuel Black.

Editor Chefe RS[8]

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



1

O mais lindo do mundo

Seis anos antes...

Aeroporto Charles de Gaulle – Paris – 30 de dezembro

— **P**orra, cara! Não acredito no que está acontecendo!

Bem na frente da Lilly, no balcão de check-in, um jovem parecia realmente em apuros. Falando no celular, ele ia e vinha de um lado para o outro e, por mais que ela tentasse se distrair com as revistas de arte que segurava, não conseguia desviar o olhar do cara alto, de sobretudo verde-exército e *All Star* vermelhos.

— Eu chequei, caralho! A passagem dizia: do Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, para o Aeroporto Internacional de Los Angeles, Voo 457, 30 de dezembro. A agência errou e colocou dia 31 e acabou com a minha vida! Enchi o saco do Gladiador para me dar uma chance. Se eu não estiver nos Estados Unidos amanhã, o outro cara entrará... Só por um milagre.

A voz dele, mesmo brava, era ritmada e fascinante. *Tão bonito*. Provavelmente, o mais lindo do mundo. Não que Lilly conseguisse ver muito sob a touca preta e todas aquelas roupas que o rapaz usava ou que ela, aos dezessete anos, conhecesse todos os homens da face da Terra para saber que aquele era o mais belo.

Era só um palpite da menina que o observava fascinada há cinco minutos. Porém, uma coisa era certa... Adam Levine tinha acabado de perder o posto de Top Perfeito para o moço da fila. *Ahhh, agora tenho dois músicos favoritos no mundo!*, pensou ela, certa de que o *case*[9] que ele carregava, indicava que era um instrumentista. Adorava músicos. Seus dois melhores amigos tinham até uma banda!

A atendente uniformizada, da *Air France*, checou, mais uma vez, o computador e o olhou-o com tristeza.

— Sinto muito, a única chance será se alguém da fila trocar com o senhor.

— Droga, minha vida acabou! — O jovem esfregou o rosto em desespero.

Ai, ai... Suspirou Lilly, não querendo que a vida dele acabasse. Seria um desperdício. *Tão novo... tão lindo!* Então, fez o que qualquer garota, que se apaixona a jato pela primeira vez faz: merda.

— Eu troco! — gritou ela na empolgação.

Os olhos incrédulos da atendente mediram Lilly.

— Mas você é só uma criança! Cadê os seus pais?

Brian virou para encarar o rosto da dona da voz angelical e salvadora atrás dele.

Por um instante, pensou que a garota de olhos impressionantes, por trás de uns óculos fundos, iria abrir o berreiro. O rostinho de boneca contorceu-se e os lábios rosados e cheios tremeram... Porém, a menina esticou o corpo magro, ajeitou o chapéu vermelho engraçado, respirou e encarou a atendente.

Uau!

A garota tem personalidade e é lindinha, e um bebê!

— Tenho dezessete anos e sou emancipada. Portanto, legalmente capaz de tomar as minhas próprias decisões. Disse que troco e vou trocar.

— Tem certeza? — Brian perguntou chocado com a determinação e o altruísmo da garota-bebê. Trocar de data era o mesmo que abrir mão das comemorações da passagem de ano. — Vai passar o Ano Novo em um avião — alertou.

— Tenho — foi tudo o que ela conseguiu dizer quando viu os olhos azuis-escuros dele e congelou.

— Como queira, então. — A comissária revirou os olhos. — Trocando de Emanuelle L. P. para Theodore B. L. P.[10]

— Obrigado! Feliz Ano Novo! — Empolgado, o jovem apertou as bochechas da mocinha juntando suas bocas em um beijo rápido e estalado.

— Melhor se apressar, rapaz, o avião sairá em dez minutos.

— Merda! Desculpe pelo beijo, me empolguei. Porra! Valeu! — desculpou-se, sem graça, a uma Lilly sem reação; depois saiu correndo e deu um soco de vitória no ar. Em seguida, virou e apontou para a bonequinha linda. — Amoooo você, garota-bebê! — E sumiu apressado na multidão.

— Eu... a... é... — *Acho que também te amo, Theo!*, pensou.



2

Dois anos depois do encontro em Paris.

Los Angeles - EUA

Um barulho incessante despertou Lilly, que demorou uns bons segundos para entender do que se tratava. Guiada pela luz vibrante do celular, revirou-se na cama e esticou o braço apalpando a mesinha de cabeceira.

02:58 Ethan

Deus! O Big a esta hora?

Só pode estar bêbado em uma daquelas festas pós-show da banda!, pensou ela, ignorando a ligação e voltando a se ajeitar na cama.

Na terceira vez em que o telefone tocou, resolveu atender. Não conseguiria voltar a dormir mesmo. Pelo menos, não com o último hit da Ultimate Bet bombando em seus ouvidos. Seu melhor amigo era um cara insistente.

— Eu te mato, Ethan — grunhiu.

— *Desculpe, mas é a Penne!* — A urgência e a tensão na voz grossa fizeram seu sangue congelar. Sentou-se na cama ligando o abajur.

Lilly respirou fundo.

— O que foi? Onde vocês estão?

Ouviu um longo suspiro do outro lado da linha.

— *Mesma história de Nova Iorque*. — Outro suspiro. — *Miami, estamos em Miami.*

Merda! Aquilo tinha que parar.

— Estou indo para o aeroporto. Passe os detalhes por texto, ok?

— *Obrigado. Eu... ela, conhece ela.*

— Eu sei... eu sei, mas... Ethan, preciso de você calmo. Já, já estarei aí.

Lilly nem se preocupou em pegar nada. Apenas vestiu um jeans, uma camiseta básica branca e uma jaqueta de couro que estavam jogados sobre uma cadeira em seu quarto. Enquanto pulava, lutando para vestir um par de *All Stars* verde-exército, mandou um texto para o seu agente.

Bertran,

Surgiu uma emergência.

Vou para Miami e não sei quando voltarei.

As telas para a galeria de Paris estão em meu ateliê.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A viagem foi cansativa. Da casa dos pais de Lilly, em Los Angeles, até a recepção do *Jackson Memorial Hospital*, em Miami, foram seis horas e dezenove minutos.

Apoiada no balcão da recepção, pegou o celular e checou o nome falso que usaram para internar a Penne.

— Olá, procuro pela paciente Ruby Taylor.

A enfermeira olhou para Lilly de cima a baixo e, em seguida, focou a atenção em um aglomerado de fotógrafos e jornalistas. Franziu a sobrancelha e voltou a olhar para o computador, ignorando-a.

— Hey! Não sou repórter — disse firme. Fuçou na bolsa e entregou o cartão do seguro social. — Lilly Emanuelle Peterson, amiga de infância.

— Que seja. — A mulher deu uma olhada rápida no documento, bufou e voltou a teclar no computador. — Quarto 315 — informou de má vontade. — Mas saiba que existem dois cães de guarda na porta. Não vão te deixar passar se for da imprensa.

Lilly controlou o impulso de revirar os olhos e, reprimindo a raiva, grudou uma etiqueta *VISITANTE* em sua jaqueta.

— Obrigada. — Dirigiu-se para o elevador.

No terceiro andar, achou o quarto de primeira. Não foi difícil já que dois homens enormes, sentados em cadeiras colocadas ao lado de uma porta, chamaram a sua atenção.

— Oi, sou amiga da Penne, o Big me chamou. Posso entrar?

— Lilly, né?

— Eu mesma.

O cara maior, de cabelos pretos em estilo militar e que se apresentou como Dilon, abriu a porta e ela entrou devagarinho.

A luz do começo da manhã passava pela persiana iluminando o quarto. Um bipe suave e

uma linha verde, em movimento no monitor, mostravam que a loira de mechas rosadas estava viva e dormindo. O coração apertado de Lilly aliviou um pouco. Fora alguns eletrodos, presos sob a bata verde do hospital e um I.V.[11] perfurando a veia da mão delicada, sua amiga parecia bem e tranquila.

— Oi, sou a Lilly, a amiga — sussurrou para um cara magro, sentado em um sofá.

— Hey, Mark, o empresário.

— Como ela está?

Completamente esgotado, Mark balançou a cabeça.

— Estável. O pior já passou. Fizeram uma lavagem com carvão ativo no estômago dela.

Lilly assentiu e foi até Ethan. O homem enorme dormia em uma poltrona, ao lado da cama, e parecia exausto. Estava com a cabeça jogada para trás e a boca aberta, ele nem se moveu quando a amiga lhe deu um beijinho carinhoso na testa.

Em seguida, Lilly contornou a cama e repetiu o mesmo gesto em Penne.

— Estou aqui, coisa linda — sussurrou, mas a amiga continuou em seu sono profundo.

— Preciso de um café. — O empresário aproximou-se da cama. — Odeio comer sozinho, será que poderia me acompanhar?

Como a situação parecia sob controle, pelo menos naquele momento, Lilly deixou seus dois melhores amigos descansando e foi até a lanchonete com Mark. No caminho, ele repetiu o que Ethan havia lhe falado por mensagem.

Mistura de anfetaminas e álcool, associadas a um regime eterno de Penne. O corpo pifou e ela caiu dura no meio da festa de encerramento da turnê do segundo álbum da banda.

— Lilly, né? Pelo jeito os conhece da vida toda.

— Sim.

Sentaram em uma mesa da lanchonete com as bebidas e alguns sanduíches. Mark alcançou o adoçante e colocou no café.

— Por que nunca te vi nos shows ou nas festas?

— Estava estudando na Europa. Cheguei faz pouco tempo, mas, mesmo de longe, tenho acompanhado a banda. Achei o último videoclipe incrível.

— Gostou, foi? — O empresário abocanhou o sanduíche.

— Hum-hum... muito, apesar de só mostrarem o vocalista. Sabe... foi meio frustrante não

ver a Penne nem o Ethan. — Ela franziu o rosto em sinal de reprovação.

— Eu sei... Estamos fazendo umas mudanças. — O empresário gargalhou, tapando a boca. — O Adan sempre foi o exibido do grupo, mas agora, todos terão a mesma exposição em tudo. — Os olhos dele ganharam uma seriedade repentina. — Isso tem que parar!

— O exibicionismo do vocalista? — Lilly perguntou confusa.

— Não. — Impaciente, Mark agitou a mão. — A Penne está obcecada com a coisa da aparência. Já que é a melhor amiga dela, bem que poderia me ajudar.

Lilly assentiu e reparou em como o sujeito era agitado. O celular dele não parava de vibrar e, depois de verificar as mensagens, disse que era o baixista, informando que já estavam no quarto com Penne.

— Os meninos estão morrendo de preocupação. — Sorriu carinhosamente e foi interrompido pelo toque estridente do aparelho. — Só mais um minuto. É o nosso RP[12] na linha. — Levantou o dedo e depois de uma conversa rápida, Mark pediu que fosse emitido um comunicado esclarecendo que o incidente na festa fora consequência de um estresse pós-turnê. Fato que, em parte, Lilly também acreditava. Afinal, desde que estouraram com o single, *No Rules*[13], a vida dos amigos tinha enlouquecido.

Quando conseguiu um pouquinho da atenção do empresário, Lilly aproveitou.

— Vou conversar com ela. Acho que uma terapia poderia ajudá-la. A Penne é linda, só não consegue ver.

— Faça isso, me ajude. Eu imploro. — Mais aliviado, ele esticou os braços, segurando as mãos de Lilly do outro lado da mesa — Aliás, você também é muito bonita. Já te disseram que parece uma boneca? Seu rosto é perfeito! É modelo?

— Com esta minha altura, Mark? Está brincando? Só pode! — Lilly fez uma careta de pura descrença. *Qual é?* Ela tinha um metro e sessenta e cinco. — Sou artista plástica.

— Nossa, que glamorosa! Eu coleciono arte. O que faz? Escultura, pintura?

Lilly sorriu com a empolgação dele.

— Bochechas sujas de tinta e carvão não são glamorosas. — Ela piscou, mas não era uma cantada. Estava escrito *gay* na testa dele. — Aquarelas e desenhos em carvão, às vezes misturo as duas técnicas. Consegui a minha primeira galeria internacional e volto para Paris em um mês.

— Oh! Deus! Assim tão nova? — Ele pôs a mão no coração. — Tem o quê? A mesma idade da Penne? 20?

— Quase. — Corou.

Quando suas pinturas começaram a ser reconhecidas, as pessoas ficavam em choque ao ver a artista por trás da obra. Como se o fato dela ser jovem, a tornasse menos capaz. *Mozart começou aos quatro anos!* Pintar não tinha nada a ver com idade. Era vocação.

— Pinto desde nova, acabo de me formar pelo Instituto Beaux[14] – Artes em Paris e meu professor me indicou para uma galeria de lá.

— Deus! Seus pais devem estar orgulhosos e nos odiando! Fazer você vir assim, de madrugada, e enfrentar um voo, sozinha. — Mark pegou o celular sobre a mesa. — Melhor eu ligar pra eles. Dizer que me responsabilizo e que vou garantir que chegue bem em casa.

O coração de Lilly apertou.

— Não precisa se incomodar, meus pais estão viajando. O celular não pega onde estão — desconversou, pois não queria entrar no mérito da morte dos pais e do irmão mais velho. Não era o momento. Então, perdoou-se pela omissão. — Além do mais, fui emancipada aos dezessete e não moro com eles desde então.

— Sério? Impressionante. — Olhou-a meio desconfiado e Lilly mudou de assunto falando sobre Paris.

Ficaram mais alguns minutos na cafeteria, discutindo sobre o mercado de arte. Mark pegou algumas frutas para levar para o Big. Depois, a caminho do quarto, ele não parou de tagarelar um minuto sequer sobre a banda. O homem tinha um amor verdadeiro por seus meninos de ouro.

Não era para menos, Lilly também achava o som deles fenomenal. Um rock cheio de nuances instrumentais, com um vocal rouco e sexy de Adan, ex-namorado de Penne.

Mark contou que junto com a fama, veio a fortuna. Milhões e milhões de dólares que possibilitaram a compra de uma mansão, de ônibus novos para turnê, além de: equipamentos e a contratação de profissionais de apoio excelentes. Sem falar nos prêmios e na legião de fãs um tanto quanto fanáticos. Por isso, ele acreditava que a Penne era tão ligada na aparência.

Já os caras não davam a mínima para estética, eram supertranquilos. Desfrutavam da fama e da boa vida com as mulheres.

— São uns prostitutos os meus astros do rock. Só a Penne que se salva.

Ele contou também que os shows e as turnês pela Europa iriam começar e eram obrigatórios para que se mantivessem no topo. As entrevistas, participações em programas,

festivais e premiações nunca tinham fim. Mesmo quando estavam parados na mansão de Malibu, em Los Angeles, o ritmo era agitado por eternas festas e criação de novos álbuns.

Assim que entraram no quarto, depararam-se com uma Penne emburrada e cercada por três grandalhões a obrigando a tomar todo o café da manhã.

Lilly reconheceu na hora o vocalista Adan ao lado do amigo Big. O homem era rústico, quase selvagem: cabelos loiros na altura dos ombros, olhos cinza claros inconfundíveis, dono de um rosto bonito e braços tatuados. Ele parecia ser do tipo que pisoteava corações e do qual era melhor manter distância.

O cara parecia um viking.

— Penne, come a salada de frutas, porra! Essa merda é diet! — Adan forçou a colher na boca que a loirinha mantinha bem fechada por pura birra. — É isso o que quer? Virar uma bunda murcha? — O cantor fez cara de repulsa e a psicologia reversa dele funcionou. Em um segundo, Penne começou a devorar as frutas e assim que viu Lilly atrás de Mark, abriu um sorriso arrebatador, marca registrada da loirinha.

— Lilly! — gritou de boca cheia e, em seguida, olhou feio para Ethan. — Big! Não acredito que ligou pra ela! Traidor de uma figa!

Big encolheu os ombros e rosnou, para, em seguida, ir até Lilly e abraçá-la. Ela pareceu um pigmeu no meio do amigo de dois metros e dez.

— Hey, Bonequinha. Obrigado por vir.

E, de repente, ali entre eles, Lilly ficou tímida. Talvez, tenha sido toda aquela conversa com Mark que os fizera parecer seres sobrenaturais. Ou talvez, fosse o outro loiro lindo que a olhava com curiosidade.

— Oi, já que ninguém nos apresenta, sou o Gabriel... Gabe pra você. — O jovem atraente, com cara de anjo pecador de cabelos loiros cacheados, sorriu.

Que espetáculo!, pensou Lilly. Os olhos dele eram verdes-folha e destacavam-se sob as sobrancelhas mais escuras. Parecia aquele cara que fez a Fera, no cinema.

É, definitivamente a produtora deveria explorar mais os outros integrantes. É um pecado manter um rosto desse escondido.

As cordas vocais de Lilly congelaram e ela apenas conseguiu expelir timidamente um: "Oi. Sou a Lilly" para o jovem, e depois foi direto abraçar Penne.

Jesus!

Penne tinha que ter escolhido esse Gabe, não o grandalhão viking!

Sem que percebessem, Gabe sussurrou animadamente para Adan:

— Reparou na bundinha empinada? Cara, ela é toda boa, né? E o narizinho arrebitado, então? Como a Penne pôde esconder uma amiga dessas da gente? — gemeu, fazendo cara de sofrimento ao colocar as mãos no coração.

— Oi, coisa linda. — Indiferente à conversa atrás dela, Lilly acariciou o rosto da amiga. — Está proibida de me assustar novamente, entendeu? Tem que se cuidar, mocinha, sabe que não funciono sem vocês. — Ela aproveitou para arrumar os travesseiros da guitarrista e ajeitar a coberta verde do hospital.

— Não precisava ter tido todo esse trabalho. Foi só o estresse. Os garotos são uns exagerados.

Lilly piscou para Big do outro lado da cama. Em seguida, sentou-se em um cantinho do colchão na cabeceira, ao lado de Penne. Sorriu com carinho, pois seus amigos poderiam estar até na China, que ela daria um jeito de ir socorrê-los.

— Trabalho nenhum, coisa linda. Estava de bobeira pela redondeza.

— Redondeza? Hã... hã... em Miami? — desdenhou Penne, aconchegando-se nela. — Não deveria estar enfurnada em seu ateliê ou algo assim?

Adan e Gabe se aboletaram aos pés da cama e Ethan preferiu voltar para a cadeira ao lado da cabeceira. Apoiou seus pés quarenta e cinco na estrutura da cama.

Big era grande demais para caber em um cantinho. Ele parecia um cruzamento de lenhador com gladiador do futuro. Extra forte, de barbas castanhas generosas, cabelos descoloridos, com as laterais raspadas, tatuagens a perder de vista e olhos cor de mel reluzentes. Os piercings nas sobrancelhas e no lábio inferior conferiam a ele um ar transgressor e meio hipnótico.

— Não, nada disso. — Sorriu Lilly. — Precisava respirar um pouco, antes de voltar para Paris. Além do mais, eu tive alguns meses bem inspirados e produzi bastante. — Descalçou os velhos *All Star* e encolheu as pernas sobre a cama. — Quero chegar lá de cabeça vazia.

— Inspiração? — Adan levantou uma sobrancelha. — Não me diga que é compositora.

— Não... nada de música. Estou fora dessa coisa. — Lilly fez uma careta pensando em toda a sua falta de talento. A mãe dela tinha insistido para que aprendesse piano. Entretanto, só conseguia reproduzir notas musicais através da aquarela. Podia traduzir em cores e pinceladas, as sensações que alguns sons provocavam nela. A sequência abstrata inspirada em Mozart ficara

incrível.

— Coisa? Acabou de chamar a música de coisa? — Adan pareceu ofendido.

A boca de Lilly abriu ao perceber como suas palavras soaram.

— Não! Deus do céu, me desculpe! Quis dizer que não tenho talento para compor ou para tocar, mas amo música. Ela me inspira, vocês, então! São fenomenais! — Revirou os olhos em um êxtase exagerado, tentando fazer uma média. — Só que os meus instrumentos são os pincéis. Toco a minha música através deles. Acho que a ponta dos meus dedos tem ligação direta com meus ouvidos e coração.

— Porra, gata! Isto foi sexy. — Gabe se ajeitou e ofereceu um sorriso malicioso para Lilly. Big rosnou. — Imagino as sensações que esses dedos sensíveis podem dar. Fico todo dur... emocionado, só de pensar.

— Vá à merda, Gabe! É bom manter essa sua imaginação pervertida longe dela! — Big abriu uma carranca que dizia: "Com-ela-você-não-vai-foder".

— Não estou fazendo nada. — Uma expressão inocente se formou no belo rosto do baixista. — Aprecio a arte e suas formas. Diga-me, Lilly. A natureza selvagem e nua da Austrália te inspira?

Foi a gota d'água para Big, que levantou derrubando a cadeira e socando o braço do amigo que não perdoava nada.

— Mantenha esse pau nas calças ou vai acordar sem.

— Ôôôô! Isso aqui é um hospital, lembram? Dá para deixarem as demonstrações de afeto para quando estivermos no ônibus, voltando para casa? — Mark tentou acalmar os ânimos, sem sair do sofá ou largar do celular que o mantivera entretido até então.

— O Gabe é australiano — sussurrou Penne de modo conspiratório.

Ah! Por isso o visual praiano!

Um miniesquentamento brotou no estômago de Lilly.

É, talvez a Austrália a inspirasse um pouquinho.

— O que vai fazer no verão, Boneca? — Adan tentou um tema mais ameno, buscando acalmar os ânimos de Big, que continuava emburrado.

O assunto rendeu e passaram os próximos minutos falando sobre as férias.

Adan iria visitar a família no Canadá. Gabe aproveitaria a folga para surfar com o pai na Austrália e Lilly convenceu Penne e Big a ficarem com ela. Seriam apenas três jovens normais e

desconhecidos curtindo um pouco. Uma ótima oportunidade para relembrarem o tempo de adolescência quando eram inseparáveis.

Secretamente, Lilly pretendia aproveitar a pausa dos palcos para ajudar a amiga, fazendo-a entender que as anfetaminas eram um caminho de merda e sem sentido. Penne era linda e desde que o corpo dela florescera e ganhara curvas, nunca engordou um grama sequer.

Ela era simplesmente magnífica, dona de um rosto exótico de dar inveja a muitas modelos e curvas que enlouqueciam os homens. Um metro e setenta de pura energia e sensualidade. Assim como Gabe, Penne era a típica garota da praia: bronzeada e com algo selvagem em seu jeito.

Uma mulher rock-and-roll!

Aos poucos, a timidez de Lilly dissipou-se. Ela não tinha um bom momento como aquele, há muito tempo. O dia a dia dela era sempre tão tenso e aborrecido por conta da convivência com a irmã mais velha, que achou a escapada para Miami providencial; os novos amigos de Penne eram ótimos.

Um som de batidas na porta interrompeu as risadas.

— Entre! — Mark gritou.

Uma cabeça surgiu pela fresta da porta e escaneou o quarto. Com ela, surgiram os cabelos castanhos, bagunçados e selvagens e as sobrancelhas escuras destacando os olhos... *azuis-escuros!*

O coração de Lilly deu um salto e um ataque de tremedeira, inesperado, a imobilizou.

Theo?

Ela meio que se lembrava, às vezes, quase sempre, daquela paixonite ridícula e ofegante pelo cara que encontrara por quinze minutos e que havia lhe roubado o primeiro beijo, há dois anos. Ficou semanas sonhando com ele, até que Adam Levine voltasse a assumir o topo das paradas.

Ops! Desculpe, Adam, mudanças de posições novamente!

Theo ofereceu um sorriso torto para Penne... entrou... tropeçou... derrubou o café que segurava e foi cercado pelos caras.

Lilly continuou congelada.

Será que é ele mesmo? Pode ser ilusão... Ele já tinha esse maxilar incrível?

Uau!

E este sorriso cinematográfico com dentes brancos e perfeitos?

Lilly passou as mãos nos cabelos castanhos compridos, em um tique nervoso de quando não sabia o que fazer. Não se lembrava de ele ser tão... tão... estonteante.

Tudo bem que aqueles quinze minutos, em uma fila, não deram para pegar muita coisa, mas... aquela sensualidade misturada com... com um... *eu-sou-feito-para-derreter-a-mente-de-qualquer-coisa-que-enxergue-ou-respire*, ela reconheceria.

Reconheceria, não?

— Me larguem, idiotas! Vim ver a Penne, não vocês!

A temperatura do corpo de Lilly entrou em combustão quando as sinapses dela reconheceram a voz brava, rouca e aveludada. Ele estava mais velho e com uma barba por fazer, mas era ele.

Era ele, sim!

Lilly ficou boquiaberta por mais uns...

Tique-taque... tique-taque... Tique-taque...

Ela esqueceu onde estava... Não reparou nos caras rindo ao limpar o chão sujo de café. Não percebeu que precisava fechar a boca... ou que respirar, talvez, a mantivesse viva e que seria recomendável levantar-se e ir dizer um: oi.

Mas, como que se levanta mesmo?

Brian gostou de ser recebido aos tapas e socos pelos caras, mesmo que os tivesse visto há menos de seis horas. Só assim para se recompor da reação mais estranha que tivera na vida. Quando pôs os olhos na coisinha ao lado de Penne, o corpo dele estremeceu e ficou em alerta... o coração bombeou forte... as faculdades mentais do músico falharam e ele engasgou com a própria saliva.

Pequena, feminina e moreninha com fios longos e meio desgrenhados. O rosto mais perfeito que ele já tinha visto! Muito mais perfeito do que os rostos que inventava ao imaginar como seria a gata perfeita. A jovem ruborizada à sua frente era linda. Sobrancelha arqueada perfeita, cílios longos perfeitos, olhos avelã-esverdeados perfeitos, enormes, como os de uma gata assustada, narizinho arrebitado perfeito em cima dos lábios carnudos rosados mais perfeitos que já vira.

— Vem aqui, Brian! Larguem ele, seus otários! — Penne esticou os braços abrindo e fechando as mãos. — Vem aqui, guitarrista lindo.

Brian?

O músico obedeceu, mesmo que as pernas dele estivessem pesadas e meio que não quisessem se mexer. Lilly teve uma súbita necessidade, urgente, de se enfiar embaixo da cama para alcançar os tênis que estavam lá. Afinal, não poderia andar pelo quarto só de meias.

— Como está se sentindo, Penne?

— Bem melhor, o médico passou aqui, pouco antes de chegar e já estou liberada.

Penne reparou que Brian pouco olhava para ela e, pelo canto de olho, ele estava bastante interessado na movimentação frenética que acontecia abaixo deles ao lado da cama.

— Essa aqui embaixo é a Lilly, a minha melhor amiga. Aquela da qual sempre te falo.

O guitarrista lembrava vagamente sobre uma melhor amiga da sua parceira de banda. Uma que ela tinha agitado para sair com o primo dela. O novo atacante estrelar dos Lakers. O cara, que segundo Penne, deixava todas as mulheres de quatro e loucamente apaixonadas. Um idiota, na opinião do músico, mas que Penne dizia que tinha um talento para levar todas para a cama.

Lógico. Que merda!

Quais as chances de ele cruzar com a garota perfeita e ela estar disponível?

Zero!

Lilly suspirou e levantou. Não podia ficar enrolando mais e fingindo que não conseguia achar os tênis. Ele não a reconheceu... nem poderia... o encontro deles fora tão rápido e fazia tanto tempo.

— Lilly, esse é o Brian. O guitarrista sexy que sempre detona nos shows — Penne disse animada.

As bochechas de Lilly pegaram fogo e ela rezou para que não percebessem o quanto estava abalada.

— Ah! Então é mesmo instrumentista? Seu nome artístico é Brian?

Brian estava fora do ar... alternando o olhar entre o rosto delicado e as mãos pequenas segurando os *All Stars* minúsculos. Perdeu-se viajando nos detalhes daquele rosto bonito.

Tão linda! Perfeita!

Esses olhos... Esses olhos...

Ele teve a sensação de já tê-los visto, mas... onde? Não... ele lembraria daqueles olhos... daquele rosto.

— Brian! O que deu em você? Ainda está dormindo? — Penne o tirou do nirvana.

— O quê? Não... isso, instrumentista... guitarra... Brian. Quanto calça? — falou sem pensar. Adorava pés pequenos e delicados. Eram quase um fetiche. Xingou-se mentalmente por comportar-se como um adolescente babaca.

— Hã? — Lilly olhou para os tênis. — Ah! Desculpe. — Segurou-os em apenas uma das mãos, limpou a outra na calça e estendeu-a para cumprimentá-lo. — O-olá... o-oi, Lilly — gaguejou pensando que, talvez, ele a estivesse achando uma idiota ou pior, que fosse uma daquelas fãs fanáticas.

Brian estendeu a mão e achou incrível a sensação do toque.

— Oi, Lilly. Amiga da Penne. — Mãos tão delicadas e suaves, meio trêmulas. Deliciou-se.

Esses olhos?

Lilly sentiu o corpo estremecer e um calor irradiar através daquela pele calejada. *E os cabelos, uau! Deus!* É claro que ele não se lembraria da menina desgrenhada, de óculos, aparelho nos dentes e com um chapéu vermelho ridículo, que beijou por impulso no aeroporto.

— Seus olhos são incríveis... A gente já se encontrou antes?

— Eu... a... é...

— BRIAN! Eu disse para me esperar! Aquela velha chata me parou para pedir um autógrafo. — Uma voz feminina estridente o fez romper o contato e se virar.

Quem é essa mesmo? Ele sabia que a conhecia.

Ah, merda! Merda! Merda!

Tinha esquecido que trouxera a namorada com ele.

— Kate! Que bom que disse *Oi* para a gente ao entrar, tão delicadamente, em um quarto de hospital — Gabe ironizou e foi abraçar a mulher que era o oposto de Lilly. Loira, alta, e com seios quase pulando do vestido vermelho, justo e decotado.

— Ah! Olá, rapazes. — A mulher acenou sem ânimo, porém, eles nem se deram ao trabalho de interromper a conversa com Mark no sofá... Ignorada, cumprimentou Penne, nem notou a presença de Lilly e foi logo agarrando a cintura do namorado.

— Acabou por aqui, amor?

Amor?

— Acabamos de chegar — resmungou Brian, tentando diminuir o aperto. Ele odiava

quando Kate fingia que estava tudo bem entre eles.

Os dois tinham vindo o caminho inteiro discutindo. O que fizeram soar todos os alertas vermelhos dele.

Estavam juntos há quase dois anos, desde que foram apresentados em um *set* de filmagem. Kate quase foi a *Bond Girl* do pai dele... o que mexeu com os hormônios do músico. Fisicamente ela não era o Top Perfeição de Brian, mas era linda, cheia de curvas naturais e costumava ser superdivertida, e ótima companhia quando queria.

— Kate, minha linda — Penne disse, em um tom de voz sarcástico. — Não vai ser educada e dizer oi para a minha amiga, Lilly?

— Amiga? Desculpe, achei que fosse só uma atendente do hospital. — Kate lançou um cumprimento desinteressado para Lilly. — Não pensei que fosse do tipo que as pessoas quisessem ser amigas, Penne.

— E eu não sabia que era do tipo que pensava! — Penne retrucou.

— Caralho, Key! Dá para ser um pouco mais agradável? — rosnou Brian, puxando-a.

Key?

Lilly observou a cena e recuou, até grudar o corpo na parede. O homem dos seus sonhos estava ali e não era miragem... Realmente era ele... Theo... Brian... Lindo e abraçado a outra. *Filha da mãe de peituda mais idiota*! Bem que a irmã dela sempre dizia que os homens preferiam as loiras.

— Que namorado mais chato você é, me deixa viver. — A peituda deu de ombros — Sabe que eu e a Penne não fazemos o tipo amigas, amor. Pelo menos, sou honesta.

A mulher tinha feito um ponto, mas mesmo assim...

Que vaca! Não, que polvo! Toda pegajosa e emaranhada nele.

Lilly a tinha reconhecido. A Barbie sempre estampava as revistas de fofoca, mas era uma idiota e nem atuava tão bem assim...

— Kéti, fique sabendo que a Penne é uma ótima amiga — disse num impulso.

— É Kate Breie. — A mulher revirou os olhos petulantes para Lilly. — Impossível não ter ouvido falar de mim.

— Nunca ouvi. — Lilly devolveu a gentileza e Brian segurou o riso, a loira ficou sem reação e os meninos caíram na gargalhada.

— Lilly só assiste aos filmes de artistas premiados — zombou Penne.

— Pois saibam que quase fui indicada ao Oscar uma vez! Briaaan, eu te disse que vir aqui seria um erro! Seus amigos são um horror! Vamos embora, já! — Bateu os pés em uma saída dramática.

Caralho!

Por que mesmo que ele insistia naquele namoro?

— Ignorem o drama, ela está atacada. Perdeu um papel para Jessica Palmer. Espero te encontrar mais vezes, Lilly. — Brian não queria ir embora.

— Claro — respondeu ela não querendo que ele fosse.

— *BRIAAAANNNN!* — o chamado histérico de Kate ecoou no corredor.

— Mas será possível? Dá pra avisar para a louca da sua namorada que estamos em um hospital! — Mark levantou-se irritado. — Estou com paciência zero para os escândalos dela hoje.

— Foi mal, cara. — Brian ergueu os ombros e voltou-se para Lilly. — Preciso ir amansar o bicho. A gente se vê por aí.

— Claro, a gente se vê por aí. — Lilly sentiu o coração apertar ao vê-lo sair correndo atrás de outra mulher.



3

Depois de Miami, a vida seguiu o seu curso...

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

TMZ.Com

O compositor Brian Theodore Lincoln Pierce aventura-se em Hollywood.

Kate Breie está cada vez mais firme com o guitarrista sexy do Ultimate Bet. Clique nas fotos.

Brian Pierce leva Kate Breie para um jantar em família.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Seis meses depois...

Se a temporada em Paris tinha sido inspiradora, rentável e repleta de conquistas, a volta para os Estados Unidos estava sendo uma merda. Primeiro, Lilly chateou-se com as manchetes que lera no avião sobre Brian e Kate.

Depois, o que restava de seu mundo familiar desmoronou com a visita de seu tio Eduard. O administrador, que nunca aparecia na casa do irmão falecido, chegou de surpresa e foi logo carregando as sobrinhas para uma reunião às portas fechadas na biblioteca.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Eu sinto muito, querida. Esperei para falar só agora, para não prejudicar a sua viagem.* — Tio Ed a olhou com cautela. — *Ouça, Lilly, é possível entrar com uma ação de perdas e danos* — sugeriu.

Ava levantou-se, batendo com as duas mãos no tampo escuro da mesa de trabalho.

— *Estão loucos? Será um escândalo e a minha ruína social. Vocês não têm o direito…*

— *Cale a boca, Ava!* — Lilly perdeu a compostura. — *Você conseguiu passar de todos os limites... Sempre mimada e querendo mais, mais e mais! Agradeça à memória dos nossos pais, por eu não te processar. Mas se pensa que vou permitir que venda a mansão ou que eu vou ficar aqui para cobrir os seus rombos, esqueça! Vou embora e ficará por conta própria!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Marie, não podemos mais ficar aqui — Lilly começou a abrir e a esvaziar as gavetas

em cima da cama.

A governanta começou a retirar as malas do *closet* e recolher tudo como se esperasse um ataque aéreo.

— A coisa com Ava foi tão ruim assim? Para onde iremos, pequena?

Chateada, Lilly só queria ir embora.

— Temporariamente para o apartamento do tio Eduard, em Santa Mônica. Conhece alguma empresa de mudança? Diga para eles que pago taxa extra, mas todas as nossas coisas devem ser retiradas hoje!

— Vai ou não me dizer o que Ava aprontou?

Sem saída, Lilly contou para Marie a última da irmã.

Após a morte dos pais e do irmão, as irmãs receberam uma grande quantia em dinheiro e os demais bens ficaram sob tutela compartilhada. Mensalmente, cada uma recebia participação nos lucros. Valor que não cobria nem metade dos gastos em clínicas de estética da irmã, mas que Lilly poupou e multiplicou... o tio era um ótimo administrador e a ajudava muito.

Já Ava... estava quase falida. Em dois anos, ela e o marido, um playboy metido a produtor de cinema e apostador inveterado, torraram a fortuna. Investiram milhares de dólares em dois filmes que só trouxeram prejuízos. Perderam outros tantos nos cassinos e nas apostas em cavalos. Tudo isso somado a um estilo de vida regado a festas, viagens e muito desperdício.

Ava quis vender os bens, entretanto, Lilly se recusou, pois pensava neles como uma garantia de futuro para a irmã, que inconformada e em busca de mais dinheiro enganou Lilly. A irmã mais velha colocou uma procuração no meio de alguns documentos que precisavam ser assinados por ambas. Com pressa para ir ao aeroporto, Lilly assinou tudo sem ler... e com a procuração nas mãos, Ava aproveitou a ausência da irmã para negociar os bens da herança. Em quinze dias, foram vendidos o apartamento de Nova Iorque, quase toda a coleção de carros e relógios antigos do pai e as joias da mãe.

O próximo alvo seriam as economias da irmã, porém quando Ava tentou acessar a conta da Lilly, o presidente do banco, Rudolf, avisou ao amigo Eduard. Uma vez descoberta, a loira teve que entregar a procuração para não ser denunciada por fraude. Mas as transações realizadas por ela não puderam ser desfeitas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Feliz aniversário Lilly - Surpresa!

TMZ.Com

Kate Breie e Brian Pierce chegam juntos na entrega do Oscar.

Brian Pierce dedica o Grammy à mãe – Sarah Lincoln.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Meses depois de romper com a irmã e sair da mansão, Lilly entrou no escritório do tio, em um luxuoso prédio de Los Angeles.

— Parabéns, Lilly! — Tio Eduard cumprimentou a sobrinha que estava completando vinte anos.

Lilly o agradeceu com um belo sorriso, pois seu dia tinha começado bem.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Logo cedinho, ela tivera uma surpresa ao ligar a TV. A emissora CBS exibia uma matéria especial, mostrando a luxuosa mansão de Naomi Park, uma apresentadora em ascensão. Lá estava, na parede da mulher, uma sequência de esboços em carvão. Desenhos pessoais de Lilly, que, por engano, foram parar em uma galeria em Nova Iorque.

Um estudo sobre o corpo em movimento... Tudo fruto da imaginação de Lilly, que tinha aflorado em uma tarde em que passara horas escutando música e fantasiando... um corpo nu: braços, pernas, músculos e tendões tensionados pelos movimentos incessantes de certa guitarra imaginária.

Por causa da reportagem, recebera dezenas de ligações. Algumas, de pessoas querendo encomendar obras; outras, de jornalistas curiosos sobre quem seria o modelo misterioso. Até o primo da Penne, o jogador dos Lakers, tinha ligado. Louco para saber se era ele o homem tão sonhado.

Como seria, se nós nunca passamos daquele primeiro encontro?

O muso inspirador dela era um segredo que guardaria a sete chaves. Pedaços de um corpo que nunca tinha visto, envoltos em linhas coloridas de aquarela, representando a melodia dos solos de guitarra.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Eu pedi que viesse até aqui, por um assunto delicado. — Tio Ed acomodou-se em uma poltrona de couro preta e indicou outra, à frente dele, para Lilly.

— Algum problema? — perguntou ela ao perceber que linhas de tensão permearam o rosto antes amistoso do tio.

— Ava encontrou uma brecha no testamento do seu pai e entrou com uma ação — ele foi direto ao ponto.

Lilly não falava com a irmã há meses.

— Uma brecha?

Houve um longo suspiro do tio, seguido de um gole de whisky e de outro suspiro.

Deus!

— Como sabe, meses antes da tragédia que vitimou os seus pais e irmão, o testamento havia sido alterado. Segundo o documento, Andreas seria substituto legal do meu irmão e assumiria não só a presidência como a tutela dos bens da família, assim que completasse trinta anos de idade.

O tio bufou, claramente contrariado.

Apesar de se lembrar do testamento, Lilly não estava entendendo. Com a morte do irmão, aquela cláusula tinha sido obviamente desconsiderada e o conselho assumido o controle.

— Não entendo seu ponto, tio.

— Ava pediu para ser reconhecida como sucessora natural, já que é a herdeira mais velha, e o juiz aceitou. Diante disso, sua irmã exigiu tomar posse da presidência. — O tio riu. — É óbvio que a votação foi contrária. Ninguém do conselho a apoiou.

Graças a Deus, pensou Lilly. A mineradora faliria em dois dias. Ainda sem entender, encarou o tio, que continuou seu discurso, após outro longo gole de bebida.

— Como disse, pelo testamento o filho mais velho, aos trinta anos, assumiria os bens, incluindo os dos demais herdeiros. Salvo, se esses já estivessem encaminhados.

— Encaminhados? — perguntou Lilly, ainda mais confusa.

O tio fez mais uma pausa antes de prosseguir:

— É, encaminhados... casados... Penso que seu pai fez isso para evitar que Ava fizesse alguma besteira. Seu pai sabia que Andreas jamais permitiria um mau casamento ou desperdícios.

O sangue congelou nas veias de Lilly.

— Ava vai cuidar de tudo o que é meu?

— Sua irmã tentou, mas entramos com uma ação contrária. Alegamos que, segundo o testamento, o sucessor deveria assumir só aos trinta anos e não agora aos vinte e cinco. — A expressão tensa no rosto do tio se manteve. — O juiz foi por um caminho alternativo e determinou que Ava assuma o controle dos bens na data em que o seu irmão completaria trinta anos. Não era o que queríamos, mas ganhamos um prazo.

— Mas isso será daqui a três anos!

— Sim, querida.

Lilly tomou a água de uma só vez.

— Deixa eu ver se entendi. Quando eu completar vinte e três anos terei que estar casada, caso contrário, Ava tomará conta de tudo?

O tio concordou com desgosto.

— Exatamente.

Mas que merda!, pensou Lilly.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Uns se libertam... Outros se comprometem.

TMZ.Com

Bomba! Kate Breie e Brian Pierce não estão mais juntos!

Brian Pierce, o guitarrista da Ultimate Bet, tem aproveitado bem a fase de solteirice. Foi visto saindo de um famoso e duvidoso clube em Dallas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A notícia do fim do relacionamento de Brian balançou Lilly, mas na época ela tinha acabado de entrar em uma nova fase: estava namorando.

Lilly conheceu Willian Donovan ao acaso, em uma cafeteria em Los Angeles, dias após ter completado vinte e um anos. Sem querer, os dois se esbarraram e ele se interessou pelos esboços que caíram da pasta dela. O homem era tão agradável que começaram a se ver com

regularidade e logo, os encontros matutinos para os cafés, em frente à galeria, transformaram-se em almoços, idas ao cinema e jantares.

Fisicamente o namorado não era um Brian da vida, mas era um homem bem atraente. Inglês, loiro, de ombros largos e olhos castanhos intensos. Um executivo financeiro, sete anos mais velho do que ela, de temperamento reservado, mas dono de um humor aguçado e de gostos requintados.

Lilly estava feliz com aquele relacionamento inesperado, mesmo que seu coração insistisse em dar saltos, toda vez ela e Brian se encontravam. O que era péssimo! Não era certo ficar fantasiando coisas sobre o músico.

Will era real... Brian não.

Convencida de que o guitarrista era uma ilusão, Lilly passou a evitar qualquer situação onde pudesse encontrá-lo. Deixou de ir às festas e premiações e até chegou a recusar um convite do próprio artista, depois de um show "inevitável" em Los Angeles. Não podia abrir a guarda. Estar perto do roqueiro era perigoso.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Lilly, que bom que veio! Andei pensando que nunca tivemos a chance de nos conhecer melhor, que tal um jantar? O que acha?*

— *Ah... infelizmente, meu namorado e eu já temos planos para hoje.*

— *Porra! Desculpa! Não sabia que estava namorando.*

— *Pois é... estou.*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Mais surpresas e um casamento a caminho.

TMZ.Com

Brian Pierce se declara um solteirão convicto.

— Relacionamentos não são mais a minha praia.

Brian Pierce nega inspiração por musa misteriosa em Sexy Night.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Às vésperas dos vinte e três anos, a avó materna de Lilly faleceu, deixando todos os bens para ela e uma nova disputa se instaurou entre as irmãs.

Inconformada, Ava travou uma verdadeira batalha judicial para ter direito ao espólio da avó, entretanto todas as suas solicitações foram indeferidas. Assim como as outras trinta menções, ao longo dos quase três anos, para ser nomeada como a tutora oficial de Lilly.

Para piorar a situação, Will tinha pedido Lilly em casamento. Outro drama! Ava não recebera bem a notícia. Principalmente porque ela tinha acabado de se divorciar e o ex-marido abocanhado metade do pouco que lhe restara.

— *Esse noivado é uma farsa! Uma comédia!*

Semanas depois do noivado, Lilly foi notificada.

Informado sobre possíveis fraudes, o juiz concedera outra liminar para Ava. O documento dizia que qualquer união para ser considerada estável deveria ter a duração mínima de um ano. Fato que não preocupou Lilly...

Afinal, as intenções de Will eram verdadeiras.

Os dois se amavam, não se amavam?

Nunca mais Lilly tinha encontrado Brian e continuava a fugir dele. Entretanto, na véspera do grande dia, Lilly não resistira à tentação e perguntara sem querer sobre o músico para Penne. A amiga contou que o guitarrista estava recuperado do fim do namoro e voltado a ser o cara divertido de sempre.

Lilly ficou feliz por ele, mas, por um momento, o coração dela apertou. *Será que as coisas teriam sido diferentes se o Will não tivesse aparecido?* Apesar de estar certa sobre o casamento, não sentia algo avassalador pelo futuro marido e andava sentindo falta de alguma coisa.

Ela e o noivo dificilmente brigavam, tinham muita intimidade e não eram um casal acanhado. O inglês havia lhe ensinado muito no sexo e adorava receber prazer de todas as formas possíveis, mas, mesmo assim, o relacionamento deles estava morno. O sexo nunca tinha ido além das preliminares...

Will queria esperar até a lua de mel para terem uma relação completa e Lilly, simplesmente, não entendia aquela ideia fetichista e machista sobre a pureza feminina. Será que ele não percebia que ela era uma mulher de quase vinte e três anos e com os hormônios à flor da pele?

Ai, meu Deus, será que eu estou fazendo a coisa certa? Será que eu amo o Will o suficiente para me casar?

Fugindo das incertezas, ela apegou-se ao que sua mãe dizia: O *amor se constrói. As paixões são ilusão*. Certamente, o amor fortaleceria com o tempo. Então, afastou da cabeça a ideia de desistir de tudo e abafou o desejo sem sentido por Brian, focando-se no grande dia.



4

Quase 23 - O grande dia

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Rolling Stones

Guitarrista da Ultimate Bet arrasa no solo intimista e romântico em Heartbroken.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly olhou através de uma fresta da porta da sacristia. A igreja estava lotada. Suspirou ao ver as dúzias de rosas brancas colombianas, exigidas pelo noivo e ostentadas em arranjos elegantes ao lado dos bancos de madeira e do altar.

Ela amava gardênias, mas, segundo Will, elas não eram tão sofisticadas.

Lilly Emanuelle, o amor vem com o tempo...

Lilly Emanuelle, Will é um ótimo homem...

Lilly Emanuelle, esqueça o Brian...

Lilly Emanuelle, Will só está atrasado.

Lilly mentalizou e voltou a se olhar no espelho improvisado pelo padre. Ajeitou alguns fios soltos no penteado e deixou que Marie desse os últimos retoques em seu visual.

— Minha querida, sua mãe ficaria orgulhosa. Está simplesmente deslumbrante — Marie disse, afofando camadas e mais camadas de tule e seda branca do vestido de noiva. Um tomara que caia clássico, adornado com uma singela fita de veludo cinza na cintura... simples e lindo. — Uma lástima que a Penne e o Big não estejam aqui para vê-la assim.

— Eles bem que tentaram vir, Marie, mas estão no meio da turnê, e adiar o show de Las Vegas foi impossível. Os voos não deram certo e de carro são quatro horas de viagem. Seria uma loucura, mesmo para aqueles dois. — Lilly estava impaciente, mudando o peso de um pé para o outro.

— Tenho certeza de que iriam se divertir, isso sim. — Marie gargalhou, lembrando-se das palhaçadas dos meninos. A governanta estava tentando fazer com que as lembranças dos amigos distraíssem a sua pequena. Ajoelhou-se para ajeitar a barra torta do vestido. — Sinto muitas saudades de vocês três sempre me deixando maluca.

— Eu também sinto, Marie. Eu também. Por que será que o Will está demorando tanto? Deus!

— Calma. Ele vai chegar. Seu tio está ligando para ele.

Marie não simpatizava nada-nada com o novo patrão. O achava perfeito demais e Lilly ficava sem brilho ao lado dele, gostava dela leve e rindo despreocupada. A menina era outra pessoa quando estava com Ethan e Penne. Radiante, feliz e até mais criativa. Para a governanta, sua protegida sofria de uma paixonite secreta não correspondida. Era comum vê-la trancada no quarto, por horas, ouvindo as músicas da banda. Certo dia, achou sem querer uns desenhos escondidos no ateliê... Esboços repletos de paixão sobre um homem moreno que em nada lembrava o aguado do senhor Willian.

A governanta ficou tão feliz quando Lilly resolveu comprar uma casa, na mesma praia que os amigos, para morar depois de casada.

— E se ele não chegar? Já são quatro e meia! Meu Deus, e se houve um acidente? Se o Will caiu no apartamento dele e está desacordado? — Lilly tentou novamente o celular. Desligado.

Quando tio Eduard apareceu na sacristia, com cara de poucos amigos, Lilly sentiu que algo estava muito errado. A sensação piorou quando ficou claro o óbvio. Fora abandonada no altar.

O coração dela transformou-se em um emaranhado de emoções.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Tem certeza de que é aqui? — Lilly olhava para o 69 indicando o número do quarto.

— Sim, localizamos pelo cartão de crédito. Dei um incentivo para o gerente de hotel abrir o bico. O Willian hospedou-se há umas três horas. Sinto muito, querida, mas falaram que está com a noiva.

— Deve ser um engano. — *A noiva dele era ela!*

— Querida, acho melhor que espere no carro.

Apesar dos protestos do tio Ed implorando para que ela saísse dali... Lá estava Lilly, parada em frente à porcaria da porta, em dúvida se queria ver ou não o que estava atrás dela.

— Não, agora eu vou até o final. — Contou até três e respirou fundo. — Abre logo de uma vez... Estou pronta!

— Mas que porra e essa?! — rugiu o tio.



5

Que comece a aventura...

Depois de mais um show fantástico da banda, Penne estava na área *VIP* reservada no bar do hotel *Bellagio*.

Mal tiveram tempo de tomar um banho rápido e foram cercados por fãs, celebridades e alguns chatos. Para variar, Adan já estava pendurado nas *groupies*, provavelmente fazendo uma seleção de conquistas da noite. Com três shows em Las Vegas, eles finalmente teriam quatro dias de folga das estradas e uma noite inteira antes do último show.

Não que as viagens no ônibus da turnê fossem uma tortura. Pelo contrário, depois dos shows, eram a melhor parte. Principalmente quando trocaram a velha condução, por uma nova com comodidade e luxo para os cinco. Agora, eles não brigavam mais pelo único quarto privado do antigo ônibus.

A nova casa sobre rodas do UB[15] tinha uma suíte extra, além dos tradicionais beliches. Então, as chances de se conseguir alguma privacidade dobraram. Coisa que Adan e Ethan estavam adorando, já que eram os mais prostitutos do grupo. Penne tinha convicção de que um dia, o pau deles iria cair de tanto uso.

Gabe e Brian eram mais discretos. Preferiam as escapadas nos quartos dos hotéis da redondeza ou os clubes de sexo. Não que o número de fãs fosse menor, ao contrário.

As mulheres eram simplesmente fanáticas pelo estilo descolado e sedutor de Brian. O homem era bonito, não... ele era lindo, bem-humorado, do tipo que não dá para parar de olhar e Gabe, nossa... Gabe era o Gabe com aquele jeito divertido e safado. Entretanto, nem todo mundo acompanhava o ritmo dele, não era toda mulher que aceitava ser compartilhada com os amigos ocasionais do astro do rock.

No começo da banda, Penne e Adan tiveram um namorico. O sexo era quente, porém os dois eram incompatíveis em todo o resto. Brigavam muito e, pelo bem de todos, perceberam que deveriam ser só amigos mesmo. Principalmente depois que a Penne o encontrou embaixo do palco com duas japonesinhas muito empolgadas.

Águas passadas... Naquela noite, tudo o que Penne queria saber era sobre o casamento da melhor amiga. Ela e Big trocaram algumas mensagens com Lilly à tarde, mas depois delas, não conseguiram mais contato.

— Ainda na paranoia com a Lilly? A essa hora, ela deve estar fodendo o coxinha do marido dela — Adan disse no ouvido de Penne, assim que chegou ao bar arrastando duas ruivas a tiracolo.

Graças a Deus, que a cobertura que o Mark reservara no *Bellagio*, tinha oito quartos. Não que Penne ainda nutrisse uma paixão secreta por Adan.

Não!

Claro que não!

Longe disso!

A loira só não estava disposta a ouvir as duas ruivas gemendo a noite toda. Ela conhecia muito bem o fôlego do loiro de olhos cinza, à sua frente. O homem possuía mais energia que o número de tatuagens espalhadas pelo corpo.

— Não estou paranoica! Vá se foder, babaca! — Penne empurrou o peito largo de Adan. O cara era grande e os esforços dela nem fizeram cócegas. — Só estou preocupada, Lilly disse que mandaria os vídeos da recepção.

— Se não soubesse como ama um pau, eu juro... poderia acreditar que a sua fixação pela Boneca é mais do que amizade.

Adan não resistia, adorava uma provocação. A loirinha gata da banda era a coisinha mais arisca que conhecia. Divertia-se em azucriná-la por qualquer coisa e as bochechas dela, vermelhas de raiva, ficavam irresistíveis.

Penne reprimiu o impulso de estrangulá-lo. Mediu o vocalista de cima a baixo. Uma cara de certo desgosto foi inevitável, assim como um risinho de desdém. Ajeitou uma mecha dos cabelos loiros com as pontas tingidas de rosa velho.

— Para o seu governo, bocó, só amo paus de qualidade, o que não é o seu caso. Cuidado, meninas, vão se decepcionar quando virem o gravetinho que esse aí tem entre as pernas.

Rapidinho, Penne pegou o copo com tequila das mãos de Adan e saiu à procura de Ethan, antes que o vocalista pudesse reagir. Se existia uma coisa da qual o vocalista tinha total orgulho era do tamanho dos seus dotes masculinos. Penne sabia muito bem como deixá-lo louco de raiva.

— *Penne! Volta aqui, sua imbecil! Meninas, o meu pau é enorme. A ordinária está com...*

Satisfeita com a indignação de Adan, Penne caprichou no rebolado enquanto se afastava. Ela tinha adorado o efeito que aquelas calças de couro proporcionaram à sua bunda. Sendo a única mulher da banda, a figurinista sempre arrasava no visual da baixista.

Foi fácil de encontrar os outros caras, guiada pelo som das risadas altas do grupo. Os três músicos estavam dividindo uma cabine semicircular com bancos forrados de veludo dourado. Mark estava com eles.

Penne sorriu ao ver três garrafas de tequila e uma de vodca, abertas em cima da mesa, contudo, uma barca de sushi quase vazia fez o estômago dela revirar. Os quatro homens pareciam bem determinados em descobrir qual deles seria o primeiro a se embebedar mais naquela noite.

Era normal passarem dos limites nas noites de folga. Eles teriam o dia e a noite seguintes inteiros para curar as ressacas. Uma das vantagens de se ter brechas entre os shows. Apesar das bebedeiras constantes, as drogas não faziam parte da rotina do grupo. Tirando uma má fase ou outra, é claro. A dela fora há quatro anos, e saíra graças à ajuda de Lilly. Já Gabe tinha passado alguns dias na reabilitação, há um ano.

Desde então, nada de drogas ilícitas ou remédios para emagrecer. Era um limite rígido imposto por Mark.

Uma atitude sábia para evitar problemas com os guardas rodoviários e os homens das alfândegas nos aeroportos.

— Outra rodada — Gabe propôs e Brian foi logo enchendo os copos com as doses. O guitarrista tinha um motivo a mais para beber "todas" naquela noite. Um certo casamento precisava ser varrido de sua memória.

— Podem colocar uma para mim. Vou entrar na disputa! — Penne gritou e sentou-se ao lado de Ethan.

— Cadê o Adan? — perguntou Mark, meio bêbado.

— Está no bar com as vadias de hoje.

— Quantas são? — Gabe esticou-se todo, olhando em direção ao bar para ver se encontrava o Adan.

— Por enquanto, duas ruivas, mas em se tratando de Adan, pode ser que acabe a noite com cinco loiras, uma asiática e um camelo — Penne desdenhou e Brian quase engasgou com uma dose extra de tequila. — Você me colocou bem longe dele, né, Mark?

— Um em cada ponta do andar! — Mark lançou um sorrisinho malicioso para Penne.

— Melhor assim. — Penne revirou os olhos. — E você, Ethan? Estou estranhando que até agora não tenha arrastado umas quatro para o seu quarto.

— A noite está só começando. — Big piscou, apontando para um grupo de garotas

seminuas, próximo à mesa. Os vestidos colados ao corpo eram tão curtos que Penne imaginou como as mulheres faziam para se mexer ou respirar. Quaisquer movimentos mais bruscos e, certamente, as "bochechas" das bundas apareceriam.

— Sinceramente, não sei o que vocês veem nessas meninas. Aposto que noventa por cento ali é falso.

Ethan deu uma boa olhada nas garotas que riam histericamente para ele e levantou uma das sobrancelhas por pura satisfação. O homem amava uma boa mulher voluptuosa.

— Eu deixo as naturais para o Brian, ele é o ecológico do grupo.

— Não sou ecológico. Só não vejo graça em me esfregar num monte de plástico! — defendeu-se Brian, antes de ter a atenção roubada por um burburinho vindo da entrada da boate e o coração dele congelar.

De repente, toda a atenção das pessoas que era exclusiva deles, voltou-se para a pequena e desgrenhada mulher de branco abraçada ao Adan no bar.

Não é possível, pensou Big, lançando um olhar incrédulo para Penne. Ela estava paralisada, com a cara branca e o queixo caído. *Não é possível!*, pensou o baterista novamente, sem saber o que fazer... então, do nada, ele empurrou o corpo de Penne para fora da cabine, junto com o dele.

Como se saísse de um transe, a guitarrista gritou:

— Mas..., mas..., mas é a Lilly!

Em um único impulso, Big alcançou Adan, que trazia Lilly agarrada a ele, com o rosto enterrado no peito imenso. As duas ruivas os seguiam, com uma cara de espanto e um pouco de ódio. Já não havia um único barulho no bar. Todo mundo ficou quieto acompanhando a cena.

— Tirem a imprensa daqui! — gritou Mark, assim que alguns flashes começaram a pipocar.

Jesus!, pensou o empresário, a última coisa da qual precisava era ter que administrar uma fã louca, vestida de noiva. Se um dos caras a tivesse engravidado, esse seria um escândalo difícil de abafar.

O semi-ataque cardíaco de Mark só parou quando reconheceu a mulher. Big, Penne e Adan a embalavam em um abraço coletivo. *Deus, obrigado, Deus!* O empresário tinha esquecido completamente do casamento da melhor amiga de Ethan e Penne. A Bonequinha que ele não via há um ano.

Mas que porra?

— Ela... ela... não deveria estar casada? Não é possível. É? — balbuciou Brian para si mesmo, depois de sair do choque. Em seguida, deixou Mark quase sem as bolas, ao pisar sobre ele para ir em direção à Lilly.

O pobre do empresário mal teve tempo de respirar quando... os pés de Gabe seguiram o mesmo caminho dos de Brian.

— Caralho! Que o babado deve ser nervoso! — o baixista gritou animado.

— Aiiii, meu saco... — miou Mark, contorcendo-se de dor ao ser abandonado na cabine dourada.

Em momento de dor intensa, tudo o que Mark conseguia enxergar entre as lágrimas, eram os seus meninos de ouro em torno de uma noiva fujona e os seguranças contratados para a noite tentando manter o grupo isolado no meio do salão *VIP* do bar.

— Jesus, Lilly? O que aconteceu? Como chegou aqui, baby? — sussurrava Penne, ao limpar as lágrimas da melhor amiga.

— Eu mato aquele bastardo do Will! — a voz grave de Big ecoou em todo o salão. Ele agarrava os cabelos, como se aquilo solucionasse alguma coisa.

— É melhor tirá-la daqui! Estão sufocando a coitadinha — Brian sugeriu, sem querer dar bandeira para os amigos. Mais um pouco, ele teria um colapso. Mesmo melecada e com o nariz vermelho, Lilly continuava perfeita.

O coração do baixista estava entre a agonia e o êxtase. Ele podia sentir o desespero em cada suspiro que Lilly dava, mas estava aliviado que, certamente, ela não tivesse se casado com o otário.



6

Depois de a banda ter abandonado os convidados *VIPS* no bar do hotel, todos subiram e estavam sentados nos sofás, ao redor de Lilly, na sala de estar de uma das suítes.

Mark ficou para trás, tentando abafar e evitar que as imagens de Lilly caíssem na imprensa.

Agora que, finalmente, tinha se juntado aos seus amigos verdadeiros, Lilly acalmara-se e nem se dera conta de que ainda estava vestida de noiva. Pelos fios que caíam sobre o rosto, presumiu que o penteado de casamento estivesse arruinado. Ela devia estar uma bagunça.

Dane-se!

Nem tinha se dado ao trabalho de baixar a capota do carro. O vento gelado da estrada era bom... muito bom. Precisava deixar a raiva e indignação passarem. Tudo o que ela conseguiu pensar quando entrou no carro e dirigiu feito uma louca até Las Vegas era:

Preciso dos meus amigos!

Quero sumir daqui!

O resto que se dane.

Brian pensou:

Tão linda!

— Lilly, se não quiser falar nada, não precisa. — Mesmo morrendo de curiosidade, Penne achou que esse seria o melhor conselho para dar à amiga.

— Estou bem mais calma agora — Lilly disse com sinceridade. Estranhou, ao perceber que em sua mente confusa, acreditava que tudo o que lhe acontecera, pertencia à história de outra pessoa. Não à dela. — Sinto muito por ter estragado a festa de vocês. Se quiserem voltar... eu estou bem agora.

— *Não! De jeito nenhum vai ficar sozinha! Dane-se a festa!* — um coro geral fez encher o coração de Lilly de calma e gratidão.

— Acho que só preciso de uma bebida — disse e levantou-se. Sobre os olhos atentos de todos, pegou a primeira garrafa que encontrou, abriu-a com as mãos meio trêmulas e deu vários goles de uma só vez.

Big sabia que Lilly não estava acostumada com vodca, porém não quis cortar o barato dela. Tudo indicava que a Bonequinha havia passado por um mau tempo... e se a bebida fosse

amenizar o sofrimento dela, então iria acompanhá-la. Foi até o bar e pegou uma garrafa de *whisky*.

Jack[16] *sempre era um bom companheiro para os momentos difíceis.*

O mesmo fizeram os outros. Em segundos, todos estavam com a própria garrafa de álcool e com os olhos grudados em Lilly.

O silêncio incômodo foi interrompido quando Mark entrou no quarto para avisar que a situação estava sob controle, e que ele precisava dormir, uma vez que as bolas dele estavam doendo pra cacete.

Depois de entornar meia garrafa de vodca, Lilly sentiu-se pronta para falar e olhou para Penne.

— Eu não casei — disse e deu mais um gole na bebida.

Deus existe!, pensou Brian.

— Isso a gente já percebeu, Bonequinha — Big disse acariciando a mão pequena da amiga.

Houve um silêncio e expectativa de todos à espera dos próximos capítulos.

— O Will me deixou esperando na igreja — disse, sorriu e o estômago de Brian revirou. — Esperei feito uma idiota por quase uma hora.

— Ele morreu? Só isso explicaria. — Até Adan, que já tinha visto de tudo na vida, parecia indignado.

Lilly sorriu para o vocalista.

— Morreu para mim, serve? O que ele aprontou foi bem humilhante.

O coração de Brian deu um salto triplo, seguido de um mortal. Outra vez, a agonia e o êxtase.

O otário morreu para ela!

— Descobriu que ele é gay? — perguntou Gabe, ansioso.

Lilly gargalhou, já estava bêbada e Brian decidiu que precisava dizer alguma coisa urgente, queria que ela olhasse para ele, sorrisse para ele e falasse com ele. Entretanto, tudo o que conseguia pensar era: *Tão linda!* Tinha alguma coisa de diferente nela, estava mais mulher. Os anos foram maravilhosos para ela. A mesma perfeição estava ali, só que havia algo a mais. O sorriso... A voz... O corpo.

Caralho!

— Se Will dissesse que se descobriu gay, eu o apoiaria. O que me quebrou foi a traição, ele me deixou como uma pata-choca... para estar com ela...

— Ela? — Penne suspeitava, mas recusava-se a acreditar.

Lilly fez cara de óbvio.

— Encontrei o Will com a minha irmã.

— O quê? — A voz de Big falhou.

Os outros caras da banda, que não sabiam das desavenças entre irmãs, estavam completamente perdidos.

— Estavam juntos, ao que parece. — Lilly sentiu o estômago revirar.

— Como assim, juntos? — Brian perguntou com cautela.

Essa foi a primeira vez que Lilly notou a voz aveludada de Brian e um arrepio percorreu a espinha dela... *Ooooh, bom Deus!* Como a voz dele tocava-lhe a alma! Era como um calmante, e excitante, tudo e mais um pouco.

Timidamente, Lilly olhou para o guitarrista.

— Juntos do tipo... ele comendo o rabo da minha irmã, enquanto eu o esperava no altar. — Lilly sorriu com desgosto. — O tio Eduard localizou o Will em um hotel... fomos até lá... e praticamente invadimos o quarto. Eu precisava ver, sabe? O gerente disse que tinha uma mulher com ele, mas nunca pensei em Ava! Nunca!

Brian ficou sem palavras... e apenas assentiu para ela, embora o real desejo dele fosse confortá-la e protegê-la.

— Filhos da puta! — bradou Ethan.

Inconformada, Penne começou a andar de um lado para o outro. Brian queria abraçar Lilly, mas achou que seria mal interpretado, afinal, eles mal tinham trocado um *oi* em quatro anos.

— Aquela ordinária fez isso por querer! E esse Will... eu capo ele! — Penne levantou a garrafa de tequila como uma arma.

— Eu sei. Tenho certeza de que Ava tramou alguma coisa.

— Precisamos encontrar o filho da puta e acabar com a raça dele — Adan falou decidido.

Brian levantou-se.

— É melhor pedirmos para o Mark chamar um ótimo criminalista. Vou matar o otário. Não bato em mulher, mas a minha vontade é dar uma surra nesta sua irmã também. — Ele olhou para ela com receio. — Sei que é sua irmã, mas cacete!

Lilly sorriu para o guitarrista de modo carinhoso e aquele par de olhos avelã-esverdeados olhando para ele, por baixo de cílios grossos e longos, foi arrebatador.

— Não quero que se prejudique, Brian. — O coração dele disparou ao ouvir seu nome na voz doce de Lilly. — Ninguém vai matar ninguém, entendeu? Eles não valem o esforço. Não duvido nada que se casem. Fui burra de cair no golpe deles.

— Graças a Deus! Pensei que você nunca fosse acordar. — Penne soltou um longo suspiro.

— Sobre o que vocês duas estão falando? — Big parecia não ter entendido ainda.

— Penne sempre achou suspeita a antipatia exagerada de Will por Ava — Lilly esclareceu.

A seguir, contou-lhes sobre as conclusões às quais chegara, durante as quatro horas em que estivera dirigindo de Los Angeles para Las Vegas. Ficou claro que Will e Ava eram parceiros, mas ela não saberia dizer desde quando, se antes ou depois de encontrá-lo ao acaso.

Parecia tão óbvio que os dois armaram contra ela. Primeiro, o pedido... depois, Ava querendo contestar a veracidade do noivado. O ódio entre eles. *Droga! Devia ser por isso que ele nunca a tocou mais intimamente. Podia apostar que os dois riam dela enquanto transavam.* Mesmo a insistência do noivo quanto à data do casamento, às vésperas do seu aniversário, fazia sentido agora... não lhe restaria tempo de manobra e nenhuma alternativa, a não ser entregar os bens a Ava.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Como assim, o cartório errou a data? Isso é um absurdo! O plano era casarmos bem na véspera do seu aniversário!

— Um dia a mais ou a menos, que diferença faz, Will? Vai ser romântico do mesmo jeito.

— Droga, eu prometi!

— Prometeu pra quem, Will?

— O quê? Pra ninguém... pra mim! Esqueça!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Flashes começaram a pipocar na mente de Lilly.

A imagem de Ava de quatro no chão do quarto.

Will penetrando-a em êxtase... os gemidos... as taças de champanhe...

Ahhhh!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Gosta de tomar no rabo, né, Safada?!!*

— *Mete mais fundo, Cachorro!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Que nojo!

O casal estava tão animado que não percebeu que tinha sido desmascarado. E nada do que dissessem mudaria a traição... nem poderiam negar, não com o pau do noivo enterrado na bunda da irmã dizendo tudo.

Quando notou a presença de Lilly, do tio, do primo e de um dos advogados da família, os olhos de Ava explodiram em raiva, mas também havia a satisfação da vitória. Will ficou lá... quieto e imóvel como um covarde. Nem uma explicação... nada... ou ao menos um: " Eu sinto muito". Talvez, ele planejasse sumir ou alegar que estava confuso, ou até mesmo, dizer que tinha virado gay, monge ou qualquer outra merda.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Por que, Ava? Me odeia tanto assim?*

— *Menos, Lilly. Seus dramas me irritam, não tenho culpa se o Will me acha mais interessante. Aconteceu... conforme-se...*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Os cinco integrantes da banda estavam agitados e boquiabertos com tudo o que Lilly havia acabado de contar.

— Não é justo que a vaca apronte e ainda fique com tudo o que é seu, Lilly. Deve ter alguma coisa que possa ser feita — Penne ponderou.

— Já quebrei a cabeça tentando achar uma saída, mas não tem jeito, amiga. Se os

advogados da minha irmã não receberem a certidão de casamento até amanhã, às cinco da tarde, tudo será dela. Só espero que me deixem ficar com o que conquistei através do meu trabalho.

— Por que a sua irmã vai ficar com o que é seu? — Brian estava perdido.

Com calma, Lilly explicou tudo, desde o dia em que os pais morreram. As partes iguais. Os gastos de Ava, o golpe de Paris, o casamento falido da irmã, a brecha no testamento, a obrigação de se casar antes dos vinte e três anos. A nova cláusula sobre o tempo mínimo de união. A nova herança. A revolta da irmã por sua avó ter deixado tudo só para ela.

O silêncio na sala ficou sepulcral. Quase dava para ouvir o tique-taque das cabeças funcionando em busca de uma solução que não existia.

— Cacete! Isso que é traição! Até Judas deve estar revoltado. — Brian quebrou o silêncio.

— Eu caso com você! — Big anunciou decidido. — Estamos em Las Vegas! Podemos resolver tudo agora.

— Perfeito, Ethan! Imagina a cara da Ava quando souber que Lilly deu a volta por cima! Será que o casamento lésbico é legal por aqui? Muitas mulheres que se decepcionam com os homens mudam de lado, sabia? Eu também caso se for preciso.

Adan levantou de um pulo só, como se levasse um choque!

— Você virou lésbica por minha causa, Penne? Eu sabia que tinha alguma coisa... nunca te vejo com ninguém!

— Cale a boca, seu egocêntrico! — Penne deu um tapa na cabeça de Adan. — Nem tudo acontece por sua causa! Você não me vê com ninguém, porque está sempre ocupado fodendo alguma vadia! Fique sabendo que eu tenho muitos amantes e agora vou ter uma esposa! — A guitarrista quase tropeçou de tão bêbada.

Um Big tão mamado quanto Penne protestou:

— A Lilly vai casar comigo!

— Não, Big! Ela vai casar comigo, imagina o escândalo! Vai ser épico! Será que eu posso vestir um smoking?

— Vocês dois são incríveis. — Lilly já bem alterada, gargalhou e abraçou os dois amigos. — Todos sabem que somos amigos desde a infância, praticamente irmãos. Ava iria contestar em dois segundos.

— Fodeu, então. — Penne suspirou.

— Pois é, fodeu, mas... agora, não quero pensar em como fui otária. Só quero beber e

comemorar o meu não casamento.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *E agora, tio?*

— *E agora? Simples, minha querida... siga o seu coração e vá em frente! O universo costuma abrir portas onde antes só havia paredes.*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O conselho do tio Ed continuava piscando na mente de Lilly.



7

— Jesus! Eu morri?

Foi só o que Lilly conseguiu murmurar antes de vomitar. A claridade que entrava pelas janelas de vidro, do imenso banheiro de mármore branco, agrediam os olhos dela que só conseguia pensar em como era bom aquele assento acolchoado da privada.

Hum, tão gostoso... vomitar e dormir em um só lugar.

Relutante, Lilly abriu um pouco os olhos. Demorou alguns minutos para lembrar onde estava. *Ah*! *Vegas!* As imagens da noite anterior ficaram nebulosas depois da terceira rodada na mesa de pôquer. Por que diabos estava com o vestido de noiva? Ela tinha pego uma roupa emprestada com a Penne para ir ao Cassino... não tinha?

— Aiiiiii.

Um gemido agudo ecoou no banheiro. Com todo o cuidado, Lilly desapoiou a cabeça latejante do vaso sanitário e tentou focar na mão que apertava o tornozelo dela.

Era a Penne dando os primeiros sinais de vida.... com o corpo esparramado sobre o vestido de noiva e o chão do banheiro.

Caramba!

Ressaca bandida!

Não devia ter bebido vodca!

Lilly amaldiçoou ao tentar endireitar o corpo e uma garrafa vazia de champanhe rolar pelo chão.

Ai, caramba!

Não devia ter bebido champanhe!

— Caralho! Que nojo! Porra, Gabe!

Lilly virou a cabeça na direção da voz grave de ressaca que resmungava e xingava ao mesmo tempo. Lentamente, um mar de cabelos escuros desgrenhados entrou em foco. *BRIAN!* Dentro da *jacuzzi*, abraçado a um muito vomitado Gabe.

Jesus, eles estão um bagaço!

Porém, mesmo assim, cobiçou o guitarrista por segundos, antes de ele lançar um sorriso furtivo e ela corar, desviando o olhar.

Na outra ponta da banheira, viu Ethan. Ele parecia morto. Lilly focalizou o peito do amigo

e o alívio tomou conta dela quando percebeu o sobe e desce suave, conforme ele respirava.

— Brian, por que todo mundo está no banheiro? — Sem voz, Lilly arriscou perguntar, tentando alcançar a cabeça de Penne, que resmungava e ria de coisas sem sentido.

A boca gloriosa e inchada do músico formou outro sorriso.

Por que ele fica sorrindo desse jeito para mim?

Sou alguma piada agora?

A cena patética dela esperando na sacristia veio à tona...

— A gente resolveu fazer a festa do... merda!

Merda?

Um muito bravo Mark entrou esbravejando no banheiro.

— Puta que pariu! Que merda é essa? Quantos anos vocês têm? Levantando todo mundo! — Ligou a água gelada da *jacuzzi*, que começou a espirrar para todos os lados despertando todos de um pulo só.

Caramba!

Merda mesmo!

O álcool, ainda circulando nas veias de Lilly, impediu qualquer reação. Dada à situação precária, ela limitou-se a encarar o empresário irritado.

— Cacete, tá frio! — Gabe saltou da banheira quase pisando em Penne, ainda estirada no chão. Depois, foi a vez de Brian sair encharcado.

Só Ethan continuou dentro da banheira... como se a água gelada não o incomodasse. Ao contrário, aproveitou os jatos frios e começou a massagear o rosto.

— Quem vomitou em mim?

— Foi você mesmo, seu otário — irritado, Brian disse ao Gabe.

A voz *ressaquenta* chamou novamente a atenção de Lilly. Depois... um peito forte e marcado por músculos definidos chamou mais atenção ainda. Brian tirou a camiseta molhada também respingada de vômito.

Um pequeno suspiro escapou dos lábios de Lilly... Brian estava em ótima forma. Muito melhor do que havia imaginado tantas e tantas vezes. Ela sentiu o cérebro formigar com a descoberta.

O que era aquilo no mamilo dele? Um piercing? Lilly não soube por que, mas aquela

pequena argola, naquele peito musculoso, fez sua boca salivar. Queria pôr os dedos nela.

Para piorar o caos mental de Lilly... Um escandalosamente Adan nu, apareceu na porta do banheiro.

Jesus!

O homem era um cavalo!

Lilly nunca tinha visto um pênis como aquele. Não foi só o tamanho que a impressionou e sim a espessura. *Um pouco demais para o gosto dela*. A jovem quase engasgou e sem saber o que fazer, preferiu voltar a encarar as paredes de mármore.

— Puta que pariu! O que fizeram com a Penne? — Adan foi logo esbravejando com o resto do pessoal e alcançando a loirinha, que começou a rir sem parar.

— Oi, Adan! Ops, gravetãoooooo! — A loirinha continuou a rir e foi facilmente enlaçada nos braços do vocalista.

O viking estava uma fera, principalmente, depois de perceber que a camiseta da Penne também estava cheia de vômito e uma outra mancha que parecia vinho tinto.

— Porra, Penne, que bafo! — bradou o vocalista. — O que vocês deram para ela comer? Um gambá? — Sem esperar resposta, Adan abriu o chuveiro e entrou com a guitarrista embaixo do jato ainda frio.

Na mesma hora, Penne começou a xingá-lo e a esbravejar. Tentou escapar, mas ele apertou o abraço, não dando chance de escape.

— Não sabe beber, agora aguenta!

— Alguém pode me dizer, que porra aconteceu aqui? Por que está todo mundo fantasiado de a garota do *Exorcista*? De onde saiu esse tanto de vômito? — Mark encarou cada um dos envolvidos.

— Não foi de mim. Eu não vomitei — defendeu-se Brian.

— Nem de mim — Big disse, levantando da banheira com uma cara ótima, como se tivesse dormido doze horas seguidas... E depois, saiu do banheiro sem dar moral para o empresário.

— Eu vomitei na privada — Lilly se defendeu, depois de se autoavaliar.

— Eu tive que vomitar em mim, porque a Lilly monopolizou a privada! — Penne respondeu rindo do boxe, já de pé e nua. Adan esfregava o corpo dela, freneticamente com uma bucha.

— Eu sei lá por que eu vomitei! — defendeu-se Gabe, sem roupa.

Que diabo é isso?

Pensou Lilly, ao encarar o piercing que Gabe ostentava no pênis, menor que o do Adan, mas também acima da média. *Ui, isso deve ter doído! Como será a sensação de ser perfurado? Será que o Ethan e o Brian também têm?* Todos eles eram tão desinibidos. Não tinham o menor pudor em ficar pelados uns na frente dos outros.

Curiosa, Lilly focou em Brian, que estava se livrando das calças. A possibilidade de vê-lo pelado acendeu o corpo dela. *Droga!* Só conseguiu ter um vislumbre da bunda sob a *boxer* branca molhada.

Nossa!

O cara tinha uma comissão traseira digna de Oscar!

Ficou fascinada e depois sem fôlego ao ver a tatuagem de um dragão que cobria todas as costas dele e se mexia junto com os músculos. *Parecia estar vivo!* Muito realista. Quem desenhou aquilo era um artista!

Sem saber bem por que, Lilly percebeu o corpo começar a formigar. Ver a beleza mais madura do Brian a desconcertou. Ela sempre o achou bonito, eles já tinham se encontrado antes, mas em todas as ocasiões, o guitarrista sempre estivera vestido. Porém, agora havia algo a mais. Era o mesmo Brian, só que mais homem, mais viril... Talvez fosse o rosto sem as feições juvenis ou a barba amanhecida, ela não sabia dizer...

— Quem é o próximo na ducha? — Adan mal terminou de perguntar, arrastando Penne para fora com ele, e Gabe já tinha invadido o boxe, que agora estava fosco por causa do vapor d'água.

— E aí? Estou esperando! Alguém vai responder? Eu tenho que me... — Nesta hora o celular de Mark tocou e ele atendeu saindo do banheiro.

Lilly resolveu, finalmente, levantar-se. Apesar de querer muito descer descarga abaixo e sumir dali, sabia que era impossível. Não com todo aquele tecido do vestido. Com cuidado, levantou-se e...

Uauu!

Quem é essa louca refletida no espelho?

O cabelo dela, que até ontem era sedoso e brilhante, estava um emaranhado só. A tiara do casamento, pendurada de lado, um verdadeiro ninho de rato, como Marie costumava dizer quando era criança. Olhou sobre a bancada da pia e achou uma bolsinha do hotel... Escovou os cabelos, os dentes duas vezes, lavou o rosto... e o sangue dela congelou.

— Jesus! O que aconteceu? De onde vieram essas marcas? — exclamou Lilly, ao perceber algumas manchas arroxeadas na base do pescoço.

— O Brian te chupou — Gabe disse feliz, todo ensaboado no boxe. Ele tinha feito um moicano no cabelo com o xampu.

— Me chupou? — a voz de Lilly saiu mais fina que um miado de gato. Ela virou-se para encarar o responsável. — Você me chupou... aqui? — perguntou apontando uma marca que mais parecia uma mordida em sua clavícula.

Ainda de cueca, mas agora de frente, Brian olhou para Lilly, que tentou ignorar o volume entre as pernas grossas e a reação das próprias partes íntimas com a imagem...

Senhor do Céu!

Será que ter pau grande era pré-requisito para fazer parte da banda?

Brian parecia se divertir... feliz até e ele estava feliz mesmo, e não completamente em pânico ou arrancando os cabelos, ou procurando a saída mais próxima. O que era de se esperar numa situação como a dele.

Ver a forma como Lilly reagia a ele, era do caralho! Ainda mais depois de ter experimentado o que aquela boquinha, nada tímida, podia fazer à boca e à pele dele. Impossível evitar que o seu corpo ignorasse as lembranças do que acontecera na noite anterior.

Porra, a noite anterior!

Flashes de risadas, palavras, lábios, peles, sons e gemidos...

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Isso não é certo...*

— *É certo, sim...*

— *Vai se arrepender...*

— *Sei o que estou fazendo, Lilly...*

— *Não vou fazer isso, Brian...*

— *Ah! Vai sim, senhora!*

— *Vai continuar a me beijar desse jeito se eu fizer?*

— *Entre outras coisas, baby...*

— *Então, eu acho uma boa ideia!*

A esta altura a ereção dele já não era mais segredo e ele não estava preocupado em escondê-la.

Fato que deixou Lilly desconcertada. Ela esperava que ele sentisse, no mínimo, um pouco de remorso, mas não aquilo... o descarado estava excitado!

Tentando desviar o olhar, até porque ela não conseguiu ver se ele tinha um piercing lá... Lilly respirou fundo uma, duas vezes. Precisava saber que diabos ela aprontara na noite anterior. Encarou Brian da melhor forma que conseguiu, tentando mostrar uma autoconfiança e dignidade que não tinha no momento.

— Só fiz isso porque implorou. Achei que seria educado retribuir as chupadas que me deu. Desculpa se te marquei. Acho que me empolguei.

— Eu te chupei? Jesus? Onde? Quando?

— Você não lembra?

A cabeça de Lilly balançou lentamente.

— Lembra de alguma coisa?

— Da mesa de pôquer.

— Depois?

— Branco total.

Um calafrio percorreu a espinha de Brian. Toda a empolgação que ele estava sentindo se esvaiu.

Não é possível, é?

Brian examinou as feições da bela e desgrenhada mulher à sua frente. Parecia genuinamente confusa.

Qual é, Brian!

Homens é quem são os canalhas e usam essas desculpas.

Respirou 985 vezes tentando manter a calma e a coerência, mas foi impossível...

Todo mundo estava bêbado, mas não a ponto de não saber o que estavam fazendo. Pelo contrário, Lilly parecia decidida uma vez que, foi ela quem tomou a atitude de beijá-lo na limusine a caminho do bar das *strippers*. Foi ela quem sugeriu um duelo depois que Penne a induziu a se

casar com ele ou com Gabe.

Puta que pariu!

Ela adorou a sugestão dele para uma queda de braço! Como ela não lembrava?

Ela foi a juíza!

Porra!

Brian respirou fundo, mais uma vez.

— Lilly, a gente precisa conversar — falou, tentando reunir todas as forças. — Tem problemas com álcool? Já foi para a reabilitação? Sofre de amnésia etílica? Conheço um cara que trabalha com hipnose que pode ajudar.

Brian assistiu os olhos dela irem dobrando de tamanho... a boquinha indecente, de tão apetitosa e carnudinha, abrindo e fechando...

— Deus do céu! O que foi que eu fiz? Não... nunca fui para a reabilitação! — Àquela altura ela já desconfiava, mas discretamente, deu uma olhada na mão esquerda e nada. — Só que... eu... eu nunca bebi tanta vodca assim e, pelo jeito, bebi champanhe também e talvez um pouco de vinho tinto, e whisky. Droga! E nunca me abandonaram no altar! Caramba!

A expressão de Brian endureceu.

Ai, meu Pai!

Isso não é bom sinal, né!, pensou Lilly.

Um segundo depois, um grito de Mark ecoou da sala, seguido de uma enorme discussão entre ele, Penne e Big... confirmando que a coisa devia estar preta. Gritaria, que se estendeu até a porta do banheiro e continuou bem diante de um Brian e uma Lilly catatônicos e um Gabe claramente ainda bêbado.

— Vocês dois para a sala, já! Onde estavam com a cabeça? — Mark parecia estar a ponto de explodir.

Ferrou!, pensou Brian.

Deus, me ajude!, pediu Lilly.



8

Enquanto esperava, não tão pacientemente, que todos se encaminhassem para a sala de estar da suíte, Mark estava com a cabeça a mil.

Eram tantas as perguntas... Por que ele sempre reservava o andar inteiro, se os caras acabavam na mesma suíte? Por que ele ainda se enganava e dormia acreditando que todos iriam se comportar? Por que ele não seguiu o conselho da mãe e virou médico?

Por quê?

Por quê?

Com os seus seis problemas espremidos no grande sofá da suíte máster, Mark andava de um lado para outro, rezando para que os deuses do Tibet trouxessem para ele um pouco de calma.

Seis problemas, não mais cinco. Porque Lilly era nada mais do que aquilo... um novo problema para ele.

Se já não bastassem, a instabilidade da Penne, que o fazia ficar em alerta, vinte e quatro horas por dia, a preocupação constante com Gabe e a tendência às drogas, as brigas de Big, que vivia entrando em confusões que não eram dele, e as inúmeras fãs apaixonadas por Adan, que o fizeram ter uma conta aberta no laboratório de DNA, agora o Brian. O único sensato do grupo resolvera enlouquecer!

Porra!

Porra!

Porra!

— Vocês sabem o porquê desta reunião?

— Sim — o grupo inteiro respondeu, seguido de um: — *Eu desconfio* — quase inaudível de Lilly.

Na mesma hora, Lilly sentiu as mãos de Brian envolverem as dela. O primeiro impulso foi tirá-las, mas o calor reconfortante da pele dele na dela, fez um efeito imediato apaziguador. Uma avalanche de emoções e a vergonha faziam o coração dela bater descompensado.

— Sabem que são a porra de uma banda que emplaca, no mínimo, três hits semanais em top 10, há cinco fodidos anos?

— Sim.

— Estão cientes de que este é um negócio *SÉRIO* de bilhões de dólares?

— Sim.

— Sabem que, para cada passo que dão, tem sempre um babaca de um *paparazzo* intrometido e louco para ganhar alguns milhares dólares em cima de qualquer imagem de vocês?

— Sim.

— Lembram-se de quando eu disse que tudo era permitido, desde que agissem com um mínimo de discrição? Quantas vezes eu falei que eram livres para fazer o que quiserem, foder quem quiserem, ir às porras dos clubes que quiserem, mas o único mísero favor que EU pedi era para não se exporem?

— Uma porrada de vezes. — A resposta foi unânime.

— Olha só... — Mark bateu palmas. — Estou impressionado que lembrem do que implorei, então por que me desobedeceram?

— Mark, olha só... — Adan começou a falar, mas o empresário levantou o dedo dramaticamente, levando-o à testa, como se quisesse conter um derrame eminente.

— Sabem... hoje eu acordei animado, mesmo depois de uma noite infernal... minhas bolas pisoteadas latejaram a noite toda... tive pesadelos sonhando que meu pau nunca mais subiria... e que o Richard me largaria. Porém, mesmo assim, acreditei que seria um bom dia... um magnífico dia de folga! Aí, chego aqui e descubro... — Faz outra pausa dramática. — Um... que passaram a perna na equipe de segurança, mais uma vez. Dois... que o meu vocalista estava se atracando com duas prostitutas. Até aí normal, estranhei que não fossem mais. Três... que a minha adorável banda foi abduzida pela fada verde do vômito. Poxa vida! Dei um desconto... Afinal, são jovens e estão estressados...

— Então... sobre ontem... — Big começou a argumentar, mas recebeu um olhar mortal de Mark, que respirou fundo e recomeçou a falar:

— Calma, que a coisa só melhora! Não sabem como eu fiquei feliz quando um "superamigo" me ligou hoje cedo — Mark enfatizou as aspas com os dedos — tão alegre por ter visto vocês em cada porra de tabloide, site e programa de celebridades do planeta. Pensei... bom! Meus meninos são estrelas, quanto mais brilharem, melhor, não é mesmo? — Passou a mão freneticamente nos cabelos. — Sabiam que até agora, já temos mais de quinze milhões de novos posts no site oficial? Elogios, é verdade, mensagens de apoio, não posso negar, mas, em contrapartida, também tivemos centenas de fãs histéricas e deprimidas dizendo que querem morrer! *MORRER*! Vocês viraram o quê? Aquela porra da baleia azul assassina?

— Credo, Mark, vira essa boca pra lá... Aquela merda de baleia é uma puta roubada!

— Quieta, Penne! Sou eu quem fala agora!

— Não grita com ela, Mark!

— Eu sei me defender sozinha, Adan!

— Ingrata da porra!

— Pescador de piranha!

— Oooos dois, querem calar a boca? Quem disse que eu estou gritando? Vocês ainda não me viram perder a cabeça, mas eu juro, estou a um triz de implodir!

Como que por milagre, Dilon entrou no quarto interrompendo a discussão. Ele trazia um carrinho abarrotado com café, água, suco de laranja, um vidro de Advil, além de antiácidos.

— Valeu, cara! — Brian agradeceu ao anjo da guarda da banda. — Minha cabeça parece uma britadeira.

Os cinco saltaram em cima do carrinho, como se fosse uma tábua de salvação.

Ciente de que era a causadora de todos os males que atingiam Mark... Lilly ficou imóvel. Por mais que a cabeça dela também latejasse, seria muita cara de pau buscar por alívio. Merecia a dor. Sabia que as bebidas eram para os meninos, não para ela.

Então... ficou grata quando Big sentou-se novamente ao seu lado e lhe entregou um copo borbulhante de antiácido; e um pouco excitada, quando Brian colocou à sua frente outro copo com suco de laranja e dois comprimidos de Advil... e, por fim, feliz, vendo Gabe depositar uma xícara de café preto fumegante.

E... pela primeira vez em anos... Lilly sentiu-se parte de uma família novamente. Um bando de caras doidos, tatuados, que se xingavam e se batiam, mas que, no fundo, cuidavam uns dos outros.

Penne também voltou a sentar, mas agora no canto oposto, bem longe do Adan fodedor. Sorriu, pois não conseguiu conter a emoção. Ver Brian e Gabe cuidando de Lilly significava muito para a loirinha. Finalmente, depois de seis anos de banda, ela deixaria de ser a única mulher do grupo. Seria maravilhoso ter a amiga no dia a dia. Era difícil dividir com Lilly os segredos e angústias só por telefone.

— Estão todos medicados?

Um sim geral pipocou.

— Daqui a meia hora, ninguém mais vai se lembrar dos litros de álcool ingeridos, eu

espero. — Mark voltou a se posicionar em frente ao sofá. — Bom... eu ainda não terminei. Onde eu estava mesmo? Ah! Na mídia... não imaginam como eu vibrei com o roteiro detalhado e maravilhoso que li nos sites. Detalhes e mais detalhes de uma noitada animada! Lembram-se de como foi divertido? Posso apostar que NÃO! Primeiro, os senhores decidiram perder cem mil dólares no Cassino. Nada de mais, afinal, somos bilionários e estamos em Vegas!

Mark começou a ficar verde e Lilly achou que ele também iria vomitar.

— Hey! Eu ganhei vinte pratas nos caça-níqueis! — Brian vibrou, batendo a mão dele na de Gabe.

— Nossa, que impressionante! — Mark revirou os olhos. — Depois, segundo o depoimento dos fãs que os seguiam, a nossa intrépida Penne, apoiada por Adan e Brian, começou um discurso inflamado para convencer a Lilly do quanto era genial a ideia de casar-se em Vegas. Olha só que beleza e como foder com tudo é bobagem no dicionário de vocês... Para quê encerrar a noite por aí, não é mesmo? — As veias das têmporas de Mark pulsavam. — Não satisfeita, Penne regeu um coral de fãs que pedia para a Lilly escolher um de vocês. Parece que a pressão surtiu efeito, porque a nossa adorável bonequinha aceitou, não é mesmo?

— Aceitei? — Lilly quase engasgou e Gabe riu satisfeito. Brian deu um tapa na cabeça do amigo.

— Ah, sim, aceitou! — O coração de Lilly parou ao ouvir Mark. — Agora, meus amores... posso saber a que horas foi feito um pedido? Desde quando Brian estava interessado na garota?

Há uns quatro anos, talvezzzz?, Brian quis confessar, mas mudou de ideia.

— Hum-hum... — Brian limpou a garganta. — Na verdade... é que... não teve um pedido... quer dizer... foi meio que... decidido na queda de braço... quando a gente voltou para o quarto, para pegar o vestido de noiva. Estava entre mim e Gabe.

Mark engasgou e Gabe abaixou a cabeça, batendo-a por diversas vezes na mesa de centro em frente ao imenso sofá.

— Não acredito que perdi a gata! Isso foi roubo! O Brian é muito mais forte do que eu! Deveria ter sido no par ou ímpar, aí eu teria mais chances! Eu quero uma revanche!

— Pode esquecer! Não te dou revanche porra nenhuma! — Os dois amigos começaram a se bater.

— Chega, vocês dois parecem crianças! Brian! Gabe! Isso explica algumas coisas... Belo modo de se escolher um marido, senhorita Lilly! Ou seria senhora Pierce, agora?

A boca de Lilly abriu e fechou... Grunhidos saíram, mas as cordas vocais dela não

obedeciam.

Big pigarreou.

— Senhora Lilly Emanuelle Peterson Lincoln Pierce, para ser mais preciso. Eu e a Penne somos os padrinhos!

— Padrinhos? Que maravilha! E posso saber o porquê do passeio de limusine às duas da manhã, justamente para a Luxury? Sabem que aquela boate tem a fama mais do que duvidosa pelas danças exóticas e prostitutas!

Adan caiu em uma gargalhada.

— Qual é, Mark? Um homem não pode se casar, sem ter uma despedida de solteiro decente! Isso é básico!

— Vou dizer o que é básico aqui! — Mark parecia inconformado.

Já o resto do grupo parecia achar tudo muito engraçado. Menos Lilly, que estava tremendo e sem ar... com as cordas vocais ainda congeladas e o cérebro a milhão... totalmente apavorada, excitada, envergonhada, animada, curiosa, grata e casada.

Caramba!

Eu casei para valer... com o Brian!

Nossa Senhora Santíssima, e agora?

— Sabem o que é básico? — Mark bateu palmas, pedindo a atenção de todos. — As imagens que o gerente da boate vendeu para a imprensa! Os pombinhos se atracando em cima do bar e depois, no sofá e por último, o show de *striptease* com que o Brian e os seus amigos solidários presentearam a noivinha e a madrinha!

— Aquilo foi fantástico! — Penne empolgou-se e Lilly fez uma promessa secreta de nunca mais beber tanto assim. *Como ela foi esquecer de uma coisa daquelas? E se casar?*

— Fantástico, Penne Love? Trágico, isso sim! Graças a Deus, o gerente teve o bom senso de parar o show antes que vocês tirassem as calças. Pois nós sabemos que nem todos vocês gostam de usar cuecas. Não é mesmo, senhor Gabe?

— Não tenho culpa se a minha pele é sensível!

Mark riu com desgosto e voltou a falar:

— Mas o melhor vem agora! Meu precioso grupo de rock parou na primeira capela vinte e quatro horas pelo caminho, caindo de bêbados! Não preciso nem dizer que as fotos divulgadas pelo pastor, vestido de Madonna, ficaram ótimas... Brian e Lilly quase transando no altar... Big e

Penne socorrendo Gabe que vomitava em um vaso! O senhor Adan atracando-se com as duas prostitutas, que depois fodeu neste sofá. — Apontou para o móvel no qual todos estavam sentados.

— Que nojo! — gritou Penne, levantando-se e indo sentar sozinha, em uma poltrona.

— Então, senhores, eu lhes pergunto… Para que porra me contrataram? Têm noção de quantos milhares de dólares estou gastando neste exato momento, para tentar transformar essa merda toda em um lindo caso de amor e uma divertida despedida de solteiro?

— Eu... eu sinto muito. Faço questão de arcar com o prejuízo — Lilly achou a voz e foi a primeira a se manifestar. — É tudo culpa minha. Posso ir à imprensa falar que tudo não passou de brincadeira. Podemos anular o casamento.

O coração de Brian deu um salto ao perguntar:

— Você quer anular? — *Eu não quero anular porra nenhuma!*

Mark cruzou um braço na cintura, bateu o pé e cutucou a ponta do nariz pensativo.

— Acho que anular seria o caminho mais sensato. Se até Britney anulou o casamento dela, vocês também podem.

— Não, Brian! Não, Lilly! Não podem anular o casamento! Não depois de tudo! Foi tão perfeito! — Penne levantou-se, indo direto para Lilly, sentou na mesinha de centro e segurou as mãos da amiga. — Pense no testamento. Além do mais, Lilly, você me disse que sentia muita atração por Brian e gostou do beijo!

As bochechas de Lilly pegaram fogo. Agora, todos saberiam.

Merda! Merda!

— Eu disse?

— Ela disse? — Brian perguntou ansioso e um sorrisinho presunçoso desenhou-se em seu rosto.

Gabe deu um tapa nas costas do guitarrista, orgulhoso do amigo.

Brian aceitou o golpe, sem retrucar. Ele também sentia atração por ela e gostou do beijo. O fato dela não se lembrar era só um detalhe que ele poderia corrigir facilmente.

— Disse! — Penne abriu um sorrisão e piscou para Brian. — Vai ver pelas fotos. A sua cara de satisfação estava incrível!

— Ai, meu Deus! — Lilly afundou o rosto nas mãos.

Como foi confessar aquilo?

Maldita bebida!

Eram tantas as perguntas...

Como era a cara dela achando o beijo incrível?

Se gostou tanto, por que esqueceu?

Como foi se meter naquela roubada?

Estar casada com um homem que ela mal conhecia. Tudo bem que Brian era o primeiro na lista de Top Perfeitos, mas também era alguém de quem ela não sabia quase nada.

— Que testamento é esse que a Penne falou? — Mark ficou totalmente confuso. — Deus do céu... Por acaso, o que fizeram viola as regras da comissão de valores?

Big coçou o queixo.

— Acho que viola todas elas.

O coração de Mark parou, deu um pulo, parou de novo e deu outro pulo.

— Estamos lascados! — berrou.

A próxima hora foi gasta entre acalmar Mark e explicar a ele as cláusulas do testamento.

— Têm noção da merda em que os dois se meteram? Isso não é brincadeira! — Mark desesperou-se. — É claro que vão pensar que só fizeram isso para salvar o dinheiro. Nem se conhecem.

— Não é bem assim! Conheço a Lilly há quatro anos — Brian argumentou.

— É verdade, nos conhecemos há um tempão e as cláusulas do testamento são confidenciais. Só poucos da família e os advogados sabem. — Lilly o apoiou. Era o mínimo que poderia fazer diante de tudo.

— Todos nós podemos confirmar — Ethan falou. — Temos fotos juntos, Lilly até comprou uma casa quase ao lado da nossa.

— Mas o Will não era contra? — Brian admirou-se. — Pensei que tivessem desistido da casa.

— Era contra, mas... eu a comprei mesmo assim — Lilly murmurou com timidez.

Adan tossiu e foi até Brian, colocando a mão em seu ombro para apoiá-lo.

— A melhor coisa é a verdade. Encheram a cara, sentiram tesão e fizeram merda.

— Não posso ir à imprensa com isso — Mark bufou.

— Só diz que casamos, porra! E foda-se o que pensarem! — Brian perdeu a paciência. — Não sou obrigado a dar satisfação de cada passo meu!

Sem saída, fizeram uma conferência telefônica com o tio Eduard. O único em quem Lilly podia confiar, além dos amigos e de Marie, é claro.

Todos os prós e contras foram discutidos, assim como as possíveis consequências legais de uma denúncia por fraude. Acabaram concordando que o caminho mais seguro era o proposto por Adan. A loucura etílica e impulsiva dos dois estava clara pelas fotos. Nada de anulações.

Decidiram que tanto Lilly quanto Brian teriam que arcar com a bebedeira da noite anterior. Um escândalo agora poderia pôr a perder o sucesso da banda, e a boa reputação de Lilly como artista plástica. Sem falar que... um ano passaria rápido.

O que menos importava naquele momento era o que os dois realmente queriam. Ou negavam ou assumiam tudo de forma convincente. Uma coisa era certa: no segundo em que Mark passou uma cópia da certidão de casamento para os advogados de Ava, todo o mundo daqueles dois inconsequentes havia se alterado.

— Cacete! Eu me casei pra valer! — Brian não conseguia acreditar. — Mas e agora?

— Eu não sei. Acho que não muda muita coisa — Lilly disse baixinho para Brian. O cara já tinha feito um imenso favor a ela. Não poderia exigir mais nada. — Você continua na banda e eu volto para casa. De vez em quando, a gente se encontra. Não é isso?

— Acho que é. — Brian estava confuso, esperava que os dois passassem mais algumas horas juntos, pelo menos, para mostrar como ela tinha gostado de beijá-lo.

— Temos que encher a cara de novo para comemorar! — Big foi logo até o bar e pegou uma nova garrafa de whisky.

Penne e Gabe bateram as mãos em sinal de acordo.

— Concordo! Precisamos de uma festa.

— Que porra de festa, o caralho! Pelo menos não agora! Quero todo mundo circulando. Cada um para o seu quarto. *Já*! — Mark arrancou a garrafa de Gabe, expulsando todo mundo. — Brian e Lilly vão para suíte dele. Vocês têm muito que conversar.

— Para a suíte dele? — Lilly quase engasgou. — Eu pensei que voltaria para casa.

Mark explodiu em uma gargalhada.

— Pensou errado, queridinha! Trouxe bagagem?

— No meu carro. Deixei com o manobrista ontem à noite. — Lilly, ainda aturdida, alcançou a bolsa jogada em um canto da sala e entregou o voucher do estacionamento para Mark. — É uma *Maserati GranCabrio* vermelha. Será que dá para pedir para levantar a capota, larguei tudo de qualquer jeito.

— Uau! Belo carro — disse Mark, impressionado. — Vou mandar a bagagem ser entregue no quarto do Brian e vou avisá-los sobre a capota.

— Obrigada! Meu pai adorava *Maseratis* — Lilly disse com um tom carinhoso. — Acha mesmo necessário eu ficar no mesmo quarto que o Brian? Não quero tirar a privacidade dele. Essa coisa de casamento é meio de mentirinha. Você sabe, né? Talvez, seja melhor eu voltar para a casa ou ficar em outro quarto.

É óbvio que é necessário. No meu quarto, na minha cama e em mim..., Brian pensou animado.

— Minha querida, pensasse nisto antes. Não percebe que todos os olhos estarão voltados para vocês? Qualquer passo em falso e já era. Acho bom irem se acostumando. Os dois vão ter que conviver o máximo possível e é bom que sejam convincentes. Seu tio foi bastante claro, Ava vai querer questionar a veracidade do casamento. Além do mais, pessoas recém-casadas gostam de ficar juntas. Não a quilômetros de distância um do outro. Este é um dos efeitos do amor. — Mark riu e Lilly sentiu o coração palpitar inúmeras vezes. — De jeito nenhum vou manter vocês separados. Vou fazer a minha parte sobre essa louca história de amor, mas preciso que os dois me ajudem.

— Ajudar como? — agora foi a vez de Brian perguntar.

— Repetindo em público o mesmo fogo que mostraram nas fotos. Quanto tempo seria a sua lua de mel, Lilly? Tem algum emprego ao qual precisa retornar?

— Ficaria fora por um mês. E eu não tenho exatamente um emprego fixo. Sou artista plástica, lembra? Trabalho no meu ateliê e as minhas obras circulam entres as galerias de arte. Devo ir para Londres em breve, mas ainda não confirmei a data.

— L. E. Peterson! É você? — Mark arregalou os olhos e pôs a mão no peito em sinal de espanto. — A garota que conheci em Miami virou a artista responsável pela sequência em aquarela do pôr do sol em Veneza?

— Sim, você viu as minhas obras? — Um sorriso iluminou o rosto de Lilly e Brian a achou ainda mais adorável. — Eu as pintei aos dezesseis anos, na última viagem que fiz com meus pais.

— Deus Santíssimo, se eu vi? — Mark bateu a palma da mão na testa, claramente, em êxtase. — Querida, eu comprei aquelas telas! Galery Oxford em Londres!

— Não brinca! — Lilly gritou.

— Caramba! — Brian parecia não acreditar em como o mundo era pequeno. Ele também estava em Londres, mas bêbado. Tanto que não aceitou o convite de Mark para a tal galeria. — Que coincidência!

— *Crazy Boy*[17], não acredito em coincidências. Destino talvez. Simplesmente amo as tonalidades e luzes que a Lilly utilizou. As gôndolas sobre a Ponte dos Suspiros são exatamente como as vi ao vivo. Brian, sua noivinha é um talento!

— Noivinha, não. — Abriu um sorriso e Lilly não pôde deixar de reparar que duas covinhas apareceram no rosto dele. *Nossa, mãe! Ela adorava covinhas. O homem mais lindo do mundo.* — Minha mulher — disse Brian presunçoso.

— Menos empolgação, Brian. Os advogados precisam validar a certidão. Até lá, sugiro que mantenha esse pau bem guardado e que esperem para consumar.

Mark lançou um sorrisinho sacana, Lilly estremeceu, o coração começou a bater a trezentos por hora e o rosto pegou fogo.

Consumar?

Que parte da mentirinha eles não estavam entendendo?

— Posso falar que você é você? — Mark perguntou do nada, apontando para Lilly. Uma expressão de dúvida surgiu em seu delicado e assustado rosto. — A artista plástica? Isso vai ajudar muito com a imprensa. Já até imagino a história romântica que vou criar! Ai, Jesus seja louvado! Não estamos tão na merda, afinal.

— Que história, Mark? Não pode sair criando fatos e nos deixar no escuro aqui. Precisamos parecer de verdade, lembra? — Brian exasperou-se.

— Calma, *Lover Boy*. Ainda não inventei nada. Primeiro, enfiem-se naquele quarto e não saiam até eu mandar. As pessoas pensam que estão apaixonados, então, precisamos deixá-los acreditar que estão fodendo até desmaiar. Depois, entro em contato sobre os próximos passos. Mas já te aviso, minha pequena pintora... Está colada ao UB pelos próximos trinta dias e os dois vão fazer direitinho o que eu e seu tio acharmos melhor, combinado?

— Mas vocês não estão em turnê? Vou acabar atrapalhando.

— Ah, minha pequena artista. Você acaba de entrar em turnê com a banda. Brian vai te explicar todo o esquema. Vou garantir que os dois fiquem com um dos quartos de casal. Adan e Big que se matem pelo outro. Os dois são tão culpados quanto vocês. Acho justo que paguem pelas

consequências também. Recém-casados não podem compartilhar um beliche. Além do mais, o entra e sai no *Palazzo* QG[18] móvel da banda é muito grande, não podemos arriscar. Agora, vão. Chega de enrolar.



9

Os vinte passos até o quarto do Brian foram os mais longos da vida do casal. Lilly riu ao ver o seu mais novo marido recostar no batente da porta e esperar por ela. O sorrisinho que ele lhe deu em troca foi pura tentação.

Ai, caramba, estou lascada.

Ele é mesmo muito magnífico!

Por mais que ela achasse Gabe um dos caras mais gatos que já tinha posto os olhos, ficou secretamente feliz por ter sido Brian o vencedor da disputa. O baixista nunca despertou nela um milésimo dos pensamentos impuros que Brian despertava.

O ar dos pulmões de Lilly pareceu desaparecer. Ela demorou uns bons segundos, para juntar os pensamentos dispersos. Precisou se esforçar para não tropeçar e estabacar-se no tapete vermelho florido, que revestia o corredor do hotel.

O que esse homem tinha na cabeça quando quis se casar comigo?

Por que ele ficava mais irresistível, a cada segundo?

— Tudo isso é medo de entrar no meu quarto? — O músico arqueou uma das sobrancelhas morenas. — Se andar mais devagar, daqui a pouco, vai dar ré.

— Não estou com medo — ela retrucou assim que ficaram cara a cara. — Deveria?

Brian revirou os olhos balançando a cabeça

— Lógico que não. Sou só eu... o seu marido.

Jesus!

Sim, o meu marido!

Ele retirou um cartão magnético do bolso e abriu a porta. Antes que Lilly pudesse passar, enlaçou-a pela cintura... em um único movimento, ela já estava nos braços dele e não pôde evitar um suspiro.

Um formigamento brotou na base de sua espinha. *Uau!* Os olhos dele eram extremamente lindos de pertinho. Nunca tinha visto um tom assim, azul-escuro, meio violeta.

— Desculpe, mas sou um cara tradicional. Tenho que carregar a noiva.

— Não fez isso ontem?

Brian inclinou-se, chegando mais perto do ouvido dela.

— Shhh... Fiz, mas vou lembrá-la de cada coisa que esqueceu sobre ontem à noite.

Um outro suspiro escapou e uma excitação esquentou a lateral do pescoço dela, que, instintivamente, virou a cabeça ficando a milímetros do nariz de Brian. Seus lábios quase encostaram, então, para aumentar a distância entre eles, Lilly apoiou uma das mãos no peito musculoso e os dedos dela roçaram no piercing no mamilo.

Nem pense nisso, Lilly!

Resista!

— Sensação engraçada. — Sorriu tímida ao cutucar a pequena argola de prata sob a camiseta dele. — Doeu para colocar?

— Não tanto quanto em outros lugares. — Brian deliciou-se com a cara de espanto dela.

Com certeza, sua esposa estava imaginando sobre quais outros lugares ele estava se referindo. Do nada, pequenos dedos curiosos puxaram a argola.

Ah! Sensação do caralho!

— Aiiii — grunhiu ele, como se estivesse sentindo a pior dor do mundo, colocando-a de pé na entrada da sala da luxuosa suíte.

— Ai, poxa vida! — Por instinto, Lilly esfregou e assoprou o mamilo dele sobre a camiseta. Parecia uma mãe tentando acalmar um filho ralado.

O que diabos a Pequenininha estava tentando fazer?

Deixá-lo mais excitado do que já estava?

Brian apertou o peito tentando acalmar o tesão em seu mamilo.

— Desculpa, não queria te machucar! Eu e essa mania impulsiva de pegar e apalpar tudo.

Uma sobrancelha escura de Brian levantou.

— Gosta de pegar e apalpar tudo?

O quê?!

Lilly revirou os olhos.

— Para o seu governo, sou uma pessoa tátil. Deve ser a minha curiosidade artística. Nem todo mundo aprecia muito esse meu jeito. — Lilly afastou-se e respirou fundo para conter a euforia. Ele muito próximo era um perigo e tentando desviar a atenção, examinou a decoração moderna e *clean* da suíte.

— Acho que temos um ponto em comum. — Brian fechou a porta, com um coice. — Sou

bastante tátil também. Gosto de pôr as mãos em tudo e concordo, nem todo mundo entende... já levei muito tapa na cara por ter esse lado explorador.

— Está dizendo isso só para me sentir melhor, né? Desculpa se te machuquei.

— O lance de ser um cara tátil é verdade. — Ele riu, foi até o bar, pegou duas garrafas de água; entregou uma para Lilly, que continuava rondando a sala e o encarando com cautela.

— Calma, estava só brincando. Não senti dor, pelo contrário. Só dói se puxar forte demais. Agora... chupar ou puxar de leve a argola dá uma sensação do caralho. Acredite, tem ligação direta acendendo outras partes do meu corpo. — Piscou malicioso.

Lilly engasgou e virou de supetão para o outro lado, quase atropelando um vaso com uma palmeira. *Droga!* Avistou e dirigiu-se para umas das poltronas de couro branco, ao lado da porta de vidro da varanda. A intenção dela era manter-se afastada da cama e dele o máximo que conseguisse.

Esta suíte certamente é melhor do que a outra.

Uma enorme *jacuzzi* na varanda, com água borbulhante, reinava majestosa ao ar livre.

As palavras de Brian sobre ligação direta fizeram os pensamentos de Lilly irem a todas as direções inadequadas. Estava atiçada pelo jeito extrovertido e espontâneo dele. Will era quase sempre tão... tão contido. Chegando a repreendê-la quando arriscava algumas palavras mais picantes.

— Tem um piercing igual ao do Gabe? — perguntou, antes que pudesse policiar as palavras.

— Igual ao do Gabe? — Brian questionou-a, esparramando-se no sofá.

— É... lá... no...

Lilly parou de falar na hora. Não porque estava envergonhada. Estranho, mas sentia-se à vontade perto dele, assim como era com Penne e Big. O problema é que, talvez, estivesse sendo invasiva e curiosa demais. Por mais aberto que ele parecesse, sabia que nem todos os homens gostavam de ter seus documentos investigados.

— Lá no meu pau? — completou, parecendo pouco se importar e ainda se divertir. Depois, levantou uma sobrancelha inquisidora. — Andou reparando no pau do meu amigo, senhora Pierce? Mal acabamos de casar e já está pensando em me trair?

O *quê?*

As bochechas dela queimaram na mesma hora. Sem graça, encolheu as pernas sobre a

poltrona. A quantidade de tecido do vestido era descomunal. Afofou tudo e acomodou-se na cadeira.

Devia estar parecendo um boneco de neve.

Mesmo que Brian estivesse no direito de perguntar sobre Gabe, afinal, como saberia do piercing lá, se não tivesse dado uma boa olhadela... não gostou. Costumava ser muito fiel em suas relações.

— Fique sabendo, senhor Pierce, que costumo ser fiel em minhas relações. — Lilly lançou uma cara de indignação. Brian sorriu e os olhos azuis-violeta iluminaram-se. — E em minha defesa, digo que foi meio difícil ignorar a anatomia dos seus amigos com os dois tão nus à minha frente!

Uma gargalhada deliciosa invadiu a sala da suíte. Brian sentiu um bem-vindo alívio ao saber que sua esposinha prezava pela fidelidade. Casos de infidelidade sempre lhe trouxeram muita dor, tanto na infância como na fase adulta.

— Tão nus? — Brian gargalhou de novo. — E existe, por acaso, alguma outra forma de ficar pelado?

— Não! Quero dizer, lógico que não. Pelado é pelado.

— Isso te incomoda? Posso proibi-los de andar nus na sua frente. Isso na estrada costuma acontecer muito. Estamos tão acostumados a dividir o palco, a casa, a estrada e os camarins, que ficar sem roupa na frente uns dos outros, tornou-se algo irrelevante. Mesmo para Penne.

— Não, por favor, não faça isso! A última coisa que eu quero, é que mudem os hábitos por minha causa. A intrusa nessa história sou eu e, na verdade, não me incomodo. Eles são bonitos de se olhar. — O rosto de Brian contorceu em uma expressão de desagrado. *Ai, Jesus! Conserte isso, Lilly!* — Quer dizer... não que eu pretenda ficar olhando, claro.

Brian levantou-se do sofá com os olhos fixos nos de Lilly. Irritou-o que ela se sentisse como alguém que não deveria estar ali. Os dois estavam juntos! Quer dizer, pelo menos, pelos próximos doze maravilhosos meses. Assim ele esperava.

— Não é uma intrusa, Lilly. Faz mais parte disso tudo do que imagina. Nunca mais repita isso ou pense desta maneira. Está me ouvindo? Antes mesmo de ontem, você já era a melhor amiga de Penne e Big... o que, por si só, a torna mais adequada aqui do que eu, o Gabe ou o Adan.

— Como assim?

— Apesar de hoje, todos sermos donos da banda... quem a fundou foi Big e você já fazia parte da vida dele bem antes que qualquer um de nós. E até aonde eu sei, *No Rules*[19] foi coisa

sua, não é verdade? Lembra que esse foi o tema da nossa primeira música de sucesso?

Lilly sorriu com a lembrança. Bons tempos aqueles em que os três costumavam passar horas na praia, à toa.

No Rules era o lema que ela inventara. Todos vinham de famílias tradicionais. Cheios de regras para tudo... Sonhavam com o dia em que fossem donos de seus próprios narizes. Sem regras para a arte, para se expressar ou amar. Pena que para ela... tirando a arte, esses sonhos não se realizaram daquela maneira.

— Tinha me esquecido disso. — Lilly encarou Brian e ele parecia realmente interessado no que ela tinha para dizer. — *No rules*... A gente sonhava com a liberdade para escolher o nosso próprio caminho. Meus pais eram ótimos, mas, de certa forma, já tinham um destino traçado para mim.

— Exatamente o tema central da música. — Ele fez cara de *entendeu agora?* — Seus pais... eles não queriam que pintasse? — Brian sentou-se na mesinha de centro, na frente dela e tomou um longo gole de água.

— Não é isso. — Lilly sorriu amigavelmente e cruzou as pernas em posição de lótus, endireitando-se na poltrona. — Meus pais até me incentivavam na pintura, mas nunca viram isso como uma profissão de verdade. Meu irmão Andreas era o substituto natural do meu pai nas empresas. Eu e a minha irmã deveríamos seguir o mesmo caminho da nossa mãe. E isto me assombrava na adolescência.

— Qual caminho?

— De esposa perfeita, totalmente dependente do marido. Sei que a minha mãe amava o meu pai. Talvez, ela tivesse nascido para desempenhar o papel de boa mãe e esposa dedicada exclusivamente à casa. Eu sempre fui mais independente. Morria de medo de casar com alguém que acabasse me proibindo de pintar. Hoje, faço algumas viagens para cumprir os compromissos nas galerias, muitos homens não levariam isso numa boa.

— O babaca te apoiava?

— E isso importa? — As feições de Lilly entristeceram. — Acho que tudo o que vivi com o Will nos últimos anos foi uma farsa.

— Para mim importa. Vê-la sofrer me tocou num nível que não sei explicar... Primeiro fiquei com raiva e depois feliz... Louco, né? Graças ao otário estamos aqui... casados — Brian disse sem pensar e Lilly manteve-se quieta.

Droga!

— Esquece... Às vezes, eu sou um panaca. Tenho mania de romantizar as coisas... — o músico confessou, sentindo-se um marciano.

Pelo menos, ele não tinha dito que acreditava em destino e vidas passadas.

— Tem? — Lilly quase suspirou.

— O quê?

— Mania de romantizar?

— Sou um compositor, romantizar faz parte do pacote. — Brian levantou os ombros fazendo pouco caso. — Pela reação do Mark, você deve ser uma artista e tanto. Adoraria ver a sua pintura. — Ele tentou uma abordagem mais suave.

Agora Lilly tinha suspirado.

— Adoraria? Sério?

Brian balançou a cabeça devagar afirmando.

— Quero te conhecer, senhora Pierce. Se pintar te realiza, tanto quanto tocar me completa... acho que deve fazer o que te dá tesão. Serei um homem morto no dia em que não puder mais tocar ou compor. Minha alma se alimenta de música.

— E a minha se alimenta de aquarelas e carvões. — Os cílios de Lilly tremelicaram um pouquinho mais rápido.

Brian sorriu animado e deu um tapa no joelho.

Lilly riu com a animação dele.

— Tá vendo? Outro ponto que temos em comum. Somos pessoas táteis e com mentes que se alimentam da arte. Algo me diz que faremos uma bela dupla, Lilly. Sei que tudo o que fizemos ontem foi um tanto impulsivo... e sem regras. — Ele sorriu e controlou-se para não falar sobre o destino. — Mas acho que pode vir a ser uma experiência incrível.



10

Brian era um cara generoso e atencioso. Lilly sabia que ele estava esforçando-se para deixá-la à vontade e, passada a primeira hora... ela teve que reconhecer, ele estava fazendo um ótimo trabalho. É claro que ela também queria que a convivência entre os dois se transformasse em algo incrível.

Tudo ao redor do músico parecia certo, mas... as palavras de Ava, fazendo pouco caso de Lilly, realmente a atingiram.

— Qual é o problema agora? — Brian sabia que tinha mais coisa tumultuando aquela cabecinha linda.

Uma possibilidade desagradável passou pela mente de Lilly.

— Estou me sentindo um pouco desconfortável. — Ela achou que sinceridade seria o melhor caminho entre eles.

— Por quê? Já disse que não deveria.

Ela estudou o belo rosto dele, com as feições relaxadas.

— Tenho medo de acabar virando um fardo pra você.

— Que bobagem. — Brian fez pouco caso.

Lilly suspirou, esticando as pernas na poltrona para o sangue circular.

— Olha... sei que bebemos e fizemos uma doidera e tanto. Só que, nessa coisa toda, só eu fui beneficiada. Vou ser eternamente grata pelo que fez. Principalmente depois da minha irmã, mas... imagino que a sua vida deva ser animada, cheia de festas, aventuras, mulheres... e, de certa forma, vou acabar limitando você. Não quero que deixe de curtir, só porque uma louca caiu de paraquedas na sua vida e tem que fingir para os outros que está apaixonado.

Fodam-se os outros!

Brian aproximou-se, ficando de cócoras na frente de Lilly. Porra, se ela soubesse o quanto a vida dele estava monótona. Encontrava-se em um momento, no qual todas aquelas festas ou fodas alucinadas já não faziam mais sentido... e tudo o que ele tinha era o vazio da estrada.

Lógico que ele foi um impulsivo. Sóbrios, certamente, nenhum dos dois toparia o casamento. Porém, desconfiava que talvez, inconscientemente, o fizera por acreditar que Lilly fosse agitar a vida dele e porque, inegavelmente, sentia uma atração insana por ela.

— Lilly. — Pegou nas mãos dela. Tão macias e delicadas, um contraste em relação às

dele, calejadas pelo contato diário com as cordas da guitarra. — Eu duvido que possa me sufocar. Nessas poucas horas, já fiquei totalmente cativado por você. As festas e as aventuras vão continuar e iremos juntos... Mas quero te contar um segredo: eu estava um pouco cansado desta loucura toda.

Lilly inclinou a cabeça, avaliando-o como se ele fosse um quadro expressionista de Picasso. Ela se perguntou por que a obra de arte à sua frente estava sendo tão gentil? Tão perfeito?

Lógico!

— Ah! Sei o que está tentando fazer!

— O quê? — Os olhos azuis-violeta pareciam se divertir.

— Está sendo legal para me fazer sentir bem, de novo.

Ele a olhou como se tivesse sido insultado.

— Eu não sou legal.

— Até agora, nada me mostrou o contrário.

— Eu não sou legal, ok? — Brian voltou a sentar na mesinha. Homens não queriam ser legais. Os avós deles eram legais. Ele queria ser foda. — Um cara que até outro dia usava aparelho nos dentes para dormir, não pode ser considerado legal. Isso deixa qualquer um amargurado, vingativo e babão.

Lilly riu com a imagem dele de aparelho, dormindo todo babado. Pelo menos, esse era o efeito que os aparelhos provocaram nela.

— Isso só explica os seus dentes perfeitos, mas... não muda o legal para me agradar.

— Está bem, então... estou te agradando por interesse — disse com a maior cara lavada.

Droga!

Lilly ficou desconcertada.

— Poxa vida... isso não foi legal.

Brian jogou a cabeça para trás, rindo com gosto. Demorou alguns segundos, até se acalmar.

— Precisava ver a sua cara! — continuou a rir.

Um chute certeiro de Lilly o atingiu na canela.

— Rir de mim também não foi legal.

— Ai, desculpa. — Ele esfregou a perna atingida e tentou parecer sério.

— Aprenda, Lilly... eu tenho a tendência de fazer só o que eu quero, quando eu quero e fodam-se as consequências. Não nego que sou um cara sexual, tenho quase trinta anos. Que cara na minha idade não gosta de diversão e de uma boa foda? Mas também sou um ser cerebral... Já estava ficando sufocado com tanta futilidade. Acho que vai ser bom ter alguém que possa me mostrar um outro lado da vida. E você, Lilly, tem uma conversa fácil e ótima. Estou me sentindo realmente à vontade do seu lado.

Mais uma vez, ele conseguira. Brian parecia não ter nenhum problema em dizer claramente o que pensava. E aquela franqueza era um ponto de ouro, que na atual situação *traitícia*[20] da Lilly era uma coisa que a atraía muito, além de todo o resto dele, é claro.

— Desculpa, se duvidei de você, só estou sem jeito e ainda um pouco abalada com os últimos acontecimentos.

Ela balançou as pernas esticadas e alisou as camadas de tecido.

— Que coisa? Quero que confie em mim e seja sempre franca. Fiz algo que te deixou mal?

— Além de rir de mim, não. Pelo contrário, estou te achando melhor do que a encomenda. Um tesão de cara!

Os olhos dele arregalaram e um sorrisinho presunçoso começou a nascer.

Não tenha ideias, rapazinho!

Lilly semicerrou os olhos.

— Tesão no sentido de pessoa cerebral, quero dizer.

Um bico fingindo mágoa brotou nos lábios deliciosos dele.

Lilly revirou os olhos e riu.

— No físico também, satisfeito?

— Lógico! Que homem quer ser tachado de feio ao ponto de incomodar? — Brian fez cara de alívio. — Sua aparência é um tesão também.

O jeito como ele disse a palavra tesão, fez a libido de Lilly subir cem pontos. *Sério que ELE a achava um tesão?* Isso ia contra a lei da física de astros de rock e suas mulheres turbinadas.

— Nunca disse que era feio. Você não me incomoda, a situação sim.

— O quê, especificamente? Sou um cara de muitos talentos, Pequenininha, mas, infelizmente... ler mentes não é um deles. Se não me disser o que está te deixando tão agoniada,

não tenho como descobrir, nem te ajudar. Honestidade, combinado? Odeio que me escondam as coisas. Estamos juntos nessa.

— Ok, honestidade. Gosto disso... sem esconder nada. — Lilly respirou buscando coragem.

Brian permaneceu focado e esperando que ela continuasse.

— Essa droga de amnésia! — A confissão dela saiu como um desabafo entalado e ele gargalhou. — Falo sério, droga! Estou tentando brincar e relaxar, mas... estou com um certo pânico. Sei que ontem nos beijamos e que o Gabe disse que eu te agarrei. É verdade, que eu me sinto atraída por você. Que casamos! Só achei estranho... não saio atacando os homens por aí. Talvez, tenha sido todo o estresse que passei. Queria ver as fotos...

Brian agitou-se, sentado na mesa de centro.

— Não acha que inventamos tudo. Acha?

— Ai, Jesus... claro que não! É só olhar para a chupada máster no meu pescoço. Caramba! Percebeu que também tem uma grandona, bem aí, no seu pescoço? — Lilly inclinou-se e tocou a marca arroxeada em Brian e ele sorriu, parecendo não estar nem um pouco incomodado.

— Acho que nos empolgamos, baby.

— É, acho que sim. Sinto muito por não lembrar. — Ela esfregou as palmas úmidas no vestido. — Eu juro que não foi falta de consideração. Estou tentando lembrar! Não que eu duvide de que gostei. Quem não gostaria de te beijar? Você é o Brian Pierce! Caramba! Olho pra você e me dá vontade de beijar... quer dizer, não... não me entenda mal. Não que eu vá fazer isso ou esteja me oferecendo, não precisa se preocupar. Merda! Nossa, é tão constrangedor... e você aí, todo lindo. Droga! O que estou dizendo?

Cristo!

Ela disparou! Que tagarela!

Alguém precisava acabar com a agonia dela.

E esse alguém era ele, certo?

— Então, Brian...

— Quieta!

— Hã?

Sem conseguir resistir mais, Brian partiu para o ataque. Levantou-se, apoiando as mãos, uma em cada braço da larga poltrona macia... Lilly ficou encurralada. Os pés dele fixaram-se no chão quando inclinou o corpo sobre o dela e ficaram nariz com nariz.

O coração dela disparou e sentiu os pelos da nuca arrepiarem. Esticou-se toda, afundando mais ainda no couro macio, seus pés mal tocavam o chão. Não podia escapar... Não com umas das pernas dele, entre as dela. Espalmou as mãos no peito dele, que subia e descia em uma respiração pesada. Percebeu que o coração dele batia no mesmo ritmo que o dela.

Foram segundos, onde os azuis-violeta estudaram os avelã-esverdeados. Tinha tudo ali... vontade, dúvida e curiosidade. Anos de um desejo contido, alimentado pela imaginação fértil de ambos. Já tinham vivido aquele momento secretamente em suas fantasias, milhares de vezes.

— O que es-está fa-fazendo? — Lilly perguntou, em um sussurro gaguejante.

O primeiro pensamento que veio à mente dela foi esbofeteá-lo. Só que em vez disso... baixou o olhar para a boca de Brian e assistiu a ponta da língua dele passear sobre o lábio molhado, sensual e carnudo. Um espasmo traidor na vagina a deixou atordoada.

— Vou te beijar e acabar logo com essa amnésia.

— Vai?

— Hum-hum... vou.

— Oh, meu Deus!

O tapa que ele esperava não veio, e com uma das mãos segurou firme um bom punhado dos cabelos na nuca de Lilly, que ofegou. Ele sentiu um aroma fresco de hortelã, quando ela entreabriu a boca em expectativa.

Brian abaixou a cabeça e começou a provocá-la com vários beijos no rosto... bochechas, nariz, olhos... cada centímetro, menos a boca.

— Deus...

Encantado, reparou nas microsardas no nariz arrebitado e achou aquilo sexy... Como pequenas tatuagens selvagens que davam a ela um ar de menina travessa e sacana.

Ah!

Brian adorava uma travessura e era o rei da sacanagem.

Amou que a mulher, agora ainda mais perfeita, carregasse traços da coisinha sexy que ele botou os olhos há quatro anos naquele hospital... Estremeceu quando dedos pequenos e ansiosos tatearam a pele áspera das laterais do seu rosto e enfiaram-se em seu couro cabeludo.

Porra, que delícia!

Lilly adorou a aspereza da pele dele e a maciez daqueles cabelos desgrenhados como os de um surfista. *Jesus! Por quantos anos ela havia sonhado com aquilo!* O homem a mataria se não a

beijasse logo.

E... Brian queria pegar leve, pelo menos aquele era o plano... Dar tempo, mas algo nela o deixou louco. Então, escalou ainda mais a poltrona e ao mesmo tempo que atacou o pescoço dela, brincou com a orelha, mordiscando, chupando...

— Ah! Isso, Brian... bom.

Animado com a declaração, esfregou o corpo ao dela como uma onda, queria misturar os seus cheiros e as suas vontades.

Como se fosse um lobo alfa, esfregou-se em Lilly de forma possessiva. Queria que os caras do bando soubessem que ela era dele e carregava a sua marca.

E, de repente, estava tudo ali de novo... e não era a imaginação provocada pelo álcool. O cheiro doce, o corpo delicado, quente e macio contra o dele. Aquela pequena mulher o ligava em segundos.

Brian abaixou a cabeça e pressionou suas bocas. Lilly fechou os olhos e cedeu o controle: queria o famoso beijo.

Ela sentiu uma sucção suave nos lábios, seguida por toques maliciosos de uma língua, indo e vindo, umedecendo-os. Era desconcertante, um gemido de desejo brotou dentro dela. Lilly chupou o lábio inferior de Brian, porque era isso que queria fazer, desde aquele dia no hospital. *Jesus, indescritível*. Anos-luz melhor do que ela tinha imaginado e um universo paralelo de luxúria se abriu para ela.

A provocação sensual de lábios... e pontas de línguas a estavam deixando maluca. As respirações se aceleraram... e mãos, e línguas se exploravam mutuamente investigando o terreno.

Para que porra de tanto pano?, pensou ele. Havia tecido demais entre eles.

Ele adorou quando ela o puxou para perto, pressionando ainda mais os seus corpos. Onde ele tocava, a pele de Lilly entrava em combustão e um arrepio de puro deleite percorreu a espinha de Brian quando sentiu o corpo de Lilly estremecendo sobre o dele.

Isso, Bonequinha sexy! Venha me pegar!

Nossa, Mãe!

Era tão bom ser soterrada por Brian. Aquele corpo pesado e quente era demais! Pena que as várias camadas do vestido a impediam de sentir a parte dele que mais desejava. Tudo bem. *Mesmo assim, obrigada, Deus!* Os lábios dele eram macios e firmes, fazendo uma pressão magnífica sobre os dela.

Caramba, o homem era um tormento!

Quando finalmente uma língua invadiu a boca da Lilly e a instigou, ela gemeu com a surpresa e abriu os olhos.

— Oh, Brian!

— Gostou? — ele perguntou, com certo receio.

— Diferente.

—Diferente bom ou diferente ruim?

— Diferente, muito bom.

Ele sorriu e invadiu a boca delicada com empolgação.

A língua dela vibrou ao explorar as bordas arredondadas de um piercing recém-descoberto. Diferente, mas tão bom. Ela nunca tinha beijado alguém que tivesse um antes. Era erótico. Era único. O esfrega-esfrega daquilo, na língua, acendeu todas as terminações da garota. As papilas gustativas dela absorveram cada nota de sabor daquele gosto incrível do homem que se esfregava como um louco sobre ela.

— Hummm, bom — gemeu, sentindo-se manhosa.

— Boa é você, Lilly... — O vai e vem, e a dança lenta e escorregadia de suas línguas tornou-se urgente, quase desesperada. O beijo era safado e intenso.

A excitação dela aumentou só de imaginar aquilo ali se esfregando daquele jeito, em seus pontos mais sensíveis. Os mamilos de Lilly endureceram de desejo. Queria a pequena bola em todos os lugares.

Brian riu com a reação dela.

— Imagina a sensação disso lá embaixo — sussurrou em sua boca.

— Nossa, Brian! — um gemido de prazer escapou daquela boquinha gostosa. Impressionante como um troço tão pequeno podia causar sensações tão extremas.

Ele mal podia esperar para enlouquecer a mulher em seus braços, só com as habilidades que ele desenvolvera com a língua.

Quando ele chupou forte a língua dela, fazendo a pequena bola de metal massageá-la como se a estivesse fodendo, um calor invadiu o baixo ventre e se espalhou pela virilha de Lilly. Outro choque na boceta e mais outro, e outro.

Caramba!

— Jesus, Brian! Isso é bom! — a voz sussurrada e rouca de Lilly, recheada de desejo, fez as bolas de Brian pulsarem incessantemente. Impossível não se contorcer.

— Mais que bom, é foda, baby!

Foda é o calor na área abaixo da minha cintura!, pensou, Lilly. *Foda é esse seu cheiro de mate-verde, seus dentes perfeitos, sua língua atrevida e este gosto de homem, cheio de testosterona.* Aquilo era foda para uma mulher como ela. Brian era delicioso... complexo... único.

Língua contra língua... bocas se conhecendo e se devorando. Mordidas, chupadas e lambidas. Respirações ofegantes e uma leve camada de suor misturando tudo.

Para quê limites, se aquilo era tão bom? Brian era um cara que adorava sexo. Um lobo safado em pele de cordeiro. Fazer o quê? Os dois eram jovens e atraentes, era natural que algo a mais fosse acontecer... então, ficou mais do que satisfeito ao perceber que a sua mulher parecia bem empolgada. Tão satisfeito que seu pau contorceu em expectativa.

Então... esfregou-se como deu, tentando acalmar a fome. Mas...

Que cacete de vestido! As mulheres deveriam se casar nuas.

— Você é deliciosa, senhora Pierce — disse sem fôlego. Depois, enterrou novamente uma de suas mãos enormes no cabelo fininho, inclinando a cabeça dela para trás, para que ele pudesse tecer beijos molhados e pequenas mordidas no pescoço alongado. — Todinha deliciosa.

— E... você é... tentador! — ofegou Lilly, não resistindo à vontade de abraçá-lo mais.

Não podia acreditar que aquilo estivesse finalmente acontecendo!

Lilly desceu as mãos pelas costas dele, arranhando-as com as unhas. Sentiu os músculos marcados, mexendo e contraindo, e imaginou o dragão negro em movimento. Voando sobre ela... O homem era totalmente abraçável e totalmente beijável também.

— Que apetitoso... — murmurou, não percebendo que tinha expressado alto demais os seus sentimentos.

Ele sorriu torto e inclinou a cabeça em direção a ela.

— Isso é só o aperitivo, baby. — Lilly derreteu-se mais um pouquinho.

Estremeceu com a possibilidade de descobrir se ele era totalmente comível e fodível...

O coração dela bateu mais rápido ainda. Se eles continuassem naquele ritmo, certamente, chegariam à terceira base. Brian parecia ser um *expert* na arte do sexo. Impossível alguém tão quente não mandar totalmente bem no quesito penetração profunda.

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

Droga!

Primeiro, Lilly tinha que avisá-lo. Não queria que pensasse que tinha escondido algo dele. Porém, não era o tipo de coisa que ela costumava contar por aí. *Droga!* Quando a mão dele deslizou apertando um seio... o corpo inteiro dela tensionou.

Brian sentiu na hora a mudança de atitude.

Porra!

Merda! Merda! Merda!

Estava indo rápido demais? É claro que ela não iria gostar de ser fodida daquele jeito, espremida em uma poltrona na sala. Pelo menos, não na primeira vez deles.

— Baby, o que acha de continuarmos na cama?

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

— Na cama?

— Hum-hum... — Brian esfregou a virilha contra a dela, como um convite. — Preciso descobrir como é a sensação de me enterrar em você. Descobrir se a sua boceta é tão deliciosa quanto a boca.

— Ai, caramba, mas já? — Lilly não estava preparada para aquilo. *Sim! Deveria ser incrível tê-lo enterrado nela.* Queria muito. — Poxa vida! Eu quero... muito, mas... preciso de um banho... Só consegui escovar os dentes. Não podemos deixar a parte do enterrar e descobrir para mais tarde?

Porra!

Aquela era nova. Que banho de água fria.

— Tudo bem, mais tarde então — disse Brian ofegante, ainda confuso com a mudança de temperatura dela.

Ele a beijou na testa e levantou-se, deixando Lilly livre.

Em menos de um segundo, ela já estava de pé, indo em direção ao quarto. Sem saber como agir, Brian ficou ali parado no meio da sala. Coçou a cabeça e ajeitou o pau que

pressionava o jeans. Em seguida, tentou acalmar a respiração.

Cacete!

Será que fui apressado demais?

Talvez ela ainda esteja pensando no otário... Não, não... ela disse ontem...

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A voz bêbada de Lilly vibrou no ouvido de Brian. A noivinha estava sentada em colo dele na boate Luxury.

Um soluço feminino reverberou baixinho.

— Shhh... que soluço chato! Quero contar um segredo... Não vai contar para o Will, vai?

— ... Ôôôô, Brian...

— Não vou contar. Prometo.

— Bom menino — outro soluço —, acho que eu... meio que nunca gostei pra valer do Will enganador...

— Ah! Não? Por que ia casar então?

— Sei lá... parecia o certo a fazer. Ele era chato, mas era legal. Me enganou, sabia? Disse que queria me proteger da Ava... que eu precisava dele. Eu acreditei.

Uma sequência de soluços.

— Aí, me traiu... com a minha irmã, acredita? Eu vi, juro... ninguém me contou... vi o pau dele lá no traseiro dela. Sou muito otária.

— Ele é o otário. Você é linda. Perfeita.

— Sou não... Ava é perfeita... ele queria ela... Oooo temmmmpo tooodo. Você também vai querer a minha irmã... eu sei... uma pena, sabia?

— Não vou querer, não.

— Vai sim. Todo mundo a quer. Acredite em mim!

— Esquece isso, Pequenininha.

— Já esqueci... juro... sabe... nem liguei... quer dizer, liguei... traição de irmã machuca... Senti por ela, não por ele. Estranho, né? Eu deveria estar sofrendo por ele, mas só sinto, nada... nojo. Ah, sei lá... que merda! Estou confusa... com raiva... com medo...

— É normal, não tenha medo. Estou aqui agora.

— Esse é o problema. — Lilly sorriu tímida para ele. — Antes você ficava só aqui. — Bateu na testa. — Não ligo que ela pegue o Will, mas acho que ligaria se pegasse você.

— Ninguém vai me pegar, baby.

— Promete?

— Prometo.

— Ai, meu Deus!

— O quê?

— Aquele é o Ethan no pole dance? Quero ir lá também! Mas antes... acho que vou vomitar.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian decidiu que, talvez, fosse melhor ir com calma. Traição era um sentimento corrosivo. Ele também não tinha tomado banho, então levantou o braço, procurando algum indício de mau cheiro. Nada. Tinha se levado na pia e trocado a camiseta respingada de vômito por outra limpa do Adan.

Inacreditável! Frustrante! Fascinante! Instigante! Irritante!

As mulheres, geralmente, enlouqueciam quando ele falava sujo e dizia que queria fodê-las. Com Lilly, foi a primeira vez que recebera um... não.



11

A campainha da suíte tocou. Era o mensageiro com o carrinho de bagagens, lotado. Cinco malas! Brian pediu que ele as deixasse no quarto e seguiu o rapaz baixinho de óculos, que parecia empolgado em estar ali.

Ao contrário do que esperava, encontrou Lilly sentada na cama, ainda em seu vestido de noiva, de costas para eles. O barulho, das torneiras abertas da banheira, podia ser ouvido.

Ela estava entretida, olhando para o celular, os dedos deslizavam para cima e para baixo na tela e a cabeça balançava de um lado para outro.

— Senhora, as malas.

Lilly virou, saindo do transe.

— Ah! Obrigada! Pode colocá-las em cima daquele banco, por favor? — pediu para o jovem rapaz, sem perceber Brian parado no batente da porta.

Depois de enfileirar as malas, o mensageiro foi em direção à saída.

— Senhor, será que podemos tirar uma *selfie*? Meus amigos não vão acreditar! — disse que era fanático pelo Ultimate Bet e tinha todos os álbuns da banda.

Brian era um cara que tratava bem os fãs. Então, fez o que o rapaz pediu, apesar de estar curioso e ansioso para voltar ao quarto e ver o que de tão interessante havia naquele celular.

Ao entrar no quarto, Lilly lembrou-se de que o celular estava desligado desde que saíra às pressas do hotel. Preocupada, resolveu checá-lo e havia muitas mensagens de texto, voz e ligações perdidas. Enviou uma mensagem padrão para algumas pessoas:

"Estou Bem, depois mando notícias".

Mas o que surpreendeu Lilly foram as mensagens de texto que recebera da irmã. *Inacreditável!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Ava: "Não tem o direito de me desmoralizar. "

Ava: "O Twitter em peso está me detonando. Como pôde tirar fotos da minha intimidade? Quero que se retrate! "

Ava: "Não tenho culpa se o Will correu atrás de mim! Sabe como os homens reagem ao meu

corpo! Não te traí como estão dizendo...”

Ava: “Que merda foi aquela que tio Ed falou? Por que o dinheiro não virá para mim? ”

Ava: “Como assim? Se casou, cadela? ”

Ava: “Espera mesmo que os advogados acreditem nisso? Que Brian Pierce tenha se casado com você? Quanto ofereceu a ele? Isso não vai ficar assim! Não vai! ”

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly balançou a cabeça, mais uma vez, sem acreditar e um arrepio percorreu a espinha dela.

Como podia existir uma pessoa tão sem noção quanto Ava?

É claro que não iriam acreditar na coisa de casamento por impulso. Ela nunca tinha contado para ninguém sobre o primeiro encontro deles em Paris... nem sobre as borboletas que voavam em seu estômago, toda vez que ouvia o nome Brian... tão pouco, disse como o coração dela batia forte ao vê-lo tocar... ou como desejou que o Will não estivesse com ela naquele show, para que pudesse ter aceitado sair com Brian.

É claro que pensariam que Brian só se casara por pena ou interesse. E não fora isso? Pena?

— Tudo bem?

O corpo de Lilly estremeceu ao ouvir a voz profunda. Estava envergonhada por ter sido patética na sala e fugir daquele jeito.

— Ah! Tudo. Estou só esperando a banheira encher.

Lilly virou para ele, dando um sorriso sem graça e ajeitou-se melhor em cima da cama.

— Acabei ligando o celular. Não dou notícias desde ontem e não queria preocupar as pessoas.

Vendo que não adiantaria perguntar sobre o que a deixou claramente aborrecida, Brian decidiu mudar o foco da conversa:

— Caralho! Quantas malas!

Lilly levantou, deixando o celular na cama. Olhou para as cinco malas e duas valises de mão, empilhadas no banco comprido de veludo vermelho, que decorava o quarto.

— As vermelhas são minhas. Essas três verdes maiores são do Will. Ele as levou na noite

anterior ao casamento. Queria deixar tudo no meu carro para evitar imprevistos. — A cara de descrença de Lilly fez a boca de Brian amargar. — Bela atuação, acho que fez isso para eu não desconfiar que seria abandonada no altar. Deve estar cheia de nada.

Brian ergueu a mala verde maior.

— Não. Para mim parece bem cheia de roupas. Otário! — Brian olhou para a sua singela mochila em cima de uma das poltronas vermelhas, em conjunto com o banco. — Imagino que o traje ideal para uma lua de mel seja pelado, não?

O jeito engraçado de Brian fez Lilly rir. O cara fazia as coisas ficarem leves em dois segundos.

— Verdade. Pensando desta maneira... é muita roupa.

— Que otário! Qual cara se casa com uma mulher com você e pensa em outra coisa que não seja ficar fodendo vinte e quatro horas por dia?

Lilly ruborizou ao imaginar ela e Brian fodendo vinte e quatro horas.

— Certamente, não ele. Acho que nunca foi intenção dele que houvesse uma lua de mel.

— Sinto muito... eu só estava tentando...

— Me fazer sentir melhor?

— Por aí.

— Bom trabalho. Pode colocar a mala vermelha maior sobre a cama, por favor?

Lilly mudou de assunto e pegou a valise, abrindo-a. Com cuidado, tirou os brincos da mãe e um anel antigo, colocando-os na mesinha ao lado da cama... As únicas joias que Ava não tinha conseguido vender, além do antigo relógio de bolso do pai. Eles foram com ela para Paris. Nunca se desgrudava deles.

Brian colocou a mala maior sobre a cama... a conversa que tiveram na boate ainda estava em sua cabeça...

— Impossível não ser o tipo de alguém. Acredite em mim, Lilly, você é a coisinha mais sexy em que já coloquei os olhos. O cara que é um otário míope. Não duvido que seja gay!

Foi a vez de Lilly gargalhar.

— Acho que gays não comem as irmãs das suas noivas, *Sexy Boy* — disse Lilly, estranhando que estava pouco se lixando por ter sido abandonada. — Mas aprecio a sua tentativa de massagear o meu ego e me agradar.

— Uauuu! Gostei desse troço de *Sexy Boy*! E só para o seu conhecimento... não preciso te agradar. Já me casei com você, lembra? Agora já era, Lilly!

— Belo ponto! Gosto que me ache sexy. Ser traída faz a gente se sentir como a última das mulheres.

— Não deveria. Quem não te achar divina é um cego.

Brian se jogou na imensa cama de casal e apoiou a cabeça sobre os braços.

— Melhor para mim, que tenho olhos com superpoderes! Acredite, Lilly... Brian Pierce é uma lenda... uma estrela. Sou bom pra caralho e não me casaria com alguém que, no mínimo, não fosse uns bons dois pontos melhor do que eu! Pensei que fosse impossível existir uma mulher assim, mas aí está você!

— Uau! Agora meu ego foi lá pra cima. — Lilly sorriu e quis retribuir a gentileza. — Sabia que homens com superpoderes, bons pra caralho e humildes me atraem? — Piscou. — Estou quase mandando um cartão de agradecimento ao Will pela palhaçada.

— Pois deveria fazer isso: um cartão e a minha foto pelado. Todo mundo iria entender na hora, porque não resistiu e implorou para se casar comigo. Costumo impressionar sem as minhas roupas.

Lilly perdeu-se, imaginando como ela ficaria impressionada. *Deus Pai!* Quase que ela ovulou naquele instante e uma vontade de pular sobre ele começou a surgir.

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

Não, Lilly, antes tem que conversar...

— Sonhando comigo, baby? — Um riso safado a acordou.

O quê?

Hã?

Lilly chacoalhou a cabeça tentando lembrar sobre o que conversavam.

— Hey! Eu não implorei. — O nariz de Lilly contraiu em dúvida. — Implorei?

Brian gargalhou.

— Tecnicamente não, mas torceu como uma louca por mim na queda de braço. Vi a cara de desespero que fez quando fingi que estava perdendo.

— Fingiu? Tenho as minhas dúvidas, o Gabe é quase tão forte quanto você.

— Disse bem, quase. Além do mais, sou um competidor inteligente. Só sugeri coisas nas quais eu sabia que iria ganhar. O Gabe estava tão bêbado que nem se deu conta.

— Não sabia que era tão competitivo, senhor Pierce.

— Só quando o prêmio é você.

Ela corou.

— Costuma fazer isso sempre?

— O quê? — Ele franziu as sobrancelhas. — Trapacear no jogo por uma linda e sexy mulher?

— Não... dizer sempre as coisas certas.

Era gostoso flertar com Brian. Lilly pensou que tinha perdido a prática depois de estar em um relacionamento morno, quase frio. Onde diacho estava com a cabeça ao se envolver com Will?

Ah, sim!

Sendo uma otária e se deixando enganar.

Devia ter escutado a Marie quando disse que ninguém era tão perfeito daquele jeito. Dane-se, Ava que ficasse com o seu ex. Tudo o que Lilly conseguia pensar era no homem delicioso e atrevido esparramado na cama.

Só de olhar para ele sentia o corpo todo esquentar de novo. Um pedaço da camiseta do músico subiu e ela queria lamber centímetro por centímetro daquele V marcado no baixo ventre dele e esfregar o nariz naquela linha de pelos escuros que conduziam aos tesouros masculinos.

Brian percebeu o jeito com que os olhos dela o devoravam. Porra, aquele joguinho de sedução era excitante pra caralho! Estava tão acostumado a partir logo para o ataque, que tinha esquecido como era bom flertar.

— Meus superpoderes, por lei, são seus. É só vir pegar.

— Isso é uma cantada?

— Não... de jeito nenhum. Isso é um fato. — Brian riu. — Eu querer descobrir cada ponto fraco seu e depois foder cada um deles, até te dar mais prazer que jamais imaginou sentir... isto é uma cantada!

— Poxa! Que calor! — Lilly abanou as mãos brincando. — Homem, você é bom mesmo com as palavras. E eu achando que fosse tímido ou não ia com a minha cara.

— Eu sempre fui com a sua cara... muito.

— Não parecia. Teríamos sido bons amigos. É um cara divertido, Brian, gosto disso.

Lilly separou um dos seus vestidos mais casuais e uns dos inúmeros conjuntos de lingerie. Sua mala estava repleta deles. Era a sua lua de mel, afinal. Achou que seria mais adequado deixar os conjuntinhos confortáveis de algodão em casa.

Ela tinha cuidadosamente comprado cada item para a viagem, queria que o Will a achasse atraente.

Esquece o Will, Lilly, acabou.

Foque no Brian, ele é o cara na cama!

Precisando de espaço, ela correu até o banheiro para desligar as torneiras, a banheira estava quase transbordando.

— Então, me diga — disse Lilly, ao voltar para o quarto para pegar alguns produtos de higiene pessoal dentro da valise. Brian continuava deitado, com o olhar perdido no teto. — Por que nunca puxou papo comigo?

Porque... eu era um cara comprometido e você me fazia ter pensamentos impróprios. Depois, ficou noiva, porra! E tenho por regra, não destruir relacionamentos.

— Lógico que puxei. Te chamei pra sair, lembra?

— Só daquela vez. Depois, praticamente, nunca mais me olhou.

— Sei lá, por quê? Falta de oportunidade acho... além do mais, Big é grande, ciumento e odiaria que um cara fodido e curioso como eu, cercasse a amiga noiva e gostosa dele. Acho o meu nariz muito perfeito para ser quebrado.

Lilly riu de novo e estava em uma pequena batalha com o zíper emperrado do vestido.

— Curioso como? — A unha dela quase quebrou. — Merda!

— Vem aqui... me deixe ajudá-la com isso.

Lilly considerou por um segundo, mas se aproximou. Ficou de pé, de costas para ele na cama. Ela realmente estava em dificuldades, mas a vontade louca de ser tocada por ele, não tinha nada a ver com aquilo.

Brian ficou de pé, atrás dela e puxou lentamente o zíper do vestido de noiva. O calor dele, atrás dela, a deixou inquieta.

Ele reparou nas pequenas sardas nos ombros e na linha deliciosa das costas a cada

centímetro que o vestido abria.

Porra! Que caralho de mulher mais gostosa.

Aposto que não tem um grama de silicone neste corpo.

Beijou molhado a curva do pescoço, assim que terminou.

— Desculpe, não resisti — falou ao pé do ouvido dela.

Lilly corou e um arrepio percorreu cada uma de suas vértebras. Os pelinhos dos seus braços eriçaram. Segurando a parte da frente do vestido tomara que caia, ela virou-se para Brian. *Droga!* Queria beijá-lo novamente.

Brian podia sentir o desejo explodindo dos enormes olhos avelã-esverdeados. Entretanto, conseguia ver um traço de receio também. *Cacete!* Aquela combinação de desejo e medo mexia com algo maior dentro dele. Tentou se aproximar mais... e... uma pequena mão espalmou no seu peito.

— Brian.

— Não diz nada. Só me deixa entrar naquela banheira com você.

— Eu gostaria disso.

— Eu também.

— Só que antes... têm umas coisas...

— Fodam-se as coisas.

Brian beijou novamente o pescoço de Lilly. O toque suave daquela boca fez o corpo dela estremecer mais uma vez. A respiração de ambos começou a ofegar e uma atração louca estava nascendo.

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

Odeio que me escondam as coisas...

— São justamente as coisas do fodam-se... ou melhor, do foda-me, que me preocupam — ela confessou.

Opa!

Brian levantou a cabeça olhando diretamente para ela.

Como assim?

— Quer dar um tempo, por causa do que aconteceu?

Lilly sentou-se na cama e segurou as mãos, mexendo com elas.

— Não é isso, não preciso dar um tempo.

Que ótimo então!

Brian não queria saber mais nada, agora era a hora de partir para o sentir, não de se preocupar. O pau dele estremeceu quando o vestido cedeu um pouco e ele teve um vislumbre do sutiã sem alças, meia-taça, branco, rendado e transparente.

A sugestão de seios naturais, generosos e empinadinhos fez um inferno na libido dele. Daria qualquer coisa para estar com a boca atracada em um daqueles mamilos rosados, naquele exato momento.

Ela percebeu onde os olhos dele estavam e puxou o vestido.

— Brian, foco!

— O quê? — disse, quase inconformado por ela ter cortado a onda dele.

Porra, eles ficariam perfeitos sob a mão, a boca ou em torno do pau dele. *Caralho!* Brian agarrou os cabelos e puxou-os na tentativa de conter os impulsos canibais. Queria tomar Lilly ali mesmo e fodê-la de um jeito, que talvez nenhum dos dois saísse vivo.

— Tem algo importante sobre mim que não te contei. Preciso saber se terá problemas quanto a isto. Eu devia ter lhe avisado ontem.

— Avisado o quê? — Brian finalmente a encarou. Ela estava séria, como se estivesse pronta para avisar que o mundo seria dizimado por aliens ou... merda! — Tem alguma doença, é isso? Um problema congênito? Vai morrer?

— Não! Deus me livre! Não estou morrendo.

— Graças a Deus! Caralho! Claro! É lésbica e está a fim da Penne?

— Penne é uma mulher incrível, mas não. — A imagem dos amigos na banheira e depois nus, voltou como um flash. — Por quê? Entre vocês...

— O quê?

— Costuma rolar? — ela arriscou a pergunta, mesmo tendo medo da resposta.

— Não! — espantou-se. — Na banda é cada um na sua, somos amigos! — Olhou sério. — Nada contra, mas não curto barba e muito menos coisas entrando na minha bunda... Quer dizer, uma vez num lance tântrico[21] rolaram uns dedos e não posso dizer que foi ruim...

— Ah!

— O quê? O tântrico?

— Não, os dedos. — Lilly corou. — Você gosta?

O Will era um grande apreciador de dedos. Sempre pedia para ser estimulado no Ponto G masculino[22] e dizia que os homens sentiam muito tesão com carícias daquele tipo.

— Jesus, Lilly. Esse tipo de coisa é natural. Não to falando de ser fodido, mas apreciar um toque mais ousado não faz de ninguém menos homem! Tem problema com isso? Não gosta? Acha bizarro?

— Não! Que exagero! Claro que não! Fui noiva por quase dois anos. Só acho estranho discutir essas intimidades com você, somos praticamente desconhecidos.

— Não somos tão desconhecidos... Nós somos... somos... — Brian parou, nem ele sabia a definição correta para o que eram. — Parceiros! Isso! Parceiros que precisam ser honestos. Sexo é simples... maravilhoso, natural e com milhares de possibilidades. É tudo sobre sensações e prazer... não sei por que as pessoas se preocupam tanto.

— Não é o sexo em si que está me preocupando. Estou bem familiarizada com a maioria dos detalhes que envolvem o ato.

E não era mesmo... Lilly nunca tivera grandes inibições, mas a coisa da sua virgindade tinha virado um tabu. Como se fosse a marca estampada do seu fracasso. Brian sentou-se ao lado dela e tentou evitar olhar para os peitos redondinhos. Soltou o ar entredentes buscando forças.

— Lilly, baby... o que é então? É adulta, eu também. Estamos ambos tarados um no outro. Rompa as barreiras, não pense em nada.

Ela encolheu-se, olhando para as mãos. Se um buraco abrisse no chão, naquele exato momento, Lilly pularia feliz.

Droga! Maldito fosse o Will.

— Se não fosse músico, poderia ter sido terapeuta... Parece que sempre diz a coisa certa.

Ele bateu ombro contra ombro, na tentativa de aliviar um pouco a tensão de Lilly.

— Mesmo quando falo de um jeito descarado sobre sexo?

Ela devolveu o gesto, sorrindo para ele.

— Principalmente quando fala assim. Me dá vontade de ser um pouco má...

— Acho que vou gostar de você sendo má comigo.

— Mesmo uma mulher má meio pura?

— Se é pelo fato da sua bundinha ser virgem, saiba que eu acho isso sexy. Um território intocado... Adoraria te mostrar como pode ser gostoso.

— Talvez, eu adoraria que me mostrasse, mas... não é só lá que sou meio... — ela apontou para a virilha — ... intocada.

Uauuu! Opa! Pera, lá!

Brian soltou um assovio, ao mesmo tempo que saltou da cama, e voltou a puxar os cabelos. *Virgem?* Ele nunca estivera com uma virgem. Nem mesmo quando ele era virgem.

— Jesus, Lilly, o que o Will fazia quando estavam juntos? Jogava baralho?

Os olhos de Lilly procuraram os de Brian, com espanto.

— Acho que é meio redundante, não? — Lilly se indignou, ela poderia não ter experiência em penetração, mas não era santa e muito menos incapaz. Depois de dois anos com o Will, ela era praticamente PhD em preliminares e nas partes masculinas. Não ia admitir aquilo para o Brian, mas seu ex-noivo lhe ensinara certas coisas ousadas que o faziam gozar como um leão. — Coisas mais para o prazer dele. Ele queria guardar o *gran finale*[23] para o casamento. Dizia que tinha fetiche em casar-se com uma virgem. Como eu iria saber que era porque estava fodendo a minha irmã?

— Filho da puta egoísta! Bastardo! — *Aquele cara era um doente psicopata.*

A ideia fez o coração de Brian contorcer. A vontade era de ir até o otário e quebrar cada um daqueles ossos traidores e depois arrancar o pau dele.

— Fetiche? Que tipo de coisas, Lilly?

Coisas envolvendo as bolas e a bunda dele!

Ela ruborizou, pois no fundo, gostava daqueles fetiches e da sensação de poder que lhe davam...

— Ele maltratou você? — ele insistiu diante do silêncio dela.

— Uma vez discutimos quando ele bebeu demais...

— Desgraçado! Ele encostou em você? Te machucou? Onde o animal está? Vou chamar o Gladiador!

De repente, a cabeça de Brian ficou a mil. O coração dele disparou de um jeito ruim e os punhos fecharam. Precisava fazer o bastardo pagar por tudo o que tinha feito a Lilly. O cara destruiu a autoestima da garota. Ela estava com uma autoimagem totalmente distorcida.

Ao ver a expressão endurecida dele, Lilly se arrependeu na hora de ter tocado no assunto. A noite da briga não era algo do qual gostasse de relembrar ou dividir. Deveria ter visto os sinais e posto um fim no relacionamento com Will ali mesmo.

Ela segurou as lágrimas que queriam aparecer. *Chega!* Isso não importava mais. Não queria Brian preocupando-se com ela. Pelo jeito, ele era tão protetor quanto o Big.

— Calma, Brian! Ele não encostou em mim — mentiu. — Saiu e foi descarregar a raiva dele em outro lugar. Depois disso, nunca mais... até evitava me tocar — disse a verdade. — Eu que tentei, por diversas vezes, atiçá-lo. Tinha vinte e um quando começamos a namorar, era natural que eu quisesse, mas...

— Mas o quê?

— Mas acho que acabei desistindo, sei lá, me sentia patética por insistir e ter tanta vontade de transar. Então suprimi as minhas necessidades e foquei na pintura. O que foi bom... nunca produzi tanto. Mudei o esquema de trabalho, troquei de *Marchand* e as portas realmente se abriram, sabe? Ganhei mais confiança e experiência... Nas viagens que eu faço... sabe como é esse meio artístico. Sempre têm muitos homens...

— Ficou com eles, Lilly? — Um gosto amargo brotou na boca de Brian. *Mas, e a porra da fidelidade?*

— Alguns eram interessantes e bem insistentes e... eu não aguentava mais me sentir frustrada sexualmente. A Penne sabe disso, coitada, foram horas e horas ouvindo as minhas reclamações ao telefone. Então segui o conselho dela. Arrumei algo que acalmasse os meus desejos e fosse discreto o suficiente para não trazer complicações com o Will.

— Porra! Arranjou um amante?

Lilly riu da cara de susto dele. Estava aliviada por poder se abrir... Brian tinha um dom para fazê-la falar. Se iriam ser parceiros, era bom que ele soubesse de tudo... quer dizer, quase tudo.

— O melhor de todos... do tipo que não fala — Lilly divertiu-se em provocá-lo.

— O quê? — A mente de Brian entrou em parafuso. — Teu amante era mudo?

Lilly gargalhou.

— Não! Até que rolavam uns sons... vibradores fazem barulho, sabia? Talvez tecnicamente, nem seja mais virgem, não é?

Brian podia sentir o alívio no olhar dela. A raiva dele até diminuiu um pouco. Claro, como

ela teria um amante e seria virgem?

— Um vibrador? — Ele sorriu aliviado e depois pensou… tecnicamente ela podia não ser mais virgem mesmo. Certo? Alguns vibradores eram maiores que o pau dele e deveriam ser destruidores de himens[24].

— Sim. — Lilly sorriu aliviada. — Ele é uma graça, rosinha e brilhante. Está em uma caixinha na minha valise, quer ver? Isso é um problema pra você?

Fodeu!, pensou Brian.

Vibradores rosinhas e brilhantes, em um caixinha, não pareciam ser destruidores de himens.

De repente, a ideia do bastardo do ex dela nunca ter estado lá trouxe um ânimo novo. O idiota não merecia ser presenteado com algo tão incrível. Coisa que tinha certeza de que deveria ser sensacional. Ainda mais, toda intocada.

— Não é problema nenhum, Lilly. Não sei se fico surpreso ou grato. Só é meio surreal para mim a ideia de alguém ter você por perto e resistir.

— Simplesmente não aconteceu com ele e com os outros caras antes dele. Como disse, parece que o Will preferia foder a minha irmã. Eu era muito nova e sonhadora, nós nunca...

— Esquece isso, esquece os outros caras. Sinceramente, prefiro não saber... Ótimo que não aconteceu com esse Wiltário ou com qualquer outro. Ele não merecia você. O cara é uma porra de um pau mole do caralho.

Lilly gargalhou com as palavras dele.

— Então, não é problema pra você?

— Não! Você acha que a gente... quer dizer, eu... que talvez nós... eu gostaria muito...

O telefone de Brian resolveu tocar bem naquela hora. *Que merda!* Ele nunca tivera que conversar sobre virgindade antes. Era só chegar, foder e curtir.

— É melhor atender. Vou pegar o resto das coisas e tomar logo o meu banho.

Brian concordou a contragosto. A mulher realmente era uma raridade, desenhada do jeito que ele gostava. Nunca tinha cruzado com alguém assim. Foda-se o lance da virgindade... O pouco que tivera dela já tinha achado ótimo. Só precisaria pegar mais leve no começo e respeitar o ritmo dela.

A porra do telefone não parava de tocar.

Merda! Merda! Merda!

Ele estava em meio a uma situação de vida ou morte. Será que as pessoas não poderiam ter piedade? *Droga!* Era o toque de Mark. Precisava atender. *Cacete!* Brian ergueu o dedo, indicando que iria atender na sala.

Assim que Brian saiu do quarto, Lilly achou melhor mesmo dar um tempo para ele digerir tudo o que ela tinha falado. Ele parecia ser um cara descomplicado, mas ela realmente não sabia se a virgindade seria um problema. Muitos homens fugiam daquilo... Achavam responsabilidade demais.

Brian devia estar acostumado a ter mulheres sexualmente poderosas na cama. Aquela Kate parecia uma especialista e existia toda uma coisa, meio mítica, de caras da música serem como deuses insaciáveis do sexo. Total direito dele se não quisesse se meter com ela.

É claro que Lilly estava na torcida. Fantasiou sobre o músico por anos e preferia perder a virgindade com um cara real e cheio de fogo, do que com um príncipe encantado. De certa forma, os príncipes a faziam lembrar do Will. *Bando de falsos!* Fingindo ser perfeitinhos demais, para trair sem dó depois.

Lilly respirou fundo.

Ela não pôde controlar as coisas que aconteceram, mas podia controlar a forma como a qual reagiria a elas. Tinha a sensação de que uma nova chance estava sendo dada a ela.

Bem que eu podia aproveitar, né?

Embora, não tivesse a menor ilusão de que a boa ação de Brian pudesse se transformar em algo permanente, os dois estavam ali. Não estavam? Dispostos e atados durante o próximo ano. Bem que poderiam desfrutar um do outro, sem regras ou amarras... ou sem a obrigação de fingir algo que não sentiam.



12

Na sala, Brian ainda pensou em fingir que não tinha ouvido o telefone tocar. Queria acabar a conversa com Lilly, entretanto, Mark não costumava ser insistente a não ser que fosse importante.

— Fala, Capitão — atendeu na segunda vez que Mark insistiu.

— *Porra, onde estava? Pensei que fosse me ignorar.*

— Desculpa, não ouvi o telefone tocar — mentiu.

— *Droga, não me diga que já me desobedeceu e consumou o casamento? Estavam fodendo, né?*

— Que papo é esse de consumar? Não vou conversar sobre esse assunto com você.

— *Ué, pela irritação acho que não consumaram. Podia jurar que estavam fodendo sem sentido. Como o meu mago do sexo ainda não desrespeitou as minhas ordens e enfeitiçou uma coisinha tão pequena e inocente como ela? Está com febre? De ressaca?*

— Já disse... não te interessa e não estou doente. O que quer? Podemos falar depois?

— *Caralho, não me diga que a minha musa dos pincéis é durona ou pior, mais inocente do que parece?* — O empresário deliciou-se.

— Ela não é a sua musa dos pincéis, só para começar — rosnou. — Cara, se não disser o que quer, vou desligar — ameaçou e sentiu alívio quando ouviu Lilly entrar no banheiro e fechar a porta.

— *Ela parece uma ninfetinha safada.*

— Vá à merda, caralho. Não vou falar da minha mulher com você — rosnou Brian, indo em direção à porta da varanda.

— *Ui! Minha mulher! Ah... meu Fucking Boy*[25]*, até que, enfim, está virando um troglodita possessivo.* — Mark riu se deliciando. — *Porra! Que espetáculo! Ela é tão bonequinha que é difícil imaginá-la fodendo com alguém, né? Se bem que dizem que essas com cara de santa são as mais safadinhas.*

Brian rosnou outra vez e desligou na cara do empresário.

O telefone voltou a tocar na mesma hora. Brian ignorou a chamada e foi até a borda da varanda. A suíte ficava de frente para a fonte, marca característica do Bellagio. A dança das águas ainda não tinha começado.

Imaginou-se, ali do alto da cobertura, apreciando ao espetáculo com Lilly e a ideia lhe pareceu convidativa. Se bem que, seria muito mais legal se assistissem ao show lá de baixo. Vista de perto, a coisa era impressionante, um verdadeiro balé de águas. Sim, ele poderia convidá-la. Recém-casados faziam coisas românticas, não faziam?

Droga, impossível!

Seria complicado demais, mesmo que se camuflasse, as chances de tudo virar um caos eram altas. Alguém sempre o reconhecia. Ser famoso, às vezes, era uma merda completa.

Ao mesmo tempo que o telefone recomeçou a tocar, alguns gritos histéricos vieram da calçada do hotel.

Brian riu e acenou. Com certeza, as pessoas lá embaixo não sabiam de quem se tratava. Só se estivessem com binóculos ou lentes especiais dos *paparazzi*.

Acenou mais um pouco, mais gritos, e depois sentou em uma espreguiçadeira. Era divertido, os fãs gritavam sem saber para quem, mas, com certeza, acreditavam ser alguém famoso. Afinal, só as celebridades, os artistas ou a nobreza costumavam se hospedar na cobertura do Bellagio.

Na quarta vez que o telefone recomeçou a tocar, resolveu atender.

— Se falar alguma coisa da Lilly, desligo na tua cara de novo. — Brian não estava brincando.

— *Ok! Desculpa, não vou mais falar da sua esposa* — Mark bufou do outro lado da linha. — *Do jeito que a defende, até parece que é mesmo a fim dela. Pera aí! Você é?*

Brian não iria confessar nem a pau que era.

— O que quer? — mudou de assunto. — Toda essa insistência, pra quê?

Outra bufada de Mark.

Brian podia imaginá-lo do outro lado da linha apertando a ponta do nariz em busca de paciência. O homem era completamente pilhado, sempre andando de um lado para o outro, resolvendo alguma coisa. O Richard era um santo, aturar o Mark não era fácil. Ele devia transar com o celular na mão.

— *Acabei de receber um e-mail do tio Ed, falando que o escritório reconheceu a legitimidade da certidão. Você é oficialmente um homem de família.*

Yes!

Brian vibrou com a notícia. Estava em dúvida se aceitariam a tal certidão. A capela na qual se casaram era muito duvidosa, caindo aos pedaços. *Merda!* Ele deveria ter se preocupado

em achar um local mais decente. Lilly merecia ter se casado em um lugar à altura dela.

Mark continuou, depois que Brian permaneceu quieto.

— *Então... eles mandaram os exames pré-nupciais da Lilly. Ela está mais limpa que água sanitária. Gentilmente, o tio dela pediu para ver os seus.*

Depois de saber do estado virginal da mulher, o resultado não o surpreendeu. Ao contrário dele, ela não saiu por aí comendo o que viesse, porra! Sempre fora cuidadoso, mas merdas podiam acontecer e ele nunca se preocupou em fazer aquele tipo de testes antes.

— Meus? Como posso ter exames pré-nupciais se eu nunca casei, caralho! Que tipo de exames são esses?

— *Uma porra qualquer para provar que não carrega nenhuma merda no seu sangue ou no seu pau. Não sei por querem exigir isso? Como se você saísse por aí comendo vagabundas.* — Mark gargalhou diabolicamente e Brian teve que afastar o celular para não ficar surdo.

— Vai tomar no cu, otário. Tirando a Penne, que resolveu virar freira, eu sou o menos prostituto dos quatro!

— *Mas não deixa de ser prostituto. Eu vi a loira que você levou para o QG anteontem. Bom, o fato é que não posso ter problemas. Se o velho quer que faça os exames, você vai fazê-los. Eu consegui fechar um laboratório para termos privacidade, contudo precisamos ser rápidos. Só estarão disponíveis por duas horas. Vou aproveitar e levar os outros caras com a gente. Vai ser bom saber se estão todos limpos. Deveria ter pensado nisto antes.*

— Se é assim. Posso descer em duas horas. — Jogou um verde. Brian nutria uma esperança de tomar banho com a sua noivinha imaculada.

— *Que caralho de duas horas. O jogo é rápido e tem que ser agora. Vão entregar os resultados em doze horas.*

Brian ficou puto. Como ficava a merda da ordem de... *Tranquem-se no quarto?* Pelo jeito, teria que amargar mais umas horas, carregando o pau dolorido por aí.

— Ok, mas... em troca, quero passar em alguns lugares depois.

Assim que despachou Mark, Brian foi até a porta do banheiro e achou melhor bater. Ainda não tinham chegado em um grau de intimidade.

— Está destrancada — uma voz doce e hesitante respondeu.

Bom sinal!

Abriu e a visão de Lilly entre as espumas da banheira foi uma das coisas mais sensuais

que Brian já tinha visto na vida. Engoliu em seco e suprimiu a vontade de ignorar a ordem de Mark e pular de roupa e tudo ali com ela.

— Estamos oficialmente casados — disse, puxando assunto.

Será que ela secretamente esperava que a certidão fosse negada?

Um rastro de dúvida apareceu no rosto delicado. O nariz arrebitado tinha um pouco de espuma na ponta. Brian achou aquilo tesudo demais.

— Pensei que já estivéssemos. — Ela sorriu, entre a inocência e a sensualidade.

Ele sentiu vontade de puxar os cabelos, mas controlou-se. Porra de mulher mais delícia.

— Os advogados ligaram para o Mark, dizendo que estava tudo bem com a certidão.

— Ah! Esqueci que poderiam recusar! — disse, parecendo aliviada e Brian gostou daquilo... gostou muito. — Obrigada, Brian... obrigada de verdade. Deus! Pode parecer tolice, mas estou tão feliz!

— Sério? — A voz dele saiu como o de um idiota e nem se deu conta de que estava sorrindo de orelha a orelha.

Ela abriu um sorriso de derrubar qualquer um.

Ele sorriu mais ainda, satisfeito com a empolgação da sereia na banheira e, de repente, também se sentiu empolgado... e com medo que ela percebesse seu estado de espírito, um pouco acima, olhou para a janela.

Quando voltou a olhar para ela, só viu as pernas para cima que batiam no ar.

Lilly animou-se tanto com a notícia, que foi chutar a espuma para cima. Ela só não contava que fosse escorregar com tudo e afundar. Teve quase um miniafogamento e quando conseguiu voltar à tona, Brian a olhava com curiosidade. Ela afastou os cabelos grudados no rosto e sorriu para despistar.

— Acho que me empolguei!

— Percebi. — Sorriu torto, uma covinha apareceu e Lilly achou aquilo uma graça.

— Temos que comemorar. Vai fazer o quê, agora? — Lilly tentou ser sensual ao perguntar. Queria que ele percebesse que era um convite.

Brian engoliu em seco. Será que ela o estava convidando para o banho? Não...

O rosto dele contraiu e uma linha fina apareceu em sua boca deliciosa.

— O Mark precisa que eu vá fazer uns exames.

Lilly fez uma careta e um olhar frustrado caiu sobre o seu rosto.

— Agora?

— Infelizmente, sim. Tinha esperança de que me convidasse para entrar na banheira com você.

— E eu tinha esperança de que aceitasse.

O coração de Brian disparou e suas bolas deram cinco saltos ornamentais. *Cacete!* As bochechas dela ficaram ainda mais rosadas. Tão estupidamente linda!

— Caralho! Assim eu morro de tesão, mulher!

— Não quero que morra. — As palavras dela eram quase uma súplica de desejo.

Maldito Mark!

Maldito tio Ed!

Maldita loira que comi no QG... e a morena antes dela... e a japonesinha... e a submissa do clube outro dia...

Merda! Merda!

Tinha que fazer as drogas dos exames. Mesmo tendo usado preservativo, não poderia colocar Lilly em risco.

— Se os exames não fossem uma exigência do seu tio... — achou melhor jogar na conta do tio. Nem morto iria confessar que era um pouco prostituto... ou muito — juro que mandava tudo à merda e entrava agora nesta maldita banheira. — Brian agarrou a bancada de mármore da pia do banheiro. Apertou tanto, até quase não sentir os dedos.

— Meu tio? — Lilly estranhou. *Por que diabos o tio pediria uma coisa daquelas?* A vida pessoal dela era privada. Se o tio começasse com a história de que músicos eram todos uns drogados, iria se ver com ela. — Que tipo de exames que ele quer de você? Ele tem que parar de ser tão protetor!

A palavra "protetor" caiu como uma raquetada na testa de Brian. É lógico que o tio tinha que ser protetor. Lilly não tinha um pai ou um irmão para protegê-la. E depois do fiasco com o Will era natural que ele redobrasse os cuidados. Se Brian pretendia que o arranjo desse certo, precisava mostrar ao tio dela que era um cara confiável. Que a sua má fama era injustificada. Pelo menos, desde ontem à noite e pelos próximos doze meses.

— Ele quer saber se sou um cara confiável. Se estou limpo, como você. Acho que ele está certo em ser protetor. Se o Will, que era aceito em seu mundo, fez o que fez, é natural que

desconfie ainda mais de um tipo como eu.

— Não vejo nada de errado em um tipo como o seu. Eu confio em você.

Ah! Baby Girl... se você soubesse as coisas que eu já aprontei... nem eu não confiaria em mim.

— Fico feliz que confie. Mas mesmo assim preciso ir. Tenho que sair agora. Mark está esperando para chamar um táxi. Devo ficar fora por umas três ou quatro horas.

— Tudo isso?

— Infelizmente.

Os olhos dela iluminaram.

— Vá com o meu carro. Quem sabe volta mais rápido.

— O *Maserati*? Caralho! Não posso aceitar, é muito pessoal. Não tem ciúmes dele? Sou meio possessivo com o meu Jeep.

— Para começar é ela, e não... não tenho ciúmes de dividi-la com você. Não é sobre isso que se trata o casamento? Compartilhar?

Bom ponto, Lilly!

— Cacete, Lilly! Isso foi quente! Sim, quero me compartilhar inteiro com você e mal posso esperar para pôr as mãos naquela belezinha de carro. Mark vai gozar e te amar eternamente.

Lilly sorriu com a empolgação dele. *Homens e a obsessão por carros. Tão exagerados!*

— Que bom. Vou ficar aqui te esperando.

— Volto logo. Precisamos terminar aquela conversa. Posso te dar um beijo de despedida?

— Esperava que fizesse isso — Lilly sussurrou, olhando para ele timidamente. Os cabelos dela estavam molhados, agarrando-se às bochechas úmidas, emoldurando o rosto adorável e perfeito.

Brian riu. A mulher fazia o coração dele cantar. Ajoelhou-se à beira da banheira e puxou Lilly contra o peito. A espuma molhou a camiseta, mas ele não ligou. Abaixou a cabeça para beijá-la e, mais uma vez, a mágica se deu.

Brian desenhou os lábios macios e generosos dela com a ponta da língua. Enfiou os dedos nos cabelos molhados, juntando os dois o máximo que a física permitia. Chupou e mordeu o lábio inferior delicado. Sentiu uma língua, a princípio tímida, buscando a sua própria, roçando em seu piercing. Mãos macias agarraram o cabelo dele com vontade... Nem ligou, a dor era boa. As bolas de Brian, já saturadas, pularam novamente ao sentir os seios macios esmagados contra o seu peito.

Precisava ter aquela mulher.

Mordidas e gemidos entrecortados saíam da boca dos dois. Corações batendo forte, respirações rápidas e pesadas.

A língua de Brian roçando no céu da boca de Lilly, explorando cada centímetro dela... trouxe a ela sensações há muito não tinha: fome, desejo, luxúria. Então, retribuiu como podia... com vontade. Brian quase surtou com a língua macia dela transando com a dele. *Gostosa demais!* Realmente ela não mentiu quando disse que era empolgada!

A pele áspera roçando no rosto de Lilly era divina. Gostou daquilo. Imaginou a mesma sensação em outras partes do corpo... Sua boceta piscou para a vida. *Caramba! Que gostoso, que delícia*. Chupou a língua dele com a mesma vontade que tinha de chupar o pau desconhecido.

— Porra, Lilly! — rosnou, fazendo cosquinha na garganta dela. O que a fez empolgar-se mais. Tinha certeza de que ele seria tão gostoso lá quanto todo o resto. Impossível. O homem era totalmente bom!

Ele rompeu o beijo quando o bipe em sua bunda estava ficando infernal.

— Merda! Eu tenho que ir! — disse sem fôlego.

— Pena! Estou gostando disso aí.

— Lilly, Lilly... Você é totalmente um tesão, sabia?

— Não, mas se quiser me mostrar por que acha isso…

Batidas gladiadoras e os gritos do Big, na porta principal de suíte, quebraram todo o clima. Brian sorriu abertamente, mostrando as covinhas. Ficou ainda mais lindo, como se fosse possível.

— Acho que alguém está com medo de tomar agulhada.

— Big vai com você? Ele odeia sangue.

— Todos vão.

— Penne também?

— Ela não.

— Bom... quem sabe depois do banho eu vá visitá-la.

— Faça isso, distraia-se um pouco. — Brian beijou a testa dela, ficando de pé e ajeitando discretamente o desconforto entre as pernas.

— É o que pretendo.

— Deixei o número do meu celular anotado. Está em cima da cama, qualquer coisa que precisar me ligue. Afaste-se da janela ou da beirada da varanda, se não quiser ser fotografada. Espere eu voltar para ir até o lobby, ok? Se quiser serviço de quarto, é só pedir. Não vi você comendo nada o dia inteiro. Tem certeza de que posso pegar a *Maserati*?

— Tenho, já disse. Mais alguma ordem, senhor?

Só que pense em mim.

Quase na porta do banheiro, Brian virou-se.

— Ah! Nada de falar com estranhos. Vou pedir para o Dilon vir ver se está tudo bem.

— Jesus. É sempre tão exagerado assim?

— Sempre. Tchau, *Sexy Girl*.

— Até, *Sexy Boy*.

Na porta da suíte, Brian encontrou um muito agoniado Big.

— Porra, cara! Pensei que estivesse morto. Vai assim? — Ethan apontou para a camiseta e o jeans molhados de Brian.

— É só espuma, vai secar logo — respondeu Brian.

Ele podia ter trocado de roupa, mas a espuma estava com o cheiro da Lilly e queria mantê-lo. Era muito bom... algo doce e cítrico, sem ser enjoativo, como uma flor exótica e rara... assim como a mocinha que a muito custo, teve que deixar na banheira.

Caminharam juntos, em silêncio, até um dos elevadores que já estava à espera deles. Mark e Gabe estavam lá na recepção. Adan tinha se recusado a ir. Tinha feito os mesmos exames há menos de quinze dias. Big e Brian se apoiaram em paredes opostas do elevador. Ficaram alguns segundos se encarando, enquanto os andares passavam lentamente.

— Merda! Está com aquela cara.

— Que cara, imbecil?

— Essa aí, com esse sorrisinho sacana e satisfeito... de conquistador.

— Desde quando repara no "tipo" do meu sorrisinho? — Brian fez aspas.

— Desde quando é a minha bonequinha, trancada naquele quarto com você. Diga que não a fodeu como se fosse uma das suas vadias.

— Claro que não! Que tipo de homem pensa que sou? Lilly é diferente.

— Do tipo Brian Pierce... cacete! Lilly é como uma irmã pra mim!

— Eu a respeito, ok, Big, mas... nem sonhe em me pedir para manter as mãos longe dela, porque a gente vai brigar feio.

— Mas ela é sonhadora e pode acabar se apaixonando. E se você quebrar o coração da garota? Acho que deveriam ter um relacionamento platônico e manter tudo só na amizade.

— Não acho que Lilly seja o tipo de mulher que se apaixonaria por mim. Ela é uma dama e eu praticamente um vagabundo. Sabe bem do que estou falando. Veio do mesmo lugar que ela e estou cansado de ouvir como te tratavam como lixo, amigo. Não tenho ilusão de que teremos algo mais do que esse tempo juntos e acredito que ela menos ainda.

— Não sei, cara. Quando começa a rolar pegação, as coisas mudam.

— Ontem você bem que incentivou a pegação.

— Porque... achei... que se estivesse empolgado...

Confuso, Brian esfregou a testa.

— Está dizendo que me usou?

— Não! Claro que não! — Big ficou envergonhado. Talvez tenha usado um pouquinho, mas estava bêbado e desesperado para resolver o problema da Lilly. Depois da Kate, Brian ficou tão mulherengo quanto qualquer um deles.

— Acho bom ir se acostumando a nos ver juntos, amigo.

Big mostrou o dedo do meio e Brian o ignorou.

— A questão é mais embaixo, otário. — Big insistiu. — Estou falando de sexo, de mulheres se esfregando e se oferecendo toda noite. Porra! Impossível resistir a isso. Não sei se a Lilly aguentaria ser tachada de corna mais uma vez.

— Ela não vai ser corna... Estou cansado dessa merda toda.

— Vi como parecia cansado com a Diana — ironizou Big. Ele sabia que Brian não era tão sem noção quanto ele ou Adan, mas mesmo assim... estava sempre comendo uma ou outra por aí. Com certeza, Lilly podia até ter uma ideia sobre a vida farta que eles levavam, mas a realidade era muito... muito pior.

Ah! Então esse era o nome da loira do outro dia.

Brian sabia que era alguma coisa relativo a princesa... apostou em Grace quando tentou se lembrar.

— É sobre isso que estou falando. Sempre os mesmos tipos vazios. Que nos chupam e fodem, em troca de uns cinco minutos de fama. Porra, cara, chega uma hora que isso cansa! São

seis anos nessa.

Big levantou a sobrancelha em descrença.

— Que merda de seis anos? Você namorava, porra! Acho que não vou cansar disso nunca. Adoro essa putaria. Quanto mais peito e boceta melhor.

Seis anos sim!

Kate era exatamente igual a elas.

— Cada um na sua, Gladiador. Tenho pensado sobre essa porra toda sem sentido. Cansei ou melhor, CASEI — enfatizou com orgulho. — Não vou chatear a Lilly. Ela disse que preza pela fidelidade.

— Cacete! Vocês prometeram exclusividade?

— Não, lógico que não. Ela me contou que era fiel ao noivo, só isso. Falou para eu fazer o que eu quiser... Não me privar de nada. Lilly não quer ser um fardo.

— Sabe que te considero pra caralho, é como um irmão, porra! Mas se tiver que acabar com a tua raça, se magoar Lilly, pode ter certeza de que vou fazer isso.

A porta do elevador abriu no oitavo andar, para alívio de Brian. Dois casais falando algo que parecia japonês entraram animados no elevador. Quando encararam os dois brutamontes diante deles ficaram quietos na hora.

Brian não era um cara pequeno. Ele tinha a constituição de um atleta sarado: músculos bem definidos, ombros largos, braços fortes, coxas grossas e musculosas. Um metro e noventa e dois. Mas Big era gigante, não só por causa dos dois metros e dez, mas o cara era um muro. Tipo um gladiador. Os braços eram exageradamente grandes, quase explodindo na camiseta. Os cabelos descoloridos, sempre desgrenhados, a barba de lenhador e o corpo todo tatuado o faziam parecer um cara mau.

Brian tinha certeza de que se o amigo grunhisse, a trupe japonesa iria enfartar. No mínimo, deviam estar pensando que eles eram algum tipo de criminosos. Que mataram alguém afogado, já que a japonesa ao lado dele não tirava os olhos de sua camiseta molhada.

Quando Big os encarou e tentou um sorriso, congelaram. Poucos conheciam o lado bondoso que se escondia atrás dos olhos cor de mel do amigo.

Por isso, Brian não ficou tão puto com a intromissão de Big.

Sabia que o Gladiador tinha o coração completamente dominado por Penne e Lilly. O cara sempre fora um solitário na infância, filho único. Um nerd gigante, sofrendo *bullying*[26] na

escola e que adotou as meninas que o trataram como igual. Brian só não queria sofrer as mesmas consequências que o Adan, ao quebrar o coração de Penne. Ele, Gabe e Dilon quase não conseguiram conter a fúria do Big, quando quase quebrou Adan ao meio.

As últimas coisas que Brian queria eram magoar Lilly ou morrer. Só que a penúltima coisa que desejava era deixar que todo mundo se metesse no relacionamento deles. Já bastavam o Mark e o tio dela, mais do que empolgados em fazê-lo.

Assim que desembarcaram na recepção do hotel, foram cercados pelas dezenas de fãs que já assediavam Gabe. Os dois casais de japoneses saíram do elevador e começaram a fotografar o teto do hall, que era um espetáculo à parte... revestido por milhares de sombrinhas japonesas multicoloridas, porém, quando perceberam o assédio dos fãs, mudaram o foco e foram logo os abraçando e tirando fotos.

— Ué, pensei que nos achassem dois criminosos — zombou Big, ajoelhando-se para tirar uma foto com a japonesa, que mais olhou feio para ele no elevador.

— Nada como o efeito dos flashes e dos gritos dos fãs para as pessoas mudarem de opinião rapidinho. — Brian deu um sorriso falso para o amigo ao também ajoelhar-se para a foto.

— É foda! — lamentou-se Big para Brian.

Quando o baterista percebeu que tinha dito um palavrão, fez um gesto de desculpas, inclinando a cabeça para o grupo oriental. Ao que tudo indicava, eles pensaram que "É Foda" era algum tipo de cumprimento. Baixaram a cabeça repetindo o gesto do Gladiador e vários "*é foda*" saíram em sotaque japonês.

Gabe juntou-se a eles, seguido de um grupo de adolescentes com cabelos multicoloridos.

— E aí, ladrão de noiva — disse Gabe, abrindo um sorriso de derreter qualquer calcinha. Sua marca registrada. — Meio injusta essa merda.

— Que merda, otário? — Brian deu um tapa na cabeça do loiro abusado.

— O Capitão obrigar todo mundo a ser torturado por agulhas. Já que somos obrigados a sofrer, acho justo que role um compartilhamento.

— Mantenha o pau longe da minha mulher.

— E se ela gostar de variar? — Gabe provocou.

Brian partiu para a briga, mas Big adiantou-se e deu uma gravata automática em Gabe. Os fãs ao redor não sabiam se aquilo era brincadeira ou era sério. Só voltaram a sorrir quando Gabe gritou, batendo no peito de Big:

— Ááááágua!

— Nem se atreva, babaca. Lilly não é mulher para as suas perversões sexuais — rosnou Big baixinho.

— E você foder com cinco mulheres não é perversão? — Gabe retrucou, enquanto massageava a garganta.

— Caras, que tal discutirem as suas preferências em outro lugar — Brian aconselhou. Se fosse ontem, ele não teria se importado que alguns fãs os pegassem tendo aquele tipo de conversa em um saguão de hotel lotado, mas agora ele era casado, porra!

— Aí estão vocês! Brian do céu, que roupa molhada é essa? Caramba! Já falei que só um pouquinho de asseio não lhe faria mal. Até parece que não saiu da depressão.

Brian voltou-se para Mark, que estava cercado por três brutamontes.

— Já tá secando e hoje é meu dia de folga. — O guitarrista fez pouco caso e o empresário revirou os olhos ao examinar o jeans desgastado e a camiseta preta surrada do Nirvana.

— Que seja! O táxi vai esperar por nós no subsolo. Tem um grupo de garotas um pouco revoltadas com o seu casamento lá fora. Acho melhor evitar confusão. Vamos sair pelos fundos.

— Pode dispensar o táxi — Brian disse e todos o olharam assustados. — Não vou a lugar nenhum com ele.

— Não pode desistir dos exames! — Mark disse quase gritando. — Seja razoável!

Um sorrisinho presunçoso brotou nos lábios bonitos do guitarrista.

— Acontece que eu sou um marido excelente e se a minha senhora quer que eu vá na *Maserati* dela será nela que eu irei.

— Porra de um bastardo sortudo. — Gabe abraçou Brian. — Posso dirigir?

— Claro que não! O marido sou eu.

— Ela te emprestou? — Os olhos de Mark faiscaram em glória.

— Brian Theodore Lincoln Pierce... tem certeza do que disse no elevador? Que vocês não... — Big parou a frase. — Ela nunca me emprestou quando eu pedi! Caralho! — rosnou magoado.

— Talvez porque ela saiba que dirija como um camicase — Gabe brincou e tomou um tapa na testa.

Brian ignorou o bico de Big.

— É natural que me empreste, somos casados agora. O que é dela é meu e o que é meu é dela.

Mark desmaiou.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Vinte minutos depois, no ambulatório...

— Quantos dedos o senhor vê? — uma enfermeira rechonchuda perguntou, assim que Mark retomou a consciência.

— Quatro. — Ele afastou a mão da mulher como se fosse algum tipo de praga e sentou-se na maca.

Os três músicos e os três seguranças o olhavam com cautela. Mark aceitou o copo d'água. Precisava pensar...

Que merda! Como foi deixar uma coisa daquelas escapar?

Teria que ligar para o tio Ed, urgente, mas antes de falar com ele, não iria dizer nada ao Brian ou a Lilly. A última coisa da qual precisava era de uma cena de indignação de Brian. Conhecia o peste e suas maneiras altruístas.

Ele podia apostar que nenhum dos dois pensara nas consequências desastrosas de uma separação com comunhão total de bens. Tinha que dar um jeito naquilo, o mais rápido possível.



13

A ida para a clínica foi caótica.

A começar que Brian insistiu em dirigir. Pouco familiarizado com as ruas de Vegas, perdeu-se do táxi que indicava o caminho, quando resolveu acelerar e sair costurando em uma avenida reta.

Big era o co-piloto. Sendo ele um gigante, teve o direito de ir no banco do passageiro. Gabe e Mark se espremiam no banco de trás com um dos seguranças. O que os dois adoraram evidentemente... o homem era um macho dos bons.

Gabe já tinha tentado convidá-lo para uma farra, mas o cara, que parecia da CIA, não curtia compartilhamentos como o baixista. Nem a promessa de dividirem Diana fizera o homem mudar de ideia.

— Então, Eliot, há quanto tempo curte segurar no revólver?

O homem, vestido em um elegante terno preto, contorceu-se no banco quando Gabe deu uma apertadinha no joelho dele.

— Estou na área há quinze anos, senhor.

— Hum... que experiente. Gosto disso. — Gabe sorriu malicioso. Brian e Big caíram na gargalhada e continuaram a luta para configurar o GPS do idioma italiano para o inglês. — Sabe, Eliot... nunca segurei um revólver antes. Aposto que o seu é dos grandes e com um cano bem grosso.

— É um Magnum 44, cano longo, senhor.

— Jesus! Cano longo, é? Bem que poderia passar na minha suíte uma hora dessas e mostrar.

O CIA remexeu-se, soltando um leve gemido de agonia. Nestes anos todos em que fazia a segurança do Bellagio, já tinha recebido cantadas de homens, mas aquele artista era insistente.

— Não acho que seria adequado, senhor.

— Não seja tímido, Eliot. É só uma segurada no revólver. — Gabe adorava xavecar, mesmo que não tivesse a intenção de chegar às vias de fato.

— Pelo amor de Deus, Gabe! Dá para deixar o homem em paz? — Mark disse com pena da agonia do moço, que o olhou agradecido.

— O quê? — Gabe fez a cara mais inocente, abusando do seu rostinho de anjo. — É um

interesse puramente profissional. Sabia que antes de ser músico, pensei em ser agente secreto? Vocês que têm uma mente suja. Só queria pegar na pistola.

— Sei... nós é quem temos a mente suja. — Brian riu, ainda na luta contra o GPS.

O farol fechou e antes que Gabe pensasse em responder, a atenção dele já tinha mudado completamente de foco. O baixista tinha um déficit de atenção sexual tremendo. Seu interesse mudava de acordo com o que lhe chamasse mais a atenção... e naquele exato momento, eram as três loiras no carro conversível ao lado.

— Não acredito! São os Ultimate! Brian você é um gostoso! — Sem cerimônia, uma delas levantou a camiseta deixando os peitos à mostra. — Me dá um autógrafo?

— A gente ama vocês! Que tal uma festinha privada esta noite? — As outras duas também resolveram mostrar os peitos. — Se o Grandão, aí de preto, quiser participar...

Hey!

Por que eu não?

Sou lindo...

Mark pensou, fazendo cara de nojo para as vadias.

Gabe estava com quase meio corpo para fora do carro, tentando chupar a loira de cabelos compridos. Big jogou um pedaço de papel no carro delas, provavelmente, o número de celular *especial fodas*.

O baterista era organizado. Tinha um chip diferente para cada cidade em que estavam, o que evitava as perseguições ao seguir em frente. Se retornasse à cidade, era só buscar pelo chip, que ele mantinha meticulosamente catalogado.

— Brian! Brian! — insistia a loira com cabelos platinados. Provavelmente, ela trabalhava como sósia da Marilyn Monroe em uma dessas boates.

— Você é adorável, senhorita, mas sou um homem casado! — Brian gritou e quase engasgou quando ela começou a puxar os mamilos avermelhados para provocá-lo. Eram bonitos, é claro, pareciam naturais. O pau deu uma leve sacudida, mas não eram os peitos empinadinhos que ele estava louco para provar.

— Ai, Brian!! Dane-se a sua esposa, ela não vai ficar sabendo... só uma chupada. Que tal pararmos ali, naquele beco?

— Mais respeito com a minha mulher! — rosnou feio e a moça baixou a blusa sem graça. — Eu vou ficar sabendo, porra! Já disse que não estou interessado!

Brian acelerou, assim que o farol abriu, e desejou ter uma aliança bem grande em seu dedo. Talvez, com o anel, aquelas vagabundas tivessem mais respeito!

Acelerou mais e se não fosse pelo reflexo rápido de Eliot, em segurar Gabe pelo cinto, o baixista teria ficado pelo meio do caminho.

— Está querendo me matar, fala logo, seu bosta! — Gabe rosnou. — Eliot você é o meu herói. Te devo a minha vida! Posso ver a sua pistola?

O segurança encolheu-se.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Por sorte, encontraram o táxi com os dois outros seguranças, parado a duas quadras dali. Brian tinha se perdido tanto, que nem percebera que estava dirigindo em círculos. Chegando à clínica, em segurança e em sigilo, foram logo atendidos por um médico.

Cada integrante foi encaminhado para uma equipe diferente, na tentativa de agilizarem os procedimentos.

— Brian Theodore Lincoln Pierce! — uma senhora de uns cem anos chamou por ele.

Ao entrar em uma sala branca e esterilizada, a enfermeira pediu que ele sentasse em uma cadeira e foi logo medindo a pressão.

— Então, rapaz? — Ficou óbvio que a mulher não tinha a menor ideia de quem ele era. — Qual pacote pré-nupcial vai ser? Básico ou completo?

— Porra! E eu sei? — exclamou e a senhora fez uma cara muito feia para ele. — Desculpa, quero dizer, não tenho a menor ideia. Nem sabia que existia isso. Qual sai mais?

— O completo. Muitas noivas exigem saber como anda a performance dos meninos. Além de ver se o futuro marido não é um drogado psicopata — disse de forma carinhosa. — A pressão está boa. Perfeita, doze por oito.

— Meninos? — perguntou Brian, arqueando uma sobrancelha para a enfermeira que auscultava[27] o coração dele.

— Espermatozoides, rapaz. Saber se será capaz de ter garotões tão bonitinhos quanto você. — Apertou a bochecha dele. — Me lembra muito um ator, sabia? Aquele que fez aquele filme... este último... aquele lá...

— Contrato de Risco? Acho que o nome dele é Ian alguma coisa — Brian não completou, não queria a mulher ligando os sobrenomes.

— Esse! O homem é um pedaço de mau caminho... um pão! Ah... se eu tivesse uns dez anos a menos.

Brian riu. Seu pai odiaria saber que tem uma fã apaixonada, de uns cem anos. Iria adorar provocá-lo, dizendo que a senhora viu o primeiro filme dele, quando ela ainda era adolescente. O galã Ian Pierce, ex-007, não era velho, tinha só cinquenta e cinco anos. Estava mais em forma que muitos homens de trinta. Mas seu pai possuía uma vaidade tremenda e um ego enorme, e exigia que todos falassem que tinha quarenta.

— É... dizem que somos parecidos. Apesar de eu ter puxado os olhos de minha mãe. — Torceu para que ela não percebesse o ato falho que acabara de cometer.

— Olhos lindos, realmente! Liz Taylor tinha essa cor violeta. Decidiu? Simples ou completo? Se usa drogas, recomendo não fazer. Pode ter problemas com os federais.

Ele não usava drogas. Aprendeu desde cedo os estragos que aquelas merdas faziam... Não que Brian tivesse uma vontade secreta de ter uma família enorme como a dele. Nada disso... filhos não estavam em seus planos... naquele momento. Porém, era sempre bom saber se os meninos dele estavam bem tratados.

— Completo.

— Ótimo! — disse a senhora ao entregar um pote esterilizado. — Preciso que deposite uma boa quantidade dos seus guerreiros aqui. Acha que vai ter problemas com isso? Posso conseguir revistas ou até mesmo uns vídeos. — A enfermeira apontou a TV de plasma na sala.

Brian negou a ajuda e ficou sozinho na sala. Por via das dúvidas, trancou a porta. A última coisa da qual precisava era de um incentivo. Bastaria pensar em sua linda esposa. Suas bolas estavam cheias e pesadas, desde o momento em que ela aparecera no meio do bar na noite anterior.

Baixou a calça jeans e a boxer. Sentou-se no sofá branco, ao lado da mesa da enfermeira, com seu pote aberto a postos. Aquilo seria rápido. Envolveu o pau, que já estava a meio mastro, com a mão, e começou a delirar no corpo da Lilly.

Começou imaginando como seriam aqueles mamilos rosados ao ficarem excitados quando passasse a língua... experimentando e mordendo os bicos.

Caralho!

Os movimentos da mão intensificaram quando imaginou como seriam a bunda e a boceta. Apostou que a última seria toda rosadinha, como os lábios carnudos da Lilly. *Porra!* Sempre que se encontraram, ele foi obrigado a fingir desinteresse... então, nunca pôde dar uma boa conferida

naquela bunda. As pernas, ele sabia que eram incríveis, já as tinha visto, mas a bunda... a boceta... tomara que fossem boas. Ele gostaria de ter onde apertar e o que chupar... Quando imaginou a depilação, suas bolas contraíram em êxtase.

Qual seria a expressão de Lilly ao gozar usando o pequeno vibrador?

Sentiu inveja do aparelho... entrando e saindo da boceta da esposa.

Como seria o gosto dela?

O movimento de vai e vem, sobre o eixo do pau ficou insano. A cabeça caiu para trás e a respiração ficou pesada. Torceu para que a sala fosse à prova de som. Ele não era exatamente um gozador discreto.

Porra!

Era como esperar pela guitarra mais insana.

As mulheres costumavam depilar tudo, mas ele adorava uma penugem macia e discreta decorando o monte de Vênus. Achava sexy roçar os dedos ali. Intensificava o cheiro delas. Não que Lilly toda depilada fosse um problema, a queria de qualquer maneira.

Uma contração e Brian pôde sentir o primeiro jato de sêmen explodir...

Atrapalhou-se um pouco, tentando mirar o pau grosso e longo no potinho, mas conseguiu encher mais da metade. O resto ficou em sua mão e camiseta. Tomara que fosse suficiente. Não que aquilo seria um problema... do jeito que as imagens eróticas do corpo dela mexeram com ele. Bastariam mais alguns minutos para ele gozar de novo. E olhe que ele nem precisou apelar para a parte imaginativa prática de chupar... foder.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Depois do elogio que recebeu da enfermeira sobre a boa quantidade de amostra, Brian aguentou firme ser espetado, para que ela retirasse seis ampolas de sangue. Ela lhe entregou três cotonetes enormes. Um para a boca... outro para esfregar no pau e o terceiro para o traseiro. Explicou-lhe que o procedimento era necessário para verificar possíveis DST's[28].

Porra, aqueles médicos eram realmente exigentes com o troço de sexo seguro!

Fez tudo o que a senhora pediu, sem reclamar.

Quem sabe, se os exames fossem bons... ele poderia deixar de lado os preservativos com Lilly. Fazia um bom tempo, desde a última vez em que fizera pele contra pele... desde Kate.

— Prontinho, senhor Lincoln. Tem um e-mail pessoal no qual eu possa encaminhar os

exames?

Brian passou o mesmo que usava para falar com a mãe. Mesmo que tivesse que repassá-los para o tio de Lilly, não era uma coisa que queria circulando pelo e-mail geral da banda.

— Amanhã, até umas três da tarde, o senhor deverá recebê-los. Pagaram uma boa taxa extra. — Sorriu a senhora.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Na recepção da clínica, Brian encontrou um pequeno caos. Mark estava às voltas com um enfermeiro que ameaçava processar a banda, porque Big dera um soco nele quando tentou espetá-lo.

Pelo que conseguiu entender, o amigo agrediu-o minutos antes de desmaiar ao ver seu sangue sendo coletado. Atualmente, estavam esperando ele acordar. A boa notícia era que tiraram todo o sangue necessário com ele desmaiado.

Já Gabe, desapareceu depois de fazer os testes. Brian soube do fato quando Eliot avisou ao Mark que as imagens das câmeras não registraram a saída do baixista do prédio.

Brian tinha um leve palpite sobre o paradeiro do Gabe, mas resolveu sentar, esperar calmamente e não revelar a tara do amigo por armários e depósitos. Que ele se divertisse um pouco e esquecesse da ideia de compartilhar Lilly. Odiaria ver o baixista da banda subir no palco, com os dois olhos roxos.

Ligou o celular para ver se havia algum recado de Lilly... nada. Então achou melhor retornar umas das quinze ligações da sua mãe.

— *Theo, querido! Estava quase louca aqui, te liguei...*

— Quinze vezes!

— *Ai, filho, sabe que me preocupo com você.*

— Estou bem, mãe. — Resolveu não falar que estava fazendo exames em uma clínica. Não agora. Talvez contasse depois de tudo correr bem. Sarah Lincoln era uma mãe coruja. A última coisa da qual ele precisava, era da mãe batendo na porta do seu quarto por não acreditar que seriam apenas exames de rotina.

— *Theodore, meu amor* — Eita, ferrou, quando ela começava assim... — *Os boatos que estão na imprensa são verdadeiros?*

— São, mãe.

— *Hummm... e quando pensou em me contar que havia conhecido uma moça. Não me diga que foi uma dessas coisas impensadas de Vegas. Jesus, as aproveitadoras...*

— Não, mãe. Conheço a Lilly há anos. — Não precisou mentir. — Só que ela estava noiva de outro cara... — Brian contou toda a história para a mãe. Eles nunca tiveram segredos entre eles.

— *Uma pena que tenha sido da forma como me contou, filho.* — A mãe suspirou no telefone. — *Pelo jeito que fala dela, parece que é realmente uma boa moça. Só não quero que se machuque.*

— Eu não vou me machucar, mãe.

— *Você, eu sei que não vai. Estava me referindo a ela.* — A mãe suspirou novamente e ele sabia dos demônios dela. — *É muito difícil para uma mulher administrar as fãs e amantes do marido. Mesmo que, no caso de vocês, seja só por um tempo. Pelo que disse, aquele ex-noivo não foi um cara bacana. Fico imaginando como estará a cabecinha dessa moça.*

— Por mais inacreditável que pareça, não pretendo fazer algo estúpido ou magoá-la. Sei que fomos meio loucos. — A mãe riu, conhecia muito bem os rompantes do filho. — Simplesmente, não pude vê-la sofrer daquele jeito e perder tudo.

— *Por que minha intuição diz que esses não foram os únicos motivos?*

Brian sentiu-se desconfortável na cadeira. Sua mãe era foda.

— Porque ninguém me conhece como a senhora.

A mãe riu satisfeita do outro lado da linha.

— *Vamos fazer assim, filho. Melhor mantermos segredo sobre os detalhes. Não acho conveniente contar. As meninas não iriam segurar a boca e seu pai... Bem, seu pai é seu pai. Em dois segundos, Hollywood inteira saberia. Ele, provavelmente, não viu a notícia. Está no meio do nada, no set da sequência de Montanha Maldita. Deixa que eu me acerto com ele.*

— Obrigado, mãe. Sabe que o seu apoio faz toda a diferença para mim.

— *Eu te amo e vou te apoiar sempre. Só diga que fará o melhor que puder. Em breve será a pré-estreia do filme de trabalho do seu pai, ele está esperançoso por uma indicação. Ainda mais porque a música que fiz com a Ultimate está sendo cotada para o Oscar. Sabia disso, Theo? Avise aos meninos da banda por mim.*

— Caralho! Não sabia disso! — Brian fechou o punho vibrando, seguido de um YES! silencioso. — Adan vai surtar.

— *Nosso dueto ficou muito bom mesmo.* — A mãe sorriu carinhosamente. — *Nada de fugir da pré-estreia, hein?* — Brian odiava aqueles eventos, principalmente, porque a chance de encontrar com pessoas indesejadas era grande. — *Preciso que todos estejam lá. O Juiz tem tudo para levar algumas estatuetas para a casa este ano. Como disse, seu pai está animado. Se levarmos o de melhor canção novamente, um campo enorme irá se abrir para você. Segundo Oscar para um jovem compositor de vinte e nove anos é inédito, meu amor. Fico tão orgulhosa.*

— Devo tudo a você, mãe.

— *Não, filho. As conquistas são suas, não minhas. Sou cantora, lembra? Não instrumentista. Veja o Bret, garanti os mesmos cursos e não consegui nada com ele. As meninas, eu já desisti.* — A mãe riu abertamente.

O filho era um playboy gente boa e mulherengo, que brincava de empresário em uma boate financiada por seus pais. E as trigêmeas eram umas maluquinhas. Doidas para namorar, mas Bret fazia marcação cerrada.

Gabe apareceu com a maior cara lavada e sentou-se ao lado de Brian. Ele evitou os olhos furiosos de Mark. Com certeza, o baixista estaria ouvindo um sermão se o empresário não estivesse mais preocupado em manter Big de pé. Para um gladiador, ele estava parecendo uma florzinha, todo pálido e branco só porque viu umas gotas de sangue.

— Tenho que ir, mãe.

— *Ok, Filho. Espero vocês na pré-estreia, mas também quero Lilly um final de semana destes, para eu conhecer a minha nora. Vou organizar um churrasco.*

— Pode deixar. Te amo.

Dito e feito. Gabe tinha se enfiado com uma enfermeira, dentro de um depósito do laboratório. Estava fedendo a algum tipo de produto químico, que caiu sobre eles enquanto martelava sua conquista por trás.

— Foi irado, cara — sussurrou animado. — Não conte para o Mark. As prateleiras balançaram. Sorte que o troço não era corrosivo. Foi uma foda *danger*... eu poderia ter morrido derretido!

Gabe fechou os olhos extasiado e Brian deu um soco no braço do amigo.

— Pela cara da mocinha sorridente deve ter sido irado mesmo. — Olhou para a enfermeira toda corada.

— Pensando bem... — Gabe fez uma cara séria, esfregando o braço dolorido — foi bom que se casou com Lilly e não eu. Tem noção das fodas incríveis que vai perder?

Brian não tinha pensado no assunto. Mas, honestamente, não estava com nem um pouco de inveja do baixista. Não trocaria a punheta fenomenal que tivera há pouco por uma trepada em um armário.

— Precisamos ir. Temos coisas a fazer ainda. Onde se meteu, Gabe? — Mark chegou pilhado. — Já são mais de sete horas, está tarde.

Gabe olhou para o jeans manchado e, em seguida, ergueu o olhar.

— Ajudando uma pobre senhora com o carrinho de limpeza.

Óbvio que a desculpa não colou.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Em menos de meia hora, eles estavam na Town Square, um elegante centro de compras em Las Vegas. Todos de bonés e óculos escuros trazidos por Mark, para tentar manter o anonimato. O disfarce funcionou por dez minutos. Logo foram cercados por fãs realmente chateadas por Brian ter se casado.

O jeito foi se refugiarem dentro de uma cafeteria.

— E aí, Big? Melhorou? — Brian perguntou, honestamente preocupado com a falta de cor no rosto do Gladiador.

— Estou melhor. — O amigo passou a mão na testa, enxugando o suor frio. — Mas, a partir de hoje, só fodo com três preservativos. Não quero nunca mais fazer este tipo de exame. Os caras eram vampiros.

Quando Brian olhou pela vitrine, para ver se os seguranças já tinham conseguido acalmar a pequena multidão, viu uma loja do outro lado da rua e teve um estalo.

— Amanhã será o aniversário da Lilly, certo?

— Porra, cara, sim. Com toda essa merda acontecendo tinha esquecido. Vou ligar para Penne e ver se ela tem alguma ideia. Sempre damos juntos o nosso presente. Vai comprar alguma coisa para ela?

— Pretendo.

Big nem ouviu a resposta de Brian direito, porque, no mesmo segundo, ele saiu disparado porta afora da cafeteria.

— *Puta que pariu, Briannnnn!*

Um grito de horror de Mark explodiu. Fãs, seguranças e um Mark, agora histérico,

correndo atrás dele. Ethan olhou para Gabe, que divertia-se observando a cena e calmamente dava mais um gole em seu café. Eles riram, o cara voltou a ser o Brian impulsivo de antigamente.

— Ele está meio que surtado — constatou Gabe, reflexivo.

— Pois é. Impressionante — divagou Big.

É, talvez Brian o surpreendesse.

Big nunca tinha visto o amigo empolgado daquele jeito. Nem mesmo com Kate. Big estava tão acostumado com as farras e a vida despreocupada que levavam, que esquecera que... apesar de nunca tocar no assunto, Brian também passara por algumas tragédias pessoais, assim como Lilly.

Quem sabe... o destino não tinha mexido os pauzinhos e colocado os dois frente a frente para ver no que daria? Então, o baterista fez uma promessa a si mesmo de *TENTAR* não se intrometer entre eles.



14

Horas antes...

Depois de um banho delicioso, Lilly foi ver Penne. Encontrou-a no sofá da sala na suíte dela, revirando uma mochila e tirando algumas mudas de roupas.

— Que bom que resolveu mexer o seu bonito bumbum e vir me visitar. Já estava ficando com ciúmes do Brian.

Lilly abriu um sorriso e foi em direção da loirinha. Gostava de Penne em seu humor vibrante e brilhante. Ela sempre foi uma menina determinada e focada. Sofreu horrores quando pegou Adan a traindo embaixo do palco.

— Ele nunca será páreo para o que há entre nós. Sabe que teria me casado com você, se não fosse ilegal — brincou, ao sentar-se no sofá e analisar a montanha de roupas.

— Droga! Deveria ter gravado o que disse para esfregar na cara dele — Penne gargalhou, fuçando na mochila. — Acabei de falar com o Mark. Vão demorar para voltar. Preparada?

Lilly pegou uma camiseta da Hello Kitty na mão.

— Para quê?

— Sua primeira lição. — Penne olhou-a com um ar divertido. — Como sobreviver ao caos de ser uma celebridade!

Lilly não acreditou quando Penne arrancou perucas da mochila, vários óculos e chapéus... Meia hora depois, entre risadas e fofocas, as duas tinham se transformado em outras pessoas.

Elas riram muito vendo as fotos e notícias que saíram na imprensa. A cara dela de incrível, ao beijar Brian... estava incrivelmente chapada. *Hilário!* Corou ao ver a intensidade com a qual Brian praticamente a engolia.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

TMZ

Brian Pierce casa em segredo em Las Vegas!

Segundo fontes, a sortuda é a artista plástica, Lilly Peterson. Amiga de infância de Big e Penne, da banda.

Um conto de fadas? Após desiludir-se com o noivo, a mocinha reencontra o grande amor em Vegas!

Fãs estão fazendo vigília na Mansão de Malibu. Muitas vestidas de preto, em luto pelo casamento.

Kate Breie não quis comentar o assunto.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Tentaram achar o vídeo do *striptease* dos meninos. Surpreendeu-se que a mídia a tivesse colocado como mártir e depositado toda a culpa na conta do Will e da irmã, como um flagra pela traição. Nenhuma palavra sobre o mico no altar.

Ficou aliviada, porque nada foi dito sobre o testamento. Mesmo sendo confidencial estava com medo de que Ava ou Will dessem com a língua nos dentes. Suspeitou dos dedos persuasivos de tio Ed naquele silêncio. Engraçado... vendo as imagens, achou que aquele casamento torto e embriagado tinha sido anos-luz melhor do que seria a sua festa tradicional e careta. Não trocaria nada... muito menos o noivo.

— Ai, meu Deus! Conheço essa cara, Lilly! Confessa!

— Confessar o quê?

— Que se pegaram de novo. Lá, lá, lá, lá, lá... — Penne pulou sobre o sofá e fez uma dancinha da vitória. — Confessa! Não via esse brilho no teu olhar há muito tempo. Ou melhor, tipo nunca vi!

— Penne! — O sorriso bobo na cara de Lilly a entregou. A loirinha saltou do sofá e fez a volta olímpica na sala. — Sabia que iriam se acertar! Minha intuição nunca falha. Já treparam? Ele é um tesão, né? — Penne estava elétrica e mais do que satisfeita. Lilly sempre tentava despistar, mas ela sabia da quedinha secreta da amiga pelo bonitão da banda.

— Sim, Bruxinha. Ele é completamente um tesão! Mas só nos beijamos, ok? — Um estalo bateu em Lilly. — Como sabe que ele é um tesão? Deus! Já transaram?

— Ecaaa! Que nojo! — Penne enfiou o dedo na garganta e olhou-a feio. — Claro que não! Brian é meu irmão! Não gosto dos morenos, mas... de músicos eu entendo, fodem com a mesma intensidade com a qual tocam. Viu o jeito como aquele bastardo toca guitarra? Sua sortuda do caralho! O cara com uma guitarra na mão é capaz de fazer gozar até uma freira!

— Que exagero! — Lilly se animou... ela mesma já gozara escondido o ouvindo tocar.

Penne deu uma tapinha nas costas de Lilly.

— Primeiro vocês fodem, depois me conta.

Lilly pegou um dos cintos na grande pilha do sofá e experimentou.

— Contei para ele sobre a virgindade.

— Sério? Melhor assim... não seria legal deixar o cara descobrir a surpresinha só na hora H.... e ele?

— Fez parecer menos complicado do que eu acho que é.

— Porque não é complicado. Não sei por que rotularam a virgindade como sinônimo da ingenuidade e inexperiência... "da jovenzinha pura, dependente, desprotegida e que nunca viu um pau". — Penne fez aspas com os dedos e revirou os olhos. — É muita hipocrisia! Estamos em plena era dos grupos hot no *WhatsApp*, caramba! Conheço várias mulheres, virgens por opção, que são muito mais conhecedoras das sacanagens do que eu.

Penne gargalhou e Lilly assentiu. Visto sob aquele ângulo, até que o conhecimento sexual dela era bem amplo. *Que coisa louca!* O ex era uma contradição... Tradicional e contido em tudo que era relativo a ela, mas bem sacana quando as carícias eram direcionadas para o prazer dele.

— É... acho que você tem razão.

Eu não sou uma tolinha inexperiente!

— Claro que tenho... relaxa, você e aquele idiota do Will já fizeram de tudo, que eu sei. A falta de penetração é só um detalhe, confie em mim... Então na hora H, só deixe acontecer, vai ser instintivo. — Penne abraçou, Lilly. — Brian é um grande cara... impulsivo e um pouco sensível demais, mas excepcional. Fiquei feliz que ele te ganhou e não o Gabe. Você iria ficar o tempo todo atrás daquele baixista, tentando fechar o zíper dele. É um sem limites.

Lilly pensou que também tinha ficado feliz, mas não disse nada. Concentrou-se na peruca rebelde.

Nossa, elas estavam irreconhecíveis.

Penne, uma morena com cara de nerd. Visual completo, com direito a camiseta do Big Bang Theory, calças largas e relaxadas, e um casaco de moletom para esconder as tatuagens dos braços.

E ela, uma ruiva de cabelos cacheados como um poodle, uma versão meio psicodélica de uma estudante de artes cênicas. Vestidão florido estilo anos 70 e óculos escuros retrô.

Penne avisou Lion, o novo segurança da banda. Ele apareceu à paisana e de boné. Acostumado às excentricidades de sua protegida, sabia que seria outro daqueles dias... fazer a

segurança à distância e sem dar bandeira. Desceram e ganharam a Strip[29] sem nenhum problema. Mesmo passando pelo meio de dezenas de jornalistas e meninas com as camisetas promocionais do UB.

Seguiram em direção a um centro de compras próximo do hotel.

— Vi essa coisa de disfarce em um filme. É mais fácil quando estamos nos hotéis. Nos estádios é mais complicado, o assédio nos portões é maior, mas sempre dou um jeitinho.

— Os caras também usam?

— Não, no máximo, bonés e óculos escuros iguais aos do Lion. Geralmente saem mais de madrugada, o que torna tudo mais fácil

— Aonde estamos indo?

— Pensei em começar com umas comprinhas básicas. Se vai ficar algum tempo entre nós, acho que vai precisar de algumas peças novas.

— Tenho duas malas cheias de roupas, Penne.

— Lilly, baby, confie em mim, vai agradecer, os shows e a estrada não são lugares para sedas e babados.

— Hey! — Lilly deu um encontrão proposital em Penne, enquanto as duas contornavam as muretas da fonte para atravessar a rua. — Eu não uso só isso. Pare de me provocar, conhece o meu guarda-roupa. Faço mais o estilo pintora moderninha. Trouxe até meus *All Stars* velhos. Usava mais essas coisas de sedas quando estava com o Will ou em compromissos de trabalho, ele sempre reclamou que era muito descolada.

— Que seja! — Penne deu de ombros e desviou de um grupo de turistas com milhares de sacolas. — Já te disse, hoje, que o Will é um bosta? — Fez uma careta enjoada. — Amanhã é o seu aniversário. Será que posso te dar algumas coisas mais rock-and-roll? — Penne juntou as mãos imitando um cachorrinho. É claro que Lilly cedeu.

As "algumas coisas" de Penne, transformaram-se em muitas, muitas, muitas coisas. Foram jaquetas, saias, vestidos e calças que fizeram coisas inacreditáveis ao bumbum das duas. Entraram e saíram das lojas como duas desvairadas. Não deixaram nada para trás, nem botas ou sapatos incríveis. *Ah!* Levaram também uns acessórios divinos que foram simplesmente impossíveis de serem ignorados.

— Nossa, o Brian vai surtar quando te vir com aquele vestido.

Fazia muito tempo que Lilly não tinha um tempo tão bom assim com a amiga. As duas se

viam tão pouco ultimamente, que as horas juntas eram gastas com fofocas em algum bar em Los Angeles ou na praia. Mas agora teriam um mês inteirinho só para elas.

Tomaram sorvete, raspadinha... e acabaram em uma rede de *fast-food*.

Enquanto esperava Penne voltar do banheiro, Lilly descansou em um banco em frente à praça cheia de árvores da lanchonete. O telefone dela tocou, número desconhecido. *Droga!* Uma culpa a invadiu, passou tão rápido pelo quarto antes de sair, que esqueceu de pegar o número de Brian.

— Que bom que ligou! — atendeu alegremente, queria contar sobre a extravagância das compras.

— *Quanta alegria... pelo jeito, os boatos da sua farra em Vegas são verdadeiros.*

O sangue dela congelou. Que merda! Primeiro, pensou em desligar na cara. Depois, achou que era melhor enfrentar o problema de uma vez.

— Não valia a pena sofrer.

— *Superou rápido, hein?*

— Resolvi seguir em frente.

— *Casando-se com o primeiro que apareceu?*

— Isso não é da sua conta, Will. Droga! Foi um erro atendê-lo...

— *Espere! Precisamos conversar... Se ao menos não tivesse fugido daquela maneira...*

— Ah, me desculpe, mas... sexo vulgar não é muito a minha praia — ironizou.

— *Por favor, Lilly...*

— Por favor, o quê? — interrompeu-o. — Vai tentar explicar o inexplicável? Acho que entendi muito bem quando o vi com o pau enterrado na bunda da minha irmã.

— *Porra, Lilly, eu posso explicar...*

Uma senhora que estava sentada ao lado dela no banco, olhou-a alarmada e levantou-se.

— Desculpe... não tive a intenção... — Lilly levantou os ombros, desculpando-se com a senhora.

Um suspiro de alívio brotou do outro lado da linha.

— *Não precisa se desculpar. Lilly, acredite em mim, eu queria ter ido à igreja... só que a Ava... Merda! Precisa me perdoar, talvez possamos reverter o que aconteceu.*

— As desculpas não eram para você, babaca. E não... não podemos reverter nada, e nem

quero, na verdade.

— *Lilly, não pode jogar dois anos no lixo!*

— Você pôs tudo a perder, não eu... Faça um favor pra mim, esqueça que eu existo! Suma da minha vida!

— *Sabe que é impossível! Nos veremos muitas vezes na empresa. Temos que deixar o que aconteceu para trás e conviver como adultos.*

Uma risada histérica tomou conta de Lilly. Penne estava saindo da lanchonete, com uma cara de que tinha passado mal, e olhou-a assustada.

— Will, que parte do você me traiu não entendeu? Não teremos encontros na sua empresa. É óbvio que não irei entregar a administração dos meus bens para o seu escritório.

— *O quê? Tínhamos um acordo. Não pode fazer isso.*

— Acordo que foi desfeito por culpa sua. Não assinei e não assinarei nada, pode esquecer.

— *Mas eu serei prejudicado* — ele esbravejou e Lilly riu de tamanha cara de pau. — *Vou ser desmoralizado. Já me comprometi com os meus sócios.*

— Quero que você e o seu escritório vão à merda. Vá administrar os bens da Ava, otário!

— *Onde aprendeu a falar assim? Já são os efeitos deste marido roqueiro que arranjou? Tinha um caso com ele?*

Lilly gargalhou novamente.

— Não queira inverter as coisas! Minha vida pessoal não te diz mais respeito. Nossas relações se encerram por aqui. Graças a Deus, a entrega da casa atrasou. É um alívio saber que você nunca pisou lá.

— *Espera! As minhas malas! Preciso delas. Tem coisas importantes lá... meus relógios... sapatos. Valem uma fortuna.*

— Faço questão de mandar entregá-las em seu escritório. Adeus, Will.

Lilly desligou na cara dele e olhou para Penne, que começou a bater palmas.

Inacreditável, o homem era tão doente ao ponto de fazer as malas para valer? Louco para pensar que ela cairia nessa de "*Queria ter ido à igreja*"? Tão sem noção, para achar, que depois de tudo, ela ainda confiaria seu dinheiro a ele? Brian tinha razão. O Will era um demente.

O telefone voltou a tocar e Lilly desligou o aparelho. Mais pessoas começaram a bater

palmas. Só então percebeu que um pequeno grupo de pessoas acompanhava tudo como se fosse uma novela mexicana barata.

Sem graça, recolheu as sacolas e começou a andar. Já estava escuro e, provavelmente, Brian voltaria a qualquer momento.

— Adorei, Lilly. Estou tão orgulhosa por ter sido firme — Penne disse, assim que alcançou Lilly. As duas começaram a andar na Strip em direção ao Bellagio.

— Ele teve a audácia de achar que o deixaria cuidar do meu dinheiro, como se nada tivesse acontecido. — Lilly fez uma cara de como-pode-uma-coisa-dessa?

— Acho uma sacanagem... O idiota fez o que fez, pisou na bola daquele jeito e quer que você esqueça? Tem certeza de que ele não tem acesso a nada, Lilly?

— Hoje, acesso nenhum, mas, como meu marido, é claro que ele teria. Agora, foda-se ele e a empresa.

— Essa é a minha menina!

Penne balançou as dezenas de sacolas no ar em comemoração, Lilly estranhou, a amiga parecia um pouco tonta.

— Está tudo bem? Quando saiu da lanchonete parecia doente.

— Não foi nada. Acho que comi muita besteira... fiquei enjoada.

— Tem que parar com isso. Prepare-se, este mês vou cuidar direitinho de você. Dê adeus ao *fast-food*! — Lilly riu.

— Droga! Tomara que o Brian te mantenha bem ocupada.

Ao chegarem no hotel, não tiveram problemas com os *paparazzi* ou fãs. A dica do disfarce foi perfeita. Quando entrou na suíte, Lilly sentiu alívio por Brian ainda não ter chegado. Não sabia bem porquê, mas sentiu-se mal por não o ter avisado.

Achou melhor camuflar as dezenas de sacolas no *closet*. Teria que separar o que levaria para a turnê e o resto mandaria de volta a LA.

Dilon foi procurá-la, preocupado por não a ter encontrado mais cedo. Disse que Brian acabara de ligar. O guitarrista avisou que chegaria atrasado e pediu que Dilon a informasse que iriam jantar no restaurante *LAGO*[30]. Reservas para às nove e meia. *Tudo bem*, pensou Lilly, ainda tinha uma hora e meia.

Assim que voltou a ficar sozinha, Lilly resolveu que não queria mais nada do Will por perto. Pediu que o mensageiro viesse retirar a bagagem para ser despachada e foi até o quarto

recolher as malas dele.

Não resistiu à curiosidade mórbida de dar uma olhadinha. As palavras dele sobre querer ter ido à igreja não saíam de sua cabeça. Será que ele realmente tinha pensado em se casar? Ir para a lua de mel? Será que Ava o seduzira no último minuto?

Mesmo assim foi imperdoável. O tempo não importava. Se foi traída por dois anos ou dois dias, traição era traição. Tudo o que sentiu ao ouvir a voz dele foi repulsa.

Ava mal sabe o bem que acabou fazendo!

Abriu a valise de mão.

Deus, esse homem tem mais perfumes e cremes que eu!

Na primeira mala, uns vinte pares de sapatos. Na segunda, uma montanha de roupas e uma coleção de cuecas que ela nunca o vira usar... meio tangas, do tipo que acabariam com qualquer lua de mel.

Sério, que ele acha isso sexy?

Na última mala, entre as roupas, achou algum dinheiro que deixou por lá mesmo. O estojo de joias de Will com os relógios e as abotoaduras que não se lembrava de ter dado a ele. Deixou tudo, não queria nada de volta. Achou uma pasta.

Que merda é essa?

— Oi, tio Ed, sou eu.

— *Querida, como está? O rapaz está te tratando bem? Te respeita?*

— Tudo bem. O Brian é um cara surpreendente e muito respeitador. — Lilly não estava com paciência para aquilo. Seu assunto era outro. — Sabia da alteração do contrato de casamento?

— *Como soube disso?*

— Acabei de achar uma cópia dos documentos na mala do Will.

— *Porcaria!* — o tio bufou.

Que droga!, pensou Lilly.

— Tio, não minta para mim.

— *Não quis que se magoasse mais, meu amor. Depois que saiu do hotel... fui ao escritório. Precisava garantir que os seus bens estivessem protegidos. Quando fui destruir os papéis que iriam assinar na cerimônia, percebi a alteração. Não entendi por que ele faria isso? Para quê mudar, se não*

tinha intenção de se casar. Só ele para nos dizer.

— Que noiva interromperia a cerimônia para ler documentos? Já tínhamos repassado tudo com o advogado. Teria assinado aquelas procurações dando a ele o controle total dos meus bens numa boa. Filho da mãe! Nada mais faz sentido, tio.

— *Querida. Esqueça o que aconteceu. Foi até melhor... as consequências seriam desastrosas de qualquer forma. Concentre-se em seguir em frente e fazer esse acordo maluco com o roqueiro dar certo.*

O coração de Lilly apertou e ela deixou escapar um leve suspiro.

— Tenho medo de que eles tentem mais alguma coisa.

— *Está segura. Mexi uns pauzinhos com um amigo que me devia uns favores. Ava recebeu uma restrição judicial. Está proibida de ficar a menos de cinquenta metros de você. Fiquei preocupado, porque o imbecil do seu primo jogou as fotos do flagrante de traição em um perfil falso da internet. Ava não pôde acusar ninguém, mas ficou possessa. O garoto foi esperto, depois que as imagens se espalharam, ele apagou qualquer rastro do tal perfil. Não é porque Jacob é meu filho, mas o moleque foi um gênio.* — Tio Eduard riu.

Depois daquela informação, as mensagens da irmã fizeram sentido.

— Agora entendo por que ela estava tão furiosa. Devo uma ao Jacob, então. Pelo menos, outras mulheres não irão cair nos golpes do Will. Pode checar Marie de vez em quando para mim? Fico preocupada com ela sozinha na casa nova.

— *Já fiz isso, meu amor. Inclusive, troquei todo o acesso à casa. Vou mandar as senhas e chaves aí em Vegas. Ava e Will estão proibidos de entrar, mas mesmo assim, amanhã, terei homens instalando um sistema de segurança e... Lilly, o Mark me ligou sobre uns documentos. Já os redigi e daqui a pouco deverá recebê-los na sua suíte.*

— Documentos?

— *Para te proteger e também ao Brian. Documentos simples. Vão evitar que digam que houve algum acordo financeiro entre vocês.*

Lilly ficou surpresa, embora soubesse que tio Ed e Mark tinham razão em se preocupar.

— Que absurdo... eu jamais faria qualquer coisa para prejudicá-lo. Não esqueça que foi ele quem estendeu a mão para mim sem pedir nada em troca. Mas tudo bem, acho importante que as coisas fiquem claras. Nesta loucura toda, não tinha pensado nisso. Brian deve ser um homem rico, é natural que queira se resguardar. Assim que os papéis chegarem, irei assiná-los.

— *Lilly, sei que leva uma vida discreta e simples. Porém, você é uma mulher de algumas centenas de milhões. Sei que nunca quis saber o quanto valem as joias que sua avó lhe deixou, mas valem muito.* — Tio Ed riu.

— Quanto valem não importa. Não tenho nenhuma intenção de vendê-las. — Lilly justificou-se. — Aquelas joias têm um valor sentimental para mim. Só não entendi porque a vovó não deixou nada para a Ava.

— *Estas eram questões particulares da sua avó. Entretanto, acho natural, Ava nunca teve afinidade com ela. Ao contrário, sempre preferiu a minha mãe, sua avó paterna. As peças que herdou pertenceram à sua avó, bisavó e tataravó maternas. Tem peças muito antigas lá, com mais de cem anos. Diamantes valorizam... hoje elas estão avaliadas em cinco bilhões, meu amor.*

— Jesus! Tudo isso? — Lilly derrubou a valise do Will que estava fechando. Os cremes espalharam pelo chão.

— *Sim e com as minas produzindo cada vez menos, esse valor subirá mais. Sei que não pretende vendê-las, mas são uma fortuna a ser protegida. Por isso insisti tanto para que fizesse a cópia de cada uma delas. Não dá para sair por aí, com alguns milhões no pescoço. Seu bisavô e avô eram homens que investiam em bens duráveis. Joias, Lilly.*

— Tio, essa coisa toda é meio assustadora para mim. Gosto da minha vida e não quero que nada mude por causa do dinheiro.

— *Não precisa mudar. Os valores da sua fortuna são sigilosos. Você os divulga se quiser. Claro que as pessoas sabem que é uma moça rica, mas como não ostenta... os olhos dos curiosos e interesseiros ficam longe de você. Só queria que aceitasse a sugestão de ter uma segurança pessoal.*

Menos os olhos dos piores interesseiros Lilly suspirou. *Ava e Will...*

— Vou pensar no assunto, prometo. Acho que estou segura aqui. A banda é cercada deles.

— *Melhor assim, Lilly. Fico mais tranquilo.*

— Agora entendo porque me pediu para ser tão cautelosa sobre as joias. Foi inteligente em manter sigilo. Ava pensa que recebi apenas algumas peças velhas. O interesse dela estava no dinheiro e na casa de vovó. Não se conformou com a doação que fiz para o hospital que cuidou da Vó Anne em sua fase final.

— *Para falar a verdade, nem eu me conformei.* — tio Ed riu. — *Foi uma doação e tanto* — a voz jovial do seu primo, dois anos mais novo, soou ao fundo. — *Lilly não esqueça de assinar os papéis, ok? Preciso ir agora. Jacob vai concorrer a um prêmio de internet.*

— Vou assinar, relaxe. Entendo o seu ponto sobre o acordo nupcial e entendo o do Mark. Se ainda estivéssemos falando sobre um casamento por amor, talvez as coisas fossem diferentes, mas sei que é um negócio e que tem prazo de validade. Estão tocando a campainha, deve ser o portador para levar as malas de Will.

— *Qualquer coisa estou aqui. Faça Brian assinar os papéis.*

— Ele vai assinar.

Assim que Lilly desligou o celular, atendeu o mensageiro do hotel, que apareceu para retirar as malas e lhe entregar um envelope.

Ela apontou o conjunto de malas verdes e uma enorme sacola com o vestido de noiva.

— As malas devem ser despachadas para este endereço. O vestido, podem fazer qualquer coisa, doar, vender ou jogar fora. Não me importo.

— Sim, senhora.

Ver aquelas coisas sendo levadas para longe foi catártico. Como se marcasse o fim de um ciclo e o início de uma nova era. Queria nunca mais ouvir o nome do Will ou de Ava, entretanto sabia que era uma ilusão, mas faria o seu melhor para não deixar que a lembrança deles manchasse o seu futuro.

Um futuro que Lilly não tinha a menor ideia de como seria.



15

***D**eus! O jantar!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Um sorriso satisfeito brotou nos lábios de Lilly ao dar uma última conferida em sua produção relâmpago. Gostou do que via refletido no espelho de moldura clássica, que revestia umas das paredes do banheiro.

O vestido nude, com milhares de delicados cristais Swarovski adornando o tecido, era simples, elegante e divino. Um modelo ajustado ao corpo, um palmo abaixo dos joelhos, de mangas longas, gola canoa e que delineava suas curvas sem ser vulgar. Combinou-o com sapatos peeptoes[31] nudes. Todo o recato da parte frontal do vestido, contrastando com a ousadia deslumbrante de um decote revelador nas costas.

Nada de joias, apenas um ponto de luz, de dois minúsculos diamantes, em suas orelhas. Após um banho, que deixou sua pele delicadamente macia e perfumada, Lilly optou por cabelos soltos. Caindo livres pelos ombros e costas. Um efeito ondulado desarrumado, meio estilo anos sessenta. Clássico, como a maquiagem sutil que aplicou. O único toque a mais foi o rímel.

Já pronta e ansiosa pela chegada de Brian, foi até a sala. Sentou-se ereta na mesa redonda para pequenas refeições e cruzou as pernas como uma executiva. Séria e compenetrada, abriu o envelope com os documentos elaborados por seu tio. Simples e diretos.

O primeiro, um contrato pré-nupcial padrão com sistema de separação total de bens. Assinou-os.

O segundo, uma declaração de confidencialidade. Um acordo de cavalheiros, onde ambas as partes se comprometiam a não divulgar fatos, boatos ou declarações pessoais para a imprensa ou quaisquer ações judiciais. Assinou-os.

Seu tio era um empresário astuto, tudo estava datado com o dia anterior ao casamento. Nenhuma só linha insinuando que a união não fora nada além de vontade mútua e espontânea. Sem nenhum risco às contestações ou interpretações maldosas.

Lilly ouviu a porta da suíte abrir e seu coração saltou. Um misto de excitação e ansiedade a tomou. Ainda estava se acostumando com a ideia de ter aquele espetáculo de homem sempre por perto. Tudo parecia fruto da sua imaginação fértil. Ficou de pé como um foguete, antes mesmo dele passar pela porta.

Toda a irritação de Brian dissipou-se ao pôr os olhos em Lilly. Ficou em choque! Ele tinha acabado de ter uma briga séria com Mark. Optara por tomar banho e se arrumar na suíte do empresário, não queria atrapalhar Lilly, disputando o banheiro com ela.

Maldita história sobre documentos e acordos! Droga! Estava atrasado e não era só pela briga. Os preparativos para a noite lhes tomaram mais tempo do que o previsto.

Não que ele tivesse tramado ficar horas em frente ao espelho para chegar todo arrumado e causar boa impressão. Não que ele tenha quase enlouquecido a vendedora da loja, porque nenhuma roupa parecia boa o bastante para a ocasião. Não que ele tenha demorado uma eternidade para escolher o presente ideal.

Não! Não, nada disso!

Alucinadamente deslumbrante!

Nada do que tivesse imaginado comparava-se à imagem da mulher à sua frente. Linda, estonteante, absolutamente gostosa pra cacete.

Pois é, Brian, a mocinha cresceu e ganhou formas e recheios alucinantes.

Você é o bastardo de um sortudo, Man!

Ele traçou o lábio inferior com o dedo, enquanto tentava captar todos os detalhes dela. Mais um pouco, estaria babando.

Diga alguma coisa...

Diga alguma coisa...

Diga alguma coisa...

Lilly implorou a ele por telepatia.

— Está absolutamente linda! — disse ele, quase engasgando e sorrindo torto, o que revelou seu conjunto de dentes brancos e perfeitos.

Lilly mal conseguia conter a alegria, ao ver a aprovação escrita nos olhos dele. Seu súbito caso de ansiedade sumiu e ela sorriu. *Deus!* Só o fato dele sorrir já a deixava maluca, passava de lindo a estonteante em segundos.

E meu Deus!

Ele também estava incrível. Vestia uma calça de linho cinza clara e camisa branca por fora da calça larga. Dois botões abertos revelando o pescoço, mangas perfeitamente dobradas deixando à mostra parte das tatuagens nos antebraços. A pele morena contrastando com o branco. Coturnos chumbo, meticulosamente desamarrados e desgrenhados, brigando com a barra

da calça. Irreverente, descolado e sexy. Cabelos bagunçados e molhados, o que o deixavam mais delicioso e selvagem.

Ela reparou em um alargador prateado minúsculo em uma das orelhas. Ele não estava ali naquela manhã.

— Está absolutamente sexy, Brian — respondeu quase sem ar.

Brian não conseguiu se segurar. Precisava tocá-la, segurá-la e beijá-la. Percorreu a distância entre eles em um nanossegundo. Enlaçou-a na cintura e estremeceu ao sentir a pele nua das costas.

— Brian! — Surpreendeu-se Lilly, quando ele girou o corpo dela.

Brian teve todos os sentidos roubados... Soltou o ar entredentes, tentando se controlar. O decote amplo e profundo e uma bunda redondinha e empinada explodiram em sua retina. Salivou e quase enfartou. Traçou a linha das costas com a ponta do dedo e quase gozou quando a pele branquinha e macia arrepiou todinha.

Gostosa demais!

Santos deuses do rock-and-roll.

Obrigado!

— Brian! — Lilly virou para encarar os olhos azuis-violeta escurecidos e famintos. — Eu não sou de ferro, sabia? É até judiação me tentar desse jeito!

Ela nem procurou disfarçar o quanto ele mexia com ela. O perfume fresco de mate verde invadiu seu cérebro e a boca encheu-se de água. Ele parecia um bicho do mato pronto para devorá-la. Um grande, sexy e selvagem lobo mau.

— Caralho, Lilly. Quero ir devagar com você. Juro! Mas assim fica impossível.

Ela já não sabia mais se queria que ele fosse devagar.

Vá com tudo!

Brian agarrou-se à cintura fininha, juntando seus corpos.

— Brian... — Uma das mãos enormes e habilidosas dele espalmou nas costas nuas e a outra foi direto para a nuca. Abaixou a cabeça, parando a centímetros de sua boca. — Acho que vai ter que passar batom de novo.

Quando as pupilas dela contraíram, o corpo dele inteiro vibrou. O pau ganhou vida própria, agitando-se e pressionando a barriga chapada da tentação feminina à sua frente. Um "O" surgiu na boquinha rosada.

Caramba, que o homem está duro!

Mãos delicadas deslizaram sobre a camisa branca, contornando os músculos definidos dos braços fortes. A seguir, pequenos dedos exploraram o peito do Brian roçando no piercing. Lilly sentiu os mamilos dele endurecerem.

A atração alucinante e incontrolável ressurgiu.

Explodiram em outro beijo ardente e molhado de tirar o fôlego. O cheiro de flores e mato se misturando... bocas famintas e línguas safadas... chupando, mordendo e comendo.

Se não fosse pela pegada forte de Brian, Lilly teria desmoronado. Os joelhos dela cederam e o corpo arrepiou, tremeu e contorceu. Não necessariamente nessa ordem. Animado pelos gemidos de prazer que escapavam, Brian aproveitou a empolgação e explorou a bunda empinadinha.

— Oh! — Lilly ofegou e ele apertou, acariciou e apertou de novo aquele corpinho macio e tentador.

— Baby, sua bunda vai ser a minha perdição — grunhiu, quando começou a lamber e a chupar o pescoço macio.

Ela enroscou-se nele, arranhando as costas viris.

— Que coisa louca é essa? Quando você está perto, tudo o que eu quero é te beijar e te pegar — confessou.

Brian parou as investidas no pescoço delicado e segurou o rosto ofegante dela entre as mãos.

— Então, me beija... — beijou-a de leve — e me pega. — Pegou as duas mãos dela e levou-as até a bunda.

Um gemido escapou dos lábios de Lilly, que, timidamente, apalpou e explorou os músculos daquela bunda nota dez.

— Ai, caramba! Que traseiro, benza Deus.

Brian riu e, descaradamente, esfregou o pau na virilha dela. E se não fosse pelo truque do pequeno forro reforçado na região dos seus seios, Lilly teria sérios problemas de bicos intumescidos evidentes.

— Pode me apertar sempre que quiser, mocinha.

— Esse é o problema... ando querendo apertá-lo a toda hora. Está rápido demais.

— Rápido? Demorei quatro anos para chegar até aqui! — Beijou-a novamente, até

deixá-la sem fôlego. — Já perdemos tempo demais, mas tenho planos, Baby Girl. Pode relaxar.

Quatro anos?

Ofegante e sem poder acreditar nas palavras dele, a mente de Lilly disparou.

— Relaxar? Pla- planos? — gaguejou.

— Quero você à vontade. Por mais que deseje te comer desesperadamente, aqui e agora... acho que merece algo especial. Ir com calma. No seu tempo.

— Meu tempo? Um ano? — Uma certa frustração atingiu Lilly.

— Estava pensando em algo mais rápido. — Sorriu, abraçando-a.

Lilly sentiu alívio, outro homem dizendo para ela esperar seria maldade demais.

Os olhos dela iluminaram-se de esperança.

— É... mais rápido pode ser bom...

— Que tal... descermos, jantarmos e nos divertirmos. Aí depois, só depois, quebrar esse gelo entre nós? Quero te tocar... ser tocado... descobrir como você gosta, te mostrar como eu gosto... perder a inibição.

— É... acho que é bom um plano. — Sorriu mais animada.

— Que bom, mas... antes... quero que veja uma coisa.

Lilly notou a mudança imediata no tom dele.

Um traço de nervosismo?

— São os documentos? Eu já assinei tudo. — Lilly apontou para os papéis sobre a mesa.

Ele arregalou os olhos, balançou a cabeça olhando em direção à mesa. Os lábios de Brian se fecharam em uma linha fina. Soltou Lilly, foi até o quarto, deixando-a sem saber o que fazer. Voltou segundos depois, vestindo um par de óculos de armação grossa preta.

Uauuu!

Sexy nerd!

— Brian! Amei os óculos.

— Eles me fazem parecer um idiota. — Levantou os ombros.

— Oh! *Boy*... te fazem parecer quente! Isso sim... Muitoooo quente. Acredite.

Ele apenas sorriu meio tímido.

Lilly surpreendeu-se quando Brian sentou calado na mesa e começou a ler a papelada. Os

óculos davam um ar aristocrático a ele, totalmente contrastante, com seu jeito rock-and-roll.

— Lilly — falou em um tom sério e o coração dela palpitou em expectativa. Com cautela, ela aproximou-se e Brian tentou explicar. — Sobre os papéis... eu... merda! O Mark... nós até brigamos.

Ela colocou a mão sobre o ombro dele, apertando-o.

— Brian... — Usou o mesmo tom cordato. — Sei que tudo foi discutido entre o meu tio e o Mark. Tenho certeza de que você não sabia de nada, assim como eu. Mas acho que os dois estão certos.

Franzindo a testa, ele virou à procura de qualquer indício de hesitação.

— Não está chateada? Eu fiquei. Não quero que pense que desconfiei de você ou quero me aproveitar.

Lilly inclinou a cabeça sobre o ombro, riu e sentou-se na cadeira ao lado dele. Segurou na mão enorme olhando bem firme nos olhos azuis irritados.

— Sem chance de eu achar algo de ruim a seu respeito. A única beneficiada nisso tudo sou eu, lembra?

— As coisas não são bem assim... — Com o polegar, Brian desenhou pequenos círculos na mão de Lilly.

Uma sensação boa de conforto a atingiu. *Hummm... quente... carinhoso.*

— São assim, sim. Sei que estamos nos divertindo, mas isso tudo é fora da curva. Os dois estão certos em se preocupar. — Ela sorriu. — Acho que estava tão bêbada ontem e agora tão obcecada em te beijar que me esqueci da parte prática. Por mais incrível que seja o que está acontecendo... Não estaríamos casados se não fosse o meu problema e o álcool...

— Não esqueça da parte do tesão, muito tesão — interrompeu ele, rindo.

— Nossa, como esquecer! É a parte principal... — brincou, apesar de não se lembrar. — Contudo, sabemos que temos prazo de validade. Não queria pensar nisso agora, mas é verdade.

— Eu sei, mas faz parecer tão frio. — Ele esfregou a testa franzida, ajeitando os óculos. — Como um negócio e não foi isso... Não quero essa merda toda de dinheiro rondando a gente. Não tenho nenhum interesse financeiro...

— Sei disso e nunca pensei o contrário. — Lilly voltou a apertar as duas mãos dele. — Tanto Mark, quanto tio Ed são caras de negócios e não dois loucos impulsivos como nós. Que bom que eles estão aí para se preocupar, discutir e resolver a parte chata por nós. Suponho que tenha

acumulado um bom patrimônio com a banda. É natural que o Mark queira te proteger. Se os dois acham que assinar os documentos é o melhor a ser feito, então nós assinaremos.

— Tem certeza de que não está nem um pouco incomodada? Eu fiquei puto.

— Vou ficar puta em dois segundos, se não assinar essa droga e não me levar para jantar logo!

— Você é incrível, Lilly. — Brian pegou a caneta que ela tinha deixado sobre a mesa e assinou os papéis. — Pronto! Fim destas merdas de dinheiro ou desconfiança entre nós.

Lilly beijou a bochecha dele de um jeito teatral.

— Impressionante como você fala a minha língua, *Sexy Nerd*. Podemos ir comer agora? Estou faminta!

Lilly levantou-se indo até o sofá, onde tinha largado a bolsinha que preparou para a noite. O movimento de vai e vem dos quadris dela e aquele bumbum empinadinho fizeram Brian salivar. Aquela coisinha toda perfeita, de cinturinha fina e peitos tentadores fazia a respiração dele falhar.

— Vamos? — ela disse sorrindo.

— Temos que esperar os caras chegarem. Logo devem estar por aí.

— Que caras?

— Da segurança. O hotel está lotado e não é muito seguro andar por aí sem eles. Às vezes, os fãs se empolgam.

— Ah!

— Tem só mais uma coisa... Precisamos ajustar mais um detalhe antes de descermos.

Lilly olhou confusa quando Brian estreitou a distância entre os dois e abriu um sorriso de mostrar as covinhas. Em seguida, ele fuçou no bolso de trás da calça... e o coração dela disparou.

Puta merda!

Ele não tinha que fazer aquilo! Um anel de diamantes e um par de alianças de platina grossas cintilaram bem ali, na palma da mão dele.

— Eu acho que não existe uma noiva sem um desses. — Pegou o anel de diamantes com corte quadrado. — A mulher da loja explicou que esse tipo de corte de pedra é o que mais combina com mulheres únicas e determinadas, mas que ao mesmo tempo são suaves e femininas como você.

Lilly não pôde evitar o momento "menina chocada", levemente apaixonando-se de novo, e levou a mão aos lábios. Ele a achava única e determinada? Feminina? Teve medo de perguntar. O tamanho da pedra sobre o aro de platina era um pouco exagerado, mas... *Lindo! Lindo! Lindo!* Com a ponta do dedo tocou o anel na mão dele, com medo de que evaporasse e não passasse de uma miragem.

— Deus, Brian! Não tinha que fazer isso.

Uma careta de espanto formou-se no rosto másculo e belo.

— Lógico que tinha. Já te disse, sou um cara tradicional. Se não gostou, posso trocar. Tinham outros tipos lá. Mas este me lembrou de você.

Lilly soltou o ar, que não sabia que estava segurando.

— Não quero trocar, eu adorei. Simplesmente, adorei... Perfeito!

Simplesmente perfeito como você, Lilly.

Brian sorriu satisfeito com a empolgação da esposa e pegou a mão esquerda dela. Pensou em ajoelhar-se, mas achou que seria demais. Certamente, ela iria rir na cara dele. Apesar de estar gostando muito da ideia... sabia que eles não estavam apaixonados e nem eram assim... um casal real.

Como não tinha a menor noção dos detalhes, a mulher da loja deu-lhe uma miniaula a jato. Ele tinha pego escondido o anel que Lilly deixara sobre a cabeceira, para não errar no tamanho.

Anéis de casamento tinham que ser colocados na mão esquerda, no terceiro dedo. Quem inventou esse troço foram os egípcios. Eles acreditavam que neste dedo havia uma veia que fazia ligação direta com o coração. A platina e o diamante, porque representavam a força e a eternidade no relacionamento. Brian foi um aluno aplicado e aprendeu tudo direitinho. Pensou em dizer para Lilly.

Não!

Ela iria achar exagerado demais.

— Coube certinho. — Lilly não resistiu à tentação, ficou na ponta dos pés e deu um beijinho na boca de Brian.

Depois foi a vez das alianças de platina que se atraíam.

— E... acho que não existe marido e mulher sem isso. — Repetiu o processo no mesmo dedo de Lilly. Escolheu as mais grossas, que podiam ser vistas de longe e também imantadas. A vendedora especialista explicou que era tradição. Alianças, que se atraem, mantêm os corações do

casal unidos.

E eles tinham que parecer um casal, certo?

Quando ele foi colocar a sua própria aliança, ela interrompeu-o:

— Não! Deixa que eu coloco! Também sou uma mulher de tradições, senhor Pierce.

Delicadamente Lilly deslizou o anel no dedo dele e uma emoção tomou conta de Brian. Um troço diferente, uma coisa quente e desconhecida rasgando o peito.

— Acho que agora, já posso beijar a noiva. — Repetiu o gesto dela, beijando-a, mas não tão delicadamente...

Uauuu! Era estranho... Mas para Lilly parecia certo... de verdade. Como se a aliança firmasse o pacto de parceria e confiança que fizeram.

— Bom, acho que é isso. — Brian ficou sem saber o que fazer. — Assinamos os documentos e temos as nossas alianças. Agora somos um casal respeitável e confiável, senhora Pierce.

— Parece que somos, senhor Pierce. Caramba! Desculpa ficar repetindo, mas esse anel... Nossa, é perfeito! Tem um bom gosto incrível, Brian. Escolheu muito bem!

— Falei... tenho olhos com superpoderes. — Riu divertido. — Já o bom gosto... acho que conquistei o meu topo só agora. É simplesmente perfeita... a aliança — corrigiu rapidinho o ato falho.

A vontade de Lilly era sair correndo dali e ir mostrar o anel para Penne. Poder gritar e pular como uma noiva boba e ensandecida. O anel que ganhara do *falecido*, em nada combinava com ela. A começar, que nunca usava peças douradas... Então, não tivera nenhum remorso de jogá-lo na cara dele quando o flagrou.

Mas aquele outro anel... Aaah, aquele anel era especial... Era o anel de Brian.



16

Alguns minutos depois... a sala parecia pequena. Lilly sentiu-se uma formiguinha, observando os quatro Rambos[32] gigantes que estavam parados à sua frente. Era um grupo de peso: Elliot e Mac, da equipe de segurança do hotel, além de Peter e Daniel, seguranças fixos do time de cinco que acompanhavam a banda.

Era obrigatório. Ninguém saía sozinho. Brian achou melhor não a lembrar de que eles sempre desobedeciam essa regra, deixando Mark maluco. A ordem era clara: quando saíssem em grupo, as duplas deveriam se alternar. Lilly reconheceu os dois primeiros seguranças da noite anterior. Pelo que ela entendeu, Daniel seria a sua sombra de agora em diante. Um tipo muito bonito, de traços fortes, parecido com um índio americano nativo. Brian fez questão de que fosse ele.

Claro que Lilly daria um jeito de convencer ao seu ansioso marido que não precisava de uma babá, de dois metros de altura, vinte e quatro horas grudada nela. Mas não naquela noite... Tudo estava tão perfeito que não queria aborrecê-lo.

Era noite de sexta e os quatro seguranças eram exceção. O Bellagio recebia muita gente de fora, além dos hóspedes registrados. O cassino, os bares, os restaurantes e as casas de shows faziam do lugar um verdadeiro formigueiro nas noites de sexta e finais de semana.

Sem falar da imprensa, que estava agitada e impaciente. O casal sensação do momento ainda não havia aparecido em público depois da divulgação das fotos da noitada animada. Então, todo cuidado era pouco. Além da imprensa, havia os fãs, é claro, sempre imprevisíveis e com nenhum bom senso.

O restaurante *LAGO*, um cinco estrelas badalado e exclusivíssimo, ficava no térreo. Teriam que circular por um longo trecho das áreas públicas até ele. Brian parecia agitado, o que deixou Lilly apreensiva.

— Oh! — ofegou ela, quando a mão grande e áspera deslizou por suas costas nuas, indo até o limite da cintura. Lilly tinha certeza de que nunca iria se acostumar com os toques ousados e possessivos do músico.

Era surreal...

— Vamos? Acho que vai ser... interessante. — Brian piscou.

O passeio de elevador não foi nada romântico como Lilly tinha fantasiado. Impossível com os quatro Rambos entalados com eles.

Quando a porta do elevador abriu, Lilly entendeu a expressão formigueiro. A área, que estava calma quando ela e Penne foram dar um passeio, agora explodia em vida, música, luzes, risadas, gritos e barulho dos caça-níqueis. Toda espécie de gente circulando: turistas em suas roupas típicas, executivos engravatados, mulheres bem-vestidas e outras quase nuas.

Um pandemônio de luzes, cheiros e sons.

Brian enlaçou a cintura de Lilly.

— Vai dar tudo certo.

Eles começaram a andar com os seguranças a uma distância não tão sufocante.

Alguns flashes começaram a pipocar. *Tudo bem. Nada com que se preocupar*. Lilly já tinha imaginado que seria assim, estavam apenas curiosos... natural.

Ao chegarem no saguão, que convergia para todos os pontos de lazer, os flashes dobraram, fazendo os pequenos cristais do vestido cintilarem.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Brian, aqui! Que tal um beijo na esposa para a capa do The Best Post!*

— *Qual é o estilista do seu vestido, senhora Pierce?*

— *Brian... sobre as fãs que querem se matar?*

— *Senhora Pierce, ele é tão quente quanto parece? Está grávida?*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Ela tentou proteger os olhos com as mãos, as luzes a estavam cegando. O burburinho cresceu. Dezenas de olhos voltaram-se para eles. Era como se os dois fossem uma obra em exposição. Lilly sentiu o braço forte do músico apertar a posse.

— Só sorria e ignore, baby.

O hálito quente fez cócegas no pescoço dela.

— Acho que esses caras estão com inveja. A mulher mais estonteante do planeta está comigo.

— *É o Brian!*

— *AI, MEU DEUSSSSS!*

Devido aos gritos inesperados, Lilly mal pôde retribuir o elogio e tudo aconteceu em

câmera lenta. Um míssil ruivo atingiu Brian, agarrando-o pelo pescoço. Eles cambalearam com o impacto. Brian tentou manter firme o abraço, mas foi impossível, depois que dezenas de outros mísseis se lançaram contra ele. De todos os lados... loiros, ruivos, castanhos e pretos... braços e pernas se digladiando e soterrando-o.

Gritos de... "Eu te amo! "... "Ai, meu Deus! "... "Lindo"... "Puta merda, ele é foda! "... "Gostoso"... "Autógrafo"... "É o cara do Ultimate Bet"… "*Selfie! Selfie!* "... compunham o caos.

Lilly foi empurrada, esmagada, empurrada de novo... e xingada... Conseguiu ouvir uns: "*Cuidado com a minha mulher, porra!* "... "*Lilly, baby*"... "*Daniel! Caralho!* ".

Dois braços enormes a laçaram, abrindo espaço no amontoado de gente. Os pés de Lilly perderam o contato com o piso acarpetado. Ela agarrou firme a bolsa... e fechou os olhos sem entender nada...

Que porra é essa?

É sempre assim?

— Está segura, senhora Pierce.

Lilly abriu os olhos, a adrenalina correndo solta.

— Obrigada, Daniel.

Acompanhou boquiaberta a comoção que Brian causava nas pessoas, foi preciso mais um grupo de seguranças para começar a acalmar os ânimos. Gente rindo, chorando, gritando, apalpando e outros mudos, só olhando. Os olhos dela cruzaram com os azuis-violetas. Lilly sorriu em um *está-tudo-bem-relaxa*, mas não foi louca de abandonar o esconderijo entre duas grandes palmeiras onde Daniel se enfiara com ela.

— É sempre assim, Daniel? — sussurrou, com medo de chamar a atenção.

— Depende da cidade... do lugar. O Brian e o Adan são os mais assediados.

Ela percebeu que Daniel digitava alguma coisa no celular. Espiou... de rabo de olho e levantou uma das sobrancelhas...

Isso é hora de ficar papeando no WhatsApp?

— Acho que o Brian vai precisar de uma camisa nova. — Sorriu o grandalhão, sem jeito. Explicou que tinham um grupo na rede social para emergências. Avisou ao Mark para trazer roupas novas para Brian.

Aos poucos, depois que pacientemente Brian abraçou, beijou, autografou e tirou centenas de *selfies,* o grupo foi se acalmando. A esta altura, havia um círculo de uns quinze seguranças em

torno dele e uma fila organizada.

Daniel olhou novamente no celular...

— Vamos, Mark pediu para levá-la até a porta do restaurante. Brian vai nos encontrar na sequência.

Dois outros brutamontes engravatados surgiram.

Aquilo foi uma apalpada na bunda do meu marido?

— Pensando bem... eu posso esperar...

Isso, Brian! Desvie da boca dessa abusada!

Lilly ainda tentou argumentar, mas foi impossível. Daniel a arrastou junto com os outros dois seguranças sob flashes e olhares curiosos. Em poucos minutos, chegaram a uma área *VIP,* isolada por grossas portas de vidro. Um homem grisalho, em um terno escuro impecável, liberou a passagem. Parecia já estar a aguardando.

— Boa noite, senhora Pierce. Senhores — cumprimentou a ela e aos seguranças, sem distinção. Lilly gostou daquilo.

— Boa noite.

Esperaram no saguão de acesso para a entrada do restaurante.

O senhor explicou que as portas blindadas eram para garantir a privacidade dos clientes. O restaurante possuía um sistema de reservas prévias e lista de espera de várias semanas. Clientes de última hora dificilmente eram aceitos, salvo exceções. Em entrelinhas, entendeu que Brian e ela eram uma destas exceções. Imaginou o inferno que Mark deveria ter feito para conseguir.

— Ai, coitado! — Não conseguiu segurar um riso solto assim que Brian apareceu rodeado por seguranças. O homem parecia ter voltado da guerra. A camisa toda esfarrapada, teve sorte que lhe pouparam as calças.

— Você está bem? — Ele chegou pilhado e descabelado. Apalpou Lilly em busca de ferimentos, depois abraçou-a, beijou-a na testa, apalpou-a de novo e abraçou-a mais um pouco.

Lilly não conseguiu parar de rir. Talvez fosse o nervosismo ou a cara hilária dele todo puto.

— Shhh... Calma, desesperado. Estou bem.

Brian colocou as mãos na cintura e olhou-a meio indignado.

— Eu todo preocupado que estaria desesperada ou até ferida. — Respirou fundo e passou a mão no cabelo bagunçado. — E... e a donzela rindo à minha custa?

Lilly pôde apostar ter visto uma faísca de um sorriso querendo se formar naquela boca deliciosa do músico. *Mas é claro que ele não daria o braço a torcer... Homens...*, pensou ela.

Ela passou os dedos sobre o tecido arruinado, em seguida, roçou-os sobre o piercing no mamilo, deliciosamente exposto. Ouviu um pequeno gemido gutural ronronar quando o mamilo escuro enrugou.

— Não estou rindo de você, mas com você — mentiu. — Admita, a situação é hilária. Viu o estado em que está? E estas marcas de batom? Aquelas mulheres eram selvagens! Só faltou o grito de guerra de atacar!

— Não faltou... não ouviu o: "*É o Brian*"? Às vezes, basta um: "*São eles*"!

Eles riram juntos desta vez...

Lilly pediu água morna para o senhor de terno. Em menos de um minuto, um elegante garçom lhe trouxe uma taça. Ela tirou um lencinho da bolsa, molhou-o e começou a remover as marcas de batom sobre a pele morena.

Brian surpreendeu-se. Olhou fascinado, os avelã-esverdeados concentrados na tarefa de localizar os vestígios do ataque. Os cílios longos balançaram deixando os olhos ainda maiores... hipnotizantes. Os dedos suaves sobre o lenço, esfregando a pele com cuidado.

— Você é sempre assim?

— Assim como?

— Carinhosa?

Era tão natural para Lilly cuidar das pessoas... tocar nelas... que ela nem percebera. Agira em um impulso natural. Assim como estava acostumada a fazer com Big, Penne, Marie ou até mesmo com o seu agente, Antoine. Uma pequena mania que herdou da mãe e da avó.

Afastou a mão sem graça.

— Desculpe. Tenho uma mania meio patológica e impulsiva de querer cuidar. Acho que passei dos limites.

Brian alcançou a mão pequena e voltou a posicioná-la no ponto da bochecha, onde ela havia parado.

— Continue... por favor. — A voz dele saiu meio rouca, não pôde evitar. Estava fascinado e agradecido. — É bom... não tenho muita gente que me cuide... não dessa maneira.

Aquelas palavras carregavam uma verdade desconcertante, como um desabafo. O coração de Lilly disparou. Não soube o que dizer, apenas sorriu e voltou ao trabalho.

Penne diversas vezes comentara sobre aquilo. Que eles tinham uma legião ao redor, disposta a lhes trazer ou fazer qualquer coisa, mas no fundo, eram sozinhos. Sempre longe da família e amigos. Eram um bando de carentes.

— Estão aí, graças a Deus! Alguém saiu machucado? — Um Mark meio descabelado, em roupas casuais surgiu atrás deles.

Segurava uma camisa igualzinha à que Brian estava vestindo. Um cara alto e corpulento, que mais parecia uma mutação entre um ursão fofo com um motoqueiro de gangue, estava ao lado dele. Sorriu com um afeto genuíno para Brian, que retribuiu na mesma moeda.

— Oi, Richard, não sabia que viria! — Brian abriu um sorriso e agarrou o homem em um abraço forte.

— Só até o show de amanhã. É complicado abandonar o café no meio da reforma. — O ursão careca, fofo e barbudo tinha uma voz suave e macia. Lilly o amou instantaneamente.

Mark de alguma forma, pôs o corpo magro, não muito alto, encravado entre os dois.

— Vocês dois... estou aqui, não perceberam?

— Estou bravo com você — Brian bufou, largando o homem corpulento e voltou a ficar ao lado de Lilly, enlaçando a cintura dela. Juntou seus corpos o máximo que conseguiu. — Falei que essa sua ideia de merda não iria dar certo. Disse que preferia usar o boné e o óculos, mas não... *"Ai, Brian, os paparazzi estão loucos para ver vocês... não tem perigo... só umas fotinhos"* — Brian falou a última frase imitando o sotaque afetado de Mark.

— Não gosto quando me imita assim. Coloque logo esta camisa.

Mark estendeu a roupa. Brian soltou Lilly, relutante, e foi logo descartando a roupa rasgada, começando a colocar a nova.

O mundo de Lilly parou... Vê-lo assim tão sem nada, ainda era uma novidade fascinante para ela. Impossível não ficar babando.

— Lilly, garota! Está divina... deslumbrante! Vai sair linda nas fotos. Mulher, não sabia que tinha esse corpo! Que peitos são esses e essa cinturinha? Esse vestido está de arrasar! Ela não é linda, Richard, querido?

O ursão balançou a cabeça concordando.

— Hey! Pare de reparar nas partes da minha mulher! — Brian rosnou, dobrando uma das

mangas da camisa.

Lilly divertiu-se e passou a mão pela lateral do corpo, ajeitando o tecido do vestido.

— Obrigada, Mark... Comprei esta tarde, mas se vamos conviver juntos, pare de me bajular. — Ela riu, brincando e dando uma tapinha no ombro dele. — Tenho consciência das minhas imperfeições.

Brian revirou os olhos...

— A Lilly tem distrofia visual. É perfeita e não consegue enxergar o que todo mundo vê. Talvez seja bom marcarmos um oftalmologista — ironizou Brian, terminando a outra manga.

— Eu te achei encantadora. Uma boneca. Tem um rosto que algumas gastariam fortunas para ter — o ursão deu a sua opinião.

— Não falei. É perfeita, senhora Pierce — Brian sussurrou no ouvido dela, assim que terminou de se recompor e abraçá-la.

— Lilly, baby. — Mark olhou sério. — Está linda. Você e o Brian formam um casal de morrer de ódio. Não sei que merda andaram enfiando nessa sua cabecinha divina. Faça-me um favor, sim. Esqueça tudo e confie em nós. É diferenciada, garota... Agora entrem nesta merda de restaurante e se divirtam. Tive que prometer muitos ingressos e favores sexuais para conseguir isso aí.

O ursão rosnou.

— Estou brincando, amor! — Mark piscou.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O *LAGO* era um restaurante de tirar o fôlego. Com uma área *VIP* disputada. Um pequeno lugar para quarenta pessoas apenas. Idealizado em uma das varandas do Bellagio. Uma grande estrutura totalmente em vidro, como uma casa de cristal. *Clean*, moderno e elegante. Todo branco, mesas com tampo de mármore e cadeiras de vime, como em uma varanda antiga e luxuosa.

Além de possuir uma decoração espetacular, era o ponto com a melhor vista da fonte. O espetáculo do balé das águas acontecia ali ao redor do lugar. Simplesmente perfeito.

A mesa reservada ficava em um canto isolado e romântico, de frente para o lago das fontes.

Mark é um romântico..., pensou Lilly.

— Eu vim aqui uma vez com os caras. Achei que seria ideal para o nosso primeiro jantar

como recém-casados.

Uma cara de espanto surgiu nela.

— É lindo, Brian. Parece que não é bom só com as palavras, mas com restaurantes também.

Brian encolheu os ombros e sorriu tímido.

O Chef Executivo Giuliano foi até a mesa deles cumprimentá-los.

— Aí está o mais novo casal. — Um forte e simpático sotaque italiano ecoou na varanda.

— Oi, Giuliano. Esta é Lilly, minha esposa — disse Brian, apertando a mão do homem corpulento e grisalho.

— O restaurante é encantador. Parabéns! — Lilly elogiou com a voz suave.

— Obrigado, mas não se compara a você, minha querida. — Serviu e entregou uma taça de champanhe a ela, fez o mesmo para ele e Brian. — Às mulheres que nos enfeitiçam! Saúde!

— Saúde! Ela é linda mesmo, obrigado. — Brian passou o braço sobre o encosto da cadeira de Lilly, sutilmente puxando-a mais para perto.

O homem sorriu abertamente e dentes perfeitos apareceram.

— Agora entendo tudo... Foram o assunto do dia em minha cozinha, sabiam? — O chef revirou os olhos brincando. — Tive que trabalhar entre os suspiros sonhadores e românticos da minha sub chef e assistentes. Todas fascinadas pelo músico bonitão que se rendeu aos encantos de uma linda moça.

— Lilly é a melhor amiga de Penne e Big, da banda. Nós nos conhecemos há alguns anos. — Brian achou que a informação contaria pontos. Giuliano era influente e fofoqueiro. — Ela finalmente resolveu olhar para mim. Não poderia perder a chance.

— Fez bem! Sua esposa tem uma beleza dessas raras, magnífico rosto. É um homem de sorte, rapaz. — Inclinou-se, apoiando as mãos na mesa. Encarou Lilly por um tempo. Ela já estava ficando corada com tantos elogios.

Achou melhor brecar os galanteios do cozinheiro. A perna de Brian pulava impaciente sob a mesa.

— Eu que tenho sorte. — Lilly segurou a mão do marido para que o homem visse a grossa aliança — Brian é único. O homem mais lindo e mais interessante que conheci na vida.

Brian abriu um sorriso estonteante e presunçoso. Tão animado quanto o homem que encontrou a lâmpada mágica e descobriu que não eram só três desejos e sim todos.

— Apaixonados! Isso é bom! — O chef voltou a posição de pé. — Preparei um menu especial para vocês. Aproveitem a noite.

E foi isso que fizeram... depois de Lilly ter repetido pela centésima vez que não tinha reparado nas investidas do Chef, e confirmado outras duzentas que achava Brian lindo e interessante.

— O mais lindo e interessante?

— Sim, Brian... — Lilly revirou os olhos — o mais lindo e interessante.

— Droga! Deveria ter dificultado um pouco as coisas... Camuflar mais meus superpoderes. Sabia que não iria resistir.

— Idiota.

Entre um prato e outro, e taças de champanhe, a conversa foi leve. Sobre a amizade de Lilly com Penne e Big, a família... a infância... Nenhum romance anterior foi mencionado.

Brian contou que conheceu Big aos dezenove anos, em um bar, e que depois frequentaram o mesmo conservatório de música. Quando soube que Big queria montar uma nova banda, ficou no pé dele, mas já havia um outro guitarrista... Então, teve que amargar dois anos até conseguir uma chance.

O esquema antigo não emplacava. Precisavam renovar tudo e foi aí que Adan, Gabe e ele entraram definitivamente. Seriam testados em uma apresentação no Ano Novo. Nem nome a banda nova tinha ainda. Quando iam ser anunciados, o figurão da festa quis um nome urgente. Sabiam que aquela seria a "*última chance*", antes de serem obrigados a reconhecer o fracasso. Daí, Ultimate Bet. Big falou sem pensar e a coisa pegou.

— Acredita que quase perdi o show da minha vida por causa de uma merda de voo?

O coração de Lilly congelou.

Ele lembra daquele dia?

No hospital ele não tinha dado sinais de reconhecimento. Nem poderia, ela tinha mudado muito. Lilly engoliu o champanhe em um só gole.

— Sé... sério?

— Sério. Estava em Paris acompanhando uma das filmagens do meu pai. Uma merda qualquer no sistema de reservas alterou a data do voo. Se não fosse por uma garota francesinha, estaria ferrado e a minha história seria outra. Big já tinha outro guitarrista engatilhado.

Não!

Não era uma francesinha!

Era ela!

— Poxa vida.

— Pois é... engraçado lembrar disso agora, nunca toquei nesse assunto com ninguém.

— Nunca? — Ela o encarou. Nenhum sinal de reconhecimento. Lilly queria contar, mas tinha medo de como aquilo iria soar. Não queria que ele achasse que a aproximação deles tivesse sido forçada por ela.

— Nem com o pessoal da banda? — O coração de Lilly apertou. Ela não só tinha contado, como feito um vídeo para Penne, ainda no aeroporto, para avisar que não voltaria para casa.

Brian pareceu perdido em pensamentos.

— Ninguém.

Um suspiro discreto escapou dos lábios dela.

— Se quiser guardar só para você, eu vou entender.

— Não, pra você eu sinto vontade de contar... Aquela menina-bebê mudou a minha vida e nem sabe. Trocou o voo dela com o meu. Um tempo depois... tentei entrar em contato com a companhia aérea. Precisava achar a garota para agradecer, mas não tinham nenhum registro da troca. Droga, eu me senti péssimo! No dia do voo, estava tão estressado que não prestei atenção no nome. Só fixei que usava óculos fundo de garrafa e um chapéu vermelho esquisito.

Deus!

Ele tentou me encontrar?

— Tentou?

Claro que não conseguiu...

Ela tinha cancelado o voo. Devem tê-la tirado do sistema. Na época, tomou aquilo da troca de passagens como um sinal. Uma desculpa perfeita para não passar o primeiro Ano Novo, após a morte dos pais, com a irmã. A dor ainda era gritante. Então, não voltou para casa naquele ano, nem no ano seguinte...

— Tentei, pra caralho. — A voz entusiasmada a fez crer piamente que sim.

Lilly sorriu entre a euforia e o constrangimento...

É, quem sabe um dia eu conte para ele.

— Que mundo pequeno... na banda do Big — foi tudo que conseguiu dizer.

— Pois é, trabalhar com Big era tudo... Minha intuição dizia que daria certo. O cara é um filho da puta talentoso.

Deus!

Ele lembrava do primeiro encontro deles...

Lilly nem ligou para a falta de reconhecimento, pois Brian achava a garota importante e isso valia muito!

Muito!



17

Lilly mal conseguiu prestar atenção quando Brian voltou a falar do conservatório. O coração dela estava batendo forte, como naquele dia em Paris.

O músico contou que Ethan tocava percussão, além de bateria. Coisa que Lilly já sabia. Mas não tinha ideia que Brian era um instrumentista! Jesus, o homem tocava saxofone, violino, piano, além de guitarra. Ele tinha formação de regência e composição clássica, e foi o responsável pela trilha do filme *Os Amantes*, com a qual ganhou um Oscar de melhor compositor e poderia levar outro!

Deus!

Lilly sabia tudo a respeito da carreira da banda através dos amigos, mas os fatos eram sempre gerais. Detalhes só conhecia os de Big e Penne. Sempre evitou se aprofundar muito em Brian. No máximo, pequenas especulações sobre a vida amorosa dele, que Lilly tentava, sem sucesso, com Penne.

Sabia que ele era filho de Ian Pierce. Os dois eram bem parecidos, mas ser filho da cantora Sarah Lincoln. *Nossa Senhora!* Quantas vezes ela não tinha se trancado no quarto para sofrer por algum garoto, ouvindo as músicas românticas da cantora. A mulher era um mito. Além de linda!

— Te acho mais bonito que seu pai — confessou tímida.

Brian tampou a boca de Lilly, como se ela acabasse de falar uma heresia.

— Nunca... nunca diga isso para o meu pai! Ele vai te odiar eternamente.

Já embalada por algumas taças de champanhe, Lilly puxou a mão dele e mordeu.

— Ai, sua canibal — ele grunhiu e as pessoas da mesa ao lado olharam assustadas. — Desculpa, minha esposa não consegue tirar os dentes de mim.

— Brian!

— Que foi?

— Vão pensar que sou a tarada dos dentes — Lilly sussurrou, encarando a mesa ao lado e sorriu meiga para eles.

— E daí? Nunca mais vamos vê-los na vida.

— E daí... que... ah! — Ela parou por segundos, tentando achar uma resposta que não veio. — Não muda de assunto, Brian Pierce. Por que não posso falar que te acho muito mais bonito

do que seu pai mesmo? E por que nunca me contou que é filho da Sarah *DIVA* Lincoln? — Arregalou os olhos o acusando de alta traição.

Ele franziu as duas sobrancelhas grossas e escuras, quase em choque.

— Porque meu pai deveria se chamar EGO Pierce. — Lilly riu com a cara de desgosto que ele fez. — Sério, se ele pudesse fazer o papel daquela fada que fala... "*Espelho, espelho meu... existe alguém mais bonito do que eu*", ele faria.

— Não era fada, era bruxa, seu burro.

— Ah! Dá da mesma, espertinha. Você entendeu a analogia. — Apertou a ponta do nariz arrebitado dela. — E outra coisa... como iria te contar sobre a minha mãe, se nunca olhava na minha cara?

— Olhava sim, você que me ignorava.

— Eu te ignorava, porque não me olhava.

A cada nova taça de champanhe e novo assunto, descobriam mais afinidades.

Músicas, filmes, livros, comidas e lugares favoritos no mundo.

Lilly achou incrível como os dois tinham ideias parecidas sobre muitas coisas. Brian estava fascinado pelo jeito simples e leve dela... brincalhona, meiga, espontânea... A mulher tinha tudo para ser uma chata mimada, mas era genial.

Ela adorou que ele gostasse de pedalar e correr. Ele pensou que ela ficaria deliciosa de shortinhos sobre patins. Ela disse que gostaria de desenhá-lo... Ele achou que estavam em sintonia.

— Quase meia-noite. — Passou a ponta do dedo no canto da boca rosadinha e suja pela calda de chocolate e depois o lambeu. O chef havia mandado uma sobremesa especial para os recém-casados apreciarem juntos.

Lilly já estava em um estágio no qual, qualquer gesto feito por ele, era tentador e erótico. Lamber os dedos, comer, beber, respirar... piscar.

Deus, nunca mais ela poderia beber champanhe perto dele.

— O que tem? — Lilly quase engasgou quando viu a língua dele saboreando o dedo. Ela queria ser o dedo ou a língua.

— Vai começar o último show das águas. — Brian não estava mais aguentando ter que se comportar e manter as mãos longe dela.

Lilly deu a última colherada no cheesecake de chocolate e morangos, encharcado em calda, tentando se recompor.

— Podemos ficar e assistir daqui, se quiser.

— Ou podemos ir até aquela varanda ali... — Brian apontou a grande veneziana aberta para um terraço — e ver de mais perto. — Inclinou-se e deu um beijo no canto da boca macia, adocicada pelo chocolate.

Os olhos de Lilly arregalaram de desejo e Brian interpretou aquilo como um sim. Arrastou-a porta afora. Deu uma rápida olhada para os lados e a levou para um canto menos iluminado, camuflados por três vasos com folhagens. Ainda podiam ser vistos, mas tinham uma falsa ilusão de privacidade.

Apoiaram-se no balcão circular de pedra com vista para o lago. Algumas pessoas também estavam na varanda, aguardando o espetáculo de sons, luzes, cores e água.

Brian puxou Lilly contra o peito, abraçando-a. Sem hesitar, ela o envolveu também.

— Obrigada por hoje — Lilly sussurrou, esfregando o nariz contra o peito dele.

Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto lindo, que o vento cismava em trazer.

— Pelo quê? Não tem nada que agradecer.

— Tenho sim. Por ter ficado do meu lado. Por fazer do pior dia, o melhor de todos...

— Ah! Lilly... Lilly. Foi o meu melhor dia também.

— Sério?

As luzes da fonte acenderam, indicando a meia-noite.

— Hum-hum... e vai ficar melhor ainda... Feliz aniversário.

Uma balada de guitarra romântica começou a tocar. Os jatos e arcos de água explodiram monumentais atrás deles, dançando de um lado para o outro no mesmo ritmo.

Lilly olhou para a imagem ao seu lado, boquiaberta. Já tinha ouvido aquela balada, mais de mil vezes. Turistas que estavam na rua acompanhando o espetáculo, começaram a bater palmas com a mudança no já batido repertório musical do show.

— Deus! Como conseguiu isso? É você tocando, não é? Brian isso é... é... a coisa mais sensacional que alguém já fez por mim! — Abraçou-o, quase o sufocando, depois beijou a bochecha dele em todos os ângulos.

Foda-se que ele não se lembra de mim!

Ele fez as águas dançarem pelo meu aniversário!

Caramba!

Ele sorriu torto, com cara de que isso não era nada, mas, no fundo, queria que fosse tudo. Passou a tarde maquinando o que poderia fazer para tornar o aniversário dela uma lembrança positiva. Pensar que Lilly iria associar a data com as merdas que aconteceram ontem o estava corroendo.

— Agradeça ao Mark. Posso ter tido a ideia, mas o mérito da execução é dele. O cara tem conexões até em Marte.

Ainda sem conseguir tirar o olho, do que via no lago, Lilly controlou-se para não chorar.

— Vocês acabaram de entrar para a minha lista de pessoas favoritas no mundo!

— Isso pode ser bom ou ruim — brincou ele. — Dependendo de quantos têm nessa lista e em qual posição eu esteja.

— Dá para contar nos dedos. — Levantou empolgada as mãos espalmadas. — Eu juro! — Sorriu feliz e o brilhante cintilou. Brian sentiu-se animado. Ele poderia não ser o primeiro da lista, mas era o único em sua mão.

Lilly sentiu-se grata. Parecia um sonho estar cercada de tantas pessoas maravilhosas. Um sonho estar casada com ele. Brian estava se revelando espetacular.

Uma cara nota dez, não, mil!

Ele tirou do bolso um saquinho verde-água aveludado da Tiffany&Co[33]. A vendedora das alianças e do anel de noivado havia dito que era tradição dar uma joia no dia do casamento, não resistiu e acabou levando. É claro que não fez isso pelo casamento, mas nada o impedia de dar um presente de aniversário.

Sim, ele tinha problemas com impulsividade e sentimentalismos, mas riscou a palavra romantismo do seu dicionário... A música, os presentes não tinham nada a ver com isso. Lilly era sua amiga e parceira, agora. Queria agradá-la, os dois eram um time. Todo errado, tudo bem, mas... um time.

As mãos de Lilly tremeram ao pegar o saquinho. Não recebia tantos presentes assim, em muito tempo. Achou que tipo nunca, nem quando seus pais eram vivos.

— Brian, mais um?

— Aniversários pedem presentes, mocinha. — O coração dele estava batendo descompassado, em expectativa.

As mãos de Lilly tremiam. Com cuidado para não derrubar, abriu o saquinho e retirou uma pulseira. Um delicado cordão de platina com três pingentes. Ela olhou confusa para o músico.

— Para você ir completando com as coisas boas que irá viver daqui para a frente. — Brian tocou no primeiro pingente. — A boneca é você... meio óbvio, né? A aquarela... a arte que alimenta a sua alma e a guitarra... porque a sua nova fase começa na estrada, com a música do ULTIMATE... e como o presente é meu, nem a pau iria escolher uma bateria ou um microfone. — Levantou os ombros, desculpando-se.

— Poxa, Brian... Você é incrível. Não sei nem como começar a te agradecer por tudo isso.

Ele ajudou-a com a pulseira e ela balançou o pulso no ar, fazendo os três pingentes tilintarem.

— Beijando-me, talvez?

Um polegar roçou os lábios gordinhos dela, virando o interruptor do desejo.

— É... acho que um beijo pode ser um bom começo...

Os olhos de Lilly fecharam e os lábios se entreabriram. Ele abaixou a cabeça e traçou o contorno da boca feminina com a língua.

— Oh! — Um suspiro escapou daquela boca ansiosa e trêmula.

A língua de Brian aventurou-se mais fundo... e roçou em tudo que encontrava pela frente... dentes, céu da boca... acariciando com o piercing a superfície da língua de Lilly. Mais gemidos de ambos murmuraram, quando a ereção dele roçou na coxa feminina. Lento, suave e provocante.

Ela ficou nas pontas dos pés, agarrou-se à nuca dele, seu corpo estremeceu... e esfregou sutilmente a própria virilha.

— Porra, Lilly! — Era o gatilho que ele precisava, devorou-a com vontade. De novo... e de novo... Beijou-a intensamente... línguas... salivas... gostos... Uma onda de prazer correu pela espinha do guitarrista e Lilly sentiu todos os pelinhos se eriçarem.

Ele sugou e sugou, e sugou, até que todo o chocolate fosse embora e ambos só sentissem o sabor novo. Brian e Lilly misturados.

— *Hum-hum, Senhores...*

— *Senhores...*

Lilly foi a primeira a romper o beijo e afastar-se, ainda atordoada.

— Desculpe-nos, mas estamos fechando.

— Ah! — Lilly corou.

Brian riu, afundando o rosto vermelho no pescoço da esposa.

— Estamos indo. Desculpa, cara.

O garçom ofereceu um sorrisinho sem graça e foi logo avisar aos outros clientes na varanda sobre o fim dos serviços da noite.

Brian pegou o celular. Avisou aos seguranças que eles já estavam prontos para ir. Só que, desta vez, faria do seu jeito, não queria Lilly sendo atacada pelas fãs.



18

— Tem certeza de que isso vai dar certo? — Lilly olhou para os sapatos que segurava na mão livre do aperto de Brian.

Ele fez uma cara de *confie-que-sou-foda*.

— Absolutamente. — Piscou para ela, acenou para os seguranças, olhou para o senhor guardião da porta de vidro e fez um sinal. A porta deslizou...

— Já! — gritou.

... e correram como se não houvesse amanhã ao som de *Viva Las Vegas*, de Elvis Presley. Lilly agradeceu que o tecido do vestido fosse maleável. Acompanhar o ritmo das pernas compridas e musculosas do Brian foi um exercício e tanto.

Entre risos e palavras de incentivo, eles fizeram todo o caminho de volta como dois foguetes desvairados. Correndo e gargalhando pelos enormes saguões e corredores lotados. Desviando das pessoas que os olhavam curiosas e dos fãs que não tiveram tempo de reação, com os quatro Rambos atrás deles. Foi uma bagunça divertida.

Os seis entraram no elevador...

— Viu a cara das pessoas? Bom método, Brian. — Lilly riu ofegante, com as mãos apoiadas nos joelhos. — Da próxima vez, só me lembre de levar um par de tênis e um elástico de cabelo.

Ele e os caras da segurança riram de Lilly, toda vermelha e esbaforida.

— Hey! Já viram o tamanho da perna de vocês? — Lilly endireitou o corpo e arrumou o vestido que subira até o meio das coxas. — Tive que ser ninja para acompanhá-los. — Olhou feio para os cinco e Brian a abraçou.

— Foi perfeita, Lilly! — Beijou-a no topo da cabeça moreninha e voltou a acompanhar ansioso os números no painel do elevador.

Brian estava orgulhoso. Outra garota teria dado um chilique e se recusado a correr, por medo de estragar o cabelo. Ela estava um tesão, toda vermelha e descabelada. A cada minuto que passava ao lado de Lilly, entendia porque seus dois companheiros de banda eram tão devotados. Era difícil não se apegar e querer guardá-la em um potinho.

Deus, ela é tão adorável!

Lilly desafiava todas as probabilidades lógicas do mundo em que tinha crescido. Meninas

nascidas naquele meio costumavam ser mimadas e fúteis. Ele sabia muito bem disso, apesar dos esforços de sua mãe, as irmãs eram fortes candidatas a se tornarem mulheres assim. Pelo menos, as três tinham um caráter impecável. Imaginou como deveria ser horrível crescer ao lado de uma víbora como a tal Ava.

— Na maioria dos estádios em que tocamos, têm pista de corrida e ginásios de esportes. Talvez a gente possa fazer uns exercícios juntos — Brian sugeriu.

Lilly olhou admirada, por ele querer incluí-la em suas atividades.

— Pode ser bom. Acho que gostaria disso. — Sorriu.

— Seu condicionamento físico está ótimo, senhora Pierce — Daniel elogiou com timidez.

— Por favor, me chame de Lilly, Daniel — pediu e o segurança olhou em busca da aprovação de Brian, que riu consentindo. — Aliás, todos vocês me chamem de Lilly. E nada de madame, pelo amor de Deus! Faz eu me sentir como uma dondoca perfumada a naftalina.

Ao chegarem na cobertura, depararam-se com a batida de música alta, gritos e risadas. Duas garotas seminuas estavam apoiadas na parede, junto à suíte de Adan. Ambas com um dos pés nas paredes, garrafas de cerveja em uma mão e cigarros na outra.

Lilly não sabia dizer se aquilo que usavam eram cintos ou saias. Quando elas perceberam a movimentação, viraram e abriram um largo sorriso assim que botaram os olhos em Brian. Depois, mediram Lilly com indiferença e voltaram para ele.

As sirigaitas pareciam torres gêmeas loiras, em cima de seus saltos quinze e Lilly, uma anã, segurando os sapatos na mão. Ela tinha uns bons trinta centímetros a menos que Brian.

— Hey, Brian. Chegou bem a tempo de pegar o melhor da festa — a loira peituda, de regata semitransparente, falou e depois tragou o cigarro soltando a fumaça com um biquinho.

— Sem festas hoje — o guitarrista disse, seco. Despediu-se dos seguranças, que, em seguida, entraram na suíte barulhenta.

Brian começou a arrastar Lilly pela mão, na direção oposta das mulheres. Cansada do jeito que estava e ainda tonta do champanhe e emoções, Lilly não se importou em deixar a festa para outro dia. Mas tinha curiosidade em participar de uma. Penne e Big sempre contavam horrores sobre as coisas que aconteciam na suíte da banda. Era quase uma Lenda Urbana para ela.

— Conhece aquelas garotas? — Lilly sussurrou.

A mulheres pareciam tão íntimas.

Brian mentiu indignado:

— Eu não!

Uma das mulheres deu uma risada rouca e gritou:

— Pra quê a pressa, delícia? Eu e minha amiga estamos a fim de um ménage, pode trazer o seu brinquedinho. — A loira apontou para Lilly. — Não nos importamos.

Brian a ignorou e continuou andando.

— Brian! — A voz de Adan ecoou no corredor.

Viraram para encontrar o vocalista só de calças jeans. Suado e segurando uma garrafa de tequila.

— Não querem entrar? Gabe e Big vão começar uma partida de *strip poker*[34]. Penne vai participar desta vez.

— Hoje não, cara. A menos que a Lilly queira. — Olhou-a em expectativa.

Lilly ponderou. Estava realmente cansada, mas sua curiosidade era maior.

— Eu não me importo, pode ser divertido. — Sorriu para os dois.

Droga!

Não era a resposta que Brian esperava. A última coisa que queria era ter que dividir a atenção de Lilly com os outros caras, e a ideia de passar a noite se esquivando das investidas vulgares de um bando de mulheres, não lhe parecia tão atraente.

— Ótimo! Espero os dois lá dentro. — Adan deu meia volta, colocou cada uma das loiras sob o braço e entrou.

Lilly começou a seguir o vocalista quando uma mão a segurou pelo braço.

— Sabe o que é... meus planos para nós, eles ainda não terminaram, mas se estiver mesmo a fim...

Ela olhou para Brian, que parecia ansioso e ligado. Aquilo mexeu com todas as boas emoções que Lilly havia recém-descoberto. Perdeu-se um pouco, deliciando-se com a mão livre dele passeando por aquele cabelo sedoso.

Ah! Os planos...

Tudo tinha sido tão maravilhosamente perfeito até agora e Brian era um excelente *fazedor*[35] de planos.

— Somos parceiros, não somos? Seus planos são meus planos. — Piscou e os olhos azuis-

violeta cintilaram. Lilly sentiu-se a garota mais sortuda do planeta. — Estou louca para descobrir o que planejou. — Sorriu e começou a arrastá-lo apressadamente na direção contrária da festa.

Brian anotou satisfeito, mais aquela faceta de Lilly. A moreninha era uma curiosa nata. Os olhinhos dela brilhavam por tudo e depois, explodiram como fogos de artifícios, quando ele a levou direto para o terraço privativo e sugeriu que ficassem nus.

— Esse era o plano, lembra? Perder a inibição e descobrirmos as coisas que cada um gosta.

Ela balançou lentamente a cabeça, um tsunami batendo dentro dela...

— Sim, esse era o plano.

Ele sorriu, revelando as covinhas.

Lilly o observou ir até uma mesa redonda, conectar o celular a duas caixas de som prateadas... a música *Tiny Dancer*, de Elton John, começou a tocar.

Brian voltou com duas taças de champanhe. Lilly teve que se concentrar para não derrubar o líquido gelado e borbulhante quando ele lhe entregou a taça. O coração dela não sabia se batia mais rápido ou parava de vez. Um tremor nervoso tomou conta dela.

Deus, Lilly!

Quantas vezes já ficou nua diante de um homem?

Então... Por que isso agora?

Lilly olhou para a enorme *jacuzzi* que borbulhava como um convite. Depois para o moreno à sua frente que, desajeitadamente, livrou-se dos coturnos, sorrindo, sem desgrudar os olhos dela. Um par aterrissou em um vaso com uma palmeira imperial.

— Ops!

O outro caiu direto em uma das duas espreguiçadeiras ao lado da banheira.

Ela sabia que não seriam vistos. Brian disse que longe das beiradas, a privacidade era total. Virou a bebida de uma só vez, buscando coragem.

— Está nervosa? — Ele levantou uma sobrancelha, encarando-a com cuidado. — Se não quiser fazer isso. Podemos... só...

— Mas eu quero! — interrompeu-o.

Sim, ela queria. Podia ser a bebida falando ou o desejo louco que sentia por ele. Mais cedo ou mais tarde, os dois acabariam passando para outro estágio. Que fosse mais cedo, então.

Um sorriso cinematográfico explodiu no rosto de galã selvagem dele. Certeza que era herança de seu pai. O poder daqueles dentes escancarados e o som de sua risada rouca eram bem desconcertantes. Um miniarrepio e um esquentamento atrevido, e imediato atingiram o ventre e as calcinhas de Lilly.

Uh! Lá, lá!

Devia ser proibida a reprodução entre estrelas de Hollywood e divas da música!

Brian acumulara o melhor dos dois mundos. Os pais dele fizeram um excelente trabalho, elevaram o que já era incrível ao extraordinário.

O músico poderia fazer o que quisesse com ela, que não iria protestar. Ele emanava uma energia sexual bruta que a atraía, e muito. Um magnetismo poderoso que simplesmente não podia ignorar.

Lembrou-se do porquê fugira dele por todos aqueles anos. Ela sabia... Tê-lo por perto, seria um problema para a sua sanidade.

Já devidamente descalço, Brian aproximou-se dela com cautela. Engoliu em seco e também virou a bebida. Precisava se acalmar, estava excitado e nervoso pra caralho. Tipo idiota. Apoiou a taça no deck de madeira. Seus instintos gritavam para avançar mais e atacá-la como uma criatura selvagem, mas obrigou-se a manter-se civilizado.

Ele deslizou as mãos pelo tecido de sua camisa branca.

— Que tal começarmos comigo. Vem até aqui... Livre-me destas roupas.

—E-eu? — Lilly engasgou.

— É a tradição — brincou.

— Não sei... Será que costuma mesmo impressionar totalmente nu ou era só seu ego falando?

— Só tem um jeito de descobrir.

Lilly estreitou a distância. Concentrou-se na luxúria, não no medo. Brian ficou parado, enquanto ela desabotoava, lentamente, cada um dos botões de sua camisa.

Um pequeno som brotou na garganta dela ao roçar os dedos na penugem que cobria o peito musculoso e arfante. Saboreou o momento. Vê-lo era uma coisa, agora... tocá-lo.

Brian se deliciou com a cara de esfomeada dela. Vibrou quando a ponta rosada de sua língua molhou os lábios, em um retrato óbvio de apreciação. *Sim!* Ele queria que ela o achasse atraente. Que o desejasse tanto quanto a desejava.

— Se gostou disso, imagina até tocar lugares que ainda não viu — provocou.

— Atrevido.

— Esse sou eu.

Merda de homem mais gostoso!

Ele tinha que levar umas boas palmadas para deixar de ser tão arrogantemente indecente e lindo. O atrevido sabia que aquelas palavras faziam qualquer mulher entrar em ebulição. Só podia!

Lilly lançou um olhar de reprovação, mas continuou a desembrulhar o seu presente. *Sim! Brian nu, todinho para ela...* Seu mais novo presente preferido no universo. Ela terminou de abrir a camisa e a empurrou para fora dos ombros largos. O tecido branco caiu no chão.

— Pronto — Lilly disse, passando a mão no peito masculino, concentrando-se na argola no mamilo.

Brian estava gostando de ser tocado por ela. *Sensação do caralho!* Um arrepio bom o atingiu em cheio.

— Isso parece pelado pra você? — ele franziu o rosto, apontou a braguilha da calça e riu, provocando-a.

Brian lutou mais uma vez, contra a vontade de arrancar as roupas e esfregar o corpo contra o dela. Resistiu como um guerreiro. Queria que Lilly o despisse. Era importante para que ela vencesse as barreiras de inibição. Precisava dela à vontade, para tirar as roupas dele, sempre que desejasse... *E, sim, pelos deuses do rock!* Ele queria que ela desejasse tirá-las, muitas vezes dali em diante.

Um passo de cada vez, Lilly!

Ela respirou fundo e sem tirar os olhos dos azuis-violeta, escorregou lentamente as palmas das mãos, deliciando-se com cada pedacinho. O peito marcado, livre de tatuagens, os pelos cobrindo o tórax de atleta, os gominhos marcando o abdômen magro, a trilha de pelos abaixo do umbigo. Sentiu os músculos dele contraírem e um grunhido grave e rouco escapar-lhe da garganta.

Lilly achou aquele som mais sexy dos que ele dedilhava na guitarra. Arriscou um vai e vem no baixo ventre do músico... outro gemido e mais tremores.

Brian estava se contorcendo debaixo daquelas mãozinhas suaves e exploradoras. Lilly não o enganou quando disse que era um ser tátil. Segurou os cabelos até seu couro cabeludo doer.

— Porra, Lilly, isso é tortura! — A bandida riu e abriu o primeiro botão da calça.

— Que foi? Estou fazendo errado? — a voz doce era pura provocação.

— Certo até demais. Pode acelerar, se não quiser que eu morra.

— Não quero que morra.

Um movimento e o zíper abriu. Dedos quentes enlaçaram o tecido da calça. Os joelhos dela tremiam mais que vara verde. Lilly tomou várias respirações até conseguir seguir em frente. Agradeceu a coragem adquirida pelas várias taças de champanhe.

Foi ajoelhando diante dele, à medida que puxava o tecido. Evitou olhar para o pau sob a cueca, mas era impossível. O negócio parecia indomado. O volume enorme apontava para o umbigo dele, quase saindo pela borda. *Jesus!* Limpou a garganta e concentrou-se em olhar para as coxas grossas e musculosas. *Deus!* Como Lilly amava uma coxa grossa e peluda na medida exata. Will era adepto da depilação completa.

Olhou para cima e os olhos de Brian estavam escuros. A barriga dele descia e subia e os lábios estavam entreabertos.

— Bela cicatriz no joelho. O que foi? — Ajudou-o a se livrar da calça, depois Brian as chutou para longe.

— Isso é sério? — ofegou, ela sorriu e balançou a cabeça. Porra, ele estava com o pau praticamente deprimido gritando "me olhe", e ela querendo dar atenção a um ralado? — Ralei nas férias, enquanto fugia do meu irmão.

As mãos inseguras de Lilly contornaram o elástico da boxer. Ela puxou o ar.

Não enrole mais, sua idiota!

Arranque logo, igual fazem na depilação.

De uma só vez, o sofrimento será menor.

Antes que ele percebesse, ela baixou com tudo a boxer e o pau pulou livre. Quase batendo no queixo atrevido dela.

— Ai, Jesus! — Lilly se afastou e ficou de pé cambaleando. — Se pensa que vai enfiar essa Fera do rock em mim... Ah! Não vai!

A visão daquela grossa ereção, fez o sexo de Lilly contrair de desejo e medo.

Brian gargalhou como um menino.

— Fera? — Segurou seu mastro orgulhoso de modo protetor. — Hey! Nem é tão grande assim. Devia ver o Big e nem é tão grosso como o de Adan.

Fofo que não é!, pensou ela. *Fofo era seu vibrador rosinha!* Fera, sim! Aqueles vários centímetros de carne masculina eram impressionantes. Com veias tensas delineando a pele. Uma cabeça inchada. Tudo bem que, se comparado a todos os que já vira, o dele parecia lindo, mas mesmo assim... Ela era virgem! Aquele troço iria rasgá-la ao meio.

Os olhos de Lilly estavam vidrados. O pênis de Will não era nem metade do de Brian, que, por sua vez, não era tão grosso como o de Adan, mas o vocalista não era parâmetro, o cara era descomunal... E pouco se importava com os dotes masculinos do Big. Não era o pau dele que queria dentro dela.

Segundos de silêncio se seguiram... Brian deixou sua *Fera* livre. Era bom que Lilly desse uma boa olhada, seria muito íntima do seu amigo logo, logo. Gostou que a mulher parecesse estar receptiva. Agradeceu, mais uma vez, a curiosidade latente dela. Devia ser reflexo da pintora.

Artistas costumam se atentar aos detalhes. Certo?

— O pau deles não me interessa. — Lilly saiu do transe e Brian gostou da falta de interesse da esposa nos amigos. — E isso aí, meu chapa... Parece bem grande e grosso para mim e... e com... brincos!

Brian tocou as pequenas bolas de prata, abaixo e acima da cabeça do pênis. Elas adornavam o eixo de prata que perfurava a largura do membro. Sentiu a frieza do metal tocar logo abaixo do seu umbigo.

— Assim você me desmoraliza. — Brian riu divertido. — Nunca viu um pau perfurado antes?

— Não, nunca... desculpa — disse, ofegando por ar. — Só... só... o de Gabe no banheiro, mas era diferente.

O jeito que Lilly continuava a olhar para a virilha de Brian, com curiosidade, medo e admiração era desconcertante. Fazia os ossos dele derreterem e o tornava uma criatura lasciva.

— Tenho uma argola também, mas prefiro assim. Quem sabe outro dia. — Aproximou-se dela. — Acho que já estou em bastante em desvantagem aqui.

— Es-está? — ela gaguejou.

— Hum-hum...

Lilly endureceu quando Brian moveu-se para ficar atrás dela. Seus corpos não se tocaram, mas podia sentir todo o calor fervilhando do corpo masculino e forte. Só de imaginar que a Fera estava logo ali, bem pertinho dela... Seu corpo todo aqueceu uns mil graus.

Deus!

Brian colocou de lado, as longas mechas castanho-douradas de cabelos dela e com as pontas dos dedos deixou uma trilha quente e formigante nos ombros e pescoço de Lilly.

Um solo sexy de guitarra começou a tocar ao som da música *Angel*, de Jimi Hendrix.

— Agora é a minha vez — sussurrou quente no ouvido dela, em seguida sugou forte a parte macia da orelha minúscula. Um espasmo involuntário percorreu do topo à base da coluna de Lilly, que se contorceu como uma gata ansiosa. — Hummm.

Brian riu apreciativo.

O pau dele vibrou várias notas, poderia escrever um solo de guitarra com ele... só seguindo a pulsação ritmada. Achou o pequeno zíper escondido no topo das costas dela, deslizando devagar só para torturá-la com a expectativa.

— Brian… — ofegou. — Não estou usando sutiã.

O que era meio óbvio, riu ele.

— Tudo bem, eu também não estou.

Um risinho nervoso e doce ecoou.

— Ok, então. Acho justo.

Ele afastou o tecido leve e brilhante com suavidade, fazendo-o deslizar sobre os ombros e braços delicados. Sentiu seu pequeno corpo tensionar.

— Relaxe, baby. Sou só eu...

O problema é esse, meu querido...

É só você. Brian Pierce!

Quando o vestido caiu ao redor dos pés pequenos... ele tomou vários segundos para apreciar a vista e recuperar o fôlego. Mordeu os lábios e soltou o ar entredentes.

Ela tinha uma bunda realmente incrível. A renda branca da calcinha fio dental, a tornava requintada. Bochechas carnudas e empinadas, realçadas pela cintura fininha... A cabeça do pênis dele cutucou a região lombar dela... Lilly congelou.

Meu Deus!

Eu nem fui desvirginada e será que ele quer me comer por trás?

Sentiu Brian ajoelhando-se atrás dela e relaxou um pouquinho. Os bicos dos seios começaram a doer de tesão e expectativa. Tapou-os com as mãos, tentando conter um pouco do

desejo desconcertante. A imagem daquele pau não saía de sua cabeça.

— Isso não é justo! Você tinha mais roupas do que eu!

— Eu sou um cara de sorte.

Ele enrolou os polegares nas laterais da calcinha.

— Jesus. — ela murmurou.

Brian abaixou a pequena peça rendada lentamente. O corpo delicado estremeceu, sentindo os dedos ásperos rasparem a pele nua do quadril. Centímetro por centímetro... Lilly rezou para ele não perceber o quanto o seu desejo tinha encharcado a peça.

— Posso sentir o seu cheiro daqui. Caralho! Como é bom!

Sutilmente, Lilly inclinou-se e rebolou um pouco, para ajudá-lo a descer a calcinha... depois descartou-a chutando de lado.

Brian chegou a milímetros de enfiar a língua na carne rosinha dos lábios íntimos que se exibiam tímidos entre as coxas dela. Resistiu... Lilly não era como a foda *fast-food* com a qual ele estava acostumado. Era requintada e ele não sabia qual era o grau de intimidade que ela já tinha tido. Nem queria saber... Levaria aquilo como a primeira vez dela em tudo e a dele também... com ela.

Mas, caralho, ele não era de ferro!

Esfregou, de leve, o dedo sobre o sexo bem depilado.

— Briaaannn — Cacete, ela estava encharcada!

— Eu realmente quero afundar a minha língua aqui. — Chupou o dedo e teve uma amostra sutil do melhor sabor que teve a chance de experimentar.

Lilly doce!

— Oh! Deus! Brian...

— Desculpa, mas é gostosa demais.

Lilly saltou quando sentiu dentes cravarem em sua bunda.

— Ai, ai — chiou, mas não se afastou. Brian a tinha dominada.

Ele riu. — Não resisti. Tem uma pintinha deliciosa aqui!

Ela quase gozou, ao sentir uma boca beijar e depois chupar forte sua nádega esquerda, bem em cima de onde ele tinha mordido.

Jesus, esse homem é um pouco selvagem!

Beijos molhados e mãos calejadas subiram desenhando as costas e laterais do corpo curvilíneo, até o pescoço. Lilly queria virar e encará-lo, porém estava excitada demais para pensar ou sair do lugar. A expectativa de não saber o que viria a seguir... era erótico como o inferno e fazia o cérebro dela parar de funcionar.

— Brian, eu...

Mãos enormes agarraram os seios... O corpo de Brian colou-se ao dela.

— Oh!

Dedos precisos roçaram os mamilos já duros. Ele esfregou-se nela. Ela o seguiu... O homem se mexia como um artista. Uma abaixada nos quadris dele... uma mão libertando um seio e... Lilly sentiu o pau pressionar a fenda de sua bunda como uma alavanca.

— Jesus, Brian, isso é tortura!

— Não... isso é tortura.

Os quadris dele começaram a mexer, em sincronia com os dedos, que voltaram a atacar os seios. Apertando e puxando os bicos entre a dor e o prazer. Uma língua quente traçou a nuca delicada. A boceta contraiu mais ainda e Lilly sentiu a excitação começar a escorrer. Se ele não parasse, ela iria gozar ali mesmo.

— Seus peitos são um tesão. Gosto assim: naturais, empinados e com bicos exibidos.

— Deus, Brian, o que está fazendo?

— Te fodendo com meu corpo.

Lilly levou a mão para trás, agarrando o traseiro de Brian. Aquilo tudo a estava enlouquecendo. Nunca um homem a provocou tanto a ponto de perder o controle e querer se entregar de corpo e alma.

Se tivesse conhecido alguém assim antes, jamais continuaria virgem. Teria obrigado o homem a fodê-la a todo custo. Abusaria dele se necessário. O amarraria e acabaria com aquela dor de um desejo insuportável, que se instalara entre as pernas dela, naquele exato momento.

— Brian... por favor.

— O quê?

— Eu quero gozar... eu quero você.

— Não está mais com medo da Fera?

— Dane-se... Tem que ter um jeito de enfiar esse troço em mim. Eu estou desesperada

aqui!

Ele riu, ela choramingou e virou-se para o safado o agarrando pelo pescoço. Praticamente o escalou, alcançando aquela boca em um beijo desesperado. Devorou o homem, sem um pingo de pudor.

Caralho!

Mulher boa da porra!



19

Brian apertou a bundinha carnuda e levantou Lilly para facilitar o beijo. Pernas quentinhas, torneadas e macias, prenderam-se ao quadril dele. O pau cutucou a boceta. *Porra!* Ele sabia que ela estava molhada, mas precisava dela ainda mais relaxada. Uns orgasmos preparatórios seriam ideais.

O músico quebrou o beijo em busca de ar.

— Calma, esfomeada. Vou dar o que quer.

Com a mulher nos braços, ele entrou lentamente na *jacuzzi*. Sentou-se com as costas apoiadas na lateral e colocou Lilly de frente em seu colo. As pernas dela dobradas ao lado de suas coxas.

— O que está fazendo?

— Preliminares.

— Mais? — reclamou.

Lilly não queria preliminares, tinha tido dois anos delas. Queria sentir Brian dentro dela. Não precisava de um banho, precisava de um pau.

— Esfregue-se em mim, Lilly.

Brian posicionou o pênis abaixo da vagina de Lilly, não queria deflorá-la ali. Faria isso na cama. Antes, queria enlouquecê-la de prazer. Fazê-la gozar até que relaxasse e perdesse qualquer medo na hora de ser fodida.

Com o comprimento do pênis roçando na abertura de Lilly, Brian começou os movimentos de vai e vem, e sobe e desce dos quadris. Ela o seguiu, esfregando-se com gosto e desespero.

— Deus, Brian.

Logo, gemidos de prazer escaparam de suas bocas. Com a água espirrando para todos os lados, Brian segurou mais forte os quadris macios e generosos, guiando os movimentos e pressionando-os ainda mais... aumentando o atrito.

— Como se sente, Lilly?

— Bem — ela ofegou. — Com tesão.

— Perfeito, eu também.

Ele nem ligou que o pau estivesse esmagado e as bolas doendo como o inferno. Agora

seria tudo para o prazer dela.

Aquele... que o filho da puta negou!

Ela parecia em transe e entregue. Subindo e descendo o corpo. As mãos explorando cada centímetro do corpo dele. Costas, braços, peito, rosto e ombros.

— Isso! Abuse de mim, Lilly.

Ela agarrou os cabelos de Brian, quase arrancando-os e o cavalgou, guiada por seus instintos. Buscando por alívio com os olhos fechados e boca entreaberta. — Mmmmmm... — ronronou alto.

Caralho!

Se ela mexe assim sendo amadora, imagina com prática!

Brian abocanhou um dos mamilos, chupando-o forte.

— Deliciosa demais! — Mordeu e puxou de leve o bico.

— Forte! Chupe forte! — ela gemeu e se esfregou ainda mais.

Ele foi alternando os ataques entre os dois peitos.

Lilly apoiou uma das mãos no ombro musculoso e com a outra, deu um jeito de agarrar o pênis vigoroso massageando.

Toda vez que a mão delicada deslizava sobre a joia do piercing, o pau de Brian estremecia. Aquela vibração profunda, cravada na carne, fazia o prazer irradiar por dentro, aumentando a excitação. As bolas apertando-se mais e mais.

— Porra, Lilly, desse jeito eu vou gozar.

Ele deslizou uma mão entre eles buscando o clitóris. Gemeu ao encontrar a pequena trilha de pelos no púbis de Lilly. Deliciou-se com a sensação da penugem mínima e macia. Cacete, como ele gostava daquilo.

Lilly gemeu alto ao imaginar o que aqueles dedos calejados pretendiam fazer com ela. A ponta firme de um dedo do meio, achou o capuz de pele que cobria o clitóris.

— Ai, caramba!

Um segundo dedo expôs o botão de nervos escondido e inchado e começou a acariciá-lo.

— Isso, toque-me! — ela gritou e suas coxas começaram a tremer.

Porra!

Ela estava tão perto de um orgasmo!

Brian a dedilhou com afinco, como as cordas de sua guitarra preferida, fazendo movimentos de um rock insano em sua boceta.

— Jesus. O que é isso?

Lilly arfou, jogando o corpo para trás e ordenhando aquele pau ainda mais. Ele retribuiu, provocando o clitóris com um profissionalismo torturante.

— Isso é música, Lilly. — Bastou um toque mais ousado no clitóris e a mágica se deu. Ela desmoronou ao redor dele com a cabeça jogada para trás e os olhos cerrados. Tremendo sem controle.

— Brian... Brian... Brian... — uma ladainha incrível de "Brians" fez o peito dele estufar.

Ele sabia que podia levá-la outra vez... Então, não parou as investidas. Teceu outra sequência de notas bem colocadas no broto sensível, uma balada desta vez... e lá estava Lilly... entre o rescaldo do primeiro orgasmo, presenteando-o com suaves choramingos ofegantes... frutos da tensão que se construía novamente.

Lilly afundou a cabeça no peito de Brian... sem controle... ou nenhum pensamento... — DEUS! — explodiu outra vez, em um orgasmo mais arrasador que o primeiro.

Brian suprimiu o grito de dor quando Lilly mordeu seu peito, logo acima do mamilo. A dor, combinada com a fricção da mão desesperada em seu pau, o levou para o topo. Suas bolas pulsaram em um aviso final... Não ia conseguir se controlar.

Então, com Lilly agarrada a ele, levantou-se com pressa e bastaram só três manejadas precisas em seu eixo, para encher o deck de madeira com seu gozo.

Ele gritou forte, arqueou o corpo para trás, gozando duro e com vontade...

— Caralho! Lilly! — Quase caiu na água. Apertou o braço que sustentava Lilly... A bunda contraiu-se e o abdômen tremeu, até que a última gota saísse. Com as pernas bambas, caiu trazendo Lilly com ele, mergulhando e espirrando água pelo deck...

— Brian! Nós afundamos! — O sorriso doce de Lilly explodiu, assim que vieram à tona e ela afastou os fios molhados do rosto.

— Peguei você! — Brian ajeitou-a em seus braços novamente e acomodou-se no degrau da *jacuzzi*.

Com toda a excitação sexual drenada de seu corpo... Brian relaxou. Abraços depois do sexo não faziam parte da prática *fast-food* com as groupies. Nem quando estivera com Kate, mas Lilly estava tão aconchegada, acariciando o seu peito, que achou bom.

— Obrigada por me fazer sentir assim — disse ela.

— Como?

— Viva.

Ofegante e cansado, Brian ficou ali quieto, sem saber o que dizer... e abraçado a ela. Com o coração a mil, o guitarrista ainda tentava entender o que estava acontecendo. Em vinte e quatro horas, a vida dele tinha dado uma guinada. Quando viu Lilly pela primeira vez... soube que, em algum momento, suas histórias iriam se cruzar, mas nunca... nem em suas viagens mais malucas, poderia ter imaginado aquilo.

— Brian?

— O quê? — Ele focou nos olhos sonolentos da bonequinha em seu colo.

— Você ainda quer me foder?

Brian riu... e beijou o topo da cabeça moreninha... Lilly soltou a frase com a naturalidade de uma mãe dizendo que tem lasanha para o jantar.

— Quer que eu faça isso?

Ela puxou o piercing no mamilo dele, fazendo a pele formigar.

— Muito. — Balançou a cabeça com veemência.

Ele a olhou com tanta intensidade que a fez perder o fôlego.

— Então, irei fodê-la, senhorita.

Lilly o olhou satisfeita, como se acabasse de ganhar o prêmio máximo na loteria do sexo. As mãos dele moveram-se levemente sobre a pele ao longo das costelas dela.

— Cinco minutos. Só preciso de cinco minutos para as minhas pernas voltarem a funcionar — ele disse exausto.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian olhou para a mulher esparramada na cama... Linda, nua e pronta. Sentia-se o cara mais sortudo da Terra... em sua imaginação, permitiu-se pensar que ela o havia esperado por todos aqueles anos... Guardando-se para ele.

De certa forma e de seu jeito torto, ele também fizera aquilo. A obsessão secreta por Lilly o tirou do jogo, mesmo para Kate. Foram muitas mulheres e nenhuma entrega ou envolvimento.

— O que tanto fuça?

— Só mais um segundo, esfomeada.

Lilly deliciava-se com a imagem do corpo esculpido de Brian deslizando pelo quarto. Olhar aquela bunda perfeita, indo e vindo, era algo para se filmar. Estava agradecida, porque o método para perder a timidez entre eles, tinha funcionado bastante.

Tudo bem, que a desinibição provocada pelo champanhe ajudou e muito. Porém, o importante era que suas inibições em relação a ele estavam bem menores e a atração aumentava a cada segundo. Ele era tão cheio de detalhes... e naquele momento o que mais chamava a atenção era o pênis. Havia algo sobre as duas pequenas bolas de prata, decorando a borda da glande, que a fascinou.

Queria saber se a sensação delas em seu corpo seria tão boa quanto a joia na língua do músico.

Reparou que ele estava puxando os cabelos.

Deve ser um tique nervoso, assim como apertar a boca com a mão ou bater o dedo indicador sobre os lábios.

Brian repetira os mesmos gestos por várias vezes durante a conversa com Mark e depois quando falaram sobre a virgindade dela e a papelada.

— O que tanto se mexe? Brian, não precisamos fazer isso hoje, se não quiser. — Ela mesma já estava sentindo os efeitos do dia agitado e ele não parecia tão excitado, quanto há cinco minutos.

Uma sequência de lamúrias e palavrões brotou da boca suja dele, enquanto ficava parado com as mãos na cintura ao lado de uma mochila.

— Filho da puta! Eu mato o Gabe!

Lilly virou de lado puxando o edredom e apoiando-se sobre o cotovelo dobrado. Saíram tão rápido da *jacuzzi* que ela mal tivera tempo de secar-se direito.

— Para quê matar o seu amigo, posso saber? — Riu da cara de desgosto do músico.

— As camisinhas... não consigo encontrá-las.

— Têm umas no banheiro, no kit do hotel.

— Aquelas não servem. Por causa do piercing, uso um modelo reforçado — bufou. — Aquele bastardo do Gabe deve ter acabado com as dele e roubou as minhas.

Ele respirou fundo, tirou uma calça jeans da mochila e começou a vestir.

— Aonde vai?

— Pegar as minhas camisinhas de volta.

— Não pode pedir mais no serviço de quarto? Ou não usar? Comecei a tomar anticoncepcionais, meio que fica impossível... eu lhe aplicar o golpe da barriga.

Ouvir *golpe da barriga* fez o corpo dele tensionar. Brian ponderou alguns segundos, ficou tentado a aceitar a proposta. Já não fazia sexo sem preservativos há muitos anos e as camisinhas que usava só eram vendidas em lojas de *Sex Shop* ou estúdios de perfuração.

— Não estou preocupado com golpes. Confio em você. — Brian sentou-se na cama ao lado dela. Pegou uma mecha úmida de cabelos entre seus dedos. — Vai levar um século para achar a marca que eu uso e de jeito nenhum, vou entrar em você sem proteção.

Lilly arregalou os olhos.

— Hey! Eu não tenho nenhuma doença. Se perdeu a vontade, é só dizer! — Afastou a mão dele de seus cabelos e sentou-se brava na cama.

— Ouça, Lilly... A coisa que eu mais quero é te comer... e, apesar de estar muito tentado a mandar a porra da camisinha à merda e me enterrar em você sem proteção, eu estou tentando ser responsável aqui. Confio 100% em você, já disse, mas não fui exatamente um celibatário nestes últimos anos. Sempre usei preservativos, entretanto quero os resultados dos exames. Não me perdoaria se te passasse alguma merda.

Lilly balançou a cabeça. O que mais ela poderia fazer? Assistiu Brian sair, só de jeans e descalço, atrás de preservativos... e enrolou-se nas cobertas. A imagem de Adan abraçado às duas loiras explodiu como um flash... Sabia que muitas mulheres respondiam à fama de forma diferente... Não se contentavam em só abraçar e tirar fotos.

Apesar de achar Brian diferente dos outros caras... sabia que muito da imagem que criara sobre ele, era fruto de sua fantasia sobre homem perfeito. Ele era irresistivelmente sexy e animado, claro que deveria ter tido milhares em sua cama. Dos jeitos mais perversos... e selvagens.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian invadiu o quarto de Adan, passou como um foguete no meio da festa, que bombava animada, em busca de Gabe. Encontrou o babaca com uma morena e um homem, no banheiro.

— Porra, imbecil! O que eu vou fazer agora?

— Foi mal, cara, usamos as últimas quatro. — Gabe não parou as investidas na morena, enquanto um cara nu os observava sentado na privada. — Achei que não fosse mais precisar. Está casado, porra!

Brian olhou para as embalagens vazias e preservativos descartados no chão e revirou os olhos para a morena que não tirava os olhos da virilha dele enquanto gozava alto e ria.

— Eu não estaria tão feliz assim, gata. O médico disse que Gabe tem um caso incurável de herpes.

— Vai à merda, bastardo! Não acredite nele, Jessica!

— Éééé, Jessie! Jessieeee!

Inconformado, Brian saiu da suíte na mesma velocidade com a qual entrou. As únicas pessoas que usavam preservativos reforçados além dele e Gabe, eram Daniel e Richard. Por sorte, o Ursão estava na cidade. Um deles tinha que ajudá-lo.

Bateu até quase quebrar o pulso na porta de Daniel. Depois de um século, Lion, o novo segurança do time UB, abriu a porta do quarto ao lado.

— É noite de folga do Dani. Ele foi até um daqueles clubes esquisitos que frequenta. Posso ajudar? — Lion estava descabelado e suado com a sua juba loira fora do tradicional rabo de cavalo. Tinha uma cara assustada.

Brian olhou para a barraca armada na virilha do segurança, escondida por uma calça de moletom preta.

— Tem piercing no pau?

— Porra, não! — O homem recuou como se estivesse prestes e ser estuprado.

— Calma, cara! Só queria uns preservativos reforçados. Não quero te comer.

Brian deixou o felino contrariado, rugindo no corredor e saiu correndo. A porta de Mark era a mais afastada do andar. Mania de controle do empresário para ter uma visão geral de tudo. Ouviu *Believe*, da Cher, tocando dentro do quarto e bateu... bateu e bateu.

Que porra têm essas pessoas que não atendem?

Será que alguém pode ter compaixão?

Estou desesperado aqui!

Finalmente, o Ursão abriu a porta embrulhado em um lençol. Brian tentou ignorar a coleira de strass no pescoço parrudo, escrito *Sou do Mark*. Pediu os preservativos, ele tinha. *Graças a Deus! Porra, tamanho M!* Os vinte e três centímetros que ostentava não iriam nunca entrar naquilo. Nem com reza brava! A camisinha sairia voando como um estilingue! *Merda, cacete!*

Voltou xingando o caminho inteiro. Sua cara estava tão brava que as mesmas loiras atrevidas da porta de Adan nem ousaram falar com ele, enquanto esperavam o elevador.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Deus! Esse homem faz a minha boceta explodir.*

— *A minha também. A vontade que eu tenho é chupá-lo até gozar*

— *Aquela anã com quem ele casou, deve soltar glitter pela boceta. Só pode! Ele nunca negou uma foda!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian ignorou os comentários indiscretos das loiras e seguiu em frente.

No quarto, encontrou Lilly dormindo.

Merda!

Estranho quando viu vários pacotes de preservativos abertos na cama e levantou uma engenhoca largada em cima do seu travesseiro. Pelo jeito, ela estava a fim mesmo. Sua esposa tinha tentado enfiar uma camisinha dentro de outra, usando o vibrador rosinha dela como base. O látex dos preservativos estava todo esgrouvinhado, ia estourar em dois segundos. Brian riu e Lilly revirou-se na cama, emitindo ronronados suaves.

Ele ficou de pé a observando. Os cabelos úmidos espalhados pelo travesseiro... a boquinha entreaberta em uma respiração suave...

Tão perfeita!

A adrenalina da saga da camisinha e a imagem daqueles peitos redondinhos e empinados escapando da coberta fizeram o pau dele querer jogar. Talvez, ainda pudesse chupá-la. Talvez, ele estivesse sendo superprotetor com a coisa dos exames...

Caralho!

Foi para o banheiro atrás de uma ducha fria e uma boa punheta de alívio.

Ao voltar para o quarto, recolheu a bagunça de camisinhas e o vibrador de cima da cama. Apagou as luzes do abajur e com cuidado, enfiou-se embaixo das cobertas. No dia seguinte, compraria cinco caixas de preservativos e as esconderia em um cofre!

Ao enroscar-se em Lilly e sentir a pele macia dela aconchegando-se contra o seu corpo duro, soube... que teria uma longa noite de agonia.



20

— M*mmmm*... — Um arrepio quente e molhado ia e vinha no pescoço de Lilly. Uma perna pesada infiltrava-se entre as dela e braços possessivos ao redor da cintura a impediram de mover-se e virar. Uma sucção na parte macia da orelha fez a coluna de Lilly contorcer e os pelos arrepiarem.

Meio acordada... meio dormindo, levou uns segundos para tomar consciência do corpo enorme e quente atrás dela. *Brian!* Uma língua atrevida deslizou entre a orelha e pescoço, fazendo-a sentir calor... muito calor, que aumentou quando uma mão enorme acariciou a pele nua de sua barriga... descendo... *Deus!*... e começando a afagar a delicada faixa de pelos púbicos.

— Gosto disso... muito — disse a voz masculina rouca e preguiçosa, de quem acabou de acordar.

— Mmmmm...

Foi impossível pronunciar qualquer coisa estando semidormindo e provocada por uma mão atrevida à procura de seu clitóris.

— Gosta de acordar assim? — Dedos abriram a boceta e atingiram o núcleo, de Lilly fazendo-a despertar na hora. — Hummm, molhadinha.

— Achei que eu... eu... estava... sonhando... — Lilly não conseguiu evitar que suas palavras saíssem sem sentido e engasgadas.

Os dedos ágeis começaram a acariciar o clitóris em um movimento lento e provocante.

— Comigo?

— Não lembro… Briaaaaaannnn.

— Mentirosa.

Deus!

Como ele faz isso?

A velocidade, ritmo e pressão eram simplesmente perfeitos. Gemidos desconexos logo escaparam da boca de Lilly. Depois da boca de Brian...

Demorou quanto? Cinco segundos para deixá-la tão excitada?, ele pensou.

Dominada, Lilly deixou-se levar pelo balanço e esfregou, e rebolou a bunda contra a força da natureza atrás dela. Para frente e para trás, em círculos lentos e constantes como uma onda...

Com a mão livre, o músico torturou um dos seios. O massagear, puxar e torcer que Brian estabeleceu no mamilo dela era algo que Lilly nunca tinha experimentado na vida. Despertando sua libido e fazendo ligação direta com o centro nervoso entre as pernas, ela nunca tinha sentido dedos mágicos como aqueles. Tudo aquilo era tão novo: o som da voz, o corpo, o jeito de mexer... *Senhor!* Nada do que pudesse ter vivenciado, chegava aos pés de Brian.

Finalmente, ela se deu conta de que nunca experimentara tal nível de prazer. Com o Will tinha aprendido muito, claro, mas só naquele momento pôde compreender que, no fundo, ele havia sido egoísta com ela, negando-lhe a experiência plena do sexo e da troca. O ex sempre fora disposto a receber, mas nunca a dar.

Tudo era mágico... o som de sua carne excitada sendo tocada com energia... as respirações ofegantes... os corpos suados... a excitação umedecendo mais e mais as partes íntimas dela.

Deus!

O corpo de Lilly convulsionou, contorcendo-se em seu primeiro orgasmo matutino na vida.

— Oooooh, Deus... Oooooh, Deus!... Bri-aannnn.

— Feliz aniversário... Lilly Love.

Assim que ela acalmou um pouco, virou, apoiando-se sobre o peito dele... procurou pela boca macia... e encostou seus lábios...

— Adorei a batida. Melodia perfeita.

— Exclusiva pra você.

— Até parece que nunca tinha feito isso antes.

— Não! — Ele esboçou uma cara de ofensa.

Lilly fingiu acreditar e desenhou pequenos círculos, brincando com os pelos no peito musculoso.

— Deus, o que é isso? — Esfregou uma baita mordida tatuada na pele morena. — Fui eu?

— Marcas da batalha. Gosto dela.

Lilly beijou o machucado, desculpando-se contra a pele.

Ele cutucou a costela magrinha.

— Falei sério. Não sou mentiroso.

— Vai dizer que nunca tocou uns solos desses... Nem com suas namoradas?

O corpo de Brian tensionou.

— Não, nunca toquei... nem para a minha *única* namorada.

Pelo tom pesado da voz, Lilly sentiu que não tinha sido muito feliz na brincadeira. Não que ela estivesse *louca* para especular sobre a vida amorosa pregressa dele. Não, nada disso. Lembrou-se de Penne dizendo que ele nunca falava sobre coisas de amor... Que direito ela tinha para querer saber detalhes tão íntimos? Eles nem eram um casal real.

Então, ele se moveu e sentou na cama.

— Aonde vai?

— Tomar um banho.

Lilly o abraçou por trás, antes que conseguisse levantar. *Droga!* Não queria que uma curiosidade idiota dela estragasse a liberdade que tinham conquistado.

— Só deite mais um pouquinho comigo.

Ele olhou para o celular em cima da mesinha.

— Falta menos de uma hora para sairmos. Temos que ir para o estádio. Pode ficar aqui no hotel, se quiser.

— Se quiser que eu fique... Não quero atrapalhar.

Ele virou o pescoço e a encarou.

— Quero que vá.

Lilly arriscou traçar a linha entre o pescoço e a nuca dele com a língua. Um som grave brotou da garganta de Brian.

— Então vou com você. Será que tem uns minutinhos para eu te mostrar uma coisinha?

Tinha recebido tanto nestas últimas horas... Queria retribuir ao Brian e um lado meio orgulhoso dela precisava mostrar-lhe que não era tão inábil assim.

O traidor a tinha ensinado muito bem, para que ela suprisse certas necessidades dele. Foi um ótimo professor em várias práticas de prazer masculino, mesmo que por motivos unicamente egoísticos. Hoje, talvez, vomitasse nele, mas não sabia que ele era um traidor na época. Então, não iria se martirizar por gostar tanto de boquetes.

— Mostrar o quê? — Brian olhou desconfiado.

— Só deite na cama. Poxa vida, é o meu aniversário. — Lilly sabia que sua cara de cachorrinho era irresistível.

Brian sorriu, claramente mostrando que sabia que estava sendo chantageado e deitou-se de costas na cama. Lilly tirou por completo a coberta que ainda os cobria.

Sentou sobre as pernas... Inclinou-se e depositou um beijinho casto na mordida.

— Só me deixe agradecer, ok?

Brian seguiu o olhar de Lilly até a sua virilha. Na hora, pescou as intenções dela. De jeito nenhum a queria agradecendo daquela maneira! Ela não precisava fazer aquilo!

— Lilly, não! Não quero me agradeça por nada. Não deste jeito!

Ela deu outro beijinho.

— Eu só quero mimar você, só isso. Parceiros, lembra? A coisa toda da troca?

— Não este tipo de troca...

Lilly tampou a boca do músico e usou a outra mão para pressionar o peito grande, quando ele quis levantar. Manteve-o apoiado nos cotovelos.

— Shhhhh... Meu aniversário, minha vontade, só relaxe.

Ele fez uma pausa, olhando hesitante para Lilly. Brian não queria nada por obrigação, mas só de imaginar o que ela pretendia fazer com ele… *Porra!* Quantas punhetas solitárias haviam sido feitas fantasiando sobre aquilo? *Covardia!* Era como esfregar a droga na cara de um viciado ou oferecer bebida para um alcoólatra. A libido dele foi às alturas e despertou a Fera irracional, que pouco estava se lixando com as questões morais do seu dono.

Pau egoísta!

Rendido, jogou a cabeça no travesseiro, afastando as pernas.

— Obrigada. — Lilly riu satisfeita, beijou-o rapidamente, decidida a começar a brincadeira.

Ela deslizou a mão pelo tórax viril. Acariciou o mamilo perfurado brincando com a joia.

Porra! As mãos macias dela eram incríveis sobre a pele de Brian. Uma puxada mais forte na argola. *Caralho!* Um raio percorreu todas as terminações nervosas dele.

— Doeu? Forte demais?

— Não. — Envolveu a mão dela e ensinou a pegada perfeita em seu piercing. — Assim, isso, desse jeito! — Contorceu-se, quando ela pegou a pressão exata da puxada. Aquela... que fazia o pau vibrar na hora. Uma, duas, três pegadas na batida perfeita e ritmada.

Sim, eu quero isso!

Fodam-se as questões morais.

Eu sou um prostituto do caralho!

A mão macia seguiu arrastando as unhas por todo o abdômen, ao mesmo tempo que, pequenos e molhados beijos formigaram e aqueceram a pele dele pra caramba. Ele não queria contorcer-se como um mariquinhas, mas, caralho! Enfiar a língua no umbigo era sacanagem.

Ela deu uma mordida safada na altura na cintura dele.

— Porra, Lilly! — grunhiu, as pernas musculosas abriram-se mais, e os quadris levantaram indicando o caminho.

Lilly sorriu por ter descoberto outros pontos fracos de Brian. Acariciou os pelos abaixo do umbigo e traçou os músculos marcados de seu baixo ventre. Em seguida, manobrou o corpo, ficando entre as pernas dele.

Como um perito, Brian projetou a pélvis e uma onda de preocupação cutucou Lilly. Certamente, ele entendia das coisas bem mais do que ela, e as outras mulheres antes dela deveriam ser umas profissionais da chupada.

Droga!

Precisaria dar o seu melhor. Usar tudo que o babaca do Will havia lhe ensinado e torcer para que fosse o suficiente.

— Vai ficar só olhando? — Ele ajeitou o quadril.

— Não.

Lilly correu as mãos arranhando o interior das coxas fortes. Estava fascinada com a beleza do corpo de músico e com a virilidade de suas partes íntimas.

Salivou, tocou com curiosidade, as joias abaixo da coroa e ele gemeu.

— São muito sensíveis? É diferente com isso?

Brian quase engasgou tentando falar. Já estava excitado pra caralho... Queria a boca da esposa.

Chega de falatório...

— Intensifica o prazer — grunhiu. — O piercing transpassa várias terminações nervosas. Surpreenda-me, seja audaciosa e faça tudo comigo... se for demais, eu aviso.

Tudo?

Lilly assentiu e ignorou o pau ereto, todo exibido à sua frente. *Sim, talvez pudesse*

surpreendê-lo. Confiante, pegou as bolas com as duas mãos e acariciou-as. Em seguida, brincou com elas sentindo o peso e a textura suave e enrugada da pele. *Tão cheias e quentes*... Pulsaram em sua mão. Massageou-as... e um som gutural indicou que estava no caminho certo. Puxou-as de leve e sentiu uma contração.

Ele gemeu.

Animada, Lilly inclinou e começou a lamber as bolas.

— Porra! Isso!

Ela apreciou o fato do Brian ser falante no sexo, além excitá-la mais, facilitava. Era como um mapa do prazer. Lambeu as bolas, chupou, enfiou-as na boca, brincando com a língua em torno delas. Puxou a pele solta com os dentes e com um dedo pressionou o ponto sensível que aprendera com o ex. Aquele, entre a base do pau e o escroto. Brian se contorceu e se contorceu, cerrando os olhos.

— Cacete!

Feliz com os progressos, Lilly desviou o foco das bolas, chupou o ponto de prazer e segurou o pau excitado passando a mão nas bolinhas de prata. Queria senti-las. Apesar dos protestos dele, que queria mais chupadas ali, Lilly ajustou o corpo e foi em direção à glande. Passou a língua contornando-a.

— Isso, chupe!

O contraste do gelado da prata e da pele quente era diferente, bom. Lambeu todo o contorno da borda, deixando-a molhada. Dava para sentir o gosto de pré-sêmen e o cheiro de sexo dele. Ela não tinha muitos parâmetros, mas adorou o sabor e o aroma. E saber que tudo aquilo vinha de Brian, só tornava a experiência mais incrível. *Delicioso*. Virou seu top delícia.

— Lilly... — ele gemeu, flexionando as pernas e levantando os quadris.

Parecia em agonia para ser chupado.

— Lilly...

Com um ângulo de acesso total, ela brincou com a língua, indo das pregas das bolas até a cabeça do pau, delineando as veias inchadas e dando o seu máximo. Desceu engolindo o que pôde daquele mastro imponente.

— Caralho, isso, me chupa!

Brian era um cara bem grande... Ela precisaria de prática para levá-lo todo. Desceu e subiu a boca, acostumando-se ao invasor. Fechou os lábios aumentando a pressão e sugando forte.

Aproveitou que as pernas musculosas haviam flexionado e aumentou o ritmo do vai e vem. Quando o músico projetou o quadril oferecendo-se por completo, ela passou a ponta do dedo pela linha do períneo[36]. Sentiu o corpo grande tensionar. *Lilly, não avance o sinal!* Tirou o dedo dali, mas manteve a chupada. Os rosnados de protesto a levaram a crer que ele havia gostado do toque ousado. Arriscou-se novamente.

— ISSO!

O maxilar dela já estava doendo e pequenas lágrimas escorriam pelo rosto, mas era guerreira, queria dar o máximo e tomar tudo dele. Então, chupou profundo e usou a língua para provocar a pele. Fazendo ziguezagues sobre ela.

— Porra! Mais... mais... me fode todo!

Foder todo?

Lembrou-se da conversa que tivera com Brian.

... — *Esse tipo de coisa é natural... Apreciar um toque mais ousado não faz de ninguém menos homem!* ...

Ela respirou fundo. De jeito nenhum enfiaria o dedo lá, mas conhecia alguns truques. E quando o sentiu endurecer em sua boca, lembrou-se do que fazia Will ir à loucura... com delicadeza, explorou a área externa entre a raiz do pênis e do ânus. Quando achou a pequena depressão, pressionou a pele. *Dito e feito!* Assim como fazia o seu ex... o quadril do músico retesou, seguido de um grito grave e gutural.

— Nooooossssssaaa!

Mãos enormes agarraram os cabelos de Lilly, enterrando ainda mais o pau em sua boca quando o gozo explodiu. Inundando-a com espasmos de liberação. Entre palavrões, rugidos e vários "Lilly, porra! "... Brian perdeu o controle, tremendo e contorcendo-se embaixo dela.

Mas Lilly queria que ele amasse a experiência, então pressionou novamente o ponto G dele, enquanto continuava a chupá-lo.

— DEUS! PORRA, LILLY! PORRAAAA!

Uma nova onda de tremores e gozo explodiu na hora. Brian gritou e Lilly teve medo de ter o quarto invadido pelos seguranças.

Jesus, esse homem goza como um tigre!

Quando sentiu o corpo dele relaxar... desconectou-se e caiu de lado formando um L com as pernas entrelaçadas a Brian... Estava ofegante e suada, pois nunca tinha se esforçado tanto na

vida. Sua boca doeria por uns dias e fechou os olhos, tentando recuperar o ar, estava tonta e com o coração disparado.

Arriscou um olhar em direção do guitarrista, que ainda ofegava e respirava com dificuldade, com o corpo enorme afundado na cama e os olhos cerrados.

Um braço forte alcançou a mão dela puxando-a para cima. Brian sobrepôs o corpo sobre o dela, transpassando uma perna e esmagando-a. Depois a cabeça morena, descabelada e suada, afundou no pescoço de Lilly. Ficaram em um abraço silencioso e ofegante.

Brian acreditou que fosse morrer de tesão. O coração dele estava a milhão. Não sabia de onde tinha tirado forças para puxar Lilly junto dele. Só sabia que precisava dela ali... grudada.

Que porra tinha sido aquela?

Ele a subestimara. *A danadinha era uma especialista em chupadas!*

Ensinavam sexo tântrico nos cursos para noivas?

Iludiu-se, não querendo pensar nas experiências pregressas de Lilly com o otário.

O *importante era que ele tinha gostado da boca no saco, da chupada no pau e do dedo safado.*

Que porra mais louca!

Se algum dia, alguém abrisse o bico sobre o casamento arranjado, ele iria preso feliz e agradecido. Aquela tinha sido a bendita da porra da chupada mais rock-and-roll da vida dele. Nada... nada se comparava ao Nirvana absoluto para onde Lilly o levara. Nada.

— Lilly.

— Oi.

— Isso foi épico. Obrigado!

— Exagerado.

— Juro. Tipo histórico... Inaugurou uma nova era na minha vida. Saca, A.C. e D.C.... Antes da chupada e depois da chupada!

—Bri-annn, é pecado falar assim.

— Pecado foi o jeito que a minha Fera se rendeu... Covardia! Bela Lilly!

Lilly riu com o trocadilho. Ele deveria ter assistido a muitos desenhos animados com as irmãs. Ontem, *Branca de Neve*, hoje, *Bela e a Fera*, mas ela adorava *Mogli*, o menino lobo!

Brian estava se coçando para perguntar onde ela aprendera a chupar daquele jeito,

mas... tinha medo de descobrir. O Will Bosta não merecia ter lábios mágicos assim. Cacete! Não queria imaginá-la fazendo aquilo com mais ninguém, além dele. Só sabia de uma coisa... Iria esforçar-se muito para retribuir a gozada monstro. Só precisava que seu corpo voltasse para a Terra.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Uma cutucada no ombro acordou Brian. *Droga!* Os dois tinham caído no sono. Num impulso, o músico olhou ao redor, ficou tenso... e seu sangue voltou a fervilhar quando viu Lilly coberta e Daniel olhando para o chão.

Certeza de que a vira nua e a cobriu, mas era Daniel... Se fosse outro segurança estaria agora, estirado na calçada esperando o caminhão da *CSI* chegar, para investigar o crime. A nudez da banda era uma coisa normal para eles, mas Lilly não era da banda! Não era certo ninguém a olhar. Teria que dar um jeito de colocar alguns limites.

— O Mark está tendo um filho. Falou que vai sair sem vocês. Te deu quinze minutos.

— Que horas são?

— Meio-dia.

— Caralho, Dani!

Lilly foi acordada às pressas por Brian. Ele fez questão de que Daniel saísse do quarto antes. Não a queria envergonhada por ter sido pega nua. Praticamente o ameaçou de morte se contasse o que vira a alguém.

Os dois não tiveram tempo nem de tomar banho. Depois de uma higiene matinal às pressas, vestiram camisetas, jeans e recolheram algumas peças de roupa. Lilly agradeceu que as suas coisas pessoais ainda estivessem na valise de mão. Brian falou que o tal *Palazzo* QG da banda era equipado, mas não confiou muito, afinal, era um ônibus, não?

A banda precisava marcar as posições no palco e passar o som. Lilly poderia ficar no hotel e ir mais tarde com Daniel. Porém, a excitação e a curiosidade para conhecer qual seria o seu mundo no próximo mês, venceram a preguiça.

— Podemos ir com o seu carro?

— Tudo bem. Falando nele, preciso ver onde vou deixá-lo. Talvez o tio Ed possa mandar alguém até aqui.

— Relaxa com isso.

— Impossível. É a minha menina.

— Vamos dar um jeito, Bela. Melhor colocar estes óculos e o boné. O hotel está vazio a esta hora, porém é melhor não arriscar.

Ela tinha reparado na mania de Brian de inventar várias formas carinhosas para chamá-la, mas... o *Bela* fez seu coração dar dois saltos descompassados e derreter-se um pouco mais por ele.

Brian enfiou o boné na cabeça de Lilly e entregou um par de óculos. Ela preferiu usar os dela mesmo. Um modelo aviador, clássico e discreto.

Mark não era um cara de ameaças vazias. Como eles ultrapassaram os quinze minutos, foram deixados para trás. Contudo, também não arriscava na sorte, além de Daniel que foi de carro com o casal, um SUV[37] com seguranças do hotel os escoltou por caminho o todo.

A chegada ao estádio foi tranquila. A aglomeração de fãs nos portões de carga era grande, mas controlável. A banda sempre alugava os mesmos SUV's para toda a equipe. Geralmente, andavam em comboio e os fãs já conheciam o esquema, iam direto para eles. Praticamente ignoraram a *Maserati* que Lilly fez questão de dirigir e manter a capota fechada.

Lilly manobrou o carro em uma área aberta, reservada para a banda e a equipe técnica. Ao descerem, entregou as chaves para Brian. O sol estava forte. O asfalto do imenso terreno, ainda deserto, do estacionamento para dez mil carros, estava uma caldeira. Grades altas separavam a área pública, do espaço da banda. Assim que viu Brian descer do carro, a pequena multidão de fãs gritou, tentando escalar as divisórias.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Ai, meu Deussss! É o Brian.*

— *Lindooo, eu te amooooo.*

— *Autógrafo.*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian beijou Lilly e correu até as fãs. Começou a distribuir alguns autógrafos e posar para fotos. A mesma atenção que ela assistira na noite anterior. Uma pontinha de orgulho encheu o peito dela, por ele ser um cara simples e acessível. Muitas dessas estrelas do show bis eram cheias de si e tratavam os seus admiradores como lixo.

Lilly deixou Brian entretido e virou o corpo dando uma checada no lugar. Nada de mais... área normal de um estacionamento com alguns canteiros de árvores. Mais próximo à grande estrutura do estádio, que parecia um ninho gigante e ultramoderno de ferros contorcidos, ela viu três carretas. Duas com a logo preta, prata e vermelha do Ultimate Bet. Atrás delas... o susto... um ônibus preto e prateado, cheio de estrelas nas laterais. Não que ela fosse fresca, mas chamar aquilo de *Palazzo* era um pouco de exagero.

Deus!

Os meninos eram grandes, mais os seguranças, mais ela, Penne e Mark... como eles enfiavam todo mundo lá dentro? A lataria estava um pouco amassada, mas desde que o motor fosse bom e revisado, né? Se tinha uma coisa que Lilly tentava ser era maleável. Ela iria dar um jeito de se adaptar a tudo.

Em meio às dezenas de pessoas que iam e vinham apressadas, localizou Dilon coordenando a retirada de umas caixas na carreta menor. Checou Brian, ao lado de Daniel, e parecia que o músico iria demorar mais um tempo atendendo as meninas que agora estavam histéricas.

Então resolveu se arriscar e conhecer o tal *Backstage*[38].

Ela ainda estava um pouco abalada com toda a intensidade da manhã de amor com Brian. Quis morrer de vergonha quando ele a elogiou pela tentativa, na produção de camisinhas reforçadas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Me dá essa droga aqui!*

— *Não, vou guardar de lembrança.*

— *Dá isso, Abusado.*

— *Vem pegar, Bela!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Depois que a excitação insana passou, Lilly ficou ainda mais envergonhada. Uma contradição já que na noite anterior, os dois tinham praticamente se devorado na *jacuzzi* e que, hoje, ele a acordara de um jeito extraordinário, que a deixou ensandecida. Sem falar que ela tinha devorado aquele pau imenso e diferenciado dele, como se não houvesse amanhã.

Jesus!

Ele tem um gosto tão bom!

Entretanto, tudo era novo, intenso e avassalador demais. Agradeceu que a pressa para sair do hotel e a presença de Daniel não permitiram momentos a sós.

Tinha dirigido nervosa, com os olhos de Brian pregados nela e as mãos atrevidas dele tentando atingir pontos entre suas coxas.

— Hey, você! — Dilon abriu um sorriso radiante ao ver Lilly. — O Brian chegou? O Josh tá possesso com ele.

Ela apontou para a área de onde se ouviam uns gritos.

— Ele está ali atrás com umas fãs. Quem é o Josh? Esse eu ainda não conheci.

— É o cara que faz a mágica acontecer com as guitarras. O engenheiro de som da banda.

— Ah! Claro, o cara do som. — Lilly tentou disfarçar que não tinha a mínima ideia do que se tratava um engenheiro de som. — Viu a Penne por aí?

— Deve estar no QG. Está estacionado nos fundos. — Ele olhou para um grupo que parecia confuso sobre quais caixas descarregar primeiro. — Quer que te leve lá?

— Não, eu vi onde está. — Lilly deu um tapinha no ar de *não precisa*. — Eu me viro sozinha. Se cruzar com Brian, só avise que estarei por lá, ok?

— Valeu, gata, as coisas aqui estão fodas. Tudo atrasado.

Lilly deixou um Dilon aliviado por não ter que parar o trabalho e servir de babá e seguiu rumo ao QG.

Subiu os degraus do ônibus antigo. Um cheiro de cerveja velha e cigarro invadiu o seu nariz. Um homem vestindo um kilt e coturnos estava sentado em um sofá, fumando e dedilhando uma guitarra. O cara magro de cabelos pretos espetados, com tatuagens cobrindo todo o corpo franzino, nem notou a presença dela.

Será que esse é o Josh?

Pelo menos era magro, não ocupava tanto espaço.

Embaixo dos escombros de latinhas de cerveja, lixo e roupas que pareciam sujas, ela conseguiu achar algumas áreas. Atrás do motorista, um balcão e uma mesa que deveria ser a cozinha pelas dezenas de caixas de pizza e embalagens de *fast-food*. No centro, uma salinha com o magrelo sentado e, no fundo, o que pareciam ser os beliches. Viu duas portas, presumiu serem o

banheiro e o quarto privativo. O sofá devia ser o quarto extra que Mark falara.

Céus!

Se a madrasta do Big visse como eles viviam teria um ataque.

Lilly limpou a garganta, tentando chamar a atenção do músico. Dois olhos vermelhos se viraram em câmera lenta para ela.

— Oi.

— Oi. — ela acenou no melhor estilo, sou da paz.

— Oi.

Merda! As drogas não eram proibidas?

— Oi... sou a Lilly. Deve ser o Josh, certo?

— Peter.

— Ah.

— Você é a mina que os caras falaram?

— Acho que sim. A Lilly.

— Oi.

Tudo de novo não!

Lilly achou melhor sair e encontrar alguém lá fora, aquela conversa de *OIS* não levaria a lugar nenhum.

— Acho que vou esperar lá fora, Peter. Valeu te conhecer. Mais tarde eu volto.

— O quarto de casal fica ali. — Apontou, deixando um rastro de cigarro. — Se quiser ir tirando a roupa, os caras já chegam para começar. Tô fora de jogo hoje. O meu pinto está parecendo uma abóbora. — Ele fez uma cara de dor e Lilly continuou boquiaberta. — Acho que o material do estúdio de piercing não era descartável. Sabe alguma coisa para tirar pus?

Que nojo!

O estômago vazio de Lilly revirou.

Meu Deus!

— Lilly! — A voz preocupada de Brian atrás dela trouxe um alívio imediato.

Ela virou-se e o marido estava parado na escada. Ele tirou o boné e começou a bagunçar o cabelo. Nossa, que lindo! O coração dela deu um salto.

Lilly, você o viu há cinco minutos! Se controla, mulher!

— O que está fazendo aqui? — O guitarrista olhou para o magrelo do pus esfregando o pau dolorido e franziu a testa irritado. — Oi, Peter!

— Hey! Brian! A mina é de vocês? Pensei que fosse dos caras.

Mina deles?

Eles faziam isso também?

Dividir a mesma mina?

Brian entrou agarrando a mão de Lilly e puxando-a para a saída.

— Ela é minha MULHER! Deve ter entrado aqui por engano.

Engano?

— Esse não é o QG de vocês? — O alívio na voz dela era nítido e Brian gargalhou.

— Porra, parabéns! Logo vi que não podia ser nossa. A mulher é gostosa pra cacete.

— E MINHA.

— Ok. Está fora dos limites, entendi. — O magrelo levantou as mãos, desculpando-se.

— Não, Bela, esse aqui é do *Dog´s Life*[39], eles abrem os shows para a gente. O nosso está lá nos fundos.

Brian estava tentando não rir da cara de alívio estampada no rosto da esposa. Os meninos da banda de abertura eram gente boa, mas não eram famosos pela limpeza. Aproveitou o caminho até o QG e mostrou as coisas pra Lilly. Ele agarrou a mão dela e não soltou. Ele estava com uma vontade irresistível de se exibir com ela por lá.

A manhã mais incrível da vida dele não saía da cabeça. Tinha que se controlar para não ficar olhando para ela como um idiota, e várias vezes precisou respirar mais fundo para acalmar as batidas mais fortes do seu coração. Fora seu amigo... que resolvera ficar em estado de alerta, animado com o melhor boquete que recebera na vida.

Eles pararam em uma das aberturas, que davam acesso para o gramado. Brian indicou a uma imensa estrutura montada. Em seguida, explicou que a base do palco era do contratante e os shows nem sempre eram em estádios, mas a maioria era. Os cenários, jogos de luzes, painéis de LED e toda a parafernália de som e efeitos especiais eram deles. Por isso, precisavam de duas carretas. A equipe era ninja, montava tudo em cinco horas e desmontava em três.

— Nossa, Brian, quando a gente vem assistir e vai direto para a área *VIP*, não percebe a

imensidão que é isso aqui.

— Pois é... tem gente pra caralho envolvida.

Na equipe deles, além da galera que Lilly tinha conhecido, tinha o Josh do som, a Anne dos cenários e luz e mais três assistentes de base. Eles coordenavam os times locais cedidos pelas sedes dos shows.

Geralmente, as carretas e a base da técnica viajavam antes. Show acabado, desmontavam tudo e partiam. Tudo para deixar as coisas prontas para quando eles chegassem.

— Eu pensei que era todo mundo no mesmo ônibus.

— Não, Bela, ia sair morte em três segundos. Temos três bases para turnê na estrada.

Lilly estava chocada. É claro que sabia que a Ultimate Bet era grande. Os shows eram fantásticos e cheios de efeitos. Porém, não imaginava toda aquela estrutura e pessoal por trás. Agora entendia por que o Mark era tão pilhado.

O ambiente todo em torno do estádio parecia uma loucura. Um formigueiro muito animado. Brian contou que já tinha uma fila imensa nos portões da frente. Por isso, a passagem de som era à tarde, antes das porteiras abrirem e a multidão começar a invadir.

— Mas os fãs no portão dos fundos? E aquelas meninas no estacionamento?

Brian coçou o cabelo com a mão livre.

— Aquelas são as que não têm ingressos. Vêm para ver os artistas e tentar dar um jeito de entrar nos bastidores.

— As groupies?

— Sim.

— Conhece todas elas?

— Não, lógico que não. Geralmente são fãs locais, esporádicos. Mas têm uns que acompanham a banda por toda a turnê. Esses eu conheço muitos.

— São essas que vocês levam para o ônibus e para o hotel? Igual as loiras de ontem?

Brian percebeu para onde a conversa estava indo e não estava nem um pouco a fim de ir por aquele caminho. Ele parou um pouco a caminhada para terem mais privacidade. Puxou Lilly até uma parede oculta entre pilastras.

— Lilly, provavelmente vai cruzar com muitas dessas mulheres por aí. Apenas ignore-as, ok? Elas podem passar dos limites. As coisas ficam quentes nos bastidores. Os caras gostam de se

divertir e estão no direito deles. Levam as mulheres para o QG, mas elas nunca viajam com a gente. Entram, fazem o que têm que fazer e caem fora.

Lilly sabia que não tinha qualquer direito, mas odiou a informação. Sabia que tudo o que Brian falou fazia parte da realidade dele também. Esse era o conflito dela. Queria ele livre para viver a vida como estava acostumado e parecia gostar. Contudo, a ideia dele com aquelas fãs *diferenciadas* era sufocante.

Lilly se negou a ir por aquele lado... Pegou a mão de Brian e beijou as pontas dos dedos mágicos.

— Gosto de você. É um cara incrível, adorei tudo sobre nós dois até agora.

— Eu também, Bela. — Brian abriu o sorriso de covinhas, mas antes que pudesse beijá-la, as mãos de Lilly estavam em seu peito, bloqueando o avanço.

Ela precisava terminar a conversa e com ele tão perto... seu o cérebro vinha mostrando a tendência de parar de funcionar, para outras partes assumirem o comando. Lilly respirou fundo tentando controlar as emoções confusas e arqueou as sobrancelhas para dar ênfase nas próximas palavras.

— Não quero que se prenda por mim. Se precisar de privacidade, vou entender. Vou ficar triste se achar que está perdendo um bom tempo com seus os amigos ou com as fãs, por minha causa. Não me deve nada, Brian. É só me pedir para dar uma volta, ok?

Será que a mulher dele podia parar de falar aquilo?

Brian a encarou com certa fúria.

— Um: eu só faço o que quero; dois: passe um dia presa com os caras e vai querer ter momentos de folga; três: também não me deve nada; quatro: não vai dar uma volta, porra nenhuma; cinco: quero privacidade com você; seis: sua chupada épica não sai da minha cabeça; sete: quieta!

Brian tomou fôlego e a envolveu em um abraço sem fuga, prendendo o corpo pequeno entre a parede e ele.

A respiração de Lilly travou e uma língua morna acariciou a orelha dela.

— Oito: vou te beijar, porra!

Ela abafou um gemido, entreabrindo a boca. Seu corpo inteiro acendeu. Por que tudo nele mexia tanto com ela? Por que aquele desejo entre as pernas não queria ir embora? Seus olhares se encontraram... e. o cérebro dela pifou.

Lado racional?

O que era aquilo?

Queria beijá-lo... tocá-lo.

Brian perdeu o controle quando Lilly o abraçou de volta, ficou na ponta dos pés e chupou o ponto de pulsação em seu pescoço. Abaixou a cabeça e a engoliu.

Foda-se onde estavam.

Eram casados, porra!

Suas bocas se comeram, lábios se chuparam, línguas se provaram... Mordidas, lambidas e mais chupadas... até ofegarem. O som das salivas misturadas era música para ele. Suas bolas apertaram com excitação. Ele esfregou o pau duro na barriga chapada dela.

— Deus! Brian! Ainda quero você.

Ele a encarou com força e ela viu as pupilas dele dilatarem.

— Lilly, *você-é-foda* — sussurrou e lambeu novamente os lábios rosados. Em seguida, arrastou a boca, depositando beijos molhados e vorazes ao longo de toda a mandíbula e pescoço de Lilly.

A frequência cardíaca dela foi lá para cima, quando outro beijo faminto a atacou. Lilly deixou-se levar pelas emoções, sem se conter. Havia mais naquele beijo que uma simples partilha de prazer... Ele era uma promessa, além da luxúria.

Brian poderia ficar dias ali, encostado naquela parede, consumindo-se nos beijos de Lilly. Poderia, mas não ficou. Uma puxada forte de Gabe em seu braço fez os dois terem que se largar a contragosto.

— Caralho! Está todo mundo atrás de vocês!

— Acabamos de chegar! — rosnou sem ar e vermelho.

— Daniel disse isso há uns cinquenta minutos. — Gabe revirou os olhos, depois riu e piscou. — Os caras estão esperando para almoçar. A passagem de som será às duas e meia. Josh está histérico porque não acha os pedais da Fender, e a Gibson precisa de afinação.

— Porra, qualquer assistente pode resolver isso. — Brian começou a andar com Lilly bem atada à sua mão.

Gabe lançou um olhar... *Está-de-brincadeira?*

— Sabe que Josh só confia em você!

Mais alguns metros, contornaram a curva do camarim principal e Lilly caiu para trás. Entendeu, finalmente, porque o ônibus era chamado de *Palazzo*. O negócio era enorme e não era um ônibus. Ela não saberia explicar o que era aquilo.



21

O *Palazzo* tinha mais de quinze metros de comprimento. Um monstro de dois andares, personalizado nas cores e logo da banda. Era praticamente uma mansão sob rodas.

— Caramba! Esse troço parece uma nave! Olha aquela escada! Igual à de avião! — Lilly não pôde evitar a excitação de surpresa.

— São os novos brinquedinhos do Mark. O nosso é esse maior, preto e prata. O de trás, prata e vermelho, é o do Mark com a segurança. A equipe técnica fica no Motor Home lá atrás, o todo preto que é convencional, mas também irado. — Gabe ria da empolgação da mocinha.

Brian fez uma careta. Por que Gabe tinha que se meter nas coisas que ele queria mostrar para Lilly?

— O da banda é mais luxuoso e tem até teto com terraço. O do Mark, ele reverteu um dos quartos em sala de reunião, o cara não consegue relaxar. — Brian revirou os olhos. — Tem *wi-fi* e TV a cabo por satélite também. Os bichos são fodas.

Lilly quase caiu para trás quando falaram o preço. Mais de três milhões de dólares cada um. Tudo bem, que eles ficavam muito tempo na estrada, mas era um exagero. Não era à toa que viviam com tantos seguranças. Quem olhava aqueles caras, em seus jeans rasgados e camisetas velhas, jamais imaginaria que eram podres de ricos.

— Vem conhecer! — Brian disse empolgado a agarrando pela mão. — O nosso quarto tem um armário enorme!

Subiram e encontraram Big e Penne jogando videogame enquanto esperavam o almoço. Adan estava com Mark no outro QG.

Penne deu um salto assim que a viu, jogando o controle para o alto.

— Até que enfim! Feliz aniversário, Boneca! — Abraçou Lilly apertado, fazendo-a ir de um lado para o outro como um pêndulo. — Caralho! Isso no seu dedo é o que estou pensando? Porra, Brian! Não tinha um anel maior, não?

— Merda! Será que é muito pequeno? Você acha, Penne? — Brian olhou assustado, agarrando a mão de Lilly para conferir.

Lilly soltou a mão, beijou o anel, piscou para Penne e depois deu um beijinho no rosto de Brian.

— Ela está só te provocando bobão, o anel e a aliança são perfeitos.

— Que nojo. — Gabe enfiou o dedo na garganta. Foi até Lilly se espremendo entre ela e Brian para dar um abraço de aniversário. — É isso? Vou ter que aturar esse açúcar de vocês a turnê inteira? Olha o tamanho da aliança! Porra, devia ter tatuado logo CASADO na testa.

— Cale a boca, insensível. — Penne deu um tapa na orelha de Gabe. — Deixa os dois!

— Ai, Ai, sua grossa! — Gabe gemeu e esfregou a orelha. — Tenho direito de expressar meus sentimentos, porra!

Lilly ria, com olhos acesos em puro divertimento. Nunca tinha visto gente para falar tanto palavrão e se bater daquele jeito. Algo lhe dizia que a turnê seria incrível.

— Acabaram? Posso abraçar a minha irmã? — Os olhos de Big estavam marejados. — Parabéns, minha Bonequinha.

— Obrigada, Big. Está sendo o melhor aniversário da minha vida! — Lilly sorriu e seu olhar encontrou com o de Brian. — Não vão me mostrar a casa de vocês? Vou ter um treco de tão curiosa!

Gabe saiu em disparada, explicando tudo, extra empolgado, e Brian foi bufando atrás.

No térreo, bem na entrada, uma cozinha superequipada com copa, no centro uma luxuosa sala de estar com sofás, poltronas e uma TV de plasma enorme. A decoração *superclean* e moderna, toda em branco e vermelho. Tudo limpinho! Um banheiro extra, e no fundo, uma suíte presidencial com direito a banheiro próprio.

Uma escada embutida e camuflada no teto levou-os para o segundo andar e acima do motorista, mais um quarto de casal isolado. No meio, seis beliches confortáveis (três em cada parede), no fundo, sala de jogos com banheiro completo. Outra escada secreta e havia mesmo um terraço no teto. Ele era de armação retrátil. Um botão e a coisa se armava em uma área de lazer, com bar.

Desceram.

— A suíte tem isolamento acústico, Bela. — Brian piscou animado, assim que abriu a porta.

Era um quarto pequeno, mas luxuoso como o de qualquer hotel. Todo branco, com TV, armário amplo embutido e um banheiro integrado revestido de mármore.

— BELA? — Os olhos de Penne arregalaram ao ouvir o apelido.

— Piada interna nossa — Brian desconversou antes que Lilly pudesse falar.

Big gargalhou irônico.

— Estão casados há cinco minutos e já têm piadinhas internas?

Lilly abraçou o Gladiador. O amigo não parecia muito satisfeito com a novidade.

— Ethan, levante as mãos para o céu. Melhor nos darmos bem... A gente podia se odiar e estar se matando agora! Imagina o inferno?

— Ué? E não estão se matando? — Um brilho travesso brotou nos olhos de Gabe. — Pelos urros que ouvi esta manhã, pensei que o Brian estivesse morrendo. Se fosse o Adan... certeza de que hoje não teria voz para cantar.

— Cale a boca, seu bosta! — Brian socou Gabe no ombro.

Big engasgou alto de susto e olhou para baixo para encarar Lilly.

— Do que Gabe está falando? — Big rosnou, tentando parar de tossir.

Ela bateu nas costas quilométricas do amigo, esforçando-se para esconder um sorrisinho satisfeito, mas foi incapaz.

— Era só uma conversa, o som da TV que estava alto.

— Ligada no *sex hot*, então! — Gabe gritou e saiu correndo do QG com Brian puto atrás dele.

Em seguida, ouviram no pátio do estacionamento muitas risadas e gritos:

— *Volta aqui, imbecil!*

Gabe gritou estridente:

— *Águaaaaa.*

Lilly riu consigo mesma.

— É sempre assim? — perguntou para Penne, que também ria.

— É pior, espera o Adan se juntar a eles. — Penne voltou a se jogar no sofá, alcançando o controle. Bateu no couro macio para Lilly se juntar a ela.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Depois de um banho individual, para a revolta total de Brian, e de um almoço agitado com *fast-food* e bolo de aniversário, trazidos por Dilon, a banda foi finalmente repassar o som.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Onde pensa que vai, Lover Boy?*

— *Ensinar a Lilly a regular a água do chuveiro.*

— *De jeito nenhum! Nada de banhos coletivos para o senhor! Guarde esse fogo para mais tarde! Palco em cinco minutos!*

— *Caralho! Um homem não pode ser feliz?*

— *Não com uma hora de atraso!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Foi pôr os pés no palco para toda a indignação de Brian ir embora... Estava sentindo-se em casa. Tocar ao vivo era o que amava fazer. Não viveria sem os shows. Tinha achado a matéria da Rolling Stones exagerada, mas uma coisa não negaria: Divertia-se pra caralho no palco.

O *roadie*[40] das guitarras e baixos trouxe o instrumento para Brian afinar.

— Parabéns pelo casamento. Como está indo?

— Irado, cara! Irado!

O músico checou mais uma vez os pedais da Fender. Eles estavam todo o tempo dentro de seu *case*[41]. O cego do Josh que não os encontrou e desesperou-se. Apertou a correia de couro que transpassava seu corpo, ajustando a altura da guitarra prata.

Os fãs não faziam ideia da quantidade de trabalho necessária na configuração de palco e som, para uma hora e vinte de show. Apesar de terem tocado ali há apenas dois dias, tudo foi recolhido para as carretas e remontado novamente. Deixar os equipamentos de milhares de dólares, ao alcance de qualquer um, não era uma opção muito inteligente.

A parte técnica era revista sempre. Uma equipe de quarenta pessoas ajustando os últimos detalhes. Uma combinação de trabalhadores temporários e pessoal regular da UB. Brian concentrava-se para começar a passagem de som, enquanto Anne estava praticamente pendurada em uma das barras do teto, ajustando um canhão de luz e Mark gritava alguma coisa, sobre não pagar indenização por suicídio.

— Porra, Anne! Você não é a Mulher-aranha! Depois não entendem por que sou estressado!

Brian percorreu a frente do palco de cem metros, batendo nas caixas de retorno duas vezes. Uma mania durante a passagem de som, que o perseguia desde o primeiro show.

O palco Las Vegas era enorme, com dois avanços laterais e um frontal. Durante a apresentação, dava para andar sobre a plataforma de cinquenta metros de comprimento e interagir com a pista lotada de público.

Na frente do palco, uma microfonia irritante fez Brian cutucar os ouvidos. Adan deu pequenas batidas no microfone testando os retornos e marcações. Sem camisa, descalço e com o cabelo em um rabo, repetiu o refrão da música de abertura *Choices*[42]. Seu habitual charme, capaz de levar a multidão ao delírio, estava lá. Só que o bom humor e a paciência... em falta. Vai ver, a festa não tinha acabado como ele esperava.

— O retorno disso está uma merda! Querem que estoure as minhas cordas vocais, caralho! Me deem um tiro logo!

Gabe estava sentado em uma caixa de som... dedilhando o baixo com uma irreverência requintada. A linha de introdução de *Choices*, que saía do instrumento, estava impecável. Naquele momento, sua total falta de senso havia sido substituída por um lado responsável. Entretanto, apesar de estar focado na música, mantinha os olhos atentos em Brian. Afinal, tinha conseguido escapar de levar um outro soco há minutos e sabia que o amigo guitarrista só estava esperando um vacilo dele.

O bumbo da batera de Big estourou. A batida ecoou dentro de peito de Brian, que se virou e encontrou o Gladiador, posicionado atrás do kit, em sua estrutura elevada. Com suas batidas insanas, o cara era fenomenal. Um louco das baquetas. Guitarrista e baterista trocaram um sinal positivo, indicando que Brian tinha um retorno perfeito dele.

Big ocupava um lugar personalizado no palco. No centro, em uma plataforma iluminada, um corpo acima dos outros integrantes de solo. Em muitas bandas, o baterista geralmente ficava em um canto escondido. Na Ultimate Bet, todos tinham o mesmo destaque. Eram uma unidade.

Brian olhou, mais uma vez, para Lilly e Penne sentadas de costas, na ponta da plataforma central. O mar de grama verde na frente delas, ainda estava deserto enquanto as duas continuavam conversando e rindo. O vento bagunçando seus cabelos, e os raios de sol destacavam as mechas mais claras.

Linda!

Sorriu satisfeito quando Dilon entregou para Lilly um bendito guarda-sol promocional. O cara queria matá-lo por ter que sair no meio da arrumação de uns cabos, em busca de seu pedido. *Porra, era uma questão de saúde! A pele dela é tão branquinha. Raios UV*[43] *são perigosos!* Ele não era chato exagerado, nem superprotetor paranoico, como o acusou injustamente Dilon.

Brian tomou posição ao lado direito de Adan... Conectou a Fender na saída do amplificador... Fez sinal para Josh e começou a dedilhar, brincando com as cordas. Um de seus *riff's* solos explodiu nos alto-falantes do estádio. Graves e agudos fluindo em uma levada chorada.

Seu ego inflou quando Lilly virou, baixou os óculos de sol e sorriu orgulhosa para ele. Estava inspirado e Josh também. Passaram a hora seguinte, ajustando detalhes *importantíssimos,* que outros podiam jurar não existir.

Bateu no imperceptível microfone preso em seu rosto para falar com Josh na mesa de som.

— Está sentindo isso, cara? — Brian dedilhou mais uma vez a guitarra. Dedos rápidos, dentes mordendo o lábio inferior, nariz franzido e perna do pedal flexionada. — Ouviu? Tem esse *tizzzzzzzz* metálico a mais, nesta nota de *Dream Light*[44].

Uma voz agoniada ecoou no retorno enterrado no ouvido:

— Merda! Senti! Lógico!

Juntar dois perfeccionistas teimosos dava naquilo. Horas de ajustes, mas um show impecável.

— Testa agora!

A sequência ecoou de novo... de novo... e de novo.

— Agora sim! Perfeito!

— Você é genial, *man*[45]! Vou repassar as nuances de configuração da Penne, depois posicionar os microfones na batera do Gladiador. Vou finalizar com o grupo todo e as músicas novas, em uns quarenta minutos.



22

Um sorriso múltiplo correu o rosto masculino e perfeito de Brian... alívio, excitação, expectativa e até um pouco de presunção. Seu corpo grandão enchia boa parte da cama *Queen Size*[46], que ocupariam na turnê, enquanto estava com os olhos fixos no celular.

Lilly olhava hipnotizada para ele. Foi praticamente arrastada por um homem das cavernas ansioso, assim que chegou a vez de Penne repassar as configurações. Ela deu uma última olhada no espaço interno do guarda-roupa. Era amplo e bem dividido, não precisaria deixar nada para trás no hotel.

— Brian! Não acredito que me trouxe até aqui, para ficar jogando no celular. — Ela deu uma risadinha e deslizou ao lado dele na cama.

Uma mão possessiva laçou seu quadril, trazendo-a para perto.

— Não estava jogando! Só verificando o óbvio.

— Que é imbatível no *Guitar Hero*[47]?

— Engraçadinha. Sou imbatível mesmo, mas não era isso... Acabo de confirmar que meus superpoderes são infalíveis.

Ela lançou um olhar de *nossa-quanta-modéstia*!

— E isso quer dizer o quê?

— Que não é a única 100% limpa, aqui neste time. Estou funcionando em todos os meus pistões.

Lilly abriu um sorrisão, que fez Brian derreter e pulou em cima dele. O músico estremeceu levantando o quadril para provocá-la, roçando o pênis contra a sua virilha.

— Oh! — Ela piscou algumas vezes. — Posso sentir isso.

— Sentir o quê? O quanto eu te quero? — Esfregou-se mais um pouquinho.

— Que seus pistões estão prontos para trabalhar e pagar o que me deve — desafiou, acariciando o cabelo de estrela do rock dele.

— Vou pagar, mas não agora, preciso voltar para o palco em dez minutos. — Esfregou com mais força a ereção.

— Bri-annn, isso é tortura!

Ela bufou, tentou rolar o corpo e sair de cima dele, mas foi presa em uma armadilha de

braços fortes.

— Me solta!

— Não.

— Brian Theodore Lincoln Pierce!

— Shhhh.

Ele sorriu, tocou-lhe o rosto e não desviou o olhar por um longo momento. Ficou lá, fazendo-a sentir-se a mulher mais bonita do mundo. Depois, largou o aperto, colocou-a de lado e levantou da cama.

— Acho sexy o jeito que meu nome sai da sua boca toda bravinha.

Ela sentou-se na cama abraçando as pernas.

— Eu acho sexy te ver no palco. Amei o seu lado trabalhador responsável. Li a matéria da Rolling Stone. Estou impressionada.

Ele virou, olhando por cima do ombro, antes de abrir a porta do reservado.

— Andou pesquisando sobre mim no *Google*?

— Claro que não! A Penne me mostrou!

— O cara exagerou. Confessa que me pesquisou e que ficou toda excitadinha quando me viu lá em cima do palco.

— Não.

— Confessa.

— Não até pagar a sua dívida. Me recuso a ficar excitada com propaganda enganosa. Já estou começando a pensar que seus superpoderes são uma lenda. Pelo andar da carruagem, vou morrer virgem.

— Lilly, Lilly... tão tolinha.

Ela o viu entrar no banheiro e fechar a porta. Ficou lá, sozinha na cama... Cheia de vontade e irritada. Pensou que depois da provocação e de praticamente pedir por sexo, ele a foderia insanamente ali mesmo. *Este é o plano dele? Me matar de vontade?* O lado irracional dela protestou... e depois foi esbofeteado pela razão. Ela estava a passeio ali, ele não. A amostra que tivera na passagem de som, a fez ver o quanto todos davam um duro danado para fazer o show acontecer.

Um trabalho prazeroso, sem dúvida, mas que exigia muito esforço e dedicação. Cheio de

obrigações e prazos a serem cumpridos.

Brian saiu do lavabo com o cabelo molhado. Na verdade, o ideal teria sido uma ducha gelada e solitária. Precisava de uma boa punheta para acalmar os ânimos, mas não achou uma boa ideia fazer aquilo diante de Lilly em um chuveiro, com o box em vidro, integrado ao quarto. Então, masturbou-se escondido no banheiro privativo. Não era fácil andar por ali e se concentrar na música, com uma Fera faminta entre as pernas. Não era fácil ter Lilly ao lado dele e esperar pelo momento certo. Precisava resistir à tentação e pensar em seus planos para depois do show.

Ao ver a sua musa toda emburradinha o encarando da cama, o músico mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça. Jogou a toalha em cima da cômoda e depois, apoiou os dois braços esticados sobre os punhos fechados no colchão, ficando cara a cara com ela.

— Não fique emburrada.

— Não estou.

Riu ao ver o biquinho aumentar e os olhos de boneca fingirem indiferença.

— Acho que precisamos te ocupar enquanto estou trabalhando. — Beijou a ponta do nariz arrebitado dela. — Que tal começar sendo uma boa assistente e alcançar o *case* preto embaixo da cama, enquanto visto uma camiseta?

— Folgado.

— Sou mesmo.

Brian afundou os dedos longos na nuca de Lilly e levantou o rostinho irritado, reclamando os lábios dela... perdeu-se no beijo e Lilly esqueceu porque estava brava. A língua de Brian deslizou entre os lábios dela, provocando-a com o piercing. Sua doçura registrou o paladar e ele gemeu de prazer. A agonia no pau do músico era até prazerosa. Aprofundou o beijo, chupando, lambendo, devorando-a... Ruídos e gemidos surgiram quando mãos macias enroscaram no pescoço dele.

— Oh! Brian — ela gemia de tão bom que era, ronronando como uma gata.

O gosto da saliva de Brian na boca de Lilly era um néctar. O homem era pura provocação beijando e instigando.

— Gosto do jeito que a sua barba arranha a minha pele — confessou, chupou os lábios dele e depois acariciou a língua, querendo mais. Deslizou a mão até chegar na virilha do marido. Desenhou toda a extensão da ereção, massageando o pau enorme sobre o jeans.

— Isso que é tortura — grunhiu ele agoniando sobre a boca delicada, contorcendo-se e

esfregando-se na mão pequenina. — Menina má! — Levantou ofegante, encarando-a com fúria, enquanto as mãos puxavam os cabelos escuros.

— Brian! — implorou ela.

— Em dois minutos, o Dilon vai estar esmurrando a porta atrás de nós — disse contrariado.

Por mais que ela o desejasse, sabia que estava sendo egoísta. Sentiu o conflito nos olhos de Brian, dividido entre a vontade e a responsabilidade.

— Tudo bem, sei que vai me recompensar de forma incrível. — Sorriu para ele e arrastou-se para fora do colchão, ajoelhando ao lado da cama para encontrar o tal *case*. Uma enorme maleta retangular preta.

Nossa, pesada!

— Pode abri-la pra mim — o tom de Brian era mandão e indiferente, enquanto vestia uma camiseta limpa.

— Brian!

— Feliz segundo presente de aniversário!

— Deus! Mas como? Nossa! Brian!

— Consegui o telefone de Antoine. Ele disse tudo o que precisaria. Não achei justo ficar afastada da sua arte enquanto me vê tendo prazer com a minha.

Lilly não podia acreditar. Pulou nos braços de Brian, prendendo as pernas em torno dele.

— Opa! Acho que alguém gostou.

Ela encheu cada centímetro daquele rosto forte e lindo de beijos.

— Amei! Amei! Amei!

Depois o devorou com fúria e entrega, até perderem novamente o fôlego. Grata por cada aquarela, pincel, carvão, tela e bloco de papel *Vergé* que acabara de ganhar.

— Está me mimando demais.

— Te mimar virou meu *hobby* favorito. Desde que me agradeça assim, claro.

— Que tal te agradecer igual fiz hoje de manhã?

— Porra, Lilly!

Foram interrompidos por batidas fortes na porta.

— *Briannnnn!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Eram quase seis da tarde e ainda não tinham repassado todas as músicas. Os portões seriam abertos em meia hora. Com o show previsto para começar às dez, Mark os proibiu de voltarem ao hotel quando o ensaio acabou. Um grupo de fãs sortudos tinha ganhado uma promoção da rádio local: um encontro de cinco minutos com a banda, antes do show.

Sentada ao lado de Brian, em um dos amplificadores no palco escuro, Lilly estava esperando por Daniel. Os dois acompanhavam a multidão tomando conta da pista e arquibancadas. Correndo e se esbarrando por um lugar próximo das grades de proteção.

— Tem certeza? — era a milésima vez que Brian tentava persuadi-la a não ir ao hotel. Ela não tinha previsto que ficariam direto e de jeito nenhum iria assistir ao show de jeans e camiseta básica. — Acho que está perfeita assim.

Um queixinho decidido virou-se para ele.

— Obrigada, mas quero dar uma passadinha no hotel. Além do mais, não sabia que sairíamos tão cedo amanhã.

Dando a batalha como perdida, ele sorriu contrariado.

— Tudo bem.

Como os próximos shows seriam em Phoenix e Tucson, mal teriam tempo de passar a noite no hotel e voltar às oito da manhã para pegar estrada. Brian queria prendê-la sob a sua asa, mas sabia que tinha que dar espaço. *Se controla, cara! Ela não é sua!* Mas era tão difícil... ainda mais depois da sintonia visceral dos seus corpos naquela manhã... Os sentimentos dele estavam confusos.

Brian ainda não tinha certeza de como se sentia sobre a atração por Lilly. A coisa toda do desejo sexual, estava ali, claro. Sempre esteve. Desde a primeira vez que a viu, ficou mexido com a aparência física da Lilly. Ela preenchia todos os atributos da mulher ideal. Claro que existiram outras mulheres que também o atraíram, mas sempre lhes faltava algum detalhe. Lilly era perfeita e ficava cada vez mais.

Quando acrescentou na equação aparência física a essência da pessoa que ela era... Fodeu! Estava fascinado pelo jeito e pensamentos dela. E cativado pelo modo como levantava aquele queixinho petulante e enfrentava as coisas...

Porra!

Lilly vinha se revelando não só a casca perfeita, mas o recheio também. Ela não lhe despertava apenas a luxúria... o toque tinha sido mais profundo, indo além das necessidades primitivas dele. Atingiu-o em cheio em sua essência, onde a arte residia: na alma.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A decisão de Lilly em dar uma passada no hotel, já não tinha sido uma tarefa fácil. Ir para lá então... outra batalha. Depois de um minichilique de Big, Brian e Mark, ela achou melhor ceder, deixar o carro no estádio e seguir na SUV blindada.

Tão exagerados!

Tão protetores!

— Calma, pessoal, eu me viro sozinha desde os dezessete, lembram?

— Não está mais sozinha, Bela.

— Vou passar a agenda do Brian, para que se organize. Assim, evitaremos esse tipo de coisa.

Opa!

Será que o Brian esperava aquilo? Que ela ficasse ali passiva? Vivendo conforme a agenda dele?

Não!

Lilly precisava de espaço para alimentar a criatividade dela. Irritada, ignorou Mark e sua pauta sobre a agenda. Em seguida, soltou a mão firme e ansiosa, que a impedia de entrar no carro.

— Já volto. Quer que lhe traga algo?

— Você.

Uauuu! Brian é intenso!

Lilly foi o caminho inteiro para o hotel, pensativa. Os momentos com Brian foram perfeitos, adoráveis e excitantes. Ele não era só sexy e irresistível, mas um pacote completo, cheio de qualidades. Seria tão mais fácil se ele fosse um babaca egocêntrico. Era impossível não amar tudo o que ele fizera até então. O que era assustador. Pessoas intensas costumavam apegar-se e desapegar-se na mesma velocidade, sempre movidas a desafios e novidades. Envolver-se demais seria suicídio.

Aquele casamento não era um: "juntos para sempre", ao contrário, seria um lembrete

diário e uma bomba-relógio, com um enorme cronômetro em contagem regressiva.

Tique-taque… Tique-taque... Três, dois, um...

BOOMMM!

O coração de Lilly foi implodido com sucesso!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— São essas aqui?

Lilly olhou as malas média e pequena, agora abarrotadas com as comprinhas em Vegas.

— Eu sento em cima e você tenta fechar, Daniel.

— E a valise?

— Vou deixar aqui no hotel com a muda de roupa para amanhã.

Foi uma luta... riram... xingaram... riram mais um pouco... quase desistiram... socaram tudo e mais um pouco nas malas, mas, enfim, a bagagem estava pronta. Do jeito que ela e Brian se perdiam nas horas, Lilly achou melhor não arriscar e levar a bagagem para o QG antes do show. Mark era meio ditador com a coisa de horário e não duvidava de que ele partiria às oito da manhã conforme o cronograma, e os deixasse para trás.

— Você é um cara legal, Dani, obrigada por me ajudar com a bagunça.

— Foi divertido.

Daniel era atraente e tímido, mas uma companhia agradável. A voz grave, compatível com o jeitão de índio rústico, permeava uma certa ternura. Os olhos de um preto intenso, enigmáticos como se carregassem um segredo só dele.

Lilly já estava pronta e esperava que Brian curtisse o visual rock-and-roll dela.

As calças de couro que Penne a ajudara escolher, fizeram realmente um milagre em seu traseiro. E as *uncle boots*[48] confortáveis, porém muito altas, foram generosas ao alongar as pernas dela. Completou o look com uma regata branca e uma camisa de flanela vermelha. Um rabão de cavalo bem alto, muito rímel e maquiagem básica. Por fim, colocou sua mais nova pulseira preferida, combinada com um outro jogo de tiras trançadas de couro. Tudo em destaque pelas mangas dobradas.

— Se me permite dizer... está muito bonita, Lilly. Vou rir da cara de bobo do Brian.

O sorriso debochado no rosto de Daniel a fez rir. Aceitou a água que ele lhe ofereceu e

continuou a sua tarefa, recolhendo os vários cartões de felicitações que recebera pelo aniversário e casamento. A mesa redonda na sala da suíte estava repleta de arranjos de flores.

"Minha menina, parabéns. Com carinho, Marie. "

— Quer um *muffin* caseiro, Dani? São de chocolate, chantilly e morango. — Abriu a caixa repleta de versões em miniatura do seu bolo preferido. Marie deve ter infernizado o tio Ed para fazer chegá-los até ela intactos. — Faz tempo que está com a banda? Conhece bem o Brian?

"Feliz aniversário, minha pequena Picasso! Muita luz e inspiração, Antoine. "

O bolinho ficou minúsculo nas mãos imensas do segurança.

— Estou com eles há uns três anos, mas conheço o Brian desde pequeno. Meu pai trabalha como caseiro para dona Sarah.

— Ah! São amigos, então?

"Parabéns, Lilly. Que seus 23 tragam muito sucesso. Tio Ed."

— Digamos que sim. Brian é um homem bom, me deu uma chance quando precisei. Devo muito a ele. Estar na ULTIMATE é uma honra. — O corpão alto acomodou-se no sofá. Os dedos sujos de chantilly.

"Parabéns. Ainda precisamos conversar, Will. "

Lilly amassou e jogou o cartão dentro do vaso de rosas colombianas.

— Imagino que deva ser uma loucura. Não sente falta da família, da namorada?

"Sra. Pierce, sucesso no casamento e na vida. Parabéns, equipe TMZ. "

— Gosto da bagunça e da agitação. Fora os lugares... conheci o país inteiro e muitas cidades pelo mundo. — Daniel sorriu tímido. — Nada de namorada para mim.

"Brian é tudo! Por favor, não o afaste de nós Ultimate Forever! Seattle. "

"Sua ladra! Brian não poderia nos trair desse jeito. Fã Clube UB, NY. "

"Sua vaca! Brian é meu! "

Lilly notou o olhar perdido de Daniel. Conhecia muito bem aquela expressão de *não-sou-correspondido*. Achou melhor não apertar demais a corda e segurar a curiosidade. Continuou a jogar os cartões de felicitações dentro da valise. Riu com muitos deles e assustou-se com outros. As fãs eram doidas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly respirou fundo para controlar o nervosismo. Ela não daria o braço a torcer, mas todos tinham razão em insistir na SUV blindada. Se a saída do estádio já tinha sido uma loucura, voltar foi uma operação de guerra. A multidão nos portões de carga quintuplicou. Gritaram e bateram contra os vidros escuros do carro, fazendo-o balançar.

Podia ouvir um outro exército de vozes ansiosas e animadas vindo do gramado. O estacionamento deserto, agora estava lotado em um vai e vem de fãs empolgados.

Caramba!

Deixaram as coisas no QG abandonado às moscas e foram caminhando para o acesso de "*Somente credenciados*". Um grandalhão irritado na porta tentava não enforcar um grupo de fãs, que estavam insistindo para que ele desse um jeitinho de colocá-las para dentro.

O homem com cara de mau e uma prancheta na mão, saudou Daniel e mediu Lilly, que se esticou toda levantando o queixo.

— E essa aí? Sabe as regras, sem credencial nada feito.

— Não precisa de credencial, é a Lilly, esposa do Brian.

Um burburinho se formou ao redor. O porteiro riu.

— Ele deve ter um harém. Há uma dúzia de garotas dizendo a mesma coisa.

Daniel rosnou e pegou o celular.

— Libera essa merda logo, Jonny. Não me faça tirar o Brian da concentração.

Gritos de protesto de "*E eu? ")... "*Vai deixar essa vaca entrar? ")... "*Não é justo! ")... ressoaram. Jonny ignorou as mulheres inconformadas e deu um passo para o lado deixando os dois passarem.

No corredor comprido de acesso aos camarins... Euforia era o clima... pessoas estavam de pé, outras apoiadas na parede ou sentadas sobre caixas metálicas de armazenamento. Um grupo rodeava um bando de caras esquisitos.

Lilly reconheceu o magrelo de cabelos superespetados. Ele acenou, ainda com cara de dor e o mesmo kilt sujo. Havia mais delineador naqueles olhos vermelhos do que tatuagens no corpo.

Saias supercurtas, tops minúsculos e sutiãs aparentes eram moda nos bastidores. À medida que passavam, as pessoas paravam de falar. Uns olhando com curiosidade, outros com desprezo.

— Os boatos voam por aqui. Bem-vinda à fama, senhora Pierce. — Daniel sorriu e a puxou apressado.

A adrenalina de Lilly subiu junto com a excitação quando focalizou as portas duplas com

um enorme Ultimate Bet em letras douradas e estrelas. Riu.

Tão clichê!

Entraram...

Nossa, Mãe!

A primeira reação dela foi dar meia-volta. A sala estava abarrotada. *Era assim que eles se concentravam?* Escaneou o lugar à procura dos amigos. Viu Mark em um canto, conversando animado com o Ursão e uma mulher alta de longos cabelos negros.

— Lilly! — Penne saltou do meio de alguns fãs. — Que bom! O Brian estava me deixando louca. Perdeu o celular?

A guitarrista a abraçou do jeito pêndulo, fazendo Lilly quase perder o equilíbrio. Penne estava sexy, olhos marcados e um macacão frente única preto. Cabelos selvagens.

— Desligado. As mensagens da Ava têm me torrado a paciência. Cadê o Brian?

— No vestiário com o Big. Eles sempre se isolam minutos antes do show.

Um flash pipocou.

— Jornalistas! — Penne bufou, deu de ombros e puxou-a pela mão indo em direção ao Mark. *Não quero o Mark! Quero o Brian!* — Precisava ter visto isso aqui há cinco minutos. Cheio de fãs de uma rádio. Acredita que uma louca atacou o Big e arranhou o rosto dele?

A expressão alegre de Penne transformou-se em puro desgosto, ao passar perto de Adan e uma morena a tiracolo. Ele estava com uma garrafa de conhaque na mão. Descalço e sem camisa, com seu peito viking ainda mais impressionante. Ele sorriu e levantou a garrafa, quando viu Lilly.

— Ele anda em uma fase Kurt Cobain — desdenhou Penne.

— Garota, você está quente! Que bunda é essa? — *Gabe!*

Lilly virou e quase caiu para trás. Gabe estava muito gato! Jeans preto justo e uma camiseta preta colada demarcando o tórax de surfista. *Ele está maquiado?* Não era imenso como Adan ou forte e definido como Brian, mas era definitivamente um cara sexy. Os cabelos de anjo, molhados pelo gel e a tatuagem multicolorida cobrindo um braço.

— Oi, Gabe. Nossa, uau! Está um gato! — *E maquiado*... Lilly sorriu sincera.

O baixista pôs um braço ao redor do ombro dela.

— Sabia que preferia a mim, Bonequinha!

— O tapa que tomou há cinco minutos não foi suficiente, Gabe? — Penne a puxou, trazendo a amiga para si. — Fica brincando com fogo, fica. Vai acordar todo mijado.

Lilly riu. Tudo na vida de Penne sempre acontecia há cinco minutos.

Uma garota junto de Gabe fez cara de nojo.

— Essa aí... é ela, não é?

— Não te interessa, Diana. Dá um tempo! Circulando — Gabe dispensou a sirigaita.

A mulher bufou, mediu Lilly e saiu andando em direção a um engradado de cerveja.

Uau! Que simpática! Prazer em te conhecer, Diana!

— Onde fica o vestiário? — O coração de Lilly batia de ansiedade. *Não quero o Gabe, quero o Brian, poxa vida*. Ela não devia querê-lo tanto, mas queria. A simples perspectiva de tê-lo tão perto, matava qualquer razão.

Dane-se!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Agonia. Era o sentimento de Big ao ver Brian não parar de se mexer. O cara parecia ter um bando de marimbondos sob as calças. Agradeceu a Deus por não ser *um sentimental*. Ele não tinha nenhum interesse em relacionamentos românticos. Só davam problema. Viu o desastre que Brian e Penne ficaram ao terminarem seus namoros e também jamais iria esquecer a desilusão do seu pai, quando a mãe, que parecia uma santa, o traiu.

Não!

Nada de relacionamentos.

Nada de cair de quatro por meninas doces. Amava Lilly, era a sua bonequinha, porra! Entretanto, estava com dó do amigo. Achou que ele seria um perigo para ela e, pelo jeito, errou feio.

Deus me livre!

Big franziu a testa só de imaginar-se no lugar do amigo... rendido. *Deus me livre!* Ficar caído por uma mulher não era para ele. O Gladiador tinha sofrido tanta rejeição na adolescência, por causa do seu tamanho, que hoje amava a atenção que recebia de várias mulheres ao mesmo tempo. Super-recomendava, ser músico, rico e prostituto sem amarras.

— Foi aqui que os meus dois músicos preferidos se esconderam?

— Lilly, porra!



23

Brian saltou do banco que dividia com Big no vestiário. Largou a Gibson de aquecimento de qualquer jeito. A guitarra só não se espatifou no ladrilho, porque Big foi mais rápido. Resgatando-a a milímetros do chão.

Que porra-é-essa?

Big estava embasbacado. O corpo de Lilly sumiu atrás de Brian. O maluco esmagou o corpinho da bonequinha DELE, contra a parede. *Caralho!* Ele vai sufocar a coitadinha, se enfiar mais um pouco a língua nela!

Tira essa mão da bunda dela, otário!

Lilly! Não! Aí, não!

É moda, agora? Mão na bunda e mão no pau?

O Gladiador pensou em intervir. Olhou em volta, em busca do extintor de incêndio.

De onde surgiu tanto fogo?

Você prometeu não se meter. Lembrou a si mesmo. *O caralho que não vou!*

Ela está gemendo em agonia!

Big começou uma sinfonia de limpadas teatrais de garganta, mas não conseguiu que aqueles dois parassem de se chupar e se apertar. Os gemidos e respirações ofegantes estavam constrangedores e Big sentiu-se patético. Não era a praia dele olhar os outros se foderem com a boca. Saiu deixando os dois a sós, antes que matasse um deles!

Brian recuou lentamente, com seu corpo ainda pressionando o de Lilly.

— Senti a sua falta, Bela! — rosnou. Precisava daquele beijo! As duas horas nas quais ela ficou longe, pareceram malditos séculos.

Os olhos avelã-esverdeados se abriram.

— Eu também — ela disse sensual, ofegante e com a boca inchada pelo ataque dele.

— Demorou uma eternidade naquele hotel.

— Precisava buscar uma coisa.

Lilly desvencilhou-se dele passando por baixo do braço tatuado, apoiado na parede. Foi praticamente tropeçando até uma pia na outra parede. O ataque de beijos, misturado ao cheiro de mate verde impregnado em sua pele, foi um tiro em seus miolos.

O cérebro dele falhou... *Escandalosamente quente!* A visão daquela bunda empinada enfiada dentro de calça de couro fez as bolas tremerem. *Tremendamente gostosa!* Está sem sutiã? *Porra! Como vou tocar?* A mulher não tinha um centímetro, que ele não achasse totalmente bom.

— Es-tá... hum... sem... boa… pra caralho nessa calça! — Brian mordeu o polegar. Tinha certeza de que a cara dele estava igual de um *maníaco-tarado-sem-controle*. Puxou os cabelos para se conter. — Coisa?

Lilly ajeitou o rabo de cavalo, todo torto, tentando se recompor.

Jesus! Vai ser assim toda vez que eu botar os olhos nele?

Com o coração batendo a mil e o sangue em ebulição?

Desse jeito, não chego aos vinte e quatro!

Ao contrário do excesso de produção de Gabe e Penne, e da falta em Adan, Brian estava divino. Calças jeans surradas e rasgadas, camiseta branca básica e um *All Star* preto. Uma bandana[49] verde exército pendia de uns dos bolsos traseiros, junto com uma corrente.

Nossa, ele vai ficar um pecado, todo suado!

Lilly lembrou-se que trouxera algo que combinaria com a produção de Brian.

Palco, em cinco minutos!

Droga, por que tudo são cinco minutos, por aqui?

No dia anterior, Lilly tinha comprado uma surpresa para ele, mas quando recebeu o anel ficou constrangida, e manteve o *presente*, intocado na bolsinha. O mimo que havia escolhido era simplório, mas não resistiu quando o viu na loja de acessórios. Era tão a cara dele!

— Hummm... é... ontem à tarde... eu comprei uma coisinha pra você.

— Uma coisinha? Pra mim? Tipo... pensou em mim e comprou um presente?

— Tipo isso…

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Os *Dog´s Life* tinham acabado o show há uns vinte minutos e a multidão estava ansiosa... batendo os pés e as mãos impacientes pela entrada da Ultimate Bet. Gritando *Go, Go, Go,* em coro.

Do palco escuro e já posicionado, Brian acariciou emocionado seus cordões de couro trançado no pulso esquerdo. Sorriu só de pensar que Lilly estaria logo ali, usando um jogo de pulseiras iguais. *Ela as comprou pensando em nós! Caralho!* Fodam-se os diamantes. Aquela era uma

aliança Roots[50] como ele, melhor impossível!

Porra, Bela!

O guitarrista queria a esposa nos bastidores do palco... protegida e segura. Mas, quem disse que o queixinho teimoso não entrou em ação? Lilly bateu o pé para curtir o show da pista junto com a galera que estava no camarim. Brian só cedeu depois que os cinco seguranças, mais Mark e Richard prometeram não desgrudar os olhos dela. Tudo bem, que era a área *VIP*. Mas foda-se!

— *Olha lá, hein, Daniel? Ela é toda miudinha. Pra sumir ou levarem, são dois palitos!*

— *Relaxa, Brian. Vou ficar com ela bem na sua frente.*

Todas as luzes do estádio se apagaram e a multidão foi ao delírio. Houve histeria de pulos e gritos ensurdecedores, e contagiantes. Um mar de isqueiros começou a piscar em expectativa. O corpo e o coração de Lilly pularam com uma explosão dos canhões de luz sobre a plateia. Depois, o breu. Outra explosão. Mais breu...

O estádio ficou mudo.

Uma batida do surdo de Big e um feixe azul de luz acendeu, revelando Adan. Só de jeans e descalço, cabelos presos em uma espécie de coque louco.

O cara era um gostoso também. Brian que a perdoasse. As meninas ao lado dela, na área *VIP* quase gozaram com a nova mania de ficar seminu dele.

— Prontos para ferver, Las Vegas?

Aos gritos e delírios, os fãs responderam ao comando da voz rouca.

Um soco no ar do braço Viking... e outra batida seca do surdo foram o comando para que quatro novos feixes de luz azul se juntaram ao de Adan. *Pah!* Fixos em pontos do palco. *Brian!* Big, Penne e Gabe acenderam. Três gigantescos painéis de LED explodiram atrás deles, com imagens psicodélicas... e raios estroboscópios começaram a sobrevoar a multidão.

— São os meus amigos! São os meus amigos! — Lilly gritou para ninguém e todo mundo, pulando e batendo palmas, empolgada.

As batidas suaves dos pratos e do surdo de Big começaram a introdução de *Choices*. O Gladiador parecia um rei do alto de seu kit de bateria. O baixo suave e sensual de Gabe surgiu e as meninas da plateia surtaram. Em seguida, ecoaram a levada classuda da guitarra base de Penne e gritos de gostosa. Outra explosão da bateria de Big e a guitarra sexy de Brian lambeu a plateia, junto com as primeiras estrofes cantadas por Adan.

O estádio veio abaixo.

Um arrepio percorreu a coluna de Lilly. *Jesus! Como ele é bom*! Ela nunca tinha se permitido reparar mais que dois minutos em Brian sobre o palco. No show de L.A., tinha ficado do outro lado, na frente da Penne e com Will em seu cangote.

De pertinho, Lilly assistiu a uma metamorfose: do homem para a estrela de rock. Os movimentos sexy do corpo e os dedos maliciosos acariciando as cordas da guitarra a levaram para outro mundo. O solo de Brian acariciou o corpo de Lilly e então, não havia mais multidão ou banda... Só ele e as notas da guitarra.

Viu-o interagir com Adan em uma disputa de guitarra e voz, em *Forever*[51]. Brincar com Penne em um duelo incrível, em *Haven*[52]. Provocar Gabe no solo de baixo de *Heart Fire*[53], fazendo caretas e depois o aplaudindo. Escalar a estrutura da batera em um dueto divertido com Big, em *Those Womens*[54].

Mamma mia!

Tinha uma sobrecarga de energia nele, correndo pelo palco, sensualizando com a guitarra e instigando a plateia. Foi como se um raio o tivesse atingido antes do show, transformando-o em um ser mágico, altamente etéreo e erótico.

O cabelo ficou úmido e a camiseta molhada.

Misericórdia!

Agora, Lilly entendia as fãs, queria até abraçá-las. Também se mataria caso ele se casasse com uma qualquer. Também queria aquele homem só para ela. O corpo já quente, pegou fogo e lá estava a dor suplicante entre as coxas dela.

Adan correu até o fim da plataforma da pista e a multidão gritou excitada.

— Hey! Las Vegas! — provocou e apontou o microfone para o público que rugiu em resposta. — Excitados? Eu estou!

Rugidos e gritos mais excitados eclodiram por todo estádio. Camisetas foram jogadas sobre a plataforma.

— O que acham dessa *Sexy Night*[55]?

A multidão foi ao êxtase. Quando os canhões transformaram o palco em um profundo vermelho, a introdução lenta e chorada de *Sexy Night,* na guitarra de Brian, fluiu nos alto-falantes. Penne e Gabe se juntaram a ele no meio do palco. Os três juntos eram quentes. Penne no centro e os dois a instigando e se esfregando em movimentos indecentes.

Lilly queria ser Penne.

Trinta mil vozes cantaram em coro junto com Adan e quase gozaram com o trio sensualizando no palco.

A respiração de Lilly ficou presa quando Brian a encontrou em seu canto escuro... os olhos dele se prenderam aos dela. Tocou o resto da música, sem desviar a atenção. Parecia que aqueles movimentos indecentes eram só pra ela. *Jesus. Porcaria de homem mais maleável e safado*. Quis matar o Adan quando ele retornou, obstruindo o contato deles. Brian gargalhou e voltou à sua posição. Agora, bem em frente dela, beijou o pulso esquerdo com as pulseiras e depois apontou na direção da esposa.

Lilly tinha certeza de que perderia o controle se ele não parasse com aquele olhar absolutamente irresistível. Brotou uma vontade louca de escalar o palco na unha e agarrá-lo.

— Conhece ele? — a mulher de cabelos negros ao lado de Mark perguntou.

— Hã?

— O jeito como ele te olha? Conhece ele?

— Ah! Sim, ele é meu! — respondeu excitada, sem tirar os olhos do moreno praticamente transando com a guitarra à sua frente.

— Uau! Então é sério? Ele e você? Casados pra valer? Pensei que depois que o porre passasse...

— Sim! — Lilly interrompeu animada. — Meu Brian. Meu marido.

A morena riu da empolgação possessiva de Lilly e assustou-se quando Adan pulou do palco bem na frente delas.

— Caramba, Adan! Quer me matar! — a mulher esbravejou e ele riu satisfeito.

A multidão separada pelas grades, estava quase invadindo a área *VIP*, em puro delírio. Lilly podia jurar ter ouvido na voz de Brian um breve: *Cuidado, porra!* A segurança teve trabalho quando Adan correu batendo a mão em centenas de braços esticados ao longo da grade de proteção.

— Vegas! Temos um solo especial esta noite! — Adan gritou. A imagem dele estava refletida nos telões. Quando Lilly se viu de relance ao seu lado, tentou se esquivar, mas o braço suado do vocalista envolveu-a no ombro. Beijou Lilly e olhou, provocando Brian. A multidão explodiu. Comendo cada segundo. Depois, beijou a morena alta, que limpou o rosto com nojo.

A multidão surtou quando Brian introduziu os primeiros acordes dando a deixa e tocou no

microfone preso ao rosto.

— Hora de voltar para o palco, Adan, o recreio acabou — Brian brincou e a voz profunda saiu ainda mais sexy, ecoando pelo estádio lotado. — Las Vegas! Preciso de vocês com esse solo!

Alguém gritou alguma coisa que Lilly não conseguiu ouvir. Brian gargalhou.

— Isso não está em discussão, querida. Apenas aceite! — Brian sorriu para as fãs.

Aos gritos excitados da plateia, o barulho ficou ensurdecedor quando começaram a bater fortemente os pés, na madeira de proteção da grama.

Adan voltou para o palco com a ajuda dos seguranças, correu pela plataforma da pista batendo palmas e instigando o público. Big, Penne e Gabe fizeram o mesmo das suas posições.

— Acho que já souberam da novidade, né! Mostre a eles, Brian! — Big falou pela primeira vez na noite.

Brian sorriu torto. Levantou a palma da mão virada para a plateia. A aliança grossa em sua mão esquerda, reluziu nos três telões. A multidão eclodiu novamente, vários aplausos, gritos e algumas vaias femininas também. Ele olhou para um grupo de mulheres inconformadas.

— Obrigado por estarem felizes por mim! — disse, depois virou-se para Lilly, beijou a aliança e abriu um sorriso de Oscar.

Lilly congelou e os joelhos fraquejaram.

Não faça isso.

Não faça isso.

Não faça isso.

— Essa é para alguém muito especial. Feliz aniversário, Lilly.

A guitarra de Brian ecoou em um *parabéns para você* estilizado em blues, acompanhado por trinta mil vozes. Só Brian iluminado no palco e milhares de isqueiros piscando e celulares acesos. Se não fosse pelo abraço providencial do Ursão, que sussurrou um: "Tão romântico..." e começou a chorar compulsivamente, Lilly teria desmaiado ali mesmo, com a sua imagem dividindo os telões com Brian. Não conseguiu conter umas lágrimas atrevidas entre os mil sorrisos bobos que lançou para ele.

— Isso foi lindo! Obrigado, Vegas! — Brian agradeceu. Piscou para Lilly e correu pelo palco em outra direção, assim que, a batera de Big explodiu na introdução de *Paradise*.

O que foi isso?

Lilly estava perdida.

Gabe entrou com seu solo melódico de baixo, Penne o acompanhou… o show ainda seguiu em mais uma sequência de oito músicas, com um solo eletrizante de batera e três *riff's* acústicos de Brian. No final do bis... tudo que se via era uma multidão encharcada de suor, pedindo por mais.

Adan pegou e cheirou um sutiã jogado no palco e discursava sobre a plateia ter sido foda naquela noite. Brian, Gabe e Penne lançaram paletas e Big, um par de baquetas da noite. Músicos esgotados, mas satisfeitos por mais uma apresentação e*stupidamente* perfeita.

Minutos se passaram até que Lilly recuperasse o fôlego. Ela ficou de pé na área *VIP*, com os olhos vidrados no palco vazio e escuro... tentando entender. Brian estava bombardeando o coração dela de todas as maneiras e a libido também. Sempre o achou sexy, mas vê-lo daquele jeito no palco, molhara a calcinha dela como nunca.

Ela não era de ferro.

Caramba!

As luzes do estádio acenderam, tirando-a do transe.

Daniel quase a perdeu, quando Lilly saiu correndo que nem louca. Atônito, assistiu o corpo delicado da sua protegida, desviar da multidão. Depois, espremer-se entre as pessoas, até conseguir subir as escadas laterais do palco em direção ao *backstage*.

Tudo que Lilly precisava era encontrar Brian. Beijá-lo, depois bater nele e depois beijá-lo novamente e perguntar, por quê? Os anéis, a fonte, as tintas e agora os parabéns. Tudo aquilo extrapolava e muito os limites da aparência que ambos precisavam encenar.

Não fazia sentido. Não era como se Brian precisasse conquistá-la. Já eram casados e deram-se bem desde o primeiro minuto. Ele já a tinha em sua cama e Lilly não escondia a atração avassaladora que sentia ou vontade óbvia de desfrutar de prazer. Ao contrário, ela estava aberta e tinha demonstrado os seus sentimentos pelo guitarrista, correspondendo a todos os ataques esfomeados do músico, na mesma medida.

— Lilly!

Um grito freou a corrida dela em direção ao camarim, que derrapou no chão liso quase perdendo o equilíbrio. Daniel que vinha na mesma levada frenética atrás dela, desviou por um triz evitando o choque.

— Ai, caramba, senhora Pierce!



24

Lilly sorriu sem graça para Daniel e girou em seu eixo à procura da voz.

— Brian?

— Aqui! Aqui, Lilly!

Encontrou-o atrás de uma linha de seguranças, junto com Adan, pulando alto e balançando os braços para chamar a atenção dela. *Doido!* Fãs entusiasmados e jornalistas disputavam qualquer palavra dos músicos. Adan assinava os peitos de uma menina, através da barreira humana. Depois, a garota saiu dando gritinhos fazendo uma dancinha feliz.

Que loucura, jamais conseguiria chegar até ele. *Droga!* Olhou para a outra barreira de proteção e Gabe, Big e Penne estavam na mesma situação. Não exatamente a mesma, porque os braços compridos e fortes de Big erguiam uma moça seminua sobre a barreira trazendo-a para junto dele. Não satisfeito repetiu o processo com outra fã.

Merda!

Era assim que ele fazia? Pescava garotas para satisfazê-lo depois do show? E elas iam numa boa, só porque ele era famoso? Brian fazia isso também?

— O hotel... vá para o hotel!

Ela estava sendo dispensada na cara dura? E a promessa dele? Olhou-o sem poder acreditar...

— Só vá para lá... Chegarei o mais rápido que puder. Daniel, confio em você, cara!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

5°, 6°, 7°...

Uma longa espera até o trigésimo sexto andar. Longa demais. Brian olhou-se no espelho do elevador e tentou ajeitar os cabelos úmidos pelo banho tomado às pressas no vestiário do estádio.

Porra de organizadores e figurões da música. Pouco importava para eles, se você estivesse acabado ou ridiculamente excitado e ansioso para encontrar a sua mulher. *Foda!* Só enxergam os cifrões que ainda poderiam ganhar à sua custa. Queria matar o Mark! O otário quis agradar um figurão de Vegas. Fotos com uns sobrinhos.

Sobrinhos, uma merda!

Brian não pensou duas vezes, quebrou o esquema do figurão idiota. Trancou-se no vestiário, distribuiu fotos e autógrafos de graça. Que tipo de ídolo deixaria alguém cobrar oitocentos dólares por um abraço e uma foto? *Caralho!* Fodam-se os favores. Não tinha o rabo preso com ninguém. Aquela era a vantagem de serem os donos do próprio selo e gravadora.

— *Porra, Brian, não sabia que era aquilo! O homem disse que eram os sobrinhos dele!*

— *Noventa sobrinhos? Vai à merda, Mark, eu tinha planos com a Lilly, PORRA! Sabe que não cobramos por nossa atenção. Que merda de artistas aquele cara pensa que somos? Mercenários?*

Brian teria sorte se Lilly olhasse para a cara dele depois daquilo. Prometeu chegar rápido e já eram duas da manhã, porra! Certos estavam o Adan e o Big que sumiam e foda-se o mundo. Compromissos e *meetings*[56] só antes do show, depois era cada um cuidando do próprio rabo.

O coração de Brian disparou de esperança ao pisar na suíte.

O *quê? Mas...*

— Bela?!

Ficou atordoado ao seguir uma trilha de pétalas brancas até o terraço. *Como ela fizera aquilo? Quando?* Havia centenas de velas acesas por tudo... e lamparinas de vidro pendiam de uma cobertura de treliça em diversas alturas. Aquele troço não estava ali pela manhã. O lugar tinha sido transformado em um jardim suspenso... um oásis... com arranjos de diversos tamanhos e alturas, repletos de flores brancas clássicas e exóticas.

Cacete!

O mais incrível veio em seguida e fez Brian praticamente rasgar as roupas em cinco segundos, quase convulsionando de tesão. Bem ali, diante dele, Lilly! Nua... linda... e gostosa pra caralho, dormindo languidamente entre dezenas de almofadas brancas, em cima de um imenso futton recoberto por flores.

Deuses do rock... me ajudem, que é hoje!

Agora!

Ele correu até a mochila largada no início da trilha de flores. *Perfeito!* Cinco caixas novinhas de preservativos. Devia outro favor ao Dilon por aquilo. Pegou logo seis camisinhas. Não podia desperdiçar a cena... Iria morrer se não a possuísse.

Voltou para a varanda e arrastou-se como um lince ao lado de Lilly no imenso futton. Ficou ali no limite do desejo, contemplando-a... como uma Afrodite... uma deusa mítica e erótica... doce e perigosa... menina e mulher... pura e safada. Tão completa, tão perfeita e tão milimetricamente o

número dele.

A respiração suave. *Divina!* Braços dobrados acima da cabeça, perdidos entre almofadas e mechas de cabelo. Toda tranquila e largada com uma das pernas flexionadas, destacando a trilha de pelos castanhos mínimos, aparados com classe em sua pélvis.

Tentadores.

Coxas femininas e torneadas. Toda cheia de curvas nos lugares certos. Barriga lisinha e uma cintura fininha. Quadris carnudos que preencheram tão bem as mãos dele.

Toda boa, caralho!

Precisava tocá-la... possuí-la... fodê-la... deflorá-la... devorá-la...

Brian chegou mais perto e, sem se tocar nela, ajeitou-se de lado, apoiando a cabeça sobre o braço flexionado. Sentiu o perfume de flores e lima… tão doce... tão fresco... De leve, desenhou com a ponta do dedo o contorno de um seio. Eram lindos: macios, generosos, não enormes ou falsos. Exatos para preencher a mão dele. Realçados com mamilos pequenos e rosados e bicos carnudos que se exibiam, empinados. Definitivamente, os peitos mais bonitos que já tinha posto os olhos.

— Rrmrmrmrm.

Brian estava começando a adorar quando ela ronronava daquele jeito. Aqueles grunhidos eram como um canto da sereia, fazendo o pau e as bolas responderem no ato. A boca do músico salivou. Estava na hora de acordar aquele bebê tentador. Estimulou outro seio, apertando suavemente e acariciando.

— Rrmrmrmrm.

Beijou-os inteiros, exceto o mamilo.

— Brian — uma voz baixa, doce e confusa brotou.

Brian desviou a atenção dos peitos, encontrando os olhos avelã-esverdeados sonolentos.

— Oi.

— Oi, Bela Adormecida. — Ele afastou uma mecha de cabelo grudada na bochecha dela.

Foi presenteado com uma espreguiçada lânguida e sensual. Depois, com o sorriso mais doce que já tinha visto.

— Acho que apaguei.

— Desculpa. Não resisti. Tinha que te acordar.

— Gosto que me acorde. — Ela varreu os olhos sobre o corpo musculoso dele, todo exposto e alerta. Brian viu uma faísca de desejo acender em seus tons verdes.

Brian girou, apoiou-se sobre os cotovelos e com o seu corpo, pressionou o dela. O pau duro roçou na barriga chapada da esposa. E uma onda de prazer percorreu a coluna de Lilly. Ele olhou-a com desejo e paixão.

— Você é a coisinha mais tentadora que eu já vi.

A voz sussurrada e profunda foi o suficiente para deixá-la excitada de novo. Todos os sentimentos de luxúria pós-show voltaram como um raio.

— E você, o guitarrista mais incrivelmente talentoso e gostoso que já vi.

Ele sorriu, depositou um beijo no pescoço dela e depois girou a cabeça escaneando o terraço. Uma de suas sobrancelhas grossas contraiu.

— Pra quê? Como?

PRA QUÊ?

... Porque estava louca de tesão. Achando que tinha me dispensado e desistido de me foder... e eu queria fazer surpresas tão incríveis, quanto as suas..., pensou, mas não disse nada.

As bochechas de Lilly coraram quando fechou os olhos envergonhada. As mãos delicadas desenharam os músculos das costas largas dele. Nem se importou que mal podia respirar. O peso de todo aquele corpo cobiçado, cheio de testosterona, exalando feromônios e grama molhada era tudo o que precisava.

— Queria meio que te seduzir — sussurrou para ele.

Lilly achou desnecessário entrar em detalhes e contar que ligou para o concierge enquanto voltava para o hotel. Não diria para o músico que o homem fora um mago e fizera milagre em uma hora. Muito menos, confessaria que desviaram umas coisinhas, que chegaram para uma recepção no dia seguinte, uma vez que, não faria diferença se elas passassem a noite no depósito ou na cobertura.

Brian curtiu a carinha sem-vergonha que ela fez e pressionou o quadril para que sentisse a urgência de sua ereção. Um gemido suave escapou dos lábios doces e carnudos.

— Já estou seduzido por você, vinte e quatro horas por dia.

Lilly sorriu satisfeita, ele seduzido era bom.

— Eu exagerei, não foi?

— Tá brincando? Exagerado é o meu nome, mocinha. Adorei a porra toda!

Lilly riu do entusiasmo extasiado dele. Adorava aquele sorriso. O homem sorria com os olhos... olhos que agora estavam inchados e pesados.

— Que horas são? — Lilly acariciou os cabelos úmidos dele. — Deve estar exausto.

— Hora de acabar com a nossa agonia. A Fera vai conhecer a Bela.

— Oh.

Brian olhou-a com uma atração profunda e beijou-a com paixão. Ele estava possessivo e até um pouco agressivo. Lilly gostou do toque exigente e dos movimentos esfomeados da boca do esposo. Excitou-se com mão segurando os cabelos dela na nuca, com força. Amou o piercing provocando a língua... o esfrega-esfrega dos corpos... e as pernas entrelaçadas.

— É tão linda. Hoje toquei só pra você...

Nossa Senhora!

— Só para mim? — perguntou entregue e submissa. A pegada forte dele a fazia sentir-se desejada, cobiçada e privilegiada.

— Hum-hum... Imaginei que a minha guitarra fosse o seu corpo... As cordas, a sua bocetinha quente.

Jesus!

Lilly ficava selvagem quando ele falava de modo sacana. Como ele podia provocar tanto tesão, apenas com palavras? E a voz... rouca... profunda... e sacana?

Merda!

Aquele homem a tinha nas mãos.

Brian não apressou o beijo... que foi longo, profundo, safado e molhado. Ele excitou Lilly de todas as formas. Explorar a boca da esposa era quase um orgasmo.

— Brian... — ela ofegou com os estímulos verbais e manuais que a enlouqueciam.

No mesmo ritmo em que chupava os lábios e a invadia com a língua sugestiva, Brian passava a mão pelo corpo delicado, apertando e arranhando, indo e vindo.

Deus do Céu! Acho que posso gozar só com os toques dele!

Lilly sentiu a boceta inchar e ficar molhada... Estava toda pronta quando o pau duro roçou em sua abertura, sem penetrá-la... *Deus!* Quase implorou... depois, implorou.

— Brian... vo-vou ex-plodir...

O safado sorriu.

Como pode sorrir quando estou morrendo aqui?

Lilly tentou agarrar o pênis, mas Brian desconectou o beijo e desviou o quadril, negando o acesso.

— Bri-annn — protestou de maneira quase inaudível.

Ele provocou com chupões a orelha e o pescoço delicados.

— Calma. Já, já... Bela.

Prometeu ofegante e respirando tão duro quanto ela. Teceu beijos molhados pelo maxilar, mordeu o queixo atrevido que tirava tudo dele, depois a clavícula. Chupou o ponto onde a pulsação acelerada no pescoço denunciava a excitação nuclear de Lilly. Amou como ela se contorcia e se esfregava a cada beijo, chupada ou mordida e começou a descer.

Atacou os seios e as costas de Lilly arquearam.

— Ah, sim! Sim! Chupe-os, Briiiiiaaaan.

Com a mesma masculinidade possessiva, o músico estimulou e apertou os seios, curtindo o momento. Aquelas belezinhas mereciam toda a sua atenção. Queria um reconhecimento de campo completo. Lambeu um, acariciou e apertou o outro. Beijou toda a área dos peitos dela e o vale entre eles.

— Porra, Lilly. Seus peitos são um banquete!

O músico traçou o contorno dos mamilos com a ponta da língua e eles enrugaram, fazendo os bicos se exibiram. A língua brincou com eles... balançando freneticamente.

— Mmmmmm. — Lilly já estava delirando de tanto prazer.

Esfomeado, Brian mordeu, chupou, puxou... e rolou os bicos entre os dedos e polegares. Lilly foi à loucura.

— Oh, isso! Mais, por favor. — ela implorou.

Ele obedeceu e chupou-os com força, entre o prazer e a dor. Uma novidade para Lilly, que nunca tinha recebido aquele tipo de carícia e foi inundada por sensações diretas na virilha. Choramingou, gemeu, contorceu-se e pediu mais.

— Isso, Bela... entregue-se a mim... gema... chore de prazer. Isso, porra! Me arranhe... foda a minha mente...

— Briiiaaaan, vo-cê é… é... — *Um filho da puta, tentando-me desse jeito!*

— Shhhhh... Sou seu macho... seu homem.

Meu algoz, isso sim... minha Fera!

Brian mudou o alvo e beijou a barriga macia... para em seguida, instigar o umbigo com a pequena bola de metal que lhe perfurava a língua... Sensações desconcertantes atingiram Lilly... Arrepios subiram pela a superfície da pele dela e depois, atingiram a pélvis quanto o guitarrista brincou com a penugem macia, roçando o queixo... cheirando...

— Divino! Bela... Indescritível...

Lilly engasgou. Se não fosse pintora, viraria contorcionista. Gemeu e implorou, com os olhos fechados em êxtase... Suas mãos arranhando o futton.

Duas coxas grossas ficaram sobre os joelhos, entre as pernas delicadas. Os pelos roçando na pele macia e pinicando... Com mãos precisas, Brian ergueu os joelhos de Lilly... e escancarou-a.... ela estava tão exposta... *Deus Pai!* O coração dela saltou mil rotações.

Brian quase teve um troço!

— Caralho! Sua boceta! — exclamou, a visão daquele pedaço de carne tenro e úmido despertou o pior nele. Uma imagem que jamais iria esquecer. Sua Bela... sua intocada. Delicada, rosada, inchada e brilhando em seus fluídos.

Porra! Porra! Porra!

Mergulhou e Lilly arregalou os olhos.

— Briiiiaaan.

Ele agarrou a bunda empinada, levantando o quadril feminino... Expondo, ainda mais, a sua luxúria. O cheiro delicado de sexo fez os instintos primitivos dele aflorarem. *Porra, Lilly. Porra!* Então, beijou suavemente a parte interna da coxa e a bola de prata na língua instigou-a com desenhos circulares.

— Oh! — Ela engasgou novamente quando ele chupou a parte tenra de sua coxa, devorando-a com a boca tanto quanto era possível.

Quando Lilly sentiu a ponta da língua de Brian abrindo a intimidade dela, em toda a sua extensão, gritou... e um grunhido masculino e erótico fez cócegas em sua carne. Apenas um toque suave no clitóris, que depois recuou... *Jesus!* Lilly puxou uma respiração irregular entredentes. Brian era mau, muito mau. Ele parecia querer aumentar o desejo dela, em vez de saciá-lo.

— Bri-aaaan. — Ergueu a cabeça na tentativa de guiá-lo mentalmente.

O safado riu.

— Estou me recuperando do choque. Seu gosto é muito bom. — E era. Brian não sabia explicar, perdeu a conta de quantas bocetas já chupara na vida, todas comuns, previsíveis, mas a dela era especial... única... feita sob medida para ele.

Caralho! É a boceta da Lilly! Da Lilly… e é boa pra cacete!

Sem poder suportar mais, Lilly agarrou a juba morena para guiá-lo. Queria sua língua deliciosa de novo lá.

Chega de esperar.

Merda de tortura...

Graças a Deus!

Ganhou outra lambida descarada, com direito ao piercing abrindo-lhe novamente as carnes, seguida por uma abocanhada no clitóris em uma sucção violenta...

— Isso! Isso! — gemeu e o piercing balançou forte em sua carne sensível. E os ruídos que ele emitia eram de um bicho feroz e faminto. Estava tão excitada que gozaria a qualquer minuto.

Ela enlouqueceu quando os movimentos circulares mudaram. A língua traçou a borda de sua abertura rapidamente. Primeiro de leve, depois com mais pressão. Aí se aprofundou. *Jesus! Esse homem chupa tão divinamente quanto toca!* O macio da língua e a dureza da bola de prata contrastando. Lilly gemeu, ronronou, ofegou e gritou. Esfregou-se como uma louca contra o rosto dele.

Ele a beijou lá, como um desesperado. Chupou e mordeu os lábios íntimos inchados e escorregadios. Esfregou mais ainda o piercing abençoado na superfície lisa. Afundou a língua dentro dela... Fodeu-a.

Deus, ela estava no limite.

Quando Brian mordeu o clitóris, ela explodiu em um orgasmo barulhento e alucinado.

Brian fartou-se com o gozo da Lilly. *Porra!* Pernas macias tremendo, respiração falhando... Ele tomou tudo o que podia... Alimentou-se de cada gotinha que ela lhe ofereceu. Tão diferente... doce e salgadinha. Um perfume de sexo personalizado. Percorreu o dedo para colher o rescaldo da luxúria, pois precisava sentir mais. Enfiou um dedo lentamente e sentiu todo o fogo... Ela gemeu alto... e ele teve que apertar as bolas para não gozar. Nunca tinha chegado a esse ponto com uma chupada.

Estava fascinado!

O canal macio e acolhedor aceitou seu dedo... Aveludado, quentinho, melado, apertado e...

Merda!

Vibrador rosinha, o caralho!

Parou o movimento quando achou o invasor...

— Achei ele! — ofegou, quase em adoração.

— Hummm, ele? Que... quem? — balbuciou ela, sem conseguir abrir os olhos ou mexer-se.

— O carinha que vou detonar daqui a um minuto. — Brian esfregou o dedo com cuidado, como se estivesse tocando em nitroglicerina pura... Qualquer movimento brusco e *POWWW!*

É do meu hímen que ele está falando?

Lilly estava tão atordoada, atingida pelos tremores secundários do orgasmo e pela sensação inédita do dedo dele em sua boceta, que não conseguiu expressar nada com coerência... Só deslizar a mão sobre o peito dele quando subiu para beijá-la apaixonadamente.

— Sinta o seu gosto, Bela. — Seu cheiro e seu gosto impregnados no rosto e boca de Brian eram desconcertantes e tremendamente sensuais. Encontrou a argola de prata e puxou.

— Golpe baixo, Lilly.

De um salto, ele pôs-se de joelhos novamente. Não podia esperar mais. Estava desesperado... Seu pau a ponto de estourar e precisava de alívio imediato. Estava morrendo. Alcançou a fileira de embalagens douradas e pretas, destacou uma e rasgou com os dentes.

— O que está fazendo?

— Preciso foder essa bocetinha.

— Não!

Como assim, não?

O rosto de Brian mudou de euforia para desgosto em um segundo.

— Não? Eu pensei que me quisesse?

— Quero você... não um plástico.

— Mas...

Lilly apoiou-se sobre os cotovelos para encará-lo. Uma feição de gatinha-pidona brotou no rosto lindo, suado e vermelho. Brian gostava dela descabelada e com cara de tarada desvairada.

— Estamos saudáveis... e eu no controle de natalidade. Por favor, Brian... É a minha primeira vez, quero sentir tudo, por favooor.

Por Jimi Hendrix e Jim Morrison!

Pele com pele?

Jorrar minha semente dentro dela?

SIM! SIM! SIM!

O caralho que SIM!

— Bela, o aniversário é seu e eu que ganho o melhor presente da minha vida!

— Tecnicamente, o meu aniversário já passou há horas.

Brian voltou a pairar sobre ela, beijando-a com firmeza. Adorava o jeito desejoso dela retribuir e sua língua era perfeita. Soltou um gemido de prazer quando ela enroscou os dedos em seu cabelo, puxando-os. Lilly não podia mais esperar para sentir aquele pau, pressionado contra a sua barriga, dentro dela. Ele era todo perfeito. Esfregou o quadril, pedindo alívio.

Brian estava tremendamente excitado e nervoso.

Caralho!

Vou ser a primeira trepada dela!

O primeiro pau...

Eu! Brian Theodore Lincoln Pierce... Sou a porra de um sortudo de merda!

A mão dele deslizou pelo corpo delicado, e sem tirar os olhos de Lilly, acariciou a cintura fininha contornando a lateral até a coxa. Brian a sentiu tensionar. Ela estava muda, de olhos arregalados, implorando por ele. Então, girou o quadril para achar a posição perfeita.

— Relaxe, Bela, vou fazer de um jeito que você vai gostar. — Apoiou um braço para aliviar o peso e uma perna deslizou sob a dela, levantando-a, abrindo-a. Pôde sentir a panturrilha macia roçando atrás de seu joelho. — Só se deixe levar…

— E se... entalar? Meus músculos não estão acostumados.

— Não vai entalar. — Brian segurou o riso. — Confie em mim. Está tão molhada, que vou deslizar direto para o céu.

— Tem que caber... Precisa caber! — disse ela, claramente amedrontada e excitada.

— Shhhhh, calma.

Brian riu. Lilly era engraçada, ao mesmo tempo, que parecia com medo, estava animada.

Lilly sentiu o dedo indicador dele contornar a borda macia de seu sexo.

— Gosta disso? Do meu dedo em você? — Sim, ela gostava. Ela o queria muito, estava excitada no topo, mas com medo.

— Simmmm... mais.

Ele aplicou círculos lentos ao redor de sua boceta... Brian queria ser cuidadoso... Seu vai e vem foi suave e preciso.

— Porra, sua bocetinha está encharcada de novo.

Ele estava nervoso, seu coração seguia em um ritmo disparado, sentia Lilly tensa e excitada... Caralho, ele nunca quis foder alguém tanto assim. Agora!

Guiou o pau em sua entrada. Esfregou para instigá-la e lubrificar a Fera. Ele era um cara grande e ela apertada.

Virgem, caralho! O primeiro! Porra!

Pressionou a cabeça e entrou... de uma vez, na carne úmida e apertada, que se alargou para recebê-lo. Sentiu a pressão ao dizimar o hímen e seguiu em frente.

PUTA QUE PARIU!

PORRA!

— Oh! Deus! — ela sussurrou.

Seus corpos e respirações congelaram.

Era mágico... novo... assustador e lindo.

A Fera rendeu-se à Bela...

Estar nela despertou em Brian uma sensação nova. Além do prazer intenso em sua virilha, claro. Era como se ela fosse um molde perfeito envolvendo cada centímetro dele, com maciez e um calor avassalador. Uma sensação tão extraordinária e única! Ele não estava entendendo. Por que o coração dele tinha vibrado daquele jeito? Por que não parecia apenas foder? Por que se sentia tão vivo e animado? Por fim veio o medo, estar com Lilly ia além das barreiras físicas, ele estava conectando-se emocionalmente.

— Quer que eu tire? Machuquei você? O piercing? — Ele queria mexer-se, mas não sabia. Sentia-se confuso.

— Não... — Lilly sussurrou delicadamente.

Brian relaxou e voltou a respirar quando ela fechou os olhos e mexeu os quadris, pedindo por mais.

Lilly não sabia o que dizer. Só queria mais, queria tudo. Ter Brian dentro dela, a preenchendo toda, era tão íntimo, tão pleno e tão arrebatador, que a picada do hímen rompendo, e a dor ao ser alargada ao limite não eram nada. O prazer sim... era infinito. Melhor do que tudo que tivesse imaginado ou sonhado. Era bom! Era o Brian! Era mais... Não apenas o corpo excitado dela rendendo-se ao dele... O coração, a alma, e os pensamentos... ela sentia-se totalmente possuída.

Jesus!

O que eu faço com tanto sentimento?

— Vou me mexer agora. Vamos juntos, ok?

— Sim... juntos.

Quando a tensão diminuiu e seus corpos relaxaram, Brian saiu e entrou novamente, suspirando ao deslizar fundo.

PORRA!

— Briannn, isso é bommm — ela ofegou e as mãos trêmulas exploraram as costas e bumbum masculino incrível. Lilly sentiu o estômago apertar de necessidade. — Mais...

E a mágica aconteceu... O vai e vem lento, logo tornou-se urgente. Fora e dentro... Fora e dentro, mais e mais, e mais... Não havia dor... só prazer e urgência.

— Isso! Mais!

Um ritmo logo foi estabelecido, quadris em sintonia como se conhecessem e fizessem aquilo a vida toda. Quanto mais enterrava fundo, mais Lilly gemia e delirava. Meteu, meteu, meteu, meteu... e meteu mais... em meio aos sons delicados repletos de prazer escapando da boca gostosa dela. Brian ficou louco.

Lilly só sabia esfregar-se, rebolar e gemer. Agarrou os cabelos dele. Tudo estava tão intenso... *Deus!* Como estava gostando de ser fodida. Aquelas bolinhas de prata dentro dela eram milagrosas... O pau dele era todo milagroso. Fazer sexo era um milagre!

Era cósmico!

Com as respirações entrecortadas e embalados pelo movimento de vai e vem de seus quadris, eles foram atraindo-se como imãs... Suas virilhas chocando-se... metendo, fodendo, devorando e metendo mais. A Fera esfregando-se dentro dela. Os arranhões nas costas dele, os cabelos arrancados...

Aiiiii, que delícia.

— Hummm, Brian.

A voz doce e rouca dela combinada com o cheiro de sexo e a sensação de prazer, potencializada pelo piercing, eram avassaladores. *Tão molhada... apertada! Caralho!* Brian queria possuí-la ainda mais duro... para sempre.

— Porra, Lilly, isso é bom mesmo.

Foderam e beijaram como dois malucos, mortos de fome. O clitóris de Lilly pulsava de excitação. Os dois nunca tinham sentido um prazer tão intenso e não tinham nenhum controle sobre aquilo. Quando o piercing esfregou em um ponto dentro dela, os dedões do pé de Lilly enrolaram involuntariamente.

— Jesus!

— Sim! Isso! Bela... Deus, eu amo isso!

Lilly achou que Brian sabia muito bem daquele ponto alucinante. Não podia fazer nada, sua boca estava aberta em êxtase. As contrações na boceta foram ficando mais fortes e o pau dele mais intenso, duro e maior. Uma onda elétrica explodiu na coluna dela e as mãos de Brian correram para agarrar a bunda da esposa, tornando a penetração mais intensa e profunda. Lilly não soube quando, nem como o prazer quebrou, atingindo-a como um raio.

— Brian, Brian, Brian... — ofegou, clamou, choramingou.

Que gozada é essa?

Nunca senti um troço desses!

— Isso, goze para mim, Bela!

— Mmmmm, Brrriiaaannn.

Tudo dentro dela virou uma bagunça trêmula. Uma convulsão atrás da outra, de um prazer quente úmido. Perdeu o controle do corpo e ganhou uma onda de felicidade indescritível.

Deus, isso é o céu?

Para Brian, sentir Lilly gozar em torno de seu pau daquele jeito tão insano... contraindo e sugando todo seu comprimento, foi a redenção. Perdeu o controle, o juízo e deixou-se ir.

— PORRA, LILLY! QUE FODA LOUCA DO CARALHO!

Ele gozou forte, gozou duro e gozou muito. Jorrou toda a sua essência, enchendo aquela mulher possessivamente. A sensação de pele contra pele intensificara tudo.

Lilly intensificara tudo. Tudo!

Brian desmoronou sobre ela, sem forças para nada. Tinha acabado de ter outro maior de todos os orgasmos, tão explosivo... e estava prestes a desmaiar.

Ficaram assim: entregues e ainda unidos... A Fera na Bela... Corpos e testas colados... Suados e sem controle, por minutos até que Brian rolou, saindo de dentro dela, puxando-a para um abraço e Lilly sentiu-se tão vazia.

— Isso foi muito... muito... muito bom, Lilly — murmurou com um sorriso torto.

— Agora entendo por que dizem que sexo vicia.

Eles riram e depois voltaram a se perder... Cada um em seu mundo... Tentando absorver e entender a porra da sensação mais incrível de suas vidas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



25

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Você está bem? Está com dor?*

Ao sentir uma contração no clitóris, Lilly abriu os olhos de sobressalto, nem percebera que tinha cochilado. O céu esboçava uma alvorada. Ainda estavam sobre o futton no terraço. Um dedo atrevido de Brian brincava dentro dela, acariciando as paredes internas da vagina. Por reflexo, ela girou os quadris e respirou fundo puxando o ar entredentes.

Os azuis-violeta brilhavam. Brian continuava gloriosamente descabelado e nu, deitado de lado e com um sorriso satisfeito e malicioso no rosto.

— Você está bem? Está com dor? — repetiu ele ansioso.

Sensível...

A lembrança da Fera ainda estava ali, mas a dor não... Só uma outra onda de desejo. A sensação daquele dedo mágico era maravilhosa. O homem tinha criatividade para acordá-la.

— Não... nada de dor.

— Bom.

O indicador entrou e saiu... entrou e saiu, girando e acariciando os pontos sensíveis. Um gemido abafado escapou da garganta de Lilly.

— Estava gemendo desse jeito, enquanto cochilava. Não resisti... meu pau está faminto e quer você.

Ela conferiu o belo pedaço de carne e músculos, *delicioso* e *duro*. Estendeu a mão embalando-o. Nossa, podia passar a vida segurando aquele pênis.

— Eu gosto que ele me queira.

— Gosta? — Brian perguntou em um grunhido, esfregando-se na mão pequenina. Ele era naturalmente sexual e apelativo.

— Hum-hum... gosto.

— Bom.

A voz densa e embriagadora era um convite irresistível.

Ele quer mais sexo?

Lilly podia lidar com aqueles desejos esfomeados, o tempo todo, se ele quisesse. Então, abriu mais as pernas permitindo total acesso e continuou ordenhando a Fera. Os primeiros raios do dia, que incidiam sobre a pele morena dele, faziam o músico parecer um anjo pecador. Ela fechou os olhos e deixou-se levar. Outro dedo entrou na brincadeira e vagarosamente acariciou o clitóris fazendo círculos.

— Hummm, bom.

A respiração de Brian que estava calma, acelerou.

— Quero te comer por trás.

Deus!

Ela largou a Fera.

— Por trás? — engasgou.

Lilly não estava preparada para uma experiência tão intensa. Tudo bem, que queria tudo com ele, mas mal tinha lhe entregue a virgindade. Será que ele já tinha cansado da sua bocetinha? O corpo inteiro dela tensionou só de pensar naquela coisa imensa a fodendo ali.

Brian riu divertido, beijou o pescoço tenso e com o nariz cutucou a orelha minúscula.

— Não na bundinha, Bela. Claro que está na minha lista de desejos, mas não agora. Só quero apreciar esse seu traseiro requintado rebolando, enquanto te fodo, só isso. — Riu divertido. — Vire-se.

— Oh!

A respiração de Lilly parou.

O guitarrista não fora grosseiro e a voz ainda era suave. Mas, o "vire-se" não tinha sido um pedido e algo naquele tom autoritário a excitou mais. *Eu gosto disto? Que ele me dê ordens?* Indecisa, Lilly piscou algumas vezes, mas por fim cedeu. O pênis de Brian contorceu e ele grunhiu baixinho, posicionando-se de joelhos atrás dela.

— Caralho, que maravilha!

Gentilmente, o guitarrista empurrou as costas delicadas até que Lilly estivesse apoiada sobre os joelhos e cotovelos. O bumbum arrebitou mais ainda.

— É foda!

Mãos calejadas e firmes afastaram as pernas dela. *Deus!* Agora Lilly estava toda exposta, sem ar e... cheia de vontade. Um som de desejo primordial saiu dos lábios carnudos do Brian, atiçando-a mais ainda.

— É toda linda, Lilly. Acho que posso te comer eternamente, sem me cansar.

Lilly adorou ouvir aquilo!

Brian espalmou as bochechas da bunda de Lilly, apertando-as. Ela congelou quando sentiu um polegar esfregar em seu ânus. Pensou em protestar, mas depois do que fizera ao marido na manhã anterior... seria muita hipocrisia.

— Gosta disso?

Acariciou-a com suavidade. Ela olhou sobre os ombros e notou que o músico parecia perdido... Os olhos azuis estavam vidrados nela, as mãos e os dedos exploravam cada centímetro da sua intimidade mais secreta.

— Diferente, mas bom, eu acho — respondeu suavemente.

— Ficou uma marquinha da mordida que eu te dei.

Os olhos dos dois encontraram-se.

Deus, como ele é lindo!

— Estamos empatados. A marca no seu peito ainda vai ficar alguns dias.

Brian baixou o olhar examinando o tórax.

— Gosto dela.

Sorriu quase tímido e então penetrou-a.

— Oh, Deus! — *Tão bom, tão bom*... Lilly contorceu-se quando a Fera saiu lentamente e depois voltou... — Oh, Deus! — duro e profundo, girando o quadril.... — Oh, Deus! Brian, sim, mais!

Atencioso, ele mudou o ritmo para duro, profundo e lento... Girando... girando... e caprichando nas estocadas precisas e sem pressa. Lilly deliciou-se com cada centímetro que se espremia, pedindo passagem, preenchendo-a e depois... esvaziando-a. Não sabia se gostava mais do ritmo lento... ou furioso...

Ah! Estava gostando de tudo! Gostava era do Brian!

Lilly seguiu os instintos e rebolou. Deu o seu melhor... e também o instigou de forma lenta e sensual... Indo de encontro com a Fera.

— Isso! Rebola pra mim, Bela. Vem, me engole.

Ele sentiu o cheiro da excitação almiscarada da boceta de Lilly. Aquela coisinha apertada e quente era gulosa. Vê-la engolindo o seu pau centímetro por centímetro era... era...

PORRA!

... não conseguia tirar os olhos do ponto onde seus corpos se fundiam. Queria filmar aquela bunda gloriosa rebolando...

Uau!

— Você está pegando fogo, Bela. Molhada e apertada, meu te pau ama. Gosta dele?

— Mmmmmm.

O vai e vem lento e profundo era enlouquecedor. Uma mão forte agarrou os cabelos delicados e bagunçados, e Lilly olhou pelos ombros novamente. O prazer lento era intenso demais e ao ser surpreendida com uma estocada mais forte e profunda, ela choramingou cravando as unhas no futton.

Brian ansiava descobrir se Lilly apreciava o sexo tanto quanto ele. Os gemidos suaves diziam que sim, mas queria ouvir dela.

— Olhe para mim. Gosta do meu pau dentro de você?

Lilly contorceu-se deliciosamente ao redor dele.

— Si-sim.

— Gosta assim... lento?

Ele saiu e entrou devagar, de novo e de novo.

— Hum-hum...

— Ou duro?

Meteu com força e Lilly engasgou.

Nossa!

— Ou rápido e forte?

Uma sequência de estocadas urgentes a atingiu e depois cessou.

— Oh, Deus, Bri-annn. Rápido duro, lento, forte... tudo... tudo. — Atordoada, balançou a cabeça. — Apenas continue!

Brian sorriu satisfeito. *Sim, a Pequenininha amava o sexo!* Podia dar tudo a ela... sem restrições. Lilly era tão aberta e receptiva. O músico inclinou o corpo encostando a barriga nas costas da esposa. Provocou a pele macia do ombro delicado com a língua, mantendo as estocadas constantes e vigorosas. Passou o braço pela cintura, prendendo-a. Com a mão livre encontrou o clitóris inchado e escorregadio. Dedilhou uma sequência de *Sexy Night*.

— Bri-annnn Sim, Deus! Sim!

Ele estava em êxtase. Juntos eram audaciosos, carnais e íntimos ao extremo! Dois sem limites, descobrindo um ao outro... com os corpos enroscando-se e fodendo-se como dois selvagens pingando de suor.

Porra! Porra! Porra!

Tanta afinidade só o fazia querê-la mais. Agarrou um peito de Lilly, rolando o bico entre o dedo médio e o polegar. Aplicou pressão e puxadas precisas.

— Oh, oh, oh, oh, oooohhhhh!

O músico ganhou uma sequência de gemidos sufocados, combinados com o movimento dos quadris mais ensandecidos que ele já vira! Impressionado, ofegou no pescoço de Lilly que se contorceu, indo ao encontro dele feito uma louca. Num ritmo maravilhoso. Brian já não sabia quem estava comendo quem.

— Porra, Bela! A gente se encaixa. Mexe mais... goza pra mim.

Também no limite, ele bateu forte e rápido. Perseguia outro orgasmo e queria gozar tão forte quanto das outras vezes... E sabia que iria, era impressionante. O sangue pulsou firme nas veias e toda a parte inferior do corpo dele tensionou. A cada contração de boceta, as bolas comprimiam.

— Isso! Lilly!

— Deus... Sim, sim... — os gemidos delicados eram urgentes. — Bri-annnn...

O gozo intenso de Lilly foi um gatilho para dele... Brian urrou quando as pulsações do prazer feminino dominaram a Fera, que entrou em erupção descarregando forte dentro dela...

— SIM! PORRA, SIM! — gritou para o céu azul de Vegas!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Um ronco forte de motor e uma curva acentuada acordaram Lilly, que esfregou os olhos preguiçosamente. Sonolenta, levou uns bons segundos para situar-se. Lembrou-se dos gritos histéricos na saída do hotel, dos gritos na chegada ao estádio e dos gritos na saída de Vegas. Recordou-se também de um repórter idiota perguntado se os dois eram amantes e o ex-noivo havia descoberto e de outro insinuando uma gravidez...

Deus, não era sonho... e tão pouco, imaginação.

Ela estava vivenciando uma nova e louca realidade. Deitada na cama de casal, no quarto do QG, com Brian ao seu lado. Só de jeans, em um sono tranquilo e pesado

Caramba!

Entreguei-me para esse homem!

O corpo de Lilly vibrou e os músculos do ventre contraíram. Ela suspirou ao lembrar-se que, depois da maratona no futton do hotel, Brian arrastou-a para o chuveiro. O *Palazzo* sairia em uma hora e dormir não seria uma opção. Além do mais, o homem era uma contradição ambulante, cheio de surpresas. O amante devasso virou um monge no banho.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Sem discussão, mocinha. Dá essa bucha!*

— *Eu sei me lavar, Brian. Não sou criança.*

— *Mas é toda miudinha.*

— *Hey! Não sou miudinha! Você que é enorme!*

— *Por isso mesmo. Deve estar dolorida. Sou grande e deveria ter pegado leve. Não estava acostumada ao sexo. Tenho medo de ter te machucado.*

— *Deus, Brian! Não sou de vidro!*

— *Mas é delicada.*

— *Posso ter ficado um pouco impressionada, mas o corpo das mulheres foi projetado para receber o dos homens! Nunca me senti tão bem.*

— *E daí que foram projetadas! Lilly, você não é como as outras mulheres. É a Bela! Portanto, não é exagero e vou cuidar de você! Dá-essa-bucha!*

— *Toma.*

Batalha perdida para o macho superprotetor.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Tudo bem, Lilly estava um pouco... *sensíve*l, as partes íntimas dela nunca tinham feito aquele tipo de exercício. Sentou-se na cama. *Ui! Beeem sensível!* Sorriu para o moço lindo, adormecido e teimoso.

Brian, Brian o que faço com você? O que faço com isso?

Até que Lilly poderia dormir mais, já que, fisicamente estava um bagaço. Porém, seria impossível com a cabeça a mil, os pensamentos voando e os flashes da noite intensa inundando a sua mente.

Jesus! Eu transei com o Brian! Duas vezes!

Ela jogou a coberta para o lado, saiu da cama. Foi direto para o banheiro. Os dois estavam tão exaustos que capotaram de roupa e tudo. O vestido larguinho e florido de verão, que usava, estava um pouco amarrotado, mas dane-se. Estava em casa, mesmo que a cem quilômetros por hora, certo?

Sorriu ao olhar no espelho. Os mesmos olhos, cabelos e boca. Apesar de não ser totalmente inexperiente no sexo, a penetração sempre fora um tabu. Fantasiou por tanto tempo sobre a perda da virgindade que achou que seria outra mulher quando acontecesse. Pelo menos uma pele azul, antenas ou um néon *EU DEI*, piscando na testa. *Que nada!* Tirando o sorrisinho besta no rosto, era ela ali... a mesma Lilly. Então, por que ela se sentia diferente e fora do seu padrão?

Deus! Estou diferente e a quem eu quero enganar? Jamais voltarei a ser a mesma depois de hoje. Depois de Brian.

Estremeceu... e ficou confusa. Brian era intenso, exagerado e um espetáculo de amante. Havia tanta coisa para assimilar. *Perigo! Perigo!* Estava se deixando envolver mais do que deveria.

Caras intensos, Lilly. Não esqueça disso! Uma hora a novidade passa!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Saiu do quarto descalça para encontrar tudo às moscas. Os raios de sol, que transpassavam as persianas, deixavam o interior do QG ainda mais claro. Acostumou-se com o balanço da estrada e espiou por uma das janelas amplas e modernas. O céu azul estendia-se, sem nenhuma nuvem, até o horizonte. Só um monte de nada passando rápido, em algum ponto do Arizona. Atravessou a sala em direção à cozinha. Estava faminta e reconheceu Dilon na cabine do motorista.

Quantas funções esse cara tem?

O estômago dela roncou. Amaldiçoou-se por ter esquecido os bolinhos de Marie, quando saíram atrasados do hotel.

Abriu a geladeira de aço cromado e freezer anexo. *Uau!!!* Cerveja, cerveja, cerveja... Vodca e mais vodca. *Ah! Donuts! Ecaaa!*

Alguém aqui é agricultor e está cultivando fungos nessas embalagens de fast-food vencidas!

Deus, como eles sobrevivem?

Transformando esse leite duro e vencido em queijo ou iogurte?

Milagre, uma garrafa de água!

Nos armários, mais um monte de nada. Só uma caixa de cereal da idade de Cristo e várias embalagens de camisinhas. *Esses caras só fodem? Não comem?* Contentou-se com a água. Abriu a garrafinha e deu alguns bons goles. Hesitou uns instantes, mas acabou indo atrás do único ser acordado. Não queria atrapalhá-lo, nem sabia se conversas eram permitidas, enquanto dirigia. Só que o achara tão gentil ontem, preocupando-se em levar-lhe o guarda-sol... arriscou.

— Oi.

— Lilly.

— Atrapalho? Posso ficar um pouco com você?

— Atrapalha nada. — Dilon apontou a poltrona vazia na cabine do motorista. — É bom ter um pouco de conversa por aqui.

Lilly sentou no banco de couro macio atrelando o cinto de segurança. *Uau!* A cabine parecia tão moderna quanto a de um avião. A visão da estrada era ampla. Eles pareciam os únicos seres vivos a quilômetros. Nenhum outro carro, indo ou vindo. Ela cruzou as pernas em lótus e encolheu-se, com medo de esbarrar em algo e acabar ejetando alguém.

— Caramba! Quantos comandos! Como não se perde?

Dilon riu, sem tirar os olhos da estrada ensolarada e árida.

— A gente acaba se acostumando. Eu controlo o *Palazzo* inteiro por aqui. Essa belezinha só não dirige sozinha. E o Brian? — Ele apertou um botão e uma tela acendeu dando uma panorâmica do piso inferior do QG.

— Dormindo. Tem uma dessas nos quartos?

— Não! — O faz-tudo olhou-a quase ofendido. — Nos quartos e banheiros, só com permissão digital para ativar. Às vezes, os caras usam por cautela para evitar que as mulheres os acusem ou processem por alguma bizarrice. Aí acham mais seguro filmar se precisarem comprovar que tudo foi consensual. Tem também um sensor de calor que aponta quantas pessoas estão embarcadas. Sempre checo antes de partirmos. Já encontrei fã até no compartimento de carga e na geladeira.

Lilly riu ao imaginar a fã junto aos fungos. Se morresse lá dentro, nem iriam se dar conta.

— Não fica cansado? Eu te vi dando duro na montagem de palco. Agora, dirigindo?

— Não. Sempre durmo entre os intervalos ou à noite. Abaixe um pouco a cabeça. — Lilly obedeceu. Ele apertou um comando e um compartimento no teto da cabine moveu-se revelando

uma cama confortável. Em seguida, recolheu-a. — Quando estou cansado ou a viagem é muito longa, acabo revezando com um dos outros caras da equipe de apoio ou da segurança. Todos querem dirigir essa beleza aqui.

Dilon era um cara de papo fácil. Lilly descobriu que ele tinha trinta e um anos e estava com a banda desde sempre. Ele era como uma peça chave, fazia de tudo um pouco e não costumava sair muito, só nas noites de folga. Aí... frequentava bares com os outros caras. Jamais os clubes de sexo. Era noivo há seis anos. Às vezes, ela o visitava ou ele conseguia folgas.

Era uma vida dura, mas não a trocaria por nada. A maior parte do ano na estrada. Indo de cidade em cidade para as turnês. Com o cronograma apertado, cheio de compromissos e os ataques dos fãs, mal podiam aproveitar os lugares. Por isso, a banda costumava trocar o dia pela noite. Aproveitavam a estrada para dormir.

— Mas vocês passam por tantos lugares. Deve existir um monte deles em que possam só relaxar sem serem reconhecidos. — Ela olhou para o deserto lá fora.

— Tem muitos. Acho que só acostumamos a não fazer nada.

A ideia de ficar parada, sem fazer nada, foi meio perturbadora para ela. Pediu permissão e alcançou um tablet no console.

— Onde estamos?

— A duas horas e meia de Phoenix. Em algum lugar do Arizona, chegando em Tempe.

Lilly navegou por um tempo na internet.

— É... aqui só tem deserto. — Olhou pelas janelas imensas e riu. — Mas chegando em Phoenix, diz que tem um parque. O Jardim Botânico de cactos e flores exóticas. — Virou o tablet para que Dilon visse a imagem de uma flor selvagem. — Deve ser incrível! Duvido que os fãs fanáticos estejam por lá. — Fuçou mais um pouco e se animou. — Fica só a vinte minutos do estádio.

— Acho que hoje não vai dar. — Levantou os ombros, desculpando-se. — Vamos chegar às duas horas. O Mark falou que os caras têm agenda cheia até a hora do show. Essas merdas de entrevistas e depois, a passagem de som e mais um *meeting* da rádio local.

Deus, e eu? Vou ficar trancada no QG, em um estacionamento escaldante, esperando?

Ouviu um som no meio do corredor. A escada embutida no teto da sala desceu. Logo as pernas de Gabe e Adan apareceram. Depois seus corpos bonitos, só de bermuda e com cara de ressaca. Resmungavam algo sobre o tédio e os roncos incessantes de Big. Abriram a geladeira e depois de uma careta, Adan pegou duas latinhas de cerveja, lançando uma para Gabe, que se

esparramou no sofá.

— Dilon, precisamos parar em algum lugar! Estou faminto! — Adan gritou da sala, com uma voz mal-humorada e dura.

— Vamos passar por Tempe daqui a pouco, vou ver se acho alguma coisa por lá.

Lilly agradeceu a conversa, saiu da cabine e foi se juntar aos músicos no sofá. Gabe tinha ligado a imensa tela plana embutida e estava rindo com Pokémon na Cartoon.

— Coloca na CNN, caralho! — Adan tentava agarrar o braço dele, para pegar o controle.

— Sai! — Gabe escapou com um tapa. Abafou o riso e foi sentar-se longe, em uma poltrona. — Eu liguei primeiro! Vai assistir lá em cima, no beliche. Sabia que no Japão, umas crianças entraram em transe com o Pokémon! Irado!

— Cara, em uma escala de um a dez em idiotice, certamente você é trinta — Adan resmungou e revirou os olhos, considerando Gabe como um caso perdido. Deu um longo gole na cerveja e virou-se para Lilly, que se divertia vendo os dois brigarem. Ele a examinou com curiosidade. Arqueou uma sobrancelha e riu de um jeito cúmplice.

Deus!

Será que está escrito na minha testa: EU DEI?

— E aí, boneca, e o babaca lá dentro? — Inclinou a cabeça, apontando o quarto. — Tem se comportado? Posso aplicar um corretivo nele, se quiser.

Lilly corou e tentou esconder o sorrisinho idiota. A simples lembrança de Brian a fazia uma ameba.

— Até agora, sem reclamações.

Corretivo mereço eu! E meu jovem coraçãozinho prestes a ser implodido.

— Pelo sorriso idiota dele hoje, as coisas devem estar melhores que bem! — Gabe gritou da poltrona.

— Se fecha, Gabe! Assiste o seu desenho e deixe os adultos conversarem.

— Imbecil!

— Intrometido!

O amor entre eles era lindo. Lilly não conseguiu decidir quem era o mais implicante porque a barriga dela roncou alto, fazendo Adan gargalhar.

— Nossa! Uma anaconda! O Brian não te alimenta, não?

— Saímos apressados. — Corou, fazendo uma careta de *sinto muito*. — Que bom que vamos parar. Pensei que tínhamos que esperar até Phoenix.

Adan soprou uma mecha de cabelo loiro em seu olho.

— Não, e se quiser alguma coisa, é só pedir para parar ou desviar um pouco o caminho... O Dilon controla os horários. Se não for nos atrasar, pode ir à China se quiser.

Lilly gostou da informação.

— Nunca tem comida aqui?

Adan fez uma cara desanimada.

— Não. É mais fácil parar. Aqui, só Big e Dilon cozinham e muito mal. Já tentamos uma governanta, mas... a mulher surtou quando pegou o Gabe fodendo na mesa de bilhar. No QG do Mark até cozinham, mas é tóxico e explosivo. *AFASTE-SE!* — O músico fez uma expressão de horror que depois mudou para nojo. — Ah! Fuja do *home* da técnica! A Anne tem complexo de grilo, lagartixa ou uma merda dessas. Só come coisas verdes e um queijo esquisito de soja.

Lilly pensou em brincar que eles não ficavam muito atrás da Anne. A geladeira ali, também só tinha fungo verde, cevada e um queijo esquisito à base de leite podre.

— Não gosto muito de *fast-food* e até que me viro bem com as panelas. Em casa sou só eu e Marie, sempre a ajudo na cozinha.

— Isso é incrível! Sabe fazer panquecas, Lilly? — Gabe gritou, esfregando as mãos na barriga.

Uma lembrança boa fez o coração de Lilly aquecer de saudades.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Mamãe!*

— *Andreas! Não implique com a sua irmã. Devolva esses ovos!*

— *Ecaaa, isso é panqueca ou gosma de sapo?*

— *Querida, não ligue para seu irmão... não chore! Ficará melhor e melhor. O segredo... é nunca desistir...*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly e o irmão viviam às voltas da mãe na cozinha e a deixavam quase louca, sempre implicando um com o outro, sujando tudo, mas era o momento especial dos três.

— Minha panqueca é ótima — disse com a voz embargada. — Minha mãe me ensinou.

Animado, Gabe se revirou na poltrona.

— Faria algumas pra mim?! Eu a ajudo, juro! E ainda toco um solo só para você.

— Claro, por que não? Dez panquecas por um solo, que tal? — Sorriu com carinho.

— Perfeito! — ele vibrou, depois ficou pensativo, zapeando entre os canais de desenho. — Sabe... você é legal, Lilly. Merda! Deveria ter ganho do Brian e me casado.

Lilly riu.

— Deixe-a em paz, Gabe! A garota não tem que cozinhar pra você! — Adan tacou uma almofada, acertando em cheio a testa do amigo.

— Ai, doeu! Que mal tem de pedir para casar e cozinhar?

— Ela já é casada, otário! Nos Estados Unidos, bigamia é crime! Se o Brian ouvir isso, arranca o seu pau!

Lilly ofereceu ao vocalista um sorriso amigável.

— Tudo bem, Adan, deixa ele, coitadinho. — Lilly estava começando a achar Gabe fofo. Quando ele fazia aquela cara de pidão era meio impossível negar-lhe qualquer coisa. — Só quer umas panquecas... e eu... qualquer coisa para não ficar sem fazer nada.

Adan fez uma pausa, colocou a latinha vazia no chão e apoiou as pernas compridas na mesinha fixa de centro. Observou Lilly ajeitando-se de bruços no sofá, relaxada, enquanto ria do entusiasmo de Gabe com os desenhos.

Milhares de garotas dariam tudo para seguir viagem com eles. Nem por isso, iriam cozinhar ou se preocupar com o bem-estar da banda. Mas Lilly era diferente. Era natural tê-la perto. O jeito simples e sem afetações começou a cativá-lo. *Uma moça de família que só caiu de paraquedas no meio deles*. Não era como as fãs desmioladas e desocupadas, que viviam em função de seus paus e dos cinco minutos de fama.

— Sua vida em Los Angeles é agitada?

Lilly abraçou uma almofada e virou-se para Adan. Gostou do interesse dele. Parecia genuíno. O vocalista tinha um jeito fechado e mandão e ela chegou a ter raiva dele por causa da Penne. Mas estava notando algo em sua atitude, no modo como interagia com todos, que a fez reconsiderar se a antipatia inicial não era só implicância.

— Meu estúdio fica em casa, mas meu trabalho vai onde eu vou. — Agitou os dedos, lembrou das tintas que Brian lhe dera e sorriu. — Talvez pinte enquanto estiver aqui. Estou sempre produzindo. Fora minhas telas e desenhos, faço alguns trabalhos por encomenda... painéis e retratos para algumas celebridades e atletas. Há dois anos, desenho para o Ballet de Nova Iorque. Eles gostam dos traços em carvão que faço para o programa. Viajo algumas vezes também... *Vernissages*[57] ou compromissos com as galerias. De resto, ando por aí olhando as coisas e buscando inspiração. É bom, mas não agitado como a vida de vocês.

Uma avalanche de um metro e noventa e dois centímetros de músculos e cabelos castanhos, soterrou Lilly de surpresa. Ela soltou um gritinho de susto e excitação. A ereção amimada em sua bunda a fez corar.

— Ahhhh... Tô esmagada!

Brian não resistiu, ao sair do quarto e vê-la de bruços no sofá. A bundinha empinada dela era como um ímã. Precisava esfregar-se.

— Senti a sua falta na cama — a voz preguiçosa e sussurrada, esquentou o ouvido dela.

— Impossível dormir com o seu ronco — provocou-o.

Uma sequência de cócegas nas costelas fez Lilly gargalhar.

— Hey! Eu não ronco, mocinha.

— Para! — implorou, ofegante entre risos.

— Não! — Outro ataque implacável. — Até retirar o que disse!

— Nunca!

Adan e Gabe trocaram olhares. Ontem na boate, depois do show, comentaram entre eles sobre a mudança de humor de Brian. Em vinte e quatro horas, o cara foi da água para o vinho. Ele vinha se recuperando, aos poucos, da sua fase chato-depressiva, pós-Kate.

Voltou a se divertir com eles e ir aos clubes para pegar mulheres, mas nunca parecia inteiramente feliz. Porém, ontem, no ensaio da tarde, estava animado. E no show, foi fenomenal e eletrizante, fora aquela coisa romântica dos parabéns. Veio com a ideia minutos antes de irem para o camarim, estava tão empolgado que concordaram.

É claro, que estavam felizes por Brian. Ele ranzinza era um saco, além do quê, o consideravam como família. Só que ver os dois rindo, provocando-se, era meio contagiante e inspirador. Gabe queria ter alguém que o acompanhasse nas turnês e Adan sentiu a solidão apertar.

Lilly, de alguma forma, tinha conseguido escapar do soterramento de Brian. Agora ela estava presa ao colo dele, debatendo-se por liberdade. Tentou morder o braço tatuado, mas ele a apertou ainda mais.

— Vou fazer xixi na calça! Para! — Lágrimas escorreram dos olhos dela de tanto rir.

Gabe sacudiu a cabeça e lançou um olhar de piedade.

— Tem que pedir água para ele parar — deu a dica com propriedade.

— Águaaaaaaa!

— Não ouvi.

— Águaaaaa! — Lilly berrou outra vez.

A escada desceu novamente e os quatro na sala ficaram quietos. Dois pares de pés surgiram, um feminino e outro imenso. Penne só murmurou um bom-dia e foi direto abrir a geladeira. Teve a mesma reação de decepção que os amigos. Fechou, sem pegar nada. Sentou sonolenta em uma poltrona ao lado de Gabe, encolheu as pernas e puxou a camiseta verde gigante que vestia, fazendo um casulo.

Depois Big, com um baita arranhão no rosto, seguiu o mesmo processo.

Por que eles insistem em abrir, se não tem nada além de cerveja?

— Caralho! Quem consegue dormir com essa zona aqui embaixo! — a voz irritada de Big era quase um trovão. — Não deviam estar deprimidos, com tédio ou dormindo?

Adan balançou a mão indicando para Big abaixar o tom.

— Nem todo mundo teve uma noite de merda como você! Falei que aquela mulher da boate era roubada.

— Como eu iria saber que era casada e o marido um louco? — rosnou e sentou-se ao lado de Brian e Lilly, ainda ofegantes pela briga de cócegas.

Penne lançou um olhar de *elementar-meu-caro-Big*.

— Pela aliança enorme talvezzzzz? — E continuou a enrolar uma mecha de cabelo rosa entre os dedos.

— Parada em cinco minutos! — a voz de Dilon ecoou no sistema de som.

O Gladiador rosnou, com cara de que não estava para brincadeiras e afundou-se mais no sofá.

— O arranhão? Limpou isso aí? — Lilly arriscou um contato, acariciando o machucado na

bochecha do amigo emburrado.

Big revirou os olhos sobre Lilly, que continuava no colo de Brian, mas agora com a cabeça recostada no ombro dele. Ele arriscou um semi sorriso.

— Lavei no banho. Fã maluca. — Suspirou e fechou os olhos, ignorando a todos.

Dilon reduziu a velocidade, fez uma conversão na rotatória, parando totalmente o *Palazzo*. O tranco fez com que todos levantassem e começassem uma correria barulhenta em busca por camisetas e sapatos.



26

Lilly sentiu o sol aquecer o rosto, assim que pôs os pés na escada de ferro moderna de desembarque. Desceu com Brian colado às suas costas.

— Que irado! — o guitarrista vibrou. — Comida de verdade!

Mais seis corpos se acotovelaram atrás deles ao final da escada. Alguns amimados, outros nem tanto.

— É sério? Cadê o *Mc Donald's*? — Penne bufou.

— Dê graças a Deus que achei este lugar — Dilon se irritou.

Um animado Gabe riu.

— Com certeza servem panquecas aqui!

— Para mim, parece ótimo. Qual é, Penne, esqueceu que cresceu idolatrando a comida caseira da sua avó? — Lilly brincou.

— Vamos... estou com o estômago grudado nas costas. — Adan foi em frente, seguido de um Big rosnador e sonolento.

À frente deles, nada de um complexo rodoviário com lojas e lanchonetes. Apenas um casarão antigo de madeira, com a pintura amarela clara descascada, uma bomba de gasolina solitária no chão coberto por cascalhos, e alguns bancos de madeira do lado de fora na varanda. Grandes janelas com cortinas esvoaçantes e alguns vasos de violetas davam um ar retrô e aconchegante ao lugar. "*Cantinho da Joe*", indicava a placa pintada a mão, sobre a porta dupla de entrada.

Um contraste à toda exuberância e modernidade dos dois *Palazzos* estacionados em frente. E se não fosse pela velha caminhonete, parada embaixo da única árvore, e do cachorro dormindo profundamente ao lado dela, poderia jurar que o lugar era fantasma.

O tipo de estabelecimento que já vivera seus dias de glória e que agora parecia perdido em meio à estrada deserta. Quatorze barrigas famintas invadiram o lugar. Além da banda, seguranças, Lilly, Dilon e Mark, lá estava a mulher de cabelos negros. A mesma que Lilly viu no camarim e tinha trocado umas poucas palavras durante o show.

A morena alta era estilosa, como uma pinup dos anos cinquenta. Os cabelos presos em um penteado retrô. Jeans *skinny*[58], camiseta regata básica e sapatilhas pretas. Quase uma vampira, se não fosse por um dos braços totalmente tomado por um jardim de rosas vermelhas tatuadas.

Uma sorridente senhora chamada Joe, seu marido Jon e um neto os receberam com entusiasmo. Não estranharam e nem deram sinais de reconhecimento da banda.

— Sejam bem-vindos. Nunca temos movimento pela manhã. Os motoqueiros e viajantes só aparecem mais tarde.

Lilly sorriu, pensando em todos os tipos esquisitos que passavam por ali. Um bando de roqueiros tatuados descabelados e uns gigantes atrás deles não deveria ser nada.

O Cantinho era um misto de lanchonete e loja de conveniência. Um balcão e umas mesas próximas a uma cozinha tradicional e umas cinco ou seis prateleiras com produtos na área mais ao fundo.

Penne foi direto pra lá. Ignorou as prateleiras oferecendo frutas, compotas caseiras e itens para uma alimentação saudável, concentrando-se nos salgadinhos industrializados. Depois, perdeu-se em um mar de refrigerantes. Os fundos da loja, transbordando com todo o tipo de bebida. Desde refrigerante e água, até cerveja e vinho.

— Quem é aquela mulher? — sussurrou Lilly no ouvido de Brian, que tinha acabado de levantá-la pela cintura, ajudando-a a alcançar a banqueta alta em frente a um longo balcão de fórmica amarela. Gostava dele grudado nela, sendo todo atencioso.

O músico sentou e olhou sobre os ombros para as mesas atrás deles. Mark e Dilon estavam com a mulher das rosas. Os seguranças se dividiram nas outras três mesas e a banda ocupou os únicos lugares no balcão.

Brian afastou uma mecha do cabelo de Lilly, com um olhar quase de adoração divina, se não fosse pela luxúria estampada neles.

— É a Melissa, repórter da revista *Rock Stars*[59] — disse sem dar importância, voltando a concentrar-se em Lilly e em suas mechas.

— Pensei que repórteres fossem proibidos nos QG's.

— E são... — Brian olhou para o quadro negro com as opções de lanches escritas em giz. Peru, carne assada e panquecas. — Parece que ela andou escrevendo uma matéria sobre Adan.

— Ela acabou comigo — a voz séria e singular do vocalista surgiu atrás deles. Em seguida, ele sentou-se ao lado de Lilly que voltou a atenção para a tal repórter. — Escreveu uma merda dessas sobre eu ser o ego em pessoa. Deu mais ênfase ao que acha que pensa de mim, do que a todo trabalho vocal que eu faço. Totalmente injusto.

Brian riu baixinho.

— Mais ou menos, cara. Você tratou a Mel feito lixo.

— Só retribuí a gentileza. — O vocalista encolheu os ombros. — Ela se acha. Se sou ego, ela é três vezes mais. Soberba pura, deu uma de superior desde o primeiro segundo da entrevista. Agora que aguente!

— Aguente o quê? — Lilly estava perdida entre os dois grandões.

Adan sorriu meio diabólico.

— Mark pediu retratação. O editor dela a obrigou a seguir alguns shows para ver a banda no dia a dia. Sugeri que ela visse como é sério o trabalho que fazemos aqui. Assim, vai pensar duas vezes antes de escrever bosta a meu respeito.

Lilly olhou disfarçadamente para a jornalista, que parecia viver um calvário. A bela mulher esforçava-se para se mostrar à vontade e rir das piadas de Mark. Mas, por trás do sorriso cordial, estava claramente incomodada, olhando de canto de olho para os três no balcão.

— Ela não tira os olhos de você. — Lilly não resistiu à fofoca.

O rosto de Adan revirou-se em repulsa.

— Dessa aí, quero distância... Mas vai ser divertido infernizá-la um pouco.

— Cuidado para não acabar sob o chicote dela — Brian sussurrou e percebeu uma faísca nos olhos de Adan.

— Chicote?

Os olhos de Lilly dobraram de tamanho e Brian deliciou-se.

— Dizem que ela curte umas práticas mais dominadoras. Vai ver, esse é o problema.

Adan bufou e começou a fazer o pedido dele a Joe. A conversa foi interrompida até que todos estivessem devidamente atendidos. Jon e o neto estavam a todo vapor na cozinha e Gabe não parava de falar sobre a quantidade de xarope que queria em suas panquecas.

— Qual o problema? — Lilly não se conteve.

— Adan gosta de dominar e Mel não parece ser o tipo que abre mão do controle — falou no ouvido dela, evitando Adan.

— Ah!

Os lanches de peru e as limonadas geladas chegaram. Os dois grandões partiram para o ataque.

Lilly ficou espremida entre eles, perdida em seus pensamentos.

Será que Brian gosta daquilo também? Dominar tudo com chicotes?

Ela até curtiu o jeito mandão dele, misturado com a doçura. O fazia ficar mais viril. Gostou da forma selvagem no sexo, com uma pegada forte e enlouquecedora. Mas Lilly era muito independente para ser totalmente submissa. Deixar-se levar algumas vezes, fazia parte do jogo de sedução, era gostoso. Entretanto, também amava dar prazer... única herança boa de Will. Um homem totalmente entregue, era excitante.

— Precisa comer, Bela. Não gostou do sanduíche? Está bom pra cacete! — Brian trouxe o prato mais próximo, incentivando-a. Ele gostava de vê-la comer, era sexy. A boquinha dela fazia um biquinho e o jeito que passava a língua nos lábios em busca de migalhas, o fazia ter ideias... ideias más.

Ela conseguiu comer a metade e tomou todo o suco. A outra parte foi devorada por Big. Parece que os dois imensos sanduíches de carne assada não foram suficientes para o Gladiador. Satisfeitos e com o horário apertado, se apressaram.

Lilly encheu duas sacolas com frutas, compotas e outras coisas saudáveis. Penne outras duas, com salgadinhos e os meninos reabasteceram a adega.

— Pega umas garrafas de vinho, de vodca e mais cerveja, também! — Big foi jogando tudo no carrinho que Gabe empurrava. Mais alguns minutos, estavam todos de volta na estrada. A barriga forrada foi um convite para uma soneca. Ainda tinham duas horas até Phoenix.

Brian aproveitou que todos foram para os beliches no andar de cima e arrastou Lilly para o quarto. Baixou a persiana, deixando uma penumbra agradável.

— Melhor assim. — Abraçou-a pela cintura e puxou-a contra ele na cama.

Prendeu-a de conchinha entre um emaranhado de pernas e braços.

— Está com sono? — murmurou entre os cabelos dela.

— Não. — Ela aconchegou-se mais. Era tão bom ficar assim, grudadinha nele. Nenhum outro lugar no mundo parecia melhor do que aquele. Desenhou as tatuagens tribais no antebraço do músico. Os dois assim, eram tão naturais e instintivos. Mesmo sendo novo, era familiar como se fizessem aquilo há anos. E faziam... em suas fantasias.

— Gostei do nosso café. Às vezes é bom ser só o Brian, sem toda aquela loucura de fãs.

— Cantinhos da Joe, sempre vão existir. Só saber procurar. Muitas estrelas fazem isso... equilibram a loucura e a paz.

— Somos um bando de caras barulhentos, né? Acabamos com o sossego do lugar. — Riu

baixinho e as mãos talentosas deslizaram sobre o corpo dela, acariciando a coxa à mostra.

O toque delicado despertou lembranças afetivas em Lilly que ela nem sabia que tinha. Sensações já vividas muitas vezes, o que era desconcertante, além de impossível. Os dois não tinham um histórico juntos e mal tinham começado aquele relacionamento louco e improvável. Mas de algum modo inexplicável, estar com Brian era familiar e acolhedor.

Lilly sorriu com a mesma ternura que inundava o seu coração.

— Não são exatamente uma família pequena e comportada. Mas acho que a dona Joe adorou a bagunça e amou o tamanho dos seus estômagos — provocou-o, ganhando uma cutucada traseira de um pau bem atiçado. — Para com isso!

— Eu não fiz nada! — Brian riu abertamente e satisfeito. Estar casado era o melhor dos mundos. — Que família! Dez gigantes, um nanico falante, uma leoa devoradora de *Junk Food*[60] e agora, uma bonequinha corajosa — Brian brincou e Lilly divertiu-se com a imagem de Mark feliz, cercado pelos seguranças, Dilon e os roqueiros, e derreteu-se por ele tê-la incluído no time, ser parte de uma família era bom, muito bom. — Pensei que fosse sair correndo.

— E perder toda a diversão? Nunca!

— Que tal a gente se divertir mais um pouquinho e se livrar disso?

Lilly ofegou quando Brian começou lentamente a puxar a barra do vestido dela, mas não ofereceu resistência. *Estava a fim, de novo!* Mirou nos olhos azuis brilhantes e concentrou-se no sorriso torto. Virou, mexeu o corpo, erguendo os braços para ajudá-lo. Suspirou quando ele ficou de pé, puxou a camiseta pela nuca e depois livrou-se do jeans, voltando a deitar glorioso, só de boxer branca.

Definitivamente, ele é lindo.

Lilly não sabia se iria sobreviver com ele lhe roubando a respiração a cada segundo.

— Tá calor — ele brincou, fazendo careta e agarrando-a novamente. Em seguida, ajeitou-se mais para o lado para poder encará-la.

— Mu-mui-to — Lilly gaguejou quando círculos começaram a se desenhar em sua barriga.

Brian gostava dela animada e corada. Sabia que os imensos olhos avelã-esverdeados estavam exatamente como os dele. *Esfomeados*. Passaram alguns segundos avaliando-se. Olhos vagos examinando os seus corpos. *Deus! Ela fica adorável nesses lingeries*. Rosinhas de renda transparentes. Entregando e escondendo tudo ao mesmo tempo. *Deliciosa!* A Fera saltou em concordância fazendo a vontade dele ir à estratosfera.

— Eu pensei... que a gente bem que podia...

— Sim.

Porra! Sim! Sim! Obrigado!

Brian inclinou-se e beijaram-se como dois loucos. Com tanta força e desejo, que ficaria para a história. Um escalando o outro, enroscando-se e apalpando-se. Tanta voracidade envolvida, que a única coisa no mundo eram as suas bocas, lábios, línguas e corpos. Morreriam se não se devorassem. Ele foi rude, ela empolgada... dentes batendo, línguas se chupando, comendo-se... mais e mais...

Era tão bom beijar!

O homem beijava do jeitinho que ela gostava.

As mãos de Lilly cravaram nas costas largas quando Brian sugou com avidez o lábio inferior dela. O corpo delicado pressionou-se mais ao do músico. O macio da renda esfregando-se ao algodão da cueca. Ronronados de necessidade ressoando... Pequenos dedos desnorteados tentando arrastar as beiradas da boxer.

— Briannnn.

Ele parou o beijo, apoiou-se em um dos cotovelos e levantou uma sobrancelha presunçosa para ela.

— Do que você precisa?

Ofegante, Lilly focou no rosto de Brian, faiscando como fogo.

— De você...

O pau dele engrossou e o coração disparou.

Sim! Também preciso de você, Bela!

Sem romper o contato visual, o guitarrista deslizou a mão sobre o corpo delicado da esposa, abrindo passagem entre as pernas dela. Sorriu quando encontrou o alvo e ela gemeu baixinho, abrindo-se mais. Os dedos calejados provocaram o clitóris sobre a renda delicada.

Molhada!

— Jesus! Tem... certeza de que... não podem nos ouvir?

— Absoluta.

— Ohh... ok.

Brian afastou o tecido rosa. Circulou o clitóris inchado e úmido.

— Gosta disso, né?

— Oh, Deus! — Ela puxou o ar, vidrada nele. Seus olhos gritando: *sim!*

— E meus dedos em você? — murmurou e deslizou o indicador para dentro da vagina. Um gemido feminino profundo escapou quando outro dedo se juntou ao primeiro e começou a fodê-la lento e provocante. — Tão apertada e molhada.

Lilly chupou os lábios... Podia sentir um formigamento entre as coxas e as pernas começaram a contrair quando o polegar sem-vergonha dele voltou a estimular o clitóris. Dedos a fodendo e a acariciando gostoso e sem pressa.

— Hummm... faz isso tão bem.

Lilly estremeceu e outro pequeno gemido involuntário escapou-lhe, quando uma trilha de beijos molhados e carinhosos lhe atingiu o pescoço. Agarrou-se aos cabelos rebeldes e macios dele.

Hummm... estou amando esses dedos… essa boca.

— Gosto de tocá-la... Ver como treme e geme toda, enquanto faço isso — disse entre uma respiração profunda, antes de instigá-la com uma chupada na carne macia da orelha.

O ataque à boceta atingiu um outro ritmo... Entrando, saindo, girando... e esfregando. Brian riu ao sentir o corpo delicado da mulher tremer involuntariamente.

— Oh... oh... oh... oh... — E leves gemidos saíram em sequência daqueles lábios rosados. Antes que ela explodisse em um orgasmo, ele parou as investidas. — Brian! Não! Estou quase!

— Shhhhh... ainda nem comecei.

Brian deslizou o corpo até sair aos pés da cama. Segurou firme os tornozelos de Lilly, puxando-a até que as pernas dela ficassem caídas para fora e a bunda na beirada. Com delicadeza tirou a peça mínima de renda rosa, levantou-lhe os joelhos, fazendo com que os pés pequenos ficassem apoiados no colchão. Em seguida, escancarou as pernas delicadas e trêmulas revelando a bocetinha inchada e molhada. Deu um rosnado. *Puta que pariu!* Ela fechou os olhos e em expectativa... esperou...

Esperou...

— Brian — sussurrou.

Abriu os olhos, apoiou-se sobre os cotovelos. Encontrou-o de joelhos aos pés da cama, sem a boxer, boquiaberto, olhos fixos entre as pernas dela. O peito definido subindo e descendo fortemente. Havia luxúria e paixão nele, os azuis mais escuros ainda. Parecia querer devorá-la por telepatia.

— Brian.

— Estou apaixonado por ela. Não canso de olhar... — a voz dele era rouca quase inaudível.

— Então demonstre... a deixou carente.

Deus seja louvado!

Chupe-me... chupe-me… chupe-me...

Ele inclinou-se e traçou as bordas da pele lisa e inchada com os dedos.

— Você é tão linda, está quentinha.

Droga!

Alarme falso!

Chupe-me, porra!

— Brian, tenha piedade — choramingou.

Lilly estava tão molhada, que mais um pouco, viraria um chafariz. Ela estava excitada e frustrada. Queria gozar, por que ele fazia aquilo? Nunca vira um homem tão apegado às preliminares.

— Tem certeza de que não está dolorida?

— Hum-hum... tenhoooo.

Brian sorriu, inclinou-se e esfregou de leve o piercing de sua língua ao longo da abertura escorregadia. *Aleluia!* Depois, abriu-lhe os lábios íntimos. Um choque elétrico a atingiu em cheio. A bolinha de metal poderosa fez os quadris dela levantarem. Mãos firmes agarraram-lhe a bunda, mantendo-a no lugar. A ponta da língua deslizou dentro dela, provocando-a.

— Delícia de gosto, porra!

Ele brincou, ora enfiando mais fundo, ora deslizando a língua para provocar o clitóris. Um murmuro rouco e doce invadiu o quarto. Lilly agarrou os cabelos de Brian de maneira possessiva. Tentando enfiar aquela língua safada, cada vez mais fundo.

— Isso, isso... issooooo!

Ela estava prestes a gozar e ele podia sentir. Aquela boceta delícia dava sinais de vida, contraindo-se, a cada toque ousado de sua língua, e os gemidos suaves agora eram urgentes. Sacudiu freneticamente o piercing sobre o clitóris inchado.

Jesus!

Que língua!

Lilly queria resistir, mas era impossível, já tinha durado tempo demais. Aquela bolinha prateada merecia ser santificada!

— Oh, oh, oh, oh, hummm. — Explodiu... e explodiu mais, e quando a língua furiosa a penetrou fundo, revirando descaradamente o seu interior trêmulo, Lilly sacudiu, rebolou na cara de Brian, choramingou, gritou... e a língua continuava lá... Esfregando-se e enfiando-se nela, embalada pelos grunhidos vorazes que ele emitia.

— É foda, Lilly! — rosnou e voltou para a cama, arrastando o corpo sem controle de Lilly junto com ele. Apoiou o corpo sobre os cotovelos.

E... meteu... enchendo-a centímetro por centímetro.

— Oooooh! Bri-annn.

Ele congelou, saboreando novamente o momento. A sensação daquela carne molhada e quente abrindo-se para ele, era incrível. Podia passar o resto da vida espremido ali dentro. Enterrado profundamente até as bolas. Cada centímetro do seu pau abraçado por ela.

Porra! Porra! Porra!

Os olhos de Lilly estavam fechados e a respiração ofegante. O corpo ainda vibrando do orgasmo. Brian era surpreendente, entrou com tudo, sem aviso prévio... e ela amou a sensação de ser preenchida de novo. Ter aquela Fera enorme dentro dela era intenso demais! Ainda atordoada, só conseguiu entrelaçar as pernas no quadril de Brian, numa tentativa silenciosa de fazê-lo se mexer.

— Bela.

Os quadris dele começaram a movimentar. Saiu e entrou lentamente... mais e mais... metendo e girando em estocadas profundas, deixando-a ir se acostumando mais uma vez. A pele do seu pênis escaneando todo o caminho apertado e aveludado.

— Tão bom...

Ir devagar era muito mais íntimo do que uma foda selvagem. E ele ansiava por uma ligação profunda. Precisava daquilo! Queria que ela o sentisse, tanto quanto ele a sentia. A mão deslizou até encontrar o fecho frontal do sutiã. Um clique e ele começou a acariciar suavemente um seio, apertando e puxando o bico, no mesmo ritmo que seu pau ia e vinha.

— Hummm, bommm.

Eles se perderam um no outro. Seus corpos cada vez mais conectados. Estava acima do

físico e aquilo era devastador. Foderam, meteram, alisaram-se... bom... hummm... mete... sai... mete... sai... mete... sai... Os gemidos e suores se misturando, batimentos sincronizados.

— Abra os olhos, Bela.

Lilly sabia que aquela conexão era perigosa, mas já era toda dele. Entregue àquele corpo trêmulo e pesado que lhe dava um prazer novo e indescritível. Que só crescia a cada investida do pau duro e delicioso em sua boceta. Indo às alturas toda vez que as bolinhas de prata lhe instigavam a pele.

— Oi — sussurrou, abrindo os olhos pesados de luxúria. Depois, envolveu os braços no pescoço de Brian.

Os olhos azuis gritavam vida!

Lilly observou o rosto lindo do guitarrista, que parecia flutuar em um plano de felicidade paralela. As estocadas começaram a ganhar mais vigor. Ela lutou para manter os olhos abertos. Não queria perder nada. O homem a olhava tão profundamente que parecia atingir-lhe a alma. O ritmo acelerou. As investidas foram ficando cada vez mais fortes e rápidas. Os suspiros dele ao pé do ouvido a levaram para a lua. Lilly cravou os dedos na bunda musculosa, empurrando mais os quadris contra os dele. A excitação pedia urgência. Os grunhidos aumentaram com os golpes cada vez mais rápidos e mais fortes.

O quarto era só gemidos, grunhidos, respirações entrecortadas, som de pele se chocando contra pele e um cheiro almiscarado de sexo.

Deus! Brian, Sim! Me dê tudo! Tudo! Mais forte! Forte!

Uma girada no quadril dele... e a cabeça do pênis, potencializada pelas bolas prateadas, começou a bater em um ponto interno que fez os olhos de Lilly revirarem.

— Deus! Aí, Brian! Minha nossa! Como é bom!

A aprovação dela o empolgou... Então empurrou mais fundo mordendo o lábio, enquanto impulsionava contra ela uma e outra vez. Com o suor escorrendo pelo rosto, ele empurrou com tanta força que seus corpos subiram, quase batendo a cabeça dela na parede.

— Merda!

Uma mão enorme apoiou na parede, mantendo-os a uma distância segura. E o ritmo aumentou. Os quadris dela saíam da cama para encontrar os dele. O choque implacável de seus sexos se fundindo, mais e mais, as bolas batendo no traseiro dela. *Jesus!* Os músculos internos de Lilly começaram a contrair, tentando engolir e ordenhar o pau possessivo dele.

— Deus! Você foi feita pra mim!

Lilly o sentiu estremecer violentamente em cima dela, o rosto lindo contorceu-se entre a dor e prazer... Dedos desesperados procuraram o clitóris... outra profunda punhalada no ponto certo... e mais uma vez a mágica. Ambos explodiram duro, perdidos um no outro.

— Fodaaaaaa! — Brian jorrou, esfregando-se profundamente e Lilly tomou tudo que recebeu, até que os espasmos e os corpos se acalmaram.

Brian girou seus corpos e envolveu Lilly em um abraço. Ela descansou a cabeça no ombro dele, esticando o braço sobre o peito de Brian, a mão delicada acariciando o piercing no mamilo.

— É assim que vai funcionar?

— Como assim, Bela?

— Cada vez ficando melhor?

— Não sei... só vamos saber se tentarmos.

Lilly sorriu em pura empolgação.

— Pois é, só se tentarmos.

Estar em lua de mel era uma maravilha.

Passaram a hora seguinte comprovando a teoria de que a cada nova rodada de sexo, a afinidade entre eles só crescia. Ah! Como crescia.



27

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A chegada ao estádio de Phoenix foi tranquila. Apesar da fila imensa de pessoas nos portões de entrada, a concentração dos fãs nos portões da técnica, ainda era pequena.

Lilly estava relaxada e feliz. Nenhuma piadinha indiscreta foi dita sobre ficarem trancados no quarto ou saírem de lá sorridentes.

— A galera deve estar no estúdio móvel — Gabe explicou, olhando pela janela. O que deu em nada para Lilly. *Que diachos era um estúdio móvel?* Ficou sem graça de perguntar.

O *University of Phoenix Stadium* ficava no subúrbio, próximo da estrada na qual chegaram e era famoso por receber as partidas do *Super Bowl*[61]. Uma imensa caixa de alumínio e ferro com capacidade para 60 mil torcedores e com a águia gigantesca do time local, Arizona Cardinals, estampada na entrada. O estádio tinha teto retrátil e um sistema de esteiras que recolhiam o gramado impecável, em dias de show.

O troço era impressionante! E os *Palazzos* estacionaram em uma área exclusiva, ao lado da entrada dos vestiários, distante do estacionamento para trinta mil carros. As carretas, o *home* da técnica e o ônibus do *Life's Dog* já estavam lá.

Enquanto esperavam para desembarcar, Lilly ficou jogando conversa fora com Ethan e Penne na sala do QG. Brian estava entretido com Adan e Gabe na mesa da cozinha, discutindo algo sobre uma nova música. Brian moveu os dedos pela corda da guitarra e fez um sinal para o Gabe segui-lo. Dedilhou algumas notas, fazendo a palheta trabalhar.

— Isso é irado! — Gabe começou a tocar.

— Assim, isso! Vamos primeiro na harmonia. — Brian demostrou e Adan fez alguns sons vocais, acompanhando-o.

— Grande som! Parece perfeito... sensual! — Penne gritou do sofá. — Já tem as minhas bases?

— Ainda estou trabalhando nelas. — Brian sorriu e continuou a dedilhar a guitarra, acrescentando uns tercetos. Os olhos dele vagando para a moreninha ao lado de Big no sofá. Azuis e castanhos se cruzaram e ele sorriu.

Lilly não conseguiu segurar um gritinho de excitação, quando Dilon apertou um comando a pedido de Ethan. Os caras xingaram e pararam de tocar. Brian levantou quando o chão do

Palazzo rolou silenciosamente e as paredes estenderam, aumentando em vários metros o espaço interno do QG.

— Misericórdia! Tem mais alguma outra geringonça que eu ainda não vi?

— A piscina? — Big levantou a sobrancelha.

— Fala sério? Tem piscina? Onde? No teto?

Penne riu do entusiasmo de Lilly.

Um tapa certeiro atingiu a nuca de Ethan.

— Deixa ela, Big! — Brian rosnou e colocou a guitarra em um *case* apoiado ao lado do sofá. — É mentira dele, Lilly. Seria o máximo, pena que ainda não chegamos a tanto. Água por aqui... só a dos chuveiros.

— BIIIIG!!!

— Foi mal, bonequinha. — Big gargalhou — Dezesseis anos e você continua caindo nas minhas pegadinhas. — Piscou satisfeito.

— Dezesseis anos e você continua sendo um idiota.

— Um idiota que você ama.

— Muito.

Caralho, dezesseis anos de história!

Uma sensação estranha tomou conta de Brian. Ele ficou ali, na porta do QG esperando Lilly, enquanto ela tentava bater em Big com a ajuda de Penne. Eles eram tão à vontade um com o outro. Tão naturais e ela os amava. *Muito*. Era impossível competir com aquilo. Sentiu uma coisa esquisita... Uma pontada de inveja. Ele e Lilly tinham o quê? Cinco minutos de uma história mal contada e anos de desencontros.

Merda! Controle-se, idiota.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Encontraram Mark supervisionando a descarga dos equipamentos. Lilly pôde ver o gramado famoso, através do grande portal de entrada da pista. Mark estava agitado, andando de um lado para o outro com um *iPad* na mão e o celular grudado na orelha. Gritava algo sobre estar preocupado com a segurança para uma entrevista. Pelo que ela entendeu, a maior rádio local, a *Stations FM*[62], havia montado um estúdio na rua. Uma espécie de aquário onde a banda

daria uma entrevista e sortearia, ao vivo, dez fãs para um *meeting* antes do show.

O problema todo era que eles não previram mais de dez mil fãs histéricos no local. Seria um desafio chegar e sair de lá. Apesar da forte presença de seguranças e policiais, a rua virou um caos.

Brian foi voto vencido. Mark não achou seguro levar Lilly. A história do casamento estava quente demais e o ódio de algumas fãs inconformadas, mais quente ainda. Fora a imprensa enlouquecida com o conto de fadas, Mark tinha soltado uma nota dizendo que o casamento era fruto de um amor platônico. Um sentimento mútuo guardado durante anos. Uma paixão renegada por força das circunstâncias, pelo respeito que nutriam por seus companheiros na época e pela carreira atribulada de ambos. Um amor que explodiu quando se reencontraram, livres em Vegas.

Como assim, Lilly não vai? Quero ficar grudado nela! Desde quando, fãs enlouquecidos ditavam as regras?

Brian não entendia. Quando começou a namorar Kate, as fãs nem se importaram. Simplesmente a ignoraram. Talvez não a vissem como uma ameaça e ele fosse o único idiota por acreditar que aquilo era sério.

Graças a Deus que não era!

Tentou argumentar, dizendo que manteria Lilly ao seu lado o tempo inteiro. Que era importante serem vistos juntos, blá-blá-blá...

Querem que eu morra? É isso? Não enxergam que me apeguei, porra!

Totalmente dependente, do tipo transante[63] obsessivo compulsivo, que precisa tocar, beijar e ficar junto. Fodam-se, todos... depois reclamam que fico ranzinza!

Não teve jeito. O time da casa: Penne, Big, Max acabou levando a melhor, contra os novatos Brian, Adan e Gabe. Apesar do empate de 3x3, game *over!* Os *"ANOS'* de amizade venceram o *"SEXO"* incrível. Lilly confiava neles... *Merda!* Convenceram-na a esperar no QG.

Porra, e a minha opinião? Não vale nada? Lógico que não! Sou só o marido de mentirinha.

Ficar no QG parecia a coisa mais correta para Lilly. Big e Penne foram bastante convincentes... ela não tinha como contestar. Só não tinha entendido porque a jornalista estava autorizada a ir, se era assim tão perigoso. Dane-se que era uma entrevista. Onde estavam os direitos iguais? Pensou em protestar, mas a cara impaciente de Mark, irritado porque já estavam atrasados, a fez recuar.

Sim, eles têm razão, melhor eu ficar. A mulher vai, porque está trabalhando.

Mas, então, por que o coração dela estava apertado?

Jesus, Lilly! Ele não está indo para a guerra! Pessoas saem para trabalhar todos os dias!

Lilly sentiu-se no meio de um cabo de guerra particular. O coração gritando vá e a razão mandando-a ficar. Não queria ser um estorvo. *Ser uma preocupação a mais,* como disse Mark. Mas, caramba! Por ela, passaria o dia inteiro grudada em Brian. Mesmo que, para isso, tivesse que aturar alguns tapas e xingamentos de suas fãs.

Mil vezes os tapas, do que a carinha contrariada de Brian... Parado à sua frente com mãos firmes agarradas às suas em um pedido silencioso para que ela mudasse de ideia.

— Tem certeza de que prefere ficar?

— É melhor assim. — Lilly sorriu e tentou encorajá-lo. — Preciso mesmo arrumar as coisas, ligar para o Antoine e a Marie.

— Desculpa essa loucura.

— Brian, eu entendo. Acho mesmo que é melhor eu ficar aqui. Pelo jeito, aquilo lá está uma baderna. Não quero que desvie a atenção do trabalho porque está preocupado comigo.

— Vou ficar preocupado com você aqui sozinha. Mark está um saco... disse que precisa de Daniel lá. A equipe completa.

— Ficarei bem, juro. Dilon está aqui e todo o pessoal da técnica. Viu a quantidade de seguranças que tem esse lugar?

Brian sorriu derrotado, antes de desviar o olhar para a fileira de SUV's parados, esperando por ele. Seu rosto era de puro desgosto.

Os gritos de *Vamos logo!* e *É pra hoje?* não deram margem, nem para um beijo decente de despedida. Pelo jeito, o capítulo "casamento" já era assunto resolvido para Mark.



28

Pouco tempo depois da comitiva de SUV's apressados ter deixado o estádio, Lilly já tinha feito tudo o que precisava. As roupas estavam organizadas, telefonemas foram feitos e até uma torta de frango para o jantar, encaminhada. Foi reconfortante poder cozinhar para todos, aquilo a fizera lembrar-se da mãe.

Ficou aliviada porque a filha de Marie e os netos foram visitá-la. Não gostava da ideia dela sozinha na casa nova, mesmo com toda a restrição de acesso a Ava e ao Will. Divertiu-se com as histórias das crianças animadas por terem o mar no quintal de casa.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian — Oi, moça teimosa.

Lilly — Oi, moço famoso.

Brian — Não brinca... Estou muito agoniado... essa merda de entrevista vai durar uma eternidade.

Lilly — Que bom... sinal de que gostam de vocês.

Brian — Eu não deveria ter cedido... Meu coração está apertado com você sozinha aí.

Lilly — Isso é saudade?

Brian — Seria muito rápido se eu dissesse que estou morrendo de saudades? Eu queria estar aí, nossa manhã foi incrível.

Lilly — Foi mais que incrível. Também estou com saudades.

Brian — Isso é bom... Tenho que entrar no estúdio. Tente se divertir, mas não dê mole para estranhos.

Lilly — Só tem um estranho que me instiga a dar mole... Ficarei aqui ansiosa, esperando por ele.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Esperou por mais recadinhos de Brian, mas esses não chegaram. Animou-se com as notícias de seu agente. A galeria de Londres confirmara o *vernissage* e nenhum houve efeito negativo em relação ao escândalo do casamento.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Fique tranquila, minha pequena Picasso. Se houvesse alguma rejeição, já saberíamos. Só recebi e-mails de apoio e de curiosos.

— Que bom, Antoine.

— Faça um favor a nós. Aproveite esse tempo para inspirar-se!

Inspiração?

Sim!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A cabeça de Lilly estava cheia de ideias. E todas elas relacionadas às lembranças de um certo guitarrista moreno, que estavam bem vivas em sua mente.

Irritou-se que o número do seu celular tivesse vazado para a imprensa. *Mais de cem ligações não atendidas!* Era ligar o aparelho e encontrar um monte de besteiras. Será que nunca a deixariam em paz? Em meia hora, Will tentou ligar de quatro números diferentes.

Inferno!

Tinha que dar um jeito naquilo! Aqueles recados a faziam mal.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Will – Até quando vai desligar na minha cara? Não pode me ignorar para sempre. Já disse, o que aconteceu com Ava foi um erro, um ato impensado.

Ava – Belo teatro! Parabéns, diante de trinta mil pessoas? Uau! Esse circo vai durar até quando?

Will – Me atenda. Me perdoe. Precisamos conversar, docinho. Tem que reconsiderar a administração de seus bens.

Ava – Que mundo pequeno! Sabia que uma amiga minha é amante do seu roqueiro? Ela pareceu bastante empolgada com o fogo dele. Homens assim precisam de ação constante, duvido que possa dar isso a ele.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Que droga!

Ava e suas mentiras!

Desligar iPhone.

Lilly aproveitou que uma equipe de limpeza tinha invadido o *Palazzo*, para dar uma volta. Pegou a bolsa e a credencial, e saiu atrás de alguém ou alguma coisa para se distrair. Eram só quatro horas e a tarde estava agradável. Um bando de passarinhos saiu das árvores e revoou ao redor do estádio, movendo-se em um ritmo quase musical.

Brian.

Teria algumas horas pela frente até os meninos voltarem. A passagem de som ficara para mais tarde. Uma hora antes dos portões se abrirem, o que significava que seria ilusão dela acreditar que teria Brian livre, antes do show acabar.

O conselho do músico para que se divertisse era meio furado. Não tinha muito o que se fazer naquela montanha de concreto do estádio. Tentou o museu de esportes, fechado. Ofereceu ajuda para a técnica e Dilon até que se esforçou para tentar arrumar algo para ela fazer, mas qual a utilidade de uma artista plástica, entre caixas pesadas e toda a parafernália de montagem de palco? Relaxar vendo TV? Pintar? Impossível... não com toda a barulheira da turma da faxina e seus aspiradores industriais.

— Vamos descarregar a carreta maior — Dilon disse pensativo, tirou o boné e coçou a cabeça. — Já sei como pode me ajudar. Quer tirar o seu carro?

Lilly animou-se. Estava sentindo falta da sua menina. A solução que Brian arranjara para o carro, era levá-lo junto com eles. A carreta maior tinha espaço de sobra. Geralmente, carregavam o carro do Adan ou do Mark, mas o espaço tinha ficado vago depois que optaram por motos.

— Claro! Onde devo colocá-lo?

— Depois do portão da técnica tem um estacionamento para a diretoria. É fácil, é só contornar o estádio.

— Considere feito! Nos vemos mais tarde então.

— OK. Se precisar de mim, estarei no palco ajudando a Anne e o Josh.

Uma luz acendeu na cabeça criativa e curiosa de Lilly. Por que não? Estava em lua de mel e pessoas costumam passear, nessas ocasiões. Animou-se. Quando chegaram na cidade, tinha visto um shopping a algumas quadras dali e reparado em uma placa indicando o Jardim Botânico. *Perfeito!* Compras e um passeio pareciam ótimos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Tudo bem, Brian. Não entre em pânico. Era a milésima vez que ele tentava o celular de Lilly e nada. Quando voltaram da entrevista, esgotados e com alguns arranhões, tudo o que ele queria era aproveitar os poucos minutos de intervalo ao lado da esposa. Queria. Porque tudo o que encontrou foi um grande nada. Zero. Nenhum sinal de Lilly ou do carro. Só um mísero bilhete.

— Tem certeza, Dilon?

— O cara da guarita confirmou. Ela saiu há algumas horas.

Brian sentou-se na mesa da cozinha, apoiou os cotovelos, enterrando o rosto nas mãos.

— Merda! Ela conhece Phoenix?

— Acho que não. — Big esfregou os cabelos com uma expressão preocupada. — Culpa minha ter insistindo para ela ficar. Devia ter imaginado... Lilly não é do tipo que fica sentada esperando. Precisa de espaço.

— Será que é melhor avisar a polícia? — a voz de Brian era um sussurro.

— Claro que não. A Lilly sempre faz esses passeios.

Penne tentou acalmar Brian. Ligou sem sucesso para o celular de Lilly e pegou mais uma vez o bilhete preso na geladeira.

Fui explorar a cidade.

Não se preocupem.

Volto logo.

Lilly

Ela largou o bilhete e bloqueou o forno com o pé.

— Pode fechar isso aí! Nem ouse tocar nessa torta, Gabe!

Os olhos de Gabe aumentaram em expressão de surpresa e descrédito.

— Mas…

— Mas nada! Vamos esperar a Lilly chegar para comermos juntos! — Brian olhou firme para ele, que fechou o forno e saiu batendo pé, subindo as escadas como uma criança grande e contrariada.

— Ela se ofereceu — Dilon ainda tentava se justificar com Brian. — Estava entediada, só pedi para colocar o carro no estacionamento. Como poderia adivinhar que ela iria sair?

— Tudo bem, Dilon, relaxa. — Adan, sentou-se na ilha da cozinha ao lado de Brian. — Lilly faz o quiser. Nós somos os prisioneiros nessa porra de rotina insana. Ela não.

Brian sabia que Adan tinha razão. Se para eles já era um saco ficarem trancados no estádio, imagina para ela. Se ao menos Mark reduzisse um pouco os compromissos. Depois de seis anos, com tantos prêmios e discos de platina, eles poderiam se dar ao luxo de serem mais seletivos. Seria bom terem mais tempo livre. Até para criar melhor, com certeza, até mesmo o Richard

agradeceria.

Teriam que conversar novamente com ele. Os caras, acostumados a trocar a noite pelo dia, estavam cansados. Gabe vivia reclamando que mal podia aproveitar a cidade. Penne dizia que precisava de tempo para se cuidar. Momentos de pausa como o *UM* dia de Vegas, eram raros. De que adiantava trabalhar tanto, acumular uma fortuna e não poder curtir?

— Passagem de som em cinco minutos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Nossa, que maravilha!

Lilly estava grata por ter aceito a sugestão da moça no shopping: fazer hora e chegar um pouco mais tarde ao Jardim Botânico. Aproveitou o tempo extra para dar uma passadinha na livraria, na loja de esportes e no supermercado.

Um senhor de cabelos branquinhos e simpático, que trabalhava no Jardim, tinha deixado Lilly acompanhar um grupo de estudantes de botânica. Por algumas horas, ela sentiu-se como eles. *Despreocupada!* Uma mente livre, longe de tudo. Lembrou-se de quando era apenas uma estudante de artes, explorando as ruas de Paris.

Tão libertador!

— Acho que já te vi em algum lugar. — Uma garota de óculos a encarou sorridente. — É famosa?

Oh, ooooh!

— Famosa, eu? Não. Mais anônima impossível — Lilly brincou, rezando para que a moça não fosse uma daquelas fãs malucas da banda.

A estudante, com os cenhos franzidos, deu mais uma examinada nela. Em seguida, balançou a cabeça decepcionada.

— Devo tê-la confundido com alguém, então.

A jovem afastou-se na trilha de cascalhos, juntando-se aos colegas que seguiam logo à frente. Lilly respirou fundo e achou melhor colocar o boné e os óculos que ainda estavam na bolsa. E se... uma fã homicida surgisse de um arbusto? Apanhar com um cacto espinhento não lhe parecia uma ideia muito atraente.

Uiiii! Muita paranoia!

Lilly tentou não olhar para os arbustos a cada cinco minutos, relaxar e aproveitar o

passeio.

O lugar era totalmente único e muito inspirador. Vários tipos de cactos com tamanhos variados e esculturas em vidro de artistas locais. A paisagem árida era fantástica, com uma coleção de plantas superdiferentes de tudo que Lilly já tinha visto antes. Várias ideias surgiram de como explorar em suas obras as cores, formas e texturas tão intrigantes.

— Artistas sempre vêm aqui — o guia vestido de caqui dos pés à cabeça, puxou papo.

Lilly fez um gesto indicando ao redor e sorriu.

— É realmente incrível!

Logo escureceu e milhares de lanternas acenderam, espalhadas pelo jardim. *Uauuu!* Uma outra dimensão pareceu surgir. *Obrigada, moça do shopping!* O lugar virou uma teia iluminada e psicodélica. Várias cores brotaram do chão e entre as plantas e esculturas.

O guia continuava ao lado dela, na trilha demarcada. Concentrou-se nela, dando uma avaliada em seu vestido de verão.

— Está de férias?

— Mais ou menos... lua de mel. — Levantou a mão mostrando a aliança.

O homem olhou em volta confuso e a expressão simpática se foi.

— E está aqui, sozinha? Na sua lua de mel?

A névoa de felicidade se desfez do rosto de Lilly.

— Compromissos de trabalho. Esta tarde sou só eu.

E provavelmente em todas as outras tardes também.

— Meu Deus! Que espécie de homem é o seu marido? Esposas devem ser prioridade! — O guia balançou a cabeça violentamente e revirou os olhos, Lilly ficou sem reação. — Isso é mau, é muito mau... na minha época, casais costumavam fazer planos em suas luas de mel. Sonhar com o futuro juntos... filhos, e não trabalhar!

Da espécie de marido de mentirinha!!!

Que não precisa fazer planos, porque isso nem é uma lua de mel de verdade!

Lilly sentiu uma necessidade estranha de defender Brian. Ondas de humilhação percorreram o seu corpo, rígido de tensão. Em que momento o passeio agradável virou uma inquisição sobre a vida deles? E daí que ela estava ali sozinha? Colocou as mãos na cintura, indignada, respirou fundo e fez a melhor cara de *minha-vida-não-é-da-sua-conta!*

— Não é culpa dele, oook? Meu marido é muito requisitado! Muito requisitado! — alterou a voz.

O guia recuou, demonstrando um tato tardio ou medo. Cabeças de turistas interessados e curiosos viraram em direção a eles. Fez-se um silêncio terrível. Os olhos do velhinho entraram em movimento, como se procurassem uma rota de fuga.

— S-sim... m-me... desculpe. Eu e essa minha boca velha e grande. Esqueça o que lhe falei — disse e saiu apressado, embrenhando-se entre os cactos. — Aiiii! Odeio esses espinhos!

Esquecer como? Se era a mais pura verdade.

A palavras daquele senhor foram como suco de limão na ferida de Lilly. Aquela que ela estava ignorando há quatro dias. Não importava o quanto a companhia do Brian fosse agradável, ela tinha saído de uma mentira para entrar em outra!

Em estado de choque, Lilly observou o guia se afastar.

— Tudo bem? — uma voz feminina vibrou.

Lilly virou até encontrar uma turista com olhar preocupado, depois mexeu a cabeça afirmativamente e piscou algumas vezes, dando alguns passos para trás. A sensação de estar sendo observada era sufocante.

— T-tudo, claro. Só está na minha hora, obrigada.

Saiu apressada e então aconteceu...

Ali, afastada de todos, sentada em um banco que achou em meio às flores selvagens, e sozinha… a consciência de Lilly falou mais alto.

Que diabos estou fazendo?

Não sei! Não sei! Não sei!

E foi incontrolável... a fachada de serenidade despencou... a negação acabou... Lilly nunca foi de dar chiliques, contudo, estava tão sobrecarregada... tão... tão...

Chorou como se não houvesse amanhã. Não de raiva ou pena de si mesma. Chorou porque não sabia que diacho estava fazendo. Chorou pelo que não compreendia. Por estar feliz, quando a lógica das traições pedia que estivesse triste. Por aquele desejo louco e incontrolável por Brian, que fazia dela um ser carnal e inconsequente. Chorou por medo... da perda anunciada. Finalmente, o corpo e a alma de Lilly estavam conhecendo o prazer sem limites e um sentimento profundo e indescritível. A ironia de tudo aquilo era que ela não poderia desfrutar de tais sensações para sempre.

A porcaria do velhinho estava certo!

Certo!

Não havia casamento, nem planos para o futuro, nem filhos com olhos azuis exóticos, nem a guitarrinha irritante no primeiro aniversário do bebê e muito menos o *felizes para sempre*!

Nada! Zero!

Ai, meu Deus!

— *ATENÇÃO!* Senhores visitantes... Última chamada... o parque fechará em quinze minutos...

A voz do além fez o coração de Lilly pular como um rato dentro de uma caixa. *Deus! Quanto tempo eu fiquei aqui?* Ela enxugou as lágrimas com a palma da mão e embora, não tivesse chegado à conclusão nenhuma e continuasse sem saber o que estava fazendo, estava mais calma.

Isso!

Não era obrigada a saber de tudo... A única vez em que teve quase certeza de alguma coisa, estivera redondamente enganada... Então, Lilly respirou fundo e correu, antes que tivesse que passar a noite entre os cactos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A noite estava atípica no camarim da Ultimate Bet. A rotineira euforia pré-show fora substituída pela apreensão. Até Gabe, que achou a preocupação com Lilly um exagero, e continuava magoado por causa da torta de frango, preferiu se isolar com os outros integrantes no vestiário.

Brian pegou o telefone, desligou e ligou de novo, para o caso de falta de sinal. Enfiou o aparelho no bolso de trás do jeans, sentou-se ao lado de Big, como sempre fazia antes dos shows, mas nada de Gibson naquela noite. Não estava com ânimo para aquecimento. Os dedos dele já estavam aquecidos de tanto que tentara ligar.

Depois de uma passagem de som tensa, cumpriram o compromisso com os fãs sorteados, cumprimentaram as pessoas no camarim e se trancaram no vestiário. Não estavam com cabeça para as médias sociais de Mark. Até Melissa ficou do lado deles. A jornalista ofereceu-se como bode expiatório. Espalhou para os convidados algo sobre uma inspiração de última hora, para o novo álbum que vinham trabalhando há semanas.

A bunda de Brian vibrou e o coração dele deu um pulo. Atrapalhou-se para pegar o

celular. Número desconhecido.

Merda! Que não seja o necrotério, por favor! Nem o Willbosta dizendo que a raptou!

— *Oi.*

As pernas dele tremeram ao ouvir a voz doce de Lilly. Respirou fundo e se controlou para não gritar. Impossível.

— Onde está? Eu te liguei mais de mil vezes! O mundo te ligou mais de mil vezes! Que número é esse? Foi assaltada? É isso? Roubaram o seu celular? Está na delegacia? Deus! No hospital? Me diga onde está, que irei te buscar!

— *Calma! Estou bem! Nada de assalto ou hospital. Desculpa. Perdi completamente a noção do tempo. Vou chegar aí em uns vinte minutos. Só queria te tranquilizar.*

— Jesus, Bela, estou quase pirando aqui!

— *Não queria te preocupar. Juro. Viu o meu recado na geladeira? Tentei te ligar antes de sair, mas só deu caixa postal.*

— Vi, mas, porra! Eu... eu... achei... droga!

Penne arrancou o celular da mão de Brian... Homens nestas horas, não serviam para nada! O amigo estava vermelho e tremendo demais! Ele tentou protestar com a loirinha, mas Adan o abraçou pedindo que se acalmasse.

— Devolve essa merda, Penne.

— Relaxa, cara. Ela está bem. — Adan não o soltou.

— Mas, mas... é a minha mulher, caralho!

Gabe deu uma tapinha no ombro do parceiro e amigo.

— E vai continuar sendo. — Depois olhou para Ethan puxando os cabelos. — Só relaxa, você e o Big vão ter um ataque, daqui a pouco.

Alheia ao que acontecia no outro lado da linha, Lilly continuou se justificando.

— *... Depois... precisava de um celular novo e vocês iriam demorar... não achei que seria um problema eu sair. O jardim era tão lindo...*

— Lilly, é a Penne.

Um segundo de silêncio.

— *Cadê o Brian?*

— Ele precisa se acalmar, temos um show em dez minutos... Por que precisava de um

celular novo? Podia ter pedido ao Dilon! Onde está?

— *Deus! Não queria atrapalhar o show!*

— Onde está?

— *A uns cem metros do retorno para o estádio. Nem pensei em pedir isso ao Dilon. Só tive a ideia de trocar de número no shopping. Ava e Will estão me deixando louca, Penne! Fora a porcaria da imprensa que descobriu o meu número... impossível...*

— Ouça, Lilly. Temos que ir para o *backstage*. Assim que chegar, vá para lá. Fique ao lado do palco, nada de pista hoje. Pode fazer isso?

— *Posso, mas…*

Penne tomou uma respiração profunda.

— Sem, *mas*... Só vá para o palco e fique ao lado de Brian, ok?

— *Ok*.

Lilly desligou o viva-voz do carro, sentindo-se culpada. Deu seta para entrar na alça de acesso do estádio, seguindo uma fila de carros que também se encaminhavam para lá.

Droga!

Bateu com as mãos no volante, frustrada com a lentidão do trânsito. Buzinou e tentou ultrapassar. O coração dela apertou com a ideia de Brian nervoso. *Caramba! Que confusão!* Deixar a todos preocupados era a última coisa que desejava e a sensação era inquietante. Lilly inspirou fundo, afastando o pânico. Ainda estava sensível do seu chilique no parque.

De repente, a ficha caiu e os problemas dela pareceram pequenos diante de tudo o que os seus amigos enfrentavam. Sair e bater pernas por aí era algo natural para ela e para o resto mortal do planeta. Entretanto, coisas simples como ir no shopping ou a um parque pareciam atividades perigosas e absurdas para eles. Não era à toa que preferiam a noite e a discrição das boates ou dos clubes privados.

De fora, quem acompanhava a banda, só conseguia enxergar a fama, a agitação e o glamour. Nem imaginavam o quanto deveria ser sufocante ficar prisioneiro do próprio sucesso. Sem liberdade para sair sozinho, dar satisfação de tudo ou apelar para os disfarces, como a Penne.

— Bom que retornou em segurança, senhora Pierce. Seu marido é um homem bastante ansioso.

Lilly engoliu em seco e riu sem graça.

— Pois é, parece que sim.

Pela expressão cansada do guarda no portão da diretoria, Brian deveria tê-lo feito passar uns maus bocados. De qualquer modo, agradeceu ao pobre homem que parecia querer vê-la longe, liberando a entrada dela sem problemas.

Parou o carro perto do *Palazzo*. Podia ouvir os acordes da guitarra de Brian, ecoando nos alto-falantes. Uma multidão indo ao delírio. As luzes dos canhões refletindo no céu. O corpo todo de Lilly arrepiou-se e lá estava ela... a luxúria e a vontade louca de ver Brian. Não perdeu tempo, jogou a bolsa e as chaves para Lion que estava por perto, pediu que descarregasse e estacionasse o carro dela e voou em direção à entrada de acesso dos bastidores.

Abriu caminho entre uma multidão de fãs, indo em direção ao portão de acesso aos camarins. Em meio a tantos corpos, permitiu-se ser puxada, esmagada e depois xingada quando agitou a credencial de passe livre. Lilly nem pensou em seu estado desgrenhado. Não havia nem sombra de toda aquela produção da noite anterior, ela continuava com o mesmo vestido larguinho de verão, que colocara ao acordar. Branco estampado com minirosinhas e o *All Star* verde-exército. Zero maquiagem e rabo de cavalo.

Não estava familiarizada com o labirinto de corredores e escadas para chegar ao palco, mas deu um jeito, e a cada acorde que ouvia sair da guitarra de Brian, o coração acrobata dela pulava mais. Quando pegou o primeiro vislumbre do guitarrista, que zanzava pelo palco dedilhando as cordas grossas de modo frenético, tropeçou na fiação e quase caiu de quatro. Era oficial, aquilo nunca mudaria. Era vê-lo, para a boca salivar e o corpo tremer. O homem era devastadoramente lindo. O rosto de perfil perfeito estava suado e com uma expressão tensa. Alguns fios de cabelo grudados na testa.

Lilly ficou de pé em um cantinho que fosse fácil vê-la. Os braços abraçaram o corpo, apertou as coxas, esfregando um pé no outro, tentando conter o tesão entre as pernas... A tentação de invadir o show, pular sobre ele e arrancar aquela camiseta cinza encharcada a estava rondando. Queria explorar cada centímetro daquele corpo rígido novamente. Gemeu baixinho, quando focou nos dedos frenéticos. Lembrou-se de todas as coisas que eles fizeram pela manhã e quase enfartou, quando o pegou olhando para ela, sorrindo largo e brilhante. Sorriu de volta, dando tchauzinho e pulando feito uma boba.

Gabe sussurrou alguma coisa no ouvido de Brian, que concordou com a cabeça e dedilhou a introdução de seu solo sem tirar os olhos dela. *Deus, ele é incrível*. Adan começou a canção seguinte e outra, e outra. Os gritos eufóricos da multidão, e o sermão de Mark sobre o sumiço dela não conseguiram quebrar a magia que a imagem de Brian exercia sobre ela. Ficou ali sorrindo para ele solo após solo, música após música.

As luzes do estádio apagaram, a multidão gritou o nome da banda. Uma nova explosão de luzes... Veio um bis... outro... mais gritos e aplausos... O show foi maravilhoso e tecnicamente perfeito, mas não tivera a mesma intensidade de Vegas, eles pareciam cansados.

Brian mal terminou os agradecimentos, virou a guitarra que escorregou chiando em suas costas e correu para Lilly. Segurou o rosto dela com as duas mãos, e o olhar dele beirava ao desespero. O guitarrista inspirou fundo, as narinas inflando.

— Bela! Fiquei louco aqui sem você! Promete que não some mais.

Ela ofegou com a intensidade do toque dele e agarrou-se às mangas da camiseta molhada.

— Pro-pro-meto.



29

Brian a beijou com energia, explorando a boca de Lilly com a língua. Ela gemeu, agarrando-se mais a ele. Muitos minutos se passaram até que o músico parou o beijo encarando-a novamente.

— Estou louco por você! — Depois a atacou com mais profundidade.

Ficaram ali, ao lado do palco... beijando-se e enroscando-se, alheios aos ruídos da guitarra nas costas de Brian, a presença de Daniel e ao corre-corre da equipe de desmontagem.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Os protestos de Mark sobre um grupo *VIP* que esperava pela banda em uma boate não surtiram efeito. Brian arrastou Lilly pelos corredores. Os seguranças tiveram que trabalhar dobrado para afastar os fãs e os jornalistas e, em dez minutos, o casal subia as escadas do *Palazzo*.

— Que porra é essa?

O corpo de Brian retesou e parou, fazendo uma muralha de músculos à frente de Lilly. No embalo, ela chocou-se contra ele, quase caindo de bunda.

— Oi, garanhão... pronto pra mim?

Garanhão?

Lilly inclinou o corpo, desviando da muralha Brian para localizar a dona da voz vulgar.

Caramba! O que é isso?

Analisou a figura da mulher, sentada sobre a bancada da cozinha, completamente nua... Pernas magras e quilométricas cruzadas, seios extra *GGG*, uma garrafa de champanhe em uma mão e duas taças cheias na outra.

Rindo alto, a loira, muito platinada, colocou a garrafa sobre o balcão e deu um gole no champanhe. Depois, olhou com indiferença para a cabeça de Lilly atrás de Brian e voltou a sorrir para o músico.

— Dispense a fedelha, quero repetir a foda quente que tivemos em Vegas. — A vadia molhou um dedo no líquido borbulhante, circulou um dos mamilos enormes, mordendo o lábio inferior.

Vegas?

— Como entrou aqui? — a voz de Brian era puro desprezo.

— Você me deu passe livre, esqueceu? Vamos... eu sei o que quer. Dispensa logo essa franguinha e vem meter essa tora gostosa em mim.

Lilly sentiu o corpo de Brian tensionar mais ainda, e um rosnado baixo escapou do maxilar cerrado. As veias do pescoço dele estavam saltadas e uma adrenalina ruim fez o coração dela disparar e a boca secar.

Dedos com longas unhas vermelhas desceram para o centro das pernas escancaradas.

— Quero que me castigue... e me foda com raiva, Brian... Igualzinho ao que fez no outro dia...

Os olhos de Lilly triplicaram de tamanho e um gemido sofrido lhe escapou da garganta. Aquilo não era sexy, era vulgar.

Quem se excita com isso?

Brian fechou os olhos... Sim, ele a tinha fodido com raiva… E nunca se arrependera tanto de um porre na vida...

Merda! Merda! Merda!

Bem que o Gabe falou que dar passe livre para um tipo como o da Diana era um tiro no pé, mas estava tão bêbado...

Por instinto ou vergonha, o guitarrista tapou os olhos de Lilly. Mãozinhas pequenas agarraram-se às dele. Ela queria testemunhar aquela pouca vergonha e gritar, mas suas cordas vocais congelaram. Estava chocada... Não deveria, mas estava...

Loira idiota, oferecida!

Tão parecida com Ava.

— Vá embora, Diana, e devolve essa merda de passe!

Ele deu um passe para ela?

Um gosto amargo brotou na boca de Lilly...

Será que a história de Ava sobre Brian ter uma amante era verdadeira?

— Credo... quanta grosseria... — A loira apontou para Lilly, que se debatia para livrar-se das mãos do marido. — Se a baixinha for o problema, não me importo que assista, tô sabendo que ela é do tipo que compartilha... e estou com tanto tesão... garanhão.

O quê... dividir? Como ela sabe disso?

Acostumada uma pinoia!

— Tem cinco segundos para colocar essa merda de roupa e sair, se não quiser ser chutada daqui pelada! Cai fora, PORRA! — a voz de Brian agora, beirava o ódio.

— De jeito nenhum vou sair antes de ter o que quero! — A loira gargalhou, completamente bêbada.

Lilly cravou as unhas nas mãos de Brian, que a soltou.

— Droga, Lilly!

Ela ignorou o grito dele e deu um pulo para trás se afastando. Quando Brian tentou pegá-la, levantou a mão indicando que nem chegasse perto. Estava vermelha, descabelada e ofegante. A cara de pavor do roqueiro e os cabelos sendo arrancados não a sensibilizaram.

— Vocês são amantes? — Lilly encarou a mulher com fúria.

Ela estava em uma situação humilhante, pra caralho!

— Somos — a loira devolveu com petulância.

— Não somos! Cale essa boca, Diana!

— Ah, garanhão... não negue as fodas que tivemos... *Desfoder*[64] não rola, sabia?

Brian voltou-se para Lilly.

— Não somos amantes, tem que acreditar em mim. Foram só uma... merda!

Lilly limpou com raiva uma lágrima que caiu, olhou para Brian e depois para a loira que parecia achar tudo divertido. Em seguida, ajeitou a postura e empinou o queixo.

— Boa foda pra vocês!

— Não, Lilly!

Ela deu um drible em Brian, correu, entrou no quarto e bateu a porta.

— *Lilly... Pelo amor de Deus... abre isso aí.* — Murros tentaram pôr a porta abaixo.

Magoada e humilhada, Lilly apertou o botão do interfone e pôde ouvir várias novas vozes surgindo e se misturando à de Brian e a da loira, que gritava algo incompreensível.

Lilly ouviu mais gritos e uma confusão começou. Espiou pela janela e viu quando a mulher saiu escoltada pelos seguranças, envolta em um casaco. Um FLASH de memória! O ar fugiu dos pulmões dela.

Filho da mãe!

— *Lilly, não tenho nada com a Diana! Abre, por favor!*

Sim. Diana!

Da-i-a-na!

Lembrou-se da loira grossa no camarim em Vegas, no mesmo dia em que Brian praticamente a enxotou e chegou várias horas depois no hotel! E depois... e depois... *Deus!* Lilly escondeu o rosto com as mãos, as pernas bambearam e ela caiu no chão.

— *Lilly!*

Ela entregou-se a ele.

Jesus! Droga!

Vai saber quanto tempo depois de ele ter fodido a tal Diana com raiva... Não que ele lhe devesse fidelidade ou que tenha sido seduzida, forçada, mas, caramba! Dividir a sua noite especial com a vadia *GGG* era um pouco demais...

Merda!

Não usamos camisinha!

O estômago de Lilly revirou. Imaginar que aquele pau dele, que ela CHUPOU, estivesse horas antes enfiado na ordinária.

Merda!

— *Lilly, por favor... abre isso aí. Vamos conversar. O lance com a Diana...*

— Chega, Brian! — interrompeu-o. — Não quero conversar, só me deixe em paz!

— *Vai deixar que aquela louca estrague tudo?*

Que cara de pau!

— Não me interessa se é louca, não tenho nada com isso. Só me deixe em paz, ok! — Lilly apertou o botão e interrompeu a comunicação, deixando o silêncio reinar.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Daniel voltou ao *Palazzo*, assim que despachou Diana. A mulher era uma vadia da pior espécie. Soltou um suspiro de desgosto. Sabia que a bebedeira de Brian na outra noite, terminaria em merda. Disse a ele que trepar só para esquecer que Lilly se casaria no dia seguinte, era a pior das fugas. Tentou aconselhá-lo, mas o cara estava completamente fora do eixo e a fim de afogar as mágoas na primeira boceta que aparecesse. A piranha foi esperta, agarrou a chance.

Deu no que deu.

O idiota estava a ponto de estragar tudo com uma garota nota dez, por uma foda errada. Daniel olhou com pena para Brian, parado como um cachorro sem dono, mãos sobre o batente e testa colada na porta, suplicando para que Lilly abrisse o quarto.

O segurança colocou a mão sobre o ombro do músico. Às vezes, as funções dele iam além... babá, conselheiro, psicólogo... o que Brian precisasse. Agora seria apenas o amigo.

— Cara... dê um tempo pra ela. Só vai piorar as coisas, insistindo.

— Mas...

— Mulheres são diferentes, precisam de um tempo para digerir as merdas. Ela vai abrir... no tempo dela.

Ainda sem desgrudar as mãos e a testa da porta, Brian suspirou. Sabia que Daniel tinha razão. O homem sempre tinha razão, mas a ideia de derrubar a porta e entrar à força ainda era tentadora.

— Vem, vamos tomar uma cerveja — Daniel insistiu, segurando forte a nuca do guitarrista.

— Não vou sair daqui.

Daniel se muniu de paciência. *Um pouco de psicologia não faria mal!*

— Quem disse que vamos sair? Vamos ficar de guarda, na cozinha, tomar umas e conversar.

Conseguiu arrastar Brian.

Aleluia!

Acomodou-o na mesa de refeições da copa. Pegou duas cervejas e sentou-se com ele. Achou providencial Mark ter levado os outros caras para uma presença *VIP* na boate. Big não era um homem calmo e a situação estaria bem pior. Com certeza, o Gladiador já teria derrubado a porta e Penne estaria fazendo um daqueles discursos intermináveis sobre tietes vadias e roqueiros prostitutos.

— E se ela não abrir?

— Vai abrir.

— E se ela não quiser me ouvir?

— Vai ouvir.

— E se for embora?

— Vai ficar.

Brian o observou, sem colocar muita fé em toda aquela certeza.

— Se coloca no lugar da garota. Ela não está acostumada ao estilo lascivo de vocês e acabou de passar por um rompimento traumático com o noivo. Além de ter sido traída pela própria irmã. Daí, chega e encontra a pior das vadias, completamente nua, te chamando para um repeteco! Porra, Brian, pensa! Não importa em que circunstâncias, mas estão casados — Daniel jogou a real.

Depois, tomou um gole da cerveja e esticou as longas pernas. Esperou por uma reação de Brian, mas o roqueiro permaneceu quieto, só ouvindo, e com os olhos fixos na porta fechada.

— Pelo jeito... vocês dois... hum… chegaram aos *finalmente*? — Daniel sondou com certo constrangimento.

Brian desviou o olhar da porta, encarou o segurança e confirmou sem jeito.

— Imaginei — o guarda-costas disse amigável. — Então... a Lilly não parece ser do tipo que sai por aí transando com qualquer um, ainda mais depois de ter sido traída como foi. Garotas como ela costumam criar expectativa, caralho! — Ele não queria, mas exaltou-se. — Você tem três irmãs, deveria saber disso!

— Eu sei... Eu mesmo criei expectativa. Sei lá, Dani, eu já achava a Lilly especial, mas agora...

Brian parou e virou a cerveja de uma levada só. Ele não queria ter aquele tipo de conversa, mas Dani tinha uma coisa que lhe inspirava confiança desde que eram pequenos. Sabia que jamais usaria suas palavras contra ele.

— Agora? — o segurança o incentivou.

— Agora, por mais que eu queira, não posso apagar o meu passado de merda. Sei lá, é confuso... — Cansado, Brian esfregou os olhos. — Agora parece que tudo o que eu fiz, até hoje, foi sem sentido ou errado. Tem alguma coisa na Lilly que me diz que ela é "*A Garota*". Tudo que sinto ao lado dela é novo… é intenso... é mais... muito mais.

Daniel era um homem com certa sensibilidade e tinha percebido aquele algo a mais na primeira vez em que os vira juntos. A sintonia entre os dois era impressionante... Juntos ou separados, era nítida a ansiedade de ambos querendo agradar... ou preocupando-se. Mas aquilo era uma coisa que teriam que reconhecer sozinhos. Queria ele ter a sorte de ser visto... ser amado.

— Se pensa assim, meu amigo... não perca a garota. Lute... vá atrás...

— Rastejar?

— Não! — Daniel deu um soco no ombro de Brian. — Não acho que a Lilly gostaria que se humilhasse por ela. Agora, ser tratada com respeito, tenho certeza que sim.

Minutos se seguiram, depois horas...

Uma cantoria e os risos do lado de fora anunciaram a chegada do resto do bando. Lion entrou carregando Penne, totalmente bêbada, tentando mantê-la acordada. Ele deu um leve aceno, puxou a escada embutida no teto e subiu com a guitarrista.

Adan, Gabe e Big não estavam muito melhores que a amiga, mas, pelo menos, ainda conseguiam andar e falar.

— O que fez com a Diana? — Gabe perguntou, tentando se equilibrar apoiado do balcão.

Big sentou com tudo no banco ao lado de Brian, fazendo o corpo do guitarrista pular com o impacto.

— Ela chegou na boate soltando fogo. — esclareceu Adan.

— Eu e a Lilly a encontramos nua e bêbada. Foi patético. Eu a expulsei — Brian disse irritado.

— E a Lilly? — Big rosnou.

— Está no quarto, dormindo. Odiou a situação. — Brian não quis entrar em detalhes. Nem sabia ao certo, se Lilly havia dormido, mas não iria confessar aos amigos que ele estava trancado para fora do quarto.

Adan abriu a geladeira, pegou mais uma cerveja e sentou-se ao lado de Daniel. O cabelo comprido estava um caos... meio preso e meio solto em um coque.

— Acho que devíamos bani-la. Aquela mulher é problema... tem a boceta mais rodada que pneu de Fórmula 1.

— Recolhi a credencial dela, mas não posso proibi-la de ir aos shows. Nem temos como controlar isso — Dani explicou sem graça. Levemente corado.

Gabe escorregou, sentando esparramado no chão.

— Por mim tudo bem — o baixista disse com desdém. — Nem é uma foda que valha a pena. Parece uma gazela esganiçada quando goza.

— Não sei como Brian foi cair na dela. A mulher nem é o tipo dele. Artificial, pra cacete — Dani disse sério.

Gabe fez uma careta.

— Culpa minha... Eu botei fogo pra que o Brian a pegasse. Ele estava muito tenso e precisava relaxar. Nem sabia quem era. Deve só ter mirado no buraco e metido com tudo! — Gabe riu, imaginando a cena.

— Usou camisinha pelo menos? — Big rosnou.

— Usou. — Gabe gargalhou. — Assim que chegamos naquela boate de Vegas, fiz ele ir ao banheiro e colocar duas. Brian estava tão bêbado, que mal conseguiu colocar o preservativo sozinho. — Gargalhou novamente. — Até ofereci ajuda, mas esse aí não deixa macho tocar no pau dele, nem por decreto.

Brian suspirou aliviado.

Não lembrava de ter usado preservativo. Naquele dia, tudo o que queria era beber pra cacete e esquecer... Meter e meter, e esquecer, mas nada adiantou.

— Valeu cara, te devo essa — Brian agradeceu, envergonhado, ao baixista.

— Deve mesmo. — Adan gargalhou. — Do jeito que a mulher é esteticamente alterada... ia aparecer com um filho ruivo dizendo que era seu. Repararam que os olhos dela são artificiais?

— Porra, não brinca! São de vidro?

— Não, imbecil! Ela é cega por acaso? — Adan deu um tapa na testa de Gabe. — Lente de contato. Aquele azul é mais preto que os olhos do Dani.

— Acho os olhos do Dani muito lindos. — Gabe sorriu torto e o segurança engasgou com a cerveja.

— Porra! Quase quatro da matina! — Big levantou cambaleante. — Que horas o Dilon vai levantar acampamento?

— Às seis. Tucson fica perto, a duas horas daqui — Brian disse, esfregando o rosto e bocejando.

— Acho melhor aproveitarmos para dormir sem o ronco do motor — Adan sugeriu, levantou e puxou Gabe o colocando de pé.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O dia já estava amanhecendo... Lilly foi puxada de seu sono difícil por uma manobra do *Palazzo*. Ficou revirando na cama por horas... Por mais que a razão dissesse para ter cuidado e se afastar, o coração pedia para que ela não fosse tão dura.

Droga!

Queria o Brian!

Arrastou-se da cama e espiou através da persiana fechada. Dilon estava manobrando para sair do estádio, ainda estavam em Phoenix.

Com cuidado, abriu a porta do quarto. *Coitadinho!* Encontrou o marido espremido no sofá da sala, deitado de lado com os braços cruzados sobre o peito. O sofá embutido de couro branco era comprido, porém estreito, o corpão de Brian nunca ficaria confortável ali. *Poxa vida!* Ela sentiu-se mal por ele. Deveria ter ido para um dos beliches.

Sabia que não poderia ficar com raiva do músico para sempre. O que não mudava muito a realidade dela. Brian tinha um estilo de vida pregresso, muito diferente do dela. Pensou por horas, e não tinha certeza se conseguiria se adaptar àquilo. Sexo sem compromisso era uma coisa. Agora, mulheres vulgares... poligamia... compartilhá-lo... *Droga!* Pensou que poderia, mas não podia. A simples ideia a deixava doente.

Com cuidado, foi até ele, abaixou-se e passou a mão no rosto suado. A barba estava piniquenta.

Se ao menos ele não fosse assim tão lindo!

Droga de vida!

— Brian... — chamou-o baixinho. — Brian...

— *Brian.*

A voz doce e sussurrada, e o toque macio no rosto, tiraram Brian de um pesadelo.

— Lilly? — Abriu os olhos para encontrá-la ajoelhada diante dele, descabelada. — Oi.

— Oi.

O sorriso tímido aqueceu o coração dele.

— Você chorou? Lilly, desculpa.

Ela balançou a cabeça negando enfaticamente. *Claro que chorou!* O rostinho inchado não deixava dúvidas, mas Brian não quis insistir. Sentou-se no sofá, esfregando o rosto. Lilly ficou de pé diante dele. *Uau!* Foi impossível não a desejar e evitar as reações impulsivas da Fera que rugiu para a vida. *Porra!* O momento não era para aquilo. Mas vê-la de camisolinha de renda azul-marinho, com rosinhas amarelas enfeitando as alcinhas delicadas, era um pecado. Ele conseguia ver a calcinha minúscula, através do tecido larguinho e semitransparente.

Caralho!

Engoliu em seco e tentou mudar o ângulo de visão. *Merda!* Aquele lacinho entre os seios... *Bosta!* Parecia um anjo pecador.

— Melhor ir para o quarto... o sofá é muito estreito. Vai estar moído para o show de amanhã.

Brian não esperava por aquilo.

— O quarto? Aquele quarto? — Girou a cabeça mirando na porta que tinha ficado por horas trancada. — Com você? Lá dentro?

Lilly cruzou os braços em dúvida, olhou em direção ao quarto, depois voltou a encará-lo.

O peito de Brian apertou.

Ela suspirou. Não queria causar um constrangimento maior. Ser pega dormindo no sofá levantaria muitas perguntas.

— É o que temos... Acho que posso lidar com isso. Somos parceiros, não?

— Si-sim...

Parceiros? Não! Somos mais, muito mais...

Brian levantou-se de um pulo só e a seguiu. Foi arrancando a camiseta e desabotoando a calça jeans. Lilly olhou com espanto.

— Preciso de um banho... o show...

— Oh! Então tome um.

Malditas modernidades! Odeio arquitetos. Pra que um boxe de vidro no quarto? Não podiam ter planejado um chuveiro mais reservado?

Lilly afundou nas cobertas, tentando não olhar. A cada segundo que passava, achava Brian mais deslumbrante... e forte... e gostoso... e grande. *Droga! Ele está duro?* O cheiro de mate verde inundando o quarto... a fumaça saindo do chuveiro...

Seja forte, Lilly! Só parceiros! Será melhor assim... Hoje foi a Diana, amanhã, sabe-se lá quem será!

— Posso me deitar aí com você? — a voz ao lado da cama, a obrigou sair do esconderijo das cobertas. *Droga!* Cabelos úmidos, boxer branca, cheiroso...

Força, Lilly!

— É a nossa cama, não?

— Parece que sim. — Brian não pensou duas vezes, se enfiou embaixo das cobertas. —

Posso te abraçar?

Abraçar? Oh, oooh! Péssima ideia.

— Pode, só porque estou com muito frio. Não consigo dormir... Isso aqui está um gelo — Lilly disse envergonhada.

Frio?

Brian saltou da cama animado.

— Onde vai?

— A luz... — Apagou a luz e aproveitou para, discretamente, diminuir em mais alguns graus a temperatura.

Aconchegou-se, ficando de conchinha. Lilly sentiu na hora o cutucão da Fera e dedos afastando os cabelos dela para liberar-lhe o pescoço. Todos os pelinhos dela arrepiaram e o coração palpitou. O corpo forte e quente de Brian grudou-se ao dela.

Droga!

Seja forte!

— Tão cheirosa... — Um beijo molhado na nuca. *Inferno!* Ela se agitou. Se ao menos não estivesse com *TANTO* frio.

Brian sentiu o corpo de Lilly estremecer, mas a bundinha gloriosa não se esfregou nele como estava esperando... nada disso, ela afastou-se, quebrando o contato com o pau pra lá de dolorido.

— Não quer o meu abraço?

— O abraço tudo bem, mas... nada dos beijos molhados... nada da Fera ou dos solos em minha Bela. — Ela suprimiu um gemido. *Droga!* O peito dele subia e descia em uma respiração irregular. Lilly se amaldiçoou. Seria tão mais prudente se conseguisse ficar longe, mas encostar nele trazia paz, segurança... e desejo.

Inferno!

O QUÊ?!

— Não quer?

— Não... nada. Eu te desculpei... a Bela não.

Não? Como vou viver? Amo a Bela.

— Lilly... sobre a Diana... precisamos conversar.

Lilly inspirou vacilante. Virou-se para ficar cara a cara com ele. Tentou manter a expressão impassível, apesar de um pouco corada. Foi difícil resistir, com o olhar dele vagando para os seus lábios.

— Agora não, Brian... vamos apenas dormir, tá?

Ele soltou um longo e triste suspiro.

— Não podemos deixar pra lá. Temos que conversar.

Lilly o observou por um momento. Sabia que precisava ser firme. Ceder seria um erro. Era o mesmo que falar: *Hey, olhe para mim, sou igual a elas!* E não era. Simplesmente não poderia ser. Queria dizer que não o compartilharia. Mas tinha dito para ele curtir do jeito que estava acostumado. Não era justo que, do nada, resolvesse mudar as regras, só porque ela tinha percebido que não suportava a ideia de vê-lo com outras. Voltou a ficar de costas, os olhos desesperados dele a torturavam.

Eu não vou mais transar com você! Por mais que eu te deseje... eu não posso...

— Estou cansada, você também. Não quero brigar.

Brian percebeu que algo havia rachado e seu coração doeu. Daniel tinha razão, Lilly era diferente daquele mundo depravado. Teria que mostrar para ela que estava no meio apenas pela música. O restante do pacote... fama... farra... e mulheres... não o interessavam mais.

—Tudo bem, sem Bela e a Fera hoje.

— Obrigada.

Beijou os cabelos cheirosos e a puxou com força junto a si. Ele era incapaz de ficar longe. Enterrou o rosto no pescoço de Lilly e respirou fundo o cheiro de flores e lima. *Poxa, bonequinha... se você soubesse...* Sentiu Lilly querer se afastar.

— Não se afaste, por favor.

A pegada dele em sua cintura era tão firme, que impedia qualquer possibilidade de fuga. Lilly respirou fundo.

— Não vou me afastar, mas apenas me abrace... e se comporte.

— Posso me comportar, se prometer não fugir.

— Prometo. — Ela finalmente relaxou e descansou a cabeça no braço forte de Brian. Os olhos dela voltaram a ficar pesados e pegou no sono.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



30

Que semanas!

Phoenix ☐ *Tucson* ☐ *Sedona* ☐

Flagstaff ☐ *Willians* ☐ *Grand Canyon* ☐

Kingman ☐ *Barstom* ☐ *Victorville* ☐

Seligan ☐ *Calico* *San Bernardinho* ***Los Angeles.***

Treze cidades em quinze dias! Agora, estavam indo para uma folga mais que merecida, antes de retornarem para a turnê. Precisavam estar em Los Angeles para o Grammy!

Os dias passaram voando e foram uma sequência do mesmo. Estrada, *Palazzo*, entrevistas, passagens de som, *meetings* e shows. Tietes... tietes...e mais tietes... Lilly cumpriu a promessa, não fugiu e Brian se comportou.

Ela acostumou-se com a presença constante das tietes rondando a banda. Adan e Big costumavam carregar algumas delas para o QG, antes de caírem na estrada. Os amigos se dividiam entre o quarto no piso superior e a pequena mesa de bilhar na salinha de jogos. Penne e Gabe tinham outros esquemas... desapareciam por horas. E por mais que Lilly tivesse insistido para saber quem era o felizardo, Penne não abriu o jogo.

— *Eram ninguéns!*

Engraçado... Lilly tinha a impressão de que Penne estava mais distante e escondendo algo. Quando viviam separadas por quilômetros, sentia-se muito mais próxima da amiga.

Brian cumpria todas as rotinas para depois, se trancar com Lilly no quarto. Horas intermináveis de risadas e muitas conversas, mas nenhuma delas era sobre o assunto que ele queria...

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Ainda continua chateada por causa da Diana?*

— *Não.*

— *Então podemos conversar sobre nós?*

— *Nós? Não temos feito isso? Conversado... Acho que está tudo bem...*

— *Como estamos bem? Lilly, estamos afastados, desde aquele dia, nós nunca mais...*

— *Brian...* — interrompeu-o. — *Estou grudada em você vinte e quatro horas por dia.*

— *Mas não grudada como eu gostaria...*

— *Que besteira, acho melhor fazer alguma coisa pra você comer... Por que não aproveita e toma um banho?*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Todos pensavam que os dois transavam loucamente. Entretanto, desde a noite da Diana, Lilly tinha posto um freio total nas investidas de Brian. O medo dela chegava a ser irracional e, inconscientemente, o trauma provocado pela traição da irmã e do ex-noivo era como um veneno que estava contaminando tudo. As noites viraram uma sequência de conchinhas comportadas... e as manhãs, um emaranhado de pernas e braços, culpa dos seus corpos traidores. Porém, nada de sexo ou banhos.

No máximo, alguns beijos castos e abraços em público para cumprir o protocolo.

Diana virou um problema. A mulher tinha tentado forçar a entrada nos bastidores e chegara a fazer dois ou três escândalos, mas a decisão de bani-la não tinha mudado. Daniel passou a viver no modo olhos de águia... e pegou a loira rondando Lilly em um shopping em Seligan e em um salão de beleza em Calico.

Contudo, Brian decidira não contar sobre as ações da Diana para Lilly. Ele estava preocupado, sua Bela passava as tardes enfurnada no *Palazzo*. Parecia triste e desanimada, e depois de todo aquele drama em torno do passeio no Jardim Botânico, ela evitava ao máximo sair. Para Lilly era claustrofóbico, mas, pelo menos, nunca mais tinha dado preocupação para a banda.

As saídas dela ficaram reduzidas aos compromissos profissionais de Brian.

Foram às festas *VIPS*, boates exclusivas e bares privados. Divertiu-se com a banda. Eram capa de quase todos os tabloides e destaques nos sites e blogs. Até a parada de vinte minutos, que fizeram para ver o *Grand Canyon*[65], estava lá... registrada em vários sites. Lilly não era mais a artista plástica discreta… Era a senhora Pierce.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Enfim, estavam em Los Angeles...

Lilly aguardava Brian no galpão da banda e aproveitou para explorar, com curiosidade, cada detalhe do antigo estúdio de cinema restaurado. Admirou-se que tudo no lugar fosse original

da década de cinquenta. O prédio era usado como escritório, estúdio pra fotos e gravação de clipes. Os *Palazzos* e carretas ficavam ali quando não estavam em turnê.

O clima era de total euforia, como o final de ano letivo. Um corre-corre, despedidas e sorrisos alegres. A equipe estava tão acabada que aqueles dias de descanso pareciam férias de verão ilimitadas. Lilly começou a ficar impaciente por Brian e pelo carro dela, mas os músicos tinham convocado uma reunião de última hora, entre a banda e Mark.

Aqueles dias na cidade seriam um teste. Lilly estava nervosa e com o coração mais descompassado do que o normal. Brian não tinha um lugar só dele. Dividia-se entre a casa dos pais e a mansão da banda. Ele acreditava que manter um apartamento de solteiro seria uma tolice, já que passava a maior parte do tempo na estrada. E como era de se esperar, o músico ficaria com ela na casa nova.

Brian estava esperançoso que a privacidade trouxesse de volta a intimidade, e por mais que tentasse se controlar e disfarçar, o sexo com Lilly não saía da cabeça dele. Queria a Bela de volta... inteira. O tempo de conversas os uniu e fortaleceu a amizade, porém ele precisava de mais... e a resistência da esposa o estava matando.

As punhetas solitárias e às escondidas só faziam aumentar o desejo, e dormir juntos tinha se transformado numa tortura.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Próximo dali... quem estava eufórica era Marie. Queria tudo perfeito para a chegada dos recém-casados. Teria um patrãozinho novo! E não era aquele mau-caráter do Will! Era um homem cuja intuição dela dizia que ser o certo para Lilly. Chegou até a procurar a mãe do Brian, sem saber que se tratava de uma cantora famosa. Para a governanta, era só a dona Sarah, sua cúmplice. A mãe dedicada que lhe passara todos os gostos do filho. Tinham ficado horas ao telefone, dividindo histórias de infância dos seus protegidos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Vai adorar o Brian, Marie. Não é porque é meu filho, mas ele é um doce, superfácil de lidar.*

— *Tenho certeza disso, dona Sarah. Já providenciei para que o mordomo da banda trouxesse todas as coisas dele pra cá.*

— *Perfeito! Vou passar por aí esta semana. Quero te ajudar a organizar tudo do jeito que o*

meu filho gosta. Aproveito e levo aquelas receitas que prometi.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Cinco rostos satisfeitos saíram do escritório no mezanino do galpão, seguidos por um carrancudo Mark. Dilon tinha acabado de se despedir e avisar que a *Maserati* estava estacionada na entrada, ao lado do jardim central de palmeiras.

— Nos vemos em Malibu! — Penne gritou sem despedidas. A mansão da Ultimate Bet ficava a três casas pela praia de onde Lilly e Brian iriam morar.

Minha casa... finalmente!

— Vamos? — Brian chegou todo sorridente, carregando a guitarra e a mochila.

Os dois saíram na direção do estacionamento. O dia estava lindo, ensolarado e com uma brisa agradável. Lilly jogou as chaves para o músico, que as pegou no ar. Vê-lo dirigir era um espetáculo à parte. Muita testosterona, músculos e tendões envolvidos.

— Pelo seu sorriso, presumo que a reunião foi boa.

— Foi ótima. Colocamos alguns limites. Ter mais tempo livre é prioridade a partir de agora.

— Que bom, Brian. Não sei como aguentam ficar trancados no *Palazzo*, indo de um compromisso para outro.

Brian sorriu, colocou a mochila e a guitarra no banco de trás da *Maserati*. Abriu a porta do passageiro para Lilly, correu contornando a frente do carro e entrou assumindo o volante.

— Pois é, já são quase sete anos nessa loucura. Está na hora das coisas mudarem... Tenho outras prioridades, além do trabalho.

O coração de Lilly apertou. "Outras prioridades" significava passar menos tempo juntos?

— Quais? Tem novos projetos?

Ao som de *Red*, de Taylor Swift, e com a capota abaixada, percorreram a curta alameda de palmeiras, típica nos estúdios da época.

— Os mesmos projetos de sempre. Não que tudo vá ficar calmo, mas minha prioridade agora é você, senhora Pierce.

Eu?

— Brian, não precisa fazer isso.

— Não preciso... eu quero. — Os olhos de Brian estavam brilhando de animação.

— É muito bom ouvir isso... — Lilly se emocionou, ser prioridade para alguém era algo que ela desconhecia.

Um grupo de *paparazzi* estava de plantão, atrás dos portões de ferro clássico com o brasão da UB. Logo foram atingidos por uma onda de flashes e perguntas animadas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Vai levar a senhora Pierce ao Grammy?*

— *Vão morar juntos em Malibu?*

— *As famílias vão se conhecer?*

— Sim para tudo, porra! — Brian brincou.

— *Qual a cor do seu esmalte, Lilly?*

— Cotton Candy da Chanel! — gritou para a repórter do site Girls.com

— *E o vestido para a premiação?*

— Acho que qualquer um do meu armário. Nem pensei nisso! — brincou, não entendendo o porquê de tanta especulação em torno do assunto.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Responderam a mais perguntas, acenaram sorridentes e logo ganharam a via expressa em direção a Malibu. Seguidos por uma variedade de SUV's.

A imprensa os adorava. Os queridinhos da mídia! Eram considerados o casal mais quente do momento e lindos... *BriaLy* como foram apelidados nas redes sociais, eram simpáticos, carismáticos e acessíveis. Uma tática de Brian para acalmar os ânimos. Ganharam até o tratamento cortesia dos *paparazzi*. Eles os seguiam, fotografavam, mas não havia uma abordagem agressiva. Os jornalistas eram gentis e até divertidos.

Lilly ganhou a atenção dos blogs de moda e de alguns grupos de fãs que viviam postando coisas sobre o estilo dela. Era irônico, mas até as vendas de suas obras cresceram naqueles vinte dias de Brian.

Foram o caminho todo falando sobre o Grammy, o almoço na casa dos pais de Brian, a segunda parte da turnê e ouvindo música.

A chegada ao condomínio foi tranquila. O acesso à rua única era restrito, o que mantinha a imprensa, os curiosos e os fãs bem afastados. Na verdade, era uma charmosa e paradisíaca praia particular entre dois morros. Uma faixa larga de areia fofa e branquinha. Cheia de palmeiras em frente a um mar de águas calmas verde-azuladas. Apenas sete casas sem portões, com grandes gramados e jardins recheados de folhagens exuberantes.

Brian nunca alimentou interesse pela casa de Lilly e no fundo, sempre torceu para que a compra não fosse fechada. Sabia que ficava a uns duzentos metros de distância da mansão UB, pela praia. Na época, Lilly ainda não vivia ali... e quando fizesse, estaria com o WillBosta.

Se pudesse, teria construído uma trincheira... chegou até pensar em se mudar. Correr na praia e dar de cara com o casalzinho feliz não estava em sua lista de prazeres relaxantes.

Toma, WillOtário!

Quem vai correr e curtir a praia agora?

Um segurança que Lilly nem sabia que tinha contratado os recebeu, assim que Brian estacionou o carro.

— Senhores, sejam bem-vindos. Vou me encarregar do carro e das bagagens

— Ah! Ok! Eu sou a Lilly e este é meu marido, Brian. — Lilly achou melhor manter a farsa.

Marie e o tio aparentemente esqueceram de comentar sobre o detalhe de um metro e oitenta e cabelos grisalhos... Max, policial aposentado, e viúvo de cinquenta e nove anos. Novo morador da ala dos empregados. Uma espécie de segurança e caseiro.

O coração de Lilly estava ansioso. Tinha passado tanto tempo se dedicando à casa dos seus sonhos, atenta a todos os detalhes... do piso ao teto, cada móvel, cada enfeite e folhagem. Pisou com o pé direito no chão de mármore branco. A partir daquele momento, aquele seria o seu endereço oficial. Dela e do marido.

— Meu Deus! Lilly, que saudades! Como foram de viagem? — Uma ansiosa Marie veio recebê-los. Abraçou a ambos calorosamente, para surpresa de Brian e Lilly.

— Bem... a viagem foi... legal — Lilly desconversou, descendo rapidamente os três degraus que separavam o hall de entrada das salas. Jogou a bolsa no sofá e deu uma olhada em volta, com as mãos na cintura.

Brian a seguiu... e depois Marie. *Caramba!* Lilly tinha feito um bom trabalho. A casa era deslumbrante, iluminada e arejada.

— Estou te sentindo um pouco desanimada. Fez os seus passeios? Deve ter ficado louca

com tantos lugares novos. — Marie a observou com cautela.

Lilly ajeitou um arranjo de gardênias em um aparador próximo de uma janela de venezianas brancas.

— Alguns. Conheci mais os estádios mesmo. Posso me candidatar a guia.

— Mas... e os museus, os parques? Gosta tanto dos seus passeios ao ar livre.

— Nenhum museu ou galeria. Visitei um jardim botânico de cactos e tiramos uma foto no Grand Canyon. Esse negócio de turnê é uma correria.

Merda.

Essa doeu!

Não era à toa que Lilly tinha andado quieta. A casa era toda tão clara e alegre, os estádios eram tão cinzas. Brian foi egoísta, deveria tê-la incentivado a passear e se divertir. Sentindo-se um lixo, ele ficou ali, parado do meio da sala. Não sabia se sentava ou seguia Lilly, que parecia querer checar todos os detalhes da decoração.

— Que chato... e você rapaz? Deve estar cansado. — Marie era afetuosa como uma avó e indicou que se sentasse.

Brian sorriu e finalmente sentou-se em uma poltrona de lona branca macia.

— Nem um pouco. Dormi bastante esta noite. Uau! A casa é incrível.

Lilly parou de mexer freneticamente em outro vaso e virou-se para ele. O elogio trouxe um alívio imediato. Então, deu-se conta de que estava ansiosa por ele. Queria que Brian gostasse dali, tanto quanto ela.

— Gostou mesmo? Queria um lugar aconchegante e simples.

— Achei perfeita, iluminada e alegre. — Olhou ao redor. — E florida. A mansão da ULTIMATE é impessoal. Mais como uma república e muita gente misturada. Aqui parece um lar.

— Mas é um lar. — Lilly pareceu chocada e Brian queria apenas ter feito um elogio. — A intenção é criar a minha família e envelhecer aqui.

A nossa família. Brian quis corrigi-la, mas calou-se.

Marie percebeu um certo constrangimento no ar e apressou-se. *Por que Lilly estava tão na defensiva?*

— Gosto do sol entrando por todas essas portas duplas e janelas amplas... É tão alegre. E esse barulhinho das ondas? Um paraíso.

— Estou realmente impressionado com o que Lilly fez aqui. É mesmo um lugar perfeito para uma família. Tem cachorro?

O sorriso radiante e orgulhoso que brotou no rosto da esposa indicou que seu elogio, finalmente, surtira efeito.

— Ainda não, quem sabe quando as coisas se acalmarem. O que acha de um tour?

O *clima entre eles melhorou um pouco...*

— Vou preparar um lanche, enquanto mostra a casa. As roupas do Brian já estão no closet de vocês.

— No meu quarto? — Lilly engasgou.

— Na suíte principal. Onde mais? — Marie olhou confusa. — Não são algum tipo de casal moderno, são?

Brian voltou a atenção para Marie e abriu um sorriso travesso.

— Fique tranquila, Marie, sou um homem tradicional. Nada de quartos separados para nós.

Marie piscou de um jeito cúmplice para Brian... e ele gostou daquilo. Depois, a governanta saiu na direção de um corredor, murmurando algo sobre bolos e tortas.

Lilly mostrou a casa *DELES!* Foi gentil, empolgada, mas esquivou-se de todas as tentativas de aproximação de Brian.

Não era suntuosamente grande como a mansão da banda. Era só perfeita. Móveis todos brancos, coloridos pelas almofadas, objetos, plantas e dezenas de obras de Lilly nas paredes.

Um andar térreo dividido em patamares. Cozinha, sala de refeições, escritório, e uma sala ampla com três portas duplas. Um *deck* voltado para o mar em vários desníveis. No primeiro, uma varanda com um futton, almofadas, poltronas e vasos de plantas. No segundo, uma área para churrasco. No terceiro, no nível da praia, uma piscina, guarda-sóis e espreguiçadeiras.

A casa era toda ladeada por um gramado enorme. Lilly informou que próximo a encosta havia dois chalés. O estúdio e a área dos empregados. As suítes ficavam no andar de cima. Duas de cada lado, estrategicamente separadas por degraus e um jardim vertical. No primeiro nível, Marie ocupava um dos quartos de fundo. Alguns degraus acima, mais duas suítes. A principal, bastante confortável, clara e arejada, com cortinas esvoaçantes levando para uma varanda e uma imensa cama *king size* com dossel. A outra, o quarto que seria de Will... a pedido dele, que pregava que para um bom casamento, era preciso que se tivesse privacidade.

— Eu pensei que quisesse ter o seu próprio quarto. — Lilly mostrou a segunda suíte bem masculina. — Podemos mudar as suas coisas pra cá, ninguém precisa saber.

Brian a ignorou e voltou para a suíte principal. Foi até a varanda e apoiou as mãos no beiral de madeira, observando o mar. Respirou fundo. A praia estava vazia e ele de saco cheio, verdade fosse dita. A porra toda era muito confusa. Tudo bem que Diana pesou a mão, mas até quando aquela história renderia?

Caralho!

— Brian?

— Até quando vai me punir pelo que aconteceu com a Diana? — Virou-se, apoiando-se nas grades de madeira. Lilly estava de pé, bem à sua frente, a luz do sol iluminando os cabelos e a brisa os tornando uma bagunça.

Lilly sentiu-se ofendida e cruzou os braços em uma atitude defensiva.

— Não estou te punindo.

— Ah, não? Essa greve de sexo é o quê? Eu vejo nos seus olhos que me deseja, mas está fugindo. Sabe o quanto isso me faz mal?

A mágoa na voz de Brian a fez recuar. Não era a intenção dela feri-lo ou puni-lo. Só não conseguia dizer a ele o que sentia.

— Brian... eu sinto muito.

O músico jogou as mãos para o alto e deixou-as cair ao lado do corpo, em seguida olhou para o céu, irritado.

— Isso é uma brincadeira pra você? — Riu balançando a cabeça, depois virou-se e voltou a olhar o mar. — É o quê, Lilly? Uma espécie de teste? Um jogo? Ah! Vou lá, experimento o cara e se não gostar é só colocá-lo no quarto de hóspedes... e chega de sexo entre nós!

— Não é nada disso!

— É o quê, então, caralho? — Virou-se novamente para ela. — Porque, para mim, o que aconteceu com a Diana não passou de uma desculpa esfarrapada. Em algum momento eu lhe faltei com o respeito? Olhei para alguma daquelas vadias? Dei algum motivo para duvidar de mim? Ou só não sou bom o bastante? Me fala, porra!

Revoltado, Brian balançou a cabeça.

Lilly engoliu em seco, tentando conter as lágrimas. Tinha sido injusta, sabia disso. Aquela coisa toda de honestidade que combinaram, só valeu para ele. Ela simplesmente decidiu as coisas e

nem conversou, apenas se fechou esperando que ele entendesse. Pensou que Brian tivesse entendido, já que, nunca mais ele tinha tentado nada.

Droga! Droga! Droga!

— Pensei que estivéssemos nos entendendo... Fôssemos amigos. Desde quando a falta de sexo foi um problema? Não achei que fosse caso de vida ou morte, com milhares de mulheres no camarim em cima de você!

O rosto dele contorceu, ele inspirou forte, dilatando as narinas. Mãos agarradas nos cabelos.

— Pra mim é, caralho! Vida ou morte! Desde o momento em que eu só quero você, porra! E aquilo entre nós... não foi apenas sexo!

— Não foi? Mas, mas... as mulheres?

— Claro que não, foi mais, muito mais... Me viu com alguém depois de você? Não use o meu passado como desculpa. Já disse que o rolo com Diana foi antes de nos encontramos em Vegas!

— Não é desculpa.

— É o quê, então?

A boca de Lilly abriu e fechou em uma resposta silenciosa. O corpo dela tremia todo e o coração, que batia forte, fazia com que sentisse mais medo. Medo de se jogar de cabeça... Aqueles dias com a banda foram um choque de realidade. O comportamento devasso era uma constante. *E se um dia Brian sentisse falta e não resistisse a uma daquelas Dianas da vida? O Will não resistiu, nem o Adan!* Ela viu como Penne sofreu por confiar no namorado, como ela mesma tinha sofrido por confiar no ex-noivo.

— E-eu... não sei.

Não sabe? Mas eu sei.

Suportar mais um dia naquela tortura, não era uma opção para Brian. Ele tentou seguir o conselho de Daniel... deu um tempo, foi paciente e respeitoso. Ela o tinha inteiro, mas não conseguia enxergar! Ser o cara do quarto ao lado, sonhando com a vizinha perfeita, não iria rolar! Brian gostava das coisas claras e simples, e aquilo estava complicado demais. Passou como um raio por Lilly, saindo do quarto. Precisava respirar!

Lilly ficou lá, sem reação. Viu quando o músico passou pisando fundo na areia fofa. Ele olhou de relance para trás e seguiu em direção à mansão do grupo.

Droga!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



31

Já era noite. As ondas do mar batiam em uma cadência calmante. Brian não tinha voltado e Lilly resolveu esperar por ele, sentada na areia. Não sabia mais o que dizer para Marie e sua mesa de lanche intocada.

A lua deixava um rastro prateado na água e havia um som de risadas e música vindo de uma fogueira em frente à casa da banda. *Coragem, vá até lá... Só o traga para casa.* Penne tinha ligado, falando algo sobre um luau e tentando descobrir o porquê da cara emburrada de Brian, mas fora a vez de Lilly de ser evasiva.

— *Não sei do que está falando, Penne. Deve ser coisa dele.*

Ela estava ensaiando, há horas, ir atrás do músico. As palavras de Brian martelavam em sua cabeça.

— *Desde o momento em que eu só quero você, porra!*

— *E aquilo entre nós... não foi apenas sexo!*

Para mim também, não!

Era duro admitir, mas... tinha errado feio com Brian. Ficara tão concentrada em se proteger, que não enxergou as atitudes dele. Ele foi impecável, cavalheiro e gentil o tempo todo. Mal olhou para o lado. Mais do que usar o passado vadio contra ele, Lilly estava se projetando nos relacionamentos que fracassaram.

Um vulto aproximou-se e trouxe esperança. O coração angustiado de Lilly deu um salto, depois, murchou.

— Noite linda.

Reconheceu a voz e o tipo elegante de Mel. A jornalista vinha se revelando uma mulher legal. Foi ótima companhia em vários momentos. Depois de inúmeras passagens de som, as coisas perderam um pouco a graça e foi bom ter alguém para papear.

— Oi.

— O povo está animado lá na fogueira.

— É... percebi.

— O seu marido está lá... — Mel puxou o assunto com tato. Ela era suficientemente experiente para saber que os dois não estavam em seu melhor dia. Queria ajudar, gostava de verdade de Lilly. — com uma cara de cachorro que caiu da mudança.

Lilly riu sem graça e Mel sentou-se ao lado dela.

— É quase isso.

Com um graveto, Mel cutucou a areia. Desenhou uma flecha apontando a fogueira.

— Vá resgatá-lo, mulher. Traga-o de volta para casa.

— E se ele não quiser vir? Acho que pisei na bola.

Um assovio baixo saiu dos lábios vermelhos da *pinup*.

— Vadias, ciúmes e fama... Essa é uma combinação de merda.

— Ôôôô, se é. — Lilly fechou o casaco e virou-se para ela. — Uma merda.

A morena sorriu gentilmente, franziu a boca, pensando... e encarou-a.

— Ouça, meu Anjo... Brian é o queridinho da banda. É bonito de doer, toca guitarra, compõe músicas que ganham Oscar e se declara para a esposa, diante de trinta mil pessoas. As mulheres desmaiam quando ele passa. Se gosta dele, vai ter que aprender a lidar com isso, simples assim.

— Pensei que o Adan fosse o queridinho.

— Não, o Adan é um prostituto arrogante — Mel bufou irritada. — Bom para olhar, mas... todos sabem que é de ninguém. Brian é o sonho de consumo. Acho que ele e Gabe são os mais família.

— O Gabe?

— Sim... O garoto só é incompreendido — a jornalista opinou.

Lilly assentiu, a mulher era observadora. Tinha exatamente a mesma impressão sobre Gabe, um cara de família confuso e incompreendido.

— Impressionante, percebeu tudo isso nesses quinze dias?

Mel sorriu divertida e imitou Lilly afundando os dedos dos pés na areia.

— Não, Anjo. Tenho quase trinta anos. Estou nesta coisa da música há muito tempo. Conheço todos os tipos...

— Desde que se formou?

— Não, o jornalismo veio depois. Desde que fiz exatamente como você... Eu me apaixonei por um astro e casei em Vegas. De lá pra cá, esta é minha vida. Amo a música.

— Não sabia que era casada.

Mel ficou quieta por uns instantes, o olhar perdido no mar, contraiu a boca e depois forçou um sorriso.

— Fui casada, não sou mais. Cometi o pior dos erros. Deixei o ciúme e a insegurança corroerem tudo. Não soube separar o astro do homem. Muito menos lidar com as fãs. Quando dei por mim, tínhamos virado dois amargos. Eu, sempre desconfiando, e ele, de saco cheio, tentando mostrar que eu estava errada. Não cometa os mesmos erros que eu, Anjo.

Lilly queria perguntar mais e matar a curiosidade. Saber quem era o tal artista, mas sentiu na voz embargada de Mel que aquele não era um assunto fácil. Mas ela estava certa em cada palavra que dissera... Ciúme e insegurança eram uma merda! O pior de tudo, que eram sentimentos que ela só havia experimentado com Brian. Nenhum outro homem tinha tido esse poder sobre ela.

— Droga! É tão difícil... com todas essas histórias de bastidores... e fãs nuas... é humilhante.

— Fiquei sabendo do seu ex-noivo, deve ter sido uma barra tremenda e a Diana... é uma alpinista social do caralho! — Mel esbravejou e lançou o graveto no mar.

O sangue de Lilly congelou, olhou boquiaberta para a jornalista.

— Sobre o meu noivo, o casamento com Brian... isso é um...

— Segredo, eu sei. Pode confiar... Escutei sem querer uma conversa entre o Big e o Adan. Não pretendo abrir o que ouvi para ninguém. — Mel tocou o braço de Lilly em um gesto tranquilizador.

Sem saber o quanto Mel sabia, Lilly não quis aprofundar.

— As coisas saíram do controle, não pensamos em nada.

— Olha só... Eu, mais do que ninguém, sei que a vida não se compromete com os planos da gente. Ela simplesmente acontece. Quer saber o que eu acho, de verdade?

Lilly fez que sim em um gesto de cabeça.

Mel sorriu e continuou:

— No fundo, aquela coisa toda com a sua irmã foi um livramento do universo. Não era para ter se casado com o tal Will e o fato é que você e o Brian estão juntos. Foda-se a maneira como se casaram! Não caia nesses jogos... É isso o que elas querem... desestabilizar. Você é uma ameaça para o estilo de vida delas. Sabem que o Brian está fora de jogo e isso as deixa em desvantagem e com raiva. Reparei nele esses dias... o homem é simpático com todos, mas não dá abertura. Só que as piranhas vão pra cima, de qualquer jeito. Foda-se o casamento... Tem que aprender a se impor, Anjo. Caso contrário, será engolida pelos tubarões.

— Como? Se na primeira oportunidade de me impor... — Lilly suspirou lembrando de Diana pelada. — fiquei aturdida e sem reação... Impressionante! Diana se parece muito com a minha irmã. Foi tão chocante, pela primeira vez na vida, tive vontade real de bater em alguém. Antes que eu fizesse uma cena de ciúmes e prejudicasse o Brian, achei melhor tirar o time de campo.

Mel encarou-a com seriedade.

— Fugir é sempre um erro. Deveria ter acabado com a raça daquela vaca, mostrado pra ela quem é a dona do macho. Ele é seu marido, não delas. Se gosta dele, defenda o que é seu. Ninguém vai te criticar por bater nelas.

Lilly não tinha o que argumentar.

Sim, ela estava fugindo. E sim... o Brian era dela, não daquelas piranhas!

Lilly nunca foi do drama, mas Brian elevava os sentimentos dela à potência máxima. Decidida, ficou de pé de supetão. Bateu a areia do vestido e estendeu a mão para ajudar Mel a se levantar.

— Obrigada pelo conselho. Está na hora de tirar essas besteiras da cabeça, confiar e ir lá amansar a fera, vamos?

— Gosto assim! Mulher esperta.

Caminharam pela praia em silêncio. Lilly chutou a água, deixando a areia entrar no meio dos dedos, massageando-os. Só conseguia pensar em Brian... e no quanto tivera que rebolar para se segurar todos aqueles dias. Fingir indiferença não estava funcionando. Muito menos a coisa de "*amigos e parceiros*". Lilly sabia que no momento em que se aproximaram, algo dentro dela havia mudado e o que quer que fosse, tinha feito com que explodisse uma necessidade de estar junto... de conectar-se... de misturar-se... de tê-lo por inteiro.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Desanimado, Brian ficou o tempo todo sentado em um tronco, de cabeça baixa, em volta da fogueira. Alheio a tudo... à música alta, às conversas e risadas. Com os cotovelos apoiados no joelho, girava uma garrafa com cerveja, já quente, na mão. Daniel levantou do tronco dando um tapinha nas costas dele.

— Respira e não faz merda.

Hã?

Brian ficou em alerta... Viu dois vultos se aproximando pela beirinha... O coração dele parou e uma onda de adrenalina o atingiu. Depois, a semente de um sorriso brotou em seu rosto.

Ela veio...

Secretamente, estava alimentando a esperança de Lilly cair na real e vir atrás dele. Mas agora, que ela estava ali... *Puta que pariu! Que ansiedade do caralho!* Um diabinho no ombro o estava infernizando. Talvez ela tivesse vindo só para avisá-lo que não o queria mais em sua casa.

Merda! Não!

Ficou quieto a observando, como um predador perseguindo a caça. Ela parecia sem graça ao dar um olá para as pessoas, meio tímida até. Uma brisa vinda do mar jogou os cabelos dela sobre o rosto e quando Lilly girou a cabeça para afastar os fios, os olhares deles se cruzaram... e as bochechas dela ficaram vermelhas.

Ela baixou a cabeça e cutucou a areia com o pé, abraçando o corpo. *Porra!* Qualquer pensamento em manter-se afastado foi para o espaço no segundo em que o roqueiro a viu chegar. Como na música internacional que ele gostava... Era impossível ver e não querer... Era insuportável, uma dor incrível... Era como ver um banquete e não salivar.

Brian estava tão distraído vendo Lilly lutar contra os cabelos esvoaçantes e falar com Penne e Mel, às voltas com os seguranças, que nem percebeu quando Adan aproximou-se e sentou ao lado dele.

— Ela é linda, né?

Brian não entendeu se o Viking falava sobre Penne ou Lilly. Bom... ele só tinha olhos para uma delas. Para variar, Lilly estava linda, gostava daquela simplicidade não afetada e os vestidinhos larguinhos o enlouqueciam. A mulher era a feminilidade em todas as suas células.

— Penne? Você e ela? — Brian ficou confuso e levantou uma sobrancelha questionadora.

Adan riu na direção das meninas, focou em uma certa jornalista e fechou a cara de imediato.

— O que importa? Nunca vai acontecer — divagou.

— O quê? Ainda pensa nela? Quer que aconteça?

— Com quem?

— Com quem? Bebeu? Você e a Penne, claro.

Adan levantou as mãos, mostrando que não segurava nenhuma garrafa e franziu a testa negando.

— Por que não?

— Entramos na zona de amizade, cara. Já era. E você e a Lilly?

Brian soltou um suspiro desanimado e voltou a observar Lilly. Gabe devia estar falando alguma coisa engraçada para ela...

— Essa coisa de apenas amigos, não funciona pra mim. Merda! Depois da Diana, ela pisou no freio. Estou ficando maluco.

— Aquilo foi foda até para os padrões da Diana. Com tanta banda para a vadia azucrinar, cismou justo com a nossa. Foram loucos de comer a mulher. Conheço o tipo, não vai largar o osso tão cedo.

— Foda... sei que errei feio, por isso ia aos clubes. Era só entrar e foder... sem correr o risco de uma louca de *Atração Fatal*[66] começar a te perseguir... Ainda mais agora, com a Lilly.

— Está mesmo disposto?

Brian encarou o amigo sem entender.

Adan segurou o ombro do guitarrista.

— Está disposto a largar essa porra toda por ela? Vejo como fica vulnerável... Nunca te vi assim, nem com a Kate...

— Kate não valia um dólar falso. Já a Lilly... não é mais uma questão de estar disposto ou não. Até pensei em levar... a coisa de casamento de outra forma. Pretendia me manter afastado, mas não consigo, cara. Só de imaginar ficar longe dela, me dá um troço ruim. Já aconteceu... Larguei tudo por ela. Antes era apenas uma fantasia. A amiga perfeita e inatingível da Penne. Agora ela está aqui... é real... e minha.

Sim, dele.

Brian nunca foi um cara possessivo ou ciumento, mas Lilly despertava tais sentimentos nele. Uma coisa louca de possuir, cuidar e proteger. Se eles fossem cangurus enfiaria a mulher na bolsa, costuraria para ela não fugir e andaria com ela sob a pele.

— Hey, Lilly! — Adan gritou chamando a atenção dela e fazendo um gesto para que se aproximasse.

— O que está fazendo? — Brian sussurrou agitado.

— Só dando uma mãozinha…

Valeu, Adan!

De mansinho, Lilly se aproximou... Todos os instintos puxando-a na direção de Brian. Era contraditório estar sem graça, afinal, eles não eram mais dois desconhecidos. Na verdade, ela nunca tinha se desnudado tanto para alguém e não só fisicamente... Porém, eles tinham dado cem passos para trás. A reação de Brian de sair andando a pegou de surpresa.

— E aí, Boneca? Brian estava me contando como a casa de vocês é incrível. Fala sério que é a sua primeira noite aqui em *Dreams Beach*[67]?

Adan ignorou a cara de espanto do amigo. Foda-se que ele não tinha dito nada para ele. Coisa nenhuma o impediria de usar a conversa que tivera à tarde com Big em favor de Brian. *Mulheres apreciavam o interesse dos homens pelas suas conquistas*. Ele levantou-se, dando espaço para Lilly sentar.

Os olhos de Lilly iluminaram na direção do Brian. Ela sorriu para ele.

— Estava falando da casa para o Gabe. — Lilly sentou-se ao lado de Brian. Gostou quando ele discretamente, arrastou o corpo juntando os dois. Recostou-se languidamente nele em resposta. — Mais de um mês decorando o lugar e nunca passei uma noite aqui.

— Mas já curtiu esse marzão?

Lilly levantou os ombros.

— Não.

— Que sacrilégio! — Adan gargalhou — Precisamos remediar a situação.

Brian preocupou-se.

— Remediar como?

Adan sorriu para o casal.

— BATISMO DE CASAMENTO! — gritou chamando a atenção de todos.

Lilly olhou confusa para Brian, que nem teve tempo de falar nada. Em segundos, o grupo todo os cercou. Big e Dani agarraram Brian pelos braços e pernas.

— Me larga, porra! Eu já entrei no mar!

— Nem fodendo! — Big rosnou.

— *Batismo! Batismo! Batismo!* — todos gritavam em coro, entre palmas e risos eufóricos.

Jesus!

Lilly foi jogada nos ombros de Adan. Debateu-se e gritou, mas nada adiantou. Gabe e Penne pareciam duas crianças correndo e pulando, enquanto iam em direção ao mar.

Primeiro, ela viu Brian ser balançado e depois, lançado no ar, caindo vários metros dentro da água, sumindo entre as ondas. Em seguida, ela mal teve tempo de arrancar o casaquinho e foi a vez de Adan transferi-la para os braços, girar em busca de impulso e... Lilly seguiu a mesma rota de Brian, afundando entre as ondas.

Debateu-se embaixo da água. Uma mão forte a agarrou pela cintura... Submergiu agarrada ao Brian e suspirou ao sentir a pegada forte. A água gelada e o corpo quente dele provocaram arrepios.

— Peguei você.

— Tá frio.

— Eu te esquento.

Ela estava com a água quase batendo no peito. Abraçou-o com mais força, afundando o rosto no pescoço do guitarrista, quando uma onda mais forte os fez cambalear. Tanta proximidade molhada a excitou a jato. Desejou que todas aquelas roupas encharcadas entre eles desaparecessem. Estava com tantas saudades daquele corpo nu, pesando sobre o dela.

— Agora sim... os pombinhos estão abençoados! — Adan puxou um viva.

Uma algazarra dentro do mar começou... até os seguranças e Mel não resistiram e entraram na água.

— Bem-vinda a *Dreams Beach*! — Gabe gritou.

Penne lançou-se sobre os dois abraçando-os.

— Meu casal preferido no mundo! — disse com a voz enrolada, já bem alta de cerveja.

Brian sorriu com gratidão para Adan, que retribuiu piscando de um jeito cúmplice e chamando Penne. O vocalista tinha um dom impressionante para quebrar o gelo. Fez o mal-estar entre eles dissolver-se no mar. Torcia para que Adan encontrasse alguém. Por trás daquela casca de durão havia um homem generoso.

Lilly depositou um beijo inesperado nos lábios de Brian. O moreno olhou-a confuso e feliz ao mesmo tempo.

— Vim te buscar — ela sussurrou contra a sua boca. — Tenho umas coisas bem importantes pra dizer... — Sorriu de um jeito quase tímido que fez a Fera acordar.

— Tem, é? O quê?

Com o coração batendo a mil, Brian esfregou toda a sua alegria safada em Lilly. Em resposta, ela segurou os ombros dele, enlaçou-lhe a cintura, enroscando as pernas e pressionando

uma Fera prestes a rugir.

— Primeiro... — Lilly aproveitou o balanço do mar para sentir o pênis delicioso de Brian sob a bermuda. *Nossa, ela estava com muita saudade dele*. — Eu queria te pedir desculpas... fui uma idiota em relação à Diana, deveria ter te escutado e depois, arrancado aquele aplique de quinta. É o meu marido, não o dela...

Brian sorriu, gostou de Lilly desculpando-se e possessiva.

— Não precisa se desculpar, entendi o seu lado.

— Preciso sim. Agi totalmente errado com você, nunca mais vou deixar que lancem dúvidas entre nós. Mesmo que para isso eu precise brigar — afirmou categórica, e Brian gargalhou da carinha brava da esposa. — Segundo... — Ela rodeou o pescoço dele com os braços e beijou o pomo de Adão que subia e descia ansioso. — Hoje, quando saiu andando, percebi que quero que fique...

— Ah, Bela... Tudo o que mais quero é ficar. — Brian partiu para um beijo apaixonado, mas Lilly precisava dizer tudo, então ela o brecou com a mão.

— Espera, ainda não terminei...

Louco para beijá-la, mas precisando ouvir mais, Brian fez um gesto de cabeça para que ela continuasse.

— Terceiro... — Lilly ficou bem séria. — Tenho me comportado como uma tola imatura e não sou assim. Deixei que o medo e a insegurança tomassem conta. Isso acaba aqui. Quero viver o agora com você e não só pelo sexo incrível. — Lilly parou quando uma onda arrebentou, fazendo os dois quase perderem o equilíbrio.

O ego de Brian inflou.

— Confessa vai... o sexo incrível pesou bastante...

— Para, tô falando sério... Eu quero o pacote completo... do homem ao guitarrista.

— Pensei que eu fosse um homem fácil de ler. — Brian riu e beijou a têmpora de Lilly. — Achei que estava escancarado na minha testa que o pacote Brian já era seu, antes mesmo de Vegas. Não consegue enxergar que eu sou seu?

Uma onda de adrenalina percorreu a espinha de Lilly?

Antes de Vegas?

— Meu?

Brian ficou em silêncio por um segundo e depois disse:

— Seu. Só você tem poder sobre mim e só você pode me pedir o que quiser.

— Tudo o que eu quiser?

— Tudo.

O rosto delicado e molhado de Lilly iluminou-se.

— Eu quero fazer amor, estou com uma baita saudade.

Fazer amor?

Os azuis-violeta faiscaram e a respiração que estava presa saiu em um assovio... havia algo diferente na entonação de Lilly. Além do desejo, ele percebeu algo mais precioso: sinceridade.

Saber que Lilly ansiava por algo mais profundo era bom, muito bom, mas não era o suficiente. Brian não cederia em certas questões.

— E o quarto de hóspedes?

— Esquece aquela besteira. De agora em diante, somos eu e você, juntos.

— Juntos em tudo.

Lilly olhou para o rosto determinado de Brian e sorriu com cumplicidade. Era impossível resistir a tanta determinação e contradizê-lo. Ambos sabiam que estavam em um momento decisivo.

— Sim, em tudo — ela disse com absoluta certeza, ciente do peso daquelas palavras e da ligação entre eles, como se fossem um só. O que acabara de dizer, era muito mais que uma promessa romântica, feita sob o luar e no ardor do momento.

Era um compromisso.

— Ah, Lilly, Lilly... o que eu faço com você?

— Amor?

O coração de Brian martelou no peito. Se não a possuísse com urgência, ele morreria. Embalado pela luxúria e pelo mar, segurou Lilly pela nuca e abocanhou-a com fúria em um beijo exigente. *Ahhh, ela andava tão carente daquele beijo... daquela língua sedosa, instigando a dela*. O homem ficou selvagem, um grunhido de satisfação arrebentou junto com uma onda, e Lilly entregou-se a ele com vontade e sem pudores.

Em segundos, a pulsação deles se tornou irregular. Cada beijo, cada toque, fazia a virilha de ambos latejar em um desejo desenfreado. Montada em Brian, Lilly esqueceu do mundo e entrou em um balé de movimentos sensuais... Ela queria sexo... Urgente... esfregou-se nele com vontade... a sensação da Fera instigando a Bela era devastadora.



32

— Vocês estão de brincadeira, só pode ser!

A nuca de Brian ardeu e o corpo de Lilly congelou ao reconhecer a voz grave.

— Que susto! — Lilly gritou e tomou várias respirações profundas, na tentativa de esconder a excitação.

Os dedos de Big estavam marcados na pele do pescoço de Brian que encarou o Gladiador. Se não estivesse tão feliz e sem fôlego desferiria uma série de palavrões contra o amigo.

— O que deu em você, porra?

O que deu em mim? Deu que você ia fodê-la, bem aqui, na frente de todos!

Big coçou a cabeça, sem saber o que responder. Jamais confessaria que estava meio ciumento da atenção de Lilly. *Mulheres esqueciam dos amigos ao se apaixonarem.* Uma onda arrebentou em cima do trio e nem fez cócegas no grandão furioso que olhou para o casal enlaçado no mar e depois para o grupo barulhento que se divertia mais adiante, brincando de afundar uns aos outros, alheios ao ataque sexual que a Bonequinha dele sofria.

— Deu que o mar não é motel e vocês deveriam ter um pouco mais de compostura — respondeu seco.

O quê?

Desde quando o meu amigo de infância virou um moralista?

— Ethan! Está escuro e não estávamos fazendo nada de mais. Eram só uns amassos... — Lilly disse indignada com a quebra no clima.

Surpreso com o ímpeto de Lilly, Big tentou um sorriso sem graça.

— Bonequinha, o Mark avisou que uns *paparazzi* conseguiram romper a segurança do condomínio. Pode não ter notado, mas vocês dois estavam se empolgando além da conta... Não quer ter uma foto sua nos sites de fofoca, quer?

— Não! Claro que não! — exclamou Lilly, tentando desgrudar de Brian que a impediu e a manteve bem atada a ele.

Brian fechou os olhos, puto consigo mesmo... não importava o quanto estava escuro e afastado dos demais, ele deveria ter arrastado Lilly para a privacidade das pedras na encosta.

— Eu não ia deixar chegar a esse ponto — disse sem ser convincente e olhou em volta. —

Paparazzi, ninguém me disse nada sobre isso.

— Te conheço, Brian... — Big disse sem conseguir olhar nos olhos do amigo.

— O Ethan tem razão. Ele só estava...

— Se metendo onde não foi chamado — Brian alfinetou.

— Brian! Não começa! — Lilly revirou os olhos, reprovando-o. — Eu ia dizer superprotetor demais.

Brian concordou contrariado.

Big respirou aliviado, sabia que tinha passado dos limites e não queria que o seu rompante deixasse as coisas estranhas.

— Desculpa, cara... Sabe que eu me sinto responsável pelas garotas. Não quis ser empata-foda... só não quero a Bonequinha metida nessas merdas de fofocas que nos cercam.

Mais uma vez, Brian assentiu; o amigo era sensato e estava certo. E apesar de desconfiar que o motivo da interrupção fosse bem mais profundo do que um bando de fotógrafos, a última coisa que ele queria era expor Lilly, e pôr em risco a harmonia reconquistada. Teria que deixar a conversa com Big para outra hora. Lilly ansiava por uma noite de amor e ele pretendia torná-la inesquecível.

— Relaxa, também não quero ninguém invadindo a nossa privacidade. — Brian examinou o vestido encharcado da Lilly e relaxou ao notar a pouca transparência do tecido. — Chega de banho de mar... melhor irmos pra casa.

— É, vamos sair logo daqui. — Lilly se desvencilhou das garras de Brian, e do jeito que deu mergulhou, começando a nadar em direção à praia.

— Volta aqui, sua maluca! — Brian mergulhou atrás dela, deixando Big sozinho e sem reação.

Para surpresa de Brian, Lilly era bastante ágil na água. Chegou com vantagem na margem e saiu em disparada na direção de casa.

— Espera! — pediu e arriscou correr atrás dela, mas estava em desvantagem. Correr com uma ereção monstro balançando não era nada agradável.

— Não! — Lilly correu mais alguns metros e parou. Virou para encontrar Brian andando calmamente pela areia. — Ué, já cansou? — ela gritou ofegante.

— Estou com um problema técnico para correr — disse e acelerou o passo em direção da esposa, que o esperava à beira-mar.

Problema técnico?

Lilly levantou uma sobrancelha questionadora, e com as mãos na cintura, esperou com certa impaciência que ele chegasse pertinho. Caiu na gargalhada quando se deu conta do problema técnico mais que evidente.

— Quer fazer o favor de parar de rir! — Brian parou diante dela.

— Não dá! — Lágrimas escorriam dos olhos dela. — Que decepção! Andou mentindo, senhor Pierce? — Apontou para a barraca armada na bermuda.

— O quê? Por quê?

— Seu Pinóquio cresceu! — ela caiu na gargalhada.

Com agilidade, Brian agarrou-a.

— Tira sarro, tira. — Esfregou a ereção na barriga de Lilly, que debateu-se rindo ainda mais. — Quero ver se vai continuar rindo, depois que a Fera te castigar e te fizer engolir a ofensa!

Lilly engasgou e parou de rir.

— Cas-cas- tigo? Você não faria isso...

— Eu? Imagina, não sou vingativo. — Em outro movimento rápido, Brian jogou Lilly no ombro com a facilidade de quem carrega um saco de algodão. Ela protestou em vão. — Mas a Fera é... muuuito vingativa.

Brian começou a rumar para casa com Lilly no cangote deixando um rastro de pegadas na areia fofa.

"— *Adan gosta de dominar...*"

E se o Brian for igual?

Pronto! O estrago estava feito. Na mesma hora, a mente criativa de Lilly foi invadida pelos mais diversos métodos de tortura sexual.

— Me solta!

— Não!

— Olha aqui, seu Indiana Jones de araque... na primeira chicotada, eu juro que te meto a mão na cara.

Brian caiu em uma gargalhada solta, quase derrubando Lilly na areia. Ela também riu, mas estava nervosa.

— Esqueça o chicote, Bela. Sabe que o meu lance são as mãos. — Carimbou o traseiro

macio dela com uma bela e estalada palmada.

— Ai, ai... Ardeu, seu animal! — Surpresa, Lilly esfregou o bumbum.

Brian não era um cara que curtia uns lances violentos ou bizarros, mas a diversão estampada na voz de Lilly o atiçou a provocá-la.

— Essa foi por me deixar sofrendo por quinze dias! — Mais alguns passos e outra palmada certeira. — E essa, foi por bancar a teimosa e não querer me ouvir!

A vibração do tapa, chegou ao clitóris de Lilly. A vagina contraiu de excitação.

— Caramba, Brian! Eu já te pedi desculpas! — A pele dela aqueceu... e não era de dor. Para a sua supressa, o formigamento a deixou excitada. O bandido estava fazendo aquilo não para puni-la, e sim atiçá-la... e o filho da mãe estava conseguindo.

— Só para te avisar... — Lilly começou a tagarelar ao perceber que estavam quase chegando. — se tentar me amarrar, eu te enforco com a corda.

— Hum-hum, o que mais?

Lilly não sabia o que mais... aproveitando a distração de Brian para abrir o portão, que separava o jardim da casa, da praia, e a posição que lhe dava uma visão privilegiada do traseiro dele, Lilly arriscou um tapa.

Ele riu.

— É sério, isso? Essa mãozinha de meia-tigela, não fez nem cócegas! — Ele começou a subir a escada lateral dos terraços quando ela teve uma ideia... — Porra, Lilly! — Ela infiltrara a mão e puxara o piercing no mamilo dele. — Se a intenção é me torturar, já aviso que está indo para o lado oposto.

Lilly riu entregando suas verdadeiras intenções, e Brian a colocou no chão diante das portas duplas da sala principal. O coração dela disparou, assim que os olhares se cruzaram. As pupilas dele estavam dilatadas, restando apenas uma faixa estreita do tom azul-violeta, os cabelos uma bagunça.

Deus, ele está com cara de tigre no cio.

Ficaram frente a frente, a um palmo de se tocarem.

— Está destrancada — ela disse, mas Brian não fez menção de entrar.

Lilly não entendia a relutância, já tinham passado da hora de se atracar e transar como se não houvesse amanhã.

— Brian...

— Marie? — ele sondou em um sussurro.

Sem desgrudar os olhos dos dele, Lilly apontou o piso superior.

— A essa hora deve estar no sétimo sono — disse, não disfarçando o tom ofegante em uma mistura de ansiedade e excitação.

Um vento fresco vindo do mar varreu os terraços fazendo as folhagens nos vasos balançarem e a pele de Lilly arrepiar de frio.

— E esse sono é pesado? — Brian molhou os lábios.

Ele estava nervoso, vinha sonhando em fazer as pazes com Lilly por vários dias. Odiaria ter que se conter, mas ali não era o QG com as paredes à prova de som, era a casa deles... uma casa de família com uma avozinha muito amável no andar de cima. Detestaria acordá-la e lhe causar constrangimentos.

— Muito, como uma pedra. — Lilly revirou os olhos dando ênfase.

Brian correu os olhos pelo corpo de Lilly abrindo um sorriso ansioso.

— Graças a Deus! Estou de pau duro há horas. — Girou a maçaneta, abriu a porta e pegou Lilly pela mão arrastando-a casa adentro.

Percorreram a sala e subiram as escadas em silêncio, não era preciso dizer nada, as respirações aceleradas e os corações batendo forte denunciavam a expectativa de ambos. Foi fechar a porta do quarto principal, para o decoro de Brian cair por terra.

— Como eu estava com saudades de tocar em você.

Lilly foi girada e imprensada contra a porta. Todas as terminações nervosas do corpo dela ficaram em alerta, Brian inclinou a cabeça e beijou-a no pescoço com uma doçura desconcertante. Os joelhos dela quase cederam.

— Deus do Céu, Brian!

— Você me pediu uma noite de amor, lembra? — Brian disse com voz aveludada e desenhou com a língua a linha entre o maxilar e o vale entre os seios. — Roupa demais, sal demais... — As mãos dele trabalharam delicadamente nas alças do vestido, até que o tecido leve e úmido caiu aos pés de Lilly.

— Gosto de você doce — brincou.

— Gosto de você nu — Lilly sussurrou em seu ouvido.

— Vamos dar um jeito nisso agora... banho?

Lilly apontou indicando o banheiro, ele a pegou no colo e ao virar percebeu que o quarto estava diferente de quando o conheceu. Olhou para Lilly, que levantou os ombros parecendo tão surpresa quanto ele.

Havia flores brancas em vasos espalhados pelo quarto, velas... algumas já apagadas e na mesa de café da manhã, próxima à sacada e suas cortinas esvoaçantes, um delicado banquete com champanhe, queijos e frutas. O luar iluminava tudo com seu tom prateado.

— Marie — ambos murmuraram ao mesmo tempo.

— Acho que alguém gostou de você.

— E está torcendo por nós. — Brian sorriu.

— Seja bem-vindo à nossa casa. — Lilly o beijou na bochecha com suavidade e uma explosão de ternura explodiu no peito de Brian. Pego de surpresa, os olhos dele marejaram.

Casa... nossa casa... minha casa...

Vendo as lágrimas, Lilly lembrou-se da conversa que tivera com Brian uma noite daquelas no QG. Ele contou que começara a sentir falta de ter um lugar dele, não a casa dos pais, o QG ou a mansão da banda... nada disso. Ele vinha desejando um ancoradouro, um porto seguro onde pudesse ser só ele e fincar raízes.

Lilly se permitiu acreditar que ele tinha encontrado. Ali... com ela.

— Sabe, também é o meu primeiro dia aqui, estou começando do zero. Não tenho ideia de onde estão os xampus ou toalhas.

Brian sorriu e a beijou, dando-se conta de que tinha paralisado no meio do quarto a caminho do banheiro.

— Acho que nos sairemos bem — disse, enquanto entravam no banheiro para encontrar mais rosas e velas.

— Caramba! Acho que a Marie é uma romântica — ele brincou sentindo-se acolhido.

Lilly acariciou o rosto úmido dele.

— Acho que ganhou uma fã, isso sim — brincou.

Brian a colocou gentilmente no chão e Lilly abraçou-se escondendo os seios expostos.

— Não se esconda. Gosto de te olhar... é linda.

— Estou com frio e em desvantagem.

Brian tirou a camiseta.

— Não está mais. — Sorriu quase tímido. — Será uma falta de consideração se não fizermos jus a tanto esforço...

— É, será... Quer uma música? Um pouco de champanhe?

— Não, hoje só quero o som de nós dois e das ondas do mar. — Inclinou-se para sentir a temperatura da água da banheira cheia de pétalas... gelada. — Acho que demoramos demais... chuveiro?

Quando Brian virou, Lilly já estava totalmente nua dentro do imenso boxe com duas duchas, examinando a prateleira embutida na parede com vários produtos para banho. Apressado, tirou o resto das roupas, entrou e abraçou-a.

— Está tremendo. — Girou-a para que ficasse embaixo de um dos jatos d'água, fortes e quentes. — Melhor assim?

— Caramba, é tão real — ela sussurrou e Brian olhou-a confuso. — Sinto que essa coisa do casamento foi como uma viagem, que no meio do caminho quase virou uma catástrofe, mas, em vez de me arrebentar toda, ganhei um *upgrade* inesperado de rumo e de marido, e ao chegar em casa estou percebendo que não foi um sonho, uma loucura de Vegas ou da turnê na estrada... você é real.

Brian alcançou uma esponja, jogou um bom punhado de sabonete líquido e começou a ensaboar a pele arrepiada da esposa.

— Nós somos reais, Bela.

— Sim, nós somos. — Lilly também o ensaboou, transmitindo nos gestos o que o seu coração gostaria de falar, mas não era o momento. Deixou a esponja cair, e tomada pela necessidade de um contato mais profundo, acariciou o peito definido dele, beijou-lhe a pele quase em reverência.

O coração já acelerado de Brian, disparou de uma vez... ele estava ansioso por uma deixa de Lilly, por um passo a mais. Abraçou-a, sentindo-a por inteiro. As mãos deslizando pelas costas em um vai e vem lento e profundo, explorando cada centímetro daquela pele suave que instigava a dele tão bem.

— Tenho tanto tesão em você — Brian sussurrou no ouvido dela.

Aquilo sim era um abraço de verdade, corpos encaixados com perfeição. Lilly estremeceu, não só pela sensação daquele pau que lhe roçava o abdômen, mas por Brian inteiro e a masculinidade inerente nele. O toque, o olhar, o cheiro, o som da respiração descompassada... *Ahhhh! Tudo, tudo, tudo*... Inundada por sentimentos desconcertantes, ela ficou nas pontas dos pés,

agarrou-o e o beijou apaixonadamente, explorando sua boca com a língua. Os seios deliciosos apertaram contra o peito dele, fazendo as bolas contraírem de necessidade. Mãos hábeis percorreram as costas de Lilly até pousarem nas curvas de seu bumbum.

— Não consigo esperar mais nem um minuto — Brian rosnou e num impulso, levantou-a, imprensando-a contra os azulejos.

O brilho nos olhos dele mandou o controle de Lilly para o espaço. Ela circundou o quadril de Brian com as pernas e ahhhh. o pau grosso e quente a invadiu.

— Oh... — ela suspirou, jogou a cabeça para trás e começou a cavalgá-lo.

Brian soltou um suspiro de prazer. Sorriu acariciando a bochecha de Lilly com o polegar. *Deus, que mulher linda!* Ele estava em casa, tinha voltado para o paraíso. A sensação de estar dentro dela novamente o consumiu, flexionou os joelhos, girou os quadris e a empalou o mais profundo que conseguiu.

Um gemido abafado escapou dos lábios rosados dela.

Droga!

— Tudo bem? Alguma dor? — ele preocupou-se. Eles tinham praticado tão pouco. Todo aquele lance da virgindade, não sabia se as partes delicadas dela estavam preparadas para voltar com tudo.

— Nenhuma... só sinto bem gostoso — tranquilizou-o, o desconforto das primeiras vezes não existia mais, agora havia apenas o prazer e plenitude.

— Gostoso demais... — Brian grunhiu.

— Mais...

Ela pediu e ele deu... recuou, saindo alguns centímetros e voltou com tudo. Ela ficou tão tomada por aquilo tudo, que inclinou a cabeça grudando a boca no ombro de Brian para abafar um grito. O prazer era esmagador, os movimentos ficaram mais rápidos. Ele meteu com vontade e Lilly puxou com impaciência aqueles cabelos morenos, enquanto se deleitava com cada uma das suas estocadas. Ele entrou e saiu, voltou e meteu, meteu e meteu...

— Estava com saudades de você dentro de mim — Lilly gemeu cada palavra.

Brian agarrou o cabelo dela juntando suas bocas em um beijo desesperado. Entraram em um mete e beija sem fim... Ele a possuía em um ritmo decidido, querendo dar e receber tudo... *Eu quero fazer amor...* Lembrou-se das palavras dela e, de repente, o boxe inundado com os vapores d'água e os gemidos sussurrados, ficou pequeno para tanta intensidade... Brian diminuiu o ritmo,

não queria gozar, precisava de tempo e espaço, queria venerar o corpo de Lilly como ela merecia.

— Não para! Não para! — Lilly protestou.

Com o pau ainda enterrado bem fundo na boceta de Lilly, ele cambaleou para fora do banheiro com ela atrelada ao seu corpo.

— Na cama... vamos para a cama. — Com dificuldade, foi para o quarto deixando uma trilha de água no chão. Mergulhou, imprensando o corpo de Lilly contra a colcha macia. Os dois se desconectaram e à medida que Brian conduziu seus corpos para o centro da cama, pétalas grudaram na pele molhada e nos cabelos dela.

— Deus, como você é linda! — A visão que ele tinha dela era de tirar o fôlego, quase celestial.

— Brian... eu preciso...

— Calma, eu vou te dar, mas temos a noite inteira. — Ergueu a mão dela e beijou os dedos delicados. — Vamos com calma... aproveita. Eu não quero que isso termine.

Ela sorriu totalmente entregue.

— Nem eu... — Abriu mais as pernas convidando-o a voltar. — Não quero que acabe, mas quero você de novo... aqui.

Com delicadeza, Brian apoiou-se em um dos cotovelos, segurou o pau dolorido e voltou a posicioná-lo na entrada macia e aveludada de Lilly. Começou a entrar lentamente, centímetro por centímetro, embalado pelos gemidos suaves que ela soltava. *Era tão bom sentir-se totalmente preenchida...* Brian inclinou a cabeça, atraído pelo bico intumescido do seio, que subia e descia, guiado pela respiração ansiosa da esposa.

Deleitou-se.

Devorou-a. Os seios e a boceta. Meteu lento e profundo, enquanto sua boca chupava cada um dos mamilos. Lambeu, meteu, instigou, chupou e fodeu... Sugou forte e meteu mais duro. As costas de Lilly arquearam em apreciação.

— Deus, eu amo a sua boca... eu amo o seu pau... eu amo você... — ela murmurou e explodiu em um orgasmo lento e delicioso.

O *quê?*

Brian abriu os olhos para encontrar sua Bela em êxtase.

Eu amo você?

— Lilly, o que disse?

— Hummm... bom... — ela ronronou e de olhos fechados, mexeu os quadris, perdida nas sensações de ter Brian junto dela... dentro dela... só para ela...

Uma onda de adrenalina percorreu o corpo dele, como um veneno bom, fazendo as veias e coração pulsarem rápido. *Ela disse aquilo, não disse?* Voltou a mover o quadril com intensidade de quem dizia... *Eu também te amo*. Socou fundo, querendo se fundir a ela, entrar em seus pensamentos. Chegou num ponto de excitação onde era impossível voltar atrás. O prazer tornou-se extremo, a respiração dele acelerou mais, soprando quente contra o pescoço de Lilly.

Meteu... fodeu... comeu... possuiu...

Lilly gemeu, entreabriu os olhos, voltou a olhar para Brian, enquanto ele se movia sobre ela, fechando os joelhos em torno do quadril dele, e cravando as unhas nos músculos trêmulos das costas largas e murmurou:

— Acho que vou gozar de novo...

Brian segurou a coxa macia, puxando-a para cima, grudando mais suas virilhas. Mudou de ângulo para ir mais fundo.

Os dois estava suados, escorregadios e perdidos um no outro. O corpo dele ficou tenso ao soltar um rugido rouco e engasgado. O som ecoou no ouvido de Lilly fazendo os pelinhos dela arrepiarem, enquanto suas entranhas eram invadidas pelo sêmen de Brian e ele caía sobre ela, exausto e feliz.

Depois de alguns minutos de silêncio, Brian girou seus corpos, para que ficassem lado a lado. Abraçou-a, espalhando beijos suaves pelo rosto de Lilly até juntar as bocas em um beijo lento e profundo. Ficaram assim, pernas entrelaçadas, mãos subindo e descendo, acariciando um ao outro até voltarem para a Terra e recuperarem o fôlego.

— Você se tornou tão importante para mim, que até me dá medo. — Brian puxou-a mais para perto, aconchegando-a contra o peito.

O coração de Lilly aqueceu e em resposta, acariciou o peito forte.

— Acho que estamos empatados. — Ela ergueu o rosto e sorriu para Brian. Gostou de ser importante. — Está com frio? Acho que molhamos as cobertas.

— Podemos dar um jeito nisso. — Ele sorriu, soltou-a com cuidado, girando o corpo até sair da cama. — Onde guardam as cobertas extras?

Lilly apoiou-se sobre os cotovelos admirando o espetáculo que era vê-lo nu. Sorriu com malícia.

Delícia de homem.

— Também sou nova aqui, lembra-se? — ela parecia se divertir. — Pela lógica, no closet. — Apontou uma porta à esquerda da cama.

— Fique aí e não se mexa até eu voltar. — Brian piscou e sumiu dentro do armário. Encontrou suas roupas ao lado das de Lilly. Gostou muito do que viu, os dois juntos eram coloridos... Sorriu e examinou tudo, querendo gravar onde estava cada coisa. *Cacete! Estamos misturados...* Fuçou nas gavetas e demorou um bom tempo apreciando o tesouro de lingeries, pegou uma calcinha sexy e inspirou profundamente...

Como a vida é boa!

Minha mulher, minha casa, porra! Sentiu-se completo, poderoso e possessivo.

Munido de dois edredons, Brian voltou para o quarto e foi tomado por uma onda de ternura. *Minha menina, mulher...* Lilly tinha jogado a colcha molhada no chão e dormia preguiçosamente. Cobriu-a e aconchegou-se ao lado dela.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...



33

Uma brisa fresca, vinda do mar, balançou as cortinas e varreu o corpo de Brian, acordando-o. Ainda de olhos fechados, esticou o braço e apalpou a cama imensa.

— Lilly? — Abriu os olhos para constatar o óbvio. Estava só.

Checou o celular na cabeceira... *Uau!* Quase meio-dia. Espreguiçou-se e sorriu. Fazia tempo que não acordava tão tarde e tão bem-disposto.

— É isso aí... efeito Lilly — falou para si mesmo.

No meio da madrugada, ele fora surpreendido por uma Bela ansiosa por mais sexo. Ele estava impressionado como os dois se encaixavam bem. Juntos, vinham se descobrindo desinibidos e esfomeados. Era muito louco, mas Brian podia jurar que Lilly estava diferente, o despertar da sexualidade lhe trouxera um algo a mais. Transaram de forma apaixonada até os primeiros raios da manhã.

Repleto de lembranças sensuais, Brian levantou e foi para a varanda. O dia estava azul e o sol quente esquentou a pele dele, enquanto escaneava a praia à procura de Lilly. Gabe surfava ao longe, com Mel e Dani o observando da areia. Adan estava no *deck* da mansão praticando ioga, enquanto Mark andava de um lado para o outro com o celular grudado no ouvido.

Uma brisa suave balançou as folhas das palmeiras e um bando de pássaros partiu em revoada. Brian mudou de foco e avistou um grupo barulhento próximo das pedras. Eles riam e flertavam em uma sensualidade forçada... Observou-os por alguns instantes e reconheceu alguns deles... eram os astros de um seriado da moda. Provavelmente, estavam ali a convite de lg Sharon[68], um badalado diretor da FOX que morava no condomínio há dois anos.

Brian bufou, não curtia muito, alguns tipos superficiais do cinema.

Ele estremeceu e uma sensação antiga e sufocante o incomodou. *Droga!* Não queria ressuscitar fantasmas do passado, ele tinha superado aquela merda toda. Inspirou e expirou lentamente para afastar a ansiedade. Lamentou não estar na bolha protetora do QG móvel, onde tinha controle de tudo e os predadores ficavam de fora.

Brian coçou a barba, sabia que estava sendo irracional. Lilly não pertencia àquele mundinho de futilidades, egos e interesses. Aqueles olhos castanho-esverdeados explodiam em sinceridade, mas mesmo assim... ele era gato escaldado, não a queria tão solta por aí.

Angustiado, por pouco não saiu pelado do quarto... *Mania do caralho!* Era comum andarem nus pela mansão da banda, mas a simples ideia de cruzar com Marie o aterrorizou. Assustar uma

senhorinha tão doce, com seu pau a meio mastro, não ia rolar. Tomou uma chuveirada rápida, vestiu uma camiseta branca, uma calça jeans desgastada e desceu descalço.

Encontrou Marie na sala afofando as almofadas.

— Bom dia, senhor Pierce.

— Bom dia... e pode me chamar de Brian — disse educadamente. — Senhor Pierce soa muito canastrão. — C*omo o meu pai*, pensou, mas guardou a opinião só para ele.

— Ah... entendo... — Uma certa confusão surgiu no rosto da governanta, mas logo em seguida, ela sorriu compreensiva.

— Marie... — Brian se sentiu um pouco constrangido, mas precisava agradecer. — Ah... ontem à noite. Aquilo que fez no quarto... ficou do caral... hum... é... ficou muito bom, obrigado.

A governanta riu do embaraço dele.

— De nada, só quero vocês dois felizes. — Olhou-o com ternura. — Gostaria de ter seu café da manhã? Posso servir a mesa na sala de jantar ou na varanda. O dia está maravilhoso.

Apesar de estar com fome, comer não era prioridade no momento.

— Não precisa se preocupar. — Sorriu tímido. — Depois eu pego alguma coisa na cozinha.

— A dona Sarah ligou. Quer saber se irão almoçar lá.

— Não, acho que hoje não vai rolar. Viu a Lilly por aí?

Maria gostou que ele estivesse ansioso em vê-la.

— A menina está no ateliê. — Ela afofou uma última almofada e foi na direção da varanda.

— Ela está trabalhando?

— Pois é, falei pra ela aproveitar o sol, mas acordou e foi direto pra lá. O Antoine apareceu há cerca de uma hora. — Marie o chamou para perto e notou a expressão de Brian ficar desanimada. — Por que não vai encontrá-la? Acho que ela vai adorar a surpresa.

— Será? Não quero bancar o intrometido.

— Imagina, Lilly está ansiosa para te mostrar o ateliê. Minha menina gastou um bocado de energia decorando o lugar...

Brian gostou do "*minha menina*" e gostou bem mais que Lilly o quisesse lá. Apesar dele não ter manias e de conseguir compor em qualquer lugar, não entendia nada sobre o processo criativo

na pintura. Adan, ao contrário dele, preferia o silêncio e a solidão para escrever as letras, sua mãe isolava-se no estúdio.

Seguiu o caminho apontado por Marie e andou pelo jardim florido, cheio de árvores e folhagens. O pequeno chalé adaptado em ateliê ficava nos fundos do terreno ao pé do morro. O cheiro das árvores frutíferas lhe conferia um ar bucólico. A reserva de *Dreams Beach* era especial por causa disto: a mistura perfeita entre a praia e a mata.

Antes de bater na porta, Brian hesitou um momento. Eles não tinham conversado sobre limites, nem sobre a necessidade de individualidade de cada um... *Foda-se*... la ter que descobrir na prática. Bateu com firmeza.

Uma montanha de músculos abriu a porta.

— A porta estava aberta, entre. — O homem examinou Brian da cabeça aos pés descalços. Depois, deu um passo para o lado e ficou esperando que o músico entrasse ou dissesse alguma coisa.

O guitarrista não se mexeu. Ele precisava de alguns segundos para absorver a informação. Camisa pólo, mocassins e gel no cabelo.

Puta que pariu!

Eu mereço!

Brian sabia que o agente de Lilly era inglês. Tinha imaginado alguém baixinho e parecido com o *Mister Bean*[69], não um sósia do 007, Daniel Craig. Ele sorriu de sua má sorte e entrou.

— Oi... Antoine, né?

— O próprio. — O agente abriu um meio sorriso. — E você, claro, é o famoso Brian Pierce.

Sem saber se o *famoso* era elogio ou não, Brian devolveu o mesmo sorriso.

— Em pessoa.

A situação era um tanto quanto constrangedora para Antoine. Lilly pareceu bastante radiante com a troca de maridos, mas estava preocupado. A coisa toda era muito maluca. Brian até podia ser um homem legal, mas músicos eram músicos e as coisas que tinha lido a respeito dele não eram lá muito animadoras; um mulherengo de marca maior.

— Parabéns pelo casamento.

Brian sentiu uma certa ironia, mas não teve certeza. *Os ingleses eram famosos por terem um humor negro, não eram?*

— Obrigado — respondeu com simpatia. — Ah, e obrigado pelas dicas, a Lilly curtiu as tintas.

— Imagino que tenha curtido. — Apontou o mezanino. — Ela está lá em cima separando umas telas.

— Beleza. — Brian virou-se na intenção de ir atrás dela.

— Espera... — Antoine disse em um tom sério fazendo Brian voltar-se para ele.

O músico encarou o agente com firmeza.

— Algum problema?

— Só se pisar na bola... Lilly sofreu o pão que o diabo amassou com aquela irmã. Pensei que, dessa vez, ela fosse quebrar. — Antoine respirou profundamente. — Ela parece feliz, acho bom...

— Opa! Pera lá... — Não gostando nada do rumo da conversa, Brian o interrompeu. — Acha bom o quê? Eu conheço a história toda. Sei muito bem dos golpes que sofreu. Aonde quer chegar com esse papo? Seja direto, Antoine.

— Andei lendo umas coisas ao seu respeito. — O empresário colocou as mãos nos bolsos em um gesto arrogante. — Minha pequena não é uma dessas fãs malucas e deslumbradas que você costuma comer e jogar fora. Acho bom não brincar com ela. Se eu souber...

O quê? Qual é a dessa cara? Minha pequena, o caralho!

Inglês filho da puta!

— Se não quiser ter um olho roxo, é bom parar... — Brian levantou o punho indicando a ele que tinha ultrapassado todos os limites. O preconceito e a possessividade impressos na voz de Antoine, fizeram o tigre no interior de Brian urrar. Teve vontade de meter um soco na cara do sujeito, mas fechou os olhos, apertou o topo do nariz, enquanto contava até dez.

Calma!

Não caia na dele.

Com o sangue entrando em ebulição, Brian respirou fundo. Olhou ao redor e o ateliê era de um tom amarelo-claro e repleto de objetos delicados: cortinas esvoaçantes, abajures, mesinhas, banquinhos, cavaletes, vasos com flores. Brigar e quebrar tudo aquilo estava fora de cogitação. Pensou rápido e decidiu por uma abordagem menos física, mas não menos eficaz. Precisava deixar bem claro para o otário quem era o dono do lugar.

— Vou te dar um conselho, Antoine... — a cordialidade sumiu da voz de Brian e o tom

agora, era baixo e quase ameaçador: — Não se meta comigo, sou capaz de ir até o inferno para defender a Lilly. Então, foda-se o que leu ao meu respeito, não vou perder tempo explicando como funciona a imprensa marrom ou dizendo quem eu sou. De agora em diante, concentre-se no que é da sua conta... e só. Deixe que eu assumo daqui... e da felicidade da minha mulher, cuido eu. — Brian o encarou com fúria. — O marido sou eu, não você. Não vou admitir que ninguém se intrometa entre nós. Portanto, enfie os seus "achômetros" no cu. Estamos entendidos?

Músico, filho da mãe!

Pego de surpresa, Antoine engoliu em seco e assentiu.

— Ok, entendidos — disse controlando a ira e tendo que admitir: o músico era corajoso. Por causa do tamanho, poucos se atreviam a desafiá-lo.

O ar ficou pesado e um silêncio incômodo estabeleceu-se.

— Que falação é essa aí embaixo? Quem está aí com você, Antoine? — Lilly gritou de algum ponto cego no mezanino.

— Eu, Bela! — Brian também gritou. — O homem da sua vida! — emendou por pura provocação, apesar de, no fundinho, desejar isso mesmo... Ser o homem da vida dela.

Lilly surgiu no topo da escada.

— Brian, que bom que está aqui! — Ela sentiu o coração disparar, assim que o viu. Depois, os olhos brilharam e a pele ganhou um tom rosado.

A visão de Lilly na escada roubou os sentidos de Brian... *Deslumbrante!* De repente, toda a raiva evaporou. Ele esqueceu a disputa territorial e correu subindo os degraus de três em três para ajudá-la com as telas que carregava.

— Deixa isso comigo.

Lilly sorriu com cautela, entregou as pinturas e desceu atrás dele. Mas foi pôr os pés no piso térreo, para sentir a tensão que tinha notado na expressão de ambos. Desconfiada, olhou de um para outro.

— Tudo bem por aqui?

Estaria melhor se esse babaca sumisse do planeta e você não estivesse tão gostosa nessa roupa.

Merda!

Brian cogitou soltar os quadros, pegar o xale no sofá para cobri-la, mas respirou... *Que é isso, cara?! Pensa!* Bancar o ciumento troglodita seria patético.

Com um olho no xale e outro no babaca, Brian adiantou-se.

— Mais que bem. — Ficou na frente dela tampando a visão do empresário. — Não está com frio? Quer o xale? — cochichou.

Lilly seguiu o dedo dele e riu.

— Aquilo ali é para o sofá, estou bem, obrigada. — Depois arqueou a sobrancelha. — Foi impressão minha ou está rolando uma certa tensão por aqui?

Droga.

— Nenhuma tensão. — Brian sorriu para o empresário, que estava sem reação e boquiaberto. — Pelo contrário, o Antoine me dizia como está feliz e torce por nós. Não é mesmo, amigão?

O empresário o olhou incrédulo e disse:

— É... isso mesmo.

Porém, na verdade, ele estava reconsiderando a possibilidade de retribuir o *enfie os seus "achômetros" no cu* com um cruzado de direita.

Lilly deu um suspiro de alívio. Sua conversa inicial com Antoine não tinha sido exatamente agradável. Apesar da procura por suas obras terem aumentado depois de Vegas, o *Marchand* era contra o casamento e mais contra ainda, que ela continuasse em turnê. Chegou ao ponto de ter que interrompê-lo e ser firme. *Quanto preconceito!* Brian não era nada daquilo que ele dissera e ninguém iria ditar regras sobre o relacionamento dela.

— O Antoine apareceu aqui de surpresa. — Ela sentiu necessidade de explicar que a visita não foi um convite. — Precisávamos acertar alguns detalhes. A exposição em Londres ainda vai demorar, mas, como vou voltar para a estrada, não quero deixar nenhuma pendência.

Ela quer voltar para a estrada?

Brian colocou os quadros junto de um sofá de couro amarelo-claro.

— Tem certeza sobre continuar na turnê? Não quero que o meu trabalho prejudique o seu. — Foi sincero e desejou que estivessem sozinhos. A imagem dela naquela saia jeans e camiseta banca justinha, estavam fazendo com que partes do corpo dele acordassem.

— Tenho, e não prejudica. Tirando um compromisso ou outro, posso trabalhar de onde *eu* bem entender. — Deu ênfase no *eu,* olhando para Antoine e depois aproximou-se de Brian, abraçando-o pela cintura.

Um calor bom atingiu em cheio os sentidos dele, que passou o braço ao redor do ombro

da esposa.

— Mas, dessa vez, nada de ficar presa no QG. O Mark está fazendo um levantamento de todos os parques e museus das cidades agendadas na turnê.

Que novidade era aquela?

Lilly surpreendeu-se. Ia ser perfeito ocupar o tempo com atividades culturais, poder explorar os lugares e fugir de todo aquele cinza dos estádios.

— Está falando sério?

— Seríssimo. — Brian piscou e a beijou delicadamente. — Eu quero você feliz.

Primeiro, ela abriu um sorriso radiante.

— Eu já estou feliz! — Depois, virou para Antoine com cara de *meu-marido-não-é-o-máximo?* — Viu, não te falei?!

As esperanças de Antoine foram por água abaixo.

Mas que merda!

O homem foi tomado por um incômodo imediato. Aquele casamento não parecia uma farsa. E, definitivamente, havia algo novo em Lilly. Uma fortaleza e uma sensualidade que não existiam com o Will. Sentiu inveja do rock star de merda. Derrotado, ele deu um sorriso rendido.

— É, falou — admitiu e voltou-se para Brian. — Vão passar por Nova Iorque, certo?

Brian tinha nocauteado o babaca, então não custava nada bancar o gentil.

— É, nós vamos, mas ainda não tenho a data. Provavelmente, passaremos alguns dias por lá. Costumamos fazer mais de um show na cidade.

Alheia aos olhos inconformados do empresário, Lilly acariciou a barriga de Brian.

— Eu pedi para o Antoine marcar as minhas reuniões no *Ballet* de Nova Iorque para a mesma data. — Ela levantou o rosto querendo ver a expressão do marido. — O que acha? Vou poder trabalhar, enquanto ensaiam e cumprem os compromissos.

Brian pegou a mão delicada que lhe acariciava o estômago, beijou-a com carinho e sorriu satisfeito. Ele andava preocupado com a mecânica das suas carreiras. Sabia que não podiam ficar grudados o tempo todo e que não seria justo pedir que Lilly deixasse de lado os compromissos para segui-lo por aí. Então ela querer combinar as agendas era o melhor dos mundos.

— Eu acho perfeito, não poderia ser melhor.

A expressão de Lilly iluminou-se.

— Ótimo! Podemos continuar, então? — ela disse.

— Continuar? — os dois homens perguntaram ao mesmo tempo.

Para agonia de Brian, Lilly quis repassar a agenda e as planilhas de contabilidade. O músico surpreendeu-se. As cifras individuais das obras dela ultrapassavam os milhões. Sabia que ela era uma artista badalada, mas não que era o principal nome de sua geração, acumulando um patrimônio impressionante.

Mas é claro!

Finalmente, entendeu o porquê do tio dela insistir tanto no lance do contrato de casamento. A artista Lilly Peterson estava podre de rica. Não dependia em nada da herança dos pais, era financeiramente independente e segura para o resto da vida.

— Acho que encerramos por aqui — Antoine disse, louco para ir embora.

— Belo trabalho — Brian foi sincero.

O empresário estava claramente muito a fim da Lilly, mas Brian não se sentia ameaçado. A esposa parecia não o notar, e Antoine não era assim um predador inescrupuloso. Ao contrário, estava mais para um idiota arrogante, incrivelmente competente e honesto. Qualidades raras que amenizavam a vontade de Brian chutá-lo para longe.

— Bom, é melhor eu ir. — Antoine fechou o computador e recolheu os quadros, pronto para partir.

— É, melhor. A gente te leva até a porta. — Lilly pareceu tão ansiosa para o empresário ir embora quanto Brian, que suspirou aliviado, ansioso para testar o sofá do ateliê.

Assim que a porta se fechou, Brian disse, esmagando-a contra a madeira:

— Não aguento esperar até chegarmos no quarto.

Uau!

A pulsação dela foi às alturas.

Sem perder tempo, as bocas se juntaram em um beijo safado, enquanto as mãos dele alcançaram a barra da saia subindo lentamente.

— Você ficou muito abusada nessa coisinha — murmurou e infiltrou um dedo no meio das pernas dela. Com delicadeza, afastou a calcinha para o lado e tocou a boceta macia.

Ai, caramba!

Os joelhos de Lilly fraquejaram. Era tão bom ser tocada por ele. Cheia de desejo, ergueu

a perna pressionando a panturrilha atrás do joelho de Brian para lhe dar um acesso melhor.

— Hummm, gosto tanto dos seus dedos — gemeu baixinho.

— São todos seus. — Brian moveu o dedo e provocou a abertura sedosa, adorando a umidade que encontrou. Seguiu explorando até tocar o alvo. — Quero você gozando que nem louca — sussurrou e mordeu o macio da orelha pequenina.

Tudo era tão avassalador... Lilly segurou nos ombros dele, gemeu e começou a rebolar lentamente.

— Mulher deliciosa — ele grunhiu, antes de provocar o clitóris com movimentos circulares

— Brian... — Ela tentou abrir-lhe a braguilha. Precisava daquele pau. *Deus! O que estava lhe acontecendo?* Certamente, as delícias da penetração mexeram com a cabeça dela. Lilly passou a manhã inteira obsessiva, desejando aquele corpo e as sensações que ele provocava. — Me come... — implorou.

— Só se for agora.

Em um segundo, Brian se livrou das calças. Lilly envolveu as pernas em torno do quadril dele, que meteu nela com força e vontade. Ela arquejou e a cada investida, suas costas subiam e desciam pela porta.

Brian não queria ser gentil. Precisava marcá-la como um selvagem. Aquele puto do Antoine despertou nele sentimentos de posse sobre Lilly.

— Isso... isso... com força — ela exigiu com a respiração entrecortada. — Caramba! Isso... com força...

Brian animou-se. Afundou o rosto no pescoço de Lilly e mandou ver, perdendo-se nas sensações do sexo selvagem.

Um som oco vibrou atrás dela.

— A cabeça, cuidado! — ele grunhiu, mas não diminuiu o ritmo.

— Não é a cabeça... — ela murmurou entre o êxtase e pavor. — A porta... estão...

— Lilly, querida!

Hã?

O corpo de Brian retesou e ele parou as investidas. Azuis-violeta e castanho-esverdeados se encontraram arregalados.

— Diz pra mim que não é a Marie atrás dessa porta.

O som oco se transformou em batidas urgentes.

— Lilly, o tio Ed está lá na sala. Ele veio conhecer o Brian.

Puta merda!

Brian broxou.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Poucos dias depois...

— E a Bonequinha? — Adan acelerou a passada na areia macia.

As panturrilhas de Brian estavam ardendo, a corrida já durava uma hora.

— No ateliê, adiantando umas coisas para Londres.

Adan encarou Brian com cautela, alguma coisa o estava angustiando.

— Como estão? Faz uma semana que não dão as caras.

— Nós? — Brian olhou confuso.

Uma semana?

Depois de Antoine e do tio Ed, eles andaram evitando as visitas, mas...

Uma semana?

Será?

— Não, otário! O Big e aquela madrasta maluca que o raptou! — Adan socou o braço do amigo. — Claro que você e a Lilly!

Com o braço formigando, Brian parou e inclinou o corpo apoiando as mãos nos joelhos. Queria rir, mas estava sem fôlego. Respirou fundo. Se a mãe verdadeira de Big não valia nada, a madrasta era uma verdadeira mãe ursa. Ficou uma fera porque ele não avisou que estaria na cidade, invadiu a mansão e o arrastou pela orelha. A mulher era uma guerreira na coisa de manter pai e filho unidos.

— Apesar do mundo à nossa volta parecer ter enlouquecido, nós estamos bem. — Brian levantou a cabeça e cobriu os olhos para proteger do sol. — Muito bem, na verdade. Temos nos dedicado a explorar todos os cômodos da casa. Estou ficando craque em rapidinhas furtivas e silenciosas. A Marie tem um ouvido biônico.

Gargalhando, o vocalista tirou a camiseta e limpou o suor do rosto. Apesar da brisa

fresca vinda do mar, era mais um daqueles dias ensolarados em Los Angeles.

— E o tio Ed? Aprontou mais alguma?

— Não, acho que acalmou depois de vasculhar a minha vida, ameaçar cortar o meu pau e me fazer prometer que não irei magoar a Lilly. — Brian sentou na areia e observou o mar por alguns instantes. — Tenho que agradecer a minha mãe... Sarah fez um trabalho incrível quando o velho foi procurá-la. Acredita que até o meu boletim escolar ela mostrou para ele?

Os amigos riram.

— Acredito. Sua sorte foi ele ir atrás da Sarah. Seu pai teria acabado com a tua raça — Adan arrependeu-se do comentário assim que terminou de falar. — Foi mal, cara, não deveria ter dito isso.

— Relaxa, o Ian é mesmo incapaz de elogiar qualquer um que não seja ele próprio. — Brian levantou-se. Tirou os tênis e a camiseta. — Mergulho?

Adan fez uma cara desacreditada.

— Não, isso é coisa para o Gabe ou para as mocinhas... — Riu. — Eu topo uma disputa até as pedras.

Brian saiu correndo para o mar, sabendo que seria derrotado. Ele estava destruído da corrida. Já o Adan era um monstro nos esportes, capaz de virar a noite na farra e correr uma maratona no dia seguinte.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Meia hora depois, Brian estava no chuveiro. A água gelada aliviou as dores musculares, mas foi incapaz de afastar a angústia. Ele vinha fugindo do almoço em família, mas não tinha mais escapatória, nem desculpas. Em poucas horas estaria de volta na mansão Lincoln.

Será que é tão difícil ter paz?

— *Ai, socorro! Estamos sendo invadidos!*

Brian ouviu Lilly berrar a plenos pulmões do quarto.

Invadidos? Sim, nada de paz!

Todos os alarmes internos do músico dispararam... *Perigo!* Ele saiu como um foguete do chuveiro e correu para socorrê-la. Avistou-a na varanda, paralisada diante de um drone. *Mas, o quê?* À beira de um ataque cardíaco, ele percorreu a distância entre eles.

— Calma, estou aqui! — Colocou o corpo à frente para protegê-la. — De onde veio essa

merda? — Lilly continuou imóvel com os olhos em pânico. O drone subiu e desceu escaneando o corpo dele e voltou a pairar fazendo um som irritante. — Filho da puta! — Com um golpe rápido e certeiro, Brian socou a pequena aeronave que rodopiou, rodopiou, rodopiou e se estatelou lá embaixo na areia.

Brian virou-se para a esposa, segurando-a pelos ombros. *Graças a Deus está vestida!* Um certo alívio desenhou sua expressão.

— Tudo bem com você? Está machucada?

— Não... que troço era aquele? — Lilly estava tremendo. Aquela coisa simplesmente surgiu na sua frente. — Cuidado! Está vindo outro!

Brian ficou cego de raiva.

— Entra! — Empurrou Lilly, que cambaleou e caiu de bunda no chão do quarto. — Desculpa, amor! — gritou desesperado, mas sem tempo para socorrê-la, pegou uma cadeira na varanda e a lançou na direção do segundo drone. — Tomem isso, seus *paparazzi,* filhos da puta! — rugiu e quando viu que tinha acertado o alvo, correu para dentro e ajoelhou-se ao lado de Lilly.

— Desculpa, desculpa, desculpa... — Cheio de remorso, encheu o rosto dela de beijos. — Desculpa, machuquei você? — Abraçou-a.

Perplexa, ela o olhou.

— Você me chamou de amor.

Confuso e ainda com raiva, Brian balançou a cabeça.

— O quê?

— Você me chamou de amor — ela repetiu.

— Chamei?

Quando?

— Chamou. — Ela parecia chocada.

Brian levantou uma sobrancelha.

— E foi ruim?

— Acho que até gostei. — Lilly quase sorriu antes de reparar que a mão direita dele estava machucada. — Meu Deus, você está sangrando!

Brian espalmou a mão e percebeu o corte. Com a adrenalina correndo solta nas suas

veias, ele não sentia dor.

— Não é grave.

A porta do quarto abriu com tudo, surpreendendo-os. Primeiro entraram o Adan e o Gabe.

— Cara, que irado! — Gabe disse animado. — Parecia guerra nas estrelas!

— Isso é sério, porra! — Adan deu um tapa na orelha dele. — A gente estava na praia e viu tudo — explicou para o casal.

Gabe estava eufórico demais para se importar com o tapa. Quando se deu conta de que Brian estava pelado, abriu um sorriso travesso.

— Não brinca que filmaram vocês fodendo! A internet vai bombar!

— Ninguém aqui estava transando — Brian respondeu seco sem tirar os olhos de Lilly. — Eu estava no banho quando ela gritou.

— Gabe, se não calar a boca agora, eu vou te amordaçar! — Adan o ameaçou e entrou no banheiro.

Penne chegou ofegante e gritando.

— Coisa linda, eles atiraram em você? — A loirinha correu para abraçar Lilly, pouco se importando com a nudez de Brian. Os dois amigos começaram um empurra-empurra disputando o abraço. O guitarrista venceu a briga e não desgrudou de Lilly.

— Não, mas o Brian socou os troços e... — Ela agarrou-se a ele e começou a chorar.

Com todo cuidado, ele a pegou no colo e depositou na cama.

— Tá tudo bem agora, passou. — Beijou-a na cabeça.

— Que vergonha! — Ela cobriu os olhos. — Eu fui muito babaca, né? — Olhou-o por entre os dedos. — Juro mesmo, que eu pensei que estivéssemos sendo invadidos.

Brian tocou com o dedo a ponta do nariz arrebitado.

— E fomos. — Riu de nervoso. — Nunca tive a minha privacidade invadida desse jeito! — esbravejou. — Mexeriqueiros do caralho!

Lilly franziu o rosto.

— É! Grandessíssimos filhos da mãe. Ferraram com a sua mão.

Ele riu com vontade do jeitinho furioso dela.

— Não foi nada, posso até tocar. — Mexeu os dedos para comprovar.

Penne, que observava os dois, segurou a mão de Brian.

— Como não foi nada? Cacete Isso deve estar doendo! — berrou.

— O que deve estar doendo? — Adan saiu do banheiro e aproximou-se. Quando viu a mão ensanguentada sentiu um calafrio. — Cara, isso está feio. — Jogou uma toalha no colo do guitarrista e começou a examiná-lo.

— Ele é teimoso, está dizendo que não foi nada, mas precisa de um médico. — Lilly segurou a mão boa de Brian para reconfortá-lo.

Começaram uma discussão acalorada, queriam, a todo custo, levá-lo para o hospital. Irritado, Brian deu as costas, vestiu uma bermuda e desceu em disparada. O corte na mão era superficial, depois procuraria um médico. Foi direto para a praia onde Mark estava às voltas com os seguranças. Sua prioridade era descobrir quem tinha enviado os drones e por quê? Ele mantinha uma boa relação com a imprensa, mas maçãs podres existiam em qualquer lugar.



34

Lilly estava boquiaberta. A casa dos pais dela, que era imensa, não chegava nem perto daquilo. Nunca na vida tinha visto um lugar tão grande e ostensivo. A Mansão Lincoln ficava em uma propriedade de aproximadamente vinte mil metros quadrados à beira-mar, com onze quartos, elevador, além de uma casa para convidados, um parque aquático e uma casa na praia.

Se Ava visse aquilo, ficaria maluca!

Conduzida por Brian, ela sentou-se no sofá do que julgou ser a maior sala de estar do mundo. Uma parede de vidro dava vista para uma piscina com uma ponte suspensa, coreto e cascata.

— Grande aqui, né? — cochichou pra Brian, assim que a sorridente senhora, vestida em um uniforme tradicional negro os deixou a sós.

Ele girou os olhos como se não apreciasse muito o que via.

— Um elefante branco. Minha mãe tenta vender o lugar há anos, mas quem paga setenta e cinco milhões por uma casa?

Uau!

Certamente, Lilly não pagaria e tão pouco, conseguia se imaginar morando em um lugar tão impessoal como aquele. Para começar, precisaria de um mapa.

— Quando éramos pequenos achávamos o máximo — Brian continuou. — Mas agora, com cada um tomando seu rumo e as meninas crescidas, minha mãe acha sem sentido... A casa tem lembranças demais...

Lilly assentiu. No caminho, Brian contou que a mansão de Los Angeles era da mãe. O pai mantinha um apartamento luxuoso em Nova Iorque e apesar de Ian aparecer em Hollywood de vez em quando, os pais já não mantinham uma relação de marido e mulher há um bom tempo.

— Eis que o filho pródigo resolveu dar as caras — uma voz grossa carregada na bebida vibrou atrás deles.

No mesmo segundo, o corpo de Brian tensionou e ele agarrou com força a mão de Lilly. Os dois levantaram e viraram em direção ao homem descabelado, que vestia nada além do que uma sunga vermelha de gosto duvidoso, com estampa de araras.

Exceto pela cor dos olhos e a diferença de altura, a semelhança entre pai e filho era impressionante. Lilly olhou de um para outro... a tensão entre ambos era evidente e a versão filho

era anos-luz mais alta, sexy e agradável aos olhos de Lilly. O original-pai lhe pareceu bem desgastado e nado glamoroso... no estilo bêbado arrogante.

Tão iguais e tão diferentes.

Como Brian não dizia nada, Lilly resolveu quebrar o gelo.

— Olá, senhor Pierce. Muito prazer em conhecê-lo — pronunciou quase que solenemente.

Ian, cujo bronzeado estava além da conta, mediu Lilly com os olhos cinza-gelo vorazes e, em seguida, voltou a se concentrar no filho.

— Vejo que trouxe o brinquedinho novo. — Passou o polegar sobre o lábio em um gesto faminto.

Sentindo-se incomodada, Lilly agradeceu por ter optado por uma jardineira jeans e uma camisa branca romântica com rendas e lacinhos. Examinou os *All Stars* verdes nos pés dela... e estava tudo, menos sexy.

— Fora dos limites, pai. — O peito de Brian reverberou e Lilly o abraçou na cintura.

Como assim? O que estava fora dos limites?

Ela?

— Lilly não é um brinquedo ou uma namoradinha qualquer, Ian. Respeite-a, é a esposa do nosso filho — uma voz melódica e extremamente doce ronronou atrás deles.

— Mãe! — Brian girou, trazendo o corpo de Lilly junto, em um gesto protetor. A mãe tinha lhe garantido que o pai não viria para Los Angeles. Ian costumava evitar a cidade na época de premiação do Grammy.

— Oh, meu Deus, filho! Você disse que não era nada sério! — Sarah apontou para a mão enfaixada e apressou-se em abraçá-lo.

Lilly ficou ali, paralisada entre pai, mãe e filho. Suas pernas começaram a tremer e o coração disparou. Estava em transe, com os olhos fixos na loira deslumbrante de imensos olhos azuis-violeta e tudo o que a mente dela conseguia gritar era...

Diva! Diva! Diva!

Sarah Diva Lincoln!

Ao vivo e a cores!

Nossa, parece um sonho.

Perdida em seu momento "fã conhece ídolo e surta", Lilly nem se deu conta quando mãe e

filho se separaram e Sarah a agarrou em um abraço de mãe urso, depois a segurou nos ombros dando-lhe uma boa olhada.

— Mocinha, você é adorável! Linda, uma boneca! Agora entendo a fascinação de Brian.

Lilly abriu um sorriso tímido e trêmulo.

— Eu... eu não estou acreditando!

— Acreditando em quê, minha querida? — Sarah ficou confusa.

Brian riu com doçura.

— A Lilly é sua fã, mãe.

Ian deu uma bufada monótona.

— Ah... pelo amor de Deus! Uma fã? — disse com desprezo, mas foi ignorado.

— Fã tipo, fã mesmo, a número um. — Lilly a agarrou afundando o rosto em seu abraço.

Será que era demais pedir um autógrafo?

— Fico feliz que goste da minha música. — Sarah riu da carinha encantada de Lilly. — Mas acho que estamos mais para mãe e filha agora.

Mãe e filha?

Lilly caiu no choro. Era bom demais para ser verdade. Que pacotão maravilhoso era o de Brian.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Passada a crise patética de choro e meia hora de convivência, Lilly tinha revisto sua classificação no quesito bagagem familiar do marido. Nem tudo era maravilhoso. Sarah, sim, era o que tinha imaginado ser e mais um pouco. Já Ian, Brian tinha sido generoso ao compará-lo com a Rainha má de Branca de Neve.

Que homem insuportável! A personificação do ego, não era à toa que o Brian parecia tão incomodado com a presença do pai. Ela estava irritada com os olhares e sorrisos indiscretos que ele lhe lançava, toda vez que o filho não estava olhando. Com Bret, irmão mais velho de Brian, ocupado com a boate, a esperança de Lilly eram as trigêmeas. Não via a hora das irmãs de Brian chegarem da aula de dança, e Sarah não sabia mais o que fazer para amenizar o clima na área de churrasco da casa.

Brian remexeu-se no sofá, e não desgrudou de Lilly por nada.

— Ian, deixe os meninos em paz. Por que não vem me ajudar com as carnes? — Sarah tentou arrastá-lo sem sucesso. — As garotas vão chegar famintas — insistiu.

— Gasto uma fortuna com empregados, para quê? — Olhou ao redor como se procurasse alguém. — Onde estão todos? Eles que façam jus aos salários e cozinhem para nós.

Lilly olhou para a mesa repleta de saladas e guarnições. Na certa, foram os empregados que tinham preparado aquele banquete.

— Eu os dispensei... quero um almoço tranquilo e em família. — Sarah alcançou uma bandeja repleta de peças de carne. — Comporte-se, Ian.

Brian riu com sarcasmo. Todas as despesas da mansão Lincoln eram por conta de Sarah. O pai não contribuía com nada. Nunca contribuiu.

— Deixa que a gente te ajuda, mãe — ofereceu-se e levantou, trazendo Lilly com ele. No fundo queria uma desculpa para afastar a mulher de Ian.

— Não, filho, precisa poupar a sua mão. Tenho certeza de que serão os grandes premiados de amanhã. Se abusar, não vai conseguir fazer o show de enceramento.

Ian levantou parecendo irritado e ajeitou a sunga que tinha entrado nos fundilhos. Lilly não pôde deixar de reparar que a bunda deliciosa de Brian não tinha sido herdada do pai. Quis rir, mas conteve-se. O homem era forte e em forma, mas aquela sunga folgada denunciava que lhe faltavam atributos que no filho existiam de sobra.

— Estou bem para tocar, mãe. — Brian ergueu a mão enfaixada e mexeu os dedos. — Além do mais, não é certo que iremos vencer.

— Vai se acostumando, Lilly. — Sarah sorriu para ela com certo orgulho. — A humildade do meu filho é umas das qualidades que eu mais aprecio nele. Nem um pouco deslumbrado com o sucesso. — Olhou para o filho. — Querido, todas as bancas de apostas dão como certa a banda ser premiada como a grande vencedora da noite. A cidade está tomada pela imprensa e por fãs fanáticos da Ultimate.

Brian franziu o cenho. Não curtia todo aquele fanatismo e ainda estava preocupado com o que acontecera naquela manhã. Mark estava que nem louco tentando descobrir a origem daqueles drones.

— A cidade está uma merda, isso sim. — Ian soltou um grunhido aborrecido. — Não sei pra quê tanto estardalhaço! Ainda se fosse o Oscar, mas é só o Grammy. Enaltecem demais a música, quando na verdade ela não passa de uma categoria secundária, um complemento dentro da arte das artes que é o cinema. — Ian foi até o bar ao lado da churrasqueira e serviu-se de

outra dose de whisky.

— A sétima arte. — Escapou da boca de Lilly.

No mesmo instante, Ian girou os quadris em sua direção.

— O que disse?

— Que o cinema é a sétima arte, não a primeira. — Lilly o encarou com firmeza. Brian segurou o ímpeto de se meter, sua Bela não iria gostar, além do mais, ela era uma baixinha muito tempestuosa, ia colocar o pai dele no lugar.

Ian colocou a mão na cintura.

— E por acaso, os rabiscos que faz é que são os primeiros?

Lilly riu, mas era de nervoso.

— Ah, não... — Ela olhou para Brian, que a incentivou ir em frente. — Os rabiscos que faço estão em segundo lugar. — Sorriu para a Sarah. — A primeira arte ou arte das artes, é justamente a música. Uma boa trilha sonora muda um filme, o senhor não acha?

Ian engoliu em seco.

— Sério? — Os olhos de Brian arregalaram.

Lilly abriu um sorriso travesso.

— Seríssimo.

— Sei, hum-hum... De onde tirou isso? *Wikipédia*? — Ian virou bebida e colocou o copo grosseiramente sobre a mesa.

Que imbecil!, pensou Lilly, mas conteve-se.

Sarah revirou os olhos, às vezes, Ian era mais infantil que as filhas.

— Lilly é formada em História da Arte pelo Instituto Beaux - Artes em Paris.

Os olhos do homem ganharam um novo brilho... *Hum... o brinquedinho, além de gostosa, tem um cérebro.*

Uma algazarra de vozes adolescentes chamou a atenção de todos. O jovem casal levantou assim que, três loirinhas exatamente iguais surgiram correndo pelo jardim. As meninas chegaram eufóricas e lançaram-se sobre o irmão, que sorriu como um bobo.

— Briaaaaannn!

— L's! — Brian dividiu-se em abraços e beijos. — Vocês estão altas! Cresceram o quê? Meio centímetro?

— Fala sério! — Uma delas deu um soco no ombro de Brian, que fingiu sentir dor. — É sério que casou? Tipo de verdade?

As trigêmeas começaram um interrogatório histérico:

— Por que não contou que namorava?

— Cadê ela? É verdade que ela pinta?

— Falou da gente pra ela?

— Ela sabe que somos três?

— Ela gosta da Ariana Grande?

— É verdade que vamos ser titias?

— No colégio, as meninas estão... tipo, querem se matar... sabia?

Sorrindo, Brian deu um passo para o lado revelando uma Lilly sorridente atrás dele.

— Acho melhor perguntarem tudo direto para ela.

As meninas trocaram olhares e gritaram... sons tão agudos capazes de furar tímpanos. Lilly foi cercada pelas garotas que pularam, bateram palmas, tocaram na roupa, no cabelo, quiseram ver o anel, beijaram, abraçaram, tiraram *selfie* e fizeram mais mil perguntas. Lilly ampliou o sorriso e respondeu como pôde.

— Filhas, desse jeito vão sufocá-la — Sarah falou com autoridade, tentando botar ordem.

Elas olharam para a mãe e juntas respiraram em sinal de rendição. Só então repararam em Ian.

— Ah... oi, pai, cê tá aí... — disseram, receberam de Ian um aceno sem interesse e sentaram-se à mesa com os celulares ainda em punho.

Com a presença das garotas, o almoço seguiu bem mais leve.

Conversaram sobre tudo um pouco...

Sarah falou sobre o sucesso de Bret nos negócios e do seu namoro com uma apresentadora de tevê esportiva.

— Não sei se o namoro do seu irmão com a Lucille vai longe. A diferença de estilos de vida já está começando a atrapalhar. Uma pena, é a primeira vez que vejo Bret interessado em alguém — a mãe lamentou.

— Isso é fogo de palha. Conheço a Lucille, fraquinha demais. Não tem cacife para segurar um Pierce. — Ian abriu um sorriso malicioso.

Todos ignoraram o comentário e Lilly pensou como uma pessoa tão incrível como Sarah poderia ser casada com um homem tão raso.

— Depois de amanhã, voltamos para a estrada — Brian avisou.

— Assim tão cedo? A cerimônia do Grammy termina tarde, mal terão tempo de descansar.

— Os QG's são muito confortáveis. — Lilly sorriu. — Além do mais, estou ansiosa. É divertido conviver com todo mundo.

— Ora, vejam só... — Ian levantou uma sobrancelha sugestiva. — Mal casou e já está entediada? — Olhou para o filho com desdém. — Era de se esperar. Não sei a quem esse moleque puxou.

— Ian! — Sarah levantou-se. — Se vai começar, é melhor ir embora!

O homem ergueu os ombros, como se não estivesse fazendo nada.

— Deixa, mãe. — Brian respirou e sorriu, apesar de estar com a mão coçando de vontade de socar aquele babaca. — Nós já estávamos de saída mesmo.

Lilly suspirou aliviada, estava louca para sair dali.

— Verdade. — Apertou a mão de Brian com força. — Combinei de encontrar a Penne. Ainda tenho que escolher um vestido para a premiação de amanhã. — mentiu adiantando o passeio com a amiga em um dia.

As irmãs riram com os olhos vidrados no celular... estavam vermelhas, quase suando.

— O pai é que ele não puxou. — A que se chamava Liah gargalhou.

— Mãe, por que não disse que tínhamos um Harry Potter na família? — Leah também gargalhou.

— Se eu fosse homem também teria inveja — Liah voltou a falar, olhando para Ian. — Pai, essa birra toda com o Brian é porque ele é bem maior do que você?

Hã?

Os alarmes de Brian soaram.

— O que tem aí nessa merda? — Apontou para o celular. — Me dá isso aqui! — Brian levantou e esticou o braço sobre a mesa na direção da terceira gêmea Lisa, que continuava muda e não tirava os olhos do aparelho.

Ele agarrou o celular e, assim que viu a tela, soltou um grito sonoro:

— Eu mato aqueles filhos da puta!

— O que foi? — Lilly e Sarah perguntaram ao mesmo tempo.

— Merda! Merda! Merda! Os caras vão me zoar para o resto da vida por causa disso! — Brian seguiu esbravejando.

— Filho, olha a boca!

Lilly aproveitou que Brian se distraiu e começou a puxar os cabelos para capturar o celular da mão dele.

— Ai, minha nossa, poxa vida! — Ela virou um pimentão na hora.

Sarah aproveitou que a nora ficou desconcertada e fez o mesmo. Roubou o celular e começou a rir.

— É, definitivamente isso aqui não veio do Ian. — Soltou uma risada deliciosa e passou o aparelho para o marido.

— Ah... fala sério! Tá na cara que isso aqui é *Photoshop*! — Ian fez uma cara de assombro. — Ninguém brilha desse jeito.

— Pelo jeito, o do Brian brilha, né, Lilly? — Lisa deu um sorrisinho para ela e virou o outro celular, que pegou da irmã, para o pai. — Essas modernidades não são da sua época, pai! Isso aqui, na vara mágica, é um piercing.

— Pare de me chamar de velho, Lisa! Sei muito bem o que é um piercing! — o pai saiu esbravejando da mesa em direção à praia. — Pois fiquem sabendo que eu também sou incrivelmente bem-dotado. Está encolhido, porque estou com frio, porra!

As filhas gargalharam histericamente e Sarah correu para abraçar o filho.

— Está tudo bem, filho. Nem dá pra ver muito — mentiu. — Sabe como são essas coisas de internet. Amanhã ninguém mais vai lembrar.

Tomada por sentimentos que oscilavam entre o choque, o orgulho desmedido e um ciúme extremo, Lilly duvidou das palavras da diva. A imagem daquele pau incrível e brilhante jamais sairia da sua mente.

Brian queria sumir...

Tudo que ele não precisava era ter os seus dotes masculinos expostos no pior site de fofocas de Los Angeles. Uma sequência completa do seu corpo nu capturada pelo maldito drone... em todos os ângulos: lado, frente e costas. O peito rijo, o abdômen tensionado, o dragão nas costas, a bunda, o pau a meio-mastro. Sentiu-se estuprado ao ler o título da matéria:

Descobrimos o segredo por trás do sorriso de Lilly Peterson! A vara mágica de Brian Pierce!

Droga!, pensou Brian.

Bem abaixo da manchete, havia uma foto em destaque, onde um raio de sol incidia justamente no aço de seu piercing. A cabeça do seu pênis brilhava, em um jogo de ótica, como se emitisse a porra de um raio.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly sentiu o colchão levantar. Abriu os olhos e observou Brian ir checar as janelas e venezianas da varanda. Conteve o impulso de dizer que ele já tinha feito aquilo cinco vezes e que Mark garantira que os drones não voltariam.

Calou-se, não queria piorar a situação.

Brian saiu bravo da casa dos pais, ficou ainda mais furioso quando chegaram a *Dreams Beach*. A entrada do condomínio tinha sido invadida por repórteres e fãs disputando um segundo de atenção. E, pela primeira vez, Brian não fez a tradicional paradinha para responder aos jornalistas ou dar autógrafos, pediu para Lilly não parar a *Maserati*.

Ela queria confortá-lo... e não seria com sexo. Não era o belo corpo de Brian que precisava de atenção, e sim, a alma. Lilly precisava descobrir o que o incomodava e dar um jeito de ajudá-lo. O que tinha sido pior? O encontro com aquele pai intragável ou ter a intimidade exposta de uma maneira tão atroz? Ou ambos? Nem ela sabia definir os próprios sentimentos. Ficou claro que entre pai e filho havia algo muito mais sério rolando do que a falta de afinidade. Viu o rancor impresso nos olhos de um e a mágoa transbordando em outro.

Lembrou-se de Ava.

Ah... família!

Suspirou.

Por outro lado, é claro que odiou ver o corpo que estava aprendendo a amar sendo violado daquela maneira. *Que merda!* Aquilo foi desagradável e teve vontade de sair do carro para bater nas mulheres que ostentavam cartazes com a nudez do marido. Não foi só um sentimento de ciúmes ou posse que explodiu no peito de Lilly. Foi mais, muito mais... foi respeito.

O colchão voltou a afundar e Brian deitou de costas para ela. Estava envergonhado, não queria que Lilly visse a decepção em seus olhos. Deveria ter seguido a intuição e cancelado a ida à mansão Lincoln.

Com jeitinho, Lilly aproximou-se e o abraçou. Envolveu a cintura de Brian e beijou as costas nuas. O perfume dele era como um feitiço, despertando-lhe os sentidos. Acariciou os músculos

tensos, os traços da tatuagem pareciam mais duros e agressivos.

Coitadinho.

— Brian, quer conversar? Às vezes, se abrir faz bem — sugeriu com doçura.

Sentiu o peito grande esvaziar em um suspiro.

— Ah, minha Bela, desculpa por hoje.

Lilly puxou o corpo dele de forma que deitasse de costas. Aconchegou-se, abraçou-o novamente e apoiou o queixo sobre o peito dele. Em seguida, olhou-o com uma ternura legítima.

— Tudo bem, que não foi o dia mais perfeito do mundo. — Não iria mentir. — Mas, pelo amor de Deus... as coisas boas superaram as ruins em muitos graus. — Sorriu abertamente. — Primeiro, adorei conhecer a sua mãe. Segundo, tem noção de que ganhei todos os discos dela? Au-to-gra-fa-dos... — disse com os olhos arregalados. — Posso ficar aborrecida de boa, pelo resto da vida, só admirando os autógrafos da Sarah Diva Lincoln. — Ela riu. — E as suas irmãs... são umas figuras.

Brian gostou de ouvir aquilo, mas muitas coisas ainda o preocupava.

— As fotos... — ele sussurrou.

— Aquilo? — Lilly fez cara de pouco caso. — Vamos aprender a lidar com elas, simples assim. — Acariciou o peitoral que começava a relaxar. — Tudo bem, que terei que rebolar para controlar o meu ciúme. O senhor tinha que ser assim, tão tremendamente gostoso e útil?

Confuso, Brian ergueu o rosto e a encarou.

— Útil?

Lilly ficou muito séria como se fosse dizer algo realmente importante.

— E, não é? Em uma terra onde as tempestades sempre fazem a luzes apagarem, ter um pau que brilha me parece bastante útil. — Brian caiu na gargalhada e o coração de Lilly sorriu. — Por outro lado, também é um problema. Mais do que nunca, as pilantras vão querer tirar uma casquinha, mas o Harry Potter aí é só meu, estamos combinados?

— Combinadíssimos. — Brian levantou uma sobrancelha e arriscou outro sorriso. Lilly sabia suavizar as coisas. — Pera aí... está com ciúmes do meu pau brilhante?

— Tenho ciúmes de tudo, principalmente disto. — Ergueu a cabeça e beijou-o na altura do coração. — Quanto mais eu te conheço, mais eu me apaixono. Você é uma pessoa muito linda, Brian Pierce.

O rostinho dela corou e o coração dele esquentou de um jeito bom. *Linda é você.*

— Sério que está mesmo apaixonada por mim? Aquele *eu te amo, Brian*, do outro dia, não foi só da boca para fora, no ardor do orgasmo?

Droga!

Bem possível que tenha sido.

Lilly não se lembrava de ter dito aquilo, mas quando estava com Brian, ela perdia os sentidos e dizia coisas e mais coisas. Se tivesse dito, não teria mentido. O amava desde sempre, antes mesmo de se dar conta de que o amava de verdade.

— Hum-hum... Eu espero que tão verdadeiro quanto o seu *meu amor*, de hoje de manhã — Lilly disse tentando controlar o nó na garganta.

Ele abriu um sorriso.

— Ah, meu amor, o meu amor de hoje cedo foi verdadeiro, pra caramba — ele brincou com a convicção de quem diz uma verdade e abriu um sorriso enorme. — Só um aviso... Vai ter que ser muito guerreira. Não vai ser fácil andar por aí, com um cara que virou piada na internet e que tem um pai que é um pé no saco! — Apesar da brincadeira, ele continuava a falar sério.

Lilly suspirou feito boba. *Sou o amor do Brian!*

— Assim como não vai ser fácil andar por aí, com alguém que tem uma irmã malévola como a Ava — retrucou.

Belo ponto!

Brian riu de verdade, não sabia qual dos dois estava mais lascado no quesito parentes problemáticos. Abraçou-a, juntando bem os corpos.

— Pois é, acho que somos almas gêmeas.

— Isso não vale. Todo mundo tem uma maçã podre na família. — Ela riu, mas depois se tocou da besteira que tinha dito. — Desculpa, não quis dizer que o seu pai...

— É um idiota arrogante que ama ser adulado? — completou a frase por ela e sentiu necessidade de botar pra fora o que pensava sobre o pai. — Sabe, o Ian já foi um cara legal, mas depois de ganhar o Oscar, se achou acima dos outros. Deixou que a vaidade e o ego tomassem conta. Acreditou que o nome Ian Pierce, por si só, manteria uma legião de fãs dispostos a endeusá-lo para sempre e que todos os seus filmes, dali por diante, seriam um sucesso garantido. Agia com arrogância, para depois dar entrevistas dizendo que era o mesmo cara simples e espiritualizado do início. Acho que ele não sacou que estar na lista do New York Times não te faz melhor do que ninguém, que o sucesso é um estado volátil, não uma condição eterna... e que o

mundo evolui e novos talentos podem surgir.

— Acha que ele se ressente pelo fato de você ser mais famoso?

— Devo tudo o que sou a minha mãe, não ao meu pai — Brian disse sem pensar. Depois, ficou calado. Não queria reviver situações que ainda o machucavam. Olhou para Lilly, que parecia ansiosa por qualquer pedacinho de informação que ele estivesse disposto a compartilhar.

Droga!

— Se for difícil para você, eu vou entender.

— Não, tudo bem. — Acariciou o cabelo dela e resolveu lhe dar o que podia. — Não acho que o lance do meu pai seja só comigo. No fundo, ele se ressente do sucesso do mundo. Minha mãe mesmo ganha muito mais do que ele e você viu o que ele pensa da música. Para o meu pai, só o que ele faz tem valor. — Esfregou o rosto em um gesto cansado. — Ian não consegue ver ninguém feliz, que vai lá e destrói. Acho que é por isso que sou assim... desconfiado e desapegado. Amo a música, não a glória. Eu me esforço e me dedico, porque respeito o que eu faço e sei que tudo pode acabar, se eu não der valor. Claro que o dinheiro é bom, preciso dele e o vejo como reconhecimento do meu trabalho, mas o dia que eu compuser por fama... estarei morto. O Brian não existirá mais.

Ai, senhor... que homem é esse?

A cada segundo, gosto mais dele.

E, de repente, ela pensou que seria uma boa ideia se relaxassem com um pouco de sexo.

— Gosto desse Brian... não mude nunca, nem se obrigue a fazer o que não quer. — Lilly delineou os contornos do torso masculino até os limites do elástico da calça de moletom que ele usava. — Se gosta de dormir pelado, não precisa usar isso. Garanto que estamos seguros aqui — disse com suavidade.

O contato com os dedos delicados fez a pele de Brian arrepiar.

— Ah, é? E o que mais a senhorita pode me garantir?

— Senhora — corrigiu ela.

— Minha senhora. — Tocou a ponta do nariz dela. — O que mais pode me garantir, minha senhora?

— Que não importa como o dia começa e sim como termina. E se estiver disposto, vou garantir que a sua última experiência de hoje, seja incrível.

Os azuis-violeta acenderam.

— Meu amooor... — falou de um jeito engraçado. — Eu estou sempre disposto! Aliás, posso estar morrendo que, mesmo assim, estarei disposto!

Sem pensar duas vezes Lilly debruçou-se sobre ele e tacou-lhe um beijo. Brian apertou-a contra ele e deixou-se levar. Segurou-a pela nuca e beijou com posse. Do jeito que ela mais gostava.

Lilly estremeceu, Brian sabia mesmo como aquecer as coisas e elevar o beijo à potência máxima. Perderam-se um no outro deixando tudo ir embora. Mate verde e lima se misturaram, pernas se enroscaram, mãos se exploraram e bocas se reivindicaram.

Sabe-se lá como, eles se despiram... foi calça de moletom de Brian para um lado e camiseta de Lilly para outro.

— Caralho, está sem calcinha — Brian grunhiu ao apertar a pele macia da bunda de Lilly.

— Uma garota pode ter esperanças, não pode?

Ele lhe deu um tapa apreciativo bem na dobra da bunda.

— Ah... pode sim, minha safada, claro que pode! Era disso que eu precisava... de nós.

Quando Brian a girou e quis apoiar as mãos no colchão para montá-la, Lilly gritou:

— Não... a sua mão, não deve forçá-la! — Rolou o corpo para sair do domínio dele e sentou, apoiando-se nos calcanhares.

— Corpo do caralho, isso é sacanagem comigo. — A visão daquela cinturinha fina e dos seios empinados só pioraram a situação de urgência em Brian. Sua Fera vibrou, endurecendo com vontade. — Vai me maltratar? Eu pensei que você estivesse a fim. — Deslizou a mão sobre a coxa de Lilly até chegar na faixa delicada de pelos em seu púbis. Acariciou-a bem ali.

Ela inclinou a cabeça como uma gata apreciando o toque do seu dono.

— Nada de maus-tratos, hoje quero só o seu prazer — disse em um sussurro. — Pare de me tocar, vou montar em você.

O *quê?*

Brian agitou-se e olhou-a como um tarado libertino. Lilly estendeu a mão e tocou o pênis. Começou a ordenhá-lo lentamente, queria que ele se perdesse, que não pensasse em mais nada a não ser na mão dela e nas sensações maravilhosas que estavam por vir. Brian ergueu o quadril, sem pudor de se esfregar na palma da mão de Lilly e ela não se fez de rogada, intensificou o aperto em um vai e vem exigente.

Quando ficou satisfeita, girou o corpo colocando um joelho de cada lado do quadril

ansioso de Brian. O pênis apontava para cima, quase roçando o umbigo dele. Resistiu à tentação de chupá-lo, ela também necessitava ser fodida. Levantou o quadril, pegou a ereção a ponto de explodir e passou por sua abertura... lubrificando-o.

Um ronco quase selvagem reverberou no quarto.

— Isso, me fode, Lilly. Acaba com a minha raça.

Ela sorriu satisfeita, o cabelo de Brian era uma bagunça sexy. Não podia mais esperar, precisava dele... nela. Abaixou lentamente o corpo, sentindo a vagina alargar a cada centímetro que avançava. Respirou fundo e fechou os olhos.

— E, mais uma vez, meu pau está em casa.

— Você é a minha casa, Brian. — Ela inclinou, apoiou as mãos no peitoral dele e começou a cavalgá-lo.

Mãos firmes seguraram os quadris de Lilly ditando o ritmo... forte e profundo. Ela não se importou de ceder o controle. Gostava dele dominador na cama.

— Oh, meu Deus! — Se o infeliz a penetrasse mais fundo, invadiria seu útero.

— Isso, senta em mim com vontade — grunhiu e começou a se movimentar mais rápido, entrando e saindo. Metendo e tirando.

Nossa, como isso é bom!

Ficaram nesse ritmo até ele sentir as pernas de Lilly fraquejarem. Sentou trazendo o corpo suado dela sem se desgrudarem. A posição permitiu que Brian tivesse acesso direto aos seios, abocanhou um, chupando com gosto. Para ela, era delicioso sentir aquela boca e língua estimulando o bico até quase doer. Gostava dele selvagem e sem limites, sabia que ele precisava daquilo... foder até perder os sentidos e esquecer o dia de merda que tiveram.

Cavalgaram e comeram um ao outro, sem se importar com mais nada. Lilly gozou primeiro, quando seu ventre estremeceu, fechou os olhos e entregou-se ao orgasmo. Depois foi a vez de Brian, que tensionou as coxas, diminuiu o ritmo...

— Olha para mim — pediu e ela obedeceu para encontrar o rosto lindo transbordando em tesão, antes de Brian explodir em ondas firmes, inundando-a...

Sem tirar o pau, abraçou-a.

— Te amo pra cacete, Lilly Pierce! — Sorriu e deixou um rastro de beijos molhados pelo ombro, pescoço até chegar na boca.

— Te amo desde sempre, Brian Pierce — murmurou e desenhou aqueles lábios com a

pontinha da língua para depois beijá-lo com doçura.

Depois de passarem um bom tempo emaranhados como dois coalas, Brian sugeriu um banho, mas Lilly estava sonolenta demais. Ele a deixou na cama, correu para o banheiro e voltou trazendo uma toalha úmida e cheirosa. Limpou e acariciou cada parte daquele corpo delicioso, jogou a toalha em um canto e deitou cobrindo a ambos.

Lilly bem que tentou dizer algo, mas tudo o que conseguiu foram uns grunhidos sem nexo.

— Dorme, meu amor. Amanhã, temos um dia cheio. — Brian abraçou-a por trás e também fechou os olhos. Sorriu... ela tinha conseguido, transformara seu fim de dia em algo memorável.



35

Os olhos de Penne arregalaram e ela soltou um assovio, assim que o elegante joalheiro da Cartier depositou solenemente uma bandeja de veludo sobre a mesa. A guitarrista parecia um peixe fora d'água, nunca tinha estado em um lugar tão cheio de frescuras antes.

— Uau, Bonequinha! As coisas no mundo das artes devem estar indo de vento em popa. — Girou o dedo ao redor da loja repleta de lustres de cristais, carpetes vermelhos, mesas de mogno real e joalheiros que mais pareciam mordomos. — Não sabia que frequentava lugares como esse.

— E não frequento — Lilly disse baixinho e sorriu para o homem que as aguardava pacientemente.

— E também não sabia que usava coisas desse tipo. — Apontou para o colar de diamantes descansando majestoso no leito aveludado.

— E não uso. — Lilly sorriu e acariciou a joia. — Era da minha avó.

— É lindo. Deve custar milhares de dólares.

O joalheiro sorriu.

— Milhões, senhorita. Cinquenta e três, para ser mais preciso — disse com certa pompa e adoração.

Penne soltou um gritinho quase histérico:

— Puta que pariu! Cinquenta e três milhões?

Um pequeno "*Oh*" escapou do homem chocado com o linguajar da loirinha. Um pouco desconcertado, ele limpou a garganta e voltou-se para Lilly.

— Polimos as pedras e arrumamos o fecho como a senhorita pediu.

Lilly abriu um sorriso involuntário e radiante.

— Senhora... sou senhora, agora.

— Parabéns! — felicitou-a sem entusiasmo. — Deseja experimentar? Seria recomendável, dessa forma, poderemos ajustá-lo, caso algo não esteja do seu agrado.

Lilly assentiu.

— Deus, Lilly... Só maluca para ir ao Grammy com esse troço caro pra caralho, no pescoço! Quando o Brian souber, vai querer triplicar a segurança — Penne sussurrou, mas não muito.

Outro *hum-hum* veio do joalheiro.

— Desculpa aí, tio. Foi mal. — Penne sorriu sem graça.

— Ninguém precisa saber que é de verdade — Lilly disse em um tom de aviso e súplica. — Eu nunca usei as joias da vovó. Só que eu lembrei desse colar e pedi que o Tio Ed o tirasse do Banco e trouxesse pra cá. Percebeu como o diamante tem a mesma cor dos olhos do Brian?

Penne fez cara de *eu-não-estou-ouvindo-isso*, misturada com nojo.

— Ah, fala sério! Vai usar isso, só por causa da cor dos olhos do Brian?

— Vou. — Lilly sorriu e segurou os cabelos para que o joalheiro vestisse a joia. — Vai trazer boa sorte.

— Uma pedra incomparável. — O joalheiro colocou o colar em torno do pescoço dela e fechou com um clique. — Disse que a pedra veio da Austrália, correto?

— Sim, minha família está no negócio de extração há anos — explicou para ele. — Eles têm minas espalhadas pelo mundo.

O joalheiro assentiu, encantado. Aquela mocinha era tão simples. Não parecia ter real noção do quanto aquele colar era valioso. Uma corrente delicada cravejada por minúsculos diamantes brancos em formato de coração e um pingente ovalado do mais incrível diamante azul-violeta que ele já tinha visto.

— A pureza da gema é magnífica. Existem poucas pedras como essa no mundo. É uma jovenzinha de muita sorte mesmo, senhora.

Lilly pensou em Brian.

— Sim... sou mesmo. — Sorriu, acariciando o colar. — Ele vai ficar incrível com o vestido que eu escolhi.

O celular tocou na bolsa, Lilly fez um gesto pedindo um minuto e correu para resgatar o aparelho. Já eram duas da tarde e estava com saudades do Brian. Ele saíra logo depois do café da manhã, para se encontrar com o Mark. Os dois estavam obcecados tentando descobrir quem tinha vendido as fotos para o tal site de fofocas.

Com o dia livre, Lilly foi convocada por Penne para acompanhá-la ao salão de beleza e pegar a roupa que usaria na cerimônia. A guitarrista queria escandalizar em um macacão de couro no estilo mulher-gato.

— Oi — atendeu ofegante, depois do quinto toque.

— O*i* — a voz de Brian parecia estar cansada. — *Já chegou em casa?*

— Não, estamos em Beverly Hills terminando umas coisinhas. — Não quis contar sobre a joalheria, não tinha dito pra ele sobre o seu pequeno tesouro.

A voz de Mark soou urgente ao fundo.

— *Caramba, General, já vou falar pra ela, porra!* — Brian reclamou com o empresário.

— Falar o quê? — Lilly adiantou-se com curiosidade.

— *O Rony Candy*[70] *ligou nos convidando para uma sessão de fotos. Um lance para a Vogue. O Mark acha importante para a minha imagem, depois do fiasco da vara mágica* — Brian bufou irritado.

— A Penne vai adorar — ela disse, reconhecendo o nome do badalado fotógrafo de celebridades.

— *Não, nós, a banda... nós, eu e você. Parece que somos os queridinhos.* — Brian riu com irritação e Lilly engoliu em seco. Ela nunca tinha feito aquele tipo de coisa antes, nem sabia se levava jeito ou se achava legal. — *A revista quer algo meio estilizado... tipo noivos* — ele continuou.

— Noivos? Tipo vestida de noiva? — Lilly interessou-se. A ideia de ter fotos mais legais das que tiraram deles na boate em Vegas soou-lhe agradável.

— *Tipo isso.*

— Quando?

— *Hoje... agora* — Brian falou com cuidado.

— O quê? Mas já são duas da tarde... o Grammy. — Lilly ouviu risos e uma voz familiar atrás dela e virou-se. *Droga! O que ele está fazendo aqui?* — Seu pai.

Brian congelou.

— *Meu pai? Onde?*

— Aqui.

— *Onde?*

— Na loja. — Lilly observou o senhor Pierce falar algo para Penne, que riu e depois ambos viraram para ela. O homem abriu um sorriso predador.

Credo!

— *Você está sozinha? Quero que saia daí agora* — Brian disse ríspido deixando Lilly sem reação. — *Não dê conversa para ele, está entendendo?*

Lilly ficou ouvindo Brian esbravejar do outro lado da linha sem saber o que fazer. Penne

fez sinal para ela e saiu deixando o senhor Pierce sozinho. *Merda! Ela tinha que ir no banheiro justo agora?* O pai de Brian pegou uma caixa delicada que um outro joalheiro lhe entregou, agradeceu-o com um tapinha nos ombros e veio na direção dela.

Ai, caramba, ferrou!

— *Lilly! Não quero que fale com ele!*

— Não estou sozinha... a Penne e o Daniel...

— *Não me interessa...* — Brian interrompeu-a. — *Fala para o Dani te trazer para o QG estúdio agora!*

Meu Deus, pra quê tudo isso?

Lilly ficou chocada, só tinha visto Brian nervoso daquele jeito no dia da Diana.

— Tá... calma, vou pedir para o Daniel me levar — disse sem pensar e olhou para a cópia desgastada de Brian parada à sua frente.

— *Agora!* — Brian insistiu.

— Tá, entendi... estou indo agora. — Desligou e o telefone voltou a tocar na mesma hora. Não atendeu.

O senhor Lincoln sorriu e apontou para o celular tocando na mão de Lilly.

— Meu filho?

— Meu agente — ela mentiu em um impulso e desligou o aparelho.

Do que será que o Brian tem tanto medo?

Um milhão de possibilidades passaram pela cabeça dela. Brian não era um cara inseguro ou superciumento. Ela vivia rodeada pelos integrantes da banda e da equipe técnica e ele nunca dera um chilique.

Será que é medo que o pai conte os podres dele?

— Veja só... que mundo pequeno. — Ian olhou para o colar no pescoço dela. — Já começou a extorquir o meu filho? Belo colar...

Hã?

— O colar não é meu — mentiu novamente e Ian não pareceu convencido. — É uma cópia e é da minha tia, não estou nem aí para o dinheiro do seu filho — disse na defensiva.

— Hum-hum... sei que não está, brinquedinho. — Ele riu quase sexy, esticou a mão e tocou o pescoço dela com intimidade.

O coração de Lilly disparou de um jeito ruim e ela deu um passo largo para trás.

— Meu filho deve estar tremendamente satisfeito na cama. É tão boa assim? — Levantou uma sobrancelha. — Fiquei curioso.

O quê? O bandido está me cantando?

Desgraçado!

Lilly respirou fundo. A raiva percorreu as veias dela.

— Isso não é da sua conta! O senhor está sendo grosseiro... — Controlou a voz para não gritar. Viu Penne descer as escadas e parar diante de uma vitrine. *Droga!* Deu um suspiro agoniado.

— Qual é, brinquedinho? Medo de não resistir. — Ian divertiu-se e passou o polegar pelos lábios em um gesto guloso.

— Medo nenhum. — Ela ergueu o queixo em desafio.

Ele sorriu confundindo a atitude petulante com flerte e deu um passo estreitando a distância entre eles.

— Não se atreva! — Lilly sibilou em um tom ameaçador.

Pego de surpresa, Ian a encarou em dúvida, mas voltou com um sorriso cafajeste.

— E se eu me atrever? — provocou-a e ameaçou se mover.

— Eu disse não! — Lilly o encarou com fúria e o homem recuou. — Se o senhor não respeita a esposa e o filho que tem, eu respeito. Deveria se envergonhar... Tem idade para ser meu avô — exagerou a idade de propósito e saiu.

— Eu tenho quarenta anos! — Ian protestou atrás dela.

Quarenta em cada perna!, pensou ela.

Com raiva e envergonhada, Lilly foi em direção à amiga que conversava com o joalheiro que as tinha atendido. O senhor segurava a caixa aberta, pronta para receber a joia que carregava.

— É impressão minha ou o Ian está aborrecido? — Penne perguntou, assim que Lilly se aproximou.

— Impressão sua — mentiu.

— Ah, bom, ele é sempre tão brincalhão. — Penne sorriu aliviada.

Brincalhão?

Lilly conteve o ímpeto de contar para Penne o que tinha acontecido, mesmo que aquilo não tenha parecido uma brincadeira. *Droga!* Ela ficou em dúvida. Será que tinha entendido completamente errado a atitude do sogro ou o homem era de fato um safado de marca maior?

— Viu o colar de rubis que ele comprou? — Penne perguntou trazendo Lilly para a Terra. — Ele é tão romântico! A dona Sarah vai surtar!

Romântico?

A dúvida só aumentou.

Maridos safados não são românticos com as esposas.

São?

Impaciente, Lilly fez que não viu com a cabeça.

— Preciso ir. — Tirou o colar de diamantes do pescoço e entregou ao joalheiro. — O Brian quer que eu vá encontrá-lo no QG estúdio.

Penne arregalou os olhos.

— Agora?

— Pronto, senhora. O seu tio já deixou tudo acertado.

— É... agora. — Lilly assentiu, pegou a sacolinha da Cartier que o joalheiro lhe entregou e apressou-se em ir embora com Penne atrás dela, sem entender o motivo de tanta urgência.

Assim que saiu da joalheria e entrou no carro, Lilly ligou, mas Brian não atendeu. Deixou um recado avisando que teriam que passar em *Dreams Beach* para deixar a Penne e pegar as roupas que usariam na cerimônia do Grammy. No caminho, Lilly tentou especular com a loirinha, perguntando sobre a relação entre pai e filho.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Sei lá, Lilly... Só sei que os dois brigaram depois que o Ian pisou feio na bola com a tia Sarah. Os pais dele quase se separaram.*

— *O Ian traiu a Sarah?*

— *Não sei que merda o Ian aprontou, o Brian nunca entrou em detalhes.*

— *Quando foi isso?*

— *Ah... já faz tempo. A gente estava em turnê... Acho que um pouco antes do Brian terminar o namoro com a Kate e entrar em parafuso. Por quê? O Ian falou alguma coisa da Sarah? Será que*

brigaram de novo? Por isso ele comprou o colar?

— *Não sei, ele não disse nada. Só fiquei curiosa, só isso.*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly e Daniel chegaram no QG estúdio uma hora mais tarde. O time de assistentes de Rony Candy corria de um lado para o outro carregando toda espécie de equipamentos de fotografia... refletores de luz, câmeras, tripés, tela de fundo infinito, flores, figurinos e até um ventilador enorme.

Seguida pelo segurança, ela passou entre a pequena multidão, que a olhou com curiosidade, e foi na direção da escada nos fundos do galpão. Subiu apressadamente os degraus... entrou em um corredor mal iluminado e estreito, repleto de portas. *Deus, isso aqui parece um labirinto!* Abriu algumas delas, para não encontrar ninguém.

— O escritório do Mark é o primeiro virando o corredor à direita. — Daniel tomou a frente indicando o caminho.

A porta estava aberta e um burburinho de vozes e risos saía por ela. Assim que Lilly despontou no batente, o coração de Brian deu um salto de alívio.

— Pequenininha! — Saltou da cadeira e veio correndo em sua direção.

As demais pessoas na sala assistiram quietas, quando o músico suspendeu Lilly em um abraço urgente e apertado, arrastando-a para fora até um canto reservado.

— Está tudo bem com você?

Brian a colocou no chão e escaneou o rosto delicado como se procurasse algum ferimento mortal.

— Deus, Brian, é claro que estou bem, não se preocupe.

— Como não *se preocupe*? — disse irritado. — Claro que eu me preocupo.

— Eu te liguei — ela disse, um pouco irritada também. — Não ouviu o recado?

O rosto dele contraiu.

— Não... meu celular caiu... e quebrou. — Ele não ia contar que, sem querer, atirou o aparelho contra a parede. — Por que desligou na minha cara e depois não atendeu mais? O que o meu pai te disse?

Hã?

As mãos de Lilly foram parar na cintura.

— Brian Theodore Lincoln Pierce, o que tem a esconder? Por que ficou tão nervoso quando eu disse que o Ian estava lá?

— Não tenho nada para esconder! Eu já te expliquei... meu pai é um babaca mal-educado... — *E um predador, porra!*

Brian queria contar toda a verdade para ela, mas não podia. Ele passou as mãos nos cabelos e respirou fundo para se acalmar. Em seguida, olhou para Lilly, que estava com cara de que não engolira nada do que ele dissera. *Merda!* Ele respirou novamente e puxou-a em um abraço.

— Amor, desculpa. — Beijou-a no topo da cabeça. — Meu pai pode ser bem desagradável, às vezes. Você viu como ele se comportou ontem no churrasco. Eu só não queria que ele a aborrecesse.

Lilly levantou o rosto e fitou-o nos olhos.

— Ele não me aborreceu, não fomos além de um simples "oi" — mentiu para não o deixar mais irritado.

— Jura? — Agora foi a vez dele de parecer pouco convencido.

Brian tinha notado o olhar predador do pai pra cima da esposa.

Ian adorava as novinhas.

— Juro... já estávamos de saída quando ele chegou — jurou sem conseguir olhar nos olhos dele.

— Hum-hum, se é o que diz... Assunto encerrado, então — Brian disse em um tom desconfiado e a imagem de Ava com o Will veio à mente de Lilly.

Merda!

— Por acaso acha que eu sou como a minha irmã? Que carrego algum gene traidor no sangue? Não confia em mim? Caramba, vivemos rodeados por todo tipo de gente. Já me viu dar mole pra alguém? Olha aqui... eu não tenho saco para aturar um maníaco ciumento na minha cola! — esbravejou quase sem fôlego.

— Não sou um maníaco! — Brian ficou ofendido, embora andasse muito ciumento em relação a ela. — Por que desenterrou essa merda da Ava? Sei que não é como ela!

— Porque sei que insegurança é que não pode ser! É o homem mais confiante e atraente que eu já vi, poxa vida! Então é claro que acha que o problema só pode estar...

Brian colocou um dedo no lábio dela.

— Quieta. Atraente? — interrompeu-a.

Lilly girou o rosto livrando-se do dedo.

— Não acredito... está querendo confete a uma hora dessas? — Revirou os olhos com impaciência.

Brian sorriu demonstrando que sim.

— O mais atraente. Satisfeito?

Mark apareceu atrás deles, interrompendo o que estava prestes a virar um beijo de reconciliação.

— Crianças, que tal encerrar a DR? O Rony já está impaciente, desse jeito não conseguiremos fazer as fotos antes da cerimônia.

Empata dos infernos!, pensou Brian.

Sem saída, o casal retornou à sala, escoltados por Mark. Apresentações foram feitas, Rony explicou-lhes o que tinha em mente para o editorial. Olhou Lilly de todos os ângulos, e por fim, abriu um sorriso satisfeito.

— Hora da maquiagem, mocinha. O Brian pode ir com o Stephen, ele vai te mostrar o figurino.

Lilly passou a hora seguinte sendo carregada de um lado para o outro... Unhas, cabelo, maquiagem e até depilação.

— Pra quê, isso? Eu não vou fazer nudes!

A diretora de figurino riu.

— Esse procedimento é padrão. O seu figurino já está separado. É o mesmo que vai usar no Grammy.

— No Grammy? Não... eu trouxe um vestido. Tenho um colar que eu preciso que combine... — começou a explicar, mas engasgou assim que a mulher abriu o zíper de um porta-roupas e tirou o vestido que estava guardado.

— O Domenico achou que este ficaria perfeito em você. Vestir um modelo dele em uma celebração é uma honra.

A mulher sorriu com idolatria e mostrou o tomara que caia branco, com uma saia rodada em estilo anos cinquenta, até a altura de um palmo abaixo dos joelhos. Uma delicada fita de veludo azul-marinho, quase negro, adornava a cintura e combinava com o barrado em renda escura arrematando o estilo romântico.

As palmas das mãos de Lilly começaram a suar em um misto de euforia com *não-pode-ser*...

— O Do-Domenico Dol-Dolce? — gaguejou. — Da Dolce & Gabbana? Ele sabe quem eu sou e me mandou um vestido?

— Todo mundo sabe quem é você. BriaLy virou febre. — A mulher arqueou a sobrancelha loira perfeita. — Não acompanha a imprensa?

— Na verdade, não. — Lilly deu de ombros. — Ainda estão malucos com a coisa do casamento... evito olhar. Alguns sites têm sido muito invasivos e passado dos limites.

A maquiadora e a diretora de figurino se entreolharam e deram um sorriso malicioso.

— Sei como é. Tem um marido brilhante, senhora Pierce.

— Sim, eu tenho. O Brian é muito talentoso — Lilly disse um pouco possessiva, sabendo muito bem a que tipo de brilhantismo a mulher se referia. — Não é melhor eu me vestir? — mudou de assunto.

Uma vez pronta, desceram para o estúdio no andar de baixo.

Azuis-violeta e castanho-esverdeados brilharam ao se encontrarem. *Uau!* Lilly pensou. Ao contrário dela, que não se reconhecia debaixo daquela produção de alta costura, Brian estava pura sensualidade vestindo nada além de um jeans desgastado e rasgado com o primeiro botão aberto, ressaltando ainda mais o V bem demarcado.

— Caralho, que você está sexy como o inferno. — Brian correu até ela. — Gostei desse cabelo e dessa boca! Porra!

Ainda desconcertada pela imagem quase sexual do músico, Lilly tocou os cabelos presos em um coque solto e retrô.

— Também gostei de tudo. Só a maquiagem... Não acha um pouco demais?

Brian examinou o rosto dela de um jeito que lhe molhou a calcinha. *Deus, tudo isso por causa de um batom vermelho?* Ela sabia que alguns homens tinham um certo fetiche, mas o olhar dele estava feroz.

— Não, tá sexy! — rosnou.

— Ah, você está aí! — Rony chegou junto. — Melhor impossível. Eu sabia que misturar o romântico com um toque agressivo iria ficar ótimo.

— Será? Achei um pouco demais... Costumo usar algo mais suave. — O rosto de Lilly expressou sua dúvida.

O fotógrafo segurou a mão esquerda dela com unhas recém-pintadas em um vermelho vibrante.

— A ocasião é especial. Vi algumas fotos suas... Notei que tem um estilo mais casual e aposto que nem se dá conta do quanto é sensual, senhora Pierce. — Sorriu amável. — Sua boca segura bem esse tom vermelho. Te trouxe uma selvageria *rock-and-roll*. Você vai fazer aquele tapete vermelho tremer.

— E se eu não quiser tremer nada? — Lilly perguntou sincera e passou a mão pelo tecido delicado da saia. — Amei a roupa, mas...

— Mas uma mulher precisa explorar o lado *femme fatale* de vez em quando — Rony interrompeu-a, sabendo onde ela queria chegar. — Ser sexy não é ser vulgar, compreende? Confundem muito a sensualidade com a falta de roupa. A sensualidade está nos detalhes, como dessa sua boca carnuda realçada em sangue... confie em mim.

— Estou amando essa boca abusada... — Brian opinou, não escondendo o entusiasmo e o volume crescente em sua virilha. — Sem falar nos peitos que estão fabulosos. — Passou a mão nos cabelos já bagunçados.

Aquele corpete tinha valorizado muito a comissão de frente dela.

Rony e algumas pessoas da equipe técnica gargalharam.

— Amei o seu figurino. — Lilly passou a mão no peitoral trincado brincando com a falta de roupa.

Ia ser difícil se concentrar nas fotos com ele assim tão comestível.

— Uau! Vocês dois são ardentes. Vamos lá! — Rony começou a comandar. — Acho melhor começarmos com os dois, lado a lado. Quero Lilly de frente e Brian de costas exibindo esse dragão incrível — disse e, em seguida, apontou rindo para a virilha do músico. — Seu amigão está animado demais para sair na foto agora. Trate de se acalmar... Não quero ter a minha licença cassada por atentado ao pudor.

Rony era habilidoso e soube fazer com que eles relaxassem. Acompanhou boquiaberto a metamorfose do casal tímido para outro, totalmente entregue, apaixonado e ardente. Impressionou-se como os corpos dos dois se enlaçavam instintivamente. A sessão transformou-se em uma sequência de risos, carícias, provocações e sussurros.

— Stephen, eu quero tentar uma coisa... — Rony baixou a câmera e apontou para a mesa de apoio. — Traga aquele buquê e cubra os olhos da nossa noivinha. Brian, abrace-a por trás. Meu anjo, consegue me dar uma expressão de surpresa? Imagine-se surpreendida por um lobo

mau, louco para devorá-la.

Como alunos aplicados, obedeceram ao mestre. As mãos firmes de Brian circundaram a cintura delicada de Lilly... *Ai, caramba!* Um arrepio subiu pela coluna dela até a nuca e a fez se contorcer como uma gata. Desconcertada, levou a mão ao queixo, entreabriu os lábios e formou um pequeno "O", assim que sentiu a voracidade da Fera roçar em seu traseiro.

— Isso! Magnífico! Essa vai para a capa!

Quase em êxtase, Rony vibrou. Ele tinha ouvido uns boatos de que o casamento era um golpe de marketing. *Pura maldade!* Ele tinha olhos treinados e poucas vezes, em sua extensa carreira, tinha presenciado tamanho desejo.

— Acho que finalizamos. Podem soltar o *making of*. — O fotógrafo e a equipe começaram a bater palmas.

— Já era tempo! — Mark levantou as mãos para o alto. — A limusine com o restante da banda está chegando.

— Beleza, só preciso de uns vinte minutinhos para terminar aquela conversa com a Lilly — Brian disse e começou a carregá-la em direção à escada.

Antes que pisassem no primeiro degrau, Mark correu e parou ofegante diante deles.

— Malditos cigarros! — esbravejou e olhou firme para Brian. O empresário parecia ter crescido trinta centímetros, exalando autoridade. — Nem pensar, *Lover Boy*! Sei muito bem que tipo de conversa quer ter com ela. Estamos atrasados. Depois da cerimônia, vocês batem quantos papos quiserem. Mas agora, vai entrar na porra do camarim e vestir aquela maldita roupa!

— Eu ajudo — Lilly ofereceu-se, claramente excitada, e Brian abriu um sorriso lascivo.

Mark segurou-a pelo braço.

— Está escrito otário na minha testa? Mocinha, você vem comigo! Brian, entre naquela merda de camarim agora!

Mark berrou e Brian saiu protestando.

— Empata dos infernos! Tomara que o seu pinto caia!

Deus!

Mark suspirou.

Custava apenas uma vez na vida ser obedecido de primeira? Com eles, tudo era um drama... um daqui a pouco. Controlar os ímpetos sexuais dos integrantes da banda era cansativo demais.

Pois é, mãezinha...

Ser médico teria sido bem mais fácil.



36

O estádio de *Staples Center*, palco do Grammy, virou uma operação de guerra. Canhões de luz iluminando o céu, policiais por todos os lados, fãs histéricos e jornalistas ávidos por um minuto de atenção.

A chegada das celebridades era, por si só, um espetáculo. Dezenas de limusines aguardavam em fila o momento do desembarque. Cada estrela teria seus cinco minutos exclusivos no tapete vermelho.

Brian revirou-se no banco. A virilha dele latejava e não havia meios de fazer com que a ereção aliviasse. Ele até tinha sugerido irem ao *Palazzo*, onde teriam a privacidade do quarto, mas nada feito.

— Falei para a gente vir no QG!

— A estrutura montada não dá passagem para um veículo tão grande — Mark disse sem dar muita atenção.

— Caramba, vocês não têm trepado o suficiente, não? — Penne fez cara de nojo. — A garota está toda arrumada, vai destruir o visual dela.

As bochechas de Lilly coraram.

— Eu não me importo.

— Cuida da sua vida, Penne! — Brian rosnou.

A loirinha tacou um pacote de batatinhas vazio no amigo.

— Imbecil!

— Enxerida! — retrucou ele, frustrado porque não tinha nada à mão para jogar nela.

— Dá para sossegarem o facho? — Mark revirou os olhos, pronto para estrangular um. — Por que não fazem como o Big e dormem um pouco?

— Não consigo dormir. Eu estou ficando sufocado. — Gabe jogou o celular no banco e espalmou as mãos no vidro para olhar. — Essa merda de janela não abre.

Penne deu risada.

— Esqueceu-se de Boston? Cuidado, da última vez as fãs arrancaram as suas calças.

Gabe girou a cabeça e olhou-a com ar travesso.

— Eu não ligo.

— Que eu saiba, o carro era só para a banda! — Adan rosnou sentado mais ao fundo.

Mel, que até então divertia-se com Gabe, girou a cabeça e fulminou o vocalista.

— Se isso é uma indireta para mim... Não seja por isso, estou louca pra sair daqui.

— Adan! Pare de reclamar, tem espaço de sobra! Agradeça que coloquei os caras da segurança no carro de trás. — Mark passou a mão na testa sentindo a primeira pontada de uma dor de cabeça iminente.

— Só estou dizendo a verdade... — O vocalista não se deu por satisfeito.

— Eu também não sou da banda — Lilly disse e, apesar de haver assentos vazios, ela encolheu-se ao lado de Brian, que a abraçou mais. O carro tinha espaço para umas vinte pessoas, e mais parecia um furgão quilométrico.

— Você é da família! — Adan continuou a rosnar.

— Ah... pra mim já deu! — Irritada, Mel levantou e bateu a cabeça no teto.

Os olhos de Adan cresceram dois tamanhos.

— O que pensa que vai fazer?

— Sair daqui, cretino! — Ela inclinou-se e começou a apalpar as laterais do estofamento à procura do trinco.

Adan baixou os óculos escuros e mirou no bumbum que ia e vinha de um lado para o outro. *Teimosa dos infernos!* Uma euforia indesejada percorreu-lhe a virilha ao imaginar aquela delícia sendo castigada. *Apetitosa demais!* A mulher tinha uma comissão traseira arrasadora e perfeita para a mão dele.

— Não pode sair! É perigoso. — O vocalista sobressaltou-se.

Mel riu de nervoso e um pouco por desprezo.

— Como se você se importasse comigo. — Fitou-o por sobre os ombros, com os olhos negros em chamas.

Merda de mulher!

Adan morreria, mas jamais iria admitir que a insuportável estava gostosa pra cacete naquele vestido justo de veludo preto. Andar daquele jeito no meio da multidão era arriscado demais. Qualquer um poderia se aproveitar.

— E não me importo mesmo. Só não quero ter que descer pra te salvar.

Mel gargalhou.

— Se enxerga, troglodita! Não preciso que me salve! — Forçou a maçaneta, abriu a porta e saiu.

— Droga! Vai se perder! — Adan gritou.

— Deixa comigo! — Gabe pulou do banco.

— Nem pense nisso. — Mark lançou um olhar severo na direção do baixista, mas já era tarde.

Para delírio das centenas de fãs nas arquibancadas improvisadas, Gabe tinha aberto a outra porta e saltado como um foguete atrás da Mel.

Rapidamente Adan arrastou o corpo enorme e saiu esbravejando:

— Essa aí merece umas palmadas!

Lilly e Brian se entreolharam e riram.

— Eu mereço! — Mark acionou o botão de emergência do celular. Nem ferrando ele ia se meter no meio daquela multidão. — Lion preciso de quatro caras da segurança na cola daqueles malucos... Já!

Da janela, Lilly viu Adan correr entre o pessoal de apoio e segurar Mel pelo braço. Os dois trocaram olhares furiosos. Em seguida, o vocalista disse algo que a fez corar e ameaçar estapeá-lo.

Penne grudou na janela e viu Adan capturar a mão da Mel segundos antes de ser golpeado e sorrir.

— Depois ele nega que está a fim dela.

Brian, que se divertia com Gabe escalando as grades de proteção, virou-se para a loirinha:

— Não se mete nessa história, deixa o cara em paz.

Ah, então tem uma história?

Penne irritou-se. Esqueceu a ceninha que rolava do lado de fora, sentou com os braços cruzados e encarou Brian. *Desde quando os amigos lhe escondiam as coisas?* Ela conhecia o ex e toda aquela marra para cima da Mel só podia significar uma coisa: Ou ele tinha comido ou queria comer.

— Para de ser chato, Brian. Estou cagando e andando para o Adan!

Hã?

Lilly olhou para a amiga sem entender a reação dela. Até onde sabia, Penne estava às voltas com um casinho secreto.

— Hum-hum... sei que está — Brian disse e voltou a se concentrar em Gabe, que agora estava sendo agarrado por entre as grades. As fãs gritavam histericamente, enquanto Lion e Dani o seguravam pelas pernas tentando manter o músico do lado seguro da cerca. Ele foi beijado, apalpado, descabelado e teve a camiseta preta rasgada.

— Droga! Vão estuprar o garoto! — Irritado com a demora, Mark resolveu sair e arrebanhar ele mesmo os fugitivos.

Lilly, Brian e Penne esperaram... esperaram... e esperaram, embalados pelos roncos cadenciados do Big. A limusine avançou... já estava quase na vez de eles entrarem no tapete vermelho. Lilly tocou o pescoço desnudo, abriu a bolsinha delicada e retirou o colar.

— Será que pode colocar para mim? — pediu com delicadeza.

Brian pegou a joia, que reluziu sob a luz dos néons no teto.

— Uau! Isso aqui é...

— Um escândalo de caro! — Penne interrompeu sem pensar.

— Se fosse verdadeiro. — Lilly olhou brava para a amiga. — É só uma cópia, tem mais valor sentimental do que qualquer outra coisa.

— Não reconhece nada? — Penne se intrometeu de novo e Lilly queria esganá-la. Ali não era lugar, nem momento para aquilo.

Brian olhou para o pingente azul-violeta. *Caralho! Essa cor...* Reconheceu o mesmo tom dos olhos de Sarah e sorriu grandão. Um calor subiu por seu peito... Não queria soar convencido, mas era meio que impossível.

— Vai usar isso aqui por minha causa?

Lilly esticou o braço e, por instinto, afastou uma mecha de cabelo caída sobre os olhos dele.

— De todas as coisas que amo em você, esses olhos são especiais... — A imagem do encontro no aeroporto lhe veio à mente e ela o encarou com certo fascínio, como se diante dela houvesse algo realmente valioso. — Esses azuis-violeta me laçaram no primeiro segundo.

Brian respirou. *Caramba, que sensação mais louca!* O coração dele bateu descompassado e sentiu-se amado de um jeito único. Com o colar pendendo entre os dedos, ele segurou o rosto dela. *Minha Lilly!*

— Caralho, meu peito parece que vai explodir de tanto amor. — Esqueceu-se de Penne e beijou-a de modo intenso e profundo. Como sempre, se perderam um no outro e, mais uma vez, foram interrompidos.

— Ai... ai... — Brian parou o beijo. Aquela mania de interrompê-lo com um tapa na nuca já estava dando no saco dele. — Quase quebrou nossos dentes, porra! — Olhou com fúria para um Gabe descabelado, rasgado, repleto de manchas de batom, porém feliz.

— Olha isso, que irado! — O baixista esfregou algo piscando nas fuças do amigo.

Brian afastou o rosto para ter foco. *Puta que pariu!*

— De onde tirou isso? Não faz nem dois dias que aquelas fotos saíram!

Penne agarrou o objeto e começou a gargalhar.

— Amo a criatividade desse povo.

— As meninas que me deram, tem centenas de "minis você" com os paus que brilham lá fora.

Lilly pegou o chaveirinho da mão de Penne e teve que segurar o riso.

— Até que é fofo... Olha! Dá para usar como colar. — Apertou um botão nas costas do bonequinho e o pênis dele vibrou em arco-íris.

Relaxa, cara... um dia, eles esquecem!

Têm que esquecer.

— Nem se atreva a usar! Passa essa merda pra cá. — Brian respirou fundo, pegou o chaveiro e guardou no bolso.

Mark entrou na limusine, seguido por Adan e Mel, que parecia estar furiosa.

— Não me toca, cretino! — Tirou as mãos do vocalista das costas dela e foi sentar-se ao lado de Big, ainda em alfa.

— Meu Deus, o que aconteceu? — O empresário olhou para Lilly e depois para Brian. — Foram atacados pelo Curinga?

Os dois se entreolharam e caíram na gargalhada. Ambos estavam uma bagunça, manchados até as orelhas de batom vermelho. Lencinhos umedecidos surgiram diante deles.

— Limpem-se — Mark comandou e também passou alguns lenços para o Gabe. — Você também, tem uma camisa nova naquela valise. Adan, faça alguma coisa útil e acorde o Big. O que deu nele?

— Estava nervoso com as nove indicações da banda e tomou um calmante. — Adan começou a dar tapas nada suaves no rosto do amigo que começou a balbuciar...

— Nós vencemos?

Lilly mal teve tempo de se recompor, repassar o batom e colocar o colar... *Pah!* As portas da limusine abriram e foi pôr os pés para fora do carro, que todos foram cobertos por flashes e uma multidão de repórteres em polvorosa.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— O pior já passou. — Mel segurou na mão de Lilly, assim que se separaram da banda.

Uma jovenzinha da organização as conduziu pelos corredores do estádio até o setor de honra. Uma infinidade de celebridades desfilava de um lado para o outro: atrizes, modelos, estrelas da música. Lilly procurou por Sarah, mas não a encontrou. Seguiu quieta, estava frustrada demais para prestar atenção em alguém. Pensou que assistiria a cerimônia ao lado de Brian, entretanto os músicos foram levados para os bastidores.

— Tudo bem? — a jornalista perguntou baixinho.

Mais ou menos...

— Aquele último repórter me deixou desconcertada. Perguntar sobre o bem precioso do Brian foi um pouco demais. É muita invasão de privacidade. — Lilly apertou a mão de Mel. — Será que um dia vão nos deixar em paz?

Mel suspirou de um jeito que dizia que não.

— Com o tempo, a coisa diminui. Muitos colegas meus são como cães farejadores, tentam cavar pauta em tudo. Hoje foi o seu visual e esse colar escândalo. Amanhã... só Deus sabe o que inventarão.

Droga, onde eu estava com a cabeça?

Lilly sorriu sem graça. Odiava mentir... ostentar aquela joia não tinha sido uma boa ideia. Teve que repetir mais de mil vezes que era falsa. Contar uma história mirabolante a respeito do acervo de cópias que o avô materno mantinha como amostra de *design*.

— A cerimônia vai começar. — A jovem sorriu, indicando os assentos na terceira fileira.

Sentaram e logo em seguida, todas as luzes apagaram causando um burburinho de excitação. O palco explodiu em cores, repleto de balões infláveis de diversos tamanhos. Um comediante da moda entrou para comandar o show. Lilly acompanhou cada categoria. Viu Sarah

ser consagrada como a grande voz feminina da noite e vibrou como uma louca quando a Ultimate subiu para receber o prêmio de melhor *single*. Os caras estavam radiantes em seu estilo calça jeans e camiseta e Penne sexy ao extremo no macacão de couro preto.

Brian deu um jeito de agarrar o microfone e gritou:

— Lilly Love! Esse é por você!

Se ela não estivesse sentada, cairia... naquela e em todas as outras vezes em que Brian citou o seu nome no palco.

A certa altura, depois do sexto prêmio que a banda recebia, até o apresentador arriscou um palpite:

— Deixa eu adivinhar... esse vai para a Lilly? Caramba, preciso de uma musa assim! — O homem apontou para a esposa na plateia. — Desculpa, querida, mas viu a quantidade de prêmios que esse cara ganhou? Preciso saber o segredo de tanto sucesso.

A plateia caiu no riso.

— Não existe segredo, Lilly me fez entender o significado de ser completo. — Brian achou-a na plateia e beijou a aliança. — Mas ela é minha! — completou um pouco possessivo.

Lilly beijou a própria aliança... queria subir no palco e agarrá-lo.

— Demora muito para acabar? — sussurrou impaciente para Mel.

— Tem um intervalo, depois vem o prêmio principal — Mel disse sem desgrudar os olhos do palco. — Pelo menos, o cretino está vestido.

— Hã? — Lilly a olhou sem entender.

— O cretino adora se exibir sem camisa.

— O Adan te irritou mesmo, né?

— Teve a pachorra de dizer que eu era insolente e merecia umas palmadas.

Lilly lembrou-se da noite na praia.

— Dependendo de quem dá, pode ser muito bom.

— O dia que eu permitir que ele faça uma coisa dessas comigo, pode me internar. — A jornalista apontou para o músico que deixava o palco. — Egocêntrico, se acha o rei do galinheiro, mas a minha crista ninguém baixa.

Lilly se resignou a assentir e se calar. *É, amigo, sem chances!* Se o Adan tinha algum interesse em Mel, ia dar com os burros na água.

— Lilly!

O coração dela disparou ao reconhecer a voz. Brian fez um gesto ansioso.

— Vem rápido, o intervalo já vai começar.

Sem pensar duas vezes, pediu desculpas para Mel e com um sorriso no rosto, espremeu-se entre as fileiras deixando um rastro de *Desculpe* e *Sinto muito* pelo caminho.

— Não tinha que estar lá atrás? — perguntou, assim que ele entrelaçou suas mãos e começou a puxá-la, subindo pelo corredor lateral da plateia.

— Temos meia hora.

— Onde estamos indo?

— Surpresa.

— De que tipo?

— Do tipo que vai te fazer gozar.

Oh!

Os joelhos dela fraquejaram.

— Brian, mas...

— Nem vem, Lilly. Esperei o dia inteiro. — Contornaram a plateia, desceram uma escadaria lateral para atravessar o hall central. À medida que avançavam, as pessoas olhavam com curiosidade. Alguns arriscavam um sorriso, outros até um elogio.

Um burburinho se formava atrás deles e Lilly teve a impressão de que todos sabiam o que Brian tinha em mente.

Fodê-la em um estádio!

Desviaram de um pequeno grupinho para quase se chocar com uma mulher alta e loira que conversava com um tipo esquisito, que mais parecia um ratinho. Lilly contraiu o rosto ao reconhecê-la. *Essa lambisgoia tinha que estar linda?* Os anos tinham sido generosos com Kate, ela estava deslumbrante em um vestido vermelho em estilo sereia.

Lilly sentiu-se desconfortável.

— Brian. — O pequeno homem adiantou-se e agarrou-o pelo braço. — Que fase maravilhosa! Oito prêmios... um casamento e sua imagem bombando na internet. Precisamos marcar uma entrevista.

Merda!

Que azar.

Brian ignorou Kate, olhou para a mão do homem, que o largou e não sorriu. Demorou alguns segundos para reconhecer o rosto de Tob Johnson[71], um dos repórteres mais invasivos dos sites de fofoca.

— Obrigado, Tob... — Ficou tentado em perguntar se o homem sabia de algo sobre o ataque dos drones, mas desistiu. — Se nos der licença...

— Não vai me apresentar a noivinha? — a voz enjoada de Kate reverberou. — Nossa, pequena ela, né? Parecia bem mais alta nas fotos. — A mulher sorriu com uma simpatia forçada.

Pequena o seu rabo! Ela é perfeita, porra!

Brian respirou fundo, não ia cair em provocações, não com Tob *Sacana* Johnson presenciando tudo. Lilly sentiu a tensão e esticou a coluna.

Você que é uma girafa desmemoriada!

Lilly abriu seu melhor sorriso de *eu-sei-o-que-está-tentando-fazer*.

— Sou esposa, não noiva... e se andou xeretando sobre nós, deveria saber que meu nome é Lilly.

— Lilly Pierce — Brian completou com doçura.

Tob riu.

— Podia passar sem essa, Kate. — Sorriu genuinamente para Lilly.

— Se nos derem licença... estamos com pressa. — Brian deu um passo para o lado e Kate também, impedindo-o de passar.

Os olhos perspicazes de Tob brilharam.

— Impressão minha ou a relação de vocês continua estremecida?

— Não existe relação entre nós — Brian disse impaciente.

Kate mediu o corpo do ex com certa gula.

— Oh, pobrezinho... ainda ressentido por ter sido trocado por um modelo mais experiente?

Brian gargalhou querendo esganá-la e enlaçou a cintura de Lilly.

— Pareço ressentido?

Então, foi isso? Kate o trocou?

Tob olhou com certo encanto para o casal.

— Acho que ele está ótimo — intrometeu-se.

— É... os anos lhe fizeram bem. — Kate sorriu com malícia. — Ah... se estivesse livre...

Vaca!

— Mas ele não está! — Lilly agitou-se e Tob gargalhou.

— Gostei dela!

O corpo de Brian tensionou.

— Ah, Kate, como sempre uma cínica... todo mundo sabe que o estado civil de um homem nunca te incomodou — Brian disse de forma nada gentil.

— Isso foi grosseiro! — Kate fechou a cara enfurecida.

— Mas honesto — Tob endossou saboreando cada segundo.

— Nem se atreva a publicar isso! — Kate sibilou.

Tob riu com mais vontade.

— Ninguém dita o que eu devo publicar! Cai fora, queridinha.

A loira revirou os olhos e saiu, sem se despedir, ecoando os saltos.

Brian avistou Daniel ao lado de uma bilheteria e impacientou-se.

— Tob, precisamos mesmo ir. Se quiser a entrevista, é só ligar para o Mark. Será um prazer — disse em vão, sabendo que partiriam para turnê no dia seguinte. — Vem, amor.

Puxou Lilly e apressou-se na direção do segurança.

— A Kate... não vai me dizer nada?

— Não. Esquece aquela vaca! — Brian disse quase ríspido.

Caramba!

Lilly calou-se. Feliz por ele querer esquecer a vaca, e brava, porque ela desejava saber mais.

O músico parou em frente da bilheteria, trocou um olhar de cumplicidade com Daniel e seguiram por um corredor extenso. Dois toques em uma porta, Lion abriu, saiu e Brian entrou trazendo Lilly.

Ela girou os olhos ao redor do que parecia um banheiro adaptado para camarim.

— O que é isso? — gaguejou.

— Uma medida desesperada. — Brian trancou a porta. — Se dessa vez alguém nos interromper, eu juro que mato.

— Vão nos ouvir.

— É só não gritar.

— Não trouxe os lencinhos. — Ela tocou os lábios.

— A gente dá um jeito... Estou maluco de tesão e com a bolas quase roxas... sem chances de voltar naquele palco sem te foder. Tire o vestido.

O *quê?*

O *que deu nele?*

— Não!

— Tire o vestido, Lilly! — ordenou com os cabelos rebeldes caindo sobre os olhos.

O coração dela acelerou.

— Não posso.

Brian baixou a cabeça e olhou para o chão. Um som quase animal saiu de seus pulmões. Quando voltou a encará-la... *Ai, caramba!* Lilly perdeu o fôlego com a selvageria que encontrou.

— Tire!

— Os caras lá fora... — tentou argumentar, já entorpecida pelo cheiro que exalava dele.

Maldito perfume!

— Esqueça-os... deixe apenas os saltos e o colar. Apoie na pia e segure firme, entendeu?

Jesus!

O *homem está possuído?*

O jeito duro com o qual ele falou, excitou-a. Lilly juntou as pernas ao sentir uma comichão bem ali... Não deveria, mas sua calcinha umedeceu. Já estava acostumada a fazer sexo no QG ou mesmo em casa, onde nunca estavam sozinhos. Tinham aprendido a conter os ímpetos sonoros, mas aquilo ali era diferente. Estavam rodeados por milhares de pessoas.

Deus!

Devo estar ficando maluca!

Lilly girou sobre os calcanhares ficando de costas para ele. Segurou firme no mármore gelado como ele pediu. Brian era sempre gentil, mas aos poucos, vinha revelando gostos peculiares

no sexo. Era um amante que gostava de uma sacanagem consentida e de mandar. Ela fechou os olhos e puxou o ar para os pulmões.

— O zíper... — sussurrou. — Não consigo fazer isso sozinha.

Em dois segundos, o zíper abriu e o vestido caiu em um montinho ao redor dos pés dela. Uma rajada de ar fez com que a pele e os bicos dos seios arrepiassem. Suspirou quando Brian colou-se em suas costas demonstrando o quanto estava maluco de tesão.

— Desculpa, mas isso vai ter que ser rápido — disse, esquentando a sua nuca.

Circundou a cintura, infiltrando a mão entre as pernas dela. Colocou um dedo por dentro da calcinha e sorriu. Ele a adorava... a Bela vivia excitada e molhadinha. Lilly mordeu os lábios e suprimiu um gemido, quando o dedo se foi, mãos firmes deslizaram por seus quadris e o tecido delicado das laterais da calcinha rompeu.

— Brian! Eu só tenho essa!

Ele riu, depois daria um jeito na situação.

— Abre bem as pernas e empina essa bundinha safada — disse já abrindo o zíper.

Seduzida pelo ar obsceno e proibido, ela obedeceu e antes mesmo de se dar conta... foi invadida de uma vez. Sentiu-se empalada.

— Meu Deus! Caramba! — exclamou mais alto do que pretendia.

— Não foge! — Brian puxou-a pela cintura e ensaiou outro entra e sai para depois fodê-la com força e sem pena, não só o corpo, mas a mente. Ele estava no céu e comeu-a como um esfomeado consumido pelo desejo de consumi-la.

Lilly recebeu cada uma das estocadas com vontade e pequenos sons apreciativos escapavam-lhe da boca. Brian seria a sua perdição... Sentia-se uma devassa. Quando na vida poderia se imaginar numa situação como aquela? Nua em um banheiro público, sob o domínio de um homem selvagem, quase agressivo, estocando-a como um alucinado. Brian não estava para brincadeira, o corpo dela ia e vinha, embalado pelo choque dos quadris dele em sua bunda. Ela teve que se agarrar com todas as forças na pia. Gemeu, se contorceu e foi comida com maestria.

Brian inclinou e beijou-a no ombro.

— Estou viciado em trepar com você — disse, sentindo um aperto em torno do pau. Lilly também estava viciada nele, então rebolou pedindo mais... e ele investiu em uma sequência frenética.

Entrou, saiu... meteu forte, fodeu duro... tirou e voltou com tudo.

— Oh, oh, oh, oh... — ela não conseguia falar... as ondas de prazer cresciam dentro dela, dominando o seu cérebro. Rebolou por instinto... e gemeu baixinho como uma gata. — Hummm, Briannnn...

— Isso, meu amor, goza pra mim. — Ele deu uma girada estratégica nos quadris... e a cabeça do pênis atingiu em cheio o interior de Lilly deflagrando um orgasmo profundo. Os joelhos dela cederam e Brian a sustentou em um abraço pela cintura. Inclinou o corpo delicado até que o tronco dela estivesse apoiado na pedra fria. O contraste de temperatura fez o tesão de Lilly aumentar. Não queria que o prazer terminasse nunca. — Mete mais... — choramingou e ele deu a ela.

As pernas dele começaram a fraquejar junto com as contrações na virilha. Aquilo ia ser duro... espremeu o pau inchado dentro daquela boceta molhada, tirando e metendo em busca de alívio. Entrou duro uma última vez e gozou despencando sobre ela.

— Caralho, como eu amo isso!

— Deus, você é muito maluco! — Lilly murmurou imprensada entre a pedra e o corpo viril dele. Respirando com dificuldade e com ele ainda metido em suas entranhas, ela esperou até que ambos tivessem condições de se mover.

O telefone começou a tocar na bunda de Brian.

— Merda, precisamos ir. — Saiu de dentro lentamente e ajudou Lilly a levantar. Os olhos dele explodiram em azuis assim que a virou. Ela estava divina com aquela carinha de bem fodida.

Afastou-se e examinou o corpo delicado com adoração.

— Se tivesse vocação para assassino, te obrigaria a andar assim... nua e com a minha marca no pescoço.

Lilly tocou o colar e fez uma careta.

— Hey, isso não é uma coleira e você não é meu dono!

Brian gargalhou e deu um passo para frente. Esticou o braço apanhando uma quantidade exagerada de lenços no porta-toalhas. Limpou-se, guardou seu amigão exausto, descartando o papel no cesto como uma bola. Pegou mais toalhas e ajoelhou-se diante de Lilly.

O cheiro vindo dela era o melhor... a mistura perfeita deles dois. Inclinou e lambeu-a bem ali. Lilly soltou um suspiro apreciativo.

— Posso não ser seu dono, mas essa aqui é minha. — Começou a limpá-la e depois ajudou-a com o vestido.

Lilly virou-se para o espelho e tentou dar um jeito nos cabelos. *Droga! Estou uma bagunça! Descabelada e sem calcinha.*

— Como dono de boceta, você é bem péssimo. — Desistiu do cabelo e voltou-se brava para ele. — Não posso sair por aí sem calcinha.

Ele ignorou as batidas na porta e gargalhou deixando Lilly mais brava. Em seguida, puxou do bolso de trás do jeans, uma peça mínima de renda branca. — Não sou burro de deixar o que é meu dando sopa por aí. — Piscou.

— Anda sempre com uma reserva? — As sobrancelhas dela contraíram. — Seu maníaco rasgador de calcinhas!

Ai, meu saco!

— O quê? Não! — exclamou indignado.

Ele até tinha rasgado algumas calcinhas por aí, mas, no geral, as mulheres com quem ele tinha saído depois da Kate, não usavam nada.

— Peguei escondido da bolsa da Penne no camarim. — Ajoelhou na intenção de ajudá-la a vestir, mas Lilly pegou a peça e afastou-se. Foi a vez dele arquear as sobrancelhas.

— Está escrito na minha cara o que acabamos de fazer. Preciso me arrumar — ela disse o óbvio.

Brian deu um salto, pondo-se de pé sabendo que ela tinha razão.

— Ok, mas não vou te deixar aqui.

Lilly abriu a bolsinha e depositou a peça.

— Vou no banheiro lá de cima. — Foi até a porta e abriu. — Vamos?

— Assim? — Ele apontou para a região da virilha dela.

— Pense pelo lado bom... — Lilly riu da cara preocupada dele. — Se eu cruzar com outro maníaco por aí, ele não vai ter nada para rasgar.

— Daniel, você vai acompanhar a Lilly, não desgrude os olhos dela por nada no mundo! — Brian ordenou e saiu contrariado. Queria Lilly nos bastidores, junto com ele. Mas ali, eles não eram os donos do show.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Tem certeza?

— Dani, é só um banheiro. Eu prefiro que vá ver a Mel. Diga que chego em dez minutinhos.

Ressabiado, o segurança inclinou o corpo para checar o interior do banheiro cinzento e sem graça, típico dos estádios de futebol. Tirando uma senhora que lavava as mãos e o olhou feio, não havia mais ninguém.

— Satisfeito? — Lilly perguntou mantendo a porta aberta.

Dani esfregou o rosto.

— Tá... Tudo bem, mas se não aparecer em dez minutos, eu volto. — Saiu deixando-a finalmente sozinha.

Lilly apressou-se, não queria perder o grande prêmio.

Lutou com os cabelos, mudou de ângulo para dar uma última olhada neles e a pedra em seu pescoço cintilou. *Coleira uma ova!* Revirou os olhos, tirou o colar e guardou-o na bolsinha. Depois, a contragosto, entrou em uma das cabines. A ideia de vestir uma calcinha não identificada não lhe agradou, mas sem saída, a vestiu. Saiu, inclinou-se na pia e de frente para o espelho, concentrou-se em retocar o batom.

Ouviu o trinco girar.

Não acredito que aquele maluco...

Virou toda sorridente, para depois...

Hum, merda.

...estremecer e deixar o batom cair no chão.

— Finalmente achei você.

Lilly engoliu em seco, sentindo as batidas do coração ecoarem em seus ouvidos. *Respira, nada de pânico, calma... é só a Ava.*

— Não deveria estar aqui — a voz denunciou o nervosismo.

— Por quê? — Ava olhou em volta. — Virou dona de Los Angeles, por um acaso?

— Não pode se aproximar de mim...

A loira franziu o cenho como se não estivesse entendendo.

— Ah, não? Posso dizer que foi coincidência.

— A imprensa disse que eu estaria aqui.

— Ui, como estamos famosas! — Ava balançou a cabeça e olhou-a com desdém. —

Dane-se a ordem de restrição. Temos coisas para acertar e você está fugindo.

— Não temos nada para acertar. — Lilly recolheu o batom no chão e guardou-o na bolsa. — Andou bebendo?

Os olhos dela estavam turvos.

Ava uniu o polegar e o indicativo.

— Um pouquinho... Isso aqui não é uma festa? A festa da grande farsa... e esse vai pra Lilly! — ela engrossou a voz imitando Brian e bateu palmas. — O guitarristinha deve ter puxado o pai, é um belo ator. Quanto pagou a ele?

Ah! Vá se ferrar!

Lilly tentou passar, mas Ava a segurou pelo braço.

— Ainda não terminei.

— Me solta!

As duas se encararam com fúria.

— Não pode acabar com a minha vida e pagar de bonita por aí! — as palavras estavam envoltas em espinhos.

Lilly puxou o braço com força, libertando-se.

— Eu não acabei com nada... Você se destruiu por conta própria.

— Isso é mentira! Aquele dinheiro é meu! Você está enganando todo mundo!

Lilly respirou fundo... sabia que a irmã estava à procura de uma confissão.

— Ava, conforme-se... estou casada e bem. — Não mentiu.

— Desde quando conhece o roqueiro?

Lilly sentiu o rosto tensionar.

— Não te interessa.

— Isso é inaceitável, não pode simplesmente trocar de marido.

Lilly riu, perdendo um pouco da sensatez.

— Sabe o que foi inaceitável? — Apontou para a irmã. — Ter visto você dando o rabo para o Will!

Ava abriu um sorriso orgulhoso.

— Ele adorou cada segundo.

— Pois fique com ele — disse firme, percebendo que a irmã não a assustava mais. — Estou muito melhor sem aquele babaca.

Ava estranhou a empáfia, esperava que a irmã caísse no choro.

— O roqueiro te comeu, não foi? A virgenzinha foi deflorada e agora se acha gente e fodona. — Riu como se Lilly fosse uma idiota.

O *quê?*

— Estou forte, porque me libertei das suas mentiras! — retrucou fervendo por dentro.

— Mentira é esse seu casamento de conto de fadas! — Ava berrou e deu um passo à frente, mas Lilly se afastou. — Sabe o que é real? O pé na bunda e o chifre que vai tomar! Aquele músico de merda não vale nada!

Não, não, não, não...

Lilly viu vermelho. Não pensou duas vezes e meteu um tapa na fuça da irmã.

— Limpa a boca para falar do Brian!

— Desgraçada! Meu Botox! — Ava a agarrou pelos cabelos e as duas caíram no chão.

Lilly nunca tinha brigado, mas transformou-se em leoa. Bateu por instinto e apanhou com a dignidade de uma lutadora... Despejou nos tapas, os anos de frustrações e humilhações.

— Eu vou acabar com a carreira de todos vocês! — Ava ameaçou.

— Não ouse chegar perto da gente!

A porta do banheiro foi arrobada, e de repente, Ava e Lilly estavam sendo suspensas pela cintura. As duas espernearam querendo voltar para a briga, mas Dani e Lion não as soltaram por nada. Mel acompanhou a tudo boquiaberta. O banheiro parecia um campo de guerra e Lilly assustou-se com a intensidade do ódio presente nos olhos da irmã.

Caramba! Isso aqui era para ser uma noite divertida.

— Tirem-na daqui — pediu.

Mel chegou perto de Lilly e abraçou-a.

— Melhor avisar a polícia.

Ava agitou-se tentando escapar do aperto de Lion.

— Não pode fazer isso — o tom saiu quase infantil.

Ouvir aquela voz chorosa a fez cair na real. A irmã usava o mesmo tom quando queria comover os pais e escapar de punições.

Chega!

Acontece que eu não sou os meus pais.

— Posso, sim. — Lilly encarou a irmã com firmeza. — Posso muito! Tem que aprender que os atos têm consequências, Ava... Você humilha, rouba e trai... com uma naturalidade que dá medo. Não pode sair por aí ferindo as pessoas só porque não te dão o que quer. Tudo tem um limite, caramba! E o da minha paciência esgotou! Posso ter relevado antes, por não ter algo pelo que lutar. Só que agora, eu tenho. O Brian é a minha família... Não vou deixar que estrague tudo.

Os olhos de Ava estreitaram.

— E se eu quiser estragar? Vai fazer o quê? Me bater de novo?

— Ava... Ava... Cuidado... nem eu sei do que sou capaz por esse homem.



37

Dias depois... em algum lugar a caminho de Washington...

Como sempre, Lilly foi a primeira a acordar. Espreguiçou-se e arrastou o corpo para fora da cama. O coração dela chegou a palpitar, quando espiou pela janela e viu que haviam, mais uma vez, desviado da estrada para fazer uma parada estratégica.

Sorriu ao ver a clareira rodeada por árvores, com um lago cristalino bem ao centro, a praia de areia fininha e o *deck* de madeira avançando bem rente à agua.

Um oásis bem pertinho da cidade de Washington DC.

Dessa vez, o Dilon se superou!

Antes de partirem para a turnê, Brian tinha dito que as coisas iriam mudar. A princípio, ela não tinha botado muita fé naquela promessa. Surpreendeu-se! A pedido do guitarrista, sempre que a agenda permitisse, o QG faria uma pausa em algum lugar, antes de seguir viagem.

Animada, Lilly bem que tentou acordá-lo, mas o coitado estava exausto da maratona de cinco shows. Cada noite em uma cidade diferente, seguida por horas e horas na estrada... Encheu-o de beijos no rosto.

— Brian, você precisa ver isso.

— Não, Pequenininha... — Escondeu o rosto nas cobertas. — Só preciso ver o meu travesseiro e você.

Ele tentou capturá-la, mas ela sorriu e se esquivou.

— Vem cá.

— Não, o dia está lindo.

— Não é justo... não consigo dormir sem você.

— Ah... vai ter que conseguir.

Deixou o resmungão dormir mais um pouco. Vestiu um biquíni, um vestido azul-claro, bem levinho, e saiu.

Com todos dormindo, inclusive Dilon, Lilly passou um bom momento sozinha. Deitou no *deck*, com os pés tocando a água e ficou meditando e pensando na vida.

Uma brisa bateu, tirou uma mecha de cabelo dos olhos e os abriu. O dia estava azul e agradável. Apreciou o silêncio e balançou os pés imersos na água. A vida na estrada era puxada,

mas era segura.

Sabe o que é real?

O pé na bunda e o chifre que vai tomar!

Um fragmento da conversa ácida que tivera com Ava poluiu os pensamentos de Lilly. *Droga!* Ela esticou os braços sobre a cabeça e espreguiçou o corpo para afastar a sensação ruim. Aqueles dias em Los Angeles só trouxeram aborrecimento.

— Bom dia.

Lilly inclinou a cabeça para trás e deu de cara com os pés descalços de Adan.

— Bom dia. — Subiu o olhar pelo corpo coberto apenas por uma bermuda preta, até encontrar o rosto bonito do vocalista. Os olhos cinzas estavam semicerrados por causa do sol e a juba solta... uma bagunça.

Ele olhou ao redor, coçou a barriga e sorriu.

— Posso? — Apontou para o lugar vazio ao lado dela.

Lilly sentou-se.

— Claro.

O corpão de Adan se ajeitou ao lado dela. Ele dobrou as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Essa ideia do Brian foi genial — elogiou ainda rouco de sono. — Muito melhor começar o dia assim na natureza, do que cercado por aquele cimento nos estacionamentos dos estádios.

— Muito melhor. Eu te acordei?

Adan bufou.

— Não... o Gabe, com aquele namorado secreto dele. Os dois passaram a noite toda trocando áudios pelo *WhatsApp*.

Lilly cobriu os olhos e o encarou.

— O cara da festa depois do Grammy?

— Esse mesmo. O tal tímido que fugiu, quando o Gabe quis nos apresentar.

Lilly riu, mas não muito.

— Nossa, eu não vi nada. Fiquei a noite toda tentando acalmar os instintos assassinos do Brian para cima da minha irmã.

— Aquela coisa revoltou todo mundo — Adan constatou em tom sério.

Lilly assentiu. Foi um parto escoltar Ava para fora. Perderam um tempão, explicando para os policiais o que tinha acontecido, e quando finalmente voltaram, a premiação já tinha acabado. Brian enfureceu-se quando soube de tudo.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Tinha que ter me chamado, porra!*

— *Como? Com você em cima daquele palco?*

— *Foda-se! Nenhum prêmio é mais importante que você, nenhum!*

— *Brian, eu amo que queira me defender, mas eu precisava ter enfrentado a situação sozinha, entende? Ava era o meu monstro escondido embaixo da cama, não o seu.*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian não aproveitou em nada a festa em homenagem à banda, organizada em uma boate. Revoltou-se quando o Mark avisou que Ava tinha sido liberada, depois de receber um sermão do juiz e pagar fiança.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Como assim, já soltaram? E as leis de proteção ao cidadão, onde ficam?*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Passou horas grudado no celular exigindo uma ordem de restrição mais agressiva. Queria a todo custo ir atrás de Ava e dizer pessoalmente que os deixassem em paz.

— Como o Brian está? Largou do seu pé?

A voz forte de Adan a trouxe de volta.

— Que nada! — Lilly abraçou os joelhos. O silêncio da irmã era preocupante. — Anda meio obcecado, achando que a qualquer momento, Ava vai surgir de trás de um poste e lançar uma bomba atômica.

Adan gargalhou de um jeito gostoso.

— É, pelo jeito, perdemos o Brian. Ele foi abatido, está totalmente de quatro por você.

Antes que Lilly pudesse responder, um objeto não identificado passou voando por sobre a cabeça deles e explodiu espalhando água por todos os lados.

— Porra! — Adan gritou todo encharcado.

A cabeça morena e molhada do Brian emergiu no meio do lago. Ele sorriu satisfeito com o xingamento de ambos e veio nadando até o ancoradouro. Apoiou as palmas das mãos na madeira e, em um impulso, subiu no *deck* e jogou o corpo sobre o de Lilly, soterrando-a.

— Que susto! — ela reclamou gargalhando, quando ele começou a esfregar o rosto molhado no dela. — Para! Tá me molhando, seu idiota!

— Essa é a intenção. — Ele moveu o corpo sobre o dela como uma onda. — Vingança por ter me acordado.

— Eu tentei acordar... não consegui! — Lilly protestou se contorcendo toda sob ele.

— Acordou sim... meu corpo sentiu falta do seu na cama e não consegui mais dormir.

Adan fez um som de desgosto.

— Se não quiserem uma foda a três, é melhor pararem. Estou na seca há uma semana e não respondo por mim.

Brian gargalhou e rolou o corpo, libertando Lilly. Os dois sentaram e ele a puxou para que ficasse aninhada entre suas pernas... abraçou-a apertado.

— Sem foda a três... a gente se basta, cara. — Brian esticou a perna e chutou o amigo. — E aquelas mulheres de ontem?

Adan franziu a boca.

— Até rolaram umas chupadas, mas sei lá... sempre a mesma merda vazia. Culpa de vocês.

Lilly riu.

— Que eu saiba, ninguém aqui te impediu de nada.

Brian concordou e beijou a bochecha corada.

— Os que sempre são interrompidos somos nós.

— Por isso mesmo, passam o dia inteiro se enroscando. É foda... ando com vontade, sei lá... de mais.

O *quê?*

Os olhos de Brian arregalaram.

— Mais?

Merda!

Adan levantou, ao perceber que tinha falado demais.

— Mais nada... esquece. — Saltou no lago abraçando as pernas. Como Brian, um tsunami atingiu o *deck*, assim que o corpo imenso se chocou com a água.

Brian levantou com Lilly no colo.

— Não se atreva! Meu cabelo... não quero...

A frase se perdeu quando ele saltou e os dois afundaram perto de Adan.

— Seu idiota! — ela berrou, assim que submergiu.

Brian agarrou-a.

— Sua coisa linda! — Beijou-a exageradamente.

Os três ficaram na água por um bom tempo, conversando sobre amenidades: as mudanças positivas nas rotinas de todos, os pontos turísticos em Washington...

— No fundo, eu gosto dessa vida na estrada — Adan divagou.

Brian deu umas braçadas, aproximando-se de Lilly e abraçou-a por trás.

Ai, Jesus!

A Fera quer brincar!

Lilly suprimiu um gemido, ao ter o traseiro instigado pela euforia dura de Brian.

— Eu estava era de saco cheio — ele confessou. — Bendita hora que a Lilly cruzou o meu caminho. — Beijou-a no ombro.

Lilly esticou o braço para cima e acariciou a barba de Brian.

— Meu Grandão, lindo... Bendita hora mesmo. — O coração dela deu uma miniacelerada. — Aquele negócio sobre o QG ser como uma bolha é verdade, me sinto protegida. Gosto de estar aqui com vocês, estou bem mais feliz.

Brian baixou a cabeça e sugou a parte macia da orelha dela.

— Conheço umas trezentas maneiras de te deixar feliz de verdade — sussurrou e esfregou o pau nela de forma descarada.

— Caralho! Que nojo! — Adan olhou feio para eles.

Brian gargalhou e afrouxou o aperto em Lilly.

— Foi mal... a culpa não é minha se a bunda dela é um ímã.

— Brian! — Lilly tentou soltar-se.

— Desculpa, Pequenininha. — Ele fez cara de arrependido, mas não convenceu. — Prometo me comportar. Qual é a próxima pauta? — Olhou para o Adan.

Fofocaram sobre Gabe e Penne, que andavam fazendo mistério de seus casos amorosos. Lembraram do encontro com fãs, que aconteceria antes do show daquela noite, o que significava tempo livre para Lilly dedicar-se à pintura.

— Partida em cinco minutos! — Dilon os chamou da janela com cara de quem tinha acabado de acordar.

Saíram do lago, vestiram as roupas sobre o corpo molhado e voltaram para o QG. Mark havia ligado. Ele e o pessoal da técnica já tinham chegado ao *Robert F. Kennedy Memorial Stadium* para começar a montagem do palco.

— Caramba! — Brian exclamou, assim que entraram no *Palazzo*.

Adan começou a rir... era incomum ver Penne e Gabe na cozinha.

— O que estão fazendo? — Lilly se assustou com a bagunça na bancada da cozinha. Havia farinha e leite derramado por todos os cantos.

— A Penne perdeu uma aposta e vai fazer panquecas para mim. — Gabe abriu um sorriso sonolento.

— Ela não sabe fritar um ovo — Adan constatou e esparramou-se no sofá que contornava a mesa.

Penne lançou um olhar mortal para ele.

— Ah... vá se ferrar. Eu vi a Lilly fazendo, é só misturar as coisas e pronto.

Enquanto Lilly foi para o balcão, Brian sentou-se ao lado de Adan.

— Cadê o Big?

— Está baixando umas fotos e já vai descer — Gabe respondeu em tom chateado e voltou-se para Lilly. — J.J., por que isso aqui está parecendo concreto?

Lilly riu do apelido que ele lhe dera. O baixista era fã incondicional do Jon Jones, o número um do MMA, e depois da briga com Ava ele passou a chamá-la de J.J.

— Lógico que está duro, vocês colocaram uma tonelada de farinha. — Ela apontou para

o saco na metade. — Deixa que eu te ensino, assim, quando quiser, não precisa pedir pra ninguém.

— Mas eu gosto que façam para mim — Gabe disse envergonhado.

— Porque é um folgado. — Big surgiu atrás deles, sem que tivessem notado a sua aproximação. — Tem que superar esse trauma. — Ele esparramou-se no outro sofá da cozinha.

Penne fez cara feia.

— Hey, isso não foi legal! Em vez de encher o saco, por que não baixa aquelas fotos que eu pedi?

Big olhou para ela como se não estivesse entendendo.

— O que foi?

— Foi o que você disse... Não são traumas, são lembranças — Brian disse todo protetor com Gabe. — Porra, Big... você tem uma mania de radicalizar. Já te disse que cada um tem sua própria história e reage a ela como quiser. Se não gosta de lembrar da sua mãe, beleza, mas ele gosta. Deixa o cara curtir a onda dele.

Bosta!

As feições de Big contraíram em arrependimento.

— Foi mal, Gabe. — Encolheu-se e concentrou-se no celular. Sabia que estava errado e sempre se comportava como um babaca quando o assunto eram as mães.

Lilly olhou confusa para todos e depois para Brian, que piscou para ela.

— A mãe do Gabe fazia panquecas quando ele era pequeno. Essa é uma das poucas lembranças que ele guarda dela.

— Verdade — o baixista confirmou em um tom melancólico. — Às vezes, sinto o cheiro da massa assando, misturado ao perfume de canela que minha mãe usava.

Santo Deus! Que tipo de amiga eu sou?

Estive tão sufocada com os meus problemas, que esqueci que os outros também têm os seus paraísos-perdidos.

— Não sabia que também era órfão — Lilly sussurrou.

Gabe fez que não com a cabeça.

— E não sou. — Virou-se e abriu o armário tirando uma vasilha limpa. — Sabe como é, J.J.... — Encarou Lilly. — Sou só mais um na estatística do velho clichê da mulher sem a menor vocação para ser mãe, que opta pela carreira e vai embora.

Que horror!

Que mulher desnaturada!

Lilly precisou de alguns segundos para se recompor e controlar a raiva. *Então é por isso que Gabe é tão carente* emocionalmente! Com o pai em outro continente e a mãe sabe-se lá onde, a saudade deveria ser voraz. Ela mesma, por mais que estivesse cercada de pessoas amorosas, muitas vezes, sentia uma falta danada do colo da mãe e do pai.

Lilly sentiu uma estranha necessidade de proteger Gabe.

— Vamos às panquecas? — Sorriu para ele e esfregou as mãos. — Tem mais leite? — Levantou a garrafa vazia.

Gabe sorriu e foi até a geladeira.

— Parada em cinco minutos! — Dilon gritou atrás do volante. — Os seguranças já estão esperando no Memorial Lincoln.

— Ah, não! — Gabe virou com a garrafa de leite na mão. — E o meu café da manhã? — Ele fechou a geladeira com o pé. — De quem foi a grande ideia?

Penne tentou chamá-lo, mas foi ignorada.

Ele continuou focado em Lilly.

— Foi sua, J.J.? — Gabe largou a garrafa no balcão. — É mais uma daquelas suas paradas culturais, é isso? Ah, não! Quer pintar o Abraham Lincoln gigante? — Ele puxou os cabelos e nem percebeu o... *Não quero*... que Lilly disse.

— Gabe — Penne repetiu o chamado e continuou a ser ignorada.

O trio que estava no sofá levantou-se e começou uma especulação entre eles. Brian abaixou o corpo para olhar pela janela lateral do *Palazzo*.

— Maneiro, né!

O baixista ainda olhava para Lilly.

— Que mancada, J.J., aquela estátua é imensa, até terminar já terei morrido de inanição!

Brian olhou sobre os ombros.

— Deixa ela em paz — intrometeu-se.

Hey!

Eu sei me defender sozinha!

Lilly pensou em protestar, mas distraiu-se com a camiseta branca um pouco úmida que

marcava os músculos das costas do marido.

— Que foi? — Brian percebeu o olhar perdido e sorriu de um jeito sacana.

O corpo dele a atraía como um ímã, mas não era o momento para devaneios esfomeados. Então, Lilly suprimiu o impulso de se aproximar e tocar a tatuagem aparente.

Droga de homem mais magnético!

— Nada. — ela corou e virou de lado ignorando a tentação.

— Ah, não acredito! — Gabe arregalou os olhos. — Vocês vão ficar aí se comendo por telepatia? Temos uma situação aqui. — Apontou para os ingredientes abandonados na pia e depois para a barriga.

— Gente, foco! — Penne berrou e todos a olharam. — Nossa, muito obrigada. — Sorriu com ironia, antes de quase perder o equilíbrio e apoiar as mãos na bancada da cozinha. — Porra, Dilon, avisa quando for brecar essa merda!

— Foi mal! — o faz-tudo gritou da cabine de comando. Em seguida, começou a manobrar o veículo bem na frente de escadarias intermináveis.

— Fui eu quem pediu para darmos uma paradinha aqui — Penne explicou e sorriu para Lilly.

— Praaaa quêêêê?! — O baixista gritou indignado.

A loirinha ampliou o sorriso.

— Pra tirar foto, pra que mais seria?

Gabe pareceu não acreditar.

— Ah, fala sério! Todo americano que se preze já veio aqui, pelo menos uma vez.

Lilly balançou a cabeça concordando.

— Eu nunca vim — Brian murmurou.

Todos o encararam como se ele fosse um E.T.

— Ué? Qual o problema? Meus pais eram muito ocupados, porra!

— Problema nenhum — Adan tentou acalmar os ânimos.

O vocalista e Big juntaram-se ao amigo e grudaram os olhos na construção que mais parecia um templo clássico. Brian soltou um assovio apreciativo.

— Caralho, esse troço é imenso. Nero teria um puta trabalho para incendiar tudo!

Todos riram, menos Gabe, que continuava emburrado e recusava-se a olhar para o Memorial, que reinava majestoso em cima de uma colina, ostentando uma fachada suntuosa com gigantescas colunas romanas, rodeado por um mar de grama.

Os olhos do baixista ganharam brilho.

— Já sei! A Penne desce, tira a merda da *selfie*, enquanto eu e a J.J. ficamos aqui cozinhando.

Meleca!

— Por mim tudo bem — Lilly concordou, mesmo querendo sair e passear pelo Memorial.

Penne fez uma careta.

— Não vai dar, meu chapa. Lilly é peça fundamental na foto.

— Sou?

A confusão começou.

Brigaram, chantagearam, xingaram, mas Penne bateu o pé... e com o apoio entusiasmado de Brian, a loirinha ganhou a disputa fácil, fácil. Por sorte, era dia da semana e não havia muitos turistas. A segurança da banda não teve problemas com o esquema de isolamento.

Os curiosos foram mantidos a uma distância segura.

— Achei uma boa ideia tirar uma foto igual à que fizemos na escola. — Penne subia as escadas de dois em dois degraus. O dia continuava ensolarado e com uma brisa agradável. — Lembra, Lilly? — Ela olhou para a amiga que subia mais atrás, abraçada ao Brian. — Eu, você e o Big, naquela excursão da escola, antes de se mudar para Paris. Um frio danado!

Lilly não lembrava muito. Aquela viagem tinha sido uma despedida da escola e da vida que ela tinha depois que os pais morrerem.

— A gente pode fazer um antes e depois — Big sugeriu, uns degraus mais abaixo.

— É, pode ser — Lilly concordou distraída. A atenção dela estava dividida entre as provocações sacanas de Brian em seu ouvido e Gabe, que subia emburrado, enquanto devorava um hot-dog.

Penne animou-se.

— Big, baixou a foto que eu te pedi? — Ela olhou para o Gladiador, que levantou o celular e deu um ok. — Perfeito! É só a gente fazer a mesma pose. — Ela olhou ao redor. — *Quedê* o Adan?

Big segurou o riso.

— Olhou a escadaria, resmungou alguma coisa sobre não ser pagador de promessas e voltou para o QG.

— Merda!

— Deixa comigo, Penne. — Brian ofereceu-se. Ele podia não ser um maníaco especialista em fotos como o Adan, mas não era uma negação.

Avançaram e chegaram até o átrio coberto, onde estava a estátua descomunal de Abraham Lincoln sentado em um trono.

Penne agarrou na mão de Lilly e a obrigou a sair correndo em direção da estátua.

— Ai, nem acredito! Vem!

Antes de se aproximarem, Big entregou o celular para Brian.

— É a terceira foto no rolo da câmera — disse e correu em direção às meninas.

— Vão logo com isso... Subir essa escada me deu fome de novo! — Gabe apoiou-se em uma coluna.

Brian esperou Big se posicionar entre as meninas, enquanto abria os arquivos de foto.

Penne esticou-se toda para fazer um chifrinho em Big, que fazia em Lilly.

— E aí? Tá parecido? — ela quis saber.

— Pera aí! — Brian voltou a fuçar no celular, achou a foto e congelou.

A mente dele entrou em parafuso e a respiração hiperventilou. Só os olhos se mexiam... Iam do celular para Lilly e de Lilly para o celular.

Não pode ser!

— Anda logo! — Penne insistiu.

Mas Brian se manteve mais imóvel que o ex-presidente talhado na pedra, atrás da amiga... Estava em outra dimensão. A mente dele ocupada, fazendo conexões... O coração batendo como um tambor no peito... Uma onda magnética percorrendo a pele, fazendo-o suar frio.

Aeroporto... Paris... desespero... chapéu vermelho engraçado... óculos fundo de garrafa... o rostinho redondinho de menina... troca de passagens... euforia...

Era como se ele estivesse retornando ao passado.

Lilly começou a ficar agoniada. O homem estava pálido.

— Brian, tudo bem?

Ele se endireitou lentamente, olhou-a profundamente, mas não disse nada. A garganta musculosa engoliu em seco... A boca abriu para fechar em seguida... O corpo forte pendeu para trás e depois para frente...

Droga!

Lilly desgarrou-se do abraço de Big.

— Brian! — Correu.

Escola de artes em Paris...

Claro!

É possível!

O corpo todo dele estremeceu em ondas de emoção.

— Minha garota-bebê — ele murmurou para ninguém ouvir, revirou os olhos e despencou no chão provocando um som oco.

— Caralho! Caiu, bateu a cabeça e morreu! — Gabe berrou e correu, chamando a atenção dos seguranças que os acompanhavam de longe.

— Cale a boca, animal! — Big rugiu.

— Não! — Lilly deu um grito horrorizado, jogando-se de joelhos ao lado de Brian.

— Amor!

— Amor!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O QG estava explodindo com tanta gente. Mark abriu caminho entre o pessoal da técnica.

— Merda! Vocês deveriam ter ido para o hospital, não vindo para o estádio! — berrou a plenos pulmões, se espremendo entre os corpos de Adan e Big parados na porta.

O coração dele contraiu ao ver Brian apagado na cama com a cabeça apoiada nas coxas de Lilly. Se tirasse por base o rosto horrorizado da garota, o músico devia estar prestes a bater as botas.

— Como ele está?

— Menos pálido — Penne, que estava ao lado de Lilly na cama, respondeu.

— Por que ele não acorda? — Gabe perguntou, sentado na cômoda do quarto. — E se

ele tiver um aneurisma?

Lilly soltou um gritinho abafado e voltou a chorar.

— Porra, Gabe! — Adan e Big berraram juntos.

— O quê? Tô falando sério. Não viram aqueles jogadores que morrem em... — Gabe tentou se explicar, mas foi interrompido pela mão de Big em seu pescoço.

— Mais uma palavra e eu corto a sua língua! — o Gladiador rosnou.

Lilly fechou os olhos e chorou com mais força. Penne pulou da cama na intenção de desgrudar a mão de Big do pescoço do outro. Adan interceptou-a no meio do caminho, impedindo que ela se metesse na briga e Mark... bom, Mark, gritou com todos.

Esqueceram onde estavam e uma pequena confusão se instaurou. Todo mundo gritando ao mesmo tempo.

Os olhos de Brian entreabriram, mas ninguém notou. Aos poucos, os sentidos dele foram voltando... O tato, no calor da pele de Lilly com sua nuca... O olfato, no cheirinho de lima que o atingiu... Depois, a audição... quando contorceu o rosto, irritando-se com gritaria ao lado da cama...

Que merda está acontecendo aqui?

Washington, o lago, a cozinha, o memorial, as fotos e o cérebro dele desligando.

Puta merda!

Paris!

Brian sentou de supetão e olhou para Lilly.

— Deus, é você.

Todos no quarto ficaram calados no ato. Gabe esboçou intenção de falar, mas foi contido por Mark.

Ainda em prantos, Lilly o agarrou afundando o rosto na curva do pescoço musculoso.

— O que aconteceu? Pensei que fosse me deixar — sussurrou e prendeu-se a ele como um coala. — Nunca mais me assuste desse modo.

Ela tremia tanto e Brian se deu conta que ele também. *Deus, sou um cego! Todo esse tempo era ela, bem diante dos meus olhos*. Abraçou-a apertado, emaranhando os dedos nos cabelos fininhos.

— Shhhhh, Pequenininha... está tudo bem, calma. — Afastou-se, segurou o rosto inchado e examinou-o com adoração. — Eu nunca poderei deixá-la... não depois de hoje, será impossível —

achou inexplicavelmente importante dizer aquilo.

— O médico deve chegar em poucos minutos — Mark arriscou avisar.

Brian respirou fundo para conter a vontade de estrangular o empresário.

— Mande ele embora... preciso conversar com a Lilly.

Conversar?

O coração de Lilly acelerou ao ser atingido por uma nova descarga de adrenalina. Havia algo diferente na forma com que Brian a olhava.

Deus!

E se ele estiver mesmo morrendo?

— O que aconteceu não foi brincadeira — Mark insistiu.

Brian desviou o olhar do rosto vermelho e confuso de Lilly e mirou em Mark.

— Não foi... foi muito mais sério do que imagina. Então, se não quiser que eu perca a pouca paciência que me resta, sugiro que me deixe a sós com a Lilly.

Mark arregalou os olhos.

— Vamos. — Adan pegou Penne e Gabe pelo braço e arrastou-os para fora.

Big lançou um olhar para o casal.

— Se precisarem, estarei lá fora — disse e saiu.

— Você também, Mark — Brian grunhiu.

Droga, estiquei a corda demais!

Mark contraiu os lábios.

— Preciso ter certeza de que vai estar bem para os compromissos de mais tarde — o empresário insistiu.

Brian irritou-se e ficou de pé.

Sempre isso! Sempre os compromissos! E eu, porra? E eu?

A diferença de altura entre eles e o olhar furioso de Brian fizeram Mark recuar.

— Cai-fora-daqui — falou lentamente.

— Mas...

— Saia agora! — Brian socou a parede e o corpo de Lilly contraiu de susto.

Sem saída, Mark obedeceu, a porta do quarto fechou, Brian apoiou as duas mãos na

cômoda e de olhos fechados respirou fundo para se acalmar. Suas emoções estavam confusas. Não entendia o motivo para Lilly ter escondido algo tão importante.

— Descobri que era você, no aeroporto em Paris — disse de uma vez, ainda de costas para ela.

Ai, meu Deus!

Descobriu? Como?

As pernas dela viraram gelatina e só não caiu, porque estava sentada na cama. Quando Brian virou em busca de uma explicação e depois, sentou-se na cama, Lilly hesitou e não disse nada.

Ficaram em silêncio, estudando-se até que Lilly estendeu o braço para tocá-lo. Os cabelos dele estavam tão bagunçados quanto ela imaginava estarem os seus pensamentos.

— Você está bem? O desmaio.

Brian retraiu-se como se o toque dela fosse machucá-lo.

— Esquece o desmaio. Estou bem.

Lilly ficou chocada pela rejeição, mas aliviada porque todas as cores haviam voltado para o rosto lindo do marido. Tentou tocá-lo mais uma vez.

— Brian.

Ele recuou e ela deixou a mão cair sobre o colo.

A boca larga e macia dele contraiu. — Você sabia quem eu era? — perguntou impaciente.

Lilly mordeu os lábios e olhou para as mãos entrelaçadas em seu colo, os nós dos dedos chegavam a estar brancos de tanto que as apertava.

— Eu te reconheci, assim que entrou naquele quarto de hospital em Miami — era uma confissão, mas também uma acusação.

— E por que não disse nada, caramba? — Ele levantou e começou a andar de um lado para o outro.

Hã?

— No hospital? — Os olhos dela ganharam força. — No meio de pessoas que eu mal conhecia? Chegar para o cara com namorada e que, obviamente, não fazia ideia de quem eu era, e dizer que o tinha visto anos antes e que aquilo tinha sido tão marcante para mim, ao ponto de

não esquecer dos olhos e do rosto dele?

Ele a olhou com cara de *lógico*... Era exatamente o que ele esperava que ela tivesse feito.

Desacreditada, Lilly soltou um suspiro agoniado e esfregou o rosto.

— Qual é, seja sensato... prefere me crucificar a entender? Ponha-se na minha situação. — Riu, mas foi de nervoso.

— Não é engraçado, Lilly! Hoje, eu perdi o controle quando abri aquela merda de foto! Fiquei em choque quando reconheci o rosto rechonchudo e o sorriso encabulado escondidos atrás daqueles óculos e chapéu vermelho esquisito... a minha garota-bebê — Brian pronunciou o apelido com certa idolatria, como se fosse quase sagrado. — Porra, eu te disse o quanto tudo aquilo me marcou e todo o tempo era você!

Lilly respirou fundo ao perceber que não se arrependia de ter mantido segredo. Nas milhares de vezes em que tentara contar, algo dentro dela implorava que não o fizesse... Agora, entendia o porquê.

— Brian... — Ela levantou o queixo para fitá-lo e seus olhares congelaram. — A atitude te marcou, não eu.

Ele balançou a cabeça negando com veemência.

— Claro que não! Eu te procurei!

— Você procurou pelo autor do gesto, não por mim.

— Dá na mesma!

— Não, não dá! Se eu tivesse te marcado, você teria me reconhecido.

— Não reconheci, porque você mudou muito, porra!

— Não mudei tanto assim. — Lilly tentou manter a calma, pois sabia que o rumo daquela conversa, indo para o bem ou para o mal, estava em suas mãos. Respirou fundo para acalmar o coração e secretamente clamou por serenidade. — Brian, venha aqui... — Ela apontou o colchão e ele sentou-se, ficando frente a frente. — Agora, olhe para mim e diga o que vê?

— Uma mulher... linda, engraçada e incrivelmente determinada.

— Isso, uma mulher... a garota de Paris não existe mais. Em Miami, eu quis muito que você tivesse me reconhecido. — Brian fez menção de falar, mas Lilly o impediu. — Passei anos fantasiando o momento e romantizando tudo, acreditei que o seu coração me reconheceria de imediato, mas me enganei. Isso nunca iria acontecer, e sabe por quê?

Brian não entendia onde ela queria chegar.

— Não, não sei, por quê?

— Porque as nossas percepções de Paris foram diferentes... Lembra do que você disse hoje mais cedo para o Big? Que cada um reage diferente? — Brian balançou a cabeça, concordando. — Então, eu me prendi no homem. Já você, se prendeu no gesto.

— É claro, a atitude daquela menina mudou a minha vida. Sem ela, eu não estaria aqui hoje.

Lilly riu, ele se referia ao EU dela no passado, como se fosse outra pessoa.

E era!

— O que eu fiz em Paris pode ter sido legal, mas não foi imprescindível para determinar o rumo da sua vida. Conheço o Big, ele não deixaria um músico do seu gabarito escapar, só por causa de um imprevisto em um voo. Outras chances viriam. Se está na banda é por mérito seu, não meu.

Brian ficou calado... e ela respirou fundo.

— Sabe o que aconteceria se eu te contasse? — Lilly continuou.

Brian balançou a cabeça, negando.

— Nós não estaríamos aqui. — Lilly sorriu gentilmente. — Essa sua gratidão exagerada que tem por mim no passado mudaria o rumo do nosso presente.

Os olhos dele cresceram.

— Que absurdo, só tornaria tudo mais especial, passado e presente juntos. Consegue entender que não existem mais pontas soltas e que tudo está ligado a você? Caralho, se isso não for destino, eu não sei o que é!

Deus, isso foi arrebatador.

Os pelinhos da nuca de Lilly arrepiaram. Brian tinha o poder de dizer coisas que a quebravam, mas controlou-se.

— O passado não me importa. Agora eu entendo porque, no fundo, eu não disse nada. Eu queria que gostasse de mim, não dela... a *Eu* de Paris! — Sacudiu as mãos nervosamente. — Amo a ideia de você ter se interessado e se apaixonado pelo que sou hoje. Essa mulher de verdade, a quem você não deve nada. Se eu tivesse dito quem era, carregaria para sempre a dúvida de um amor por gratidão.

— Lógico que não!

— Lógico que sim! Eu me interessei pelo moço bonito que me beijou no aeroporto! Tinha

dezessete anos, caramba!

— Eu te beijei? — ele a interrompeu com surpresa.

Como eu pude esquecer uma coisa dessas? As sobrancelhas dele contraíram.

Lilly corou.

— Foi mais um selinho rápido de agradecimento. — Sorriu sem jeito. — Poxa... eu nunca tinha sido beijada, então pra mim foi o máximo.

Os olhos de Brian cintilaram.

— O seu primeiro beijo foi meu e foi o máximo? — Os cantos da boca levantaram esboçando um sorriso arrogante. Ele era responsável por todos os primeiros dela? Sorriu de verdade.

— Pode ir tirando esse sorrisinho besta da cara, você nem lembra!

— Dane-se que eu não lembro, fui o primeiro.

Lilly revirou os olhos.

— Está vendo? Esse é o meu ponto!

— Que ponto?

— Não foi dane-se... aquele beijo, que você nem lembra, foi mágico para mim... — ela disse e Brian segurou-lhe a mão na tentativa de desculpar-se. — Por causa dele, alimentei um sentimento irreal por um desconhecido. Era nova demais para saber que amores nascem de momentos como aquele, mas precisam de história para vingar e florescer. E nós nunca tivemos uma história, então, criei um homem imaginário, que ao se tornar real, não me reconheceu, porque, ao contrário de mim, ele foi marcado por um gesto, não por um beijo. O amor é real, Brian... real.

Brian soltou a mão dela e esfregou o rosto, sentindo-se um idiota.

— Tire essa coisa de gratidão da cabeça... Eu me apaixonaria por você, mesmo que tivesse me dado um tiro ou me mandado para a cadeia — disse categórico e Lilly riu com descrença. — Tô falando sério, caramba! O Big me ajudou pra caralho e nem por isso, o meu coração bate forte por ele. Posso não ter caído de amores pela menininha do aeroporto, mas sou louco pela mulher que ela é hoje. Quando botei os olhos em você naquele hospital, eu soube que seria o meu calcanhar de Aquiles. Não me importo que me chamem de louco ou de romântico exagerado, mas acredito mesmo que te amar está no meu destino, independentemente de gestos passados ou atitudes futuras.

Ele acredita?

O coração de Lilly disparou, ela queria tanto que tudo ficasse bem.

— Isso quer dizer que não está com raiva de mim e o casamento ainda está de pé? — tentou parecer descontraída, mas a emoção na voz a traiu. Engoliu o nó que se formava na garganta.

Brian gargalhou, surpreendendo-a.

— Não, isso quer dizer que eu estou com uma puta raiva, mas te amo mais. O casamento não é isto? Discutir... aprender a lidar... e se acertar?

As sobrancelhas dela arquearam.

— Está com tanta raiva assim, é? — Ele confirmou com um aceno e ela mordeu o interior da bochecha. *Droga!* — Então, acho que prefiro bem mais a versão que diz: discutir... transar... e deixar pra lá.

Brian balançou a cabeça e riu gostoso. Adorava o modo como ela deixava tudo mais leve.

— Lilly, Lilly, Lilly... o que eu faço com você?

— Uma transadinha básica de reconciliação, talvez? — Sorriu apreensiva.



38

Dias depois...

— Meu Deus! Acho que toma Viagra escondido, só pode ser. — Lilly caiu de costas no colchão. O rosto dela estava afogueado e suado, e os cabelos espalharam-se bagunçados sobre os travesseiros.

Brian lançou-se ao lado dela e o colchão afundou com o peso do seu corpo.

— Meu Viagra é você. — Ele virou de lado, apoiando o cotovelo no colchão e a cabeça na mão para encará-la. — Está achando ruim, Pequenininha? — Ele inclinou e deu um beijo babado na bochecha dela.

— Que nojo!

Lilly limpou a pele molhada do rosto e ajeitou-se de lado ficando de frente para ele. Queria olhar feio ou até mesmo falar algum desaforo, mas quem disse que conseguiu. Sua boca a traiu em um sorrisinho apaixonado. A cada segundo, o coração dela cedia mais e mais espaço para o furacão emocional chamado Brian.

— Ninguém acha ruim aquilo que é tão bom — murmurou.

— Hoje a gente se superou. — Brian abriu um sorriso e puxou-a de modo que ficasse aconchegada junto dele. — Cômoda resistente, né? — Olhou para o móvel onde estiveram minutos atrás.

— Se é... — Rindo, Lilly cobriu o rosto com as mãos.

Decerto, o safado achava que ela tinha vocação para contorcionista. Assim que o show acabou, arrastou-a de volta para o QG. Mal entraram no quarto, ele arrancou a roupa de ambos, colocou-a sentada sobre a cômoda e meteu duro, mantendo as pernas dela nas alturas e as panturrilhas trançadas no pescoço dele.

— Uma hora, juro que pensei que ia me dar câimbra. — ela riu.

Gargalharam juntos.

A reconciliação pós-garota-bebê estava rendendo bons frutos. Lilly não tinha muita experiência no amor, mas sabia que era genuíno o que sentia por ele. Toda aquela discussão, a divergência e a urgência em se reconciliarem para ter certeza de que estavam bem e mais fortes do que nunca... era algo acima da razão. Era amor em sua essência mais pura... tinha que ser.

Saíram de Washington e, há três dias, tudo o que os dois fizeram, quando Brian não

estava cumprindo a agenda de compromissos e shows, foi sexo... sexo... e mais sexo.

— Minhas partes baixas ainda estão vibrando. — Lilly entrelaçou as pernas de ambos e afundou o rosto no peito dele.

As mãos de Brian acariciaram os cabelos emaranhados da esposa.

— Eu te falei que estava muito bravo. Se pensou que uma trepadinha fosse resolver, errou feio. — Ele girou e esfregou a sem-vergonhice na barriga chapada dela. — Ainda tem muito o que se desculpar.

Um som de deboche escapou dos lábios dela.

— Ah... essa é boa! Quem tem que se desculpar aqui é você. — Lilly tentou escapar do abraço, mas ele a apertou e esfregou-se mais. — Já viu a minha bunda? Aquela mordida doeu!

— Bunda gostosa. — Ele riu.

— Nunca mais vou poder usar biquíni na praia! — ela continuou a resmungar.

— Ótimo, daí eu te compro uma burca. Odiei aqueles idiotas olhando para você.

Lilly lembrou-se da ceninha patética do dia anterior e revirou os olhos.

— Aquilo de ontem passou dos limites.

— Já te falei que ando um pouco possessivo.

— Um pouco? — Os olhos dela aumentaram de tamanho. — Se acha que vai me controlar em tudo, pode ir tirando o cavalinho da chuva. Não sou uma bonequinha submissa, e homem das cavernas comigo não rola. — Cutucou-o na costela.

Apesar de ter gostado um pouquinho de vê-lo todo nervosinho e ciumento. Lilly precisava estabelecer uns limites. Na tarde anterior, ela e Penne resolveram se refrescar na piscina do estádio, enquanto Brian passava o som. Não foi culpa delas que um batalhão de jogadores de futebol invadiu o parque aquático. Não puderam fazer nada e bancar as antipáticas é que não iriam.

— Queria ver se fosse eu rodeado por um monte de gostosas.

Belo ponto!

Verdade, talvez ela também o arrancasse de lá à força.

— Para onde estamos indo mesmo? — mudou de assunto, sabendo que tinha perdido o *round*.

Já era de madrugada e o QG ainda não tinha zarpado. Os outros integrantes da banda

tinham ido a uma festa.

— Baltimore. Dei uma olhada no *Google* e vi que tem um aquário incrível na cidade — Brian disse, demonstrando que continuava empenhado em proporcionar momentos agradáveis a ela.

Lilly acariciou o peitoril grande.

— Gosto quando faz essas coisas por mim.

— Eu também gosto. — Beijou-a no rosto, só que agora, sem babar. — Está com sono?

— Exausta, mas sem chances de dormir antes de um banho.

Os dentes bonitos apareceram em um sorriso sacana.

— Perfeito, ia sugerir o mesmo. — Ele pulou apressado da cama.

— Hey, eu não te chamei para ir junto. — Lilly ficou de pé preguiçosamente.

— Como se precisasse. — Ele riu e adiantou-se para a área de banho, exibindo a bunda indecente de gostosa.

O chuveiro da suíte no QG era um caso à parte... integrado ao quarto e todo revestido de mármore. Pequeno, mas com espaço suficiente para os dois e muito... muito inquietante. Uma janela de vidro cobria toda a altura no fundo do boxe. Lilly tinha a impressão de que se encostasse nela, cairia estatelada no chão.

— Não consigo me acostumar com isso. — Indicou a vidraça atrás dele.

— É o que eu mais gosto daqui. — Brian apertou um botão e uma cascata de água quente começou a jorrar. Ele balançou a cabeça respingando a água dos cabelos.

Ela torceu a boca.

— Meio exibicionista.

— Seria... se pudessem nos ver. — Brian apontou para uns caras da técnica que passavam carregando umas caixas de som.

— Não adianta... eu sempre vou achar que eles podem nos ver.

— Mas não podem! Deixa de ser chatinha e entra aqui!

Primeiro, Lilly olhou receosa, mas, em seguida, sorriu. Era muito tentador assistir aquele corpão todo encharcado e a mão enorme acariciando de forma provocativa o pênis...

Droga!

— Não acredito que já está animado de novo! — Apontou para a virilha vigorosa.

— Ainda não, mas posso ficar bem animado se me ajudar. — Deu uma sacudida na Fera. — Estou com saudades do seu dedinho mágico me bulinando.

O *quê?*

Lilly desconcertou-se.

Depois daquela primeira chupada épica que tinha dado nele, ela nunca mais arriscara repetir o ato. Não depois de Penne ter rido na cara dela.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Caralho, o Brian deve ter surtado! O idiota achando que era toda inexperiente, com nível zero no sexo e você meteu logo uma carícia avançada. Bonequinha, eu sou experiente, mas desconhecia esse ponto de prazer. Impressionante, aquele Will era bem pervertido, hein?*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

As palavras da amiga fizeram Lilly puxar o freio no quesito carícias genitais.

— Es-está falando sé-sério? — ela gaguejou.

O roqueiro abriu um sorriso malicioso.

— Eu sonho com isso todos os dias.

— Ah... — A sobrancelha dela levantou. — Eu pensei... por que não me pediu?

Ele examinou o rosto preocupado. Não tinha pedido, porque ela nunca mais tinha feito um movimento que indicasse que desejava fazer aquilo de novo.

— Estou pedindo agora. — sorriu.

— Verdade? — Olhou-o ressabiada. — Não achou pervertido?

Ele gargalhou e passou a mão no rosto para tirar uns fios de cabelo dos olhos.

— Pervertido, nunca, mas não nego que suas habilidades nada amadoras me pegaram de surpresa. — Olhou divertido para ela, louco para perguntar onde ela tinha aprendido aquilo, mas desistiu... sabia a resposta: WillBosta. — Primeiro, pensei: Uau! Que gata safada! Depois, quase rezei de joelhos por eu ser tão sortudo.

Sério?

Lilly deu a ele um sorriso radiante, abriu a porta de vidro do boxe e entrou. *Aaah, danese!* Vivia na luxúria completa por aquele homem, mesmo, e intimidade era algo que já tinham de sobra... Então, que mal tinha? Ficou frente a frente e tentou se concentrar no olhar violeta, mas era impossível. Não com aquela Fera orgulhosa e ereta entre eles.

— Parece bem mais animado, né? — Apontou para o mastro erguido entre eles.

Brian a olhou com um misto de fome e pressa.

— Culpa sua, Pequenininha... toda essa conversa me fez lembrar do quanto você faz gostoso certas coisas. Meu pau está ansioso!

A boca de Lilly encheu d'água.

É fácil fazer gostoso quando se tem um produto delicioso para manusear.

— Ansiedade não é legal... — Ela franziu o nariz. — Acho que preciso ter uma conversinha com essa Fera.

Provocou e prostrou-se de joelhos bem diante daquele monumento de músculos e veias...

Opa! Lá vamos nós!

Animado, Brian jogou a cabeça para trás. Sabia que suas perspectivas eram as melhores. O boquete de Lilly era realmente bom... muito bom, na verdade... o melhor de todos... ainda mais com...

Porraaaaaa, que isso vai ser animal!

Brian afundou o rosto no veio d'água ao primeiro toque.

— Ah! Porra! — externou entredentes ao sentir mãos pequenas lhe acariciarem as coxas e brincarem com os pelos da perna. Depois, grunhiu quando a língua suave correu da base até a ponta de seu pau.

Caralho!

Como isso é bom!

Um estremecimento violento percorreu toda a coluna do músico.

— Seja dura comigo, não me poupe de nada! — exigiu e implorou em um rugido.

Lilly passou o polegar pela abertura, onde uma gota de pré-sêmen surgia. *Ser dura? Sim, eu posso ser dura*. Animada, sugou o próprio dedo saboreando Brian.

— Hummm... bom.

Ela segurou a base do falo e o levou à boca. Desenhou a cabeça com a língua e brincou com as bolinhas de prata... Um ronco abafado veio do guitarrista quando a esposa chupou a glande explorando o piercing.

Eu adoro essas bolinhas!

Lilly concentrou-se nelas, instigando-as com os lábios e dentes.

— Caralho... me engole... — ele grunhiu.

Mãos ansiosas agarraram a cabeça de Lilly, e dedos emaranharam-se nos cabelos dela, trazendo-a para perto... Ela engoliu-o inteiro. Relaxou a garganta... subiu e desceu indo cada vez mais fundo na boca.

A água no rosto quase a afogou, mas sugou com força e vigor. Os sons guturais que escapavam de Brian eram quase primitivos. Eram excitantes. A vagina respondeu aos sons contraindo-se e os bicos dos seios despontaram...

É, talvez eu goste um pouquinho desse estilo homem das cavernas...

Com tesão, Lilly chupou com energia... mais... mais e mais... Sua cabeça ia e vinha em um movimento não tão gracioso... Sentiu o pênis engrossar na boca e passou a língua estimulando a pele quente e macia. Mas não era suficiente... ela queria brincar...

Tirou o pau da boca sob protestos.

— Sabonete...

— Hã?

— Preciso do sabonete...

Brian estava tão excitado, que esbarrou na prateleira de vidro, derrubando tudo.

— De... des... culpa.

Lilly riu do desespero dele e da chuva de xampus e sabonetes líquidos que caíram sobre ela. Ela também estava excitada, mas a água em seus corpos lavava os fluídos, precisaria de uma ajudinha extra.

Embalou as bolas pesadas com uma das mãos... queria distraí-lo enquanto abria o sabonete líquido. Voltou a engolir a Fera chupando com determinação, enquanto sua mão ensaboada infiltrou-se entre as pernas dele. Dedos deslizantes desenharam a linha do períneo.

Um gemido alto eclodiu e Brian afastou mais as pernas... Ele parecia gostar muito daquela brincadeira ousada. Lilly admirou-se, o músico era um baita de um safado, aberto às experiências... então, continuou a chupá-lo e a sugá-lo, provocando a trilha de músculos, sem avançar o sinal.

Quando a respiração dele ficou mais difícil e o quadril sem controle, interrompeu a chupada e pressionou com força o ponto secreto que aprendera. Um urro explodiu.

— Foda! Foda! FODA-ME!

Ele pediu e ela deu. Intensificou as carícias rentes ao traseiro dele, enquanto com a outra mão, bombeou o pau. Viu Brian entregar-se... sem controle algum.

Grunhidos desconexos e alguns "porra, Lilly" saíram daquela boca suja. Ela girou o dedo e apertou com força o ponto de gatilho masculino. Ele jorrou forte... como petróleo, gritou, contorceu-se... e gozou para todo lado. Sem parar a pressão, Lilly sugou-o na tentativa de saboreá-lo até o limite e ele balançou o pau implacavelmente na garganta dela, tremendo de prazer.

Brian estava no paraíso e ela sentia-se radiante.

Lilly lambeu delicadamente a abertura na glande em busca das últimas gotas, prolongando ainda mais o prazer dele.

— Porra, Lilly, porra! — rosnou e gemeu. — Assim você me quebra! É a mulher perfeita pra mim.

Com as pernas bambas, Brian desceu ao chão e a envolveu em um abraço trêmulo e molhado. Estavam felizes e completos. Por alguns minutos, ficaram enlaçados e emaranhados no chão só apreciando a força do êxtase que os consumia. Quando ele segurou o queixo impetuoso e a olhou com plenitude, o coração de Lilly contraiu.

— Pequenininha... eu te amo é pouco para traduzir a profundidade dos meus sentimentos por você.

Não faz isso, Brian!

Se eu me apaixonar mais um pouco, vou sublimar no ar...

Num ímpeto, Lilly juntou suas bocas em um beijo urgente. As línguas se exploraram em um sussurro gritado... traduzindo o que não precisava ser dito. Era amor... era maturidade... era tudo... posse... raiva... carinho... desejo... angústia... Era viver perdendo-se, e encontrando-se um no outro.

Os joelhos dela cederam quando ele levantou trazendo-a consigo. Colado às costas dela, imprensou-a contra a vitrine de vidro e dedos talentosos deslizaram pela barriga lisinha e depois entre as pernas.

— Preciso dizer obrigado da forma certa. — Sorriu em seu pescoço e o clitóris foi reverenciado com um outro solo enlouquecedor, até que ela gritasse pedindo bis.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly acordou soterrada pelo corpo do músico, que dormia profundamente. Braços e pernas poderosas a envolviam como os tentáculos de um polvo e a cabeça morena descansava na curva do pescoço dela. *Xixi! Deus, como eu estou apertada...* Desvencilhou-se dele do modo mais gentil que conseguiu e correu para o banheiro.

Depois de aliviar-se e de fazer sua higiene matinal, Lilly saiu do reservado, espiou pela vidraça do boxe e estranhou. O mar de grama verde onde o QG estava parado não condizia com o estacionamento de um estádio. *Bucólico demais*. Definitivamente, ali não era o centro nervoso da cidade de Baltimore, que ficava à beira-mar, e era o principal centro urbano, financeiro e cultural do estado de Maryland, um formigueiro de prédios e de gente.

Curiosa, ela queria perguntar que lugar era aquele para Brian, mas ele continuava apagado. Então abriu a cômoda com cuidado e apanhou algumas peças de roupa. Vestiu uma saia jeans, uma regatinha branca e um casaquinho claro com estampas de rosas. Prendeu os cabelos em um rabo de cavalo bem alto, calçou um par de *All Stars* vermelhos e foi procurar por alguém que explicasse onde estavam.

Abriu a porta no fundo do *Palazzo* e a sala, com os longos sofás laterais e a estante com TV, estava ainda mais clara. Os destaques vermelhos da decoração e almofadas ganhando destaque. Raios de luz dançavam pelo ambiente iluminando pequenas partículas de poeira que pairavam no ar. Ela cerrou os olhos, protegendo-os de tanta luminosidade. Havia um agradável aroma de café fresco no ar.

Avistou Dilon e Mark conversando na cozinha. Foi até eles.

— Bom dia — disse, assim que chegou bem pertinho.

Dilon abriu um sorriso preguiçoso.

— Bom dia... café? — Ergueu a xícara.

— Oi. — Mark se restringiu a um sorriso aborrecido.

Lilly sorriu para ele, foi até o balcão e encheu uma xícara de café. Virou-se.

— Posso? — Apontou para o espaço vazio ao lado do faz-tudo. Ele estendeu a mão em um gesto afirmativo.

Sentou-se e esticou as pernas por baixo da mesa.

— Eu pensei que fôssemos direto para o estádio? — ela perguntou e tomou um gole de café.

O rosto de Mark esboçou uma leve tensão.

— Esse era o plano.

Lilly odiava quando Mark bancava o evasivo.

— E não é mais, por quê? Vai me dizer ou é segredo de estado? Onde estamos? — Ela apontou para a janela da cozinha atrás dele.

Empresário e faz-tudo se entreolharam.

— Cancelamos o show — Mark disse, por fim.

— Cancelaram? Por quê? Onde estamos? — ela insistiu.

Dilon bebeu de uma vez o conteúdo da caneca e virou para Lilly.

— No Country Club de Baltimore.

Mark bufou, sabendo que ela insistiria até que ele abrisse o jogo.

— Essa madrugada, eu recebi uma ligação anônima. Depois do que aconteceu no show da Ariana[72] e com toda esta instabilidade política, resolvi não arriscar e cancelei a apresentação. O Clube de campo só abre aos fins de semana, achei melhor virmos para cá e evitarmos os hotéis. Estamos aqui em sigilo. Soltei um boletim oficial lamentando o cancelamento e informando que já tínhamos deixado a cidade.

Um choque de terror percorreu o corpo de Lilly. A xícara de café ficou congelada a caminho da boca.

— Iam explodir o estádio com a gente lá?! — exclamou horrorizada.

Dilon grunhiu com irritação.

— Terroristas filhos da puta!

Mark olhou para ele pedindo calma e voltou para Lilly.

— Acho improvável. Além do mais, pode ter sido só um trote. Muitos babacas têm ideias estúpidas e falam merdas em bares quando estão bêbados. Já recebi outros avisos que deram em nada, mas... como disse, achei melhor não arriscar. Quem ligou, queria que eu alertasse a todos para tomarem cuidado e repetia coisas sem sentido sobre alguém estar fora de controle e ressentindo.

O *quê?*

Lilly mal conseguiu absorver as palavras, sua mente girava em todas as direções, depositou a xícara na mesa.

— Tem certeza de que era um homem? Sabe quem é?

Caralho, Lilly! Foco! Acabei de dizer que foi anônimo.

Uma linha fina se formou na testa de Mark.

— É claro que era um homem, mas sei lá quem é... existe maníaco para tudo — respondeu com certa impaciência, mas resolveu respirar. — A ligação foi feita de um celular não identificado.

— Avisou a polícia?

Com um suspiro, Mark esfregou o rosto cansado.

— O prefeito está me ajudando com tudo.

— E o pessoal? — Lilly levantou a cabeça indicando o andar acima deles.

— Não será um grande drama, no fundo, vão apreciar a folga. Além do mais... voltaram tão bêbados que não adiantaria falar nada. E vocês... — Mark fez uma careta. — Bom... eu gosto demais do meu pescoço, Brian me proibiu de interrompê-los quando estiverem a sós.

Dilon soltou uma risadinha abafada e Lilly corou.

Mark deu um olhar mortal para ele.

— Por que não vai ver se está tudo bem no *home* da técnica? — ordenou, não pediu.

— Só se for agora, General. — Dilon levantou-se de um pulo, despediu-se e saiu apressado.

Uau!

Lilly achou o tom mandão de Mark desnecessário, mas não disse nada. Entendia o nervosismo do empresário. Não era preciso ser nenhuma gênia para saber o quanto um cancelamento era desastroso.

— Pode dar a notícia quando ele acordar? — Mark apontou para o quarto evitando os olhos dela. Seu tom era um pouco mais ameno, mas ainda assim parecia uma ordem e não um pedido.

Ooook, General!

— Posso, claro! — Ela levantou-se como um soldado. — Acho melhor eu ligar para casa e ver se está tudo bem. — Algo dentro dela pedia por aquilo.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

De pé, Lilly olhou para Brian deitado embaixo de uma árvore, todo relaxado, com os braços cruzados sob a cabeça. O moreno não parecia mesmo estar preocupado com as ameaças recebidas por Mark.

Ao acordar, ele ouviu tudo o que Lilly dissera sem demonstrar surpresa, vestiu-se e convidou-a para um passeio pelos jardins. Brian amava os shows e estar no palco era sua vida, mas a cada dia que passava, as obrigações da fama vinham se tornando um fardo difícil de carregar. A loucura de alguns fãs era um pé no saco. Viviam inventando tragédias iminentes para

chamar a atenção e chegar até eles como heróis.

— Amor... — ele a chamou com doçura. — Vem aqui, comigo. Você já ligou para meia Los Angeles e viu que está tudo bem. Agora relaxa. — Ele esticou um braço e chamou-a em um gesto.

Indecisa, ela mordeu os lábios e olhou para o celular.

— Estou há horas tentando falar com o Antoine e nada. — Ela não era uma pessoa dada a sextos sentidos, mas o seu peito estava apertado de um jeito ruim. — Liguei na galeria e ninguém atendeu.

Brian sentou e apoiou as costas no tronco da árvore frondosa. Os campos do Country Club eram de tirar o fôlego, quilômetros e quilômetros de grama bem tratada e árvores centenárias com folhas em um tom avermelhado. Um vento forte lambeu o chão, fazendo o carpete verde ondular. Ele girou os olhos ao redor, enquanto passava as mãos na cabeça tentando domar os cabelos e o temperamento. Aquela preocupação toda com o merdinha da camisa polo o irritava e muito.

— Desencana... notícia ruim corre rápido. — Brian abriu um sorriso e estendeu os dois braços a chamando para perto. — Vem cá, vem... deixa eu te apertar.

O telefone dela tocou. Era o tio Ed, e após as primeiras expressões tensas que se formaram no rosto de Lilly, Brian praguejou em pensamento:

Merda!

Boca maldita a minha!

Ele levantou de um pulo e correu para ampará-la, assim que o celular caiu no chão e Lilly desatou a chorar convulsivamente.

— O que foi que o tio Ed disse? — perguntou, tentando enxugar as lágrimas que rolavam freneticamente pelo rosto delicado.

Sem erguer a cabeça, ela fungou e tentou controlar-se. Agarrou-se ao tecido da camiseta cinza de Brian buscando equilíbrio.

— A galeria... pegou fogo — disse em um sussurro. — O Antoine... ele tentou salvá-las, mas... tinha muito fogo. — Explodiu em prantos novamente.

— Salvar quem?

A resposta não veio, apenas mais um rompante de lágrimas e tremores. *Puta merda!* Brian sentiu o corpo de Lilly fraquejar, e antes que ela desabasse no chão, pegou-a em um movimento rápido. Com ela nos braços, abaixou, capturou o celular do chão e marchou apressado. Atravessou

os campos o mais rápido que sua calça jeans permitiu, em direção ao *Palazzo*.

Não queria saber de mais nada. A cabeça dele estava pirada. O aviso que Mark recebera tinha sido para Lilly e não para eles? Será que a ordinária da Ava tinha cumprido a promessa de se vingar? Segurou-a mais apertado nos braços e beijou o topo da cabeça de Lilly, sentindo o aroma delicado de lima.

— Pequenininha... eu vou dar um jeito. Vai ficar tudo bem... tudo bem... — a promessa saiu sufocada pelo esforço.

Brian subiu os degraus do *Palazzo* de três em três e encontrou o restante da banda reunida na sala, todos com cara de ressaca e surpresa. Assim que colocou Lilly sentada no sofá, Penne e Big prostraram-se ao lado dela.

— Ah... minha Boneca, vai dar tudo certo. — A loirinha a abraçou.

Em seguida, Big passou os braços em torno das duas, fechando-as em um casulo.

— Vai ficar tudo bem... — prometeu o mesmo que a outra amiga.

Adan aproximou-se de Brian e apertou o ombro de modo a confortá-lo.

— Como ela está?

— Chocada.

Gabe pulou da cadeira.

— Vou fazer uma água com açúcar para a J.J.. — Correu para a cozinha desviando de Daniel, Lion e Josh, que observavam a tudo, calados.

— Acabei de falar com o tio Ed, mas que merda, hein. — Mark sentou-se em umas das poltronas laterais da sala. — Parece que a coisa foi proposital. O alarme de incêndio tocou e um vizinho avisou Antoine. Quando ele chegou lá, a coisa toda estava fora de controle.

— Alguém se machucou? — Brian perguntou, com medo da resposta.

— Não, foi no meio da madrugada. O prédio da galeria estava vazio. Encontraram o segurança apagado em um beco.

— De madrugada? — Adan cruzou os braços, ainda parado no meio da sala. — Acho que a ligação que recebeu pode ter sido para a... — O vocalista parou a frase no meio e olhou de soslaio para Lilly e depois voltou para Mark.

O empresário inclinou o corpo para frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e esfregou as mãos. — Não faz sentido, por que me alertar? Não, não faz sentido...

Adan balançou a cabeça, pensativo. Para ele fazia todo o sentido.

Alheio à conversa do vocalista e do empresário, Brian observou a agitação de Gabe. Assistiu o baixista entregar a água para a Pequenininha, que estava soterrada entre os amigos, e depois sentar-se aos pés dela no chão. Era bom que todos estivessem ali para acalmá-la. Seria egoísmo de sua parte pensar que, sozinho, poderia suprir todas as necessidades da esposa. Lilly era uma mulher de raízes e afeto. Alguém que ao longo do caminho, ia somando amizades e não substituindo.

— E o Antoine? — mais calma, Lilly quis saber.

Quando ela soube que suas obras haviam sido destruídas, seu cérebro entrou em curto. Estava envergonhada por ter encerrado a ligação com o tio, sem entrar em detalhes sobre o real estado de saúde do agente.

— Engoliu um pouco de fumaça, mas está bem. — Mark lançou um olhar gentil para ela, que havia parado de chorar e o observava atentamente. — Seu tio quer que vá para Los Angeles imediatamente.

— Eu também vou — Brian disse sem pestanejar.

— Tem certeza? — ela sussurrou.

Ele a olhou com tanta determinação que o coração dela saltou.

— Absoluta. Sem mim, você não vai — disse.

Lilly assentiu aliviada e sussurrou:

— Obrigada.

Não queria ter que enfrentar a situação sozinha. Brian era como a sua fortaleza. Precisava dele junto a ela. Aquelas pinturas iriam para Londres. Perdê-las, prejudicaria a carreira dela com certeza, mas era o emocional que estava em frangalhos. Havia colocado a alma em cada pincelada.

Brian voltou-se para Mark.

— Nem adianta querer me impedir. Eu vou e isso não está em discussão.

— Achei que fosse querer ir, *Lover Boy*. — Mark desviou o olhar de Lilly para o músico. — O jatinho da banda está vindo pra cá, vai levá-los para casa. O Daniel e o Lion vão com vocês, e isso também não está em discussão. Resolvam tudo, mas me prometa que amanhã, entrará naquela merda de avião e voará direto para Norfolk. A turnê no estado da Virgínia é muito importante, sabe disso.

Brian assentiu prometendo.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Mal tiveram tempo de pegar algumas roupas e correram para o aeroporto. Passaram o voo todo aconchegando-se um no outro. Brian a tratou com ternura. Seus pequenos gestos, demostravam a preocupação e o desejo dele em fazer qualquer coisa para que Lilly se sentisse bem...

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Está tudo bem? Quer um travesseiro?*

— *Não... só me deixa ficar assim agarradinha. Seu cheiro me acalma.*

— *Então chega mais... que vou te apertar bastante, para nenhum pensamento ruim conseguir entrar.*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Chegaram em Los Angeles no comecinho da noite. A SUV da banda esperava por eles no hangar exclusivo.

O carro foi direto para o hospital entrando pelo estacionamento privativo, para evitar a aglomeração de repórteres na entrada principal. Àquela altura, a notícia de um possível incêndio criminoso havia se espalhado.

Na recepção, foram informados que Antoine ficaria em observação. Subiram de mãos dadas até a ala dos queimados, escoltados por dois policiais. Lilly e Brian enfiaram as cabeças pela fresta da porta, perguntando se podiam entrar. O homem gigante, que se remexia na cama e reclamava com a enfermeira, olhou-os com certo alívio e acenou.

Com a mão bem atada à de Brian, Lilly entrou. *Graças a Deus, ele está inteiro*. Ela soltou o ar dos pulmões e depois inspirou profundamente. Havia uma queimadura superficial aqui e outra ali, mas fora isso, ele parecia estar bem.

— E aí, cara? — Brian tomou a iniciativa. — Fico feliz que esteja bem.

Antoine sorriu polidamente para o músico.

— Estou bem, esses médicos que são uns exagerados. — Olhou feio para a enfermeira que trocava o soro.

— O senhor inalou muita fumaça, precisamos ter certeza de que seus pulmões ficarão bem.

Lilly aproximou-se, arrastando Brian com ela.

— Poxa vida! Fiquei tão preocupada com você. O que fez foi uma loucura.

— Eu sei o quanto se dedicou àqueles quadros — Antoine foi sincero. — Eu tentei, mas... Ai, ai! — reclamou com a mulher que ajeitava a intravenosa e o rosto dele franziu em sinal de desconforto. — Pode nos deixar a sós por um instante.

— Acredita que foi a Ava? — Lilly disparou, assim que a enfermeira saiu.

Os olhos de Antoine cresceram de espanto.

— Acho que Ava é louca, mas não burra. Depois do que ela aprontou no Grammy, todos os olhos estão voltados para ela. Além do mais, a câmera de segurança captou uma imagem antes de ser desligada. Não está nítida, mas mostra alguém parrudo e de cabelos escuros, alguns palmos mais alto do que a sua irmã.

Alto e parrudo?

Definitivamente, aquela não era a descrição da Ava ou do Will. Lilly suspirou.

— E a polícia?

— Está tentando descobrir alguma coisa, mas não sobrou quase nada. A sala climatizada foi destruída, as suas e as outras obras, dos demais artistas que represento, viraram pó. A boa notícia é que tudo estava no seguro.

— Não estou preocupada com o dinheiro. — Lilly largou da mão do Brian e segurou nas grades da cama. O músico veio atrás e abraçou-a pela cintura. — A questão é... eu nunca vou conseguir reproduzir aqueles quadros. A exposição já era.

— São só cinco telas. — Antoine agitou-se. — E as aquarelas que tem em casa? A das luzes e formas? Elas fazem parte do mesmo ensaio que selecionamos para Londres.

Não, eu as fiz ouvindo o solo do Brian!

Não vou me desfazer delas!

— Impossível, aquelas têm valor sentimental. Tenho umas três quase prontas no ateliê, mas não sei se consigo finalizá-las e criar outras duas em um mês.

— Claro que consegue. Sabe o quanto Londres é importante.

— Não tenho espaço.

As sobrancelhas de Antoine arquearam.

— Tem um ateliê inteiro!

— Não no QG.

— Fique em Los Angeles! Não pode querer continuar com esta loucura de turnê, quando a sua carreira está em jogo.

— Ele tem razão. Precisa ficar e concluir o seu trabalho — Brian sussurrou no ouvido dela, mesmo querendo o contrário.

Lilly girou nos calcanhares ficando de frente para ele.

— De jeito nenhum! Eu quero ficar com você. Dane-se, Londres!

Brian respirou fundo e segurou o rosto contrariado de Lilly.

— Pequenininha, eu não posso deixar que destrua a sua carreira... vou morrer por ficar longe, mas precisa fazer isso.

— Não. — Os olhos dela lacrimejaram. — Eu não quero... vou me odiar se fizer isso e não vou conseguir pintar nada do mesmo jeito. Eu não funciono assim, não posso desligar o interruptor, deixar as coisas que amo para trás e produzir como uma máquina. Aqui ou no QG, eu não conseguiria de qualquer forma.

— Lilly, seja sensata. Estamos esperando por essa oportunidade há dois anos.

— Não, Antoine. — Olhou-o sobre os ombros. — Ficar longe do Brian está fora de cogitação.

Merda!

Brian baixou a cabeça e esfregou o próprio rosto. A impotência da situação era avassaladora.

Porra! Porra! Porra!

Cancelaria a turnê, sem pensar duas vezes, mas não tinha o direito de prejudicar os caras daquela maneira. Não era justo envolver a todos em um problema que era só deles.

Merda! Droga! Bosta!

Ficar longe de Lilly ia acabar com ele.

— De quanto espaço precisa? — A mente dele começou a trabalhar. — Podemos tirar a cama, liberar o quarto.

— Aquela cama é soldada no chão! — Lilly riu. — Esquece, mesmo que me concentrasse

só nisso, não sei se conseguiria.

— Vai desistir antes de tentar? — Brian foi severo com ela. — Eu quero que fiquemos juntos, mas só vou aceitar que continue conosco, se me prometer que irá se dedicar de corpo e alma para chegar em Londres e detonar!

— Mas como?

— Não sei. Só sei que você não vai desistir! — Brian exaltou-se. — A Lilly que eu amo é uma sobrevivente, uma guerreira! — Ele voltou a segurar o rosto dela com força. — Escuta aqui... Nesse momento, algum ordinário está lá fora rindo, achando que fodeu as coisas e ganhou a parada. Vai deixar isso acontecer ou vai mostrar para esse filho da puta que ele está errado?

— Eu... eu... quero, mas...

— Não tem essa de eu quero, mas... Você vai vencer essa! Nós vamos, juntos!

E foi ali, com aquela atitude, que Brian conquistou o respeito de Antoine.

Caramba, esse cara ama a minha Pequena Picasso pra valer!

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Saíram do hospital e foram direto para *Dreams Beach*. Boa parte da noite foi gasta entre acalmar Marie e separar os materiais de pintura de Lilly que, exausta, caiu em um sono profundo e agitado.

Brian não conseguia pregar o olho, então levantou, checou as janelas mais uma vez, desceu e encontrou Max de vigília na sala.

O segurança levantou da poltrona, assim que viu o patrão ao pé da escada.

Vestindo apenas a calça de um pijama azul-marinho, e descalço, Brian fez um gesto para que ele voltasse a sentar, aproximou-se e tomou lugar na outra poltrona ao lado dele. A sala ampla continuava imaculadamente clara, arrumada e repleta de vasos com arranjo de flores brancas. As cortinas leves balançavam com a brisa do mar vinda da varanda aberta.

— Senhor — Max o cumprimentou polidamente.

— Esqueça as formalidades. Brian é o suficiente.

O homem assentiu e apoiou os cotovelos nos joelhos, dando total atenção ao músico que passou a mão nos cabelos rebeldes e o encarou com preocupação.

— Como foram as coisas por aqui?

— Tranquilas.

— E Marie?

— Segura.

Brian assentiu, confiava nele. Sabia que Max era homem de confiança do tio Ed e que, depois de se aposentar, trabalhara por um período na mineradora.

— Era policial, certo?

Max sorriu de um jeito discreto.

— A gente nunca deixa de ser — respondeu, e já sabendo onde Brian queria chegar, continuou: — Ainda tenho as minhas conexões. Depois do que aconteceu no Grammy, pedi que alguns amigos mantivessem um olhar atento em Ava e Will. Ela passou parte da noite de ontem perdendo dinheiro no Jóquei e ele amanheceu bêbado em um bar. Ambos foram para casa e não chegaram nem perto da galeria.

Brian gostou da iniciativa. Ele precisava de olhos além da rotina da banda e saber que Max zelava pela segurança de Marie e Lilly, o fez respirar mais aliviado, mas não muito.

— Isso é bom, mas não quer dizer muita coisa — constatou com cautela.

— Não, claro que não. Qualquer um poderia ter feito aquilo a mando de um deles. — O homem tirou uma caderneta do bolso interno do paletó escuro, abriu-a e passou os olhos sobre as páginas. — Conversei com o Antoine. Fui para a galeria, assim que soube do ocorrido.

— E?

A expressão de Max fechou.

— Quase nada... o homem estava atordoado, mas não acredita em algo direto contra Lilly. Disse que no ramo dele, o sucesso causa certa insatisfação... e desafetos. Confessou que é ambicioso e que seus métodos para a captação de clientes não são lá os mais éticos. Alguns *Marchands* se ressentem de terem perdido para ele representações lucrativas...

— Direto ou indireto... — Brian esfregou o rosto cansado. — não posso me arriscar com a segurança da Lilly. Conheço tipos como os de Ava e o nosso casamento foi um golpe duro para as ambições dela. Está com raiva e contrariada, a coisa passou a ser maior do que apenas dinheiro.

— Eu sei. Ava tem deixado claro, por onde passa, que a atenção da imprensa e admiração que Lilly vem conquistando a desagradam. — Max refletiu por alguns segundos. — Até agora, temos nos restringido a acompanhar de longe os passos de Ava e Will. Se me permitir, eu gostaria de ir além.

Brian esfregou a barba e encarou o homem. Sabia o que ir além significava. Um gosto amargo brotou em sua boca. *Merda!* Escancarar a privacidade de alguém era ir contra tudo o que ele mesmo defendia. *Merda!* Respirou fundo.

— Vá em frente — deu a ordem, certo de que faria qualquer coisa para manter Lilly segura.

Conversaram por mais um tempo. Brian contou que, até aquele momento, o episódio dos drones continuava sem solução. Explicou que o aparelho havia sido registrado sob uma licença falsa, que as negociações com o tal site que divulgara as fotos foram feitas através de um e-mail e caixa-postal anônimos, e que a polícia deu o fato por encerrado, acreditando ser obra de algum lunático da imprensa marrom. Max prometeu investigar e manter Brian informado de tudo.



39

O dia começou cedo em Los Angeles, com a visita de um inspetor de polícia. Brian e Lilly foram pegos de surpresa, ainda na mesa do café da manhã, pelo homem baixinho, barrigudo, cujo bigode abundante compensava os poucos fios na cabeça redonda e rosada.

Por educação, convidaram-no à mesa e entre uma garfada e outra, o policial os encheu de perguntas sem sentido.

— Hum... quer dizer então que estavam fora da cidade? — O homem abocanhou uma fatia de bacon.

— Leesburg, em seguida partimos para Baltimore — Brian respondeu sem muita paciência. — Estamos fora há cerca de uma semana.

— Hum... Leesburg, a cidade dos *Outlets*... álibi interessante. Fizeram muitas compras por lá? — A sobrancelha também abundante do policial arqueou. — Têm os recibos?

Hã?

Lilly agitou-se na cadeira.

— Recibos? O senhor não está querendo insinuar...

O homem interrompeu-a ao rir e balançar a pança.

— Hum... acordamos nervosos? Não insinuo nada, meu benzinho. Só checo os fatos em todos os detalhes. — Enfiou um bolinho de canela inteiro na boca. — Tem que convir, que trinta milhões de seguro, por uns rabiscos feitos em guache, é uma bolada e tanto... — disse de boca cheia.

O quê? Como ousa?

Idiota!

Lilly desviou o olhar para a travessa de bolinhos. Deus foi testemunha do quanto se esforçou para conter o ímpeto de espatifá-la na careca brilhosa do desaforado.

— Não são rabiscos, são aquarelas! — a voz dela soou indignada. — O que o senhor está querendo insinuar? O dinheiro não cobrirá nem um quinto do valor das obras! É óbvio que estou nervosa! O meu trabalho foi destruído! — Lilly jogou o guardanapo sobre a mesa fazendo menção de levantar-se.

Droga!

Com agilidade de um super-herói, Brian estendeu o braço e segurou a mão da esposa, na

tentativa de conter os ânimos. Sua Pequenininha não tinha acordado no melhor dos seus humores.

— Amor... calma — disse com a suavidade de um domador de leoas e olhou feio para o gorducho. — O senhor está indo por um caminho perigoso. — As veias das têmporas de Brian começaram a pulsar.

— Está me ameaçando?

— Não... — negou, mas a linha fina que se formara nos lábios do músico, dizia que sim. — Entretanto, está na nossa casa e não vou admitir que desrespeite a minha mulher. A senhora Pierce não é o seu benzinho e caso não tenha percebido, ela é uma das vítimas.

O homem sorriu satisfeito, tinha aprendido aquela técnica de interrogatório em um episódio de CSI Miami: provocar até que os suspeitos perdessem a paciência e confessassem.

— O que disse que fazia mesmo, senhor Pierce? — Ele girou os olhos ao redor. — Manter isso aqui deve ser custoso. São herdeiros ricos de Hollywood?

Esse cara só pode estar de brincadeira!

Brian respirou fundo, estava na cara que o policial não era ligado em música *pop* e nem tinha se dado ao trabalho de checar quem era ele ou até mesmo a Lilly. Se tivesse feito, saberia que ela era uma herdeira sim, mas que se mantinha sozinha desde os dezoito anos, sem tocar em nada deixado pelos pais.

— Tudo é fruto do nosso trabalho, inspetor Marshall. Trabalho duro, aliás. Já disse, sou músico e Lilly uma artista renomada.

Lilly deixou escapar um suspiro impaciente e voltou a encarar a travessa de bolinhos. Primeiro o casamento, agora o incêndio... aquela desconfiança generalizada para cima deles era um pé no saco.

— Deveria estar atrás de quem nos ameaçou — ela disse em um tiro. *Esse homem não checou os arquivos policiais*? — Por acaso, o senhor já verificou onde estava a minha irmã? — perguntou em um tom mais controlado, porém ainda indignado.

Droga!

Na mesma hora, Brian mordeu os lábios.

— Merda! — praguejou entredentes, arrependido de não ter dito nada sobre a conversa que tivera com Max na madrugada.

As feições do policial esboçaram um: *Dã!*

— Claro que fui atrás, só que não ao vivo. Sou um homem conectado, benzinho. —

Apontou um celular antigo em cima da mesa. — A dona Ava não pôde me atender, então chequei o *Facebook* dela e estava cheio de fotos da festa que aconteceu no Jóquei na noite do crime. — O homem sorriu satisfeito dele mesmo. — Já o de vocês, não existe. — Apontou de um para o outro, de um modo acusatório. — Parece até que andam se escondendo. Têm testemunhas que comprovem que estiveram em Leesburg?

— Nem todo mundo gosta de ter a vida pessoal exposta nas redes sociais! — Lilly explodiu. — O senhor consulta os relatórios policiais ou costuma pesquisar só no *Facebook*? Já tentou o *Instagram*? Dizem que é muito bom também!

— Insta o quê? — Os olhos negros do homem iluminaram e depois se fecharam. — Alto lá! Eu sei o que está fazendo! — Bateu palmas. — Bela técnica de distração, senhora Pierce, mas quem faz as perguntas aqui sou eu! Têm ou não têm testemunhas?

Apesar de nervoso, Brian mordeu a palma da mão para conter o riso.

Lunático!

Aquele cara era um lunático.

— Talvez o senhor possa interrogar as quarenta mil pessoas que assistiram ao show e me viram no palco. Tenho certeza de que o Face delas deve estar recheado de fotos. — O riso de Brian escapou quando o homem engasgou com outra fatia de bacon que tinha enfiado na boca. — Se mesmo assim não for suficiente, pode conversar com as centenas de jornalistas que fizeram a cobertura. Os sites e revistas nos quais trabalham divulgaram fotos nossas, antes e depois do show. — Apontou o copo d'água.

Tudo o que Brian não precisava era de um gorducho morto no meio da sala de jantar.

O inspetor tomou o líquido de uma tacada só e respirou várias vezes em busca de ar.

— Disse quarenta mil pessoas? — gaguejou, ainda meio engasgado.

Brian engoliu o riso e franziu o rosto na tentativa de parecer sério.

— Isso, quarenta e três mil, para ser mais preciso.

Lilly abriu o primeiro sorriso do dia, aquecendo o coração de Brian.

— Amor... não esqueça das centenas de jornalistas. — Piscou para o músico, e depois abriu outro sorriso ainda maior para o inspetor, só que aquele estava recheado de ironia. — Como o senhor Marshall disse, ele é um homem conectado, acho que não terá problema para checar o Face de cada um deles.

— Vou precisar de banda larga. — O gorducho contorceu-se na cadeira.

As faces rosadas do inspetor empalideceram e Brian soube que daquele mato não sairia cachorro nenhum.

— Caso não se importe, eu e minha esposa precisamos nos arrumar — informou ao baixinho. — Temos um voo marcado para daqui a poucas horas, mas, antes, pretendemos passar no hospital para conversar com o Antoine. Se precisar de mais informações, contate o Max, ele está a par de tudo — disse já se levantando.

Assim que se viram a sós, os dois se entreolharam e caíram na gargalhada.

— Aquele cara era real ou foi pegadinha? — Brian riu tanto que a barriga chegou a doer.

Lilly limpou uma lágrima que escorria no rosto.

— Sei lá, mas se formos depender dele para descobrirmos alguma coisa, nós estamos lascados.

— Muito lascados — Brian disse feliz ao ver que o humor dela tinha voltado. — Agora vem cá... deixa eu te dar um bom-dia direito. — Pegou-a nos braços e subiu para o quarto.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Algumas horas depois em Norfolk...

Lilly congelou, sem poder acreditar no que seus olhos viam. O emocional dela estava uma bagunça. As últimas horas tinham sido como uma montanha-russa cheia de pontos altos e baixos, transitando entre o péssimo, o hilário e o maravilhoso.

A emoção a impedia de falar.

Sentiu as lágrimas ameaçando cair nos cantos dos olhos e intensificou o aperto na mão de Brian. *Meus anjos*... Aqueles cinco amigos doidos tinham o poder de melhorar tudo e fazer o coração dela sorrir.

Respira!

Como eles fizeram isso?

Perder as obras tinha sido ruim, claro. Mais um baque em uma sequência de perdas e dissabores, entretanto sentia-se estranhamente afortunada e segura. Havia se dado conta de que ganhara bem mais do que perdera. Agora, ela fazia parte do grupo dos "*Para Sempre*". Apesar de serem "*amigos*" diferentes entre si, juntos se completavam formando um bando louco, confiável,

engraçado e, por vezes, irritante.

Amigos de verdade.

— Não vai falar nada? — Penne desgrudou da janela lateral e foi a primeira a se manifestar. — Aquele incêndio foi covardia, tínhamos que fazer alguma coisa.

Lilly abriu a boca e tornou a fechar.

Estava sem palavras, de verdade!

A sala de jogos no piso superior do QG ficara irreconhecível. Naquelas poucas horas, haviam-na transformado em um estúdio. A mesa de bilhar fora retirada para dar lugar a uma mesa de trabalho, um cavalete e um banquinho. O sofá de couro branco, que circundava a parede traseira e parte das laterais da saleta, estava cheio de cestas e caixas repletas de materiais de pinturas. Também havia telas dos mais diversos tamanhos, encostadas em uma das paredes... Até um vaso de flores tinha sido colocado sobre o frigobar, ao lado de uma poltrona para descanso.

Sem falar em toda aquela iluminação natural entrando pelas vidraças amplas...

Simplesmente, perfeito!

— Estou sem palavras — Lilly sussurrou. — Como conseguiram?

Ela tinha trazido de casa alguns materiais de pintura, mas aquilo diante dela era mil vezes mais do que poderia precisar... era incrível.

— Eu e o Mark fomos às compras — Penne disse com orgulho.

Gabe se aproximou e passou o braço sobre o ombro dela.

— E nós, homens, fizemos um mutirão, o Dilon também ajudou. A gente não queria que você fosse embora, J.J..

Ownnn, que adorável.

Embora houvesse um único detalhe técnico incomodando Lilly, o sorriso doce de Gabe era meio que irresistível, então ela levantou a cabeça e esforçou-se para oferecer a ele o mesmo sorriso gentil.

— Adorei o que fizeram, de verdade, mas como vão fazer com as garotas? — preocupou-se, os rapazes disputavam aquele espaço a tapa para as fodas pós-show.

— Elas que se danem! — Penne olhou feio para o Adan. — Odeio que aquelas vacas entrem aqui.

— Aquela mesa era muito desconfortável. — Gabe soltou Lilly e foi até o frigobar atrás

de uma cerveja. — J.J., eu posso te fazer companhia, enquanto o Brian estiver passando o som. Sou bom nos desenhos. — Sorriu de um jeito travesso, abriu o lacre da latinha e tomou um gole.

— Isso vai ser legal — ela disse ainda sem jeito.

Brian percebeu o incômodo no tom de voz de Lilly, então inclinou a cabeça sutilmente e provocou-a com um sussurro bem safado no ouvido:

— Legal vai ser quando eu te foder, enquanto pinta.

Hã?

Deus do céu!

Lilly se remexeu, tomada pelas lembranças da manhã quente que tiveram. Os pelinhos de sua nuca arrepiaram ao imaginar as possibilidades de foda que aquela nova decoração oferecia.

Esse homem lambuzado de tinta deve ficar um espetáculo.

Big esparramou-se na parte livre do sofá e perguntou-se que sacanagem o amigo havia dito para deixar Lilly tão vermelha.

— Relaxa, Bonequinha... o Mark deixou a gente usar os quartos livres do *Palazzo II* — gargalhou de um modo quase perverso.

Adan, que estava sentado na poltrona de descanso, levantou um pouco os cantos dos lábios, sem chegar a sorrir.

— É... vai ser divertido... o otário não tem noção do que fez.

— Não tem mesmo — Brian divertiu-se, sem perder o foco em Lilly.

— Mesmo assim, não é justo. Primeiro a suíte lá de baixo, agora a sala de jogos. Eu mal cheguei aqui e já estraguei todos os esquemas de vocês.

Uma série de "*desencanas*" e "*não estragou nada*" pipocou no ar.

Penne deu um passo à frente, infiltrou-se entre Lilly e Brian e abraçou a amiga como se fosse um coala. O músico bem que rosnou em protesto, mas a loirinha nem ligou.

— Estragaria se tivesse decidido ficar em Los Angeles, a solução que o Brian deu foi perfeita. Aqui, vai poder criar com o mesmo conforto de lá.

Ah!

Então, foi por isso que ele estava todo misterioso durante o voo e não saía do telefone?

Uma onda de confiança correu nas veias de Lilly, e, pela primeira vez, acreditou que poderia dar conta do recado.

Três telas a partir do zero? Sim, eu consigo.

Sorriu para todos, e saber que a ideia tinha partido do marido, motivou-a ainda mais.

— Vocês são demais, nem amarrada eu conseguiria ficar longe — disse e depois lançou um olhar apaixonado para Brian por cima da cabeça de Penne, e murmurou:

— Eu te amo.

— Passagem de som em cinco minutos! — Dilon berrou do andar de baixo.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Muitos dias depois...

A caminho de Nova Iorque...

Os dias viraram semanas e depois, quase um mês.

O tempo de Lilly dividiu-se entre as tardes de trabalho, as visitinhas furtivas nos bastidores, os suspiros apaixonados durante os shows, os momentos de paixão na suíte e as madrugadas no estúdio improvisado no piso superior do *Palazzo*.

Ela estava um bagaço, mas um bagaço bem feliz. Arriscava-se a dizer que tudo andava perfeito. Nada de Ava, Will ou do inspetor aloprado, que deveria estar até aquele momento, ocupadíssimo, tentando verificar os quarenta mil perfis do *Facebook* pelo celular 3G.

Quer dizer... quase tudo perfeito.

Por que as mulheres tinham sempre que balançar os seios e sorrir com malícia quando Brian passava?

Aquela era uma coisa que a tirava um pouco do sério e por mais que soubesse que o músico não estava nem aí para as jogadas de charme, Lilly tinha a impressão de que jamais se acostumaria com o assédio para cima dele.

Droga!

Por que ele tinha que ser assim tão sensual?

Desviou o foco da tela e admirou o marido, com um olhar perdido.

— Não vai terminar nunca, se continuar a me olhar desse jeito indecente. — Brian baixou os óculos e ajeitou o corpão estirado no sofá do estúdio.

Ai, ai... como é sexy esse meu roqueiro nerd.

Pega no flagra, Lilly sorriu e depositou o pincel na mesinha ao lado do cavalete. Era madrugada, e as luzes vindas da estrada misturavam-se com a iluminação indireta do ateliê, fazendo o músico parecer uma de suas pinturas.

Tentador.

Ela remexeu-se no banquinho de trabalho, na tentativa de acalmar a animação interna que a imagem de Brian provocava. Ficava difícil se concentrar no trabalho, com ele ali: de calça jeans rasgada, camiseta branca desgastada, descabelado, descalço e escandalosamente atraente com aqueles óculos de leitura de aro grosso.

Sorte dela, que tinha acabado de assinar a última obra. *Graças a Deus!* Missão cumprida, e devia grande parte da façanha ao gostosão deitado à sua frente, observando-a atentamente. Brian era um homem de palavra, prometeu ser um guerreiro e foi. Mesmo cansado dos shows, tinha passado noite após noite lhe fazendo companhia no estúdio.

— Terra chamando Lilly — Brian disse com uma voz engraçada.

Lilly piscou os olhos fugindo dos milhares de pensamentos que pipocavam.

— O que está lendo? — Apontou para o livro apoiado no peito musculoso.

Aquele era novo.

Brian levantou o livro e virou a capa de modo que ela pudesse ver.

— Jane Austen, *A Abadia de Northanger*. Vão fazer uma nova versão para o cinema. — Ele abriu um sorriso quase arrogante. — Adivinha?

Os olhos de Lilly piscaram mais e ela jurou ter tido um mini-infarto. Sua reação com o hábito de leitura masculino já beirava ao sexual... e com Brian lendo daquele jeito todo compenetrado, tinha se tornado quase um fetiche. Ele não era apenas "*Um homem*". Era "*O Homem, o dono da porra toda*", com tudo a que tinha direito!

— Fala sério que a nova trilha sonora que te pediram, é para esse filme?

— Hum-hum... seríssimo. Estou lendo para entrar no clima.

Ai, Jesus!

A pele de Lilly esquentou.

Se ele precisava entrar no clima, ela não. Já estava dentro dele até o pescoço.

— Isso é incrível! — Bateu palmas. — Precisamos comemorar!

— Sentadinha aí! — Brian balançou a cabeça em negação. — Comemorações só depois

que terminar o quadro — disse e o coração dele apertou. Na noite seguinte, ela estaria embarcando para Londres sem ele!

Merda de contrato!, Brian praguejou mentalmente. *Malditos produtores de Hollywood!*

O músico tinha achado uma baita sacanagem quando eles se recusaram a adiar a data de estreia mundial do filme ou remarcar as seções para a gravação da trilha sonora.

O que eram alguns milhões de multa, diante do dilema dele?

A ideia de Lilly sozinha em Londres era indigesta.

Que se foda que Daniel vai estar lá para protegê-la!

Brian era o marido, era ele quem deveria fazer aquilo.

— Ai, ai, ai... direção errada, amor. — Lilly revirou-se no banquinho. — Tire essa preocupação da cara e a camiseta.

O *quê?*

— Camiseta?

— Sim. — Ela sorriu como se pedir por aquilo fosse normal.

— Nem vem, Pequenininha. Conheço bem esse seu olhar de *pare-o-mundo-que-eu-vou-te-devorar-todinho*.

Apesar da brincadeira, Lilly não estava gostando nadinha do vinco que se formara na testa do músico. Ela também desejava a presença dele em Londres, mas foram voto vencido. Fazer o quê? Decidida a melhorar o clima, juntou as mãos em oração e fez a sua melhor cara de cachorrinho pidão.

— Tire a camiseta... por favorzinho.

Desconfiado, Brian levantou uma sobrancelha.

— Para te inspirar?

— Hum-hum... — Ela mordeu o lábio inferior.

Brian sentou-se, colocou o livro de lado e arrancou a camiseta em um único movimento.

— Satisfeita? — Fez menção de tirar os óculos.

— Os óculos ficam.

Hã?

— Você tem um fetiche com os meus óculos?

— Qual a surpresa? Direitos iguais, *Lover Boy*. Os meus saltos altos pelos seus óculos.

É justo!

Brian esqueceu Londres. A lembrança de Lilly naquele banheiro do Grammy vestindo nada além dos saltos altos e o colar não deixava margem para nenhum outro pensamento.

Ele grunhiu e ajustou desajeitadamente os óculos. *Sim!* Depois, mirou nos pés descalços dela e a Fera acordou. *Que se danem os saltos!* O radar de luxúria dele andava descompensado e apontando para todos os lados. Ultimamente, achava um tesão tudo que vinha da esposa.

Quase teve um orgasmo espontâneo quando descobriu que Lilly costumava pintar, vestindo só uma camisa social antiga que resgatara do guarda-roupa do pai. O tecido claro respingado de tinta, que caía solto pelas curvas generosas, era um tiro na libido dele.

Ficava gostosa demais naquele jaleco improvisado, atingindo o nível máximo de irresistibilidade quando ela combinava a camisa com um rabo de cavalo alto um pouco desgrenhado.

Sensual demais...

Ele mordeu os lábios em uma expressão faminta.

— Gosto do seu uniforme, ele me enche de ideias.

Lilly sorriu de um jeito timidamente indecente.

— Costumava brincar de médico com essa camisa quando era criança.

Porra, Lilly.

Brincar de médico é sacanagem.

— Quer brincar comigo quando acabar de pintar?

— Não... — Ela franziu o nariz, fazendo pouco caso. — Isso era coisa pra criança. Agora, só gosto de brincar de pinte e apalpe.

Ai, caralho!

Acho que eu também gosto de pinte e apalpe!

Como prova apreciativa, o pau dele deu uma levantada tão forte que se o jeans não fosse resistente, teria rasgado.

Lilly divertiu-se, adorava quando a expressão ranzinza de Brian perdia a guerra para uma outra bem mais voraz.

— Quer que eu te mostre como é? — Ela levantou, tirou a tela do cavalete e encostou-a

em um canto da parede. Caprichou na empinada de bunda ao se inclinar para ajeitar o quadro.

Brian tossiu vigorosamente.

— E o seu trabalho?

— Esquece as aquarelas, estão todas prontas. — Sorriu sobre o ombro.

Brian absorveu a informação por um segundo e seus olhos violetas cresceram de tamanho.

— Todas? — Uma onda de adrenalina correu pelas veias dele.

Ela conseguiu?

Porra!

— Londres está garantida, graças a você. — Lilly abriu um sorriso radiante.

— Caralho, estou muito orgulhoso por você! — Quando ele foi levantar para abraçá-la, o mastro imprensado na virilha resvalou no zíper. *Ai, merda! Quase decapitei meu pau!* Com uma careta de dor, caiu de novo no sofá, afastando as coxas. — O mérito todo é seu — disfarçou a voz de agonia. — Tudo que eu fiz foi ficar do seu lado e, convenhamos, não deve ter sido nada inspirador me ver cair no sono e roncar.

Lilly riu e negou.

Mesmo apagado e roncando, ele continuava seu músico inspirador.

— Não esqueça daquela manhã em que eu tive que limpar a sua baba grudada no sofá. Aquilo foi meio nojento. — Ela fez uma careta e ele quase corou. — Tem certeza de que a festa vai longe? — Apontou para o vidro traseiro do *Palazzo*.

— Muita certeza. — disse animado.

As festas de estrada no *home* da técnica nunca tinham hora para acabar, e se por azar aquela acabasse, todos estariam tão bêbados, que não teriam condições de pedir para parar, descer do *home* e voltar para o QG. Provavelmente, dormiriam espalhados pelos sofás e chão, até chegarem em Nova Iorque.

— Tirando o Dilon, lá embaixo no comando, estamos sozinhos — completou.

— Sozinhos é bom. — Lilly piscou.

Em seguida, pegou um potinho de tinta vermelha e caminhou até ele. Abriu as pernas e sentou nas coxas do músico ficando de frente para o peito magnífico.

— O que vai fazer? — Brian perguntou, dividido entre olhar o dedo que afundava no pote de tinta e as coxas que ficaram deliciosamente expostas, quando ela sentou e a camisa subiu.

— Assinar a minha melhor obra de arte. Não quero ninguém cobiçando o que é meu, enquanto eu estiver em Londres.

Ela deixou o potinho de lado e inclinou-se empurrando o corpo dele, até que as costas largas estivessem apoiadas no encosto. Contente com o ângulo perfeito de visão, Lilly sorriu, e com a pontinha do dedo desenhou um coração ao redor do mamilo esquerdo dele. Em seguida, deslizou o dedo deixando uma trilha vermelha no abdômen sarado e escreveu a palavra MEU em letras garrafais, bem abaixo de umbigo do Brian.

O sangue começou a bombear forte nas veias dele.

Aquela brincadeira era sexy pra caralho.

— Uau! Possessiva você! — Ele sorriu, mas depois franziu a testa preocupado. — Essa tinta sai, né?

O riso doce de Lilly preencheu a sala.

— Depois de umas quinze lavagens, sai.

Ela fez menção de pintar a pontinha do nariz dele, mas a sua mão foi capturada no ar por outra bem mais forte.

— Minha vez.

Ele piscou e começou a desabotoar os botões da camisa dela, que no fim do processo deslizou caindo em um montinho no chão. A respiração de Lilly ofegou quando o músico pegou o dedo dela, afundou novamente no potinho de tinta e guiou o indicador trêmulo, até fazer o mesmo desenho no seio esquerdo. Em outro movimento similar, desceu pela barriga lisinha e escreveu um MINHA na linha da calcinha.

— Agora estamos quites. — Inclinou a cabeça e circundou a aréola do peito marcado, com a ponta da língua e depois soprou a área, até fazer a tinta secar.

— O *pinte* já foi, agora falta o *apalpe*. — Pequenas mãos ansiosas abriram o zíper para libertar a Fera.

Castanhos e violetas prenderam-se em um diálogo profundo. Lilly embalou o pênis nas mãos e lentamente começou a ordenhá-lo... para cima e para baixo... para cima e para baixo, sentindo a pele aveludada e rija contrair-se sob seus dedos. Nada foi dito, nem precisava, o entendimento entre eles acontecia assim, só com o olhar. O melhor do sexo, não era o sexo, mas a cumplicidade que transpunha dele.

Brian adorava ser tocado por ela.

Lilly amava o jeito como ele reagia aos estímulos dela.

Chegava a ser avassaladora a ligação que crescia entre eles. As respirações entrecortavam-se criando uma melodia só deles, as batidas dos corações pulsavam na mesma levada, misturando-se aos sons que vinham da estrada. Lado a lado... juntos e misturados... Não havia mais Lilly sem Brian e vice-versa.

Lilly fechou os olhos e curtiu o momento. Com as pontas dos dedos memorizou todos os detalhes daquele pau vigoroso. Adorava a textura, as veias que pulsavam, o calor em suas mãos, a forma como o pré-sêmen despontava, denunciando o descontrole dele.

— Preciso me livrar das calças... as minhas bolas... — Brian disse em um grunhido abafado.

Com agilidade, o músico levantou-se trazendo Lilly com ele, para depois, deitá-la de costas sobre o sofá. Livrou-se do jeans, enquanto admirava o corpo delicado remexer de desejo. Pronto para ela, ajoelhou-se no chão. Moveu o corpo delicado deixando-a sentada. Livrou-se da calcinha e com delicadeza afastou-lhe os joelhos escancarando sua intimidade.

Salivou.

— Vou sentir falta... — Brian tocou as letras escritas no baixo ventre dela e não era só do sexo que sentiria falta... era dela. Da sua presença. Acostumara-se à tranquilidade de tê-la por perto.

Lilly ofegou quando os dedos dele deslizaram, tocando a penugem em seu púbis.

— Vão ser só três dias, passarão rápido — ela murmurou mais para se convencer.

Ele abaixou a cabeça e começou a depositar uma sequência de beijos entre as coxas de Lilly. O coração apaixonado bateu mais rápido, ao sentir os aromas vindos do sexo rosado e inchado. Amava como aquela bocetinha se exibia para ele e inundava-se de excitação. Sentiu uma puxada nos cabelos, e excitou-se com os grunhidos doces que saíam da boca de Lilly, que se contorcia ansiosa por mais.

Com o indicador e o polegar expôs a carne macia, revelando um clitóris ansioso para ser chupado. Não queria torturá-la, ele também precisava daquilo, então foi com tudo. Lambeu-a de cima a baixo.

— Abra mais as pernas.

Muito excitada, Lilly obedeceu. Deslizou um pouco o bumbum, com as pontinhas dos pés fixou-se no chão, enquanto as panturrilhas contraíram para impulsionar o quadril de encontro com a boca carnuda de Brian.

— Gosta de se oferecer a mim? — a voz quente do marido em sua vagina aqueceu-a em uns mil graus.

— Sim... sim... — disse enlouquecida.

Ele moveu a língua em um vai e vem torturante, brincando de penetrá-la.

— Gosta quando eu te fodo com a minha boca? — Tirou e afundou a língua, sentindo a entrada macia do canal vaginal.

— Oh... Deus... Sim... — Lilly quase não conseguiu responder, devastada com a estimulação sacana dele.

Dois dedos a penetraram, ela jogou a cabeça para trás e gemeu alto.

— Ou prefere os meus dedos? — Girou-os no interior dela. — Isso te excita?

— Hummm...

— Responde... te excita?

— Sim... — Puxou o ar em busca de lucidez. — Mas me excita mais as coisas que você diz.

Brian sorriu, satisfeito com a resposta. Retirou os dedos e espalhou os fluídos dela por ambas as aberturas de Lilly.

— Aposto que isso vai te excitar mais do que as palavras. — Riu, e sem aviso abocanhou o clitóris e enfiou o indicador na vagina e o dedo do meio no traseiro dela.

As costas de Lilly arquearam com a invasão inesperada.

Ai, Jesus! Santos dedos!

Ela incendiou e ardeu de tesão. Derreteu-se toda, sentindo-se impotente diante da voracidade daquele ataque. Foi comida e fodida em todas as frentes de batalha, sem poder fazer nada e... nem queria. Entregou-se de corpo e alma... gemeu, contorceu-se e até achou que gritara vários:

— *Isso! Brian! Deus! Nossa! Mais!*

Abriu os braços, cravando as unhas no couro macio do encosto do sofá.

Ficou tão louca de tesão que nem protestou quando os dedos e a boca cessaram o ataque. Tão maluca de desejo que deixou seu corpo ser manipulado como o de uma boneca, deitado de costas no sofá e penetrado com força e fúria.

Ahhh, que delícia!

— Briannnnnnnnn! — gritou e cravou os calcanhares na bunda indecente que ia e vinha entre as pernas dela.

Selvagem... gostava dele selvagem, grunhindo e fodendo como um alucinado.

— Olhe para mim! — ele exigiu, apoiado sobre os cotovelos para não a esmagar. Como não obedeceu, penetrou-a bem fundo arrancando dela outro suspiro de prazer. — Olhe-pra-mim...

Ela abriu os olhos e a luzes da estrada, que iam e vinham, refletiam no rosto másculo e suado. *Deus! Ele parece um deus grego!* Cravou os olhos nele, hipnotizada com a beleza assustadora.

Ela nunca iria se acostumar com o quanto ele era bonito.

— Isso, Pequenininha... quero que me veja gozar... quero que grave bem o momento — disse e foi implacável. Meteu... fodeu... comeu... meteu mais... e meteu duro. Os quadris dele impulsionavam, ora saindo quase que por completo, e ora empalando-a como um guerreiro medieval. Podia sentir cada centímetro daquele pau instigando-a e alargando-a, e reagia com gemidos, quando a glande tocava em pontos internos que a faziam ver estrelas de prazer.

Querendo mais, Lilly esticou os braços e apertou a bunda de Brian, sentindo os músculos endurecerem a cada investida. Àquela altura, os dois eram só suor, gemidos e desejo. Macho e fêmea devorando-se.

Brian era gentil, mas na cama era possessivo e viril... poderoso. Ela era nada diante daqueles olhos violetas escurecidos e ardentes. As estocadas perderam o ritmo e o belo rosto se contorceu em um misto de agonia e prazer. Uma mão infiltrou-se entre eles e começou a dedilhar o clitóris. Não era uma balada... era um rock frenético.

— Vem comigo.

Ela já estava lá... as batidas dos dedos só apressaram o inevitável. Os músculos internos de Lilly contraíram e uma descarga elétrica explodiu, deflagrando a onda de energia sexual concentrada em seu Kundalini[73]... então, orgasmo e sêmen a possuíram, roubando-lhe a lucidez.

Um grunhido sexy ecoou e Brian caiu exausto sobre ela, certo de que, pela primeira vez na vida, tinha atingido o Nirvana[74]. Ele girou trazendo-a com ele em um abraço apertado.

— Quando eu acho que é impossível te amar mais, eis que a coisa só aumenta. — Beijou-a no topo da cabeça moreninha e embalou-a até que caísse em um sono profundo e calmo. — Te amo mais que a vida, Lilly — murmurou e também adormeceu.



40

Lilly se remexeu, sentindo o corpo de Brian sob o dela... *Quentinho*... Aconchegou-se mais e inalou o perfume natural e calmante, o cheiro dele era como estar em casa, não importava onde. De algum modo que ela não sabia explicar, tinham trocado o sofá do estúdio pelo colchão confortável da suíte no andar de baixo. Adorava aquele quarto. Uma caixinha de fósforos se comparado à suíte de Los Angeles, mas era tão deles, tão íntimo e carregado de lembranças.

Ela afundou o rosto na curva do pescoço de Brian. Não eram um casal de conchinhas, gostava mesmo era de dormir aninhada sobre o peito dele, abraçando-o instintivamente com as pernas e braços como um travesseiro gigante. Era gostoso, era tranquilo, era seguro e o ronronar suave que emitia, enquanto dormia, a embalava como uma cantiga de ninar.

Mantenha os olhos bem fechados...

Mantenha os olhos bem fechados...

Suspirou.

Não queria acordar, pois sabia que ao final daquele dia, não estariam juntos. A viagem a Londres representava, de certa forma, o fim da lua de mel e um mergulho na realidade. Por mais que fosse um desejo de ambos ficarem eternamente grudados, eles não poderiam. Tinham carreiras independentes e encaixar agendas nem sempre seria possível.

Ela, com a exposição e diversos compromissos na Terra da Rainha[75], e ele, começando com dois shows disputadíssimos no Madison Square Garden[76] , para depois, mergulhar em uma maratona de três dias trancafiado em um estúdio, a fim de compor e gravar em tempo recorde, uma trilha sonora que poderia lhe render mais um Oscar.

Lilly afagou o peito musculoso que subia e descia em uma respiração relaxada. *Coitadinho*. Que Brian amava o trabalho era inegável, mas também era visível o quanto aquela rotina maluca o deixava extenuado.

Sorte do restante da banda, que depois dos shows ganharia uma semana de folga em Los Angeles, por conta dos compromissos pessoais do amigo.

— Chegada no Plaza em dez minutos — a voz cansada de Dilon explodiu no alto-falante.

Ai, caramba!

O corpo de Brian deu um salto, jogando Lilly quase fora da cama.

Opa!

— Desembarque pela porta principal e a coisa está fervendo por lá! — o faz-tudo acrescentou nada contente.

— Será que dá pra baixar o volume dessa merda?! — Brian sentou desnorteado, berrando para o sistema de som. Em seguida, soltou: — Cacete! — Quando percebeu Lilly tentando endireitar o corpo, ele questionou: — Te machuquei? — Ele esticou o corpo e alcançou-a em um abraço. — Desculpa, Pequenininha.

Lilly riu, o marido definitivamente não era um bom madrugador. Os cabelos apontando para todos os lados e a expressão dura o faziam parecer um Neandertal. Riu mais... já tinha aprendido que ele precisava de um tempo, até funcionar como um humano civilizado.

— Nem foi nada. — Levantou a cabeça e deu um beijo no queixo barbudo dele. — Só vai dar tempo de vestirmos alguma coisa.

Ela tentou se soltar, mas ele a apertou mais.

— E o meu beijo de bom dia?

— Nem pensar! Está com bafo de intimidades! — Ela fez cara de nojo.

— As suas intimidades. — Ele gargalhou. — E só para te informar, eu escovei os dentes antes de dormir. — Lambeu-a na bochecha.

Lilly passou a mão no rosto babado.

— Que nojo! Que mania de me lamber! — Ela tentou soltar-se, novamente em vão. — Brian Theodore Lincoln Pierce... Eu te amo, mas se fizer isso outra vez, eu te capo!

— Se capar, a maior prejudicada será você. — Ele empurrou-a na cama e começou a enchê-la de beijos no rosto.

Droga, é mesmo!

— Ai, que saco! Para! — Ela debateu-se. — Me solta! Se não, nunca mais vai falar com a Bela!

A Bela?

Nem fodendo!

Ele parou o ataque e rolou para o lado, libertando-a.

— Golpe baixo — grunhiu contrariado. — A Bela é minha. — Apontou para o baixo ventre dela, manchado de tinta.

Ah...

Lilly olhou para o coração no peito dele e depois para a Fera a meio-mastro apontando para o MEU. *Belo trabalho!* Um sorrisinho de satisfação fez com que os cantinhos dos lábios dela levantassem. Aquela tinta iria levar um tempão para sair.

— Não vai poder exibir o dragão no show. — Ela tocou a linha do coração dele.

A cabeça de Brian baixou em autoavaliação.

— Não sei por quê? Tenho orgulho das minhas novas *tattoos*, quero mais que todo mundo veja — disse e arqueou a sobrancelha morena. — Pera aí... fez isso de propósito, né? Odeia que eu tire a camisa no palco, que eu sei.

Lilly fez biquinho. Ela odiava mesmo. Detestava a reação alucinada das fãs babando no corpão dele.

Por que esses caras do rock tinham que ser tão desinibidos?

Droga!

Lilly aproveitou que estava livre e saltou para fora da cama.

— Não gosto mesmo! — gritou já a caminho do banheiro. — Vou começar a exibir o meu peito por aí, pra você ver o que é bom... — disse sobre os ombros.

— Ah, mas não vai mesmo. — Brian correu atrás dela. — Essas belezinhas são exclusividade minha! — Agarrou-a por trás.

Os dez minutos viraram meia hora. Depois que escovou os dentes, Brian conseguiu bem mais que um beijo de bom dia.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Satisfeitos? — Mark olhou de um para o outro e depois apontou para a multidão de fãs se espremendo ao redor do *Palazzo*. Ele tinha sido obrigado a invadir o QG e bater energicamente na porta do quarto.

— Vou cobrar de vocês a multa que recebi! Cinco mil dólares por desobedecer uma regra simples de desembarcar a todos, assim que chegássemos!

Lilly encolheu-se, mais por medo de enfrentar as loucas que aguardavam a descida de Brian, do que pela cara feia de Mark.

— Desculpa, pode me mandar a conta que eu pago.

— Paga o caralho! Tivemos um imprevisto, General. — Brian abraçou a esposa de forma protetora. — Eu pago, a culpa foi minha.

E foi mesmo!

Lilly corou. Se ele não tivesse insistido naquela rapidinha em cima da pia do banheiro, nada daquilo estaria acontecendo.

Mark passou as mãos no cabelo arrumadinho.

— Inacreditável, uma suíte presidencial esperando por vocês e não conseguiram esperar? Estou pensando seriamente em chamar uma psicóloga, foder desse jeito não é normal! — O empresário suspirou. — Basta eu virar as costas e já ficam de assanhamento!

— A gente não estava se assanhando — Brian disse sem convencer. — Dois banhos demoram. Deveriam ter avisado antes, isso sim!

— Banhos? Hum-hum... sei. — Mark olhou-os com cara de *me-enganem-que-eu-gosto*. — Preparados? O reforço na segurança já está posicionado. — Apertou um botão acionando o comando de abertura da porta. — Vamos.

Uma explosão de gritos histéricos fez as pernas de Lilly tremerem, e foi com o coração na boca que ela desceu as escadas abraçada firmemente por Brian. Mesmo com o reforço na segurança, os cordões de isolamento iam e vinham como ondas revoltas. Flashes pipocavam cegando os dois. Braços e mais braços invadiam o espaço pessoal deles tentando tocá-los.

Os fãs-clubes de Nova Iorque eram os mais radicais que a banda tinha... Se autodenominavam Xiitas. Mulheres possessivas que nutriam um relacionamento fantasioso com os integrantes da banda e não aceitavam nada bem as traições imaginárias.

— *Briannnn...*

— *Autógrafo!*

— *Lindoooo...*

— *Solta dessa vaca!*

Lilly sentiu um puxão de cabelo e quase perdeu o equilíbrio. Abaixou a cabeça na tentativa de se autopreservar.

Os gritos ofensivos aumentaram.

— *Você nunca mais apareceu nos bastidores!*

— *Puta!*

— *Tudo culpa dela!*

— Meu Deus... — Lilly disse baixinho e quase ofegante.

Merda!

Todos os músculos de Brian ficaram tensos. Lilly sentiu a mão quente dele pousar suavemente em seu rosto protegendo-o.

— Porra! Respeitem a minha mulher! — berrou e tentou acelerar o passo, mas era impossível. Os cinquenta metros até a porta giratória do hotel viraram quilômetros.

Depois do que pareceu uma eternidade, conseguiram vencer a multidão e entrar no hall do luxuoso hotel. Assim que se viu segura, Lilly afastou-se de Brian e puxou o ar na tentativa de recobrar o controle. Havia uma tempestade de adrenalina correndo nas veias dela.

— Uau! — murmurou com voz trêmula.

Brian piscou algumas vezes e balançou a cabeça. Estava zangado consigo mesmo. Se não tivesse sido tão impulsivo no banheiro, eles teriam desembarcado com o restante da banda e dividido as atenções.

— Sinto muito — disse cabisbaixo.

— Pelo quê? Por ser amado? — Lilly virou e segurou o rosto dele com as duas mãos. — Amor, eu estou bem. — Ficou na ponta dos pés e beijou-o nos lábios com ternura. — Não quero que se preocupe comigo. Estou ficando craque nessa coisa de chegadas tumultuadas. No fundo, até me divirto. — Riu como se não fosse nada, mas estava apavorada.

Brian abraçou-a apertado sentindo o corpo delicado tremer.

— Te amo tanto. Obrigado por querer suavizar as coisas pra mim — disse sabendo que ela havia mentido.

Mark os chamou e atravessaram o saguão do prédio de vinte andares, projetado para parecer um castelo renascentista francês. Lilly sentiu-se uma formiguinha, diante de tamanho luxo e refinamento. Era tanta pompa traduzida na forma de pisos de mármore, tapetes persas enormes e lustres de cristais gigantescos, que chegava a ser sufocante.

Foram direto para a cobertura no vigésimo andar, e embora Brian estive louco para curtir a sós as últimas horas com a esposa, entraram na suíte onde os outros integrantes estavam reunidos na varanda tomando o café da manhã.

O primeiro a notá-los foi Big, que parecia não sofrer dos mesmos efeitos terríveis de ressaca que acometia os outros.

— Que bagunça lá embaixo, hein?

— É, hoje, elas estavam terríveis. — Com um ar aborrecido, Brian cumprimentou a todos,

puxou uma cadeira e sentou-se, trazendo Lilly para o colo dele.

Depois de também dizer um bom-dia generalizado, Lilly esticou o pescoço para ver sobre a grade de proteção. Estava maravilhada com a vista. A ampla varanda decorada com móveis clássicos, estofados com motivos renascentistas, vasos gigantescos de flores e um guarda-sol capaz de proteger um time de futebol inteiro, ficava de frente para o Central Park. Um mar verde abria-se diante de olhos dela a perder-se de vista. Não era à toa que a Quinta Avenida era considerada uns dos endereços mais caros de Nova Iorque. Um oásis em meio ao caos.

— Amor, precisa comer. Ontem não jantou quase nada — Brian chamou a atenção de Lilly e apontou para a mesa.

A barriga dela roncou instintivamente. Havia um baquete capaz de alimentar não só um rei e sua rainha, mas o palácio inteiro.

— Os morangos com chantilly — disse baixinho.

Sem cerimônia, Brian esticou o braço e alcançou ambas as tigelas, monopolizando-as para a sua Pequenininha. Pegou o maior morango, afundou no creme e ofereceu a ela. Lilly lambeu primeiro o docinho do chantilly e depois mordeu a fruta vermelhinha e suculenta.

— Nossa, que delícia... — gemeu de forma quase erótica.

Sem poder resistir, Brian lambeu os lábios de Lilly capturando as sobras de creme que lhe tingiam a boca.

— Delícia mesmo... — Ele sorriu torto para ela.

Droga!

Como vou sentir falta dele!

— Que nojo... — A cabeça descabelada de Gabe desgrudou da mesa e havia cereal grudado na bochecha dele. — Eu estou carente, me respeitem! Vão ficar se alisando assim para o resto das nossas vidas? Não sei se vou suportar cem anos nessa tortura açucarada de vocês.

Brian gargalhou e afundou outro morango no creme só para provocar. Os olhos verdes de ressaca de Gabe dobraram de tamanho. O guitarrista sorriu satisfeito.

— Daqui a cem anos, espero já estar aposentado e desfrutando da minha esposa sem um bando de gente ao redor.

— Sonho teu, amigo... sem chance de ficarem velhos, sozinhos e na paz. — Penne riu e colocou um copo de soda com rodelas de limão sobre a mesa. — Do jeito que trepam, daqui a cem anos vão ter descendentes suficientes para fundar uma nação... "Petersons e Lincolns S/A". — A

loirinha abriu os braços de modo cinematográfico. — Uma geração inteira de filhos, netos, bisnetos e tetranetos infernizando o casal de velhinhos trepadores.

Adan não se aguentou e cuspiu o café em uma nuvem marrom, quase engasgou ao rir.

— Podemos transformar a mansão de Los Angeles em asilo e infernizá-los. Bater na porta deles todos os dias atrás de mingau.

— Do jeito que vai a nossa vida sem relacionamentos é bem capaz de terem que adotar a gente — Big disse e mordeu um sanduíche enorme de bacon, tomate e alface.

— Petersons, Lincolns e Agregados S/A — Penne emendou, aprovando a ideia do melhor amigo. — Vai ser muito legal... todo mundo enrugado, tomando o sol da manhã e deixando as dentaduras de molho no mesmo copo.

— Eu amo que queiram ficar juntos para o resto da vida — Lilly disse de boca cheia. — Mas não quero que acabem sozinhos... é tão incrível ter alguém...

— Opa! Ter alguém não. — Brian segurou o queixo de Lilly. — É incrível me ter, Pequenininha. Eu, só o Brian! — Beijou-a sem pudores na frente de todos.

Gabe disse, gemendo:

— Parem com isso... eu disse que estou carente! — E bateu a testa na mesa. — Ai... ai... ressaca de merda!

Ficaram ali rindo, comendo e jogando conversa fora por horas, até serem interrompidos por Mark e sua lista de compromissos para o dia. Brian ouviu a tudo calado, sabia que não adiantaria voltar a brigar com o empresário. Os dois já haviam discutido feio no dia anterior. Ele queria levar Lilly para o aeroporto e Mark o proibiu categoricamente... na mesma hora, centenas de jornalistas fariam uma coletiva de imprensa na sala de conferências do hotel.

Merda!

— Ah, Lilly. — Mark olhou para ela e depois cuidadosamente para Brian. — Seus quadros já estão embalados. O Daniel está organizando tudo e o Antoine acabou de chegar. Espero que não se importem, mas eu mandei o homem te esperar na suíte. Ele chegou carregado de malas com as roupas que você pediu para a Marie separar.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Acho que está tudo pronto. — Antoine esfregou as mãos e apontou para o carrinho de bagagens onde estavam os cinco quadros de Lilly e as bagagens dela, dele e de Daniel. Sua

pequena Picasso havia reduzido a montanha de roupas enviadas por Marie a uma mala. — Brian, obrigado pelo jatinho.

Lilly observou o *Marchand* e sorriu. Desde o hospital ela havia notado a mudança de postura entre ambos, como se tivessem estabelecido uma trégua ou feito um acordo de cavalheiros. A distância ainda existia, claro, mas não pareciam mais tão incomodados um com o outro. O que era bom. Percebera que os dois não tinham se bicado naquele primeiro encontro em Los Angeles e tudo o que ela não precisava, era de uma guerrinha pessoal entre eles.

Abençoa, Senhor.

— Não tem o que agradecer, se é meu, é da Lilly. — Brian ensaiou um meio sorriso. — Será que podem nos deixar as sós? — ele disse com certa impaciência. Toda aquela arrumação havia lhes roubado momentos preciosos.

— Claro — Antoine assentiu com pompa e fitou Lilly. — Precisamos sair em dez minutos, vamos te esperar no lobby.

O coração de Lilly apertou... tinha chegado a hora da despedida. *Deus! Por que dói tanto? Por favor, não permita que nada de ruim aconteça*. Ela odiava despedidas, causavam-lhe pânico. Acostumara-se a ter Brian por perto, e em menos de três meses tinham criado elos de afeto tão fortes, que rompê-los, mesmo que por poucos dias, era dilacerante.

Lembrou- se das últimas palavras que ouvira da mãe: "*Querida, é só um fim de semana, calma. O amor resiste às distâncias... voltaremos logo, comporte-se*."

Droga!

Respirou fundo e observou Brian acompanhar Antoine e Daniel até a porta, enquanto o camareiro empurrava o carrinho com as bagagens. Ela sabia que o que estava sentindo era um medo irracional provocado pela morte dos pais, mas, mesmo assim, era doído. Fechou os olhos e esfregou o rosto para afastar os maus pensamentos.

— Que foi? — Os braços fortes de Brian a envolveram. Mãos firmes acariciaram as costas dela, apalpando, para depois descerem e traçarem as curvas dos quadris femininos.

— Saudades antecipadas — ela murmurou com o rosto imprensado no peito rijo. Inspirou. — Vou sentir falta do seu cheiro.

O peito dele vibrou em uma risada carinhosa. O som profundo ecoou suavemente pelo quarto.

— Ah, é... só do cheiro? — Brian desfez o abraço e segurou o rostinho agoniado entre as mãos. — Pensei que sentiria falta de tudo. — Beijou-lhe a ponta do nariz arrebitado.

— De tudo. — Lilly sorriu, mesmo que uma lágrima fujona denunciasse sua agonia. — Seu cheiro me acalma e me traz segurança. Acostumei a dormir agarrada a você sentindo o seu perfume — sussurrou.

Lilly, Lilly... minha vida...

Brian também estava tenso. Lilly tinha entrado tão profundamente em sua alma que se sentia amputado.

— Meu cheiro... acho que posso dar um jeito nisso. Não quero que tenha pesadelos sem que eu esteja por perto para confortá-la. — Sorriu com ternura e soltou-a. Caminhou pelo quarto luxuoso, decorado em tons pastéis e foi até a cama repleta de almofadas. Escavou-as até encontrar o que procurava, em seguida, tirou a camiseta e vestiu-a no travesseiro enorme e fofo.

— Resolvido. — Voltou para perto de Lilly e posicionou cabeça, de modo que sua boca ficasse logo abaixo da orelha dela. — Embrulhado para a viagem — sussurrou.

Lilly sentiu o hálito quente em seu pescoço, e boquiaberta com a doçura da atitude, apanhou o travesseiro e afundou o rosto nele.

Hummm... tão bom.

— Eu sei que direto da fonte é melhor, mas... — riu baixinho — isso deve quebrar o galho por esses dias. — O tom dele era quase paternal. Pegou o travesseiro e jogou-o em uma poltrona ao lado da mesa para refeições adornada com um arranjo de gardênias enorme.

— Meu travesseiro! — ela protestou.

— Esquece a imitação. — Rindo, Brian a puxou para um beijo longo e profundo. Ficaram ali, alimentando-se um do outro, perdidos nas sensações dos toques e carícias. Assim que as bocas se largaram, Brian suspirou profundamente e encostou a testa dele na dela. — Volta logo pra mim...

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O voo de sete horas de Nova Iorque a Londres foi tranquilo. Não havia diferença de fuso horário entre os países e aterrissaram de madrugada. O show já tinha acabado há muito tempo. Assim que desembarcou, Lilly ouviu os recados de Brian e respondeu. Não quis ligar e acordá-lo. Queria que ele aproveitasse o quarto confortável do Plaza, para descansar.

Sem trânsito, o trajeto do aeroporto ao elegante bairro de Mayfair, no centro de Londres, foi um espetáculo à parte. No caminho, Lilly pôde apreciar a elegância discreta da cidade. A cada metro que o carro avançava, sentia-se transportada para outra dimensão.

Havia tanta história impressa naquelas ruas adormecidas e prédios milenares... O antigo e novo se misturando. A London Eye[77] iluminando as águas tranquilas do rio Tâmisa, o Parlamento, o Palácio de Buckingham e o Hyde Park traziam uma paz monótona. Ela gostou da calmaria cinza da cidade, que hora ou outra, recebia pinceladas de cor de toldos elegantes e jardins deslumbrantes.

Ao chegar no Hotel Connaught, subiu direto para o quarto. Pequeno, se comparado ao luxo exacerbado do Plaza, mas apreciou bem mais o ambiente de elegância sem frescuras e perfeitamente elaborado.

Tudo tão inglês!

Jogou a bolsa sobre o sofá clássico aos pés da cama com dossel. Nem se preocupou em trocar de roupa... estava exausta. Agarrou-se à versão travesseiro de Brian e jogou-se no colchão de várias gerações. O teto de vigas aparentes, pintado em um tom claro de pátina, fez Lilly pensar nos cenários dos filmes de Jane Austen, em trilhas sonoras... em Brian...

Ai... meu amor lindo...

Tocou os lábios buscando pela lembrança dos beijos dele e adormeceu.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Mal abriu os olhos pela manhã e Lilly foi engolida por uma sequência de compromissos, reuniões, entrevistas, um chá inglês com um renomado *Marchand* local. Visitou galerias, fechou novas exposições, foi de um local para outro quase sem tempo de respirar ou comer. Falou com Brian em todas as brechas... precisava da voz dele.

O primeiro dia passou, o segundo também. Depois de um banho de banheira, com direito a sais aromatizados com extrato de lima, e torneiras revestidas em ouro, Lilly vestiu-se para a grande noite: sua estreia na galeria *White Cube*, referência número um na descoberta de novos talentos da arte.

Olhou-se no espelho e o coque discreto completava o vestido preto no estilo anos cinquenta. Queria que suas obras brilhassem, não ela. A gola canoa, as mangas três-quartos, e a cinturinha marcada por um cinto vermelho delicado, rente à saia rodada, a faziam parecer mais boneca do que já era.

Lilly franziu o rosto para o discreto salto preto jogado aos pés da cama.

Hum... menina demais.

Sorriu para o nada, abriu uma sacola e retirou um par de *Louboutins*[78] vermelhos... altos,

elegantes e carregados de sensualidade.

Brian surtaria quando a visse vestindo nada além do que a sua única aquisição na cidade. Quer dizer... única para ela... Antoine e Daniel já não aguentavam mais ouvir as frases:

— *Viram aquilo?*

— *Será que podemos voltar?*

— *Só uma paradinha.*

— *O Brian vai adorar!*

A mala dela estava abarrotada de tudo que encontrava sobre os Beatles, Sex Pistols e Amy Winehouse, sabia que Brian os admirava.

O telefone tocou: era o *concierge* informando que Antoine e Daniel a esperavam na recepção.

Pegou a bolsinha de mão e foi à luta.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Por favor, me diga que é brincadeira. — Antoine olhou de soslaio para Lilly, que sorria para uma escultura. — Onde vai colocar esse trambolho?

— Em casa... O Brian vai adorar! — Lilly estendeu a mão e seus dedos acariciaram a escultura como se fosse o Santo Graal. — Por favor...

Deus!

Desse jeito vamos precisar de dois aviões!

— Tem certeza? Olha o tamanho disso e o preço! — Antoine coçou a cabeça.

Lilly deu um tapinha no ombro do empresário.

— Esqueça o preço, ganhamos milhões hoje. Além do mais, vai ficar incrível no estúdio que farei no quarto extra.

Antoine estava num mato sem cachorro. Os olhos brilhantes de Lilly diziam que ela não iria desistir da ideia de arrematar aquela engenhoca maluca de arame. Uma espécie de casulo distorcido que protegia a guitarra mais simbólica utilizada por Jimi Hendrix.

— É tão incrível... — Lilly esticou os braços para a guitarra. — Sabe a importância histórica que essa guitarra tem?

Antoine assentiu. É claro que ele sabia, mas dez milhões? *Merda!*

— Tudo bem, não saia daqui.

Daniel riu. O empresário saiu se arrastando, como se estivesse prestes a subir na forca.

— O Brian vai ficar alucinado — disse, ao se posicionar diante de sua protegida.

— Vai, né? — Os olhos dela brilharam mais e depois congelaram. — Deus... — sussurrou baixinho para o segurança. — Aquele é o Elton John? — Apontou sobre os ombros de Daniel. — O Antoine disse que ele estava interessado nas minhas aquarelas, mas pensei que fosse brincadeira. Acha demais se eu for até lá me apresentar? O Brian iria adorar ter um autógrafo dele.

— Vai fundo, garota. — Daniel piscou e deu um passo para o lado abrindo caminho para ela.

E ela foi... andou decidida pelo ambiente imaculadamente branco, até se prostrar-se sorridente diante do astro, que outrora, fora um dos melhores amigos e confidentes da princesa Diana.

— *Olá, senhor Elton. Meu nome é Lilly, o meu marido...*

O segurança cruzou os braços e apoiou as costas em uma coluna. De longe, assistiu Lilly interagir alegremente com o homem que sorria encantado e não acreditou quando ela sacou um caderninho e a caneta da bolsa e pediu o tal autógrafo.

Riu, era impossível resistir ao sorriso doce dela.

Lilly era uma figura e não estava nem aí em ser a grande estrela da noite. Foi fotografada, assediada, abraçada e consagrada, sem perder a simplicidade. Ela era definitivamente a versão feminina do artista Brian. Ambos pé no chão e nada deslumbrados. Passou a noite sorrindo e cumprimentando a todos. Foi generosa, elogiou os demais artistas, e viu as aquarelas dela serem arrematadas, com a inocência de uma criança que acabara de tirar um A na exposição da escola.

Lilly fez questão de agradecer aos colecionadores. Era notável o amor que ela sentia por cada pincelada que dera. Dizia aos novos donos para cuidar das aquarelas com carinho, já que eram as mais especiais... o marido estivera com ela em todo o processo.

O peito de Daniel encheu-se de orgulho quando Lilly se despediu de Elton e virou-se para ele, mal se contendo de felicidade ao chacoalhar o caderninho que tinha na mão. É... o segurança também estava encantado pela menina dos olhos de Brian.

— Acredita que ele é amigo pessoal da Sarah? Disse que acompanha o trabalho do Brian! — foi a primeira coisa que ela disse assim que voltou a se juntar com Daniel. — Me pediu

para fazer a capa do novo CD e falou que vai a Los Angeles conhecer o meu estúdio. — Lilly cutucou o bração do segurança, sem conter a excitação.

— É isso aí, garota!

— Lilly, aí está você, minha diva! — o *Marchand* inglês que conheceram no dia anterior, interrompeu-os. — Quero que conheça uns colecionadores amigos meus. — Arrastou-a pelo braço sem dar chance de fuga.

Antoine voltou e pediu que Daniel fosse resolver o embarque da escultura que comprara para Lilly. Cheio de cuidados e promessas feitas ao Brian, o segurança relutou, mas foi convencido, depois da garantia de que o empresário não desgrudaria os olhos dela.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Que delícia...

Lilly puxou o ar. Precisava daquela fugidinha, então aproveitou que Antoine engatara uma conversa animada com o *Marchand* londrino e disse que precisava ir à toalete.

Na volta, desviou e foi para o jardim atrás da galeria, onde uma sequência de esculturas em aço escovado tinha chamado sua atenção. Eram enormes e retratavam casais enlaçados nos mais diversos abraços.

Lindo.

Uma brisa fresquinha soprou fazendo a pele de Lilly arrepiar... a folhagem remexeu atrás dela emanando um aroma agradável de Dama-da-noite. *Ai, que delícia!* Apreciou os momentos de paz. Adorava Daniel, mas ser vigiada vinte e quatro horas era horrível. Puxou novamente o ar. Sentia-se um pouco tonta e fraca, sua última refeição havia sido o chá da tarde.

Atraída pela escultura de um homem que abraçava uma mulher de forma protetora segurando-lhe o ventre, caminhou até o fundo do jardim. Algo naquela imagem lhe tocou a alma. Podia sentir a cumplicidade no olhar estático de ambos. Tocou o metal frio, imaginando como ficariam em seu jardim. Havia tanto espaço em Los Angeles, e o aço certamente suportaria a maresia. Inclinou o corpo para ler a plaquinha de identificação da obra.

Almas gêmeas

Entrega e redenção

Obra de Alan Patikan[79]

Deus! Eu preciso dela!

— É esse tipo de amor que procura? Uma fantasia?

Lilly ficou reta como uma tábua ao reconhecer a voz atrás dela. *Merda, não pode ser!* Fechou os olhos tentando controlar o tremor que varreu o corpo. *Respira!* Ela precisou de alguns segundos, antes de reagir ao pânico, mexer-se e virar. Os olhos dela custaram a assimilar a aparência malcuidada do homem à sua frente.

— Will, é você? — murmurou.

Seu ex-noivo ergueu os olhos e sorriu, um pouco amargamente.

— Fui tão insignificante, que já esqueceu o meu rosto?

Adoraria esquecê-lo, mas não consigo, pensou, mas manteve-se calada.

Um instinto de proteção a fez recuar, até que seus pés tocassem a grama. Mesmo sabendo que ele era inglês, a presença dele ali era inacreditável. Nos dois anos em que estiveram juntos, ele jamais esboçara qualquer desejo de retornar à sua terra natal.

Lilly olhou para os lados buscando uma saída e praguejou baixinho ao constatar que todas as rotas de fuga exigiam que ela passasse por Will primeiro.

Mantenha-se calma.

Mantenha-se calma.

Ela respirou fundo, sentindo o coração explodindo no peito.

— Veio visitar os seus pais? Há quanto tempo está na cidade? — Encarou o homem de pé, que a fitava a três passos de distância. O rosto dele estava mais magro e tomado por uma barba espessa e os olhos... havia um quê de insanidade neles.

Merda!

— Viagem rápida, volto hoje para Los Angeles no voo da meia-noite. — Os lábios finos contraíram. Nem morto diria a ela que veio até Londres em busca da ajuda financeira dos pais. Sentia-se enganado, humilhado e destruído. — Tem que parar com essa loucura de casamento. — Ele olhou para os lados certificando-se de que estavam a sós. — A coisa não vai parar até que entregue o que é de Ava.

— Nada é de Ava.

Ele balançou a cabeça com impaciência.

— Por mais bonito que queiram fazer parecer, sabe que é mentira. Enganaram todo mundo.

— Você não sabe de nada, Will. Não tem o direito de me dizer nada.

— Pode não acreditar, mas não quero que algo de ruim lhe aconteça. Quando vi no jornal que estaria na cidade... — Ele inclinou a cabeça examinando-a. — Vim para te alertar e proteger. Colocar um pouco de juízo nessa sua cabeça de vento.

Lilly respirou fundo. Odiava quando ele falava daquele jeito com ela.

— Estou segura, dispenso a sua preocupação.

Will soltou uma risada nervosa.

— Tão segura que queimaram as suas obras...

— Will, você e a Ava estão metidos nisso? — Lilly o confrontou, mas recebeu em troca o silêncio. Por mais odioso que ele tivesse se mostrado, era difícil acreditar que ele pudesse fazer algo tão vil. Mesmo Ava. Um mês havia se passado desde o incidente na galeria, e nada tinha sido encontrado que ligasse a irmã a tudo aquilo. Uma luzinha acendeu na cabeça dela. — Ah... — Ela revirou os olhos. — Está aqui por vingança? Tomou um pé na bunda, não foi? Agora que Ava conseguiu o que queria, te enxotou como um vira-lata, não é mesmo? — disparou antes que pudesse conter as palavras.

Will olhou para o próprio peito como se tivesse sido atingido em cheio. Era exatamente aquilo que tinha acontecido, não só Ava, mas todos o tinham abandonado.

— Aquela vaca não presta. — Esfregou o rosto e respirou tentando se acalmar. Precisava de Lilly... ela era a sua última chance. — Escuta, eu dei um passo errado, ok? Me deixei levar... entendo que ainda esteja com raiva de mim, mas se ao menos me desse um voto de confiança e me deixasse administrar os seus bens... as coisas poderiam voltar ao que eram antes... meus sócios...

Ah! Claro! O dinheiro! Sempre essa droga de dinheiro!

— Chega, Will. Está maluco? Não existe mais confiança. Eu vi a procuração, você queria me roubar!

— Já disse que errei, não estava pensando direito. A Ava...

Lilly levantou a mão interrompendo-o.

— Ah, pelo amor de Deus! Você sabia muito bem o que estava fazendo! Não jogue seus erros na conta da minha irmã... esquece.

— Não posso, estou arruinado. — Ele esfregou o rosto barbudo. — Aqueles babacas me

tiraram da firma — disse com os olhos fixos aos dela. — Eu perdi tudo e a culpa é sua! — rosnou.

— Minha? — Lilly gargalhou de nervoso. — O canalha foi você, não eu! Desde quando estava mancomunado com a minha irmã? Alguma parte do que vivemos foi verdadeira? — fez as perguntas que a estavam consumindo desde o dia do casamento.

Ele olhou para o nada.

— Isso importa? Esquece o passado — disse sem conseguir encará-la, e Lilly teve a resposta: ele a usara desde o início. — É igualzinha à Ava! Vai se vingar até quando? Desgraçada, olha o que fez a mim! — Em um movimento, avançou segurando-a nos braços.

Droga!

O corpo de Lilly saltou, e reagindo à agressividade de Will, puxou os braços tentando se libertar, mas ele a apertou mais.

— Me solta! Está me machucando! — gritou.

— Poupe os seus esforços... ninguém vai ouvir a gente aqui atrás. Precisa me perdoar! — O aperto aumentou e Lilly sentiu a pele formigar. — Você me amava... íamos nos casar, porra!

Uma nova onda de pânico a deixou nauseada.

— Eu nunca te amei — murmurou sentindo as pernas vacilarem. — Só me deixe em paz. Eu amo o meu marido.

Will gargalhou.

— Aquele roqueiro? Ah... qual é! Caia na real... ele não é homem pra você!

O *quê?*

— Quem é você pra me falar sobre hombridade? O Will que eu conheci nunca existiu. Brian é mil vezes mais real e mais homem que você. Já disse pra me soltar! — Debateu-se e uma vertigem fez tudo girar. — Tenho nojo do seu toque! — Ela acertou a virilha dele com o joelho e Will a soltou em choque.

— Filha da puta! — Ele inclinou-se e grunhiu desacreditado.

Levada pela inércia, Lilly cambaleou, e o salto do sapato afundou na grama. Ela perdeu o equilíbrio e bateu as costas com tudo, na estrutura de aço atrás dela. O ar escapou de seus pulmões e tudo virou breu.

— Merda! — Will saiu correndo, espremeu o corpo alto entre as folhagens que compunham uma cerca viva e sumiu da escuridão da rua.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Lilly... Lilly...*

— *É melhor chamarmos uma ambulância.*

— *Preciso de água!*

— Não! — Lilly entreabriu os olhos, e com a ajuda de Daniel sentou-se na grama. Ainda atordoada, olhou ao redor em busca do Will. — Estou bem — ofegou em uma respiração lenta.

— Você sumiu e eu te encontrei caída aqui. — Daniel estava desesperado. — O Brian não vai me perdoar.

Lilly tentou levantar, mas uma dor aguda nas costas a impediu.

— Brian está trabalhando, precisa de paz. Por favor, não diga nada para ele.

— Mas, e se for grave? — O rosto do segurança reverteu-se em angústia. — O que aconteceu?

— Não é grave, vim ver a escultura e tropecei — mentiu, sabendo que se mencionasse o encontro com o Will, Daniel ligaria na mesma hora para o Brian.

— Lilly, graças a Deus! — Antoine ajoelhou ao lado deles e entregou a ela um copo de água. — O que está sentindo? Como foi cair desse jeito?

— Senti uma vertigem — em parte não mentiu. — Deve ter sido fraqueza, mal comi hoje. Quero voltar para o hotel.

— Não sem antes passarmos na clínica de uma amiga — Antoine disse com firmeza e Lilly abriu a boca para protestar. — Nem adianta querer me contrariar, mocinha. Prometi ao seu marido que cuidaria de você. Minha amiga ou a ligação para o Brian, você escolhe. — Ele sacou o celular do bolso.

Droga!

Sem saída Lilly concordou;

— Sua amiga.



41

A tal clínica ficava a duas quadras do hotel. Uma mulher, muito parecida com a atriz Queen Latifah numa versão inglesa, os aguardava aos pés da escada de um sobrado de tijolos à vista e janelas brancas imaculadas. Subiram os degraus e uma placa dourada reluzia ao lado da porta:

Dra. Moya Jackson - Clínica geral e traumatologia.

A amiga de Antoine era jovem e simpática. Ela os fez entrar, enquanto ouvia atentamente os relatos do segurança e do agente.

— E a sua versão, qual é? — A doutora olhou diretamente para Lilly. — Como está? — Ofereceu-lhe o braço.

Lilly agradeceu e gesticulou, indicando que podia seguir por ela mesma.

— Eles estão exagerando. Já disse que estou bem... não foi nada.

— Desmaiar sem motivo não me parece nada. Vamos ter que fazer alguns exames.

Que saco!

Eu só quero me enfiar na cama e esquecer o encontro com o Will!

Lilly assentiu contrariada. Não podia contar o real motivo de tudo aquilo, então permaneceu quieta, mesmo achando um exagero. O quarteto passou por um corredor estreito, branco do piso ao teto, até chegar em uma sala de espera.

— Desculpe tirá-la de casa — Antoine agradeceu a consulta fora de hora.

A mulher, que vestia tênis de corrida lilás e um agasalho cinza sob o jaleco também branco, tinha os cabelos presos em um coque descuidado.

— Emergências não têm hora para acontecer — disse e apontou para uma fileira de poltronas bege confortáveis. — Vocês dois, esperem aqui — ordenou e virou-se para Lilly. — Você, mocinha, vai subir comigo.

No andar de cima, entraram em um consultório pequeno, porém bem equipado. O mesmo branco do andar de baixo predominava em tudo: nas paredes, no piso, nos objetos de decoração e nas cadeiras do doutor, e dos pacientes, dispostas de lados opostos da mesa de trabalho.

A médica tirou um avental esterilizado de uma gaveta, indicou a porta de um banheiro e pediu que Lilly se trocasse. Na hora seguinte, a doutora a submeteu a uma série de exames. Mediu a pressão, a glicemia, tirou sangue e a expressão da doutora fechou ao ver as marcas nas costas e nos braços da paciente.

A mulher sabia que havia algo a mais do que um simples mal-estar e encheu Lilly de perguntas, na tentativa de fazê-la abrir o bico.

— Tem certeza de que estava sozinha? — Os olhos da médica recaíram sobre as marcas avermelhadas que contrastavam com a pele clara. — Como anda o casamento? Alguma coisa que queira me contar?

O couro cabeludo de Lilly pinicou. A doida estava pensando que as marcas tinham sido feitas pelo Brian?

Merda!

— Meu casamento está ótimo e meu marido é gentil e incrível. — Lilly abraçou-se cobrindo os braços. — Tivemos um contratempo ao chegar em Nova York, as fãs exageram, às vezes.

— Compreendo — a médica disse em um tom cético.

Lilly soltou o ar de forma impaciente.

— Doutora Moya, não estou entendendo o porquê dessas perguntas. É óbvio que desmaiei por causa da pancada nas costas. — Olhou duro para a médica sentada do outro lado da mesa.

— Sim, claro, o impacto foi forte, sem dúvida. A linha da sua coluna vai ficar dolorida e roxa por alguns dias. — A mulher sorriu com cautela e, em seguida, tocou o mouse ao lado do teclado e o computador ganhou vida. — O sistema já está carregando os resultados do exame de sangue. Eu te achei um pouco pálida, mas se as taxas estiverem boas, não vejo por que te manter aqui por mais tempo. — Ela digitou uma sequência de números e aguardou. — Qual foi a última vez que fez um check-up?

Lilly estava impaciente, queria ir logo para o hotel.

— Há uns três meses e meio... fiz os exames pré-nupciais.

Um bipe soou e algo fez a tela brilhar. A médica inclinou o corpo e começou a ler os resultados.

— Hum... no geral, as taxas estão boas... só a contagem de glóbulos vermelhos que está

um pouco baixa... — A doutora apoiou os cotovelos na mesa e trançou os dedos das mãos sob o queixo. — Anda tendo tonturas? Fraqueza ou cansaço? Alguma dificuldade de concentração?

É claro que Lilly estava cansada! Os últimos meses tinham sido extenuantes.

— Estou com anemia?

A médica assentiu e sorriu.

— Além de grávida, mas isso presumo que já soubesse.

O quê? Não! Impossível!

— Não! Grávida? — Lilly riu e balançou a cabeça negando enfaticamente. — De jeito nenhum... impossível. — Esticou o pescoço para tentar ler o exame.

Essa louca deveria curar os traumas, não criar outros!

A doutora a fitou com estranheza.

— Não é o que mostra a dosagem de Beta HCG... Gravidíssima, eu diria. — A doutora esticou o braço e segurou a mão fria e trêmula de Lilly. — As taxas de acerto deste tipo de exame são elevadíssimas. Está indo para a décima segunda semana.

O quê? Três meses? Impossível!

— Há três meses eu era virgem! — Lilly exaltou-se. — Não pode ser, eu transei pela primeira vez há três meses! Impossível eu estar grávida, tinha começado o tratamento de controle de natalidade. — Ela remexeu-se, não sabia se ficava sentada ou saía correndo.

Mulher louca!

Percebendo o terror no rosto de Lilly, a médica levantou, deu a volta na mesa e sentou-se na cadeira ao lado dela.

— É raro, diria que acontece em 1% dos casos, mas qualquer método pode falhar, se não houver cuidados no primeiro mês de uso. — Tocou o ombro dela para acalentá-la. — Deveria ter feito uso do preservativo, até o seu organismo se adaptar às novas taxas hormonais. Seu médico não sugeriu isso? Camisinha no primeiro mês ou mesmo abstinência?

Hã?

Quem faz abstinência, na lua de mel?

Caramba!

— Não! — Lilly desmoronou e cobriu o rosto com as mãos.

Droga! Droga! Droga!

Acho que o Brian não vai adorar isso!

Há três meses, ela tinha garantido a ele que estava no controle de natalidade, porra! *Nada de golpe da barriga. Sem chances de engravidar!* Como assim, 1% de erro? Ela já tinha ouvido falar de mulheres que engravidavam de primeira.

Mas logo eu?

Ela soluçou... seus ombros tensionaram e começaram a tremer. Depois chorou e riu... chorou e riu... chorou e riu, deixando a doutora sem saber o que fazer. Lilly sentiu uns tapinhas consoladores nas costas e chorou mais... chorou pra valer.

— Eu sei que está surpresa, mas procure relaxar.

Como? Não dá para relaxar!

Deus!

O que eu vou fazer?

Chocada, lembrou-se da noite em que perdera a virgindade e insistira para não usarem camisinha...

Ai, meu Deus!

Eu tenho andado por aí, todo esse tempo, com uma miniatura do Brian dentro de mim?

Um bebê? O nosso 1%?

Uma onda de ternura a aqueceu, diminuindo um pouco o pavor que estava sentindo. Brian lhe dera o maior de todos os presentes de aniversário e nenhum dos dois fazia ideia, mas... *Opa!*

— Eu não estou sentindo nada. — Levantou o rosto para encarar a médica. — Uma mulher não deveria sentir que está grávida? Enjoar? Engordar em vez de perder peso? E se o exame estiver 1% errado?

A doutora Moya franziu a testa, já sabendo que não sairiam dali tão cedo.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Daniel, estou falando sério... ela está muito esquisita — Antoine cochichou. — Desde que saímos daquele consultório, não disse mais que meia dúzia de palavras.

O segurança olhou para Lilly encolhida na poltrona do avião e agarrada ao travesseiro travestido de Brian. O *Marchand* tinha razão, sua protegida estava estranha. Saiu do consultório com os olhos inchados e se a médica não tivesse dito categoricamente "*Ela está bem, só precisa de*

repouso", poderia jurar que uma doença sem cura havia sido descoberta.

Lilly chegou e foi direto para o quarto. Quando o dia raiou, pediu que Antoine cancelasse os últimos compromissos e não deu as caras até chegar a hora de irem para o aeroporto. Daniel bem que tentou tirá-la da toca, mas não conseguiu. Bateu na porta, sugerindo que saíssem para ver a troca da Guarda da Rainha, que fossem ao museu dos Beatles ou que fizessem mais compras para o Brian, mas nada a animou.

— *Aterrissagem em vinte minutos* — o piloto informou pelo alto-falante.

Lilly olhou pela janela e um mosaico de luzes piscantes se desenhava na terra, revelando uma Nova York em plena ação. Suspirou e depois mirou nos dois homens, que a observavam com preocupação. O emocional dela estava uma bagunça. Surpresa, medo, amor, ternura, pavor, felicidade, raiva do Will, e um estranho instinto de proteção fervilhavam dentro dela.

Sim, ela estava grávida!

Não que Lilly tivesse duvidado das qualidades profissionais da Doutora Moya, mas em segredo pediu que uma camareira lhe trouxesse alguns exames de farmácia... Todos os quinze deram positivo.

— *Senhora, temo que não existam mais marcas disponíveis no mercado.*

Caramba!

A sensação era muito louca. Nada havia mudado, mas tudo estava diferente. Sabia que a vida jamais seria a mesma. Havia alguém ali, totalmente dependente e vulnerável, crescendo firme e forte dentro dela. Lilly não fazia ideia do que aconteceria ou de como contaria a novidade para o Brian, só sabia que precisava contar.

Meu Deus!

Será que eu vou ser uma boa mãe? Será que vou saber cuidar do meu bebê?

— Quando chegarmos, quero ir direto para o estúdio — disse. — Tentei falar com o Brian o dia todo e não consegui.

Os dois homens se entreolharam e assentiram. Eram quase dez da noite e estavam exaustos, mas não ousaram dizer nada. Fariam qualquer coisa para fazê-la feliz.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Por volta das onze, Lilly chegou com Daniel no descolado estúdio Converse Rubber Tracks, no bairro do Brooklyn. Antoine havia se despedido no aeroporto e ido para o hotel com as

bagagens.

O lugar era imenso e ocupava todo um galpão antigo de oito andares. A fachada era em madeira de demolição e vidro. Entraram e o grande *lounge*, que fazia as vias de recepção, parecia deserto. Bem ao fundo, atrás de um balcão feito em concreto, um rapaz de cabelos azuis distraía-se ouvindo música.

Apresentaram-se e surpreenderam-se ao serem informados de que os nomes deles estavam em uma lista *VIP* de Brian. O jovem os conduziu por um corredor largo, que despontava em um elevador do tipo industrial. Ele forçou as grades para cima e para baixo e os convidou para embarcar... subiram...

Na cobertura, ficava o maior dos estúdios, com espaço suficiente para acomodar uma orquestra inteira. Lilly estava ansiosa, grande parte pela novidade que carregava na barriga, claro, mas... a cada passo, a adrenalina crescia dentro dela como se estivesse prestes a vislumbrar o inimaginável...

Brian, na versão maestro.

Para falar a verdade, antes dele, ela nunca tivera muito interesse em orquestras, e sua experiência com regência não fora além de vídeos rápidos no *YouTube* e um ou outro documentário na TV.

Depois de passarem por uma pequena recepção vazia, entraram em uma antessala com sofás. O jovem do cabelo azul caminhou até a parede oposta onde havia uma porta pesada e à prova de som, e a empurrou. Daniel foi primeiro e depois Lilly. A explosão de som que ela esperava não veio... o silêncio reinava. A primeira coisa que focalizou foi um trio de operadores de som que trabalhava freneticamente atrás de uma gigantesca mesa repleta de botões, traquitanas, luzinhas e engrenagens...

Os homens com fones de ouvidos estranhos nem notaram a presença do outro trio atrás deles, pois estavam atentos ao que acontecia à frente.

Lilly ergueu os olhos e congelou.

Deus!

Uma parede de vidro separava a técnica, do estúdio, como um aquário. A caixa colossal de madeira acústica estava abarrotada de instrumentistas. *Gente pra caramba!* Lilly apostou em uns cem homens e mulheres sentados, e alinhados em fileiras divididas entre instrumentos de corda, sopro e percussão.

Apesar de não haver som, ela podia sentir a energia. Com os olhos hipnotizados,

observou o fascinante balé de braços e cabeças que se movia em uma engrenagem afinadíssima. Músicos ora tocando, e ora esperando a deixa de entrada, atentos a ele: O maestro Brian, de pé diante da orquestra, no centro da sala, em cima de um pedestal.

Os braços musculosos dele se moviam com uma precisão elegante. Sua postura era dominante e controladora, viril até, e em nada lembrava o músico irreverente dos shows. Na mão direita, uma batuta executava movimentos precisos de uma euforia contida. A imagem diante dela era surreal... e sensual ao extremo. Uma faceta mais madura de Brian e contraditória.

Um homem jovem, em seus jeans desgastados, camiseta branca suada revelando traços do dragão nas costas e pés descalços, era a mais pura tradução do respeito e poder.

O dono da música! Misericórdia, que homem. Meu homem.

Naquele momento, Lilly entendeu o porquê de os maestros ocuparem um posto que parecia inalcançável na trajetória de um músico profissional. Era uma posição singular, invejada e rara para um homem tão jovem quanto Brian. Não era à toa, que os maestros eram considerados figuras quase míticas... doidões recheados de genialidade.

Deus, como ele é maravilhoso. Parece um louco, todo descabelado...

Lilly excitou-se dos pés à cabeça. Queria entrar lá e devorá-lo.

Não!

Queria mesmo, era ser comida por ele.

O corpo de Lilly saltou quando uma explosão de som invadiu a técnica, desviou o foco do aquário e viu o cabelo azul conversando com um dos homens, que sorriu. Ela o cumprimentou e voltou para o espetáculo chamado Brian.

A música orquestrada era dramática e intensa, podia sentir o amor e a revolta em cada nota. Os pelos dos braços dela arrepiaram quando a melodia atingiu o seu ápice... depois parou. Boquiaberta, viu a batuta voar no ar, enquanto Brian esbravejava algo sobre um sopro fora do tom e recomeçar do zero.

— Merda! Lá vamos nós de novo. — Um homem barrigudo e careca, sentado diante da mesa de som, esfregou o rosto.

— Se ele quer repetir, a gente repete! — um loiro respondeu.

— Mas é a sétima vez! — o careca mostrou-se inconformado. — Está mais do que perfeito para mim.

Outro técnico, negro e de aparência descolada, sentado do outro lado do careca,

gargalhou.

— Se fecha, James. É por isso que ele está lá, regendo, e você está aqui, apertando os botões. O maestro é um gênio, se ele diz que não está bom e precisa repetir, nós repetiremos.

— Merda! — o careca protestou, esticou o braço e apertou um botão vermelho enorme. — Intervalo! — gritou num microfone diante dele e Brian se voltou para a técnica.

Como que por instinto os olhos azuis-violeta recaíram na única figura feminina da sala e ganharam um brilho imediato.

— Lilly! — O coração dele disparou e ele saiu correndo por uma porta lateral.

Nem cinco segundos depois, o corpo dela já estava sendo soterrado por um abraço apertado e urgente.

— Pequenininha... Caralho, que saudades. — Apertou-a mais.

O cheiro dele a dominou e uma sensação imediata de lar tomou conta dela.

— Senti sua falta — Lilly disse com dificuldade, já que sua bochecha estava esmagada contra o peito forte e suado do músico. As mãos dela se infiltraram por dentro da camiseta e subiram pelas costas de Brian, acariciando o dragão.

Precisava senti-lo.

— Nossa, que bom que veio. — Ele cessou o abraço e segurou o rosto rosado entre as mãos. — Pensei que só fôssemos nos ver só amanhã à noite. — Beijou-a com suavidade, mas bem demorado. — Ficar longe, foi um inferno — murmurou com os lábios atados aos dela. — Já estava enlouquecendo com essa falta de comunicação.

Tudo que Lilly conseguiu foi olhar bem fundo nos olhos dele.

Deus do céu, que amor é esse que estou sentindo?

Agarrou-o e voltou a abraçá-lo. Ele não era mais só o Brian... era mais, muito mais. Em poucas horas, tudo tinha se elevado à potência máxima e a ligação que já existia, agora beirava a dependência. Como uma fêmea que precisa de seu macho para sobreviver.

MB[80]*, esse é o papai.* Lilly suspirou.

— Brian... — ela murmurou sem saber por onde começar. — Eu preciso...

— Eu sei... eu também — interrompeu-a. — Já voltamos — Brian avisou para todos. Precisava desesperadamente ficar a sós com a esposa. Finalmente, avistou e cumprimentou Daniel, soltando um "muito obrigado", para em seguida, arrastar Lilly até o camarim.

Fechou a porta, imprensando sua Pequenininha contra ela. *Ai... ai... ai...* os ossinhos da coluna dela tocaram o aço frio e uma onda de dor fez seu rosto franzir.

— O que foi? — Brian perguntou ao sentir o corpo de Lilly tensionar.

— Nada, só um mau jeito. — Ela desgrudou as costas da porta e passou os braços pelo pescoço dele. — Pronto. — Endireitou a coluna. — Já estiquei, já estou melhor. — Ficou nas pontas dos pés e deu um selinho nele. — Você que parece cansado. Dormiu?

— Não... estou destruído e ainda tenho a madrugada toda. Preciso terminar a trilha até amanhã.

Lilly olhou sobre os ombros de Brian e viu um sofá. As bolsas embaixo dos olhos dele denunciavam o quanto estava exausto. Ela pegou na mão dele.

— Vem cá... — Arrastou-o até o sofá, acomodando-o de costas para ela.

Embora estivesse louca por um contato mais íntimo, e desesperada para contar sobre a gravidez, Brian precisava relaxar. Soltar a bomba "*Você vai ser papai!* ", não lhe pareceu uma boa ideia naquele momento. Fora que as marcas acima de seus cotovelos, que ela escondera com um casaquinho azul leve, estavam começando a ficar roxas. la ter que rebolar para escondê-las.

Droga!

Ela ficou de joelhos atrás dele.

— Eu pensei que você quisesse... — ele disse assim que sentiu as mãos dela começarem a apertar os ombros dele. — Reger me deixa cheio de tesão.

— O que dá tesão é te ver reger, aquilo mexeu com as minhas estruturas. — Lilly inclinou a cabeça e beijou a nuca de Brian que sentiu os pelos arrepiarem. — Vinte minutos de intervalo não vão dar pra nada, então prefiro que relaxe. Amanhã a gente mata as saudades como se deve — ela disse e começou a massageá-lo de ombro a ombro.

Será que uma boa base resolve os hematomas?

A cabeça de Brian caiu para frente e os olhos fecharam. Um suspiro profundo escapou dos pulmões dele.

— Fiquei feliz que tudo tenha corrido bem em Londres. Acho que não suportaria outra bomba — ele murmurou entregando-se às mãos dela.

O estômago de Lilly apertou.

Ai, caramba!

Bomba? Do tipo, o Will foi me ver?

Ou...

Do tipo, sabe um filho? Então... você vai ter um.

— Foi tranquilo, melhor do que eu esperava — ela mentiu. — Trouxe uma mala cheia de coisas pra você. — Partiu para massagear os braços tensos dele.

— Pra mim? — Ele a olhou sobre os ombros claramente surpreso e contente.

— Hum-hum... um monte coisas, mas é surpresa, vai ter que esperar. — Ela o beijou na bochecha. — Como foi que disse mesmo? Primeiro o trabalho, depois o prazer?

— Hey... eu nunca disse isso. — Brian girou o corpo e a puxou para o colo. — Quero as minhas surpresas... já gosto delas. — Apertou a cintura fininha dela.

Lilly sorriu da cara de pau dele e deixou que a colocasse de costas e a beijasse, torcendo muito que Brian realmente apreciasse todas as surpresas que estavam por vir. Ela não soube dizer se foi por conta da saudade, mas a necessidade, ansiedade e paixão com as quais Brian a beijava eram novas. Ele pousou o corpo sobre o dela, enquanto suas línguas batiam uma na outra e, entre um suspiro ofegante e outro, ondulou instigando-a de forma indecente.

Safado!

De repente, o que era para ser um beijo morno, esquentou. Os dedos de Lilly emaranharam-se nos cabelos rebeldes dele e o fogo se espalhou por suas veias. Brian estava jogando sujo e ela precisando de mais contato. A dor que sentia na linha da coluna perdeu a guerra para o desejo. Lilly abriu as pernas para aninhá-lo e esfregar-se contra a Fera.

Um vai e vem de quadris começou. O vestido de malha azul que Lilly vestia subiu revelando a calcinha. O jeans roçou no tecido delicado que protegia seu sexo e um dolorido pulsar continuou a se construir entre as coxas dela e só havia uma coisa que pudesse aliviar aquilo. *Ah... que se dane!*

— Me come, Brian.

Como um robô, ele saltou para fora do sofá, ostentando um sorriso de campeão, e apressado tirou o jeans, libertando uma Fera pra lá de pronta. Como ela estava vestida, ele nem se preocupou em tirar a camiseta, não tinham tempo.

— Eu sabia que você não iria resistir. — Mordeu o lábio, quando Lilly sorriu rendida e balançou os quadris para retirar a calcinha, e chutá-la para longe.

— Vem, Maestro. — Abriu languidamente as pernas revelando suas necessidades urgentes.

Os violetas e azuis brilharam.

— Estou com tanto tesão, que não sei se vou durar muito tempo. — Deitou-se sobre ela e penetrou-a com tudo, as pélvis se chocaram e Lilly ofegou. — Caralho! Isso foi direto na minha alma. — Ele afundou a cabeça na curvatura do pescoço dela e um grunhido de satisfação quase selvagem aqueceu a pele de Lilly.

Antes de começar o ataque, Brian respirou fundo tentando se controlar. Lilly precisava se ajustar. A Bela sempre seria apertada em relação à Fera e ele também não queria gozar tão rapidamente... *Merda, que gostosa! Quentinha e úmida! Foda-se*. A carência do pau dele falou mais alto.

— Desculpe, não posso esperar — sussurrou, deslizou para fora, quase até a ponta, e, em seguida, empurrou lentamente.

— Oh... oh... oh... oh... isso — ela choramingou, deliciando-se com cada polegada daquele pau que a invadia novamente. Gemeu uma outra sequência de: — Oh...oh... oh... oh... — esquecendo onde estava e deixou-se levar. — Leve-me, Brian... eu preciso de você bem fundo.

O pedido de Lilly acendeu a necessidade primordial que Brian tinha de possuí-la até a alma. Ele a segurou pela nuca e capturando-lhe a boca beijou-a com fúria, e entrou num mete e tira, e mete de novo, delicioso.

Alheia a tudo, ela gemeu contra os lábios que a devoravam. Era disso que precisava: ser fodida... ter a mente e o corpo roubados por ele, para não sentir nada além da presença possessiva daquele corpo pesado a conduzindo para um universo paralelo de paz e luxúria.

Ele meteu, ela gemeu baixinho, ele foi duro, ela mordeu-lhe o ombro, ele equilibrou-se em um dos cotovelos e infiltrou a mão livre entre eles para dedilhar o clitóris. As costas de Lilly arquearam embaixo dele. Sua respiração pesada o estava levando à loucura.

Tão sensível... Tão... porra...

A mão enorme parou a investida entre as pernas dela, deixando Lilly a segundos de explodir em um orgasmo.

— Eu... eu... — Os quadris de Brian perderam o ritmo e, como o previsto, ele gozou rápido e duro.

— *Estúdio em cinco minutos!* — Batidas firmes soaram na porta.

Lilly encolheu-se, saiu do clima e começou a rir.

— Esses cinco minutos nos perseguem.

Merda!

— Em cinco o caralho, dez minutos! — Brian berrou para quem quer que fosse atrás da porta, deixando Lilly quase surda.

— *Tá, mas não demorem, os caras estão impacientes lá no estúdio!* — a voz gritou e afastou-se.

Quando Brian respirou fundo e tentou recomeçar os movimentos no quadril, Lilly segurou o rosto dele.

— Não... precisamos ir. Primeiro o trabalho, lembra?

— Desculpa. — Brian encostou as testas deles de forma dramática, como se o que acabara de acontecer fosse o fim do mundo. Ele estava com calor, um pouco suado e totalmente descomposto. — Você nem...

— Hey... — Lilly interrompeu-o e empurrou o corpo dele para que os dois se desgrudassem e ela pudesse sentar. E daí que ela não tivesse chegado lá? O mais importante era que os dois estavam juntos, e nem tudo, às vezes, era sobre ela. Estava feliz por Brian parecer mais relaxado. — Foi maravilhoso como sempre — não mentiu. — Só que eu prefiro continuar isso outra hora. Tem mais de cem pessoas lá fora dependendo de você, Maestro — pronunciou o título com certa pompa e levantou-se ajeitando o vestido de malha azul e o casaquinho.

Brian sentou e a observou caminhar pelo camarim até um frigobar. Lilly abriu-o e alcançou duas garrafinhas d'água, já ele esticou o corpo e alcançou a calça jeans.

Lilly entregou a água, segurando-se para não rir. Desolado, só de camiseta e nu da cintura para baixo, Brian estava engraçado.

— Por que não toma uma ducha rápida? Vai se sentir melhor para aguentar a madrugada de trabalho. — Ela abriu a garrafinha e deu um gole.

Indeciso, Brian olhou para o jeans que segurava e depois para uma porta que Lilly deduziu ser de um banheiro.

— Vai comigo?

— Não. Precisa estar naquele estúdio em cinco minutos. Não acho uma boa ideia entrarmos juntos no chuveiro. — *E nem que você veja as marcas no meu corpo*. Sorriu apreensiva.

— Tudo bem. — Ele levantou-se contrariado. — Vou pedir para o Daniel te levar para o hotel. — Puxou a camiseta suada por trás do pescoço e tirou.

A pele do tórax dele brilhava, coberta de suor.

Divino.

Lilly deliciou-se com a imagem daquele corpo masculino perfeito.

— Nem pensar... Eu quero ficar aqui. O sofá lá na técnica me pareceu bem confortável.

— Não — negou enfaticamente.

As mãos femininas foram parar na cintura.

— Ah... sim. E acho melhor dispensar o Daniel, ele sim, precisa descansar.

— Você precisa descansar.

Teimoso!

Lilly rogou por paciência.

— Preciso mais ficar com você.

— Mas vou passar a madrugada trabalhando. — Ele passou a mão pelos cabelos desgrenhados. — É melhor ir para o hotel e descansar em uma cama decente. Eu me viro por aqui, vai dar tudo certo.

O *quê?*

Como poderia deixá-lo sozinho? Se foi justo ele que lhe ensinara que o valor de um: "*Eu vou estar aqui... ao seu lado*", às vezes, transcendia o do: " *vai dar tudo certo*".

Lilly o encarou com seriedade para mostrar que não estava para brincadeiras.

— Quem sabe o que é melhor para mim, sou eu — ela disse firme e a sobrancelha dele levantou de surpresa. — Juntos, lembra? Quando eu precisei, você passou as madrugadas em um sofá, mesmo exausto dos shows, só para me apoiar. Agora é a minha vez. Amanhã cedo, eu volto para o hotel. À tarde, eu tenho uma reunião no Ballet de Nova York, e à noite, continuaremos de onde paramos.

— Tem certeza? — Ele olhou de canto de olho.

— Sim, e nem ouse me convencer do contrário. Agora, entre embaixo daquele chuveiro e depois vá reger aquela bendita orquestra. — Ela apontou para a porta. — Anda logo, também preciso de um banho e não quero perder um segundo do espetáculo. Planejo ficar com os olhos pregados naquele aquário pra você, Senhor Maestro Sexy, se exibir bastante, rebolar esse traseiro lindo e arrasar ainda mais com a minha libido.

Os lábios de Brian insinuaram um sorriso.

— Ter me casado com você foi a melhor coisa que eu fiz, sabia?

— Sabia. — Lilly piscou e o coração dela sorriu. — Agora seja um homem obediente, pare de me enrolar e já para o chuveiro.

— Ok, tudo o que a minha dona chefa ordenar. — Com um certo charme bem-humorado, Brian curvou-se em uma reverência, fazendo Lilly derreter-se. Em seguida, antes de enfiar-se no banheiro, foi rindo até uma cadeira e apanhou uma mochila com roupas.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

No táxi, Lilly deu uma última olhada nos rascunhos que havia feito no Teatro de Nova York. Depois de, a contragosto, deixar Brian no estúdio, passou no hotel para trocar de roupa e partiu para uma reunião de horas com os diretores e coreógrafos. Lilly ficara boa parte da tarde acompanhando o ensaio para captar a essência do balé que seria apresentado naquela temporada. A lenda do pássaro azul.

Suspirou, olhou para Daniel entretido com algum joguinho no celular, e voltou a examinar os traços de um azul profundo que fizera. Precisava captar a essência daquela história que dizia que o pássaro azul era o símbolo de uma felicidade inatingível, onde a razão do pensamento consciente cedia lugar à fantasia e aos sonhos que emergiam dos abismos mais profundos da nossa psique. O azul tinha o poder de atingir o portal do inconsciente.

Será?

Lilly guardou os desenhos em uma pasta e passou a observar a agitação da cidade que corria desenfreada lá fora... Cores, pessoas e carros indo e vindo apressados.

Será que a felicidade total não existe mesmo?

Será que sempre haverá um ponto negro para manchar a pureza do azul?

— *Mesmo o Azul é composto de luz e trevas, Lilly. Todos nós somos...* — Ela lembrou-se das palavras do diretor artístico. — *Ele não seria o que é, se não fossem o preto perfeito e o branco tão puro quanto o ar. Entretanto, o pássaro era um tolo sonhador e não aceitava a sua essência, na ânsia da libertação das trevas, e desprovido de ardileza mundana, se perdeu. Voou e partiu para uma busca sem fim pela pureza total, mas essa, minha querida, não existe. Somos luz e trevas... O segredo? Sapiência, minha doce Lilly. Saber qual lado iremos alimentar... as trevas ou a luz?*

Ela sorriu, sentindo-se o próprio pássaro. Desejava uma felicidade total e inatingível, e como o Azul, ela tinha a sua luz perfeita e etérea... Não! Suas duas luzes perfeitas! Brian, e agora, MB, mas as trevas sempre os rondariam e nada poderia fazer em relação a aquilo... a não ser, não alimentar o obscuro.

O táxi parou em frente ao Plaza sem chamar a atenção. A tática de Daniel de evitar o SUV da banda, e a presença sabida de Brian no estúdio, estavam mantendo as fãs afastadas por um tempo.

O porteiro, vestido em um elegante uniforme negro e quepe, veio recebê-los com um sorriso estampado no rosto. O elegante senhor ofereceu-se para carregar as várias sacolas que Lilly segurava. Gentilmente ela recusou a oferta e como se fossem ouro, preferiu entregar as compras que havia feito, para Daniel.

Subiram o curto lance de escadas, coberto por um tapete vermelho, e entraram no hotel.

— Dani, será que pode deixar as coisas que comprei para o afilhado de Marie no meu quarto? — pediu.

— Claro. — Ele levantou as várias sacolas e sorriu. — Não vai subir?

Lilly quase corou, odiava mentir.

— Só depois de me encontrar com o *concierge*. Eu pedi que ele preparasse algumas coisas. O Brian deve voltar a qualquer momento.

— E se precisar de mim?

Lilly girou os olhos ao redor e sorriu.

— Não sou feita de louça, Dani, não pode me seguir por aí, vinte e quatro horas. Qual é? Estamos no hotel mais seguro de Nova York... relaxe.

Mesmo não gostando muito, Dani assentiu e atravessou o saguão do hotel em direção aos elevadores, enquanto Lilly percorria o elegante lugar em direção à escada. No subsolo do Plaza havia diversos restaurantes, lanchonetes e cafeterias. Entrou no Tood English, um lugar pequeno, discreto e com poucas mesas que era mais utilizado para refeições rápidas e encontros.

Sabia que o *concierge* estaria ali e não teve dificuldade para encontrá-lo ao lado do bar. O homem alto, com uma espessa cabeleira ruiva acenou assim que a viu. Prestativo, explicou-lhe que tudo que Lilly havia pedido mais cedo, estava pronto... as flores da suíte... a refeição leve à base de sushis e uma garrafa de Taste of Diamonds[81]. Uma extravagância bem cara, ela sabia, mas a garrafa daquele champanhe tinha um quê especial que combinava com a ocasião. Ela era adornada por um cristal afixado dentro de um emblema que lembrava muito o símbolo do Super-Homem.

Depois de quebrar a cabeça, Lilly achou que um pouco de humor a ajudaria na difícil missão de contar sobre a gravidez.

Ela queria brincar com o fato de Brian tê-la engravidado logo de primeira. Coisa que só alguém com superpoderes de fecundação poderia fazer. Já o cristal, era o bem mais precioso dela... Seu MB, a sementinha que em poucas horas tinha trazido um brilho especial para a vida dela.

Passado o susto, Lilly estava muito animada e otimista. Com certeza, Brian adoraria a novidade!

E talvez, ela fosse precisar mesmo de dois aviões para voltar para casa. Lilly divertia-se com os pequenos mimos para Brian, mas, agora, outra pessoinha tinha entrado na brincadeira. Antes da reunião, ela não resistira ao seu novo vício e também comprara "algumas muitas" coisinhas para o filhotinho dela.

— Obrigada, Paolo — Lilly agradeceu ao *concierge*. Ela ainda precisava tomar um banho e conferir se a base que tinha comprado era mesmo tão milagrosa quanto a vendedora da M.A.C[82] lhe dissera. Segundo ela, foi a mesma que certa cantora famosa usou para esconder as marcas no rosto provocadas pelo namorado mais famoso ainda.

— Daqui a pouco enviarei alguém para reabastecer o balde com gelo — o *concierge* disse.

— Vou estar no banho, mas deixarei a porta entreaberta — avisou, sabendo que os quartos da cobertura, por segurança, não tinham chaves mestras para uso dos funcionários.

Despediram-se e ao se virar, Lilly não pôde deixar de reparar na animação de um casal que se agarrava em uma mesa discreta, mas não tão escondida, ao ponto de acobertá-los por completo.

O rosto dela endureceu quando o homem parou o beijo que dava na loira estonteante e a encarou surpreso.

Merda de espelho!

Lilly olhou para o rosto da mulher refletido na parede atrás deles.

Puta que pariu! Não pode ser!

Desgraçados!

De repente, tudo fez sentido e uma onda de indignação tomou conta das veias dela. *Desgraçados!* Sem saber o que fazer e nem um pouco disposta a enfrentá-los, Lilly saiu apressada. Para a sua sorte, avistou um grupo que embarcava em um dos elevadores aos fundos da galeria. Gritou pedindo que a esperassem e correu.

Entrou com eles e antes que as portas se fechassem totalmente, um rosto tão parecido com os que ela amava, a escrutinou da porta do restaurante. Respirou aliviada quando o aço cortou o contato entre eles e o elevador subiu.



42

Lilly pegou uma boa dose de base e espalhou-a sobre as marcas proeminentes acima dos cotovelos. Do banheiro, ouviu quando o camareiro entrou e repôs o gelo. Até pensou em vestir o roupão para entregar-lhe uma gorjeta, mas ainda estava muito chocada com o que vira, para ter qualquer contato humano.

Droga!

Com tanto lugar no mundo... Eles tinham que estar justo aqui?

Chocada era pouco. Tanto tempo querendo saber porque Brian tinha rompido com Kate. Tantas especulações... tanto silêncio. Agora entendia porque Kate e o pai dele eram assuntos dolorosos para o músico...

Desgraçados!

Lilly estava inconformada.

Ela já tinha percebido uma certa insegurança e desconfiança bem disfarçadas em algumas atitudes de Brian. Achava que era ciúme ou até mesmo possessividade, só que agora, estava claro. *Tudo culpa daqueles dois!* Não era à toa que Penny lhe dissera que Brian passara por momentos bem sombrios. A biscate "polva" o tinha traído com o próprio pai! *Inacreditável*! Aquilo, na escala de traições de Lilly, era muito pior do que Ava tinha feito com ela.

Deus, isso traumatiza qualquer um! Coitado do meu Maestro.

Perguntando-se como Sarah conseguira relevar uma atitude como aquela, vinda do marido, Lilly terminou de cobrir os roxos no braço. Em seguida, vestiu e amarrou o roupão com a mesma vontade que estava de estrangular aqueles dois.

Lilly apoiou as palmas das mãos no mármore gelado da pia e fechou os olhos. Estava com o coração apertado e numa sinuca de bico.

— *Fiquei feliz que tudo tenha corrido bem em Londres. Acho que não suportaria outra bomba.* — Lembrou-se das palavras do músico.

Inspirou e soltou o ar bem devagarinho. Por mais que ela o idealizasse como um super-herói, Brian era de carne e osso, não de aço.

Ai, ai... meu grandão, até super-heróis têm lá as suas kriptonitas, né? E a sua, meu amor, atende pelo nome de Ian Pierce.

É, definitivamente, Lilly não falaria nada sobre o que tinha visto. Do fundo do coração,

sabia que aquele não era um assunto dela, e ressuscitar velhos traumas só o prejudicaria.

Amar não é isso? Proteger?

Lilly saiu do banheiro e entrou no quarto a tempo de encontrar o camareiro que empurrava um carrinho de buffet, pronto para sair. Ela o chamou pedindo que aguardasse por uma gorjeta. O jovem de uniforme vermelho e chapéu esquisito ficou um tiquinho constrangido ao notar que a bela senhora estava de roupão. Achou-a estonteante e as bochechas magras dele coraram. Com lisura, agradeceu a nota de cem dólares, e apressado, empurrou o trambolho até a porta e saiu.

Ela mal teve tempo de virar para admirar a bela arrumação que haviam feito e ouviu batidas na porta. Decerto, o camareiro havia esquecido algum detalhe. Abriu-a e tentou fechá-la na mesma hora.

Merda!

Seu corpo pequeno e leve não foi páreo para a fúria morena grisalha que empurrou a porta e entrou na base da força.

O coração de Lilly disparou de um jeito ruim, quando ela deu um pulo para trás, na tentativa de se afastar ao máximo, do homem que respirava ruidosamente diante dela.

— Saia já do meu quarto! — gritou indignada e segurou as golas do roupão mantendo-as bem juntas.

— Não sem antes termos uma conversinha — murmurou ele ofegante e Lilly perguntou-se se Ian havia subido até ali pela escada.

— Não temos nada para conversar.

— Quero que esqueça o que viu. Nem uma palavra, entendeu?

As sobrancelhas delicadas dela franziram. Já tinha decidido pelo silêncio, mas, claro, não diria nada ao ordinário. Sem chances de dar aquele prazer a ele. O homem estava em pleno agarramento em um lugar público, certamente outras pessoas o haviam reconhecido.

— Não é comigo que tem que se preocupar. Onde está a sua amante? — Olhou para a porta escancarada.

— Kate foi dar uma volta. Somos eu a você. — Os olhos frios percorreram o corpo de Lilly, deixando-a ainda mais nervosa.

— O Brian já vai chegar, saia daqui.

Um brilho repentino iluminou os olhos dele.

— Que chegue, aquele lá é um frouxo, não vale nada...

O quê?

— Quem não vale uma merda é você! — interrompeu-o e deu-lhe o seu pior. — Deus! Como pôde trair o seu próprio filho? Dar em cima da noiva dele?

— Pera lá... Eu não dei em cima de ninguém! Eu sou o astro! — ele disse e a raiva de Lilly só aumentou. — Ela que veio para cima... Além do mais, pego daquele projeto mal feito de mim mesmo, o que eu quiser. O merdinha me deve o nome, o Oscar, tudo o que é.

— Seu lunático invejoso! O Brian é muito maior que você, que esse seu nome. Ele é um gênio, isso sim! E, se hoje brilha mais do que você, é por mérito dele!

Pego de surpresa pela ira daquele pedaço de carne delicioso, Ian não pôde conter o riso.

— Ninguém brilha mais do que eu, Brinquedinho — gargalhou. — Sei muito bem o que fazer para a estrela dele apagar.

O quê? Ele é seu filho, pelo amor de Deus!

Lilly respirou fundo, desejando ter ouvido errado, mas já tivera oportunidade de julgar o verdadeiro caráter de Ian. Não só pelas conversas com o marido, mas por experiência própria, nas duas míseras vezes que haviam se encontrado. O pai do Brian não prestava.

Narcisista, filho da puta!

Ela perdeu a compostura.

— Você é um monstro!

Ian ignorou-a, girou os olhos ao redor, a atenção dele recaiu sobre o champanhe que descansava no balde de gelo e sorriu com mais desprezo para Lilly.

— Estão se tratando bem, hein? Aproveitem... isso um dia vai acabar. — Ele estalou a língua de um jeito que fez Lilly estremecer.

— A Kate? Fez de propósito, não fez?

— Ele precisava entender quem é a estrela da família. Quem é o preferido do público, só o coloquei no lugar.

— Inacreditável... — Lilly murmurou mais para si mesma.

Ela queria que Ian fosse embora. Ele ali, parado no meio do quarto como se fosse o dono de tudo, era insuportável.

— Não sou homem de passar vontades... — Fixou o olhar onde a ondulação dos seios de

Lilly era visível sob o roupão. *Nojento!* — Já disse, pego o que eu quiser. — Estreitou a distância entre eles.

— Nem se atreva... — Lilly deu um salto para o lado, quase esbarrando na cama. — Respeite ao menos a sua mulher! Ela sabe que está aqui? O que faz?

— Tire o nome dela da boca! — vociferou, deixando claro que Lilly havia passado dos limites. — Sarah é assunto meu... é bom aquele merdinha continuar bem quieto e controlar a sua boca ou... — Os punhos dele fecharam.

Ou o quê? Vai me bater?

Lilly procurou algo para tacar na cabeça de Ian, mas não havia nada ao alcance das mãos dela.

— Você é asqueroso.

Ele gargalhou e os punhos relaxaram.

— Deixa de se fazer de rogada, Brinquedinho... Vejo o jeito que seus olhos brilham quando me olha.

Não brilham! Queimam de nojo!

— Você está louco! Eu amo o Brian.

Ian fez um gesto de puro desdém.

— Ama nada... não dou nem cinco minutos para rastejar atrás de mim, igual a Kate fez. Todas rastejam. Porque não começa agora, e fica de quatro...

O pior lado de Lilly aflorou.

— Seu pervertido fodido do caralho! Saia!

Ian adorou ver a boquinha linda de Lilly proferindo aqueles insultos. *Tesuda!* O pau dele vibrou, adoraria domar a ferinha.

— É disso que gosta, Brinquedinho? De uma sacanagem bem suja?

Os olhos de Lilly dobraram em choque. Ela abriu a boca e fechou, e nada lhe veio à cabeça. Tudo que pensava era que precisava escapar dali ou o pior poderia acontecer.

— Vem... tira esse roupão, quero esse rabo bem empinado para eu te foder com os dedos, enquanto chupa o meu pau.

— Seu doente! — Ela tentou correr até a porta, mas o braço dele a enlaçou como um ioiô e o corpo de Lilly ricocheteou.

Ian moveu-se com rapidez, jogou-a na cama e debruçou-se sobre ela enfiando o joelho entre as coxas de Lilly, imobilizando-a. Abafou o grito de socorro com a mão.

— Adoraria ouvi-la gritar, mas é melhor evitarmos um escândalo.

As mãos de Lilly voaram para os cabelos dele puxando-os. Ela estava apavorada... morreria, mas não ia se deixar ser estuprada. O cheiro de bebida que ele exalava a deixou enjoada. Debateu-se, o roupão abriu, só aumentando mais o modo voraz com o qual ela a olhava.

— Tetas lindas. — Ian pressionou a virilha entre as pernas dela e um traço de ereção se fez presente.

Não! Não! Não!

Lilly começou a espernear já sem ar, a boca de Ian aproximou-se do mamilo dela, e ela fechou os olhos quando a língua nojenta dele se projetou. O contato asqueroso que ela esperava não aconteceu. Abriu os olhos quando um rugido furioso explodiu no quarto e o corpo de Ian foi arrancado de cima do dela.

— Brian! — ela berrou assim que sua boca ficou livre.

— Seu desgraçado! — a voz de Brian estava irreconhecível pela fúria. — Ela não! Ela não! Ela não! — ele repetia como se estivesse em transe.

Ian gargalhou.

— Já deveria estar acostumado a perder para mim, seu Bostinha.

Desnorteada, Lilly sentou na cama. Os dois estavam frente a frente, corpos retesados, punhos cerrados e com os olhares mortais fixos um no outro.

— Filho da puta! — Brian rosnou.

— Ela é mesmo deliciosa. — Ian molhou os lábios.

Lilly assistiu horrorizada, Brian lançar-se sobre o pai como um tigre voraz e mortal. Os dois homens se chocaram, cambalearam e derrubaram a mesa delicadamente posta. Taças, louças e o balde de champanhe voaram até se espatifarem em mil pedaços no chão de mármore Carrara.

Jesus!

Lilly pulou ficando de joelhos no colchão. Uma onda de socos começou... era como assistir dois lobos de matilha disputando território. Brian era visivelmente o mais forte e o mais furioso. O coração de Lilly quase entrou em colapso de tanto que começou a bater... *Deus!* O braço forte do músico projetou-se e desferiu um golpe de direita no maxilar do pai.

— Você foi longe demais! — rugiu.

Oh, meu Deus!

— Daniel! Ajuda aqui! Ele vai matá-lo! — ela gritou o mais alto que pôde, quando o corpo de Ian caiu e deslizou por entre os cacos de vidro da garrafa quebrada.

Lilly arrastou-se para fora da cama e agarrou a cintura de Brian, colando o corpo seminu às costas dele. Ambos tremiam e ela podia sentir as batidas enérgicas do coração dele.

— Não, amor.

Tentou acalmá-lo, mas foi em vão. O ódio o tinha deixado irracional.

— Me deixa! — Ele desgrudou as mãos dela de sua cintura, balançou o corpo e Lilly voou para longe, caindo sobre as malas abertas no chão.

Outro mergulho e Brian voltou a se atracar com o pai, que proferia toda espécie de barbaridades.

— A putinha que veio atrás de mim! — Ian berrou antes de tomar outro soco.

— Mentira! — Brian vociferou e socou o rosto do pai novamente.

Lilly queria gritar, mas estava congelada. Nunca tinha visto tanta agressividade e ódio. Os dois se detestavam, não havia nenhum elo de amor entre eles. Aquele monstro já tinha destruído o filho uma vez e queria fazê-lo de novo. Lágrimas começaram a rolar sem controle pelo rosto dela.

Uma gargalhada de deboche reverberou.

— Disse a mesma coisa quando me pegou com a Kate. — Foi a vez de Ian atingir o filho com bem mais do que um soco. O homem parecia ter prazer em humilhá-lo. — Aceita logo, que dói menos... vou comer a putinha, e como sempre, não fará nada.

Brian ergueu o braço para outro golpe, mas congelou segundos antes de Daniel entrar no quarto, imobilizá-lo por trás e arrastá-lo para longe do pai.

— Calma, pensa... respira... ele não vale a pena... se controla... — O segurança recitava com voz firme.

Ian sentou-se com dificuldade e limpou o canto da boca que sangrava. Brian olhou para o pai e depois para Lilly, seminua diante deles.

De novo, não!

Merda!

O cérebro dele desligou, contaminado pelos flashes de memória sobre o que acontecera no passado. As sensações ruins e sufocantes voltaram com tudo envenenando qualquer pensamento

racional de Brian. O corpo de Kate sob o do pai... o choque... a briga... a humilhação... o medo de que a mãe atentasse contra a vida dela novamente... o silêncio... a dor... muita dor...

Como um robô, Brian levantou-se e saiu em disparada do quarto. Do jeito que estava, Lilly saiu do meio das malas e correu atrás dele só para ver a porta do elevador fechando, segundos depois de Brian socar as paredes de aço.

— Brian! — tentou gritar em vão ao chegar perto e começar a apertar os botões, desesperada.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Quatros horas depois...

— Lilly é melhor voltarmos. — Daniel segurou o ombro dela. — Já percorremos todos os bares possíveis — disse, imaginando que em algum ponto do caminho, Brian deveria ter tomado um táxi.

Depois de Lilly expulsar Ian sob a ameaça de denunciá-lo por estupro e de contar tudo para Sarah, ela vestiu a primeira camiseta e jeans que encontrou e os dois desceram para procurar o músico. Já estavam há horas perambulando de bar em bar à procura dele.

— Ele tem que estar em algum lugar... o porteiro disse que ele saiu a pé. — Ela parou e olhou em volta, indecisa. As pessoas que andavam apressadas na calçada começaram a desviar deles. Do nada, Lilly abraçou o segurança afundando o rosto no peito imenso dele. — E se ele acreditou no que o pai dele disse? Eu juro... — soluçou.

Lilly estava despedaçada e nada do que Daniel havia lhe dito fora capaz de diminuir o aperto no peito dela.

Entre um bar e outro, seu anjo da guarda explicou que Ian aparecia no Plaza toda vez que a banda estava na cidade, que fazia extravagâncias nos restaurantes e creditava tudo na conta do filho. Tentou convencê-la de que a reação de Brian ia muito além do que acontecera apenas naquela noite. Que o amigo estava com as traições do pai engasgadas na garganta, e que por causa delas, Sarah tinha tentado o suicídio quando Brian era pequeno e só não morreu, porque o filho a tinha encontrado... que o músico não queria que a mãe sofresse mais, mas se culpava por nunca ter contado para Sarah o que acontecera de fato com Kate.

Droga!

O meu Brian está em algum lugar... sofrendo e vulnerável!

— Deus, eu o amo tanto! — Ela recomeçou a chorar. — Eu jamais...

— Shhhh, eu sei... eu sei... — O segurança a envolveu em um abraço protetor. — Conheço o meu amigo. Ele só precisava respirar... Aquele bosta do Ian tem o poder de quebrá-lo — controlou o tom para esconder a raiva. Aquele atorzinho desgraçado aprontava as piores barbaridades e sempre usava a fragilidade de Sarah para chantagear o filho e mantê-lo calado. — Na certa, Brian deve estar por aí enchendo a cara até recobrar a razão. O que aconteceu foi pesado demais. Vamos... — Girou os calcanhares e mudou de rota conduzindo Lilly aninhada sob as asas dele.

Assim que despontaram na esquina, o rosto do porteiro iluminou-se. O homem gesticulou um positivo e apontou para o hotel.

Lilly saiu correndo, passou sorridente pelo porteiro e subiu o lance de escadas como um foguete, quase se chocando com um grupo que saía alegremente do hotel. Ela desviou deles, entrou e atravessou o saguão sem olhar para os lados.

Caralho, que rápida!

Daniel seguiu firme em seu encalço e embarcaram no primeiro elevador que chegou. Ele estava aliviado, tinha cometido um erro. Não deveria ter apoiado o Brian quando ele decidira por ficar em Nova Iorque sem qualquer segurança.

Nunca mais... prometeu-se. Sem essa de *"sei me cuidar e preciso de um respiro"*.

— Vou dar espaço para vocês se acertarem e esperar no corredor, mas aconteça o que acontecer, calma, ok? — Daniel pediu para uma Lilly descabelada e vermelha. As solas dos pequenos *All Stars* vermelhos batiam com impaciência, enquanto ela olhava fixamente para os números aumentando no visor.

— Estou calma... — ela mentiu baixinho.

Alimente a luz não as trevas...

Lilly começou a mentalizar, porém mal o elevador parou, ela espremeu o corpo por entre as portas semiabertas, correu para o quarto e parou assim que viu o que acontecia lá dentro.

Ah, não... Hoje é o dia! Outra vez, não... De jeito nenhum!

Lilly puxou o ar com fúria. Até quando aquela vaca perseguiria o marido dela? A peito GGG não fazia nada da vida, além de ir de cidade e cidade atrás do Brian? Respirou fundo mais uma vez...

Luz, não as trevas...

Luz, não as trevas...

Vermelho!

— Que se foda a luz! — Lilly berrou e caminhou decidida em direção à cama. Agarrou os cabelos loiros de Diana e puxou-os com tudo. A mulher, que alisava o peito de um Brian totalmente vestido e semi-inconsciente na cama, caiu para trás.

A ira de Lilly estava em grau máximo. Duas tentativas de abuso no mesmo dia eram demais.

— Solta o meu marido, sua vaca! — berrou certa de que a loira planejava despir Brian para forjar um flagrante. — Não vou cair no seu teatro de novo!

Diana tentou se livrar do aperto de aço em seus cabelos.

— Ai, ai... meu aplique, me larga! Estou cuidando dele!

— Quem vai cuidar dele sou eu! — Lilly começou a arrastar a mulher pelo chão do quarto com uma força que nem ela sabia que tinha.

— Seu marido uma merda, sua farsante! — Diana tentou em vão fincar os saltos no chão para brecar a fúria do arraste de Lilly.

— Cale a boca, vaca! Vai aprender de uma vez por todas quem manda aqui!

Diana gargalhou.

— Manda uma ova! Ele estava sozinho e arrasado no clube! Tudo culpa sua! Sorte que apareci por lá para apoiá-lo.

— Já mandei calar a merda da sua boca! — Lilly rugiu como uma leoa. — Nunca mais chegue perto do Brian!

A loira foi gritando mais barbaridades, enquanto era arrastada como um saco de batatas. Tomada pela ira, Lilly não ouvia uma só palavra do que ela dizia.

— Ordinária anã! Eu sabia que tinha alguma coisa esquisita nesse casamento!

Atraído pelos gritos femininos que não eram de Lilly, Daniel entrou no quarto.

Porra!

Fechou os olhos e xingou-se mentalmente.

Que merda! Sou um idiota! Como não me lembrei do clube privado que os caras da banda e a Diana costumavam frequentar?

O segurança abriu os olhos e pensou em intervir, mas parou. A baixinha deles sabia se

defender e precisava daquilo: ensinar uma boa lição para aquela vadia.

De prontidão, assistiu Diana ser arrastada até o corredor. Não conteve o riso quando o salto dela quebrou, em outra tentativa de frear o furacão chamado Lilly.

— Daniel! Leve essa vaca até a recepção e certifique-se de que ela nunca mais tenha acesso ao hotel. Avise ao gerente, que mais tarde, eu mesma farei uma queixa formal.

— Me solta, sua psicopata! — A loira estrebuchou no chão, com o vestido vermelho que usava, acumulado na cintura.

Lilly soltou os cabelos de Diana e jogou no chão, um punhado de aplique que ficara preso entre os dedos dela. A loira se levantou e Daniel colocou o corpo entre elas.

— Sou sim... muito psicopata... um demônio... o seu pior pesadelo, a partir de agora — Lilly disse com uma calma assassina e encarou a mulher que tentava se recompor. — Esqueça que nós existimos. Não é páreo pra mim, Diana. Vou defender a minha família a qualquer custo e vou acabar com a sua raça se chegar perto de qualquer um de nós novamente.

— Está me ameaçando? — Os olhos de Diana estreitaram.

— Estou! — Os olhos de Lilly fizeram o mesmo.

Sem dar chance de resposta para Diana, Daniel ergueu-a pela cintura e apressou-se na direção contrária do quarto.

— Quando encerrar com essa aqui, eu volto para te ajudar! — avisou, ignorando os gritos da loira em seu poder.

Quando o elevador fechou levando os dois, Lilly encostou-se na parede e espalmou as mãos na barriga. De olhos bem fechados, puxou o ar uma série de vezes. Ela não sabia dizer o que estava mais acelerado... Se o coração ou a respiração.

— MB, fica direitinho aí dentro, e nem ouse me assustar, está ouvindo? Já chega o maluco do seu pai. Meu amor, a mamãe precisa que seja forte. Somos um time, o papai precisa da gente, promete ser meu guerreiro?

Lilly deixou as lágrimas aflorarem, precisava de um tempo, antes de enfrentar a Fera baqueada no quarto. Estava exausta... e se não fosse pela certeza de que morreria longe de Brian, fugiria dali para nunca mais voltar.

Procurou acalmar-se e limpou as lágrimas, concentrando-se no que era de fato importante: Brian, o amor da vida dela, que estava bêbado com um gambá, vulnerável e ferido na alma. *Droga!* Se ela pudesse, trocaria de lugar com o marido, e estranhamente, não estava abalada com

o ataque de Ian, pois, no fundo, já esperava por algo parecido.

Rezou baixinho, pedindo ajuda e forças para os pais falecidos, e uma onda de determinação e fé percorreu as veias dela.

Voltou para o quarto e não soube se chorava ou ria. Brian estava de pé ao lado da cama, tentando desajeitadamente se manter de pé, todo descabelado e mais vomitado do que a garota do *Exorcista* versão 3.0. Riu de nervoso quando, em um movimento nada gracioso, ele tentou arrancar a camiseta e caiu sentado na cama.

— Opa, por que o quarto está girando? — Brian perguntou para o nada e com as mãos instáveis, procurou os botões do jeans.

Lilly apressou-se e ficou de pé diante dele.

— Deixa que eu ajudo. — Inclinou-se para tocá-lo.

— Não. — Brian afastou as mãos dela e esforçou-se em uma expressão zangada. — Saia daqui.

Um cheiro forte de álcool subiu.

Droga, isso vai ser difícil.

— De jeito nenhum.

— Saia — ele insistiu, mal equilibrando o corpo no colchão.

Ok...

É assim que vai ser?

Tudo bem.

Depois de ver Diana, Lilly meio que já esperava por uma reação daquelas. Ficou claro que a GGG não perderia a chance de alimentar os demônios de Brian e colocá-lo contra ela.

— Está bem, eu saio, mas só depois que tomar banho.

— Não... se vai me trocar por ele, prefiro ficar sujo — ele disse com voz enrolada.

Hã?

Lilly sentou e tocou no rosto suado e machucado de Brian.

— Eu não vou trocá-lo, nunca.

A expressão dele ficou confusa.

— Não vai? Por quê? Cadê o meu pai? — havia uma certa apreensão no seu tom de voz.

— Caralho, eu o matei?

A sobrancelha dela levantou, quando mirou nos olhos dele e constatou que os violetas e azuis estavam totalmente desfocados e nublados.

Droga! Quanto será que esse homem bebeu?

Brian parecia alternar-se entre a semilucidez e a embriaguez total.

— Calma, ninguém morreu. — Acariciou-o novamente. — O Ian saiu por conta própria, um segundo depois de você. Ele não queria um escândalo. — Ela achou melhor omitir os detalhes sórdidos das ameaças que fizera ao ordinário. E mesmo sob os protestos de Brian, Lilly agarrou a barra da camiseta gosmenta e arrancou-a pela cabeça melada. — Está nojento. — Franziu o nariz arrebitado, jogou o tecido fedorento em um canto e controlou uma onda de enjoo. Se havia uma coisa no mundo, que a fazia querer vomitar, era vômito.

— Está com nojo de mim? Desde quando? Vai... enfia logo a faca em mim! — Ele bateu no peito dramaticamente. — Me abandona logo, porra!

Cristo!

— Será que dá pra fechar essa matraca? — Lilly empurrou o peito estapeado, até que Brian caísse de costas na cama. — Se comporte.

— Hey, eu não sou um maldito bebê!

Maldito?

O coração de Lilly apertou e ela disse a si mesma, que aquelas palavras eram só o efeito da bebida, nada mais. Brian tinha um coração amoroso, não poderia odiar nunca os bebês...

Poderia?

Lilly respirou fundo.

— Então pare de agir como um. — Ela arrancou os tênis dele e, em seguida, desabotoou a calça e puxou-a com tudo. — Sei do que está precisando.

Carinho.

— Sai pra lá... não vai transar comigo por pena — Brian grunhiu em um lamento para em seguida, cobrir o pau mole com as mãos. — Não quero sexo de consolação, não depois de ter transado com o meu pai.

Quem aqui está pensando em transar? Dai-me paciência!

Lilly conferiu a Fera nocauteada e suspirou com certo alívio. Sóbrio, ele jamais a trairia, e

bêbado, bom... as evidências físicas eram óbvias. Transar com a Diana não tinha rolado... Era mecanicamente impossível... não com um defunto entre as pernas.

Obrigada, Deus!

Ela olhou com carinho para ele. Mesmo bêbado, machucado e fedendo como um gambá, continuava lindo. Então prendeu o ar e puxou-o pelos braços.

— Vem cá, meu chato. — Brian sentou por inércia e o corpo dele pendeu para um lado. *Droga!* Ela o sustentou. — Um, prefiro morrer a transar com aquele asqueroso do seu pai... e dois, nada de sexo entre nós, está entendendo?

— Não. — A expressão perdida de Brian indicava claramente, o quanto ele não estava entendendo nada.

— Seu pau morreu! Já era! — ela explicou em uma linguagem fácil de ser entendida.

Apesar de exausta, Lilly segurou o riso quando Brian girou a cabeça para encará-la. Ele estava com um olho aberto e outro fechado.

— Morreu? — Baixou a cabeça e mirou na cena fúnebre em sua virilha.

— Hum-hum... você matou, afogado no álcool.

— É, matei. — Arrotou e sorriu torto. *Nossa, que charme!* Lilly olhou para os lados à procura de um balde. — Me dá uma faca, que vou cortar essa merda! — Ele agitou-se. *Não!* Lilly não aguentou e riu. — Não é engraçado, é trágico. Nunca mais vou transar. — Arrotou de novo. — O Ian não desiste e quando ele te roubar de mim, vou virar monge e depois morrer. Sacanagem! Eu te amo, porra! — O rosto dele franziu.

Lilly deu um salto, assim que uma nova onda de vômito tingiu o chão do quarto.

— Isso é vinho?

A voz de Daniel tirou Lilly do estado de paralisia. Ela desviou o olhar da poça roxa e assentiu para o segurança.

— Vinho, entre outras coisas.

— Isso é nojento! Como ele está?

— Poderia estar pior, vai superar.

— Ele vai se odiar amanhã, isso sim. — Ainda impressionado, Daniel apontou para o corpo nu e inerte de costas no colchão. — Só com muito amor, né?

Droga! Tanto trabalho para fazê-lo sentar.

Lilly sorriu desolada.

— É... só com todo o amor do mundo. — O nariz dela enrugou com o mau cheiro que subiu. — E um banho... O meu boxeador precisa de um banho.

— Precisa mesmo, e vocês de outro quarto.

O aposento de Daniel ficava colado ao deles e havia uma porta interna interligando-os. O segurança não teve dificuldade em passar por ela com Brian nos braços. Depois de analisar as possibilidades, ele decidira que era muito arriscado ligar para a recepção e pedir um novo quarto. Já tinha sido um custo calar a boca de Diana e fazê-la sair pela garagem. Conhecia o Plaza, os *paparazzi* costumavam manter uma rede de informantes espalhados pelo hotel.

Para alívio de ambos, Brian chiou, mas não ofereceu muita resistência quando o colocaram sentado no chuveiro. Daniel ajudou Lilly e em pouco tempo, o Belo Bêbado já estava limpo, vestido e profundamente adormecido.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Lilly, acorda* — uma voz preocupada a arrancou de um sono tenso, no qual Brian tinha composto uma música onde a acusava de traição e depois a cantava para milhares de pessoas. — Lilly. Preciso ir.

Pra onde?

— *Lilly.*

— Hã? — Ela entreabriu os olhos e a luz vinda de um abajur a incomodou.

— Preciso voltar para Los Angeles. — O rosto cansado de Daniel emergiu por trás das costas de Brian, que dormia agarrado a ela. Lilly levou uns segundos para lembrar por que diabos o segurança estava ali, esticado no colchão.

Ah!

Eu mesma que mandei!

Depois de um pequeno debate sobre o quanto era absurdo Daniel dormir em um sofá apertado, quando a cama era gigante, o guarda-costas cedeu aos argumentos de Lilly e deitou-se com eles.

— Precisa o quê? — ela murmurou.

— Voltar para Los Angeles. O Gabe...

— O que tem? — Lilly tentou sentar, mas o corpo desmaiado de Brian estava pesando uma tonelada. — O Brian.

— Não o Brian, o Gabe.

— Não o Gabe... o Brian... tira ele de cima de mim.

— Ah...

Daniel segurou Brian pelo ombro e cintura, rolando o corpo dele. Assim que ele ficou de barriga para cima começou a roncar. Exausta, Lilly riu.

— Meu príncipe tem um lado bem ogro, né?

— E não temos todos? — O segurança estava impaciente e preocupado.

Ela assentiu.

— É, todos temos. — Sentou e puxou o ar. — Por que essa sangria desatada? Voltar para Los Angeles no meio da madrugada?

— O Gabe ligou... meteu-se em uma enrascada e pediu para eu ir buscá-lo.

— Enrascada? — a voz de Lilly saiu em um quase grito e ela olhou para Brian, que nem se mexeu.

Ela respirou fundo. *Outra bomba? Pobre Mark!* Não era à toa que o empresário era tão estressado. A cada passo que seus meninos de ouro davam ou era um flash, um casamento ou um soco.

— Vou pedir um táxi e correr para o aeroporto. — Daniel levantou e o colchão subiu com a ausência do peso do corpo dele. — Têm voos de hora em hora.

— Mas e o pessoal?

— Ele não quer que ninguém saiba o que aconteceu. — O segurança foi até uma cadeira, com algumas roupas jogadas, e trocou o shorts e camiseta que usava por elas.

— Mas o que aconteceu? Onde ele está? — Lilly despertou de vez.

— Ele não disse, mas deve ter se metido em algo grande, para não querer envolver os outros caras, e muito menos Mark. — Daniel começou a enfiar as coisas dele de volta na mochila. — Ele está escondido em um beco em East LA[83], nenhum táxi se arrisca a passar por lá a essa hora e mesmo que ele conseguisse um, está com medo de ser reconhecido.

— Merda! — Por inércia, Lilly também levantou e começou a se arrumar.

— O que está fazendo?

— Eu vou com você. Não tem cabimento pegar um avião, se temos o jatinho lá no hangar. Num voo comum levará mais de sete horas pra chegar. Não dá pra fazer o Gabe esperar tanto. — Ela alcançou o celular na mesinha de cabeceira e começou a tocar a tela, que acendeu iluminando ainda mais o quarto.

— Não pode ir... o Brian. Não está pensando em deixá-lo aqui, está? — Os olhos de Daniel cresceram.

— Claro que não! — Lilly sorriu amorosamente para Brian. — O dorminhoco vai com a gente.

— Mas do jeito que ele está, vai ser uma guerra acordá-lo!

— Eu sei, mas a gente dá um jeito.

— O que está fazendo? — Daniel apontou para o celular na mão dela.

— Ligando para a Mel. Mesmo de jato vamos demorar umas quatro horas e meia. Não vou deixar o Gabe todo esse tempo naquele bairro perigoso. Vou pedir que ela vá até lá com o Max, resgate o Gabe e o leve para a minha casa... — Ela olhou para Brian apagado e roncando alto. — Para a nossa casa... ninguém vai saber que ele estará lá.

— A Mel, a jornalista? Não sei não. — O segurança coçou a cabeça.

— Relaxa, eu confio nela. Não vai contar ou publicar nada. — Lilly olhou para o rosto indeciso de Daniel. — Qual é? Confie em mim... além do mais, você não tem opção. Não vou deixar o Gabe ao deus-dará e muito menos permitir que você passe por esse perrengue sozinho. — Ela apontou para o Brian. — Obrigada por hoje, não sei o que eu faria sem você. — Ela aproximou-se e tocou o braço enorme dele. — Amigos se ajudam. — Piscou.

Passaram a próxima meia hora organizando tudo. Ligaram para o Max e a Mel, que saíram para resgatar Gabe na mesma hora. Daniel avisou ao piloto sobre a viagem de urgência e Lilly ligou para Marie, a fim de orientá-la sobre o hóspede secreto. Em seguida, o segurança desceu para o depósito e pegou dois carrinhos de bagagem sem que o vissem. Quando voltou, Lilly já tinha todas as malas alinhadas ao lado da porta.

— O que está fazendo agora? — Daniel perguntou a ver Lilly sentar ao lado da mesinha de cabeceira e apertar um botão no telefone central do hotel.

— Ligando para o *concierge*. Vamos precisar de um reforço. Não vai dar pra sair com o Brian desmaiado pelos corredores. As câmeras vão filmar tudo e vou pedir que cobrem no meu cartão o estrago do quarto ao lado. A última coisa da qual precisamos é de um Mark furioso nos

interrogando sobre a destruição que foi feita lá.

— Será que esse homem é de confiança?

O nariz de Lilly franziu, indicando que ela achava que não.

— O dinheiro que darei a ele é de muita confiança. Ficaremos bem.

Daniel estava impressionado com o senso prático de Lilly.

Minutos depois, a campainha tocou indicando que o *concierge* havia chegado. Ela abriu a porta e um muito sonolento senhor estava no corredor ao lado de uma cadeira de rodas vazia.

— Desliguei as câmeras de segurança... Só não entendi por que me pediu para trazer isso?

Lilly abriu um sorriso iluminado, deu um passo para o lado e deixou que o *concierge* visse o Belo Adormecido Roncador estirado na cama.

— Para isso. — Sorriu mais ainda.

O queixo do homem caiu.

Lilly ignorou a cara de espanto do *concierge*, virou e sorriu carinhosamente para Daniel.

— Preparado, meu protetor?

— Sim... vamos nessa.

— Pegue o Brian.



43

A melodia de ondas quebrando na areia foi, aos poucos, despertando Brian. Ele entreabriu os olhos e voltou a fechá-los. Deitado de bruços na cama, estava suado e com o coração disparado... Um despertar não tão atípico para ele. O sono dele sempre costumava ser difícil quando trabalhava ao ponto de exaustão.

Porra de pesadelo.

Novamente, entreabriu e fechou os olhos...

Melhor assim...

Agora estava sonhando com o quarto deles em Los Angeles, e parecia tão real... Então inspirou, deixando que o cheiro familiar de Lilly e a maresia o acalmassem...

Lilly...

Ele esticou o braço à procura da Pequenininha. Sentia falta dela. Tateou o colchão e nada. Virou o pescoço e quando o lado esquerdo do rosto dele deslizou contra o macio do travesseiro, a dor e a consciência o atingiram como um porrete.

Puta que pariu!

Pesadelo, o caralho!

Girou o corpo dolorido e sentou-se na cama. A luminosidade, que vinha das frestas da veneziana, agrediu os olhos dele e a cabeça... *Porra!* ... estava doendo como um inferno. Dobrou as pernas e com os cotovelos apoiados nos joelhos, esfregou as têmporas, na tentativa de parar as batidas de mil bumbos que as faziam latejar.

Precisava de água. De um frasco inteiro de aspirinas e do perdão de Lilly. Desconfiava de que tinha pisado feio na bola com ela, mas estar em casa, no quarto deles, tinha que ser um bom sinal.

Não tinha?

Cheio de perguntas, Brian arrastou-se para fora da cama e foi para o banheiro. Queria desesperadamente falar com Lilly, mas não podia ir atrás dela daquele jeito... Não correndo o risco de cruzar com Marie e Max, naquele estado lamentável. A cegueira provocada pela raiva não o comandava mais. Agora, tudo o que sentia eram ressaca, dor, vergonha e um medo tremendo de ter posto tudo a perder com a Pequenininha dele.

Chega de me expor.

Olhou-se no espelho e tocou o rosto machucado. Havia um corte no lábio inferior e o olho esquerdo estava um pouco inchado e arroxeado. *Merda!* Examinou as mãos e os nós dos seus dedos estavam escoriados. Mexeu-os e, apesar de machucados, não sentiu fratura alguma.

Arrancou as roupas, que sabia que não havia vestido, e entrou no boxe. A água fria avivou as lembranças do dia anterior...

A conclusão da trilha sonora, a celebração, o desejo pungente de encontrar-se com Lilly, a ansiedade, Ian ali, o choque de reviver a mesma cena de anos atrás, a decoração romântica... flores... taças de champanhe e Lilly seminua sob o pai, com as pernas flexionadas e as mãos atadas nos cabelos dele... a fúria... a briga... as palavras ferinas...

Agora, com a razão recobrada, ele sabia que ter fugido e se embriagado tinha sido a pior das alternativas e envergonhava-se por tal atitude, mas naquela hora, quando se viu a um passo de cometer uma loucura sem volta, só pensou que precisava correr para longe do pai.

Eu não sou como ele!

Não queria ferir ninguém, então saiu do hotel e acenou para um táxi, assim que virou a esquina e foi direto para o clube privativo que a banda costumava frequentar em Nova Iorque. Bebeu todas... bebeu mais... bebeu tudo o que pôde... desabafou... chorou... gritou com Diana, quando ela apareceu. Gritou mais, quando ela afirmou que o pai sempre conseguia as mulheres que queria, e saiu cambaleando quando a desgraçada falou que não seria diferente com Lilly.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Ela deve estar nos braços dele agora. O Ian é um predador, aquela franguinha não tem a menor chance.*

— *Vai à merda, Diana...*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Merda!

Não se lembrava de mais nada.

Saiu do chuveiro e foi para o closet enxugando-se pelo caminho. As malas de Nova Iorque e algumas novas estavam ali intocadas no chão, ao lado de dezenas de sacolas. Ignorou tudo e vestiu a primeira bermuda e camiseta que encontrou. Descalço, saiu do quarto e deu de cara com Max, Mel e Adan parados no corredor.

A cara deles não estava nada boa.

Caralho, o que foi que eu fiz?

— Com o tanto que bebeu, pensei que fosse acordar só amanhã. — Sem sorrir, Adan foi até ele. — Sinto muito pela merda em Nova Iorque. — Pressionou o ombro do amigo.

— O que estão fazendo aqui? — Um arrepio percorreu a coluna de Brian. — Por que estão com essa cara de velório? Deus, eu a machuquei, não foi? — Antes que Adan tivesse a chance de responder ou impedi-lo, Brian precipitou-se para a porta do quarto de hóspedes e a abriu.

Daniel saltou de uma poltrona, assim que viu o amigo entrar.

— Que caralho? — O corpo de Brian congelou. — Deus! O quê? E a Lilly, cadê ela? Por que o Gabe está aqui, e desse jeito? — Apontou para a cama com as mãos trêmulas.

Deus, não permita que eu seja o culpado por isso também!

O coração de Brian deu várias guinadas.

Em meio à penumbra, Gabe estava apagado na cama, com o rosto cheio de hematomas, como tivesse se chocado de frente com um trator.

Uma mão delicada tocou o antebraço de Brian e ele girou a cabeça até encontrar Mel.

— Acalme-se... parece pior do que é. — A morena sorriu gentilmente. — O médico passou por aqui mais cedo e disse que ele ficará bem, e quanto mais descansar, melhor. Deu-lhe algo que o fará dormir até amanhã.

— O que aconteceu? — a pergunta de Brian saiu em um sussurro.

— Não sabemos... ele estava apagado quando o resgatamos — foi a vez de Max dar um passo à frente e se manifestar.

— Resgataram? Ele foi sequestrado? Onde? — Brian teve vontade de socar a parede, mas controlou-se.

Todos eles estavam relapsos demais com a segurança. Aquela coisa de saírem escondidos tinha passado dos limites.

— Não, nada de sequestro. Nós o encontramos em um beco... — Mel deu uma explicação rápida, incluindo o telefonema que recebera de Lilly, ainda em Nova Iorque, e o pedido feito por Gabe para manter Mark por fora.

Brian assentiu. O empresário que ficasse curtindo os dias de folga ao lado do Ursão dele. O próximo show seria em Atlanta dali a cinco dias, então não valia a pena tumultuar as coisas.

— Eu achei melhor avisar ao Adan. — Daniel mostrou-se constrangido, apesar de todos acreditarem que ele fizera o certo. — O Gabe não queria, mas sei que vai precisar de todo o apoio possível. A Penne e o Big estão na casa dos pais, e até voltarem, ele já terá acordado.

Brian sentou na cama e pegou na mão de Gabe.

— Sinto muito não estar aqui por você — disse baixinho e ficou quieto. Ele precisava de alguns segundos para absorver as informações. Sabia que East LA era um bairro barra pesada frequentado por viciados. Ficara surpreso quando a jornalista contou que o baixista parecia drogado, e que o médico havia colhido amostras de sangue.

Merda! Merda! Merda! De novo não!

Ele sentiu-se um bosta, estivera tão envolvido com tudo que vinha acontecendo entre Lilly e ele, que descuidara-se do amigo. Apesar da máscara de felicidade, Gabe era um cara sensível e solitário, e por um tempo as drogas foram sua única fuga.

Porra, Gabe, por quê?

Com um suspiro, Brian levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— E a Lilly? — Olhou para os três e não gostou nada do ar de piedade que encontrou na expressão deles. — Onde ela está? Preciso vê-la.

Adan respirou fundo.

— Não nervoso desse jeito — disse com a autoridade que lhe era peculiar.

Contrariado, Brian disparou contra o vocalista alguns palavrões.

— Precisa se acalmar — Mel pediu com delicadeza.

O rosto de Brian suavizou, mas não muito.

— Só vou me acalmar quando falar com ela. Deus! — Puxou os cabelos. — Ela está machucada? — desesperou-se de vez.

— Calma! Está tudo bem com ela... Só foi caminhar até as pedras. — Daniel procurou acalmá-lo. — Vai com calma, Lilly está exausta. A noite foi uma merda, a viagem, longa, e a coitada não pregou o olho desde que Gabe ligou — fez uma pausa e cerrou os olhos ao notar que Brian já estava de costas para ele e a um passo de sair do quarto. — Espera, cara!

Brian girou o corpo ao ouvir o tom imperativo na voz do segurança.

Daniel lançou um olhar quase furioso.

— Se ontem foi dureza pra você, imagina para a Lilly... A mulher foi guerreira e lidou com

tudo com uma força impressionante. Enfrentou o seu pai, foi atrás de você, brigou com a Diana como uma leoa e aturou a sua bebedeira... Se liga, cara... ela não te largou nem por um segundo... então pega leve, ok? Sabe que o Ian...

— Tudo o que eu sei é que, chega! — apesar de envergonhado com o que acabara de ouvir, Brian interrompeu Daniel. — Aquele merda do meu pai foi longe demais... longe demais... — Virou-se e saiu.

E eu fui um fraco!

Desceu as escadas e atravessou a sala em direção à varanda. Aliviado por não encontrar Marie, passou pelos *decks,* com os olhos fixos na praia, e assim que seus pés tocaram a areia, correu em direção à encosta que ficava no canto direito da praia.

Avistou a silhueta de Lilly em cima da pedra mais alta e acelerou a corrida. Os raios de sol que insidiam atrás dela e o vento que brincava com os cabelos fininhos a faziam parecer como uma miragem divina.

Brian contornou o rochedo, e com as panturrilhas imersas na água, parou diante da esposa. O barulho das ondas camuflara a sua aproximação. Ele queria subir até ela, mas não sabia se seria bem-vindo. Não lembrar de boa parte do que fizera na noite anterior era desesperador.

— Pequenininha — chamou-a com cuidado.

Pega de surpresa, Lilly olhou para ele e depois para os chinelos e o casaquinho jogados na areia. Fechou os olhos e mordeu o lábio. *Ai, que vacilo!* A caminhada lhe dera um calor danado e nem passara pela cabeça dela que Brian pudesse acordar antes do anoitecer.

Ele fez menção de subir...

— Fique aí. — Lilly abraçou o corpo a fim de esconder as marcas nos braços.

— A gente precisa conversar.

Sim precisavam, mas ela estava magoada.

— Depende... — Deu uma boa olhada no rosto machucado de Brian e o coração apertou. Um lado bem grande dela queria descer dali, pular nos braços dele para abraçá-lo e confortá-lo, mas outra parte, mesmo que minúscula, sabia que não devia. Por mais que o amasse, Brian tinha pisado feio na bola. Não dava para simplesmente passar uma borracha em tudo e fingir que nada tinha acontecido. Ela entendia o choque e até mesmo a reação violenta, mas de jeito nenhum, entenderia ele ter duvidado dela, saído e voltado com outra. Respirou fundo.

Seja forte!

— Se for para repetir os absurdos que disse ontem, pode dar meia-volta. Eu não sou a Kate, jamais te trocaria pelo Ian.

O *quê?*

Brian ficou aturdido como poucas vezes na vida.

— Eu... não... eu... — ensaiou dizer algo mas calou-se. Sem palavras, mordeu o lábio inferior e estreitou os olhos por causa da claridade. Estava nervoso. Que o pai tinha fodido com o emocional dele, não era segredo, mas tanto assim? Ao ponto de seu subconsciente acreditar numa besteira daquelas? — Esquece qualquer coisa que eu tenha dito, estava fora de órbita... — assumiu com um certo constrangimento, para em seguida, apoiar um pé na pedra e manter o outro na água. — A noite toda é um borrão pra mim. Não lembro de quase nada.

— Nem mesmo de ter levado Diana para o hotel? — Lilly não se conteve e disparou logo o que mais a estava incomodando.

O *quê?*

Uma linha fina se formou nos lábios dele, mostrando irritação. Ele a olhou... e olhou, e olhou, enquanto vasculhava em sua mente por algo que justificasse uma pergunta como aquela.

— Não, a Diana, não... — Brian balançou a cabeça visivelmente confuso. — Voltei para o hotel sozinho e de táxi. Nem sei como cheguei até o quarto.

— Ah, não sabe? — As feições de Lilly endureceram. — Cômodo, né?

— Escuta... Não estou negando que a vi — disse muito sério, ganhando a atenção dela. — Aquela louca apareceu do nada no clube. Eu já estava bem alto, nós discutimos, ela falou um monte de merda e eu a deixei lá... só isso, juro.

Lilly sabia que Diana tinha se aproveitado da situação, mas mesmo assim... riu do absurdo de tudo aquilo.

— Jura... e ela foi parar no nosso quarto, como? De paraquedas, pela varanda? Escondida no seu bolso? Você queria o quê? Se vingar e me magoar? Pois se era isso: conseguiu. Foi uma facada ver aquela oxigenada debruçada sobre você na cama.

— O quê? Não! Tem que acreditar em mim...

— Acreditar do mesmo jeito que fez comigo?

— Em nenhum momento eu duvidei...

— Ah... faça-me um favor... — Lilly o interrompeu e disparou rochedo abaixo. — Não

duvidou? Não mesmo? Caramba, você fugiu! — gritou pelo caminho com o coração quase saindo pela boca.

— Dei o fora, porque eu não sabia o que fazer! Nunca me senti tão vulnerável! Eu queria matá-lo, porra! — Brian segurou-a pelo braço assim que os pés dela bateram na água e Lilly paralisou com a confissão. Os azuis-violeta recaíram sobre as marcas arroxeadas. — O que foi isso?

Ela começou a tremer.

Eles se olharam e se estudaram. A culpa estava estampada nos olhos dele. Lilly estava com raiva, mas jamais iria feri-lo.

— Não foi você — disse por compaixão.

— Filho da puta!

— Também não foi o Ian — afirmou com firmeza, não queria Brian virando um assassino. As marcas que aquele ordinário havia provocado nela não eram físicas.

— Se não foi o maldito do meu pai, quem foi? — Brian enfureceu. Aquilo ali não poderia ter sido obra de Diana. — Lilly, não minta pra mim!

Ela não queria mentir, só não sabia por onde começar. Tinha imaginado aquela conversa de tantas formas mais amenas e mais românticas.

— Lilly... — rosnou.

— Foi o Will — soltou a verdade sem querer.

O ódio percorreu o rosto de Brian.

— Puta que pariu, eu vou matar aquele bosta! O que mais ele fez?

— Mais nada... — murmurou.

— Lilly — rosnou mais. — Ele esteve aqui?

Com as respirações ofegantes, os dois ficaram observaram-se em um silêncio doloroso. Lilly podia sentir o tremor na mão que a segurava. *Droga! Diga de uma vez!* As veias das têmporas de Brian começaram a pulsar e o maxilar travou. *Evite uma tragédia! Diga logo!* O coração dela disparou de vez.

Diga!

— O Will apareceu do nada lá na exposição. Queria que eu reconsiderasse a administração dos meus bens e a gente discutiu. — Lilly tomou fôlego e coragem. — Ele me

segurou, eu chutei as bolas dele, perdi o equilíbrio, bati as costas e desmaiei.

Brian a soltou e começou a examiná-la. Quando levantou a camiseta e encontrou os roxos na coluna, um urro estrangulado brotou da garganta dele.

— Filho da puta! Eu vou matá-lo! Você tinha que ter me contado na mesma hora, caralho! O Daniel vai se ver comigo.

— O Dani não tem culpa! — Lilly deu um passo atrás chegando até a beirada. — Ele queria te ligar, juro! Não brigue com ele, é meu amigo. Eu que implorei para que não o fizesse... Droga! — Lilly chutou a água. — Tudo que o coitado tem feito é me seguir por aí.

O olhar de Brian estava irredutível.

— Ele não poderia ter te deixado sozinha — rosnou.

— A culpa foi minha, eu furei a segurança quando aproveitei uma ida ao banheiro para respirar um pouco.

— Não interessa, porra! Consegue entender a seriedade do que aconteceu? Do que vem acontecendo? Parece que todo mundo está à espreita, só esperando um vacilo nosso para nos atacar!

Lilly mordeu o lábio, sabia que ele tinha razão. Mesmo assim, tentou se justificar e defender o Daniel.

— O Daniel não foi relapso, tinha ido ver a liberação de uma obra... Tudo o que ele tem feito é me proteger. Ontem ele foi campeão me apoiando quando você me deixou sozinha e depois um santo ao me ajudar com a Diana e aturar a sua bebedeira insuportável. O que o Will fez não passou de um ato desesperado. Eu estava bem.

Bebedeira insuportável?

Foda-se!

Brian ignorou aquela parte, pediria desculpas pelo comportamento insano depois.

— Como bem? Você desmaiou, porra!

Lilly respirou fundo. Visto sob a ótica dele, a coisa parecia séria. Ela buscou o olhar do Brian e ele estava estático e respirando com dificuldade.

Meu Deus! Que situação!

— Eu estou bem, juro, o Antoine até me levou na amiga dele... uma médica. Pensei em te ligar do consultório, só que quando eu soube do MB, a minha cabeça deu um nó. — Lilly engoliu a vontade de chorar. — Depois, eu voltei para Nova Iorque decidida a te contar no estúdio, mas...

aí... veio aquela coisa toda de maestro, da trilha... Tive medo da sua reação... Você disse que não aguentaria outra bomba! Eu só quis proteger o MB... Ele não tem culpa! Não é uma bomba!

— Quem é essa porra de MB? Ele foi com o Will?

— Não! Ele estava todo o tempo comigo e eu não sabia... Desde o começo, desde Vegas!

— Como assim desde Vegas? Alguém anda te perseguindo e não me contou? Fez ameaças? Pelo amor de Deus! Ele pode ser um psicopata!

— Não! Ele jamais me machucaria.

Mas que porra?

As ondas começaram a bater com mais força, indicando que a maré estava subindo. Brian esfregou o rosto na tentativa de se acalmar. Aquilo parecia conversa de louco e não fazia o menor sentido.

— Lilly, eu não estou entendendo uma merda! Quem é esse MB, caralho? — explodiu.

— Meu filho! — revelou em um rompante e cobriu o rosto com as mãos. — Nosso filho... estou grávida — murmurou em um fiapo de voz.

O *quê?*

Os joelhos de Brian falharam e a Terra girou mais rápido. O incidente com Gabe, a vontade de matar o Will, a briga com o pai e a Diana evaporaram de sua mente... *Grávida? O tempo todo? Meu? Nosso?* Completamente chocado e surpreso, ele caiu de bunda na água. *Pai?* As lágrimas começaram a escorrer, misturando-se à água salgada, que respingava em seu rosto.

— Brian... — Lilly correu e ajoelhou ao lado dele, encharcando os shorts floridos e a regata branca que vestia. — Eu juro que não sabia... aconteceu. — Tocou o rosto pálido e indecifrável. — Foi de primeira, na noite em que eu perdi a... Juro que eu não premeditei... a coisa da prevenção simplesmente falhou.

Hã?

Brian estava longe... planando em um universo paralelo de rostos rechonchudos, de corpos roliços, de mãozinhas minúsculas, de primeiros olhares, primeiros sorrisos, primeiras palavras e primeiros passos.

Caralho!

De queixo caído, fitou-a por um tempo e Lilly ainda não conseguia definir a expressão no rosto dele.

— Um bebê? — por fim, ele murmurou.

Ela assentiu vigorosamente.

— Eu juro que foi...

— Pare de jurar — ele grunhiu e a surpreendeu puxando-a para um abraço molhado. — Dane-se como foi, o importante é que foi! De primeira? Sério isso? Um bebê só nosso? Tem certeza?

Dezesseis vezes, de certeza, dezessete, se ela contasse com o médico que a havia examinado naquela manhã.

— Te-tenho — gaguejou ainda insegura. *Esse tanto de perguntas é um sim?* Lilly lutou para esconder um sorriso de contentamento. — De quase três meses.

— Três meses! — Brian assoviou e depois olhou-a com curiosidade. — MB?

— Mini Brian. — Ela encolheu os ombros. — Mas isso não é uma certeza.

Ele sorriu lentamente, enquanto deixava seu olhar recair sobre o rosto dela.

— Se não é certo, ainda tenho chance de que seja uma Mini Lilly com um queixinho teimoso igual ao da mãe. — Tocou-a com a ponta do dedo.

Deus!

Mãe?

Ele está gostando e prefere uma menina?

Lilly ficou tão fascinada com a reação positiva dele, que mal se deu conta quando Brian deslizou as duas mãos pelo pescoço dela entrelaçando-as em sua nuca.

— De primeira... — ele murmurou com um brilho vencedor nos olhos. — Eu te disse que somos predestinados. — Riu com doçura e grudou suas testas. — Agora, aconteça o que acontecer, somos para sempre, Pequenininha — murmurou a centímetros da boca rosada e a beijou.

Lilly gemeu baixinho, envolvida por um mundo de carinho e novas possibilidades. Uma estranha sensação de que eram mesmo destinados um ao outro afastou dela os sentimentos ruins que cultivara até minutos atrás.

Nada mais importava, apenas os três.

Ele a soltou... e a olhou fixamente.

— Porra... um filho. — Sorriu ainda surpreso e a beijou novamente.

Lilly estava nas nuvens, entregou-se e suas línguas se encontraram com uma paixão redobrada. Não tinha mais volta, era irrefutável. Juntos compuseram a melhor obra de suas vidas. Um milagre inesperado da criação, um filho! Brian os pressionou, quase com desespero, e rolaram

sobre a água rasa, levados pela correnteza invisível.

— Vamos fazer dar certo, prometo. — A respiração dele acelerou, enquanto uma mão desceu para acariciar o ventre ainda liso. — Isso é maravilhoso, obrigado.

— É inacreditável — ela sussurrou. — Estou muito assustada. Não sei se vou ser uma boa mãe.

Brian riu e apertou-a mais.

— Claro que vai.

Lilly se aninhou junto ao corpão dele e não disse nada. Queria muito que Brian estivesse certo, mas a ideia da maternidade era surreal e aterrorizante. A água morna os lambeu, trazendo uma sensação de bem-estar.

— Estou perdoado das merdas de ontem? Ou vai me fazer sofrer?

— Você me deu um trabalhão danado... acho justo que sofra um pouquinho. — Lilly franziu o nariz.

Brian assentiu, abriu um sorriso apaixonado e a beijou novamente.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Saíram da água quando o frio bateu e a noite caiu. Voltaram abraçados e em paz. Entre um beijo e outro, Lilly contara tudo o que tinha acontecido e Brian admirou-se do quanto ela tinha sido determinada e forte. Ele adorara a parte do arrastar Diana pelos cabelos, envergonhou-se do banho de vômito, riu, mas ficou preocupado, quando soube que queria cortar a Fera fora e orgulhou-se de cada palavra que a esposa dissera ao pai dele.

— Vai mesmo me castigar e não me entregar os presentes que comprou?

— Vou, sim — Lilly mentiu com satisfação.

— Droga! Agora que eu preciso de um drone, nada...

Lilly riu e olhou para o céu estrelado.

— Posso saber pra que precisa de um?

— Como pra quê? Para anunciar para o mundo que estamos grávidos!

Se Brian pudesse, convocaria uma coletiva de imprensa. Passada a surpresa e a raiva pelos acontecimentos de Londres e Nova Iorque, tudo o que mais desejava era curtir o momento e cuidar de Lilly. Quis porque quis, ligar para o ginecologista da praia mesmo e depois ir direto

para o quarto, mas Lilly pediu calma e o fez prometer guardar segredo.

— O que está fazendo?

— Te carregando, esforço agora só no quarto.

— Já disse que não! Não com aquele exército em casa.

Para Lilly, o ginecologista e o sexo podiam esperar, os amigos não. Com Gabe naquele estado e todos tão aflitos, o momento pedia compaixão, não uma comemoração egoísta e acalorada.

— Depois a gente comemora como se deve.

— Tudo bem, Pequenininha, se você quer assim.

— Amor, não se trata do que eu quero, mas sobre o que é certo.

O certo para Brian era jogar tudo para o alto, sequestrar Lilly e escondê-la em uma torre até que o pequenininho deles chegasse em segurança.

Sonho dele...

Chegaram em casa e ele ainda insistiu por uma noite de descanso, mas foi voto vencido quando todos se reuniram e decidiram passar a noite e a madrugada no quarto de hóspedes, revezando-se na vigília ao baixista.

O coração de Brian ficou o tempo todo angustiado. Manter segredo dos amigos foi uma tortura e as ondas de euforia, logo eram substituídas por uma tempestade de preocupações. Lilly só se rendera ao sono, quando ele a aninhou nos braços e deitaram ao lado de Gabe. Apesar dela parecer bem, o instinto protetor dele aumentava a cada segundo. O músico sabia que os primeiros meses de gravidez eram os mais delicados e temia por ela e pelo bebê.

— Ahhh, minha Pequenininha, amanhã eu te arrasto para um médico — murmurou ao beijar o topo da cabeça moreninha e também ceder ao sono.

Pela manhã, o médico retornou e aplicou uma nova leva de sedativos em Gabe. Com as compressas que Daniel aplicava de hora em hora, o inchaço no rosto começara a diminuir e o doutor achou que seria menos traumático, se ele dormisse por mais algumas horas e acordasse somente quando o estrago estivesse menor.

Depois de um café caprichado, onde Brian forçou Lilly a comer de tudo e mais um pouco, os dois saíram com a desculpa de que iriam visitar Sarah.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Quer que eu pare em algum lugar antes de chegarmos ao consultório?

Brian desviou a atenção do trânsito e olhou de soslaio para o banco do passageiro. A Pequenininha dele mantinha um olhar perdido na cidade que passava rápido do lado de fora do Jeep.

— Amor — insistiu. — Tudo bem? — Ele esticou o braço e tocou o joelho dela.

— Quero fazer logo o ultrassom para ter certeza de que o MB está bem.

Brian compartilhava do mesmo desejo que a esposa, então apenas assentiu e olhou pelo retrovisor. A SUV de Max os acompanhava de perto. O cara era competente, uma nova funcionária estava com ele. Na noite anterior, preocupado com a segurança de Lilly e com suas novas necessidades de grávida, Brian aproveitou que a esposa tinha entrado no banho e chamou Max para uma conversa e contou-lhe sobre o filho.

Lilly chiou quando acordou e soube da novidade, mas de agora em diante, ela teria uma nova sombra: a guarda-costas Samantha, uma ex-policial com cerca de cinquenta anos e pinta de durona.

Estacionaram em frente ao consultório e entraram. A ginecologista era esposa do doutor que estava atendendo ao Gabe, e foi muita sorte que ela os recebesse assim tão cedo.

O consultório da doutora Alice era amplo, bem decorado com sofás e uma maca em tom claro e repleto de equipamentos, e fotos de bebês.

Depois dos agradecimentos e cumprimentos, Brian manteve-se calado, deixou que Lilly assumisse e relatasse a consulta que tivera em Londres. Ela e a médica falaram de coisas incompreensíveis para ele como pré-natal, um tal de ácido-fólico, cuidados na gestação e da sorte de Lilly em não ter sofrido com os males dos enjoos.

— Agora é relaxar e curtir essa viagem maravilhosa que é a maternidade. Papai, eu conto com você, a Lilly não pode mais passar por situações de estresse. Entendeu?

Depois, enquanto esperava Lilly se trocar, o músico aproveitou que a doutora saíra da sala para espiar alguns retratos pendurados na parede. Riu com uma sequência de rostinhos rechonchudos, alguns felizes e outros nem tanto e se perguntou qual seria a aparência da mistura deles dois.

Brian estava meio abestalhado com aquilo tudo... percebia os sentidos aguçados e todos eles estavam voltados para Lilly. Era doido, mas em poucas horas, tinha virado um pai coruja e não queria perder a chance de estar presente em tudo. *Cara, eu vou precisar me controlar,* pensou... e depois riu.

Vou ficar louco com essa gravidez.

No meio da madrugada, quando Daniel, Mel e Adan desceram para comer alguma coisa, ele aproveitou que estavam sozinhos e bateu um papo com o umbigo da esposa, enquanto ela dormia.

Queria dar as boas-vindas para o pequeno invasor e dizer a ele que ficasse firme e tranquilo, pois os pais dele nunca o deixariam na mão.

Lilly e a médica voltaram e nada no mundo tinha preparado Brian para o que viria a seguir. Parado ao lado da maca, assistiu a médica besuntar a esposa com uma meleca, ligar uma parafernália de equipamentos e passar aquele aparelho de ultrassom de um lado para outro na barriga lisinha dela. Foi muito emocionante e o coração dele parou quando a tela mostrou uma imagem escura e disforme. Simplesmente, ele não conseguia desgrudar os olhos do monitor.

Ouviu Lilly começar a chorar ao mesmo tempo que, inconscientemente, ele levou a mão à boca para abafar os próprios soluços. *Oi, Filho*. Apesar de minúsculo, MB já parecia humano e estava pulsando!

Caralho!

A cada medida que a médica tirava ou comentário que ela fazia, informando que estava tudo bem, era um alívio e um agradecimento.

Obrigado, obrigado, obrigado, Deus, por tamanha bondade.

Após mais algumas passadas de aparelho para obter ângulos novos, os olhos da doutora Alice brilharam.

— Que surpresa maravilhosa. — Ela apertou umas paradas estranhas e um som apressado de batimentos cardíacos arrebatou a todos.

Brian cambaleou e agarrou a mão de Lilly. Era o som mais lindo que já tinha escutado... Nossa... e como era acelerado! Deixava as batidas de Big no chinelo.

— Se preparem para trabalhar dobrado... a duplinha aí dentro parece bem animada.

O *quê?*

— Briaannn! — Lilly berrou quando o corpo dele se estatelou no chão.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Mel e Marie caíram na gargalhada.

— Caramba! — Mel mergulhou na cama ficando de barriga pra baixo. — Eu fico

imaginando o susto dele quando descobriu que eram dois! — Com o cotovelo dobrado, apoiou a cabeça na mão e olhou para Lilly. — Cadeira de rodas? Sério isso? — Limpou uma lágrima.

— Sério. — Lilly deslizou o corpo para trás e acomodou-se nos travesseiros. — O Max empurrou-o até o carro. Brian xingou além da terceira geração dele.

— Que horror! — Mel riu mais ainda.

Marie, que estava sentava à beira da cama, sentia-se a própria avó e ostentava um sorriso sonhador no rosto. E não é que a menininha dela ia ser mãe?

— Que pai babão você arranjou.

— Muito, Marie. Não sei quem vai me dar mais trabalho, se os MM's ou o meu marido. — Lilly estava elétrica com a novidade. — Gêmeos! Conseguem acreditar nisso! — Ela inclinou o corpo e alcançou a imagem do ultrassom largada em cima do colchão. Olhou como se fosse impossível. — Dois! Caramba!

Ao chegar em casa, ela não se aguentou e chamou Marie e Mel para irem até o quarto dela. Contou a novidade com um sorriso de orelha a orelha e mostrou algumas roupinhas que havia comprado em Nova Iorque.

— Imagino como a mãe dele deva estar reagindo.

— Pois é... eu queria ter ido junto, mas o Brian precisava ter uma conversa de filho para mãe.

— Jesus! Aposto que a pauta incluía o Ian.

— Meu medo é bem esse... — Olhou cúmplice para a morena que a cada dia se tornava mais amiga dela.

— O que o pai dele andou aprontando? — As antenas de Marie levantaram, ela adorava uma fofoquinha.

— Nada sério... — Lilly gesticulou com indiferença e voltou a olhar a imagem dos bebês. Contar para Marie o lado sórdido dos acontecimentos de Nova Iorque, nem pensar. — Ele só pisou um pouco na bola com o Brian, né, Mel?

— É, bem pouco... quase nada — a morena ironizou.

— Ah... se é assim... — Marie perdeu o interesse. — Deus! Temos tantas coisas que organizar até a chegada dos anjinhos! — A governanta começou a fazer uma lista mental com a quantidade de casaquinhos e sapatinhos de lã que precisaria fazer. — Quando saberemos o sexo? — Uma série de cores neutras vieram à mente dela.

— Calma, eles só devem nascer no início de março. Os sexos acho que em dois ou três dias, no máximo. O Brian estava muito ansioso e pagou taxa de urgência no exame. — Ergueu os cantinhos da boca em um sorriso idiota. — Desculpem por só contar agora, mas eu queria ter certeza de que tudo estava bem.

— Fez bem, nunca é bom alardear antes do tempo.

A sobrancelha de Lilly enrugou ao pescar um certo tom de melancolia na voz da jornalista, mas ela não disse nada.

— A Penne e o Big vão enlouquecer quando souberem. — Marie pegou um Body[84] onde estava escrito "Papai é Super" e sorriu. Quem diria? Aqueles dois, que começaram de maneira tão incerta, estavam se revelando um grande casal.

— Vão mesmo... — Lilly assentiu, focou na roupinha que a governanta dobrava com cuidado e uma onda de carinho a contagiou. *Caramba! Dois! Acho que vamos precisar reformar o quarto de hóspedes!* Ela estava tão bobona com tudo aquilo.

Ouviram três batidas firmes na porta, antes da cabeça loira de Adan despontar. Perspicaz como nenhum outro, seus olhos cinzas recaíram nas formas curvilíneas e exuberantes do traseiro de Mel e uma carranca se formou. Depois miraram num montinho de roupas de bebê dobradas ao lado de Marie e a carranca foi substituída por um sorriso discreto. *É isso aí, irmão! Gol do artilheiro, Briaaannnnn!* Vibrou internamente, mas treinado como era em conter suas emoções, não demonstrou nada.

— A Bela Adormecida acordou e está com fome. — Piscou para Marie e saiu.

Mel bufou e sentiu o sangue ferver. Aquele ordinário sempre que podia dava uma conferida na retaguarda dela.

Lilly riu e se levantou.

— E vocês? Ainda querendo se matar?

— Como sempre, mas estamos em trégua. — A morena revirou os olhos, claramente aborrecida com a situação.

Um sorrisinho irreverente surgiu no rosto, agora aliviado de Lilly, e Mel grunhiu de desgosto.

— Nem vem com essa cara safada pra cima de mim... a trégua é pelo Gabe.

— Não sei de onde tirou isso de cara de safada... até porque, eu não percebi nada. — Lilly riu, se fazendo de desentendida, abraçou Marie que observava as duas com curiosidade e

arrastou a governanta para fora do quarto. — Vamos descobrir em qual enrascada nosso Belo Adormecido se meteu.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Apressado, Brian subiu as escadas de três em três degraus, assim que Marie, surpresa com a cara enfurecida do patrão, informou sobre o despertar de Gabe.

Max seguiu atrás dele com a mesma expressão pesada. A governanta balançou a cabeça em desaprovação.

— É, pelo jeito, a tal pauta com a dona Sarah foi bem desagradável — murmurou para si mesma, antes de se virar e voltar para a cozinha.

No quarto, o músico se deparou com um clima tranquilo, que em nada combinava com seu estado de espírito negro. *Droga!* Respirou fundo e esforçou-se em um sorriso.

— E aí? — grunhiu. — Cadê o Gabe? — perguntou ao ver a cama vazia.

Mel abriu um sorriso e o fechou na hora.

— No banho. O Daniel e o Adan estão com ele. — Apontou para a porta do banheiro.

— E a Lilly?

— Foi pegar umas toalhas extras.

Brian apenas assentiu.

— Ah! Olha ela aí. Vou aproveitar e ver se Marie precisa de ajuda com a sopa que está fazendo. — A morena apressou-se em sair.

As duas se cruzaram no batente. Lilly entrou e Mel saiu. Uma onda de euforia a arrebatou, assim que visualizou as costas do músico.

— Amor! — Ela jogou as toalhas em uma cadeira e correu para abraçá-lo.

Ele virou e dessa vez sorriu com uma doçura legítima, torcendo que a esposa não notasse uns novos hematomas no rosto. *Inferno!* Óbvio que ela notou e o examinou com preocupação.

— Foi tudo bem na casa da sua mãe?

Antes de responder, Brian olhou para Max e Lilly percebeu um discreto gesto de cabeça entre eles, mas não o entendeu. *Desde quando os dois ficaram assim: tão íntimos?* Ela pensou, mas não disse nada.

— E aí? — insistiu. — A Sarah gostou de saber que vai ser vovó em dose dupla? O Ian

estava lá? — soltou a isca.

— *Papai, eu conto com você... a Lilly não pode mais passar por situações de estresse. Entendeu?*

Sim, ele tinha entendido as palavras da doutora Alice, e ao sair do consultório, tinha prometido a si próprio, que depois da conversa difícil, porém necessária, com Sarah, também fugiria de situações de estresse.

Maldito Will que cruzou o caminho dele!

Bendito Max que o impediu de fazer uma loucura maior.

— Minha mãe adorou e quer te ver. — Brian fingiu uma felicidade que não sentia no momento. — As minhas irmãs, nem se fala.

De jeito nenhum contaria que o Will saltou na frente do Jeep dele na estradinha de acesso a *Dreams Beach*. Aquilo foi inesperado, apesar de bem-vindo. O otário estava completamente bêbado e, aos berros, culpou o músico pela situação de merda em que se encontrava. Brian fez a única coisa sensata que lhe veio à mente: sair do carro e acertar as contas de uma vez por todas. Aproveitou a falta de *paparazzi,* para vingar a traição e as marcas no corpo de Lilly. Encheu o babaca de porrada.

— E o Ian? — Lilly levantou a sobrancelha.

— Tire qualquer preocupação da cabeça, ok? O Ian continua em Nova Iorque.

Lilly assentiu, pouco convencida.

— Agora só falta avisar o Mark. Pode usar o meu celular se quiser, Dani — a voz fraca de Gabe mudou o foco de atenção de Lilly e Brian suspirou aliviado. — Pelo jeito, o pedido que te fiz, e nada, foi a mesma coisa. — O loiro olhou feio para Daniel, que o ancorava nos braços e o depositou na cama.

Brian apressou-se na direção do baixista.

— Cale a boca, Gabe! — disse em um tom descontraído, só para não perderem o costume. — Família é isso aí mesmo. Todo mundo metendo o bedelho. Vai me dizer no que diabos se meteu?

— Não. — Gabe fechou o rosto. — Quero esquecer os meus monstros, não os trazer à tona.

Adan, que estava parado na porta do banheiro, gesticulou pedindo para Brian deixar quieto.

Ele assentiu e voltou-se para Gabe.

— Tudo bem, cara, no seu tempo. — *Todos nós temos fantasmas...*



44

Dois dias depois...

— Para onde está me levando?

— Que homem curioso! — Lilly fez uma careta, firmou o aperto na mão de Brian e continuou a arrastá-lo pelo jardim. — É só uma surpresa.

— Mais uma? — Ele sorriu grandão. Tinha adorado cada um dos presentes relacionados aos seus ídolos ingleses. — Não me diga que me comprou o submarino amarelo dos Beatles — brincou, apesar de estarem indo na direção contrária ao mar.

O terreno da casa não era gigantesco, entretanto, Brian só conhecia os fundos da propriedade onde ficava o estúdio da esposa. Aquele caminho lateral, entre folhagens e árvores, era novo para ele.

Olhou com curiosidade para Lilly e não soube dizer se a respiração ofegante dela estava por conta da ansiedade ou do passo acelerado.

— Cavalinho... vem. — Em um movimento ágil, ele abaixou e colocou-a em suas costas.

Rindo, Lilly aceitou a carona, agarrou-o no pescoço e contornou a cintura de Brian com as pernas.

— Ui, meu cavalinho branco... Gosto das suas *mimações* — ela divertiu-se com a palavra inventada.

— Tudo por você, Pequenininha. Estar casado é tão bom, né?

— Com você? Muito bom. — Beijou o pescoço dele.

Aquele momento de intimidade era muito bem-vindo e a deixou feliz. A casa deles estava cheia, acima do suportável, enquanto a mansão da Ultimate estava às moscas.

Em dois dias, Gabe apegou-se tanto à figura materna de Marie, que o mimava como a um bebê, que pedira para ficar com eles até irem para Atlanta.

Já Mark, ao contrário do que se esperava, não surtou. Chegou de mansinho e não demonstrou choque, apenas revolta e tristeza. Amava aqueles caras e não entendia como as pessoas podiam ser assim, tão vis. *Filho da puta!* Se pudesse, ele acabaria com o Ian e o denunciaria, mas não era uma decisão que lhe cabia, então não ousou dizer nada para Brian sobre a aparência pós-briga com o pai.

Entretanto, não se conteve no sermão para o Gabe:

— *Ah... meu Anjo Rebelde, eu te disse que um dia, essas suas amizades virariam um problema... Conheço um dermatologista que vai dar um jeito nesses hematomas.*

O empresário fez centenas de ligações e adotou uma postura de leão de chácara, não desgrudando mais de Gabe.

Big e Penne retornaram naquela manhã, surtaram com a coisa de serem tios e ficaram irados com a surra que Gabe tinha levado. Insistiram em vingança, mas o baixista continuava um túmulo e sem querer abrir o bico.

Que situação complicada!

Transar, então? Nem pensar!

— Tô pesada? — Lilly perguntou sentindo a respiração de Brian ofegar. — Me põe no chão.

— Nenhum pouco pesada. Melhor eu aproveitar enquanto posso — Brian gargalhou e Lilly adorou ouvir aquele som relaxado. Era tão gostoso vê-lo leve e despreocupado. — Quando esses dois crescerem, vai ser dureza te carregar.

— Brian! Isso é coisa que se diga para uma mulher que está prestes a virar uma melancia gigante?

— Hummm... adoro melancia. Vai ser divertido te rolar por aí.

— Brian! — Ela tascou uma mordida no ombro dele.

— Ai, ai! Estou brincando! Vai ser a bolotinha mais sexy do mundo.

— Bolotinha o teu rabo!

— Olha a boca! — fingiu-se chocado. — Vou proibir a galera da banda de falar palavrão do seu lado. Está virando uma boca suja do caralho.

Lilly gargalhou, agarrada a ele como um coala.

— Olha quem fala! Agora já era. Graças a você, meu arsenal de palavrões está de dar inveja a qualquer malandro. — Ela cutucou as costas dele e apontou um pequeno caminho de pedras. — Por ali...

— Graças a mim? Sei... sou um príncipe. O seu príncipe encantado, Bela — a entonação afetada fez Lilly gargalhar mais ainda. — Vai ou não vai me dizer que surpresa é essa?

— Só uma coisinha para te animar. Desde que voltou da casa da sua mãe, que está

borocoxô e se recusa a me contar o motivo... — Lilly já tinha especulado mais de mil vezes, mas Brian estava fazendo jogo duro, então ela resolveu agir. — Estava guardando a surpresa para quando voltássemos de Atlanta, mas diacho... quem disse que consigo esperar?

Uma espécie de galpão não muito grande despontou diante deles.

— É aqui? O que é?

— Um depósito...

Ele atracou na frente de uma porta de madeira rústica e ela escorregou pelas costas dele, ficando de pé. Do bolso de trás da calça jeans, Lilly puxou um cartão e passou na fechadura eletrônica.

— Quando eu vi, achei que você ia amar — disse com certa ansiedade.

Lilly deu um passo para o lado e Brian entrou primeiro. Ainda era dia e os raios de sol, que incidiam nas venezianas, iluminavam tudo. O espaço, no formato de um quadrado, estava relativamente vazio. Algumas caixas aqui e ali, latas de tinta e...

Meu Deus!

Brian perdeu o fôlego ao reconhecer o objeto dos seus sonhos protegido pelo emaranhado de aço. Completamente embasbacado, ele olhou para Lilly, para a guitarra... para Lilly e novamente para a guitarra.

Estava sem palavras e com o coração disparado.

Era inacreditável, aquele exemplar em particular era a menina dos sonhos de qualquer cara que admirasse a genialidade do mestre Jimi Hendrix. Uma Fender Stratocaster branca, de 1968. Foi com ela que Jimi fez o histórico show de Woodstock, em 1969, tocando o Hino americano de um jeito que faria Abraham Lincoln ter um ataque epilético dentro do túmulo. O mesmo instrumento que usou em sua última apresentação, doze dias antes de sua morte.

Atordoado, Brian balançou a cabeça... Aquilo tinha que ser uma réplica... perfeita, mas ainda assim, uma réplica. Sabia que Paul Allen, um dos fundadores da *Microsoft*, havia arrematado o instrumento por US$ 1,3 milhão.

Lilly o observava com certa fascinação. Só via aquele brilho nos olhos de Brian em uma única situação: quando faziam amor.

— A peça pertencia a algum bambambã da tecnologia que a doou para uma campanha de alerta à depressão. — Ela sentiu uma estranha necessidade de explicar. — O dinheiro da venda da escultura vai ser repassado para instituições filantrópicas.

De jeito nenhum!

Os olhos do músico dobraram de tamanho.

— Está me dizendo que é ela... a dele... de verdade? — murmurou, tomado por uma emoção legítima de quase adoração.

Ele deu um passo à frente e tocou o emaranhado de aço. Em seguida, com a mão trêmula, penetrou o casulo e espalmou a guitarra. Os azuis-violeta fecharam. Brian podia sentir a energia contida no instrumento. Imagens de seu ídolo arrebentando em um solo lhe vieram à mente.

Caralho!

Jimi Hendrix era o seu mestre.

O cara! O Deus na arte de tocar guitarra.

— Hum-hum... a própria. Não acreditei quando eu a vi. Foi muita coincidência, né? Estar na mesma galeria que eu expus em Londres. A escultura chama Maktub[85].

O coração de Brian foi à loucura, os olhos abriram e voltaram-se para ela.

— Porra, Lilly! Obrigado... é perfeito, nunca mais precisa me dar nada... Sério! Caralho! Só poderia ter esse nome... Somos nós... Estava escrito. A arte e a música... juntos.

Lágrimas começaram a rolar, molhando os azuis e os castanhos.

— Compondo juntos. — Ela pôs a mão sobre a barriga.

— Porra, sim! — Brian caiu de joelhos diante dela e abraçou-a pela cintura.

Beijou-a com suavidade no ventre. Havia tanto amor envolvendo os sentimentos de ambos. Ela estava realizada e ele pensou que fosse sucumbir.

Caramba! Como eu amo essa mulher.

Obrigado Universo... Maktub.

Mentalizou, grato por tudo.

— Eu queria montar um estúdio lá em casa, mas com os MM's, acho que complicou. Pensei que gostaria de ter um espaço só seu. — Lilly acariciou a cabeça morena. — Sei que parece meio cru, mas podemos fazer algo incrível aqui.

Brian ergueu a cabeça e a encarou.

— É perfeito. — Puxou-a, fazendo os dois ficarem ajoelhados um de frente para o outro. — Eu amo você — pronunciou lentamente e a beijou.

O lugar estava um pouco empoeirado, mas não ligaram, precisavam daquele contato.

Então, com as bocas atreladas, rolaram do chão. Brian fez um colchão de músculos com o corpo e Lilly deliciou-se. Adorava deitar sobre ele e sentir a pulsação forte daquele coração sensível e musical.

— Preciso de você.

— Aqui?

— Meu castelo, meus desejos, Bela.

Sim, aquele seria o reino dele. Lilly levantou a cabeça e olhou ao redor.

— Tem uma *chaise longue*[86] ali no cantinho. — Apontou.

Brian levantou trazendo Lilly com ele, e com um sorriso no rosto levou a mão até a parte de trás do pescoço, arrancando a camiseta dos Beatles que usava. Ela sorriu e começou a desabotoar a camisa de tecido branco com margaridinhas e babados. Em silêncio, despiram-se sem pressa... e sem pudores... apenas deslumbrando-se com a visão do corpo do outro sendo revelado.

Ela o achava um gostoso.

Ele a achava uma delícia.

Como podia?

Dois corpos tão diferentes...

A força e rigidez contra a delicadeza e maciez, mas com encaixe perfeito.

Lilly livrou o cabelo do rabo de cavalo e Brian segurou na mão dela. Sentou-se e fez com que ela o montasse. Os músculos das coxas dela flexionaram, quando ela dobrou as pernas apoiando-as no veludo vermelho e macio da *chaise longue*. Seus sexos encostaram e todos os pelinhos do corpo de Lilly arrepiaram. Amava aquele contato e o prenúncio do sexo.

A Fera estava pronta e a Bela sedenta.

As mãos firmes de Brian tatearam as coxas, tocaram a penugem delicada entre as pernas e subiram acariciando o ventre. Não estava com medo de machucar os bebês... prevenido, tinha pesquisado na internet. Sexo na gravidez era mais do que recomendado além do quê, com tudo o que os dois já haviam praticado, não seria agora que teriam problema.

— Eu te amo — Lilly murmurou. — Amo tudo em você, mas amo mais quem é, quando estamos assim sozinhos.

Brian desviou o olhar dos mamilos intumescidos e franziu a sobrancelha.

— Shhh, não estamos mais sozinhos. — Apontou para a barriga dela. — Somos quatro,

lembra? Vamos mostrar para esses dois como os pais deles são bons juntos. — Abaixou a cabeça e abocanhou um dos mamilos.

As costas de Lilly curvaram, projetando ainda mais os seios. Ela gemeu ao sentir a língua e os dentes de Brian instigarem o bico sensível. Agarrou a juba morena e se entregou. Ele segurou ambos os seios e os venerou, beijou, apertou, lambeu, sugou e mordeu. Logo, logo teria que dividir aquelas belezinhas. Afundou a cabeça entre os peitos, sentindo os pelinhos arrepiados de Lilly instigarem sua pele... inspirou...

Lima!

Tão bom...

O pulsar da ereção aumentou. Lilly estava tão sedenta por ele que levantou o quadril e com a mão guiou aquele pau quente e duro até a sua abertura. Desceu, deixando-se empalar.

— Ahhhhhh...

Fechou os olhos quando as intimidades dela se alargaram para acomodá-lo. Por instinto, procurou a boca de Brian e o beijou com profundidade. Mãos firmes seguraram a bunda macia e logo entraram em um ritmo delicioso de sobe e desce, lento e vigoroso. Lilly não queria parar, precisava de tudo. Com todos os hormônios femininos aflorados, precisava devorar e ser devorada com paixão, não adoração.

— Mais... — pediu, já completamente descabelada.

Brian deu um giro seco no quadril, afastou-se e entrou com tudo. As penetrações foram ficando mais exigentes...

Uma série de — Oh, oh, oh, oh, oh... — saíram em uma ladainha suave e rouca, quando Brian começou um mete, sai, gira e mete de novo delicioso...

A respiração dele acelerou, sabia que Lilly gostava daquilo de forma intensa e a tendência era que, a partir dali, fosse gostar mais ainda. *Bendita gravidez!* Também tinha lido na internet que mulheres grávidas viravam umas loucas no sexo. Animou-se e metralhou-a com uma sequência de investidas vigorosas dos quadris. Suaram, tremeram, ofegaram e esfregaram-se... sobe e desce... mete e sai... fundo... bem fundo, até o clímax chegar forte depois daqueles dias de seca.

Gozaram juntos, permaneceram conectados e abraçaram-se em uma respiração acelerada.

— Não me deixe nunca, tá bom? — Brian juntou as testas suadas e olhou-a com determinação. — Não respiro sem você — disse.

— E eu não existo sem você — ela sussurrou e beijou-o suavemente em um enlace perfeito de línguas.

Beijaram... beijaram... beijaram...

— Bem que a gente podia brincar mais. Li que grávidas adoram uma foda no estilo cachorrinho.

Leu?

Lilly olhou abruptamente para o descarado, que levantou um canto da boca em um legítimo sorriso safado.

— Ah é? Andou pesquisando? — Mostrou-se surpresa. — Posso saber o que mais andou lendo?

— Uma série de coisas bem animadoras, mas é mais gostoso mostrar do que contar.

Ele gargalhou, levantou com Lilly no colo e colocou-a de quatro.

Uau!

Mas já?

Ajoelhou-se, admirando aquela bunda empinadinha diante dele.

— Não acho uma boa ideia — Lilly disse. — Estou cheia de... coisas saindo. Esqueci que o galpão não tem banheiro.

Ele viu o sêmen escorrer fazendo-a brilhar.

— Não tem porquê se envergonhar, isso aqui somos nós. — Esticou o corpo, alcançou a camiseta dos Beatles e com delicadeza, limpou-a.

Depois riu.

— Poxa vida, não tem graça — protestou ela, ainda se sentindo envergonhada.

— Não é de você que estou rindo. Estava pensando que: até que se construa um banheiro, acho que terei que comprar uma máquina de lavar e deixar por aqui. Sem chances de eu deixar a Marie lavar essa camiseta.

Lilly concordou, mesmo sabendo que esse não era um serviço da governanta.

— Nem pense em colocar a boca em mim. — Olhou-o sobre os ombros.

Por que não?

Brian arqueou uma sobrancelha. De jeito nenhum a queria constrangida com aquilo. Ele não sentia nojo, pelo contrário. Se mulheres podiam engolir sêmen, certamente ele também poderia.

Não era sujeira, era a mistura deles dois.

— Não estava pensando nisso — mentiu e enfiou um dedo, fazendo-a ofegar. — Ainda estou cheio de gás... meu pau não cansou de brincar.

Ela apoiou a testa no pequeno encosto da *chaise longue* e rebolou um pouquinho, sentindo o dedo talentoso estimular as paredes internas da vagina sensível.

— Não?

— Não. — Tirou o dedo e substituiu-o sem aviso prévio pela Fera.

Lilly gritou e ele a comeu bem devagarinho, enquanto deu ao clitóris um solo que a levou a um paraíso de prazeres e a fez gozar múltiplas vezes.

Uma hora depois, deitada sobre o corpo de Brian, Lilly estava quase pegando no sono quando ele disse:

— Quando eles nascerem, o que acha de fazermos uma tatuagem?

Hã?

— O quê?

Lilly arregalou os olhos.

— Alguma coisa pequena... só nossa. — Ele acariciou o rosto avermelhado da esposa. — Sei que temos as alianças, mas...

— Eu topo — interrompeu-o.

— Sério? Não concordou na empolgação?

Lilly olhou-o com cuidado, ele tinha razão, concordara na empolgação. Nunca tinha cogitado fazer algo naquele sentido: marcar-se tão... tão para sempre.

Mas...

O que seria uma marquinha diante de sua alma que já era totalmente tomada por ele?

Ah! Dane-se.

— Seríssimo — afirmou e beijou-o.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

A transa no depósito renovara todas as energias de Brian, e a calmaria que se seguiu nos três dias seguintes, reavivara a esperança dele de que as coisas entrariam nos eixos.

O lance em Atlanta seria jogo rápido...

Bate e volta.

Não querendo expor os meninos, Mark cancelou os *meetings* com os fãs e a coletiva de imprensa. O inchaço nos seus rostos já havia sumido, mas os hematomas continuavam...

Claro que havia maquiagem para disfarçar todos aqueles roxos, porém não era com a aparência de Brian ou Gabe que o empresário estava preocupado. Tinha que admitir que aqueles dias na casa de Lilly fizeram um certo milagre, mas a afirmação deles de que estavam bem, e prontos para outra, não o convencera. Sabia que o estado emocional de ambos ainda requeria cuidados. Finalmente, tinha entendido que os seus meninos de ouro precisavam de uma trégua... de paz.

Eles já estão no topo, porra! Merecem curtir os louros um pouco!

Seguiram todos para Atlanta no jato da Ultimate. Brian passou o tempo todo grudado na esposa e Daniel contando piadas para Gabe. Chegaram, foram direto para o local do show e permaneceram protegidos no camarim.

Mark também tinha bloqueado a presença de *VIP's* e jornalistas. Somente Mel, Max e Samantha tiveram permissão para acompanhá-los.

Da lateral escurecida do palco, Brian esperava a deixa para se posicionar. Os gritos de: "*Go, Go, Go*" vindos da plateia eram ensurdecedores e contagiantes. Ele estava animado, ia ser um show inesquecível. Apertou a mão da Pequenininha dele, que mantinha os olhos arregalados e vidrados nas milhares de pessoas que lotavam a maior arena musical de Atlanta, onde também acontecia o Tomorrowland[87].

Só bandas grandes e consagradas tinham o privilégio de tocar ali.

Brian inclinou a cabeça, grudando a boca no ouvido de Lilly.

— Vai ficar bem, aqui?

Ela girou para encarar o rosto lindo iluminado por centenas de feixes de luz coloridos. *Que loucura!* Não sabia dizer se o que sentia era adrenalina, por conta daquela parafernália estroboscópica e gritos alucinados, ou ansiedade. Passara o dia todo na expectativa da chegada dos resultados do exame sobre o sexo dos MM's e nada.

Ai... ai... ai, que angústia!

— Vai ficar bem? — Brian gritou bem alto achando que ela não tinha entendido da primeira vez.

— Ah... vou, claro. — Apontou para a dupla de seguranças atrás dela. Em seguida

acariciou a barba do marido. — Desculpa te forçar a usar isso, mas vai por mim, ficou bem melhor.

Brian gargalhou.

Só mesmo a Pequenininha para o convencer de passar aquele troço bege na cara. Ao contrário de Gabe, que adorou o mimo e ficou como estátua, enquanto Lilly o maquiava. Brian a princípio protestara, mas depois, claro que cedeu aos apelos do queixinho teimoso que conseguia tirar tudo dele.

— Te amo, sabia? — Beijou-a, porque não conseguia se conter.

Dilon passou e gritou:

— *Em dois minutos!* — Antes das luzes se apagarem por completo.

As bocas desgrudaram.

— Te amo igual — Lilly sussurrou no escuro e deixou que Brian fosse tomar posição.

Os canhões de luz explodiram varrendo o palco e as notas sexy da guitarra do Brian começaram a introdução de *Choices*...

A plateia foi ao delírio, a mágica aconteceu e fez-se o show.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

"Bis... Bis... Bis... Bis..."

Adan correu a plataforma de cem metros que adentrava na plateia.

— Uau! Essa foi uma noite quente, Atlanta! — gritou, todo suado e sem camisa. — Como sempre, vocês foram fodas!

A multidão explodiu, reagindo ao apelo sexy da imagem do vocalista. Adan era um encantador de plateias e de mulheres. Ele riu quando uma sequência de camisetas e sutiãs caíram aos pés dele. Aquela era uma das formas das fãs oferecerem companhia. Muitas das peças continham números de telefone anotados nelas.

— Bela coleção. — Abaixou e pegou um sutiã rendado vermelho. — Tentador, mas acho que hoje não vai rolar — disse com uma cara de falsa dor. — Sabem... ando me sentindo meio tiozão. Por que será? — Virou-se para o palco.

Brian sorriu e Lilly congelou na coxia.

Notas de uma cantiga de ninar estilizada começaram a soar da guitarra de Brian.

— Será por isso? — a voz profunda do músico causou comoção na plateia, que se calou.

— Ou por isso? — Penne começou a acompanhar o amigo, dobrando a potência das notas.

Depois vieram Gabe no baixo e as batidas de Big. O que começou com uma cantiga de ninar, foi se transformando em algo maior e extremamente sexy...

O público continuava quieto, sem entender nada...

— Amor... desculpe, preciso escancarar para o mundo o que eu sinto por você. Galera, peguem leve comigo, ok? O craque aqui é o Adan.

Brian sorriu torto, de um jeito que fez as mulheres suspirarem, deslizou a guitarra pelas costas e algo inacreditável estava prestes a acontecer...

Ele quebraria o tabu de uma vida...

Faria algo que jurou ser impossível...

Sim...

Cantaria!

Porra... por ela!

A mulher que a cada dia o surpreendia com sua nobreza e fazia o sentido da palavra amor alçar voos inimagináveis.

Queria algo épico e desafiador...

Precisava dar a Lilly uma prova concreta do que sentia.

Amor, pleno, absoluto e maluco...

Se dependesse dele, aquele momento os marcaria para o resto da vida. Então lançou-se em um voo solo nos vocais, arriscando-se em trechos da canção *Like a Star*, de Corinne Bailey Rae, uma amiga extremamente querida, que traduzia tão bem, parte dos sentimentos dele:

"Como uma estrela pelo meu céu,

Como um anjo fora da página,

Você apareceu na minha vida..."

...

Enquanto se esforçava para não derrapar nas notas, Brian caminhou em direção à

esposa.

Lilly estava tão sem reação quanto as milhares de pessoas boquiabertas no estádio. *Ele não era péssimo cantando?* Ele tinha dito isso a ela! *Bandido, mentiroso! Está lindo, perfeito!* Completamente encantada, Lilly não ofereceu resistência quando ele a pegou pela mão para conduzi-la até o centro do palco.

...

"Parece que eu nunca vou ser o mesmo,

Como uma canção em meu coração..."

...

As pernas dela tremiam, o coração batia e parava, e um tremendo nó na garganta fez com que os castanhos começassem a lacrimejar. Desnorteada, deixou ser conduzida, até pararem bem no centro do palco, diante de milhares de isqueiros que acendiam e apagavam...

Deus!

Lilly estava em choque.

A voz profunda do marido, em uma canção tão delicada, era de um contraste quase sobrenatural, mas apesar de emocionante, toda aquela exibição pública era também aterrorizante... Agarrou-se a ele e escondeu o rosto na lateral do corpo musculoso e suado.

"Você tem esse jeito que eu não consigo descrever,

Você me faz sentir vivo,

Quando tudo só dá errado,

Sem dúvidas, você está do meu lado...

...

Mas agora eu entendo...

É uma honra amar você!"

A música parou.

— Galera... essa Pequenininha me deu o maior dos presentes do mundo. Meus pirralhos

estão chegando! Não um, mas dois! Eu vou ser pai, porra! Dá para acreditar nisso? Nós estamos grávidos!

Lilly saiu do esconderijo ao ouvir os gritos alucinados da plateia. Com a visão nublada, por causa das lágrimas, viu a imagem do ultrassom nos telões gigantes e assim que os canhões de luz explodiram em rosa e azul ela desabou em um choro descontrolado.

Brian a envolveu em um abraço protetor e beijou o topo da cabeça moreninha e soluçante.

Bandido!

Lilly levantou o rosto vermelho e o encarou.

— Você disse que o exame estava atrasado! — soluçou. — Um casal? — soluçou mais.

Ele sorriu e levantou o ombro em uma desculpa esfarrapada.

— Pois é, nossas cópias... Eu te amo além da vida, Pequenininha. — Brian a beijou e as luzes do palco apagaram.



45

Em Los Angeles...

Lilly soltou uma gargalhada e acelerou a *Maserati*. Nada no mundo seria capaz de tirá-la do estado de felicidade plena em que se encontrava. Ela arriscou uma olhadinha para o grandão emburrado e espremido no banco do passageiro.

— Brian, relaxa... Não tem uma alma penada nessa estradinha. Só eu sendo muito péssima motorista para colidir com a grama.

Por conta da notícia dos gêmeos, *Dreams Beach* tinha amanhecido repleta de repórteres. Brian olhou pelo retrovisor e apenas o carro da segurança despontava mais atrás. *Menos mal*. Tudo o que ele não precisava era da esposa grávida tentando fugir da imprensa.

— Está correndo.

Lilly revirou os olhos.

— Deus! Deixa de ser exagerado! Estou a quarenta por hora.

— Está com sono. Não deveria ter aceitado o convite da minha mãe.

— Deveria sim — retrucou ela. — Além do mais, a sua cara de sono está mais acabada que a minha — debochou.

— Mas eu não estou grávido, porra! Ontem foi cansativo. No Jeep era melhor.

Sim, tinha sido cansativo, e daí?

Entretanto, para Lilly a confusão na saída da Arena e na chegada do aeroporto, por causa da invasão dos jornalistas, não era motivo para diminuir a empolgação dela.

Lilly gargalhou.

— Relaxe, meu barítono! Na autoestrada eu te deixo dirigir.

Brian bufou. Estava começando a perceber que a Pequenininha dele era uma força irrefreável.

Lilly estava mesmo sem limites, com a energia a mil e empolgada com tudo; com Brian, com a vida, com o casalzinho na barriga dela, com o convite para almoçar de Sarah. Nem em sonho conseguiria dormir. A forma com a qual Brian declarou-se em Atlanta tinha sido ainda melhor que o feliz aniversário em Vegas.

Quando contornaram a rotatória para caírem na autoestrada, Brian fez sinal para que

Lilly se mantivesse na direção. Sem a ameaça dos *paparazzi* por perto, até que ele gostava dela dirigindo e tinha mesmo que controlar os instintos protetores para não a sufocar.

Com precisão, Lilly costurou o tráfego até caírem na Hollywood Boulevard[88]. O restaurante ficava a algumas quadras dali e claro que havia um caminho alternativo, bem menos tumultuado que aquele, mas ela simplesmente adorava passar em frente do velho Teatro Chinês, famoso por sediar a premiação do Oscar.

Brian não disse nada, só a observou e aquietou o facho quando o carro pareceu tomar um rumo mais coerente.

Chegaram ao restaurante ao mesmo tempo que Sarah e as meninas. Empolgadas, as gêmeas mal deixaram a mãe cumprimentar a nora e foram logo agarrando Lilly e fazendo mil perguntas sobre os gêmeos.

— *Lilly, você está em todos os sites!*

— *Nossa, Brian... que mico!*

— *Nossas amigas só falam em BriaLy!*

— *Podemos ser madrinhas?*

Entraram e se acomodaram em uma das mesas. Não era um restaurante disputado, e tampouco da moda. A melhor descrição seria: aconchegante, por sua decoração discreta com mesas redondas, toalhas brancas e vasinhos com flores do campo. A comida simples e a ausência de um chefe renomado eram qualidades preciosas que mantinham os famosos e os *paparazzi* bem longe.

Pediram as entradas e assim que o garçom saiu, as garotas aproveitaram a deixa para levantaram e irem em bando à toalete.

— Filho, eu vi o que fez ontem em Atlanta. — Sarah deslizou a mão sobre a mesa e tocou em Brian. — Aquilo foi lindo, eu disse que o seu talento vai além dos instrumentos.

Brian ficou completamente sem graça. Aquilo tudo não tinha passado de um ato passional de um homem estupidamente apaixonado.

— Essa coisa de cantar não é para mim não, mãe. Melhor deixar os vocais para o Adan. Só não foi pior, porque treinei pra cacete no banheiro. — Riu.

— Eu achei incrível. — Lilly inclinou o corpo na direção dele e estalou um beijinho em sua bochecha. — Os MM's vão adorar que cante para eles.

— Estou tão feliz por vocês, nem acredito que serei avó. Essa notícia não poderia ter

vindo em melhor hora. Depois da nossa conversa, eu tomei uma decisão. Acionei os advogados e pedi a separação.

— Mãe...

— Acabou, filho — interrompeu-o. — Eu não posso continuar com o seu pai, não depois do que ele fez a vocês. Sobre a Kate, não disse nada na época, porque achei que era um livramento para você. Aquela ordinária nunca prestou. — Sarah soltou Brian e tocou na mão de Lilly. — Já você, minha querida, vejo o quanto fazem bem um ao outro. Não vou permitir que ninguém destrua o que estão construindo... Sinto muito pelo Ian.

O queixo de Lilly caiu. A última coisa que desejava era que Sarah pensasse que, de alguma forma, ela tivesse incentivado o que acontecera.

— Não aconteceu nada... Fui pega de surpresa com a visita de Ian, o Brian chegou... Não aconteceu nada... — reafirmou constrangida. — Não quero que pense... o que aconteceu em Nova Iorque...

— Pequenininha, ninguém vai pensar nada — Brian disse em tom amoroso.

— Lilly não se culpe, conheço o meu marido. Nova Iorque foi só a gota d'água... — Sarah disse firme. — O que ele fez com vocês foi inadmissível, mas não é de hoje que ele me trai e as aventuras do Ian vão muito além da Kate... Amante após amante, eu me acomodei e me calei, mas agora chega. O seu pai pode ter os acordos dele com a imprensa, mas, convenhamos, ele nunca foi um homem discreto. Há anos venho montando um dossiê, só resolvi usá-lo.

Isso, Sarah!

Lilly vibrou por dentro, sua Diva era boa demais para aquele ordinário.

— O Bret e as meninas?

Brian tentou parecer calmo, mas por dentro estava em frangalhos. Sabia que a separação dos pais aconteceria mais cedo ou mais tarde, mas de certa forma, sentia-se culpado por ter deixado a situação com o pai ter chegado àquele ponto.

— Vão superar... seu irmão acha que estou fazendo o certo e suas irmãs não são mais tão meninas. Percebem mais coisas do que imaginamos.

Brian assentiu. A mãe estava certa, qualquer pessoa com mais de um ano notaria a falta de relação e afinidade entre os pais dele, mas mesmo assim, não esperava uma virada tão radical por parte de Sarah.

— Tem certeza de que ficará bem?

Sarah assentiu, soltou Lilly e endireitou-se na cadeira como uma rainha.

— Ficarei muito bem.

— Ian já sabe? — Lilly não segurou a curiosidade.

Sarah revirou os olhos.

— Foi notificado esta manhã. Ligou esbravejando, disse que uma separação vai destruir a imagem de bom homem que construiu... Que estou fazendo de propósito, por pura inveja e que vai ser absurdo ter que ir à pré-estreia de O *Juiz,* como um desquitado — disse, sem parecer comovida.

— Com tudo o que aconteceu, esqueci da pré-estreia. — Brian franziu a testa. — Mãe, sem chances de eu aparecer por lá, sinto muito.

Lilly sentiu-se aliviada, por maior que fosse o seu amor por Brian, acompanhar o marido em qualquer coisa relativa ao Ian estava fora de cogitação.

— Theo, seus irmãos também não querem ir e não pretendo forçar a barra com vocês. O Ian nunca se preocupou em cultivar ou incentivar nada em relação aos filhos, está só colhendo o que plantou. Agora é tarde, no fundo, era cômodo para ele estar casado. Está desesperado porque a separação vai representar uma queda brusca de estilo de vida, já que os filmes dele não têm rendido boas bilheterias. Sabe o que eu era? Uma muleta, não uma esposa... sempre cobrindo os gastos abusivos dele. Acredita que até um maldito colar de rubis aquele canalha debitou no meu cartão? Onde está essa joia? Porque eu não ganhei nada.

Brian soltou um grunhido de descontentamento e Lilly quase engasgou com a água ao se lembrar da ausência de Ian na premiação do Grammy e da falta de joias no pescoço de Kate.

Caramba!

Será? Aquele colar da Cartier? Descarado! Na certa, ele estava traindo a mulher e a amante, com outra amante!

— Agora... chega desse assunto. — Sarah inclinou a cabeça indicando o trio alvoroçado que retornava. — As meninas estão voltando e estamos aqui para comemorar os meus netos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O almoço correu tranquilo e cheio de planos para o nascimento dos pequeninos.

— Vai ser um Natal incrível! — Liah comemorou.

Uma onda de emoção correu no coração de Lilly. *Poxa vida! Natal!* Fazia tantos anos que

ela não sabia o que era um Natal em família e agora estava ali... reunida com sua nova e improvável família fazendo planos, rindo e sonhando com um mundo rosa e azul.

— Temos tanta coisa para organizar. Meninas, querem ir às compras? — Sarah disse, sabendo que as gêmeas surtariam.

Cri... Cri... Cri...

A reação que a mãe esperava não veio. As garotas estavam brancas com os olhos fixos na tela do celular.

— Lisa! — Sarah chamou a atenção de uma das filhas. — Quantas vezes já disse para largarem essa porcaria!

Três olhos apreensivos se entreolharam e depois encararam a mãe.

As antenas de Brian levantaram.

— O que foi, meninas? — perguntou às irmãs.

As três se entreolharam novamente e Lilly presumiu que deveria ser algo relativo ao pai delas. Tirando a notícia dos bebês, ela e Brian estavam blindados. Mark tinha instalado, no condomínio, bloqueadores que interferiam nos drones, então surpresas como a Vara Mágica estavam fora de cogitação.

— O casamento de vocês é de mentira? — Leah sussurrou.

Hã?

Um calafrio percorreu a coluna de Lilly.

— O quê? Claro que não! — Brian berrou.

Lisa, a gêmea do meio levantou uma sobrancelha inquisitiva.

— Então, por que disse isso?

O *quê?*

Lilly voltou-se para Brian que àquela altura estava mais branco que a louça na mesa.

— Você disse? — perguntou em um suspiro.

— Não disse!

— Disse — Leah afirmou decepcionada.

— Meninas, o que está acontecendo? Isso é muito sério — a voz de Sarah saiu trêmula.

Lisa entregou o celular para o irmão.

— Está aqui.

Brian tocou a tela e o mundo dele ruiu. Bem diante dele, no pior site de fofocas de Los Angeles, uma entrevista da Diana. A bandida debochava do que acontecera em Atlanta, os acusava de farsantes e dizia que tinha provas.

Ele tocou no link de vídeo da matéria e a imagem dele bêbado, no Clube de Nova Iorque apareceu. Estava desfocado, mas era inegável... era ele sim, sentado ao lado de um desconhecido. O áudio estava prejudicado pela distância. Ouvia-se uns xingamentos, o nome de Ian... de Lilly e um trecho bem nítido onde ele dizia:

— *Que merda, cara! Eu sei que tudo foi de mentira e que só casamos por causa daquela maldita herança do caralho... Mas o que eu posso fazer? Sempre fui fissurado nela... Ninguém nunca vai entender... Saca, o amor da minha vida? A garota-bebê, não! Ian filho da puta!*

Um gemido abafado o tirou do inferno em que tinha caído. Brian girou a cabeça para encontrar Lilly estupefata com a mão sobre a boca. Os castanho-esverdeados estavam arregalados e estáticos.

Fodeu! Eu fodi com tudo!

— Lilly — ele murmurou.

— Querida? — Sarah também tentou.

— Amor — Brian insistiu. — Eu... eu... não queria... merda!

Atraída pelo tom de pânico vindo do marido, uma chavinha girou no cérebro dela. Os castanho-esverdeados piscaram e aos poucos, Lilly foi voltando para a Terra.

— Filha da puta! Eu deveria tê-la deixado careca! — berrou e levantou-se.

Todos na mesa fizeram o mesmo. Por sorte, o restaurante estava vazio e no mesmo instante, Max, Samantha e Dani, que estavam em uma mesa mais ao fundo, aproximaram-se.

— O que foi? — Dani perguntou tenso.

— Deus! Precisamos sair daqui! — Lilly berrou novamente.

Brian estava paralisado, não sabia o que fazer. Tudo o que passava pela cabeça dele é que tinha fodido com tudo... perdido tudo... perdido Lilly.

— Vem!

Brian sentiu a mão suave da esposa grudar na dele e puxar com força.

— Vem! Daqui a pouco isso aqui vai virar um inferno. — O corpo dela ricocheteou,

quando Brian não saiu do lugar. — Merda! Brian não me vá pifar agora! Está me ouvindo? — disse para o músico múmia e voltou-se para o trio de seguranças. — Max, veja se não tem nenhum *paparazzo* lá fora.

— Ok.

— Não, pera aí! — berrou, assim que ele fez menção de sair. — Pague a conta! Dani, pega o meu carro e deixa nos fundos! Samantha, acompanhe a Sarah e as meninas até a casa delas! Alguém ligue para o Mark e diga que vamos precisar de um esquema para entrar em *Dreams Beach*... Não deixem a Marie ligar a televisão ou atender ao telefone. Preciso de todos na mansão! Vamos, caramba!

Todos continuaram estáticos. Nunca tinham visto Lilly daquela maneira, ela parecia um general enlouquecido ditando ordens, pronto para atacar.

— Senhora, o fundo do restaurante é por ali — o gerente que acompanhava tudo de longe, disse.

— Ótimo, obrigada. — Lilly sorriu para o homem que parecia realmente tocado com o que acontecia ali.

— Eu dirijo — Brian conseguiu murmurar.

— De jeito nenhum, eu dirijo. — Lilly olhou feio para ele. — Você está parecendo uma múmia. Vamos!

Lilly agarrou a bolsa e o marido. Em seguida, murmurou para Sarah e para as meninas:

— Sinto muito, tudo vai ficar bem. — E apressou-se pelo caminho dos fundos que o gerente indicou.

Por sorte, saíram sem dificuldade do restaurante. Com Brian ainda petrificado no banco do passageiro, Lilly subiu a capota, viu Max e Dani sinalizarem um *ok* e partiu.

A cabeça dela estava uma avalanche. Dirigiu com segurança rumo à avenida que daria acesso à estradinha de *Dreams Beach*. Por um segundo, uma ideia louca de irem se esconder em algum lugar passou pela cabeça dela. Sair de órbita até que as coisas se acalmassem.

Não! De que adiantaria? Melhor enfrentar de uma vez.

— Brian... — ela murmurou para o músico, que parecia um avestruz no buraco, com aquela cabeça afundada entre as mãos.

— Lilly. — Ele girou o rosto para encará-la.

O coração de Lilly quebrou ao ver as lágrimas molhando aquele rosto lindo.

— Meu amor, tudo vai ficar bem.

— Não, não vai. Eu fodi com tudo.

Tá... fodeu um pouquinho, mas, e daí?

Lilly respirou fundo, aproveitou que tinham entrado na estradinha, deu seta avisando aos seguranças, e entrou em uma trilha alternativa que dava num mirante abandonado. Quando chegou ao pé de um penhasco, estacionou.

Max estacionou um pouco mais atrás.

— O que está fazendo? — Os olhos de Brian arregalaram.

— Não pretendo te matar, se esse é o seu medo. — Ela arriscou um pouco de humor, livrou-se do cinto e saiu.

A vista dali de cima era deslumbrante. Um descampado acima de um penhasco e nada além da imensidão do mar diante deles. Ela nunca tinha entendido porque o lugar não era popular. Talvez fosse o vento. Os cabelos dela entraram em modo Medusa e o vestido amarelo com rosinhas estava prestes a levantar voo.

Uma solitária borboleta azul sobrevoou a sua cabeça e Lilly viu aquilo como um bom sinal. Então respirou e inspirou, concentrando-se no mantra...

Alimente a luz, não as trevas...

Alimente a luz, não as trevas...

Alimente a luz, não as trevas...

Munida de toda a paciência do mundo, esperou Brian descer do carro e vir lentamente até ela.

— Quer que eu fique aqui? É isso? — disse cabisbaixo, sem conseguir encará-la. — Fim da linha pra mim, né? — Enfiou as mãos nos bolsos de trás do jeans desgastado e chutou uma pedra.

Hã?

— Eu quero que se acalme. — Ela aproximou-se e ficaram frente a frente. — Talvez estes sejam os nossos últimos momentos de paz.

Brian levantou a cabeça e devastados azuis-violeta encontraram os decididos castanho-esverdeados.

— Não há perdão para o vídeo. Sei que é o fim da linha para nós. Eu só trouxe o caos.

Desde que eu entrei na sua vida, tem passado por um perrengue atrás do outro.

Lilly riu e tirou os cabelos que quase lhe tampavam o rosto.

— Já parou para pensar que pode ter sido o contrário? Que eu saiba, você estava tranquilão até eu aparecer como a louca do vestido de noiva.

— Não estava... Ian, Diana, Kate são problemas meus. Não é justo que passe por isso. — Brian esfregou o rosto e olhou a imensidão do mar. — Está tudo fodido mesmo, é melhor pararmos, antes que se machuque mais.

Parar o cacete!

Lilly bufou e segurou firme nos braços musculosos que tanto amava.

— Escuta aqui, Brian Theodore Lincoln Pierce! É bom que não desista de mim... de nós... — Uma das mãos desceu e tocou o próprio ventre. — Está me ouvindo? Porque, não existe no mundo, a menor chance de eu desistir de você!

— Não quero mais que vocês sofram por minha culpa.

— Vamos sofrer se for embora! — Lilly o soltou e abraçou o próprio corpo. — Eu também entrei nessa trazendo as minhas pedras! Não é nossa culpa, é deles! Consegue enxergar isso? — ela berrou. — Fodam-se os perrengues e as merdas, tudo o que eu sei é que estou um milhão de vezes mais feliz desde que nos reencontramos. Então, seu imbecil, nem pense em abandonar esse barco agora.

Brian estava exausto e caiu de joelhos na grama.

— Eles não vão parar.

Lilly também ajoelhou e o abraçou.

— Que não parem. Danem-se. Estou disposta a encarar essa briga, você está?

Brian agarrou-se a ela como a uma âncora.

— Eu sinto muito. Acabei fazendo a única coisa que eu não podia... expor o nosso casamento e você.

Lilly segurou o rosto dele, enchendo-o de beijos.

— A única coisa que não pode fazer é desistir de mim. — Ela franziu o lábio. — E me trair. — Sorriu.

Rendido à determinação daquela pequena mulher guerreira, Brian riu.

— Tá maluca? Te trair nunca será uma opção.

Os dois se encararam por segundos intermináveis.

— Brian...

— O quê?

— Ah... é... acho que estamos naquele momento, em que você manda tudo à merda, e me beija. — Ela empinou o queixo, oferecendo-se a ele.

Brian riu, inclinou-se e a beijou... beijou... e beijou. Em seguida, deitaram na grama abraçados, desfrutando o calor um do outro e ficaram olhando para aquele céu azul, torcendo por dias melhores.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Uma hora depois e bem mais calmos, a *Maserati* despontou na reta de cascalhos que dava acesso à portaria de *Dreams Beach*. Brian e Lilly se entreolharam e suspiros sincronizados saíram de ambos. Como previsto, um mar de repórteres, fãs e curiosos estava bloqueando a passagem.

Brian, agora na direção, avançou com cuidado.

— Pare o carro — Lilly disse.

— O quê? Não.

— Pare. Vamos fazer o que decidimos no penhasco — ela insistiu.

Brian bufou, mas parou o carro. Na mesma hora, a multidão quase engoliu a *Maserati*. Lilly viu um pelotão de seguranças se aproximar e aguardou. Assim que o cordão de homens gigantescos os isolou, mantendo os repórteres a uma distância segura, ela esticou o braço e acionou o botão para a capota descer.

O casal levantou, Brian ajeitou-se de modo que sua bunda ficou apoiada no banco de passageiro, puxou Lilly para ele e protegidos em um abraço mútuo, entregaram-se aos leões.

— Brian, a declaração da Diana é verdadeira? Tudo aquilo em Atlanta foi orquestrado? — um jornalista alto e com olhos de águia disparou a primeira bala.

O músico respirou fundo e repetiu mentalmente o que Lilly tinha acabado de lhe ensinar.

Alimente a luz, não as trevas...

— A Diana mentiu. Cada uma das minhas atitudes e palavras no show de ontem, foram verdadeiras e espontâneas.

— Os gêmeos, são uma jogada? — uma jornalista um pouco desgrenhada gritou mais ao

fundo.

— Meus filhos estão fora dos limites! Respeite-os! — rosnou, causando uma comoção.

Um homem ruivo e forte, próximo ao cordão de isolamento, gargalhou.

— Esperam mesmo que a gente acredite? Aquele vídeo te entregou, cara!

— É... o próprio Ian Pierce declarou hoje, que vocês não prestam e são capazes de inventar qualquer mentira! — uma jornalista baixinha de óculos gritou.

O *quê?*

O coração de Lilly disparou de um jeito péssimo quando uma leva de xingamentos começou.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— *Mentirosos!*

— *Está gravado!*

— *Estão fazendo os fãs de trouxas!*

— *Coitada da sua irmã! Ela acaba de dar uma entrevista dizendo que está passando necessidade!*

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Minha irmã não presta, ela me traiu com o meu noivo, caramba! — foi a vez de Lilly impostar a voz. — Se querem a verdade, fiquem quietos!

Sedentos por qualquer informação, o burburinho foi diminuindo. Quando Brian fez menção de falar, Lilly segurou firme no braço que circundava a cintura dela.

— Deixa, amor.

Ela puxou o ar.

— O que o Brian disse naquele vídeo foi a mais pura verdade. — Lilly sentiu o corpo do marido tensionar atrás dela e intensificou o aperto no braço. — Começamos de forma errada... Minha irmã me traiu, passei uns maus bocados, fui para Vegas em busca do consolo e do apoio dos meus amigos. Nós bebemos e deu no que deu. Acordamos casados e estamos sendo atacados desde então. O homem que filmaram naquele bar não era um marido traído! Era um filho destruído por um pai, que teve a audácia de agarrar a própria nora, e só para magoá-lo. Respondam: que

homem não ficaria quebrado ou confuso? Caramba!

— Quer mesmo que a gente acredite nisso? — O repórter ruivo gargalhou.

— Meu pai é um cretino e não estou nem aí, se acreditam ou não... — Brian rosnou novamente. — Uma hora somos os mocinhos, na outra, os bandidos! Não querem a verdade, estão atrás de Ibope, seu bando de falsos moralistas. Vão à merda e nos esqueçam!

A explosão de xingamentos recomeçou e foi crescendo.

Quando a coisa começou a sair do controle, uma buzina, do tipo que se leva em estádios, soou surpreendendo a todos. Um corpo estonteante e bem conhecido de Lilly emergiu no meio da multidão. Ela não acreditou quando viu Mel no alto, sentada nos ombros de Lion.

Deus!

De onde a Mel tirou esse troço?

— Calem a boca! — a morena berrou com uma autoridade impressionante. — Deixem que os dois se expliquem! Cadê a porra da liberdade de expressão? Qual é? Que tipo de profissionais vocês são?

Ondas de protestos e de apoio à jornalista varreram a multidão. A buzina soou mais uma vez e quando o barulho reduziu a um patamar aceitável, Mel sorriu satisfeita. Em seguida, gesticulou dando a palavra novamente para a amiga.

Lilly estava boquiaberta... que grande mulher era a Mel. Ela sussurrou um: *Muito obrigada* e tomou fôlego para continuar.

— Por favor, não crucifiquem o meu marido. Pensem! Conhecem a fama tanto do pai, quanto do filho. O Brian é um grande sujeito! Pode parecer piegas, mas ele é a minha fortaleza... Se o nosso começo foi torto, isso só diz respeito a nós. Nunca tivemos a pretensão de sermos o casal dos sonhos que a mídia criou... Somos humanos, apenas o Brian e a Lilly... Eu amo esse homem com uma força que não cabe em mim. Será que vocês são tão fissurados em furos de reportagens, cliques e *likes* que esqueceram de checar o óbvio? Dane-se o que a minha irmã, a Diana ou o Ian disseram. Não precisamos da aprovação deles ou do julgamento de vocês... Nós dois e os nossos bebês somos para sempre!

— Para sempre, entenderam? — Brian berrou.

Um coro de: *BriaLy... BriaLy... BriaLy...* eclodiu.

— É, deixem os BriaLy em paz! — Uma jovenzinha com a camiseta da banda implorou aos prantos. — Vão infernizar outra banda!

BriaLy... BriaLy... BriaLy...

— Aquela Diana é uma vaca oportunista! — outra gritou agitando um cartaz:

I LOVE BRIALY ♥.

BriaLy... BriaLy... BriaLy...

Um moço com baquetas na mão começou a batê-las.

— Nós queremos BriaLy juntos! Não destruam o nosso sonho!

BriaLy... BriaLy... BriaLy...

— Seu abestado! Respeite os nossos bebês! — uma senhorinha de uns mil anos bateu com um guarda-chuva no repórter ruivo.

BriaLy... BriaLy... BriaLy...

Os fãs enfurecidos começaram a afugentar os jornalistas. Brian sentiu-se abençoado por ter fãs tão passionais. Palmas pipocaram e ganharam força. Lilly não sabia se chorava ou ria... Começou a rir. Aquilo tudo era muito surreal.

BriaLy... BriaLy... BriaLy...

— Valeu, galera! Vocês são os melhores fãs do mundo! — Brian gritou e fez um gesto para Lion, pedindo que ele trouxesse a Mel para o carro. Em seguida, beijou o topo da cabeça da Lilly e, em meio aos gritos, os dois escorregaram e voltaram a ocupar suas posições no carro.

— Melhor se mandarem daqui. — Lion colocou Mel sentada no banco do passageiro e Lilly acionou a capota.

Finalmente, os três se viram a salvo e isolados, e o mar de gente começou a abrir para dar passagem para os veículos. Brian girou a chave, o motor roncou e lentamente a *Maserati* voltou a andar.

— Que loucura! — Lilly assoviou, assim que se viram dentro do condomínio. — Esse pessoal te ama de verdade.

— Ama mesmo. — Brian respirou aliviado.

Lilly girou o corpo para olhar a Mel.

— Obrigada, você foi incrível.

— Foi mesmo. — O músico olhou a jornalista pelo retrovisor e abriu um sorriso

agradecido.

Mel fez um sinal de deixa disso.

— Só fiz o certo. De agora em diante, a mídia estará do lado de vocês. Você arrasou, Baixinha.

— Caralho, como pode caber tanta coragem dentro de um corpo tão minúsculo? — Brian olhou com admiração para a esposa.

— Amigo... espere a Lilly completar os nove meses, aí você verá o que vai caber de fato, dentro dela. — Mel caiu na gargalhada.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Quando chegaram em casa, o exército que Lilly tinha convocado já estava quase todo a postos na sala.

— Como estão? — Adan parou no meio da sala, lançou um olhar investigativo para o trio e estacionou a inspeção em Mel.

— Acho que nos saímos bem. — Lilly foi sincera, uma estranha adrenalina a fazia se sentir confiante.

— Onde estão o Gabe e o Mark? — Brian perguntou ao descer os degraus de mão dadas com a esposa.

— Lá no quarto de hóspedes, devem bater por aí a qualquer minuto. — Adan manteve a cara fechada.

— Tio Ed! — Lilly soltou Brian e foi abraçar a visita inesperada. — Não queria incomodá-lo. — Libertou-o do abraço apertado. — Estou bem, de verdade.

Pela cara do tio, a coisa com Ava já tinha explodido. Lilly nem precisava perguntar, para saber o que significava o envelope pardo com timbre do Ministério Público, que ele segurava, mas o fez assim mesmo.

— Isso aí é do Juiz, né? — Apontou para a mão do tio e sentou-se no sofá.

Brian ocupou o lugar ao lado da esposa e Mel preferiu uma poltrona.

— Sim, Ava foi rápida. — O tio sentou-se no espaço disponível ao lado da sobrinha e cumprimentou Brian com um meio sorriso. — A audiência será daqui a três dias. — Jogou o envelope sobre a mesa de centro. — Acho que sua irmã não leva essa. Não depois de ontem e da comoção de agora, nos portões do condomínio.

— Mas o lance da mentira? — Penne perguntou esparramada em outra poltrona. O *iPad* na mão dela pendia de um lado para o outro, denunciando a ansiedade.

— O que está em jogo é a legitimidade do casamento e para mim está mais do que claro, de que é verdadeiro. — O tio foi direto. — Os gêmeos são irrefutáveis.

Brian suspirou aliviado, embora estivesse envergonhado por ter sido o causador de tudo aquilo.

— Senhor Edward, a culpa foi minha... perdi a cabeça. Em momento algum eu quis prejudicar a sua sobrinha.

— Eu sei disso. Sarah me ligou, assim que saíram do restaurante. Estou a par de tudo e, acredite, minha reação teria sido pior do que a sua — disse, para em seguida abrir um sorriso sincero que surpreendeu a todos. — Parabéns pelos pequenos. Ser pai é um grande negócio e meu irmão teria orgulho de você. É muito bom tê-lo na família.

Porra! Ele me aceitou?

Os olhos de Brian marejaram e para despistar uma lágrima, ele apertou o topo do nariz.

— Obrigado, eu estou honrado em ter a Lilly e os meus filhos.

Lilly olhou de um para o outro e sorriu.

— Querem saber? — Ela espalmou a coxa do marido para tranquilizá-lo. — Seja o que Deus quiser. Estou pronta para tudo. Uma hora essa história de Vegas viria à tona mesmo e estou achando até bom. Graças a Deus que essa mentira acabou. Tudo o que eu quero é poder tocar a vida sem medo.

— Eu também acho que foi melhor assim — Big, que estava sentado aos pés da poltrona de Penne, concordou. — A internet está bombando em apoio a vocês. — Levantou o celular.

— A mídia vai colaborar e isso conta muito. — Mel sorriu.

— Colaborar, graças a você — Lilly fez questão de relembrar. — Aquele pessoal estava fora de controle.

— Ela foi imprudente, isso sim! — Adan rosnou. — Poderia ter se machucado.

Mel olhou bem feio para ele.

— Aposto que iria adorar se isso acontecesse.

— Ooooh, os dois! Querem parar! — Mark despontou no fim da escada. — O Lion estava lá, relaxa Adan. — Olhou feio para o vocalista. — A Mel foi ótima, como sempre.

— É, foi ótima, como sempre — Adan ironizou e foi ficar do lado de Gabe que sentou no braço da poltrona em que Penne estava.

Mark foi até a Mel e pediu um cantinho. A morena encolheu-se e ele sentou.

— Confesso que estava bem preocupado com a opinião pública e com a reação dos fãs. Mas pelo andar da carruagem, BriaLy só fortaleceu a banda. Tomara que não haja mais surpresas. Sua irmã e ex-noivo devem acalmar depois dessa.

— Com certeza, o Will não será mais um problema — Penne disse do nada com os olhos fixos na tela do *iPad*.

— O quê? — Brian dirigiu a atenção para a amiga.

Penne tinha perdido completamente a cor.

— Como era o sobrenome dele?

— Donovan. Willian Donovan — Lilly disse sem perceber o tempo verbal.

— Merda! — a loirinha deixou escapar.

Big estendeu o braço e capturou o aparelho das mãos da amiga.

— Puta que pariu!

— Gente, vocês estão me assustando. — O coração de Lilly disparou. — Não me diga que ele aprontou alguma?

— "*O corpo de Willian Donovan foi encontrado preso à base da ponte Vincent Thomas. A polícia trabalha com a hipótese de suicídio*" — Big leu a manchete.

— Tem certeza de que é ele? — Tomada por uma onda de culpa, Lilly saltou do sofá e agarrou o aparelho. — Meu Deus! — Sentiu as pernas tremerem e sentou na mesinha de centro.

Na mesma hora, todos a rodearam.

"*O corpo do administrador Willian Donovan foi encontrado por pescadores, na manhã de hoje, preso às ferragens da Ponte Vincent Thomas que liga Los Angeles a San Pedro. Devido à decomposição provocada pela água do mar e aos reagentes químicos presentes na região das docas, a polícia não soube precisar a data do óbito. Os restos mortais do empresário foram encaminhados para laudo técnico.*

Nenhuma nota de suicídio foi encontrada junto ao corpo. A polícia já fez uma varredura no apartamento do empresário, porém nada foi encontrado. O imóvel estava praticamente vazio e o senhorio do prédio informou que havia uma ordem de despejo contra Willian, devido ao atraso de dois meses no aluguel. "

Puta que pariu!

Brian sentou ao lado da esposa, pegou o aparelho e releu a notícia. Em seguida, cada um dos presentes na sala fez o mesmo. Quando chegou a vez de Gabe, ele ficou branco ao ver a foto do Will.

— Tem certeza de que esse cara era o seu noivo? — Virou a tela para Lilly.

Atordoada com a notícia, ela olhou novamente a foto, mas não disse nada. Os sentimentos de Lilly estavam confusos e um vazio a tomou. A notícia era devastadora, porém libertadora. Culpa e alívio estavam circulando em seu sangue, na mesma medida. Sabia que não poderia ter feito nada diferente em relação ao ex-noivo, entretanto, cobrou-se por não ter percebido os sinais de um suicida nele. Ao contrário... em Londres ele aparentava estar raivoso, não deprimido.

— É ele? — Gabe insistiu deixando todos em alerta.

— É, sim — Lilly confirmou em um sussurro.

— Foi esse cara que me bateu — Gabe deixou o comentário escapar e imediatamente arrependido de ter dito aquilo, jogou o *iPad* no chão, e caiu sentado no sofá. Sabia que teria que abrir o jogo sobre tudo o que tinha acontecido.

O quê?

— O Will era o cara com quem estava saindo? — Brian levantou e começou a puxar os cabelos.

Porra! O caralho de curso preparatório para noivas! A dedada atrevida era mesmo coisa daquele WillBi!

Nunca mais na vida deixaria Lilly fazer aquilo.

Bosta! Bosta! Bosta!

Gabe respirou fundo e olhou diretamente para a Lilly.

— Não estava saindo com ele, eu juro — disse em tom de desculpa, como se aquilo pudesse significar algo para a J.J.. — Naquela noite, fui me encontrar com o Bert, o cara que conheci na festa do Grammy e me chamou para uma bebida.

Lilly estava chocada e começou a respirar mais rápido.

O Will era gay? Não! Eu o vi com a Ava.

A cabeça moreninha começou a balançar em negação.

— Eu não estou entendendo. — Engoliu em seco. — Por que o Will bateria em você? Para

se vingar de mim?

Gabe inclinou o corpo e segurou firme na mão da amiga.

— Não, J.J., você não tem nada a ver com isso. Nunca tínhamos nos cruzado e ele não pareceu saber quem eu era.

— Isso está confuso, cara. — Adan chegou mais perto e cruzou os braços musculosos. — Se nem se conheciam, por que o Will te detonou desse jeito?

— Sei lá... ciúmes. — Gabe mordeu os lábios de forma tensa. — Depois da boate, o Bertran me convidou para uma saideira no apartamento dele... quer dizer, um buraco que eu achei que era dele. Não lembro muito bem, chapei demais naquele dia. Só lembro que esse Will apareceu de mala e cuia, como se fosse o dono do lugar. Ficou uma fera quando nos viu conversando, começou a berrar e a quebrar tudo, inclusive eu. Pelo que entendi, acho que os dois tinham um caso sério, sei lá... Pelo menos foi o que pareceu. O cara enlouqueceu, só repetia que estava fodido, que todo mundo o tinha traído. Quando ele me deixou de lado e partiu para cima do Bertran, aproveitei a porta aberta e escapei.

O baixista terminou de falar e o silêncio reinou. Nem uma mosca ousou fazer barulho. Todos estavam atentos, esperando por uma reação de Lilly.

A culpa dela tinha ido embora, varrida pela compreensão de que o verdadeiro Will era alguém completamente desconhecido. Um ator... um...

— Filho da puta! — Lilly berrou e levantou-se. — Dois anos com o cara e eu não percebi os sinais óbvios? — Esfregou o rosto e começou a andar de um lado para o outro.

Big e Adan precipitaram-se na direção dela, mas Lilly fez um sinal para que se mantivessem longe.

— Boneca, calma — Penne disse de longe. — Pense nos bebês.

— Tem noção do quão fodido isso é? — Lilly respirou fundo. — Eu me culpei de verdade, pela falta de interesse daquele canalha!

— Amor, esquece isso. — Sem hesitar, Brian a abraçou com força envolvendo-a com seus longos braços. — Depois a gente tenta entender essa história.

— Querida, seu marido tem razão. Daqui a pouco vai anoitecer e o dia foi agitado. É melhor subirem. Brian cuide dela, por favor. — O tio colocou a mão no ombro de Gabe que parecia desolado. — Ficarei aqui para dar apoio ao garoto.

Lilly assentiu. De repente, o peso das horas não dormidas recaíram sobre ela. Despediu-se

de todos com um gesto lânguido e deixou que Brian a pegasse no colo.

— Lilly — Gabe a chamou. — Eu juro que não sabia.

Por cima dos ombros, ela olhou para o baixista.

— Tudo bem, meu Anjo. — Sorriu com sinceridade. — Eu não sabia, você não sabia... o mundo não sabia. Não se culpe. Só preciso de um tempo para digerir essa loucura.

Sem esperar por uma resposta de Gabe, Brian adiantou-se com a esposa nos braços, escada acima. Estava ansioso para cuidar dela e fazê-la sentir-se bem.

— Que tal eu te colocar na cama e a gente cuidar um do outro?

— Hum-hum... só preciso disso... de nós. — Afundou o rosto na curvatura do pescoço de Brian.



46

Brian mal pregou os olhos naquela noite e passou boa parte da mesma, velando o sono de Lilly. Antes dela adormecer profundamente, os dois conversaram por longas horas. Enroscados na cama, falaram sobre tudo: os bebês, a família, o dali por diante, o Will, a audiência e a necessidade de se preservarem. Afinal, duas pessoinhas iriam chegar e não mereciam ser engolidas pela loucura que era a vida dos pais.

Com cuidado, o músico desenroscou-se da esposa adormecida e arrastou-se para fora da cama. Nem precisou se preocupar em vestir algo, já que ambos dormiram com as mesmas roupas do dia anterior.

A luz passava pelas frestas da veneziana, indicando que já era dia. Do jeito amarrotado em que estava, saiu do quarto. Gabe tinha voltado para a mansão da banda e o silêncio que Brian encontrou nos corredores foi bem-vindo. Desceu as escadas e foi direto para a cozinha.

— Bom dia, Marie. — Sorriu, assim que viu a governanta a postos no fogão.

Havia um delicioso aroma de café fresco e panquecas no ar.

— Bom dia, café?

— Aceito.

Brian esfregou a barba e passou a mão na camiseta branca amassada.

Marie deu uma boa olhada nele, enquanto enchia uma xícara com café.

— Noite difícil? Como está a nossa Pequena? — Entregou-lhe a bebida.

Brian deu um impulso e sentou-se no balcão da ilha na cozinha, onde ficava o fogão.

— Apagada... dormindo como uma rocha. Quero que ela descanse o máximo que der. — Segurou a xícara com as duas mãos para aquecê-las e bebeu. — Fico impressionado com a capacidade de superação daquela Pequenininha. As coisas não têm sido fáceis, mas de alguma forma, ela sempre consegue enxergar um lado bom em tudo.

A governanta sorriu com carinho para o patrãozinho. Gostava realmente dele, era um bom moço.

— A Lilly sempre foi assim, desde pequena; recuperava-se rápido dos tombos. Deve ter puxado a fibra da mãe. Que loucura... — Maria parou por uns instantes indecisa se deveria ou não tocar no assunto. A curiosidade venceu, então decidiu que deveria. — Não me surpreendeu a morte do Will. Como ela está encarando?

— Aparentemente bem. Não sei se a ficha não caiu ainda ou se as revelações foram tão surreais, que a Lilly meio que desconectou.

— Sinto pelo final trágico, mas sempre soube que tinha algo esquisito naquele Will. — O rosto de Marie esboçou reprovação. — Perfeitinho demais.

— Pelo que ela me disse, sim... o cara perfeito, né? — Brian terminou de beber o café e colocou a xícara no balcão. — Conversamos muito ontem. Deixei que se abrisse. Ela contou como se conheceram, a história toda. Não sei, espero que não desabe mais pra frente. Tenho que dar um jeito de protegê-la de tudo isso.

Marie assentiu, tomada pelo mesmo desejo de proteger Lilly, e indicou o prato com panquecas.

Brian recusou.

— Como depois... Quero levar o café da manhã na cama. — Sorriu torto.

— Vou preparar... — A governanta deu um meio sorriso e voltou a ficar séria. — Os meninos passaram por aqui agorinha mesmo, querem falar com você longe da Lilly. Eu sugeri que esperassem no estúdio. Por que não vai até lá conversar com eles e na volta, eu te entrego uma bandeja caprichada com tudo que a minha menina gosta?

A sobrancelha morena arqueou. Estranhou a visita dos amigos e sem nenhuma vontade de sair dali, Brian assentiu e pulou do balcão. Passou pela porta da cozinha e descalço, caminhou em direção aos fundos da propriedade.

— E aí? — disse, assim que entrou e encontrou mais gente do que o esperado.

Pelo jeito Marie tinha garantido um bom café para todos, a ajudante dela estava recolhendo os restos do que parecia ter sido um banquete.

— Bom dia — Mel o saudou com expressão cansada. — Como está a Lilly?

— Bem. Que complô é esse? — Brian deu uma panorâmica nos amigos.

— Complô nenhum. Só achamos melhor não sobrecarregar mais a Boneca. — Penne entregou uma latinha vazia de soda para a empregada. — Será que pode nos deixar a sós, por favor? — pediu com educação.

A mocinha, vestida em um impecável uniforme preto e branco, recolheu o restante das coisas e saiu.

Brian gostou do "*não sobrecarregar a Boneca*", foi até o sofá amarelo e sentou entre Gabe e Big.

— Como está? — Socou a coxa do baixista.

— Vou superar... valeu para aprender a parar de ser trouxa — Gabe respondeu em um tom sério, bem atípico para ele.

Merda!

Brian não queria Gabe perdendo o brilho, então passou o braço pelo ombro do amigo e abraçou-o como um urso. O baixista era coração puro, chegando a ser ingênuo.

— Não se culpe, ok? Gente ruim existe em todo o canto. Também fui trouxa com a Kate e o meu pai. Sem falar naquela gravação patética da Diana. Merdas acontecem... não perca a fé em você.

O baixista sorriu agradecido e embora fosse difícil confiar em alguém novamente, sabia que Brian tinha razão.

— Ontem, depois que vocês subiram, conversamos bastante com o tio Ed e decidimos não avisar à polícia — Adan voltou a falar.

Brian assentiu ao lembrar-se do Inspetor que veio conversar com eles. Outro cara como aquele só iria tumultuar as coisas, e provavelmente não chegaria a lugar nenhum. O incêndio e a invasão dos drones eram fatos sem solução até aquele momento.

— O Mark não quer o nome da banda envolvido em nada suspeito. Pediu que ficássemos de boa essa semana, até recomeçarmos a turnê nas cidades do Oeste. — Penne encolheu as pernas apoiando os pés no assento da cadeira.

Ficar de boa... isso eu também quero.

Brian soltou um longo suspiro.

— Apesar do Gabe insistir para deixarmos a história como está... — Adan olhou para o baixista e depois para a Mel, que acenou incentivando-o a falar: — O que fode é não sabermos nada sobre o tal Bertran. O homem apareceu e sumiu do nada. O Ed está preocupado, achou coincidência demais o Will ter ligação com ele.

Isso Brian também achava.

— Sabia que logo que Lilly começou o namoro, o tio Ed mandou puxar a ficha do cara? — Penne informou.

Uau!

Será que também havia uma ficha dele?

— E? — Brian coçou a testa com impaciência.

— E nada. Ficha limpa — foi a vez de Big se manifestar.

Brian bufou e olhou para o teto.

— Eu passei o nome do Will para um jornalista amigo meu. — Mel sentou na mesinha de centro ficando cara a cara com Brian. — O Peter me deve alguns favores e tem ligações com todo mundo. Rapidinho ele conseguiu um monte de coisas, mas a principal delas foi o endereço do tal muquifo em LA East.

— Era do Will?

— Desde que veio de Londres. Foi o primeiro endereço dele na cidade e manteve o desde então, mesmo alugando o outro apartamento. A polícia não descobriu o lugar ainda — Adan respondeu.

Brian riu com ironia. Claro que a polícia não tinha descoberto. Provavelmente, porque o Will não tinha postado nada sobre o tal muquifo nas redes sociais.

— O Max e o Daniel foram até lá — Gabe murmurou.

Hã?

— Agora? — Brian sobressaltou-se.

— Na madrugada. — Adan sentou ao lado de Mel, que afastou o corpo. — Foram limpar o lugar, tirar os rastros do Gabe de lá e fazer uma varredura. Ninguém quer um escândalo ligando um baixista famoso com um suicida gay.

— Ele podia ser como eu — Gabe disse envergonhado.

— Um provocador indefinido? — Big ironizou.

O baterista nunca tinha entendido a sexualidade de Gabe. O amigo gostava da amizade masculina e até de um xaveco, mas ele nunca tinha ido às vias de fato. Na hora da transa, eram as mulheres que atraíam Gabe.

— Parou! Indefinido, hétero, gay ou bi não importa. Não é a orientação sexual que está em julgamento aqui. Cada um faz o que bem entender. — Brian irritou-se. Odiou ver o rastro de vergonha em Gabe. — A questão é o caráter e isso independe da sexualidade, está entendendo? — Ele olhou com convicção para o amigo.

— Meu anjo, o Brian tem razão. Tire essas caraminholas da cabeça. — Mel estendeu a mão e tocou o joelho do baixista. — Os caras maus são eles, não você.

Pouco convencido, Gabe assentiu.

Brian levantou-se, tinha medo que Lilly acordasse sem ele por perto.

— Agradeço terem me colocado a par das coisas e concordo com tudo. Se acham que é importante ir a fundo nessa história, vão. Também quero pegar esse Bert pelo que ele fez com o Gabe. Só não quero mais a Lilly metralhada com problemas, ok? Pra mim não muda nada... o Will já era, acabou. A audiência será depois de amanhã e até lá, ela precisa de tranquilidade.

Todos concordaram.

— O que está planejando fazer? — O rosto de Adan tensionou. — A coisa ainda está fervendo lá fora e a internet não fala de outro assunto.

Afastá-la dessa merda, óbvio!

— Esperar a Lilly acordar, enfiá-la em um helicóptero e ir visitar os meus avós no rancho, no Vale do Sacramento[89].

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Quando Lilly acordou e deu de cara com o marido sorridente, segurando uma bandeja de café da manhã, nem imaginava a proposta indecente que receberia.

Sim! Sim! Sim!

Uma lua de mel fora de hora? Claro que sim!

Ela adoraria deixar toda aquela loucura para trás e dar uma fugidinha com ele para o paraíso.

Duas horas depois, lá estava ela, bem longe do furacão de Los Angeles, em um rancho charmoso, cercada pela natureza e por um casal de velhinhos encantadores. Os pais divos de sua diva Sarah.

Antes do helicóptero pousar, Brian tinha pedido que o piloto sobrevoasse a propriedade que ficava às margens do American River[90]. Os avós dele cultivavam girassóis e os campos estavam florescendo em um mar de amarelo e verde.

Para o casal de idosos era um acontecimento ter Brian ali, ainda mais, trazendo uma esposa grávida a tiracolo.

Receberam o neto com festa.

Primeiro, uma conversa animada na varanda com direito a limonada gelada, depois um tour pela casinha aconchegante de dois andares. O astral era alegre... janelas enormes com cortinas esvoaçantes deixavam tudo arejado e claro... flores por todos os lados. A decoração era em tons suaves de amarelo, repleta de móveis antigos, toalhinhas sobres as mesas e lembranças

familiares.

Na parede da escada, que levava aos quartos, uma surpresa. Quadrinhos bem alinhados mostravam a evolução dos bebês de Sarah.

— Deus! Esse é você? — Lilly empacou diante de um retrato.

Um garotinho, rechonchudo, de imensos olhos azuis-violeta e óculos fundo de garrafa, vestia uma jardineira jeans amarrotada, camisetinha branca e tênis amarelos. Os braços rabiscados de canetinha e os cabelos bagunçados já denunciavam a personalidade criativa do roqueiro. Todo sorridente e abraçado ao irmão, ele ostentava um senhor esfolado no joelho.

No ato, Lilly desejou que o filho saísse exatamente daquele jeitinho, igual ao pai.

— Nas férias, a Sarah mandava as crianças pra cá... Esses dois não se desgrudavam. — A avó sorriu com doçura, parada dois degraus abaixo. — O Bret vivia fazendo o Brian de gato e sapato e o boboca adorava.

Brian estendeu a mão e tocou a fotografia com nostalgia.

— Bons tempos. Sinto falta do meu irmão por perto.

— Não gosto do Bret metido naquele antro. Só tem vagabunda... Seu irmão precisa de uma Lilly.

— Impossível, vó. Lilly só tem uma, e já é minha. Nessa eu me dei melhor que o Bret, e ele não vive metido em um antro. — Brian divertiu-se com a fisionomia contrariada da avó. — Aquilo lá é um *clube*, o Bret trabalha pra cacete e é bom pra caralho no que faz.

— Olha a boca, moleque. Respeite as damas! — o avô, que vinha mais abaixo e segurava as bagagens, o repreendeu. — Quer que seus filhos já nasçam uns bocas-sujas?

Brian caiu na gargalhada.

Aquilo seria inevitável... Os MM's cresceriam rodeados por roqueiros. Não seria surpreendente se a primeira palavra que aprendessem fosse: merda.

— Desculpa, vô. Não está mais aqui quem falou.

— Acho bom... Vamos, subam — o senhor metido em uma larga jardineira jeans ordenou. — Estas merdas estão pesadas!

— Joseph Ernest Lincoln! Bem se vê a quem o garoto puxou! — A avó, em seu delicado vestido florido, deu um tapa no braço forte do marido. — É assim que pretende dar o exemplo? Seus bisnetos estão ouvindo!

— Desculpe, meu bem. — Sorriu torto para a esposa. — Vamos! O quarto de vocês é o

segundo à esquerda.

Lilly adorou o quarto. Nem grande, nem pequeno... só perfeito. Branco, com uma varanda que dava vista para o pomar e uma enorme cama de ferro, ladeada por criados-mudos de madeira amarelinha. O banheiro antigo ostentava uma banheira bem no centro. Com os convidados acomodados, era hora de terminar o almoço de boas-vindas, então os avós pediram ao neto que fizesse as honras e mostrasse o lugar.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Sempre que quiser, pode ter essas ideias geniais. — Lilly afagou o abdômen trincado de Brian. — Que lugar lindo! E seus avós? Posso roubá-los para mim?

— São seus. — Brian beijou o topo da cabeça moreninha. Estava aliviado, pois não esperava tanta receptividade ao plano de fuga e muito menos, aquela empolgação.

Lilly se desvencilhou dos braços do marido e correu até uma cerca branca que mantinha alguns cavalos presos. Apoiou um pé e dependurou-se. Riu quando um potro ensaiou um galope desengonçado. O frescor do vale era completamente diferente da brisa a beira-mar... remetia a uma monotonia segura.

Graças a Deus!

Paz!

Enquanto Brian organizava a viagem, Lilly tinha ligado para o tio, que passara um bom tempo inteirando a sobrinha sobre a situação financeira das empresas, os possíveis desdobramentos da audiência e as últimas extravagâncias de Ava.

Bendito Brian e aquela ideia brilhante!

Ter ficado ilhada em casa, fugindo dos repórteres e fãs, e remoendo a morte do Will seria extenuante. Ela sabia que todos os amigos estavam apoiando Gabe e não havia mais nada que pudesse fazer pelo ex-noivo. O final que ele escolhera para si era triste, mas Lilly precisava esquecê-lo e seguir em frente. Duas pessoinhas que não tinham nada a ver com aquela loucura precisavam da mãe, bem e calma.

Pelos meus filhos!

No vale, ela poderia respirar sem medo e teria tempo para pensar e tomar decisões cruciais para o futuro deles.

Braços fortes a abraçaram pela cintura, quando Brian grudou-se às costas dela.

— Um dólar pelos seus pensamentos.

Lilly riu, aquilo lhe soou tão familiar. O pai vivia à espreita para surpreendê-la com perguntas sem cabimento.

— O que teria acontecido se não tivéssemos nos casado aquele dia em Vegas? — perguntou de súbito, resumindo os pensamentos anteriores.

— Com casamento ou sem casamento, teríamos ficado juntos. *Maktub*, lembra? Eu e você éramos pra ser.

Aquela resposta era tudo que Lilly precisava ouvir. Ela sorriu sem que ele visse. No fundo, pensava da mesma maneira. Quando o cavalinho bebê foi correr até a mãe e levou um tombo, ela caiu em uma gargalhada solta. Incansável, o bichinho levantou segundos depois, todo coberto de grama e capim.

— Ai, caramba, será que os nossos serão assim?

Lilly girou o rosto para encará-lo.

— Assim como? Sujos? — provocou-o.

— Destemidos.

— Como serão, eu não sei... — Ela cutucou a ponta do nariz dele. — Mas já são muito amados.

— Turma, o almoço está pronto! — A avó, que se chamava Judy, tocou um sino que havia na varanda rodeada por vasos repletos com amores-perfeitos.

Uma risada abafada explodiu entre os lábios carnudos dele.

— Minha avó quer ser moderna — disse baixinho em tom de fofoca.

— Pare de tirar sarro! A dona Judy é uma graça! — Lilly ralhou, enquanto ele a ajudava a se desgrudar da cerca.

Em seguida, Brian ofereceu carona em suas costas. Era bom pra cacete tê-la enlaçada como um coala.

— Você já é muito puxa-saco da minha mãe, agora vai ser da minha avó também?

— Vou, e se reclamar, serei mais ainda. As mulheres Lincoln são incríveis! — Lilly impulsionou os quadris e bateu os pés nas coxas dele incentivando-o a ir mais rápido. — Vai, pangaré!

— Convencidinha você, hein, senhora Lilly Lincoln? — Uma mão grande foi para trás e

bateu atrevidamente no traseiro redondinho da passageira. — Pangaré, o cacete! Sou o puro-sangue do rock.

Sim, ele era.

Ela gargalhou satisfeita.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Os olhos de Lilly brilharam e a barriga roncou, quando ela viu a mesa farta. Costeletas assadas, purê, salada e espigas de milho. Almoçaram até se empanturrar.

O almoço acabou, o avô saiu para vistoriar a plantação de girassóis e quando quiseram ajudar com os pratos, dona Judy os expulsou, sugerindo um outro passeio.

— Tem carpas novas no laguinho. Faça alguma coisa útil, Brian. Leve a sua esposa para vê-las! Admirar os peixes traz muita paz, a energia de lá é ótima.

A velha senhora sabia bem o que estava fazendo. *Esses dois precisam de carinho e sossego!* Sarah havia ligado e contado em detalhes os últimos acontecimentos, incluindo o bem-vindo e tão esperado divórcio.

Incentivados pela avó de Brian, os dois partiram para o lago. Admiraram os peixes, namoraram, apoiados nas grades da velha ponte, caminharam até a plantação, ajudaram Joseph a separar umas mudas que seriam replantadas e passearam na margem do rio. Voltaram ao entardecer e encontraram um delicado café da tarde esperando por eles embaixo de um caramanchão[91] que havia na parte dos fundos da casa.

Fui à igreja.

O Ernest tem bingo com os amigos.

Aproveitem o lanche.

Com todo o amor do mundo.

Vó Judy

Depois de ler em voz alta o bilhete que encontrou, Brian afastou a cadeira de ferro da mesa típica de jardim, para que Lilly sentasse.

— Por que eu acho que os seus avós armaram para nos deixar sozinhos? — Lilly alcançou

um *cookie* de maçã caramelizada e mordeu.

Brian puxou outra cadeira e sentou bem grudado na Pequenininha.

— Porque foi exatamente o que fizeram.

Lilly riu e escondeu a boca cheia de biscoito com a mão.

— Adorei o dia, obrigada. A vida seria tão mais fácil se fosse assim — divagou.

— Está preocupada com depois de amanhã? — Brian estendeu a mão e enlaçou a dela. Tinha prometido não tocar no assunto, mas o rastro de preocupação que nublou os olhos castanhos o incomodou.

— Não muito. — Ela inclinou-se e beijou de leve os lábios dele. — Vai ser chato encontrar a Ava, mas era verdade quando falei que foi melhor assim. Começar carregando uma mentira, nunca dá certo. Talvez seja por isso que nos ataquem tanto... Vai ver, simplesmente não botem fé na gente. — Os ombros delicados encolheram.

— Quando entramos naquela capela em Vegas... — Brian suspirou e olhou os castanho-esverdeados com profundidade. — Juro... a única coisa que passava na minha cabeça era o quanto eu queria me casar com você. A Ava, o Will, a herança... — Ele revirou os olhos com desdém. — Nada importava e nada do que vivemos lá foi mentira. A escrotice da sua irmã, não me motivou, só deixou o caminho livre para eu fazer o que de fato queria. Eu te amo, Pequenininha. Pra cacete.

— Eu te amo mais. — Lilly afagou o rosto barbudo. — Também só pensei em você, mas chegou a hora de termos paz. Preciso que nos deixem curtir a chegada dos pequenos, sem medo e sem dramas.

— Lembra de tudo o que o seu tio disse? Não existe a menor chance de perdemos a audiência.

— Eu sei. — Temerosa, ela mordeu os lábios. — É justamente isso que me preocupa. Perdendo, a Ava vai sentir ainda mais raiva e a perseguição nunca acabará.

— Foda-se. Aquela megera que aprenda a lidar com as decepções. O que é certo é certo, Pequenininha. — Com a ponta do dedo, Brian tirou uma mecha de cabelo do rosto preocupado. — Confia em mim... Lutarei como um tigre para proteger vocês três. A vida vai seguir tranquila, eu prometo.

Não querendo mais aprofundar aquela conversa, Lilly estendeu os braços e o abraçou. Com o rosto escondido no pescoço do marido, inspirou o cheiro de mate verde dele e deixou que aquele contato varresse as preocupações.

Terminaram de tomar o lanche, que valia por um jantar e subiram. Depois de um banho rápido, ficaram horas sentados na varanda do quarto imaginando como seriam os gêmeos.

— Não, pelo amor de Deus, Lilly. Esse nome não. A coitada vai ser humilhada na escola. Já aceitei que o Mini Brian chame Brian, eu deveria escolher o nome da baixinha.

— Não.

— Como assim, não, sua egoísta? — Ele cutucou as costelas dela. — Onde estão os direitos iguais. Eu não sou apenas um espermatozoide.

Lilly gargalhou e ajeitou-se melhor no colo dele.

— Theodora é um nome lindo e forte.

— Emanuelle é bem mais.

— É bem sexy, isso sim, e ótimo para se receber cantadas obscenas. Nossa, ouvia cada uma no colégio. — Ela sorriu ao sentir o corpo musculoso tensionar. — Sabia que tem um clássico do cinema erótico que a personagem se chama Emanuelle? Nossa, precisa ver... os caras piravam. Sabe como é... ficavam imaginando que eu era como ela, capaz de...

Brian sabia como era. Ele já tinha visto o filme milhares de vezes escondido da mãe e imaginado...

Bosta!

Brian não queria ninguém imaginando coisas sacanas com a anjinha dele.

— Tá bom! Parou! Theodora! Theo! Mas se a menina precisar de psicólogo, vou jogar na sua cara para o resto da vida.

Brian e Theo.

Lilly sentiu-se uma vitoriosa. Amava os nomes do marido.

— Já te disse que eu te amo?

Brian segurou o rosto feliz entre as mãos.

— Chantagista.

— Lindo. — Ergueu o queixo, oferecendo a boca.

Beijaram-se até a coisa esquentar e Brian pegá-la nos braços e correr para a cama. Jogou-a sobre o colchão de molas e o corpo de Lilly ondulou, fazendo com que o vestidinho rosa rodado subisse. *Gostosa!* Excitado, Brian livrou-se da camiseta e cobriu o corpo delicado com o dele. Foi fazer um movimento mais brusco para uma sinfonia de molas rangentes começarem a

tocar.

Lilly riu e Brian praguejou.

E agora?

Ele tinha ouvido os avós chegando em casa e a porra do quarto deles ficava ao lado.

— Pera aí... — murmurou com a boca grudada no pescoço dela. — Fica em cima.

Foi ele girar o corpo de Lilly, para a orquestra de molas recomeçar.

Congelaram como estátuas.

Merda!

Aquilo só podia ser de propósito! Pegadinha do puritano do Joseph! O colchão era uma artilharia antissexo.

Somos casados, porra!

Brian quis gritar, mas conteve-se.

— E se formos para o chão? — Lilly disse no meio de outra risada.

— Está maluca? Não vou te comer no chão. É a porra da nossa lua de mel. Tem que ser romântico.

A cara dele beirava o desespero.

— O chão é romântico para mim. — Excitada, Lilly roçou as intimidades, protegidas pela calcinha de renda branca, no volume extra evidente de Brian e as molas comemoraram o movimento.

Inferno!

Brian saiu da cama trazendo Lilly agarrada a ele.

— O banheiro — ela sugeriu em um sussurro.

— Não dá, as paredes são muito finas e os meus avós têm ouvidos biônicos.

Que saudades do Palazzo.

Lilly suspirou, desagarrou de Brian e pôs-se de pé. Frustrada acompanhou, sem entender, a movimentação frenética que ele tinha começado a fazer recolhendo cobertas, lençóis e travesseiros.

— Pensei que o chão não fosse opção — ela sussurrou como uma criminosa.

— E não é — Brian respondeu na mesma medida, piscou e sorriu grandão. — Vamos...

Cuidado com a terceira tábua da escada, está solta. — Ele abriu a porta, camuflado pela montanha de roupas de cama.

Muito animada por estarem fazendo algo totalmente fora das regras, Lilly o seguiu com passos ninja, até saírem pela porta da cozinha e ganharem o jardim dos fundos da casa. Quando ela ameaçou comentar alguma coisa, Brian fez sinal pedindo silêncio e continuou a andar.

Entraram no pomar e depois seguiram por um caminho estreito de pedras, ladeado por árvores. Estava escuro, parecia um pouco longe e Lilly começou a ofegar, porém nem ousou reclamar. Aquela pequena aventura estava legal demais.

Brian tropeçou.

— Merda! Deveria ter trazido uma lanterna ou colocado os sapatos — praguejou baixinho.

Ownnn...

Coitado.

Uma gargalhada nervosa e animada escapou de Lilly, ela também estava sem sapatos, mas a adrenalina correndo nas veias não a deixava sentir nada.

— Está longe?

— Não — ele continuou a sussurrar, mesmo sabendo que não poderiam mais ser ouvidos. — Ali, à sua direita.

Lilly cerrou os olhos para ajustá-los à escuridão e avistou a silhueta de um celeiro.

Ai, caramba!

— Tem cabras ali? — Ela parou de andar.

As cabras não eram gentis. *De jeito nenhum!* Uma vez, os pais de Lilly a levaram a uma fazendinha e só por causa de uma puxadinha no rabo, ela havia tomado um baita coice.

Brian olhou sobre os ombros.

— Está vazio. Só um monte de feno. Vem.

Ressabiada, Lilly entrou logo depois de Brian e ficou estática. O lugar tinha cheiro de terra e mato fresco. Uma luz fraquinha despontou em um canto. Com olhar vitorioso, o músico ergueu um lampião.

— Eu lembrei que estaria aqui. Só temos que tomar cuidado. Essa porra, como todo o resto, é inflamável pra cacete.

Nossa, que animador saber disso.

Lilly sorriu, mas ficou nervosa.

As roupas de cama haviam sido deixadas em cima de um monte de palha seca. Ela escrutinou o lugar... Estava cheio de cestas de vime, equipamentos de arado e sacos repletos sementes de girassóis. Uma escada levava a um mezanino. Brian pediu que Lilly esperasse, pegou as coisas e subiu sem dificuldades, deixando-a novamente no breu.

Algo que pareciam roldanas rangeu... O luar invadiu o celeiro trazendo acalanto para a visão prejudicada dela. Segundos depois, Brian gritou para que subisse.

Uma certa insegurança a tomou quando um grilo cantou... Então, num ato puramente de fobia, esfregou os pés descalços. Que ela amava a natureza, era um fato. O problema era que nem todos que nela habitavam, nutriam por Lilly o mesmo sentimento, insetos, por exemplo. Também não eram lá muito seus amigos. Quando criança, adorava tocá-los ou comê-los, mas eles sempre a mordiam. Não queria ter o rosto inchado como um cogumelo.

Meu Deus, o que a gente não faz por uma trepada? Músicos não deveriam ser urbanos?

Vamos, Lilly! Coragem. Não é qualquer trepada, é o Brian... a Fera.

— Tem aranha aí em cima, cowboy? — perguntou tentando parecer divertida, mas olhou para cima, claramente indecisa sobre o que fazer.

— Claro que não. Sobe, vai amar.

Suspirando e com relutância, ela aproximou-se da escada, subiu e amou no ato, o que viu. O minúsculo mezanino tinha um teto retrátil, que havia sido aberto para revelar um céu com bilhões de estrelas. No centro, um emaranhado de feno estava sendo amassado e meticulosamente coberto por Brian.

Não disse nada. Boquiaberta com a desenvoltura rural do roqueiro, ficou só admirando aqueles braços e peito musculosos em ação.

Muito obrigada, meu Deus, pelo marido que o Senhor me deu.

De verdade! Amém!

Agradeceu, cheia de desejo.

— Pronto! Nossa cama. — Ele bateu as mãos no jeans, depois de terminar o trabalho. — Acha romântico? — Sorriu torto ao lado de sua obra de arte.

— Amor... o chão já era romântico. — Ela abriu os braços e um sorriso. — Isso aqui é um conto de fadas.

Envaidecido de sua engenhoca, Brian aproximou-se, agarrou-a e com agilidade, lançou-a sobre a cama rústica. Lilly deixou um grito escapar quando seu corpo leve afundou na nuvem de palha.

— Está vendo? E não range! — Ela riu e espalmou as mãos, confirmando a maciez do leito.

Sem pudor algum Brian arrancou o jeans, fazendo seu corpo nu parecer mais grandioso e mágico sob o luar. A Fera despontou em toda a sua glória agressiva apontando para o abdômen trincado.

Excitada com a visão de tirar o fôlego, Lilly ficou de joelhos e arrancou como deu, o vestidinho delicado, pela cabeça.

— Impressão minha ou o ar do campo aumentou você? — disse, só de calcinha e sutiã.

Brian divertiu-se com o estado desajustado dos cabelos dela, após a manobra de striptease pouco graciosa.

— Sei lá, só me tocando para saber.

Opa, só se for pra já.

Lilly sorriu.

— Vem logo, então. — Esticou os braços, cheia de ansiedade.

Ele não se mexeu, perdido na felicidade que era vê-la despreocupada. O jeito com o qual ela o devorava com os olhos, trazia uma rara e maravilhosa sensação de que as coisas, enfim, poderiam melhorar.

Hã?

Estranhando a falta de ação, Lilly franziu a testa e espiou a ereção monstro. Ausência de desejo que não era.

— Sabia que desse ângulo, os seus peitos também parecem maiores? — Ele cruzou os braços, não querendo que o momento descontraído acabasse.

O *quê?*

O bandido estava jogando com o desejo dela?

— Sério? — Lilly fitou o próprio colo e elevou as mãos para o fecho frontal do sutiã. Com sensualidade, abriu-o e deixou que as alças escorregassem sobre os ombros e depois pelos braços. Exibindo-se, inclinou languidamente a cabeça. — Só me tocando para saber. — Mordeu os lábios e devolveu na mesma moeda.

Atrevida!

Os violetas incendiaram-se e como um predador, Brian embrenhou-se sobre a cama de feno. Com gentileza, usou o próprio corpo para fazê-la perder o equilíbrio e deitar-se de costas. Pairando sobre ela, sorriu ao tomar consciência do contato do corpo delicado contra o dele, então inclinou-se para beijá-la.

Lilly retribuiu o beijo com avidez. Quando ele parou e deslizou seus corpos, ajeitando-os na cama improvisada, a pele nua dele pareceu irradiar uma eletricidade trepidante. As bocas voltaram a se tocar e Lilly sentiu o piercing lhe instigar a língua, enquanto suas mãos agarravam os cabelos morenos de Brian.

Os beijos se tornaram febris e os toques ousados. As respirações ofegantes misturavam-se ao roçar da palha embaixo deles. Com habilidade e sem romper o beijo, Brian arrebentou as laterais delicadas da calcinha de Lilly, descartando a peça sabe-se lá onde.

As pernas torneadas abriram e os joelhos delicados se elevaram para acomodar os quadris de Brian, que sem precisar das mãos, encaixou a cabeça da Fera na entrada do sexo úmido de Lilly. Bastou um empurrão e o universo de ambos se fez completo.

Ela gemeu, saboreando a sensação daquele pau de respeito alargando suas entranhas. Nossa, como ela amava a sensação de ser fodida por ele, e com um gesto sutil, projetou a pélvis incentivando-o a agir.

A Fera recuou e voltou cheia de fúria. Devorou a Bela com investidas firmes e profundas. Ambos gemeram, começaram a suar e entraram em um êxtase sexual. Não havia uma regra ou uma ordem... Apenas a sensação de consumirem e serem consumidos. Ele meteu, tirou... investiu com força, recuou... meteu e meteu de novo... Ela arranhou o dragão, que ganhava vida toda vez que os músculos das costas eram exigidos, mordeu o ombro forte, o mamilo arrepiado e chupou aquela língua adornada, com vontade.

Fizeram amor até caírem satisfeitos e exaustos. Soterrada pelo corpo viril de Brian, Lilly o sentiu inspirar profundamente e depois soltar o ar bem devagar até cair em uma respiração cadenciada. E o único pensamento dela era que aquele era o modo como as coisas deveriam ser, juntos para sempre.

Uma hora depois, Brian acordou e fizeram amor novamente e depois, uma outra vez, assim que os primeiros raios de sol entraram iluminando o celeiro.

Era mágico... era o certo... era o Brian.

Saíram do celeiro e voltaram para o quarto, sem serem notados...

Passaram o dia namorando, focados um no outro e alheios a tudo que acontecia fora dali. Ocuparam-se com passeios, brincadeiras, almoços e jantares animados. Ao anoitecer, repetiram a fuga para o celeiro e as horas intermináveis de amor...

No dia seguinte, a contragosto, despediram-se de Judy e Joseph, voaram para Los Angeles e foram tragados pela realidade do inevitável embate com Ava.



47

O helicóptero sobrevoou *Dreams Beach*...

Do alto, Brian e Lilly tiveram uma amostra da tempestade que estava por vir. Sentada entre o piloto e o marido, ela apertou com força a mão do roqueiro.

— Caramba! — Lilly surpreendeu-se e inclinou o corpo na direção de Brian para ter uma visão melhor.

Lá embaixo, um formigueiro de repórteres e fãs tumultuava o acesso aos portões do condomínio. A multidão alvoroçou-se quando viu a aeronave sobrevoar a área.

Uma enorme faixa, com letras gigantescas, começou a balançar.

DEIXEM BRIALY EM PAZ ♥

Brian assoviou, a aglomeração de pessoas superava a anterior, em número e euforia. Imaginou o inferno que os amigos tinham passado nos últimos dias.

— Uau... que confusão — murmurou contrariado.

Não era para menos, a audiência secreta, marcada para dali a poucas horas, não era mais tão secreta assim... Bem cedo, tio Ed ligara para avisar à sobrinha que, de algum modo inexplicável, alguém tinha vazado para a imprensa que ela havia sido denunciada pela irmã.

A notícia caíra feito uma bomba nos tabloides, noticiários de televisão e sites, causando uma comoção generalizada. O que de certa forma, era bom, segundo o tio Ed... A imprensa tinha colocado BriaLy como vítima de uma irmã sem escrúpulos... Dezenas de personalidades e artistas estavam manifestando apoio e solidariedade e a opinião pública estava mobilizada a favor deles.

— Transformaram a nossa vida em um circo. — Lilly suspirou.

— Uma novela mexicana. — Brian também suspirou e abraçou a esposa.

Desembarcaram no heliporto, na ala leste do condomínio, e pela praia, caminharam para casa. Na sala encontraram apenas Max, Samantha e Mark à espera deles.

Brian estranhou a recepção acanhada.

— Onde estão todos?

O empresário, vestido em um elegante terno risca de giz azul-marinho, alisou a gravata vermelha e não sorriu. Mark estava tenso, mas também esperançoso. Se tudo corresse como o

esperado, em poucas horas, a vida de todos retomaria o seu curso.

— Achei melhor tirá-los daqui — Mark cumprimentou Lilly com certa compaixão. — A essa altura, já devem estar no fórum. A Marie também foi. Não houve meios de dissuadi-los a não ir.

Lilly assentiu, já esperava a presença deles no tribunal. Marie jamais lhe deixaria passar por aquilo sem ela. Em seguida, cumprimentou Max e Samantha, que vestiam ternos pretos idênticos.

— Mesmo com vocês nos dando cobertura, não chegaremos nunca.

— Claro que chegaremos e em grande estilo — Mark disse em um tom mais animado. — O mesmo helicóptero que os trouxe, nos levará para o fórum. O tio Ed e os advogados mexeram uns pauzinhos e conseguiram uma autorização especial. Os arredores do prédio estão tomados pela imprensa, nem a polícia está conseguindo organizar aquilo lá. Decidiram antecipar a audiência, temos que nos apressar.

Merda!

Brian esfregou o rosto. Ele estava preocupado, porém confiante. Aqueles dois dias no campo fizeram milagre para o equilíbrio emocional dele. Estava forte e decidido a não se deixar abalar... Lilly precisava dele inteiro.

— Não posso ir assim. — Lilly alisou a saia jeans, que combinara com uma regatinha branca e chinelos.

— Nem eu. Preciso tirar a bermuda. Não acho uma boa aparecer diante do juiz com essa camiseta furada. — Esticou a barra do tecido de algodão branco.

Lilly abriu um sorriso, adorava o estilo dele.

— Tá... tá... claro que não podem. Têm vinte minutos, apressem-se! — Mark entrou no modo organizador de eventos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Brian foi até a janela e entreabriu as lâminas da persiana com os dedos. Observou o campo de guerra que acontecia na rua e torceu o nariz. Um cordão de isolamento humano protegia a alameda, cercada por palmeiras e bandeiras dos Estados Unidos e Los Angeles, que abria alas para o imponente complexo arquitetônico do Fórum onde estavam.

Atrás dos policiais fortemente paramentados: o circo. Como músico famoso, estava acostumado com o assédio da imprensa, mas aquilo era demais! Se não fossem eles os

protagonistas do drama, poderia jurar que era a rainha da Inglaterra na cidade.

Brian desviou o foco dos repórteres, que se digladiavam por um ângulo melhor, e mirou em Lilly. Mais um pouco, e os saltos pretos que ela usava iriam deixar uma trilha no piso de mármore da salinha em que foram confinados. Com os corredores do Fórum bastante agitados, não acharam uma boa deixá-los livres e perambulando por lá, pois só causaria um tumulto maior.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— O quê? — Ela sobressaltou-se, parou de andar e abriu um sorriso que transmitia tudo, menos calma.

As mãos delicadas iriam desgastar, de tanto que Lilly as esfregava uma na outra.

Brian estendeu os braços pedindo que ela fosse até ele. A Pequenininha estava um estouro vestida de modo formal, com um vestido preto, no estilo executiva, um palmo abaixo dos joelhos. As golas brancas arredondadas destacavam o pescoço longilíneo em evidência, devido ao coque banana que ela optara por usar.

Linda! Uma boneca!

Ela titubeou, olhou para a janela, na qual ele estava encostado, mordeu os lábios e sorriu com mais vontade. Apesar de tensa como o Diabo, Lilly não conseguia ficar imune à figura masculina à frente dela.

Caramba, que homão!

Brian parecia um daqueles executivos bem-sucedidos dos filmes de *Wall Street*[92]. Nunca na vida teria cogitado vê-lo daquela maneira... Ele era outra pessoa, metido em um terno de corte italiano justo cinza, camisa branca e gravata chumbo. Do roqueiro mesmo, só restavam os tênis *All Stars* cinza que usava.

Deus!

Até os cabelos tinham sido domados com gel.

Uma algazarra, vinda da rua, tirou-a da epifania visual e curiosa, foi até o marido que a abraçou de forma superprotetora. O coração de Lilly parou quando olhou para baixo e viu uma loira estonteante saltar de uma Ferrari vermelha. Ladeada por dois seguranças e seguida por homens com ternos caros, Ava girou o corpo, baixou os enormes e caríssimos óculos escuros, e acenou para os repórteres.

Foi vaiada e xingada.

O terninho branco que vestia só não foi atingido por um tomate, porque um dos homens,

que Lilly presumiu ser advogado, rebateu o objeto voador com a pasta executiva.

Ava sorriu com a desenvoltura de uma Diva, ensaiou um aceno e voltou a caminhar como uma rainha na direção da entrada principal. Os cabelos dela estavam diferentes... curtos em estilo sexy e provocante.

— É... pelo jeito, a sua irmã acha que já ganhou — Brian murmurou com desgosto.

— Tenho certeza de que acha.

— Pequenininha... aconteça o que acontecer... entre nós, nada muda, ok?

Lilly assentiu e grudou o rosto no peito musculoso. Aquele cheiro de mate verde que ele exalava, tinha poderes medicinais sobre ela.

Toques, não tão suaves, na porta, fizeram com que os dois se separassem.

— Senhora, a juíza ordenou a sua presença. — Protegido pela porta, o meirinho[93] projetou meio corpo para dentro da sala. — Queira me acompanhar, por favor. O senhor, espere aqui, será convocado no devido momento.

Ai, caramba!

O coração de Lilly disparou.

— Meu ma-marido não vai co-comigo? — gaguejou em surpresa.

— Não agora — o homem disse seco. — Como informei, o senhor Pierce será ouvido no devido momento.

Droga! Droga! Droga!

O corpo de Lilly tensionou.

Preciso do Brian comigo!

O músico girou a esposa, segurando-a firmemente pelos ombros.

— Amor... respira. — Os azuis-violeta dominaram os castanhos. — Vai dar tudo certo! Alimente a luz e não as trevas... combinado?

Lilly inspirou profundamente.

— Ok. Aconteça o que acontecer, nada muda — repetiu como um mantra e manteve o foco nos olhos decididos do marido.

— Vamos — o meirinho insistiu impaciente.

Brian beijou Lilly com força.

— Vai, Pequenininha.

— O advogado do Senhor estará aqui em minutos — o oficial informou, assim que Lilly posicionou-se ao lado dele.

— Advogado? Nem sabia que tinha um! — Brian assombrou-se.

O rosto rechonchudo do meirinho expressou certo divertimento.

— É... parece que o Senhor tem um dos bons. Boa sorte com ele — ironizou.

O oficial colocou a mão nas costas de Lilly e conduziu-a para fora, deixando Brian com a pergunta presa na garganta.

Pra que porra eu preciso de uma merda de advogado?

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

O meirinho conduziu Lilly por um caminho alternativo e discreto, depois de descerem uma escada interna e abrirem uma portinhola, os dois despontaram em um extenso corredor. Dezenas de olhos se voltaram para eles. Na maioria, eram mulheres e homens, elegantemente vestidos conforme a moda rígida da advocacia e que, embora procurassem manter um ar de normalidade, logo formaram um burburinho.

A cada passo que dava na direção da gigantesca porta, de mogno talhado escuro da sala de audiência, Lilly explodia em mil sensações. O coração disparou mais, os joelhos ameaçaram falhar, a boca secou e um suor frio lhe cobriu a testa.

Ai, caramba!

Respirou fundo quando a mão peluda do meirinho tocou a maçaneta.

— Senhorita Lilly?

Uma voz atrás deles lhes roubou a concentração e ambos viraram na mesma hora. Um jovem e atraente rapaz sorriu com uma cortesia um tanto quanto nervosa.

— O seu tio teve um imprevisto e pediu que lhe entregasse estes documentos. — Estendeu um envelope pardo sem timbre. — É bom dar uma olhada neles, antes de mostrá-los aos advogados.

Que droga!

Ela precisava do tio junto dela.

Com as mãos trêmulas, Lilly pegou a encomenda.

O rapaz soltou um suspiro, não sorriu e saiu apressado.

Contrariado, o Oficial de Justiça revirou os olhos. Aquele tipo de abordagem de última hora era totalmente inaceitável.

Magnatas!

Sempre dão um jeito de descumprirem as normas!

— Vamos. — Abriu a porta com irritação e segurou firme no braço de Lilly. — A juíza Morgan odeia esperar.

O corpo dela deu um solavanco ao ser, praticamente, lançado dentro da sala de audiência.

Ai, meu Deus!

Ela congelou, e instintivamente colocou o envelope à frente da barriga, fazendo um escudo para os gêmeos. Quando a presença dela foi notada, vozes pipocaram provocando uma algazarra. A juíza começou a martelar e exigir silêncio. O oficial empurrou as costas de Lilly, que por inércia, começou a andar. Estava em pânico. Aquilo lá era enorme e lotado.

Reconheceu os dois advogados do tio, sentados em uma longa mesa posicionada à direita da juíza, que era a cópia escrita da atriz Whoopi Goldberg[94]. Lilly piscou algumas vezes, só faltava o véu para a jovem senhora parecer a freirinha farsante do cinema.

— Boneca!

Lilly girou o rosto na direção do chamado. Soltou o ar quando viu Marie, Penne e Big sentados ao lado dos seguranças e de Mark. Metido em um terno apertado, o Gladiador fez um sinal esfuziante de positivo. Lilly estranhou a ausência de Gabe, Alan, Daniel e Mel, mas esboçou um sorriso mesmo assim. Era acalentador tê-los ali. A turma dela ocupava um dos mais de vinte bancos de madeira, que faziam as vezes de plateia.

Deus! Isso aqui não era para ser discreto?

A juíza a chamou com certa impaciência e Lilly acelerou o passo, e focou nos advogados. Atravessou o pequeno corredor entre os bancos, sem se atentar às pessoas que lhe lançavam olhares de coragem e força. Ignorou completamente a turma da mesa da esquerda, pois era ali que Ava estava.

Aproximou-se, cumprimentou respeitosamente a mulher de toga, os advogados e sentou-se segurando o envelope no colo.

— Bom, podemos começar? De acordo, senhora Pierce?

A juíza sorriu com certa condescendência para Lilly, que assentiu timidamente. Deu-se então o início de uma ladainha dissertativa, com a leitura de todos os autos do processo de acusação.

Minutos intermináveis de acusações contra Lilly e declarações de sua conduta amoral, ao ter se casado para burlar a determinação do Juiz anterior.

Blá-blá-blá...

A cada linha, protestos eram ouvidos da plateia e a magistrada teve que martelar por diversas vezes, exigindo silêncio.

— Se não me deixarem ler, eu mando retirar todo mundo daqui!

Surreal.

Lilly podia sentir o olhar fixo da irmã sobre ela. Não querendo contato, abaixou a cabeça e só então, lembrou-se do que havia em seu colo. Discretamente, protegida pelo tampo da mesa, tirou o conteúdo para dar uma olhada.

Havia uma dúzia de fotografias sob um bilhete que dizia:

Tiraram tudo de mim, agora é a minha vez de tirar tudo de vocês!

O mundo de Lilly parou ao examinar uma primeira sequência, bem nítida, de Brian enfurecido socando o rosto de Will. O ex-noivo parecia morto, estirado no chão de alguma estrada isolada.

Meu-Deus-do-Céu!

Não! Não! Não!

O Brian não pode ser um...

Recusou-se a concluir o pensamento e lágrimas ameaçaram cair.

Em outra sequência, a imagem de Gabe... *Droga!* O baixista estava quase nu, de pé e apoiado em uma parede de banheiro, recebendo um boquete de um homem gorducho, cujo rosto estava distorcido por algum efeito.

Isso aqui vai destruir a vida dos dois! A carreira! A banda! Tudo!

Ciente de que aquelas fotos jamais poderiam vir a público, Lilly socou o conteúdo repulsivo dentro do envelope e olhou com fúria para Ava, que sorriu.

Na mesma hora, a adaptação de um texto de Plutarco[95] , que lera na escola de arte, voltou à sua mente:

"Nada é tão inflexível como a língua de uma mulher invejosa, nada é tão pérfido quanto as suas vinganças e nada é mais terrível do que a sua maldade."

Aquilo era tão a Ava.

Uma mão masculina se sobrepôs à de Lilly, que olhou para o lado.

— Tudo bem? — Langdon, um dos advogados do tio, indagou com preocupação. A jovem estava parecendo um fantasma. — Quer que eu peça um intervalo?

Hã?

A cabeça de Lilly entrou no modo: *salve-os como puder*. A situação era devastadora. Tinha sido muito ingênua, a irmã jamais se daria por vencida.

— Senhora, juíza Morgan... Vossa Excelência! — chamou ela, com firmeza.

Os olhos de todos se voltaram para Lilly, incluindo os da impaciente juíza.

— Sim.

— Será que eu posso dar uma palavrinha com o meu marido?

— Não será necessário — a magistrada respondeu e voltou a ler.

Como não? Era necessário, sim! Supernecessário! Necessário pra caramba!

Lilly abriu a boca para protestar, mas o advogado fez um sinal pedindo que se calasse. Sem saber o que fazer, Lilly afundou na cadeira e escondeu o envelope na bolsa. Por impulso, transpassou a alça de couro pelo corpo, na primeira oportunidade, pretendia sair correndo dali, enquanto arrancava os cabelos.

Precisava contar para Brian sobre as fotos e perguntar para ele o que fazer.

Deus, eu preciso pensar!

" — Aconteça o que acontecer... nada muda. "

Lilly tinha que se acalmar, então apegou-se à promessa do roqueiro e começou a rezar.

A juíza terminou a preleção e retirou os óculos de leitura. Em seguida, dividiu a atenção, indo de Lilly para Ava por diversas vezes.

Olhou... olhou... olhou... olhou...

Todos em silêncio.

Depois, a mulher com ar austero e mais conhecida nos tribunais como *Águia*, apertou o topo do nariz para espantar uma dorzinha de cabeça chata. Algumas audiências eram intoleráveis, ainda mais no dia da estreia da nova temporada de sua série favorita, na TV a cabo.

Simplesmente amava... *How to Get Away with Murder*[96].

— Senhoras... os anos nesta cadeira me ensinaram que tudo que começa com a raiva, acaba em vergonha.

A Águia surpreendeu ambas as irmãs ao citar Benjamin Franklin. Como profissional experiente, Morgan havia se preparado, inteirando-se dos fatos e vasculhando a mídia atrás de informações complementares. Após tantos anos de carreira no Direito de família, farejava de longe a real intenção das coisas.

A juíza sorriu. Adorava criar início de impacto, para prender a atenção da plateia.

— Creio que há um equívoco por parte dos colegas de acusação — continuou a juíza. — Segundo o processo anterior, o que deveria estar em jugo é a legitimidade da união entre a senhora Lilly Emanuelle Peterson e o senhor Brian Theodore Lincoln Pierce e não como ela se deu. O motivo do casamento não interessa, é fato consumado que ele existe e os bebês BriaLy estão vindo aí para comprovar. Ao meu ver, essa audiência é um desperdício de tempo e do dinheiro público.

— BriaLy? A senhora é fã deles? — Ava levantou e apontou para a irmã. — Qualquer um pode forjar uma gravidez!

Lilly quase levou a mesa junto, quando ficou de pé.

— Tire os meus filhos disso! — rugiu como uma leoa.

Um burburinho e mais gritos de protestos de Ava eclodiram. Lilly congelou quando as batidas do martelo foram acionadas em um pedido enérgico de silêncio.

— Se a senhora não calar a boca, mando te prender por desacato. — Morgan apontou para Ava, que se encolheu. — Não estamos diante de um pedido por justiça e sim de um ato nefasto entre irmãos! — disse, ignorando a gritaria. — Não preciso de testemunhas para validar a união. A conduta dos cônjuges foi devastada e escancarada pela imprensa, durante os últimos meses. Declaro o caso encerrado! — martelou, louca para ir para casa.

— Que absurdo! — Ava protestou. — Eu não aceito! Isso não vai acabar assim! — a loira protestou mais e olhou fixo nos olhos da irmã. — Eu vou tirar tudo o que tem.

O quê? Não!

Antes que todos começassem a comemorar, Lilly pulou e gesticulou chamando a atenção da

Águia.

— Senhora, não pode encerrar o caso! Ava tem razão! — berrou mais alto que pôde. — O casamento foi uma farsa! Tá gravado!

O plenário foi à loucura.

Nenhum indivíduo na sala permaneceu sentado. Todos ficaram perplexos, incluindo Ava.

— Lilly, não! — Langdon gritou.

— Como? — a juíza berrou.

— Boneca, enlouqueceu? Você ganhou! — Big urrou ao fundo.

O cabo do martelo quebrou quando a magistrada despejou nele toda a frustração pela estreia da série perdida. Aquela jovenzinha só poderia ser louca. Ela tinha lhe dado a causa de bandeja!

Quando as pessoas na plateia ameaçaram pular a cerquinha que os separava da área restrita, foi preciso que a juíza Morgan acionasse um alarme para todos calarem a boca.

Não calaram.

— Ordem no tribunal! — insistiu a Águia.

Nada de silêncio e mais um alarme.

— Eu disse ordem nessa droga de tribunal! — gritou, apertou um botão, sob o tampo da mesa, e em menos de três segundos a porta foi escancarada e diversos policiais entraram.

Estava feito o caos, algumas pessoas saíram correndo, outras entraram e Lilly continuava estática, agarrada à bolsa cheia de evidências.

— Silêncio ou serão todos presos. — A juíza arrancou o cassetete de um dos policiais e começou a violentar a mesa.

Aos poucos, a ordem foi se restabelecendo. Quando achou que tinha tudo mais ou menos sob controle, Morgan olhou firme para Lilly.

— Está ciente do que acaba de dizer e das consequências? — A magistrada ainda tinha esperanças de pegar a série a tempo.

— Tenho — Lilly respondeu com firmeza e olhou para a irmã. — Faço qualquer negócio para que ela nos deixe em paz! — Segurou mais firme a bolsa.

— Sabe o preço. — Ava colocou as mãos na cintura.

— Pense bem, garota... — Morgan interveio, sem entender nada. — Não estamos falando

de móveis velhos. São mais de cinquenta milhões de dólares.

— Não se meta, sua velha! — Ava gritou para a juíza e voltou-se para a irmã. — Se me der o dinheiro, tudo acaba!

— Mais uma dessa e sairá daqui, algemada! — A velha Águia revoltou-se.

Lilly parou por um segundo.

— Vai mesmo nos deixar em paz? — murmurou.

— Deixo, mas quero tudo. A participação nos lucros, a casa, as joias, os carros e a herança daquela velha chata.

Não! Isso, não!

— A herança da vovó não! — Lilly agitou-se. — Vai fazer o quê com as coisas dela? A casa que queria eu já doei.

— Provavelmente, jogar no lixo, mas eu quero! — Ava insistiu, petulante.

Os joelhos de Lilly fraquejaram.

Sabia que grande parte do que a irmã receberia da herança dos pais, ou já tinha sido vendido, ou estava comprometido em dívidas.

Ava nem desconfiava que ela tinha recebido um tesouro da avó. Fortuna que era para os gêmeos e não abriria mão dela, de jeito nenhum.

— Não. — Lilly manteve-se firme. — Pode esquecer. Não vou deixar que jogue as coisinhas da vó no lixo. Nem a instituição do câncer quis ficar com elas — arriscou.

Langdon, que estava por dentro das coisas, percebeu a jogada da cliente.

— Protesto! O processo envolve apenas a herança dos pais! — O advogado foi até a juíza. — O espólio da avó materna foi deixado de forma legal para a minha cliente. Há um tremendo valor... — o homem pigarreou e deixou o lado *blefador*[97] aflorar — emocional envolvido naquelas quinquilharias enferrujadas. Ava perdeu a requisição de posse em quinze instâncias.

A juíza Morgan sabia daquilo.

— Bom, estamos em um impasse — Morgan também blefou, reconhecendo a jogada do colega. — A lei me impede de incluir a herança da avó de vocês no acordo. Vou dar ganho de causa para a Lilly. Assim encerramos tudo — disse sem muito interesse.

— Ai, tá bom! Podemos acabar logo com isso? — Ava grudou no palanque onde ficava a

mesa da juíza. — Dou uma merda para as bugigangas daquela velha. Mas quero todo o resto.

— Anotado. — A Águia fulminou a loira e voltou-se com doçura para Lilly. — Sabe que terei que anular o seu casamento? Ficará proibida de se casar na América, pelos próximos dois anos[98].

Jesus! É claro que eu não sabia disso!

— Não existe um meio-termo? A herança, pelo casamento? — arriscou Lilly.

Os lábios da juíza contraíram.

— Para validar o acordo tenho que cancelar o matrimônio.

Lilly começou a chorar.

Esperava que pudesse permanecer casada. Brian nunca entenderia.

— Não posso mesmo dar uma palavrinha com o meu marido? — implorou.

— Não, mas se tiver algo que deseja me contar... — Morgan olhou-a com piedade.

Os olhos de Lilly lacrimejaram. Havia um milhão de coisas que ela gostaria de contar, mas não podia... nunca... dizer nada para ninguém.

— Não, nada — sussurrou. — Vamos em frente.

— Venci! — Ava soltou uma gargalhada abafada e foi metralhada pelo olhar mortal de Morgan. A juíza, que estava com aquela loira aguada entalada na garganta, teve uma ideia.

— Posso garantir, sob judice de prisão, que Ava nunca mais se aproxime de qualquer um que seja ligado a você.

— Pode? — Lilly indagou um pouco crédula.

— Ela me desacatou, posso prendê-la.

— Não! — Ava desesperou-se.

— Ou a prisão ou banimento do país — Morgan disse com certo prazer para a loira. — Você escolhe.

Ava gargalhou.

Deixar os Estados Unidos não seria problema algum. Os planos dela incluíam pegar o dinheiro e se mandar para a Europa.

— Pode me banir do país se quiser — ironizou.

— Ah, eu quero, considere feito! — a juíza rosnou para Ava e voltou-se gentilmente para

Lilly. — Posso dar o veredito?

Lilly mordeu os lábios.

Sabia que ceder à pressão da irmã não era uma questão financeira... era a moral que estava em jogo e detestaria fazer aquilo, mas por Brian toparia qualquer negócio.

— Eu topo, vamos em frente. Tudo para ter a paz da minha família.

O cassetete bateu na mesa e a sentença foi proferida. Lilly ouviu com tristeza as orientações de que, uma vez tendo assinado o documento, não haveria mais volta e nem seriam aceitas apelações ou pedidos de cancelamento. Assentiu e o meirinho apressou-se até o escrivão para pegar o documento que transcrevia o acordo.

Assim que Ava e Lilly assinaram, a sala veio abaixo.

A juíza sentou esgotada na poltrona, nenhum episódio da sua série comparou-se àquilo. Inconformados, os advogados do tio Ed ligaram para o patrão e Ava comemorou a vitória sob vaias e xingamentos.

Big e Penne empurraram os policiais, invadiram a área restrita e abraçaram a amiga, que chorava sem parar.

Logo, Mark e Marie também a cercaram.

— Que loucura... O meu *Lover Boy* vai querer morrer — Mark murmurou.

— Por que, minha querida? Por quê? — Marie fez a pergunta que todos queriam fazer. — Os pequeninos não podem crescer sem um pai.

— Eles não... eu... — Lilly afundou o rosto no peito de Big.

— Jesus Cristo, Lilly!

A voz de Brian explodiu em um grito na porta da sala. Ele estava desalinhado, sem ar e muito, muito puto. Quando Gabe invadiu a salinha para contar o que tinha acabado de ouvir pelos corredores, guitarrista e baixista saíram em uma corrida desenfreada até a sala de audiência.

— O que foi que você fez? Enlouqueceu! — ele gritou mais.

Lilly desprendeu-se de Big e escaneou as pessoas até encontrar o recém ex-marido.

— *Infelizes para sempre*... foi isso que decidiu?

Brian fulminou-a inconformado e começou a se espremer entre as pessoas.

— Não! Juro que não! — Lilly gritou com o coração partido, apesar de saber que tinha feito o certo.

— Você fodeu com tudo! Me traiu! — acusou-a, assim que ficaram cara a cara.

— Estava num mato sem cachorro. Tive que aceitar a anulação e entregar tudo para a Ava.

— Separou-se de mim, porra! — Brian berrou ainda incrédulo.

— Foi o único jeito. — Lilly tentou tocá-lo.

Brian recuou e olhou firme para a juíza.

— Meritíssima! Eu não aceito! Eu protesto! — ele berrou, silenciando a todos. — O cacete que eu aceito essa merda! Me recuso a ser um pai solteiro!

— É, ele protesta, porra! — Gabe gritou, assim que se juntou ao amigo.

— Olhem o palavreado, rapazes! — A sobrancelha da juíza Morgan arqueou. — Protestam, com qual autoridade? — tentou parecer séria.

— De marido! Nem a pau me separo da Lilly!

A juíza olhou para ambos. Eles eram bem atrevidos, além de bonitos.

Gabe olhou para o amigo e sussurrou: *Deixa que eu assumo*.

— Desculpe, Meritíssima — o baixista fez uma reverência. — Desejo protestar com a autoridade que me foi concedida pelo meu cliente! Sou o advogado do Brian, o marido. — Remexeu nos bolsos e sacou uma carteirinha.

Mark arregalou os olhos e quase engasgou.

— Desde quando é advogado?

— Desde que meu pai me obrigou a ser um. — Gabe olhou para a juíza e sorriu de um jeito, que a fez desejar ter trinta anos a menos. — Sabe como é, meu velho não botava fé na música, Excelência. — Ele levantou os ombros.

— Ah, é? E fez o curso onde, pela internet? Não me parece ter idade para ser um advogado — a mulher proferiu em um tom de curiosidade genuína e um pouco de flerte.

— Não, Excelentíssima, tenho vinte e oito anos. — Piscou. — Fui aceito em Harvard, entrei aos dezesseis.

O queixo da mulher de toga caiu e Gabe sorriu mais. Ele podia não ser um advogado experiente, mas era foda no xaveco.

— Foi a condição do meu pai para sair da Austrália e vir cursar música aqui — o loiro continuou.

— Meu Deus! Advogado? Meu pequeno prostituto é um gênio! — Mark levou a mão à boca.

— Pelo amor de Deus! — Brian puxou os cabelos. — Temos uma questão urgente aqui! Já disse que não aceito a separação e muito menos ser pai solteiro. Podem rasgar essa merda de papel!

— Sinto muito, não posso fazer nada — a Meritíssima disse, tocada com o desespero aparente do casal.

— Brian... — Lilly tentou chamá-lo, mas foi ignorada.

— Precisa reconsiderar, dona juíza... — insistiu o guitarrista. — São os hormônios, os pequenos devem estar bagunçando a mente dela.

— Desiste, Roqueiro. — Ava aproximou-se do grupo. — Eu ganhei, falei que iria acabar com a alegria de vocês.

— Desgraçada!

Lilly lançou-se sobre a irmã, mas foi capturada no ar pelo marido.

— Amor, não! Os bebês!

Ela debateu-se e foi solta. Os pulsos de Brian fecharam.

Droga!

Antes que alguém fizesse uma loucura, Penne partiu para cima de Ava e acertou um soco de direita no rosto dela.

— Mal-amada, filha da puta!

— Não, Penne! — Big segurou a loirinha pela cintura.

— Ignorantes! — Ava berrou esfregando o rosto.

Uma gritaria generalizada recomeçou, Lilly aproveitou a proximidade, agarrou-se ao Brian e mirou nos azuis-violeta.

— Amor, tem que me escutar! — implorou ela.

— Escutar para quê? Você me dispensou! — ele retrucou com mágoa.

— Pelo amor de Deus, eu juro que vai entender. A coisa fugiu do controle. — Ela puxou o músico.

Brian estava confuso e magoado pra caramba, mas seu coração implorava por uma explicação. Não era possível, que Lilly tivesse desistido tão fácil assim.

Lilly puxou-o mais e o músico se deixou levar. Necessitava entender o que tinha dado de tão errado e seguiu a ex, que começou a se espremer entre os curiosos. Com a atenção de todos dirigida para o tumulto no tribunal, os dois ganharam o corredor, sem chamar muita atenção.

Ofegante e com o coração a mil, Lilly abriu a primeira porta que encontrou e puxou Brian para dentro.

Quando ele se deu conta de que estavam em um banheiro, girou o trinco.

— Porra, você acabou comigo! Por quê? — ele disparou, assim que ficaram frente a frente.

Com as mãos trêmulas, Lilly abriu a bolsa e alcançou o envelope.

— Por isso. — Estendeu o braço.

Tomado pela raiva, Brian retirou o conteúdo e todas as cores do rosto dele foram embora quando leu o bilhete e viu as primeiras fotos.

— Cacete! — Os azuis-violetas quintuplicaram de tamanho. — Você não está achando que eu...? — Encarou-a estupefato.

Em um gesto defensivo, Lilly abraçou o corpo.

Por alguns segundos, ambos permaneceram em silêncio em uma troca de olhares, profunda e dolorosa.

— Você tinha que ter ido falar comigo! — cobrou-a como se fosse fácil.

— E acha que eu não tentei? Não deixaram — ela murmurou, por fim.

— Lilly... eu... você não podia... — Ele começou a tremer.

— O que eu não podia era arriscar te perder! — ela berrou, tremendo igual a ele. Não era possível que tudo fosse terminar em um banheiro. — Por que escondeu algo tão grave de mim?

— Pra te proteger, porra! Eu não o matei! — Brian berrou entre a vergonha e a indignação. — Aquele bosta que foi atrás de mim! Não nego que dei umas porradas nele, mas estava bem vivo quando o deixei na estradinha de *Dreams Beach*.

O rostinho delicado de Lilly se encheu de dúvidas.

— Não matou? Mas, e o Gabe?

— Claro que não! E quanto ao Gabe, nem sei que porra é essa! Não tem nada a ver com a briga que o Will e eu tivemos. — Ele olhou mais uma vez as fotos. — Mas é fodido.

— Muito fodido — ela murmurou e olhou desolada para a mão que ostentava as

alianças.

— Pera aí... — Brian levou as mãos aos cabelos. — Abriu mão de tudo só para nos proteger de um escândalo?

— Essas fotos acabariam com a carreira de vocês, mas não abri mão de nós. — Lágrimas começaram a rolar pelo rosto devastado dela. — Aconteça o que acontecer... nada muda — lembrou-o com um fiapo de voz.

Caralho!

Brian cambaleou e esfregou o rosto em um ato de inconformismo. Lilly tinha aberto mão de tudo por ele? Só porque algum babaca a chantageara? Nunca seria capaz de retribuir a ela um gesto de tanta generosidade.

— Porra, Lilly! Não deveria ter feito isso por mim.

— Claro que deveria! Eu abriria mão de qualquer coisa. Eu te amo!

Brian deu um passo e envolveu o corpo miúdo em um abraço. Lágrimas também rolaram pelo rosto barbado, ao imaginar os momentos difíceis passados por Lilly no tribunal. A consciência do drama vivido por ela, era devastadora. Que moral ele tinha para cobrar alguma coisa? No fundo, o grande causador de toda aquela situação fora ele. Ele que enchera a cara e abrira o bico! Ele que tinha batido no Wil.

Merda!

A Pequenininha pensou que eu era um assassino... Porra!

E mesmo assim, abriu mão de tudo para protegê-lo. A atitude dela não tinha sido um fim, mas a maior prova de amor do mundo.

Um felizes como desse. De qualquer jeito.

— Eu te amo tanto, Pequenininha. Desculpe... desculpe... desculpe. — Encheu o rosto úmido de beijos. — Que merda! A Ava tomou tudo de você!

— Nem tudo, eu tenho umas coisinhas guardadas. — Lilly desejava tranquilizá-lo, mas não queria entrar em detalhes sobre as joias, naquele momento. — Só acredite que ficaremos bem.

Ele assentiu e apertou-a com mais força. Os dois corações batiam como loucos e em sincronia.

— Foram os piores minutos da minha vida. Fiquei perdido e com medo de te perder. — Beijou o topo da cabeça moreninha.

— Isso nunca vai acontecer — ela murmurou nos braços dele.

— Então, mesmo eu tendo cagado tudo... mesmo legalmente separados, estamos juntos?

— Claro que estamos. — Lilly desgrudou-se dele e tomou o rosto lindo entre as mãos. — Juntos para sempre! Brian Theodore Lincoln Pierce, esqueceu que tem duas metades de você dentro de mim? Nunca terá sossego — ela afirmou um pouco mais animada.

Ele gargalhou, mas continuava inconformado.

Aquela filha da puta da Ava tinha conseguido o que queria: ficar com todo o dinheiro e destruir a felicidade da irmã.

— Não esqueci. Quem precisa de sossego, não é mesmo? — Ele sorriu com desânimo ao cutucar a ponta do nariz arrebitado e algo urgente lhe vir à mente.

Nós precisamos de sossego, porra! Meus filhos precisam!

O coração de Brian disparou de um modo ruim.

— Pera aí! Aquelas fotos? Você acha que a Ava...

Brian deixou a pergunta no ar.

— Eu não sei. — Lilly balançou a cabeça; — Foi um moço que me entregou, disse que eram do meu tio, mas é óbvio que não eram. Sei lá, acho que sim.

Brian rompeu o contato, precipitou-se para a porta e abriu o trinco.

Lilly não entendeu para quê tanta sangria desatada.

— Onde vai? — indagou confusa.

— Precisamos falar com ela.

Lilly negou com veemência.

Não!

A última coisa que desejava era falar com a irmã.

— Não quero. — Deu um passo para trás. — Estamos bem, Ava sairá do país.

— Mesmo assim, aquelas fotos... certamente existem cópias. — Brian sobressaltou-se.

Bastava um celular com internet e tudo iria pelos ares.

Lilly espalmou as bochechas.

— Ai, caramba, eu não tinha pensado nisso.

Os dois saíram em disparada.

— Caramba! Onde estavam? Tá todo mundo louco atrás de vocês!

Penne veio correndo na direção deles, assim que despontaram no corredor.

Brian esticou o pescoço, olhou para a sala de audiência e estava vazia.

Merda!

— Cadê a Ava? — ele disparou na lata. Não tinha tempo para explicações.

— Levaram — a voz de Big surgiu ansiosa ao lado deles.

— Droga! — Lilly bateu o pé do chão. — Aqueles advogados dela nunca nos deixarão chegar perto.

— Não. — Penne começou a saltitar e chacoalhar as mãos. — Não foram eles que a levaram, foi a polícia.

— Polícia? — Brian e Lilly gritaram ao mesmo tempo.

— Vamos, tá todo mundo lá na porta do fórum. — Big pegou o casal pelo braço e começou a arrastá-los. — A coisa está sórdida.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Quando puseram os pés da alameda de palmeiras, em frente ao fórum, tanto Brian, quanto Lilly não conseguiram acreditar, e muito menos entender, o que estava acontecendo.

Mel, Adam e Antoine estavam ao lado do Inspetor aloprado, que os interrogara sobre o incêndio. Gabe tentava chutar uma viatura de polícia, mas era impedido por Mark e Daniel, e Ava... bom, ela esperneava e negava-se a entrar em outra viatura. Gritava debaixo de centenas de flashes que tudo era um mal-entendido e que foi sem querer.

Será que ela tinha ofendido alguém da família da juíza?

Batido em alguém?

Mil hipóteses passaram pela cabeça desconcertada de Lilly, que segurou firme na mão de Brian. Juntos, aproximaram-se do grupo do Inspetor.

— Ah... os pombinhos. — O homem abriu um sorriso assim que os viu. — Eu não disse que eu acharia os culpados?!

— Que culpados? — Brian perguntou ressabiado e olhou para a esposa.

O músico sabia que os amigos tinham ido atrás do filho da puta que aprontara para o Gabe e pelo estado endemoniado do baixista, tentando esmurrar a pessoa dentro da viatura, deduziu que só poderia ser aquele o culpado.

— Opa! Foi a Mel que descobriu tudo! — Adan rosnou para o policial gordinho, que se encolheu todo.

Mel olhou para o vocalista e depois para os quatro amigos, que tinham acabado de chegar, e revirou os olhos.

— O Adan me ajudou, tá bom! Também não posso ser sacana e levar todo o mérito sozinha.

— Que mérito? — Lilly perguntou ainda sem entender o que a irmã tinha a ver com tudo aquilo.

— *Cê tá* brincando! — Adan levantou as mãos para o céu. — É um milagre, não acredito! Vai dar crédito pra mim na sua matéria? — Os olhos cinza do vocalista reluziram mais que diamante.

— Ôôôôô, os dois! Dá para explicarem o que tá rolando aqui?! Como acharam o babaca? — Brian exigiu e Big o apoiou, rosnando:

— É, como?

— No apartamento antigo do Will, encontramos fotos do Bertran. Gabe o reconheceu, seguimos a trilha dele e achamos o cretino numa boate — Mel foi evasiva.

— Boate? — Brian, Big e Penne perguntaram ao mesmo tempo.

— Num desses inferninhos de sexo e dominação. — Adan quase sorriu.

— Adan! — Mel o fuzilou. — Detalhes são desnecessários, seu cretino!

Todos se entreolharam.

Merda!

O vocalista mordeu os lábios, certas coisas deveriam ficar só entre eles.

— Você está certa. — Ele ficou constrangido. — A boate é outra história. O que importa é que o babaca caiu na nossa, dopamos o otário, ele abriu o bico e foi preso.

Antoine deu um passo à frente, ficando cara a cara com Lilly.

— A culpa é toda minha. Lembra do Bertran? — o *Marchand* mordeu os lábios, claramente desolado.

Lilly balançou a cabeça em um *não* efusivo.

Antoine soltou um suspiro impaciente.

— Aquele outro *Marchand* que era meu sócio — explicou-lhe melhor.

— O que cuidava das minhas coisas e foi preso por falsificação? — ela murmurou confusa. — O que ele tem a ver com a gente?

— Tudo! Descobrimos que Bertran era o tal amigo secreto que Gabe conheceu no Grammy. O médico encontrou vestígios de *Boa Noite, Cinderela* no sangue do garoto. — As feições de Adan ficaram tensas. — O cara aproximou-se dele e o dopou para obter informações sobre vocês, como não conseguiu, resolveu sacaneá-lo, com umas fotos armadas.

— O quê? — Brian exaltou-se. — Foi esse Bertran que tirou aquelas fotos do Gabe?

Adan assentiu.

— Pelo jeito, estava de olho em todos. Também encontramos umas fotos suas batendo no Will, no apartamento dele. Só de imaginar o que o bastardo pretendia com aquilo... — Os olhos cinza pegaram fogo. — Sorte que o Max se livrou daquela merda.

Na mesma hora, Brian olhou apavorado para o policial, que franziu o rosto indicando que tudo estava bem.

— O senhor Max já me explicou o ocorrido. Não vou te prender por defender a honra da sua mulher e bater num homem que o provocou, relaxa. — O inspetor sorriu.

Graças a Deus!

Mil toneladas saíram dos ombros do músico, que procurou Lilly, esboçando um claro: *Está vendo? Não fui eu!*

Envergonhada, ela desviou o olhar.

— Pera aí... — Adan arqueou a sobrancelha loira e cruzou os braços. — Como sabia das fotos?

— Lilly recebeu cópias, antes da audiência. Pensou o pior de mim e eu virei um maldito de um pai solteiro por causa delas!

— Te chantagearam? — Big arregalou os olhos para a Bonequinha dele.

— Então foi por isso? Aquele show de horrores no tribunal? — Penne alvoroçou-se e Lilly assentiu constrangida. — Perdeu o marido e o dinheiro, para evitar um desastre?

A pintora assentiu novamente.

— Ela não me perdeu! — Brian rosnou e grudou-se na ex-esposa. — Foda-se aquela porra de papel de casamento. O importante é que continuamos juntos — disse, só para amenizar as coisas. No fundo, não era foda-se, porra nenhuma. Estava puto e inconformado. Amava estar oficialmente casado.

— Pobrezinha! — Mel infiltrou-se entre o casal e abraçou Lilly de forma inesperada. — Meu Anjo, eu sinto muito. — A morena lançou um olhar pesaroso para Brian. — Se tivéssemos chegado meio hora antes. Sinto muito, mesmo.

Os repórteres alvoroçaram-se quando as sirenes começaram a tocar. Lilly desvencilhou-se da jornalista e, horrorizada, assistiu Ava ser enfiada à força, em uma viatura, que logo em seguida, partiu em comboio. Ela lembrou vagamente de Bertran, já que não chegou a trabalhar com ele nem três meses. Logo, ele foi preso por falsificar obras de arte e Antoine assumiu sozinho a assessoria.

Sobressaltou-se.

Por todos aqueles anos, havia um louco à espreita, arquitetando coisas terríveis contra ela?

— Alguém, por favor, pode me explicar? — implorou. — Não fiz nada para aquele homem!

Antoine suspirou, chamando a atenção de todos.

— O Bertran nos culpa por sua miséria. Eu, por assumir a assessoria; e você, por ele acreditar que todo o seu sucesso foi mérito dele. O casamento, o incêndio, os drones, o Gabe, tudo fez parte de um plano para tomar de volta o dinheiro, que acha que lhe devemos. O cara é um maluco obcecado por nós.

— Pera aí, tudo bem que o Bertran arquitetou a maioria das coisas, mas tem muito dedo da Ava nisso também — Mel emendou aborrecida.

Adan concordou.

— Descobrimos que os dois se conheceram quando ele foi trabalhar com você. Quando Ava desenterrou aquela cláusula sobre o casamento, ele tinha acabado de ser solto. Só juntaram os interesses.

— Deus o céu! — Lilly girou o corpo dando uma panorâmica em todos. Ela estava realmente chocada.

— E o Will? — Brian perguntou o que mais lhe interessava.

— O Will foi só uma marionete. Ele já curtia um lance bissexual e conhecia o Bertran de Londres. Quando chegou a Los Angeles, foi apresentado a Ava e caiu de amores por ela. Viraram um trio e foi convencido por eles a passar a perna em Lilly. O primeiro encontro, a antipatia entre eles, as denúncias contra o noivado foi tudo teatro. No final, ele até tentou pular fora e casar-se de fato, pretendia tomar conta do dinheiro sozinho, mas a Ava descobriu aquela procuração e horas antes do casamento o seduziu a seguir do lado dela. Depois, livrou-se dele.

— Livrou-se como? — Lilly estava perplexa com o plano criado pela irmã. — Não me diga que Ava matou o Will? — sussurrou.

— Ah, não... O Bertran gabou-se que ela se livrou dele com um belo pé na bunda. Will perdeu a serventia, entende? Aí se matou mesmo. Um fraco, não aguentou a pressão e... — O policial fez um gesto explosivo com as mãos. — *Ploft*! Pulou da ponte!

— Que horror!

Lilly arregalou os olhos.

— Pois é, um horror. Povinho barra pesada, esse seu. — O inspetor fez uma careta de repulsa. — Preciso que vá à delegacia.

— De jeito nenhum! — Lilly recuou.

— Anjo, tem que reaver os seus quadros — Mel assumiu um tom profissional. — Aquela coisinha que colocamos na bebida do Bertran, o fez cantar como um passarinho. Ele abriu o bico e disse que retirou as suas aquarelas antes de pôr fogo em tudo. Trocou-os por molduras vazias e escondeu os originais na casa da sua irmã. Ava acaba de negar tudo, claro. — A jornalista gargalhou. — O fato é que aproveitamos a presença dela no tribunal, chamamos o seu tio, fomos até lá e encontramos as obras, prontas para serem despachadas.

Filhos da mãe! Ah... então foi por isso!

Lilly assentiu, compreendendo o motivo da ausência do tio. Sabia que só uma urgência o faria deixá-la na mão. Como irmão, ele era o único que também tinha acesso à casa dos pais dela.

— Que canalhas! — Lilly reagiu tardiamente.

— Canalhas é pouco! O Bertran vangloriou-se, na boate, que os dois fariam uma fortuna no mercado negro da Europa — Adan mostrou-se irritado. — Só não viajaram antes, porque a Diana vazou o vídeo do Brian e a ganância falou mais alto. Ava não quis perder a oportunidade de abocanhar também a herança.

— Meu Deus! — Lilly queria socar a imã.

— Bom, pelo menos, você se livrou daquela vaca. — Penne tentou ver o lado bom. — Ava que vá ser rica, lá na cadeia.

— Na cadeia, bem provável, mas rica, eu duvido — Antoine intrometeu-se. — As obras da Lilly foram poupadas, mas todo o resto virou cinzas e te garanto, não vai sobrar nada para a Ava, depois que o seguro for para cima dela.

Deus, Ava vai ficar sem nada? Sem dinheiro, sem país e sem liberdade.

Lilly soltou um suspiro profundo.

As mentiras estavam todas expostas, incluindo as dela. Não era o desfecho que gostaria, mas era o justo. Embora amasse estar casada com Brian, sabia que começaram errado e Vegas manchava a história bonita que os dois vinham construindo. A anulação os deixou zerados e prontos para um recomeço. Quanto à irmã, sentiu-se vingada, a herança dos pais diminuiria o prejuízo das demais vítimas.

— Senhorita, encontramos isso aqui nos pertences do Will. — O inspetor retirou um envelope amassado, do bolso interno do uniforme. — Tem o seu nome nele. — Entregou a ela.

Lilly abriu e leu:

Do meu modo torto, eu gostava de você...

Não se culpe pelos meus erros.

O amor e a ganância me cegaram

Fui um tolo e egoísta.

Nunca enxerguei a mulher incrível que é.

Perdão.

Will

Ela amassou o bilhete.

— Pois é, nunca saberemos quem são os nossos inimigos mais ocultos — concluiu e sorriu para Brian.

O coração dela dizia que tudo, finalmente, ficaria bem.

Estavam livres.



Epílogo

Quase seis meses depois...

Lilly ignorou os flashes vindos da rua, a algazarra dentro da limusine e perdeu-se no rosto sorridente de Brian.

Os pensamentos dela voaram longe...

Era tão bom vê-lo daquela maneira: feliz e deslumbrante em um smoking. Parecia um sonho, mas já fazia alguns meses que os dois viviam despreocupados e longe dos problemas.

Quando a bomba toda sobre Ava e Bertran estourou, eles foram acusados e presos sumariamente, sem direito à fiança. Ambos tiveram que esperar o julgamento sob custódia.

Mesmo com tudo esclarecido, Brian culpava-se pela bebedeira de Vegas. Então, para diminuir a culpa que ele estava sentindo, Lilly abriu toda a verdade sobre o pequeno tesouro deixado pela avó materna.

— *Puta que pariu! Eu era casado com uma multibilionária?* — *gargalhou o músico.* — *Agora entendo o desespero do tio Ed com o contrato nupcial.*

Diante dos fatos, a juíza Morgan procurou Brian e Lilly oferecendo a anulação de todo o processo. A ideia de permanecerem casados e de reaver os bens da herança era muito atraente, mas a vontade de ter Ava bem longe da vida deles, para sempre, era maior. Mantiveram o acordo, desde que a cláusula de extradição fosse mantida.

A loira esperneou, gritou, chorou e pediu por clemência. Nada feito, ela acabou transferida para uma prisão no México, julgada, condenada e obrigada a entregar toda a herança para Antoine. Havia boatos de que o dono, da tal empresa seguradora, era amigo pessoal do *Marchand* e superfaturou o valor das obras, só para deixar Ava realmente sem nada.

— Um dólar pelos seus pensamentos.

A voz de Brian puxou Lilly para a Terra.

— Às vezes tenho que me beliscar. Não estava mais acostumada a ter tanta paz — ela disse.

Ele abriu um sorriso e passou o braço sobre os ombros de ex-esposa deixando-os ainda mais juntinhos.

— Melhor aproveitarmos, a calmaria vai durar pouco. — Brian pousou a mão livre sobre

o vente extra GGG de Lilly. — A sua carinha está cansada, não sei se foi uma boa ideia ter vindo.

Os olhos castanho-esverdeados arregalaram.

— E perder a sua grande noite? De jeito nenhum! É o seu aniversário e o Oscar. Sempre quis vir a uma das cerimônias, amo o Teatro Chinês e você.

Brian gargalhou. Lilly era uma guerreira nata, estava na cara que mal conseguia ficar de pé. Aqueles dois na barriga dela estavam fortes e eram muito animados. Viviam fazendo malabarismos dentro da mãe.

— Tá bom, mas vamos passar pelo tapete vermelho e ir direto para a tribuna de honra. Não quero meu Umpa-Lumpa[99] zanzando por aí. — O dedo longo dele tocou o narizinho arrebitado.

— Me chame de Umpa-Lumpa mais uma vez e eu te capo! — Lilly cerrou os olhos.

Droga!

Eu deveria ter escolhido o vestido longo preto, que emagrece!

— Umpa-Lumpa! — Gabe gargalhou, sentado no banco em frente ao deles.

— Gabe Green! Apoie as gozações do seu amigo e eu te retiro do posto de padrinho duplo! — Lilly ameaçou o loirinho, que engoliu o riso.

— Hey, não é gozação! Amor, você é a coisinha vermelhinha e redonda mais linda do planeta.

— Brian Theodore Lincoln Pierce! — Lilly rosnou e o músico ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Isso não é justo! Eu li todos aqueles malditos livros sobre o que esperar, enquanto se está esperando! — Gabe jogou as costas fortes contra o assento e cruzou os braços. — Serei muito útil!

Lilly riu e assentiu, o baixista a estava enlouquecendo. Ele realmente sabia o que esperar, enquanto ela estava esperando.

— Por que vocês dois não param de infernizar a Bonequinha? — Big rosnou mais ao fundo da limusine. Ele estava tendo um papo-cabeça com Adan, que andava emburrado desde que Mel tinha aceito um emprego no jornal Le Monde de Paris.

— É... — Adan manifestou-se claramente de mau humor — não lembram do que o Gabe disse ontem? Que este último mês tem que ser de descanso.

— É, eu li. — O baixista abriu um sorriso. — Um ambiente tranquilo é muito importante para que as crianças nasçam calmas.

A gargalhada estridente de Penne explodiu. Ela estava linda em um vestido de veludo verde.

— Com tanta merda que já passaram, os pirralhos vão ser uns demônios.

— Penne! — Brian censurou a amiga, em seguida fez que não para a esposa.

— Que é? — A guitarrista fez cara de ofendida. — Reclame com a vaca da Ava, não comigo. A culpa é dela! Bem feito que não deixaram a nojenta ter direito às regalias. Ficar morena e com buço foi pouco por tudo que nos fez passar!

Big gargalhou. Ele quem tinha descolado uma foto de Ava na cadeia. A mulher estava o cão sem a tintura loira nos cabelos, o alisamento progressivo e a depilação.

— Ôôôôô, dá para pararem de ressuscitar os mortos? — Mark ajeitou a gravata borboleta do smoking vinho que vestia. — Concentrem-se. Em um minuto passaremos pelo tapete vermelho. Lembrem-se do que o Brian nos pediu, nenhuma palavra sobre a não indicação de Ian e a ausência dele no Oscar.

Brian assentiu, agradecido para o empresário. O assunto Ian Pierce ainda era doloroso para ele e para a mãe. Desde a separação dos pais e a confissão pública do caso de anos com Kate, a carreira de Ian tinha caído como um meteoro. O filme O *Juiz* tinha sido um fracasso de bilheteria e nem passou perto das indicações para o Oscar.

A limusine parou e como era de se esperar, todos os astros e estrelas foram imediatamente ofuscados pela sensação de Los Angeles: a muito grávida Lilly. As centenas de câmeras e flashes voltaram-se para ela. A cada passo, dezenas de perguntas sobre os bebês e a data do novo casamento eram disparadas.

— *Senhores, cada coisa no seu devido tempo.*

— *Deixem primeiro, os gêmeos chegarem.*

— *É claro que a pedirei em casamento!*

— *Estamos juntos e bem. Isso que importa!*

Brian respondeu a tudo com um sorriso no rosto, mesmo que ainda estivesse muito, muito puto por estar solteiro.

Ofegante com o esforço, Lilly limitou-se a posar para as fotos, a acenar, a sorrir e a tentar caminhar o mais graciosamente que sua barriga lhe permitia. Agarrou-se em Brian quando

subiram os degraus vermelhos e foram encaminhados para a tribuna de honra.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Lilly remexeu-se na cadeira. Também, com uma barriga daquele tamanho era difícil achar uma posição confortável... Há uma semana, vinha sentindo uma sequência de incômodos nos pés, nas costas, nos seios... Parecia que todas as partes do seu corpo estavam incomodadas.

Ela respirou fundo quando a mão poderosa de Brian procurou a dela e segurou firme. Estava nervosa além da conta. A indicação de melhor composição seria a próxima a ser apresentada.

Brian dizia que não, que só a indicação já lhe bastava, mas ela sabia que aquelas palavras eram fruto da humildade exacerbada do músico. No fundo, ele ansiava muito por mais um Oscar, mas não queria soar prepotente.

As luzes se apagaram e um feixe de luz iluminou dois vultos majestosos.

Ai, meu Deus!

Lilly levou a mão livre à boca.

Sarah Lincoln, que tinha acabado de receber o Oscar de melhor canção, caminhou divina pelo palco em um vestido azul-turquesa reluzente. A separação fizera muito bem a ela. Estava deslumbrante! Logo atrás veio o Adan, também premiado pelo dueto que fizera com Sarah.

Suspiros discretos da plateia feminina pipocaram. O cara era um tesão, metido em um smoking.

O coração de Lilly parou. Aquilo tinha que ser um sinal! Tinha que ser! Ela olhou para Brian, que não mexia um músculo. Os olhos estavam vidrados nas figuras que lhe sorriam do palco, a respiração acelerada e pequenas gotículas de suor faziam a têmpora brilhar.

Tadinho, tão nervoso.

Com medo de que ele tivesse um treco, Lilly pousou a outra mão sobre a dele, fazendo um sanduíche.

Os nomes dos indicados foram ditos por Sarah... Trechos das composições apresentadas... O silêncio de expectativa se formou.

Ai, ai, ai que é agora!

— E o Oscar de melhor composição vai para... — Adan sorriu ao fingir que se enrolava para abrir o envelope — Brian Pierce!

— Parabéns, meu filho. — Sarah caiu no choro.

O coração de mãe estava pequeno para tanto amor e orgulho. Brian era fenomenal. Ela olhou para o filho e sorriu. O pobrezinho estava pálido e estático como se não tivesse entendido.

— Vem, meu filho. O Oscar é seu — Sarah buscou alguma reação nele.

Incentivado por Lilly, o músico levantou com as pernas trêmulas e caminhou até o palco. Sob aplausos, subiu as escadas ladeadas por réplicas gigantescas da estatueta. Abraçou a mãe, o amigo e sentiu a mão formigar ao pegar o troféu.

Tinha acontecido! O segundo Oscar... A consagração do seu amor pela música. Um sorriso torto brotou nos lábios dele ao se posicionar diante do microfone e olhar para Lilly... Violetas e castanhos faiscaram.

Deus, como eu te amo!, pensou Lilly.

— Obrigado, membros da Academia e a toda equipe técnica do filme — começou ele timidamente. — Uau! Que presentão de aniversário! Não sei nem o que dizer, não tenho um discurso pronto. Bom... acho que terei que improvisar e fugir dos tradicionais agradecimentos.

Lilly parou de respirar... a emoção elevou os batimentos cardíacos dela.

— Engana-se quem pensa que a felicidade está nas coisas materiais... — continuou ele — não nego que uma boa e farta vida, e ter acesso às coisas facilita muito, não vou ser hipócrita... A carreira bem-sucedida, a fama e o dinheiro são bons, mas não essenciais. Pode-se ser vazio, tendo muito. Já fui criticado... Como um cara como eu poderia se sentir um bosta, às vezes?

A plateia alvoroçou-se.

— Pois é... já fui vazio. Não sou mais. Eu tentei imaginar algo que traduzisse o nome da composição premiada, que se chama *Love*, mas sempre que eu pensava nela, um rosto vinha à minha mente. Foi ele que me inspirou nos momentos em que estive naquele estúdio e foi por ele que eu quis dar o meu melhor. Você, Lilly, é a essência desse sentimento em mim... *Love*... Um amor doce, porém forte. Um amor que nasceu e seguirá crescendo por toda a vida... Só por você.

Aplausos explodiram.

Brian esperou a comoção amenizar para continuar:

— Pequenininha, é claro que a nossa trilha sonora nem sempre foi suave... Nem poderia. — Brian riu de um jeito que fez Lilly querer transar. — O nosso amor não é um conto de fadas, é algo real e imensamente poderoso, como a música que eu compus. Notas e mais notas vibrantes ou tensas até, misturadas às melodias suaves, alegres e belas. Uma comédia romântica maluca,

estrelada por nós dois. Com você aprendi que o gostar é insistir e cuidar sempre... e que não existe essa de abandonar o show por medo das tempestades e dos raios... Que venham mil temporais! Um time campeão enfrenta o mundo se preciso for, mas nunca se abandona. Eu te amo mais que a vida, Lilly. Esse prêmio é para você.

Sarah e Adan agarraram Brian em um abraço apertado. A plateia pôs-se de pé e no segundo em que Lilly levantou para aplaudir o ex-marido, uma pontada percorreu a coluna dela.

Ai, caramba!

Tomada pela dor alucinante, ela apoiou a mão no braço de Big, que estava em pé ao lado dela e inclinou o corpo para frente. Outra pontada e ela sentiu o abdômen inchado contrair.

— O que foi? — Big olhou assustado para a amiga, que se contorcia.

Como a garota do *Exorcista*, o rosto transtornado de Lilly girou na direção do Gladiador.

— Acho que tem gente querendo participar da festa — ofegou.

— O quê? — Big olhou para os lados em busca de perigo.

— Ai, que merda! É agora? — Gabe aproximou-se de Lilly em êxtase. Aquela posição estranha só podia significar uma coisa. — São eles?

— Eles quem? — Penne chegou junto, completando a rodinha.

Outra pontada e outra contração... Um líquido quente começou a escorrer pelas pernas graciosas de Lilly.

— Caramba! Que dor! — Lilly berrou. — Essa merda está certa? Briaaan!

Gabe correu para o palco e arrancou Brian dos braços de Sarah.

— Não pode ir para os bastidores! BriThe está chegando! — O baixista pulava como um canguru, apontando para a plateia.

— O quê? — Brian olhou na direção apontada, mas as luzes do palco estavam ofuscando a visão dele.

— A Lilly está parindo! — Gabe berrou.

Os joelhos de Brian falharam e ele cambaleou. O Oscar soltou-se da mão dele e foi salvo por Sarah, a dois segundos de cair no chão.

— Precisam ir... eu explico para os organizadores. — Sarah sorriu com a calma de quem já tivera cinco filhos. — Encontro vocês no hospital. Vão!

— Puta que pariu! — Adan ameaçou sair correndo, mas parou. — Vem, porra! — gritou

para o guitarrista.

Como alucinados, o trio percorreu o palco, desceu as escadas e encontrou Lilly nos braços de Big. Assim que viu Brian, ela esticou os braços pedindo por ele e com ela já no colo, o músico teve um branco...

Ele queria correr, mas não sabia para que lado.

Então decidiu-se pelo óbvio. O smoking dele estava todo molhado. *Coitadinha! Mijou nas calças*. Correu em direção à porta que dava para os banheiros.

Deus, Lilly estava pesando uma tonelada!

— Não! Para onde está indo? — Ela agitou-se nos braços dele. — É pra lá! —Apontou na direção contrária.

— Mas o xixi? — Ele parou o passo.

— Não é xixi, estou vazando! São os bebês!

— Cara, o Mark está esperando lá fora com os carros da segurança! — Big tentou pegar Lilly de novo, mas Brian recusou-se a soltá-la.

Mudaram a rota e percorreram o corredor central do Teatro sob aplausos e gritos de uma *Boa Hora*. A imprensa estava no céu. Repórteres abandonaram seus postos, para seguir o grupo apressado. A cerimônia que se danasse... Aquilo sim, era o paraíso dos furos de reportagem.

Todos se espremeram no primeiro SUV, ignorando o outro carro vazio atrás deles. Mark teve que se ajeitar no porta-malas, nem sob decreto ficaria de fora.

— Acelera! — Sentado no branco da frente e com Lilly nos braços, Brian gritou para Dilon.

Partiram...

A comitiva de SUV's começou a atravessar a cidade. Uma bateria de policiais em motos ajudou, abrindo caminho. Chacoalhando no porta-malas, Mark ligou para o hospital e deixou todos a postos. O empresário estava adorando tudo aquilo, no fundo, sentia saudades de uma boa agitação.

— Que dor! — Lilly agarrou os ombros de Brian ao sentir uma nova contração.

— Respiração cachorrinho! — Gabe gritou, espremido entre Adan e Big no banco de trás.

— É, Lilly, faz igual ao Gabe ensinou — Penne incentivou, sentada no colo de Big.

— Abram as janelas... ela precisa de ar. — Adan apertou os botões de comando na porta

ao lado dele. — Porra! Tinha que vir todo mundo aqui? Isso aqui parece uma lata de sardinhas! O carro de trás está vazio, caralho!

Todos o ignoraram... perder o melhor da festa? Nem pensar!

Chegaram em grande estilo ao hospital. Centenas de jornalistas já estavam lá, tumultuando a entrada. Foi preciso que a segurança fizesse um cordão de isolamento para conter a multidão. O SUV freou bruscamente bem na frente de um grupo de enfermeiros de azul e uma cadeira de rodas.

Lilly foi acomodada e sob centenas de flashes, entraram.

— Vamos levá-la para o quarto e prepará-la. Pelo jeito não vai demorar! — comandou uma senhora robusta, que parecia ser a líder de todos.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

— Pelo amor de Deus! Dona Gertra, e se eles estiverem entalados?

Brian olhou com desconfiança para enfermeira chefe. O que não ia demorar, já durava mais de quatro horas. A mão dele já estava roxa de tanto Lilly apertar. Até uma mordida ele levara. Maldita hora que a obstetra resolveu esquiar e quebrar a perna!

— Olhe o seu tamanho! Esses bebês não são minúsculos! Estamos quase, ok? — a senhora disse toda descabelada. — Vamos, querida! Só mais uma.

Lilly assentiu, já sem forças para gritar, e respirou fundo, à espera da próxima contração. A onda de dor veio forte e Lilly olhou fundo nos olhos de Brian e rosnou. Àquela altura, estava com ódio dele por ser tão grande.

— Vamos, amor... só mais essa! Empurra! — ele a incentivou.

Lilly queria empurrar o pé na bunda dele, isso sim, mas o obedeceu e deu o melhor que podia dar.

Tudo, em seguida, foi muito rápido...

Primeiro veio Brian Junior e depois Theodora. Dois pacotinhos de braços e pernas agitados. Lilly começou a chorar quando os bebês fizeram o mesmo e Brian a beijou com ardor.

— Meu Deus! Obrigado! Isso é incrível! Te amo, Pequenininha.

Ela sorriu exausta e ele cambaleou até a parede, e apoiou-se.

Uau! Isso está acontecendo, mesmo?

Aquelas coisinhas minúsculas eram mesmo dele? Era difícil de acreditar. Aquelas duas cabecinhas morenas com gargantas potentes, que deixavam os agudos de Adan no chinelo, tinham sido feitas por ele?

Queria tocá-los, mas, pacientemente, esperou que a equipe cuidasse de Lilly e dos bebês. Soltou o ar, que nem sabia que estava prendendo, quando a enfermeira Gertra abriu um sorriso e disse que mãe e bebês estavam bem.

As duas miniaturas de gente foram colocadas nos braços de Lilly e Brian aproximou-se. O coração dele estava disparado em uma euforia louca e lágrimas molhavam o seu rosto sem que pudesse ou quisesse impedir.

Era lindo!

Mãe e filhos observaram-se por segundos eternos... reconhecendo-se e estabelecendo laços que perdurariam por toda a vida.

— Pois é, turminha, eu sou a mamãe. Meu Deus, vocês são lindos! — Lilly acariciou os rostinhos e checou cada centímetro do corpinho dos bebês. — Tem um cara muito legal que vocês precisam conhecer — ela disse em um tom delicado e suave, totalmente novo para Brian.

— Oi, é o papai.

Sem saber como agir e com medo de quebrá-los, os dedos longos do guitarrista tocaram de leve a penugem macia e morena do neném mais próximo: Brian Junior e, em seguida, fizeram o mesmo com Theodora.

Gertra aproximou-se, pediu que o novo papai sentasse na cama e transferiu os pacotinhos para os braços dele. Eles resmungaram e o mundo todo parou. Um amor bruto e incondicional explodiu no peito do guitarrista, assim que aqueles dois pares de olhinhos tentaram focalizar o rosto dele.

Eles eram as pessoinhas mais perfeitas do universo e ali, naquele momento, Brian soube... dedicaria a vida a fazê-los felizes.

— Posso beijá-los? — Olhou para Lilly, que acompanhava tudo com os olhos marejados. O amor transbordava em seu rosto exausto.

— Claro, são seus. — Ela sorriu com doçura.

— Nossos. — Brian devolveu um olhar apaixonado para ela. — Eu te amo mais que a vida — sussurrou e inclinou-se para beijar os narizes minúsculos.

A enfermeira Gertra aproximou-se.

— Parabéns, vocês quatro formam uma família adorável. — Ela tirou a touca cirúrgica, e fez sinal para a equipe. — Vamos deixar os papais curtirem o momento e lamberem as crias.

Os dois agradeceram e foi a equipe médica sair, para o quarto ser invadido.

— Aí estão vocês. — Gabe sorriu para as bebês e empunhou uma filmadora.

A sobrancelha de Brian arqueou em um tom divertido.

— Onde arrumou isso?

— Na lojinha da maternidade. Quero registrar todas as fases da vida dos meus afilhados.

Lilly sorriu para o baixista e assentiu. Se Gabe queria fazer um documentário, que fizesse! Os bebês eram a sua nova obsessão e uma fuga. As fotos de Bertran haviam feito um baita estrago no emocional dele, que confessou aos amigos, que se sentia estuprado.

Foi com surpresa que Lilly ouviu o baixista dizer que nunca tinha tido um contato mais íntimo com um homem. Segundo ele, tudo não passava de provocação e a chupada de Bertran aconteceu em um momento em que ele estava sob o efeito daquela droga de *Boa Noite, Cinderela*.

Brian rosnou quando Penne aproximou-se e sem cerimônia, pegou Theodora.

— Oi, coisa lindinha, sou a tia Penne, a sua madrinha. Esse grandalhão do meu lado é o tio Big, seu padrinho. — A loirinha levantou a criança para que ficasse de frente para o amigo e depois aconchegou-a nos braços. — Vamos ser amigas e prometo te ensinar tudo o que eu sei.

— Ah, mas não vai mesmo. — Brian levantou-se, assim que Adan pegou o menininho e aninhou-o em seus brações. — Não quero a minha filha metidas nessas coisas de homem!

— Brian. — Lilly gargalhou. — Não vai poder mantê-la em uma redoma.

— Vou sim. — O músico fechou a cara.

— Bom, já eu, como padrinho, vou ensinar tudo sobre as mulheres para o B.J.. — Adan tocou a ponta do narizinho do garoto. — Alguém precisa avisar a Mel.

— Avisa você, ué. — Gabe girou a câmera para o gigante loiro. — Ela vai gostar de saber que já é madrinha.

— Não quero papo com aquela parisiense falsificada. — Adan fulminou Gabe e aproximou-se da cama. — Aqui, mamãe. — Entregou o bebê para Lilly e beijou-a na testa. — Parabéns, vou deixá-los descansar. Daqui a pouco, mais visitas chegarão — disse e saiu do quarto.

Todos se entreolharam e caíram na gargalhada. Aquela relação Adan e Mel era muito mal explicada. Lilly riu e beijou o rostinho de B.J.. Adan que se cuidasse perto dela. A curiosidade era um combustível perigoso e agora que, definitivamente tornara-se parte integrante daquele

grupo louco, ela teria muito tempo na estrada para descobrir que merda acontecera na tal boate.

Estava realizada...

Era mãe.

Era amada.

E uma nova e maravilhosa etapa de vida abria-se para ela.

... ...♥♫♥♪♥ ... ...

Quatro meses depois...

Sobre os ombros, Brian olhou para o carrinho no centro do quarto e mexeu o corpo na cama com todo cuidado para não acordar os bebês. Os pequenos tinham dado um baile para dormir. Se desse sorte e fosse muito, mas muito silencioso mesmo, os danadinhos ficariam fora do ar até a próxima mamada.

Ser pai era do caralho!

Transar escondido era uma merda!

— Talvez seja melhor pararmos — Lilly sussurrou.

— Parar, nem pensar. — Brian ajeitou o peso do corpo sobre os cotovelos. — Está tudo sob controle, vamos continuar.

O corpo nu de Lilly contorceu-se sob o dele. O desejo exagerado por sexo, que ela sentiu durante a gravidez ainda estava ali. A vontade dela por Brian parecia nunca ter fim. Não que os bebês pudessem ver alguma coisa, do carrinho que dividiam, mas os corpos nus dos pais estavam parcialmente escondidos, encobertos pelos lençóis.

Encaixada em um delicioso "papai e mamãe", Lilly ergueu os joelhos e projetou o quadril. Brian tomou o controle e estabeleceu o ritmo... Logo, a Fera alcançou todos aqueles pontos secretos dentro dela, fazendo-a gemer baixinho e cravar as unhas no dragão nas costas de Brian.

O músico queria urrar, mas controlou-se. Os gemidos discretos de Lilly o enlouqueciam. Sem parar as arremetidas, ele ajeitou o corpo e abocanhou um dos mamilos. Chupou-o forte e provocou-o com a língua.

Meteu e chupou em um ritmo provocante. O tesão era tanto que as coxas bem delineadas de Lilly espremeram os quadris dele e uma contração na boceta instigou-o a meter com mais intensidade.

Brian olhou fundo nos castanho-esverdeados, entrou e saiu... meteu e tirou e meteu mais, mais e mais. As respirações ofegaram baixinho e o som dos sexos trabalhando preencheu o quarto.

As costas de Lilly arquearam e a boca entreabriu... *Merda!* Brian abocanhou aqueles lábios carnudos abafando o grito extasiado dela e entregou-se ao próprio gozo.

Satisfeitos e felizes, os dois enroscaram-se na cama. Brian adorava o sexo barulhento e sem limites, mas ali em um quarto de hotel era prática impossível.

Abraçada ao músico, e apaixonada, Lilly encaixou as mãos deles. Na lateral dos pulsos de ambos, dois pequenos corações exibiam-se lado a lado. Lindos e discretos... Uma marca secreta de amor.

— Tudo bem que eu disse que era pra gente encontrar um estúdio de tatuagem discreto e longe das câmeras dos *paparazzi*. — Lilly esticou o pescoço e beijou a tatuagem recém-feita no pulso de Brian. — Não que eu esteja reclamando, mas Dinamarca?

Brian riu e aconchegou-se mais ao corpo ainda trêmulo dela.

— Pesquisei e temos tudo o que precisamos aqui. — Ele beijou o ombro delicado.

Lilly riu, ainda desacreditada da última loucura do músico. Louco por um momento de paz e não aguentando mais tantas visitas na casa de Los Angeles, Brian pegou os bebês, meia dúzia de roupas e a convidara para um passeio.

Ela ficou de queixo caído quando descobriu que a fugidinha em família envolvia o jatinho e uma rota de voo de onze horas até a Dinamarca.

— Além do tatuador que atenda em um quarto de hotel, o que mais consiste neste "precisamos"?

— Uma série de coisas... — Brian bancou o evasivo.

Lilly cutucou a Fera com a bunda.

— Briaaan, pare de ser chato! — repreendeu-o baixinho. — Poderíamos ter feito isso em Los Angeles. Já viu a neve que está caindo lá fora? Não vou sair desse hotel. Passear com os Minis é impossível.

— E quem disse que pretendo sair desse hotel? — Ele riu.

Lilly girou o corpo e ficou frente a frente com ele. A curiosidade dela foi a mil. Era muita loucura viajar onze horas só para ficarem trancafiados em um hotel atolado na neve.

— Brian Theodore Lincoln Pierce, quer fazer o favor de me dizer por que estamos aqui?

Ele beijou a ponta do nariz arrebitado e sorriu mais ainda.

— Me disse que Vegas estava fora de cogitação, certo?

Confusa, Lilly assentiu.

— E eu te disse que nem a pau continuo sendo um pai solteiro.

Aquele assunto de novo?

Ela revirou os olhos.

— Amor, nem que eu quisesse, daria. Ainda temos um ano e dois meses até que possamos nos casar. Até que é bom, quero planejar com calma algo lindo e romântico com todos os nossos amigos.

— Tudo bem, se quer que seja assim, assim será — ele disse sério. — Entretanto, não altera o fato de que não passo mais um dia como pai solteiro. Eu sei que estamos juntos e melhores do que nunca, mas me mata saber que não somos oficialmente o senhor e a senhora Pierce. Amo que use o meu nome.

Os olhos de Lilly cresceram.

— Está querendo me dizer, que praticamente me raptou para... — ela interrompeu a frase por medo de estar sendo romântica demais.

— Exatamente para isso que está pensando... Dinamarca é tipo Vegas, só que fria. — Ele sorriu torto. — É perfeita! Fica fora dos Estados Unidos e casa-se aqui com um estalar dos dedos.

Lilly saltou sobre ele, cobrindo aquele corpo lindo com o dela.

— Sim, sim, sim! — Encheu o rosto dele de beijos.

— Calma, que sim é esse? — Ele riu. — Será que posso fazer as coisas como se devem?

Brian desvencilhou-se dela, saiu da cama e gloriosamente nu, foi até uma cadeira. Abriu o zíper da mochila e retirou uma caixinha verde-água. Quando girou o corpo, encontrou Lilly nua e em pé, com os olhos cheios d'água.

Ele ajoelhou-se diante dela.

— Lilly Emanuelle Peterson, te amo hoje e sempre, casa comigo de novo?

O rostinho delicado inclinou para o lado. Ela o olhou... o olhou... e o olhou.

— Ainda vou poder fazer o casamento romântico em Los Angeles?

Ele baixou a cabeça e riu. Jamais conseguiria negar algo a ela.

— Vai sim. — Levantou-se e olhou bem firme nos olhos castanho-esverdeados.

— Então eu caso! — Lilly jogou-se nos braços dele. — Caso hoje, caso amanhã, caso mil vezes se quiser! — berrou empolgada.

Ele gargalhou alto e uma sinfonia de chorinhos histéricos começou a ecoar pelo quarto.

Merda!

Nunca, jamais, acorde os bebês!

— Acho que a marcha nupcial já começou a tocar, senhora Pierce.

— É, acho que sim, senhor Pierce.

E lá foram os quatro...

Pai, mãe e Minis, casar-se secretamente, e, dessa vez, pelo motivo mais nobre de todos: o amor.

Ah...

O amor puro que nada pede em troca.

O amor que nos pega de surpresa e arrebata.

O amor que atrai, conquista e cresce.

O amor que nos marca na alma.

O amor que completa e nos enche de felicidade.

FIM

---

[1] Rolling Stones - Revista mensal baseada nos Estados Unidos dedicada à música, política e cultura popular.

[2] Ultimate Bet – Última chance em inglês.

[3] Pop Rock - É um estilo de rock com uma abordagem mais leve e suave que é mais semelhante à música pop convencional.

[4] Easy - Fácil em inglês.

[5] Riffs - Um riff é uma progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidas no contexto de uma música.

[6] Broken Heart - Coração quebrado em inglês.

[7] Chuck Berry - nome artístico de Charles Edward Anderson Berry (Saint Louis, 18 de outubro de 1926), um compositor, cantor e guitarrista dos Estados Unidos.

[8] Samuel Black. Editor Chefe RS – Nome fictício apenas para o livro. Não se trata de referência para alguém real ou que tenha trabalhado na revista.

[9] Case - Maleta própria onde são guardados os instrumentos.

[10] Na Europa, eles usam geralmente o segundo nome composto como o principal.

[11] I.V. - Intravenosa. Agulha que leva a medicação direto para a veia.

[12] RP - Relações públicas. Profissional que lida com a imprensa.

[13] No rules - Sem regras em inglês.

[14] Beaux - Belas em francês.

[15] UB - Ultimate Bate

[16] Jack -

[17] Crazy Boy - Garoto louco em inglês.

[18] QG - Quartel General.

[19] No rules - sem regras em inglês.

[20] Traitícia - Palavra inventada, fez-se uso de um neologismo. Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes.

[21] Sexo tântrico - Dentro do conhecimento Hinduísta há abrangência para a sexualidade e espiritualidade como forma de crescimento e desfrutamento próprio e com todo o universo, e atingir o prazer. Envolve massagens, sensações diversas e intimidade entre o casal. Busca prolongar e ampliar o orgasmo.

[22] Ponto G Masculino - Localizado na próstata. A estimulação mais direta da glândula resulta em sensações de alto prazer sexual, tornando o orgasmo de próstata totalmente possível. A estimulação direta provoca orgasmos mais intensos do que a estimulação genital, levando alguns homens a preferir orgasmos de próstata aos convencionais. Fonte de pesquisa para a construção das cenas: ejaculandocomcontrole.com

[23] Gran Finale - grande final em italiano.

[24] Himens - Plural da palavra hímen e não é acentuada.

[25] Fucking Boy - Uma expressão americana para maldito garoto. No livro, uma brincadeira com a sonoridade da palavra, induzindo a lembrança de garoto fodedor.

[26] Bullying - termo em inglês, utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica.

[27] Auscultar - Escutar determinada parte do organismo para identificar ou diagnosticar ruídos.

[28] DST's — Doenças sexualmente transmissíveis.

[29] Strip - Rua mais famosa de Vegas.

[30] Restaurante LAGO - Categoria cinco estrelas, localizado no Hotel Bellagio em Las Vegas.

[31] Peeptoes - São sapatos femininos que possuem obrigatoriamente uma abertura na frente.

[32] Rambo - Personagem clássico do ator Sylvester Stallone no cinema.

[33] Tiffany&Co - Joalheria requintada e de fama mundial.

[34] Strip Poker - É uma variante do jogo de cartas do pôquer, na qual uma das regras requer que os jogadores removam as peças de roupa ao perderem uma rodada.

[35] Fazedor - Adjetivo substantivo masculino, aquele que faz, que costuma fazer as coisas.

[36] Períneo – Grupo muscular que fica na base da pelve, onde estão situados os órgãos genitais e o ânus.

[37] SUV - Do inglês Sport Utility Vehicle, que significa veículo utilitário esportivo. Tipo de veículo com características dos veículos de passeio e dos veículos de todo o terreno (off-road), ali, conforto, espaço e versatilidade.

[38] Backstage - Bastidores em inglês.

[39] Dog´s Life - nome fictício para a banda. Vida de cachorro em Inglês.

[40] Roadie - Neologismo de estradinha (inglês) Técnico ou pessoal de apoio que viaja com a banda em turnê, geralmente no ônibus leito, lida com a parte da produção dos shows.

[41] Case - Maleta própria onde são guardados os instrumentos.

[42] Choices - Escolhas em inglês.

[43] Raios UV - Raios Ultravioletas.

[44] Dream Light - Luz dos sonhos em inglês. Nome fictício de uma música da banda.

[45] Man - Homem em inglês.

[46] Queen Size - Tamanho grande em inglês.

[47] Guitar Hero - Série popular de videogames de gênero musical.

[48] Uncle Boots - Botinhas extremamente versáteis com o cano na altura do tornozelo. Calçado.

[49] Bandana- Adorno, roupa, lenço.

[50] Roots - raízes em inglês. No livro é utilizado no sentido da gíria que significa: rústico ou no estado bruto e natural.

[51] Forever - Para sempre em Inglês. Música fictícia.

[52] Haven - Refúgio em inglês. Música fictícia.

[53] Heart Fire - Fogo do coração. Música fictícia.

[54] Those Womens - Aquelas Mulheres em inglês. Música fictícia.

[55] Sexy Night - Noite Sexy em inglês - Música fictícia.

[56] Meetings - Reuniões e encontros organizados com os fãs.

[57] Vernissage - Inauguração de exposição de obra de arte. Plural - Vernissages

[58] Jeans Skinny - Calça de corte reto e ajustado ao corpo.

[59] Rock Stars - Revista fictícia.

[60] Junk Food - termo em inglês para comida rica em calorias e de baixa qualidade nutritiva.

[61] Super Bowl - É um jogo do campeonato da NFL, a principal liga de futebol americano dos Estados Unidos que decide o time campeão da temporada.

[62] Stations FM - Nome fictício para o livro.

[63] Transante - Neologismo relacionado ao fato do personagem gostar muito do ato de transar. Ele é um ser transante.

[64] Desfoder. Neologismo criado para não foder.

[65] Grand Canyon - É um desfiladeiro íngreme esculpido pelo rio Colorado, no estado do Arizona, Estados Unidos.

[66] Atração Fatal - Filme americano clássico, onde uma mulher passa a perseguir o amante e sua família. Suspense e grande sucesso de bilheteria (1987), recebeu seis indicações ao Oscar.

[67] Dreams Beach - Praia dos sonhos em inglês e nome fictício para o condomínio descrito no livro.

[68] Ig Sharon - Nome fictício para o livro.

[69] Mister Bean - Personagem cômico de uma séria inglesa, com o típico humor britânico. Ator - Rowan Atkinson.

[70] *Rony Candy - Nome fictício criado para o livro.*

[71] Tob Johnson - Nome fictício criado para o livro.

[72] Ariana - Uma referência à cantora Ariana Grande e ao atentado ocorrido no show na Inglaterra.

[73] Kundalini - Termo vindo da Yoga. Vem da palavra Kundai e é a energia vital adormecida que temos na base da coluna, relacionada à transmutação sexual e vital para o equilíbrio e para o bom funcionamento do indivíduo.

[74] Nirvana - Nas religiões indianas representa o estado permanente e definitivo de beatitude, felicidade e conhecimento. Meta suprema do homem.

[75] Terra da Rainha - Uma referência a Londres e a soberana Rainha Elisabeth II. Rainha do Reino Unido e de quinze outros estados independentes conhecidos como Reinos da Comunidade das Nações.

[76] Madison Square Garden - Um dos lugares mais famosos da cidade de Nova Iorque, que já foi visto em dezenas de filmes e foi palco de inúmeros shows famosos. Ele é um complexo de quatro arenas que está situado bem no coração de Manhattan. Carinhosamente chamado de The Garden.

[77] London Eye - Maior roda-gigante da Europa, a mais de 135 metros acima do rio Tâmisa.

[78] Louboutins - Marca renomada de sapatos, famosa por suas solas vermelhas.

[79] Autor e obra - Fictícios para o livro.

[80] MB - uma abreviatura para Mini Brian.

[81] Taste of Diamonds — Considerado o champanhe mais caro do mundo. Cada garrafa é adornada por um imenso cristal Swarovski fixado dentro de um emblema que lembra muito o símbolo do Super-Homem.

[82] M.A.C - Marca famosa de cosméticos.

[83] East LA. - considerado um dos bairros mais perigosos de Los Angeles com muitas pessoas sob o efeito de drogas nas ruas.

[84] Body - Peça fundamental no enxoval do bebê. Espécie de macacão sem pernas, com manguinhas ou não que tem

botões na parte inferior para facilitar a troca de roupas.

[85] Maktub - palavra de origem árabe que quer dizer algo que "já estava escrito", "tinha que acontecer", "coisa do destino" etc.

[86] Chaise longue - Proveniente do francês, cadeira comprida. Espécie de namoradeira.

[87] Tomorrowland. - Maior festival de música eletrônica do mundo, acontecendo em diversas cidades.

[88] Hollywood Boulevard - Rua mais famosa de Los Angeles onde estão várias das grandes atrações turísticas da cidade.

[89] Vale Rural de Sacramento - área central do estado da Califórnia, Estados Unidos. Próximo à capital Sacramento, sendo a agricultura a sua principal atividade econômica.

[90] American River - Um dos dois principais rios que corta a região do Vale do Sacramento.

[91] Caramanchão. - Estrutura leve construída em parques ou jardins, geralmente de madeira, que pode se cobrir de vegetação e usar para descanso ou recreação.

[92] Wall Street - É uma rua que corre na Manhattan Inferior, e é considerada o coração histórico do atual Distrito Financeiro da cidade de Nova York, onde se localiza a bolsa de valores, considerada a mais importante do mundo.

[93] Meirinho - Expressão que surgiu antigamente para denominar o cargo de Oficial de Justiça.

[94] Whoopi Goldberg. - nome artístico de Caryn Elaine Johnson, consagrada atriz, comediante, cantora e apresentadora americana. Filmes mais conhecidos: *Mudança de Hábito* e *Ghost: Do outro lado da vida*.

[95] Plutarco - Plutarco ou Lúcio Méstrio Plutarco, 46 d.C. - 120 d.C., foi um historiador, biógrafo, ensaísta e filósofo médio platônico grego, conhecido principalmente por suas obras *Vidas Paralelas* e *Morália*.

[96] How to Get Away with Murder - Principais sucessos da TV Americana. Conta a história de quatro estudantes de Direito que se esforçam para cair nas graças de uma sedutora e imponente professora de Direito Penal.

[97] Blefador – Enganador, quem engana.

[98] A norma nesses casos é que fique proibida de se casar na América pelos próximos dois anos. - Informação hipotética e inverídica, utilizada apenas como licença lúdica para dar mais dramaticidade à história.

[99] Oompa-Loompas (também chamados de Umpa-Lumpas nas edições brasileiras do livro) são pigmeus gordinhos na obra fictícia de Roald Dahl e também nas adaptações de *A Fantástica Fábrica de Chocolate*.